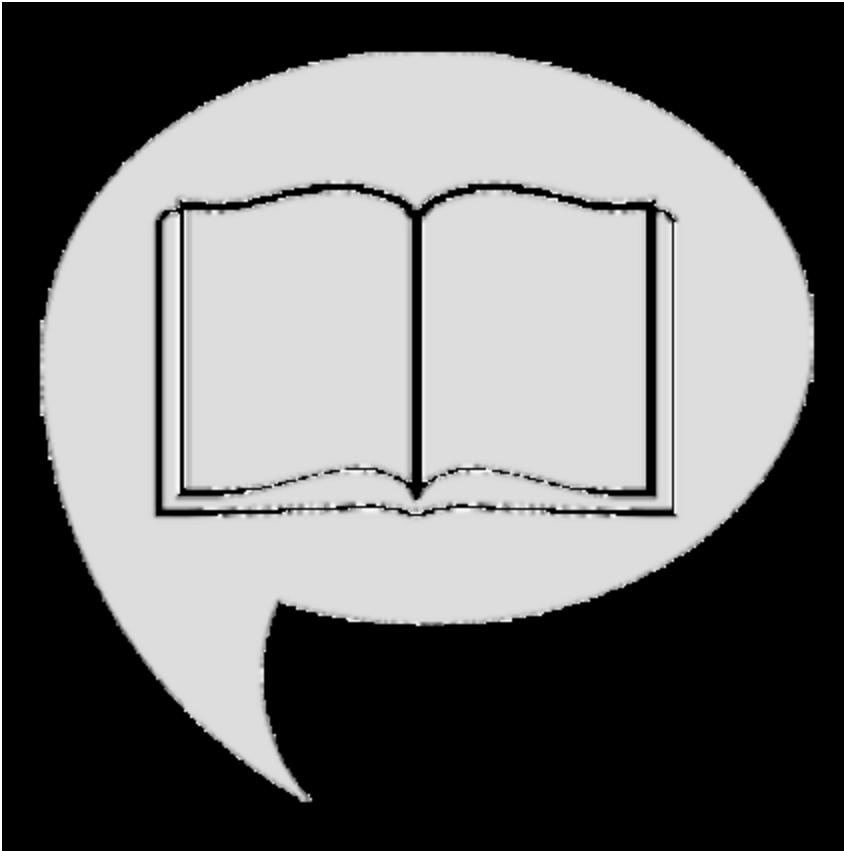


SPECIAL EDITION

**STAR  
WARS  
A TRILOGIA**

**DARKSIDE**



A

obra reúne os romances inspirados nos três primeiros filmes do universo fantástico criado por George Lucas: Uma Nova Esperança, O Império Contra-Ataca e O Retorno de Jedi.

Luke Skywalker se une a um pequeno grupo de Rebeldes liderado pela Princesa Leia, contando com os ensinamentos de Obi-Wan Kenobi, e com a ajuda do presunçoso Han Solo e dos droides R2-D2 e C-3PO. Aos poucos, Luke se vê envolvido na luta contra o terrível Império, e outros personagens como Yoda e Chewbacca auxiliam nesta batalha contra o Mal.

UMA NOVA ESPERANÇA

## **PRÓLOGO**

OUTRA galáxia, outros tempos.

A Velha República era a República lendária, maior que a distância e o tempo. Não era preciso saber onde ficava nem de onde vinha, mas apenas que... era *a* República.

No passado, sob o governo sábio do Senado e a proteção dos Cavaleiros de Jedi, a República cresceu e prosperou. Mas quando a riqueza e o poder ultrapassam os limites do admirável e chegam às raias do espantoso, sempre aparecem os ambiciosos.

Foi assim com a República no apogeu. Como uma árvore gigantesca, capaz de resistir a qualquer ataque vindo do exterior, a República apodreceu lentamente por dentro, embora os sinais não fossem visíveis a princípio.

Auxiliado e apoiado por indivíduos sequiosos de poder dentro do governo, e pelas imensas organizações de comércio, o ambicioso Senador Palpatine conseguiu eleger-se Presidente da República. Prometeu satisfazer os descontentes e restabelecer a glória da República.

Assim que se viu seguro no cargo, declarou-se Imperador, isolando-se do povo. Em pouco tempo era controlado pelos próprios assistentes e aduladores que havia nomeado para altos postos, e a voz do povo, que clamava por justiça, não chegava mais aos seus ouvidos.

Depois de exterminarem traiçoeiramente os Cavaleiros de Jedi, guardiães da Justiça na galáxia, os agentes e burocratas do Imperador se prepararam para instituir um reinado de terror para os mundos da galáxia.

Muitos usaram as forças imperiais e o nome do Imperador, cada vez mais isolado, para satisfazer a ambições pessoais.

Mas uns poucos sistemas se rebelaram contra essas novas arbitrariedades. Declarando-se inimigos da Nova Ordem, iniciaram a

grande batalha para restaurar a Velha República.

Desde o começo, estavam em inferioridade esmagadora. Naqueles primeiros dias sombrios, parecia certo que a chama da resistência seria

extinta antes que pudesse projetar a luz da nova verdade em uma galáxia de povos oprimidos e amedrontados...

Da Primeira Saga

*Crônicas Intergalácticas*

"Estavam no lugar errado na hora errada. Naturalmente, viraram heróis."  
— Leia Organa de Alderaan, Senadora.

## I

ERA UM globo vasto, e reluzente, que projetava uma fria luz topázio para o espaço, mas não era uma estrela. O planeta havia enganado os homens durante muito tempo. Apenas quando entraram em órbita em torno do astro foi que os descobridores perceberam que se tratava de um planeta de um sistema binário, e não de um terceiro sol.

A princípio, parecia que nenhuma forma de vida poderia existir em tal planeta, muito menos vida humana. Mas as estrelas G1 e G2 descreviam órbitas bastante regulares em torno de um centro comum, e Tatooine estava suficientemente afastado delas para que o clima fosse estável, embora quente. Era um mundo seco e desértico, cujo brilho amarelado, que o fazia assemelhar-se a um sol, resultava do reflexo da luz das duas estrelas nas areias ricas em sódio. Essa mesma luz se refletia agora em uma forma metálica que descia em ziguezague em direção à atmosfera.

O curso errático que o cruzador galáctico estava seguindo era intencional, resultado não de uma avaria, mas das tentativas desesperadas de evitá-la. Intensos feixes de energia pura lhe roçavam o casco, uma tempestade multicolorida de destruição, como um cardume de rêmoras em volta de um tubarão.

Um desses feixes conseguiu tocar a nave em fuga, atingindo o painel solar principal. Fragmentos de metal e plástico foram projetados para o espaço quando a extremidade do painel se desintegrou. A nave estremeceu.

A fonte desses feixes de energia apareceu de repente: um imenso cruzador do Império, o perfil imponente lembrando um cacto, com dezenas de canhões. Esses espinhos agora haviam parado de emitir raios mortíferos. Explosões e lampejos intermitentes podiam ser vistos nas partes da nave menor que haviam sido atingidas. No frio absoluto do espaço, o cruzador aproximava-se da presa ferida.

Outra explosão distante sacudiu a nave — mas não pareceu distante a *R2-D2* e *C-3PO*. A concussão os arremessou contra a parede do corredor estreito.

Olhando para os dois, seria natural concluir que a máquina mais alta, de aparência humana, que se chamava C-3PO, era o chefe, e que o robô atarracado de três pernas, R2-D2, apenas um criado. Na verdade, embora C-3PO talvez não aceitasse bem a idéia, eram iguais em tudo, a não ser na loquacidade. Sob esse aspecto, C-3PO era incontestavelmente — e necessariamente — superior.

Uma nova explosão sacudiu o corredor, fazendo C-3PO perder o equilíbrio. O companheiro estava mais bem equipado para este tipo de emergência, com o corpo curto e cilíndrico firmemente plantado em três grossas pernas.

R2-D2 olhou para C-3PO, que estava apoiado na parede do corredor.

Luzes piscaram enigmaticamente em torno do olho único do robô, enquanto examinava os danos sofridos pelo amigo. Uma patina de pó metálico cobria a superfície normalmente reluzente de C-3PO, e havia algumas mossas visíveis, tudo resultado dos impactos que a nave rebelde onde estavam havia sofrido.

O último ataque havia sido acompanhado por um zumbido profundo que mesmo as explosões mais violentas não tinham sido capazes de abafar.

Então, sem razão aparente, o zumbido cessou e o único ruído passou a ser os cliques dos reles e o crepitar dos circuitos avariados. Novas explosões ecoaram na nave, mas bem mais distantes.

C-3PO voltou a cabeça para um lado. Ouvidos metálicos escutaram atentamente. A imitação de uma atitude humana era desnecessária, os sensores auditivos de C-3PO eram onidirecionais, mas o elegante robô havia sido programado para trabalhar com seres humanos e comportar-se como se fosse um deles.

— Ouviu isso? — perguntou desnecessariamente ao paciente companheiro, referindo-se ao zumbido. — Desligaram o reator principal e a propulsão.

A voz do robô exprimia espanto e desolação. Uma mão metálica esfregou lentamente uma mancha escura no lado do corpo, no lugar onde uma viga caída do teto havia arranhado o acabamento de bronze. C-3PO era

uma máquina orgulhosa da própria aparência; coisas assim o aborreciam.

— Loucura, isto é loucura. — C-3PO sacudiu a cabeça devagar. —

Desta vez seremos certamente destruídos.

R2-D2 não respondeu logo. O torso cilíndrico inclinado para trás, as grossas pernas firmes no chão, o robô de um metro de altura estava ocupado examinando o teto. Embora não dispusesse de uma cabeça para girar, R2-D2 de alguma forma também conseguia dar a impressão de que estava escutando alguma coisa. Uma série de silvos e chiados curtos saiu de seu alto-falante. Para um ouvido humano não passariam de estática, mas para C-3PO eram tão inteligíveis quanto a linguagem comum.

— É, acho que tiveram que desligar o propulsor — admitiu C-3PO. —

Mas que vamos fazer agora? Não podemos entrar na atmosfera com nosso estabilizador principal destruído. Mas também não acho que vamos simplesmente nos render.

Um pequeno bando de homens armados apareceu de repente, os rifles prontos para disparar. Tinham uma expressão de desespero no rosto, pareciam preparados para morrer.

C-3PO observou-os em silêncio até que desapareceram em uma curva do corredor, e depois olhou de volta para R2-D2. O robô menor não havia mudado de posição. C-3PO também procurou escutar, embora soubesse que os sentidos de R2-D2 eram ligeiramente mais aguçados do que os seus.

— O que foi, R2-D2?

A resposta foi uma série de silvos. Mais um momento, e não haveria necessidade de receptores sensíveis. Por um minuto ou dois, um silêncio mortal encheu o corredor. Então, C-3PO também pôde ouvir um som distante, como o de um gato arranhando o teto. Aquele som estranho era produzido por botas pesadas no casco da nave.

Depois de ouvir várias explosões abafadas, C-3PO murmurou:

— Já conseguiram entrar. Desta vez o Capitão não escapa. — Voltou-se para R2-D2. — Acho que devemos...

Um rangido metálico o interrompeu. Uma luz cegante irrompeu na extremidade do corredor. O pequeno grupo de homens armados que passara por eles devia ter encontrado os atacantes.

C-3PO virou o rosto e os delicados fotorreceptores para longe do clarão, bem a tempo de evitar os fragmentos de metal que voaram pelo corredor. Um buraco apareceu no teto e por ele começaram a descer grandes vultos metálicos. Os dois robôs sabiam que nenhuma máquina era tão ágil quanto aquelas formas estranhas, que assumiram imediatamente a posição de combate. Os recém-chegados eram humanos vestindo armaduras, e não máquinas.

Um deles olhou diretamente para C-3PO — não, não para ele, pensou o robô, assustado, mas para trás dele. Uma mão enluvada levantou o pesado rifle, porém era tarde demais. Um fino feixe de luz atingiu-lhe a cabeça, e pedaços de armadura, osso e carne voaram em todas as direções.

Metade dos soldados invasores se voltaram e começaram a responder ao fogo, atirando na direção dos dois robôs.

— Depressa, por aqui! — ordenou C-3PO, pretendendo fugir dos soldados do Império.

R2-D2 acompanhou-o. Tinham dado apenas alguns passos quando viram os rebeldes em posição, atirando *também* na direção deles. Em poucos segundos, o corredor estava cheio de fumaça e de feixes de energia.

Raios vermelhos, verdes e azuis ricocheteavam nas superfícies polidas da parede e do piso ou rasgavam as estruturas metálicas. Gritos dos humanos feridos e moribundos — sons que nenhum robô seria capaz de emitir, pensou C-3PO — acompanhavam a destruição inorgânica.

Um raio abriu um buraco no chão bem à frente do robô e ao mesmo tempo outro raio destruiu a parede ao lado, deixando expostos os eletrodutos. A força da dupla explosão arremessou C-3PO contra os cabos despedaçados e seu corpo metálico foi percorrido por uma dúzia de correntes elétricas, que o fizeram tremer convulsivamente. Os terminais nervosos do robô transmitiram estranhas sensações. Não sentia dor, apenas confusão. Cada vez que se movia e tentava libertar-se, provocava um novo curto-circuito. Enquanto isso, a batalha continuava.

O corredor estava cheio de fumaça. R2-D2 andava para cá e para lá, procurando uma maneira de ajudar o amigo. O pequeno robô mostrava uma indiferença fleumática pelas energias furiosas que se entrecruzavam no corredor. De qualquer forma, era tão baixinho que os raios mortíferos passavam quase todos por cima de sua cabeça.

— *Socorro!* — gritou C-3PO, assustado com uma nova mensagem de um dos sensores internos. — Parece que fundi alguma coisa. Solte minha perna esquerda... acho que o servomotor pélvico está emperrado.

De repente, o tom passou de suplicante a acusador.

— É tudo culpa sua! — exclamou, zangado. — Não devia ter confiado na lógica de um reles robô de manutenção. Não sei por que insisti para que deixássemos nossos postos e viéssemos para este maldito corredor de acesso. Não que agora isto tenha importância. Toda a nave deve estar...



R2-D2 interrompeu-o com uma série de silvos e chiados, embora continuasse a cortar e puxar com precisão os cabos de alta-tensão embaraçados.

— Ah, é assim? — replicou C-3PO, ofendido. — Pois escute, seu pequeno...

Uma explosão excepcionalmente violenta sacudiu o corredor, abafando-lhe a voz. Um cheiro de carne queimada tomou conta do ar e a fumaça envolveu tudo.

Dois metros de altura. Duas pernas. Um longo manto negro. O rosto perpetuamente coberto por uma máscara de metal negro. O Lorde Negro de Sith era uma forma imponente, assustadora, que percorria os corredores da nave rebelde.

O medo acompanhava as pegadas de todos os Lordes Negros. A aura de maldade que envolvia este Lorde Negro em particular era suficientemente intensa para fazer recuarem os calejados soldados do Império, suficientemente ameaçadora para fazer com que se entreolhassem e murmurassem baixinho. Os membros da tripulação da nave rebelde largaram as armas e fugiram em pânico à simples visão da armadura negra, armadura que, por mais negra que fosse, nunca poderia ser tão negra

quanto os pensamentos da mente que a ocupava.

Um objetivo, um pensamento, uma obsessão dominavam agora essa mente, queimavam o cérebro de Darth Vader quando ele penetrou em outro corredor da nave avariada. A fumaça nesse corredor estava começando a se dissipar, embora os ruídos distantes da batalha ainda ressoassem através do casco. A luta continuava, mas em outro lugar.

Depois da passagem do Lorde Negro, apenas um robô se movia no corredor. C-3PO finalmente se livrou do último cabo. Ao longe, podia ouvir os gritos dos últimos rebeldes que ainda resistiam ao assalto esmagador das tropas do Império.

C-3PO olhou para baixo e viu apenas o chão enegrecido. Chamou, em tom preocupado:

— R2-D2! Onde está você?

A fumaça clareou um pouco e C-3PO pôde ver a outra extremidade do corredor. Lá se encontrava R2-D2. Mas não estava olhando na direção de C-3PO. Permanecia imóvel, em posição de sentido. E a seu lado havia —

mesmo para os fotos-receptores eletrônicos de C-3PO, era difícil ver alguma coisa com nitidez no meio de tanta fumaça — uma figura humana.

Era jovem, esguia e, de acordo com os complicados padrões estéticos dos humanos, pensou C-3PO, de uma beleza tranquila. Uma pequena mão parecia estar mexendo no peito de R2-D2.

C-3PO encaminhou-se para eles, cego novamente pela fumaça. Mas quando chegou ao final do corredor, só encontrou R2-D2. Olhou em volta, intrigado. Os robôs, às vezes, sofriam de alucinações eletrônicas... mas por que um humano? Pensando melhor, por que não? Havia sido submetido a violentas descargas elétricas. Era de surpreender que seus circuitos sensoriais fabricassem imagens espúrias?

— Onde você esteve? — perguntou, finalmente, C-3PO. — Escondido, suponho. — Preferia não mencionar o vulto humano. Se fosse apenas uma alucinação, não iria dar a R2-D2 a satisfação de saber até que ponto os acontecimentos recentes haviam perturbado seus circuitos lógicos. — Eles vão voltar por ali — prosseguiu, apontando para a outra ponta do corredor, sem dar ao pequeno robô a oportunidade de responder — à procura de

sobreviventes humanos. O que vamos fazer agora? Se dissermos que não sabemos de nada, não vão acreditar em nós. Seremos mandados para as minas de especiarias de Kessel ou desmontados e usados como peças de reposição. Isso se não considerarem irrecuperáveis, caso em que seremos destruídos imediatamente. Precisamos...

Mas R2-D2 já se estava afastando rapidamente, sem dizer palavra.

— Espere, para onde vai? Não ouviu nada do que eu disse? —

Praguejando em várias línguas, algumas delas puramente mecânicas, C-3PO

correu atrás do amigo.

Do lado de fora do centro de controle do cruzador galáctico, o corredor estava cheio de prisioneiros, amontoados ali pelos soldados do Império.

Alguns estavam feridos, outros, moribundos. Os oficiais estavam agrupados em um canto, olhando desafiadoramente para os guardas e proferindo fúteis ameaças.

De repente, um vulto negro surgiu na curva do corredor e todos fizeram silêncio, guardas e rebeldes. Dois oficiais até então resolutos e obstinados começaram a tremer. O vulto imponente parou diante de um deles. Uma pesada mão se fechou em torno do pescoço do rebelde e levantou-o do chão. Os olhos do oficial se arregalaram,, mas ele continuou calado.

Um oficial do Império, o capacete puxado para trás mostrando uma ferida recente, no lugar onde um raio penetrara na blindagem da armadura, saiu da sala de controle, sacudindo a cabeça.

— Nada, senhor. Os bancos de dados foram totalmente apagados.

Darth Vader recebeu a notícia com um aceno de cabeça quase imperceptível. A máscara impenetrável se voltou para o oficial que estava torturando. Os dedos cobertos de ferro se contraíram. O prisioneiro estendeu as mãos, tentando inutilmente aliviar a pressão.

— Onde estão as informações que vocês interceptaram? — perguntou Vader, em tom ameaçador. — O que fizeram com as fitas de dados?

— Não interceptamos... nenhuma... informação — balbuciou o oficial.

— Esta é uma... nave civil... Não viu nossas... insígnias? Estamos em... missão diplomática.

— Para o inferno com sua missão! — rugiu Vader. — Onde estão as fitas?  
— E apertou com mais força.

Quando o oficial finalmente conseguiu responder, foi com um fio de voz.

— Só... só o Comandante sabe.

— Esta nave traz a insígnia do sistema de Alderaan — disse Vader, aproximando a máscara grotesca do rosto do oficial. — Alguém da família real está a bordo? Quem é que vocês estão transportando?

Os dedos grossos apertaram com decisão e a luta do oficial se tornou cada vez mais frenética. Suas últimas palavras foram ininteligíveis.

Vader não estava satisfeito. Mesmo depois que o oficial deixou de se debater, aquela mão continuou a apertar, até produzir um barulho seco de ossos quebrados. Então, com um gesto de desdém, Vader atirou longe o corpo inerte. Vários soldados do Império mal tiveram tempo de se esquivar do macabro projétil.

O Lorde Negro se voltou inesperadamente e os oficiais do Império se encolheram, assustados.

— Comecem a desmontar esta nave peça por peça, componente por componente, até encontrarem as fitas. Quanto aos passageiros, se houver, quero-os vivos. — Fez uma pausa, e depois acrescentou: — E *depressa!*

Oficiais e soldados se afastaram apressadamente, tropeçando uns nos outros — não necessariamente para executar as ordens de Vader, mas simplesmente ansiosos para se afastarem de sua presença malévola.

R2-D2 finalmente parou em um corredor vazio, sem fumaça nem sinais de batalha. Um C-3PO preocupado e confuso parou atrás dele.

— Você nos fez atravessar metade da nave, e para quê... ?

— C-3PO interrompeu a frase pela metade, olhando incredulamente para o pequeno robô, que estava abrindo a escotilha de uma nave de salvamento. Imediatamente, uma luz vermelha se acendeu e soou um alarma estridente.

C-3PO olhou rapidamente em todas as direções, mas o corredor continuava vazio. Quando olhou de volta, R2-D2 já estava entrando na pequena nave. Tinha tamanho suficiente para acomodar alguns humanos, mas não havia sido projetada para robôs. R2-D2 estava tendo dificuldades para se encaixar no pequeno compartimento.

— Ei! — exclamou C-3PO, em tom reprovador. — Você não pode entrar aí! É só para humanos! Talvez a gente consiga convencer os soldados do Império de que não fomos reprogramados pelos rebeldes e somos valiosos demais para sermos destruídos, mas se alguém vir você aí dentro, não teremos a mínima chance! Saia já daí!

Finalmente, R2-D2 conseguiu colocar o corpo na posição correta, em frente ao pequeno painel de controle. Inclinou ligeiramente o corpo e soltou uma rajada de silvos e chiados para o relutante companheiro.

C-3PO escutou. Não podia franzir o cenho, mas deu toda a impressão de fazê-lo.

— Missão... que missão? De que está falando? Acho que seus circuitos integrados pifaram. Não... chega de aventuras. Prefiro arriscar a sorte com os soldados do Império... e *não vou* entrar aí!

O alto-falante de R2-D2 emitiu um silvo impaciente.

— E não me chame de filósofo apático, seu barril de óleo! — replicou C-3PO.

C-3PO estava pensando em outros xingamentos quando uma explosão destruiu a parede do corredor. O ar ficou cheio de pedaços de metal, ao mesmo tempo em que várias explosões secundárias se sucederam. Chamas brotaram do buraco aberto na parede, refletindo-se no que restava da superfície lúzia de C-3PO.

Resmungando o equivalente eletrônico de entregar a alma ao desconhecido, o esguio robô entrou na nave de salvamento.

— Ainda vou-me arrepender disso — murmurou de forma mais audível, no momento em que R2-D2 acionou o controle da escotilha. O

pequeno robô ligou uma série de chaves, levantou uma tampa e apertou três botões em uma certa sequência. Várias pequenas cargas explodiram simultaneamente e a pequena nave foi ejetada do cruzador avariado.

Quando recebeu a notícia de que o último foco de resistência da nave rebelde havia sido sufocado, o Capitão do cruzador do Império se sentiu aliviado. Estava ouvindo com prazer o relatório dos acontecimentos a bordo da nave capturada, quando foi chamado por um dos oficiais de artilharia. Aproximando-se da posição em que o oficial se encontrava, o Capitão olhou para a tela e viu um pontinho descendo em direção ao planeta hostil.

— É uma nave de salvamento, Capitão. O que devo fazer?

— Os dedos do oficial estavam pousados nos botões de controle de tiro.

Displícientemente, confiante no poder do fogo sob seu controle, o Capitão examinou os mostradores do painel. As indicações eram claras.

— Não precisa fazer nada, Tenente Hija. Os instrumentos mostram que não há ninguém vivo a bordo. O mecanismo de ejeção da nave deve ter sido acionado acidentalmente durante o combate. Não vamos gastar energia à toa. — E continuou a ouvir com satisfação as notícias que estavam chegando da nave rebelde.

O brilho das chamas se refletia na armadura do líder das tropas de choque, enquanto examinava o corredor à frente. No momento em que ia voltar a cabeça para chamar os companheiros, percebeu um movimento em um nicho lateral. Levantando a arma, aproximou-se devagar e olhou para o interior.

Um pequeno vulto vestido de branco estava encolhido no fundo da alcova. Era uma jovem, e sua descrição correspondia à da pessoa em quem o Lorde Negro estava mais interessado. O soldado sorriu. Era muita sorte.

Talvez fosse até promovido.

Sua cabeça fez um pequeno movimento dentro da armadura, dirigindo a voz para o microfone.

— Ela está aqui — disse para os companheiros. — Regulem as armas apenas para...

Não chegou a concluir a frase, assim como nunca chegaria a ser promovido. No momento em que os olhos deixaram a moça, esta agiu com rapidez surpreendente. A pistola de raios que segurava atrás das costas emitiu um feixe mortífero.

O soldado que tivera a desventura de encontrá-la foi o primeiro a cair, a cabeça reduzida a uma massa de osso e metal fundidos. A mesma sorte teve o segundo soldado que se aproximou. Então, um fino feixe de luz verde tocou o lado da mulher e ela caiu inerte, ainda segurando a arma na mão crispada.

Vários soldados a cercaram. O mais graduado se ajoelhou e a examinou com olhos de entendido.

— Ela vai sobreviver — declarou finalmente, olhando para os subordinados. — Lorde Vader vai ficar satisfeito.

C-3PO olhava hipnotizado pela pequena vigia da nave de salvamento, ocupada quase que inteiramente pelo disco amarelo de Tatooine. Atrás deles, a nave rebelde e o cruzador do Império não passavam de pontinhos no céu.

Talvez, no final das contas, tudo acabasse bem. Se descessem perto de uma cidade civilizada, arranjaría um emprego decente em um bairro sossegado, algo mais compatível com sua posição e educação. Os últimos meses haviam sido agitados demais para uma simples máquina.

Por outro lado, o modo aparentemente aleatório como Erre-dois manipulava os controles da nave prometia tudo menos uma aterragem suave. C-3PO olhou preocupado para o companheiro.

— Tem certeza de que sabe pilotar esta coisa?

R2-D2 respondeu com um assovio enigmático que não contribuiu em nada para dirimir as dúvidas do outro robô.

## II

UM VELHO ditado dos colonos dizia que era mais fácil queimar a retina olhando diretamente para a vastidão desolada de Tatooine do que para seus dois sóis, tão forte era o reflexo das areias do deserto. Mesmo assim, havia vida nas planícies que outrora tinham sido o leito de antigos mares.

Uma coisa a tornava possível: o reaparecimento da água.

Para as finalidades humanas, entretanto, a água de Tatooine era acessível apenas de forma marginal. A atmosfera cedia sua umidade com relutância. O precioso líquido tinha de ser retirado do céu azul escuro —

arrancado, forçado, espremido para a superfície desolada.

Dois personagens cuja missão era recolher essa umidade estavam parados em uma pequena elevação de uma dessas planícies inóspitas. Um era rígido e metálico — um condensador, ancorado firmemente à rocha-mãe que ficava abaixo da areia. O outro era humano.

Luke Skywalker tinha vinte anos, o dobro da idade do condensador, mas se sentia muito menos seguro. No momento, estava lutando com uma válvula recalcitrante do temperamental aparelho. De tempos em tempos, substituía a ferramenta apropriada por golpes ao acaso. Nenhum dos dois métodos estava dando certo. Luke tinha certeza de que o lubrificante usado nos condensadores adorava atrair areia, acenando sedutoramente para as pequenas partículas abrasivas com um reflexo oleoso. Limpou o suor da testa e descansou por um momento. O que este rapaz tinha de mais atraente era o nome. Uma leve brisa agitou-lhe os cabelos revoltos e a túnica mal ajustada ao corpo que usava para trabalhar. Não adiantava ficar zangado com ela, lembrou a si mesmo. Afinal, era apenas uma máquina sem inteligência.



Enquanto Luke pensava mais uma vez em como resolver o problema, um terceiro personagem entrou em cena, surgindo de trás do condensador e encaminhando-se desajeitadamente para a parte defeituosa. Apenas três dos seis braços do robô modelo Treadwell estavam funcionando, e mesmo estes estavam mais gastos do que as botas que Luke estava usando. A máquina se movimentava de forma descontínua, pouco graciosa.

Luke olhou tristemente para o robô depois inclinou a cabeça para fitar o céu. Ainda nem sinal de nuvens, e ele sabia que não haveria nenhuma a menos que conseguisse consertar o condensador. No momento em que ia tentar novamente, um ponto brilhante no céu atraiu-lhe a atenção. Luke tirou depressa do cinto um par de macrobinóculos imaculadamente limpos e apontou-os para o céu.

Ficou olhando por um longo tempo, lamentando não dispor de um telescópio de verdade em lugar dos binóculos. E enquanto olhava, esqueceu-se totalmente do condensador, do calor e das tarefas que ainda o aguardavam naquele dia. Depois de guardar o objeto no cinto, Luke saiu correndo em direção ao veículo. A meio caminho, lembrou-se de olhar para trás.

— Vamos! — gritou com impaciência. — O que está esperando? Estou com pressa!

O Treadwell andou alguns metros em sua direção, hesitou, e começou a andar em círculos, soltando fumaça por todas as juntas. Luke tornou a chamar, depois desistiu, percebendo que o robô não estava em condições de atendê-lo.

Por um momento, Luke ficou sem saber se devia abandonar o Treadwell. Mas afinal, disse para si mesmo, o robô evidente\* mente havia queimado vários componentes vitais. Luke entrou no veículo, fazendo com que o flutuador de repulsão, recentemente consertado, se inclinasse perigosamente para um lado. Então deslizou para trás dos controles, distribuindo melhor o peso, e o veículo voltou à posição horizontal, alguns centímetros acima do solo arenoso. Luke ligou o motor e o veículo começou a se mover em direção à distante cidade de Anchorhead, deixando atrás de si uma nuvem de areia.

Perto do condensador, uma coluna de fumaça negra ainda assinalava o local onde o pobre robô se movia em círculos. Não estaria ali quando Luke voltasse. Entre os animais de rapina que habitavam as vastidões desoladas de Tatooine, havia os que se interessavam por carne, mas também havia os que se interessavam por metal.

As estruturas de metal e pedra, desbotadas pelo brilho intenso dos sóis gêmeos, Tatoo I e II, estavam agrupadas muito juntas, como que em

busca de companhia e proteção. Formavam o núcleo da vasta comunidade agrícola de Anchorhead.

No momento, as ruas poeirentas estavam quietas e desertas. Pequenos insetos zumbiam preguiçosamente nas frestas das casas de pedra. Um cachorro latiu a distância, o único sinal de civilização até que uma velha apareceu e começou a atravessar a rua, segurando com força o xale metálico que a protegia do sol.

Alguma coisa a fez olhar para o lado, franzindo os olhos cansados. O

som aumentou subitamente de volume quando uma forma retangular e reluzente apareceu na esquina, vindo de uma lua perpendicular. Os olhos da velha se arregalaram quando o veículo se aproximou, sem reduzir a velocidade nem se desviar. Teve que correr para sair da frente. Ofegante, brandindo o punho cerrado para o veículo, que já ia longe, a velha gritou:

— Quando é que vocês, crianças, vão aprender a andar mais devagar?

Luke havia visto a velha, mas seus pensamentos estavam em outro lugar quando estacionou atrás da usina de força, um edifício baixo e comprido, do qual se projetavam espiras e hastes metálicas. As ondas de areia de Tatooine se quebravam em espuma amarela nas paredes da usina.

Ninguém se dava ao trabalho de remover a areia. Seria inútil; no dia seguinte, estaria de volta. Luke abriu a porta da frente com um safanão e gritou:

— Ei!

Um rapaz cabeludo, vestido de mecânico, estava refestelado em uma cadeira atrás do velho painel de controle da usina. A pele estava coberta de óleo de bronzear. A pele da mocinha que estava sentada em seu colo estava igualmente protegida, mas a superfície exposta era muito maior. De certa forma, até o suor seco lhe assentava bem.

— Ei, pessoal! — tornou a gritar Luke, depois que o primeiro chamado foi recebido com indiferença total. Correu em direção à sala de instrumentos, nos fundos da usina, enquanto o mecânico, semi-adormecido, passou a mão pelo rosto e resmungou:

— Será que ouvi alguém entrar?

A garota se espreguiçou sensualmente, repuxando a roupa surrada em várias direções interessantes, e disse com voz rouca:

— Ora, foi só o estabanado do Luke.

Deak e Windy levantaram os olhos da mesa de bilhar computadorizado quando Luke entrou. Estavam vestidos da mesma forma que o recém-chegado, embora as roupas se ajustassem melhor ao corpo e estivessem menos usadas.

Havia um contraste flagrante entre os três rapazes e o jogador que estava de pé na outra extremidade da mesa, um tipo forte e elegante. Do cabelo bem aparado ao uniforme impecável, destacava-se no aposento como uma papoula oriental em um campo de aveia. Atrás dos três homens, um robô de manutenção trabalhava pacientemente em uma peça avariada do equipamento da usina, zumbindo baixinho.

— Vocês não vão acreditar no que vi! — gritou Luke, excitado. Então reparou no homem de uniforme. — Biggs!

O outro deu um meio sorriso.

— Olá, Luke.

E os dois se abraçaram calorosamente.

Luke finalmente recuou e ficou admirando o uniforme do outro.

— Não sabia que estava de volta. Quando chegou?

A confiança que transparecia na voz do outro chegava a um passo da afetação.

— Agora mesmo. Queria fazer-lhe uma surpresa, corisco. — Indicou a sala com um gesto. — Pensei que estaria aqui com dois boas-vidas. — Deak e Windy sorriram. — Não esperava que estivesse lá fora, trabalhando. —

Tinha um riso fácil, quase irresistível.

— Você não mudou muito na Academia — observou Luke.

— Mas já está de volta? — Seu rosto assumiu um ar preocupado. — Ei, o que foi que aconteceu... não foi destacado para nenhuma nave?

Havia algo de evasivo na forma como Biggs respondeu, desviando ligeiramente os olhos.

— Claro que fui. Vou servir a bordo do cargueiro *Rand* Ecliptic. Minha nomeação saiu na semana passada. Primeiro Piloto Biggs Darklighter, às suas ordens. — Biggs fez uma continência caprichada, meio a sério, meio de brincadeira, e depois deu outro daqueles sorrisos ao mesmo tempo arrogantes e insinuantes.

— Vim justamente para me despedir de todos vocês, pobres coitados, que não saem do chão.

Todos riam, e então Luke se lembrou de repente da razão que o levara à usina com tanta pressa.

— Quase me esqueci — disse para eles, novamente excitado. — Está havendo uma batalha aqui mesmo no nosso sistema. Venham dar uma olhada.

Deak pareceu desapontado.

— Mais uma de suas batalhas épicas, Luke? Não acha que chega de tantos sonhos? Esqueça.

— Esqueça uma ova! Estou falando sério! É uma batalha de verdade!

Com palavras e empurrões, conseguiu levar os ocupantes da usina para fora do edifício. Camie era a mais relutante.

— É melhor que valha a pena — preveniu, defendendo os olhos do sol com a palma da mão.

Luke já havia tirado os macrobinóculos e estava examinando o céu.

Levou apenas um momento para encontrar o que procurava.

— Não disse? Lá estão eles.

Biggs aproximou-se e tomou-lhe os binóculos, enquanto os outros se esforçavam para ver alguma coisa a olho nu. Ajustando ligeiramente o foco,

Biggs pôde ver claramente os dois pontinhos

— Não é uma batalha, corisco — afirmou, baixando os binóculos e olhando para o amigo com simpatia. — Estão parados lá em cima. São duas naves, sim... provavelmente uma barcaça carregando um cargueiro, já que Tatooine não dispõe de uma estação orbital.

— Mas eles estavam lutando! — protestou Luke. Seu entusiasmo inicial estava começando a ceder ante a segurança do amigo mais velho.

Camie arrancou os binóculos das mãos de Biggs, batendo de leve com eles em uma coluna do edifício. Luke tomou-lhe rapidamente os binóculos e examinou-os para ver se haviam sofrido algum dano.

— Cuidado com eles.

— Não se preocupe, Luke — disse Camie, em tom irônico. Luke deu um passo na direção da moça, então parou quando o mecânico se colocou entre eles, com um sorriso de desafio. Luke resolveu esquecer o incidente.

— Estou-lhe dizendo, Luke — disse o mecânico, com o ar de quem já está cansado de repetir inutilmente a mesma história — que a revolução nunca vai chegar aqui. E o Império não se daria ao trabalho de lutar para defender este sistema. Acredite, Tatooine não serve para nada.

Antes que Luke tivesse tempo de responder, rodos já estavam entrando de volta na usina. Fixer estava com o braço passado no ombro de Camie, e os dois riam baixinho da frustração de Luke. Até Deak e Windy estavam cochichando alguma coisa..., a respeito dele, pensou Luke.

O rapaz os seguiu, mas não sem antes lançar um último olhar em direção aos pontinhos brilhantes. Tinha certeza de que havia visto raios luminosos ligando as duas naves. E estava certo de que não se tratava de nenhum reflexo.

As cordas que amarravam as mãos da jovem atrás das costas estavam bem firmes. A atenção constante que recebia cios moldados fortemente armados poderia parecer estranha, em se tratando de uma frágil mulher, exceto pelo fato de que as vidas desses homens dependiam de que chegasse viva a seu destino.

Quando experimentou retardar deliberadamente o passo, entretanto, percebeu que os captores não se importavam de maltratá-la um pouquinho.

Um dos soldados a golpeou brutalmente na nuca e ela quase caiu. Voltando-se, fuzilou o homem com o olhar. Mas não havia meio de avaliar a reação do soldado, já que o rosto estava totalmente escondido pelo pesado capacete.

Finalmente, chegaram a um corredor onde havia um buraco ainda fumegante que levava ao exterior da nave. Um túnel havia sido adaptado ao orifício, ligando o cruzador à nave rebelde. Enquanto a jovem estava examinando a entrada do túnel, uma sombra se aproximou, assustando-a.

Ao lado dela estava a figura ameaçadora de Darth Vader, os olhos vermelhos piscando por trás da abominável máscara negra. A não ser por um leve ricto no canto da boca, a moça não demonstrou nenhuma reação. E

a voz era firme quando falou:

— Darth Vader... eu devia ter adivinhado. Só você poderia ser tão ousado... e tão estúpido. Pois o Senado do império não vai tolerar este abuso. Quando souberem que atacou uma nave em missão diploma...

— Senadora Leia Organa — disse Vader em tom tranquilo, mas suficientemente alto para abafar os protestos da moça. A satisfação que sentia por tê-la encontrado a bordo era evidente na forma como saboreava cada sílaba. Não se faça de desentendida, Alteza — prosseguiu Vader, em tom ameaçador. — Desta vez, sua missão não é tão inocente quanto parece.

Vocês passaram bem pelo meio de um sistema proibido, ignorando vários avisos e desrespeitando frontalmente nossas ordens. — O grande capacete negro se aproximou do rosto da moça. — Sei que esta nave recebeu várias transmissões de espiões daquele sistema. Quando localizamos a origem das transmissões, os responsáveis tiveram a falta de cortesia de se matarem antes que pudessem ser interrogados. Quero saber o que aconteceu com as informações que mandaram para vocês.

Nem as palavras de Vader nem sua presença pestilenta pareciam intimidar a moça.

— Não sei do que está falando — replicou, evitando olhar para Vader.

— Sou apenas um membro do Senado em missão diplomática para...

— Para cumprir sua parte no plano dos rebeldes — declarou Vader, interrompendo-a. — E é também uma traidora. — Dirigiu-se a um dos oficiais. — Pode levá-la.

Organa conseguiu lançar-lhe um jato de saliva, que evaporou com um chiado na armadura ainda quente da batalha. Vader limpou a armadura com a mão sem dizer palavra, observando-a com interesse enquanto ela atravessava o túnel que levava ao cruzador.

Um soldado alto e esguio, com as insígnias de Comandante do Império, aproximou-se de Vader.

— É perigoso mantê-la prisioneira — disse em voz baixa, olhando na mesma direção que o outro. — Se o fato se tornar público, haverá protestos no Senado. E o caso atrairá simpatia para a causa rebelde. — O Comandante olhou para o indecifrável rosto de metal e acrescentou secamente: —

Devemos executá-la o quanto antes.

— Não. Minha primeira obrigação é localizar a base secreta dos rebeldes — replicou Vader sem hesitar. — Todos os espiões estão mortos; agora, ela é a minha única pista. Usarei de todos os meios possíveis de persuasão, mas descobrirei onde fica a base rebelde.

O Comandante umedeceu os lábios, sacudiu levemente a cabeça, talvez com um traço de simpatia, enquanto pensava na mulher.

— Ela vai morrer antes de lhe fornecer qualquer informação. A resposta de Vader foi chocante em sua frieza.

— Pode deixar comigo. — Pensou por um momento, depois prosseguiu: — Mande transmitir um sinal de emergência em todas as frequências. Informe que a nave da senadora encontrou uma nuvem de meteoritos e não conseguiu desviar-se. Tudo indica que o campo de força não resistiu e o casco foi perfurado, deixando escapar noventa e cinco por cento da atmosfera de bordo. Informe ao Senado e ao pai dela que todos a bordo morreram.

Uma coluna de soldados com ar cansado marchou em direção ao Comandante e ao Lorde Negro. Vader olhou interrogativamente para eles.



— As fitas de dados não estão a bordo da nave. Não encontramos

nenhuma informação importante nos bancos de dados e nada indica que os bancos tenham sido apagados — recitou, mecanicamente, o chefe da tropa.

— A nave também não realizou nenhuma transmissão externa desde o momento em que a localizamos. Uma nave de salvamento foi ejetada durante o combate, mas na ocasião foi constatado que não havia nenhuma forma de vida a bordo.

Vader pareceu pensativo.

*"Pode ter sido um acidente"*, disse para si mesmo, *"mas talvez a nave estivesse transportando as fitas. Estas não são formas de vida."*

Provavelmente, o nativo que as encontrasse não saberia o que são e trataria de apagá-las para usá-las novamente. Mesmo assim..."

— Mande um destacamento para a superfície, para recuperar as fitas ou certificar-se de que não estão na nave de salvamento — disse, finalmente, para o oficial. — Mas procure ser discreto; não é preciso atrair atenção, mesmo em um mundo miserável como este.

Quando o oficial e os soldados se afastaram, Vader voltou-se para o Comandante:

— Desintegre esta nave. Não devemos deixar nenhuma pista. Quanto à nave de salvamento, não nos podemos arriscar. As informações que estão naquelas fitas podem ser muito perigosas. Cuide disto pessoalmente, Comandante. Se as fitas existem, devem ser recuperadas ou destruídas, custe o que custar. — E, acrescentou, com satisfação: — Com as fitas e com a Senadora em nossas mãos, poderemos acabar com esta revolução absurda.

— Será feita a sua vontade, Lorde Vader — disse o Comandante.

E os dois homens entraram no túnel que levava ao cruzador.

— Que lugar desolado!

C-3PO voltou-se lentamente para olhar o lugar onde a de salvamento estava meio enterrada na areia. Seus giroscópios ainda estavam meio instáveis por causa da aterragem. Aterragem! O simples uso do termo era um elogio imerecido para o companheiro.

Pensando melhor, devia sentir-se grato por ainda estar inteiro. Se bem que, pensou consigo mesmo estudando a paisagem inóspita, não tivesse certeza de que estava melhor ali do que se tivesse permanecido a bordo do cruzador capturado. De um lado, o horizonte era dominado por grandes mesas de arenito. Nas outras três direções, uma série infindável de dunas se estendia até perder de vista, como imensos dentes amarelos. O oceano de areia se fundia com o brilho do céu até que se tornava impossível distinguir onde um começava e o outro terminava.

Uma nuvem tênue de minúsculas partículas de poeira acompanhou os robôs quando eles se afastaram na nave de salvamento. O pequeno veículo já havia cumprido sua missão e não tinha mais qualquer utilidade. Nenhum dos dois robôs havia sido construído para viajar a pé neste tipo de terreno, de modo que caminhavam com dificuldade na superfície instável.

— Parece que nos construíram para sofrer — lamentou-se C-3PO. — Já estou farto. — Alguma coisa rangeu em sua perna direita e ele estremeceu.

— Preciso descansar antes que me aconteça alguma coisa séria. Minhas engrenagens ainda não se recuperaram daquela batida que você chamou de aterragem.

C-3PO parou, mas R2-D2 não o imitou. O pequeno autômato havia mudado de direção e agora estava andando com passos lentos mas seguros rumo à mesa mais próxima.

— Ei! — gritou C-3PO. R2-D2 o ignorou e continuou a caminhar —

Aonde você pensa que vai?

Afinal R2-D2 parou, emitindo uma rajada de explicações eletrônicas, enquanto C-3PO se esforçava para alcançá-lo.

— Pois eu não vou naquela direção — declarou C-3PO, depois que R2-D2 concluiu a explicação. — Pedras demais. — Fez um gesto na direção que estavam seguindo anteriormente, para longe das montanhas. — Por ali é muito mais fácil. — Uma mão metálica apontou, desanimada, para as altas mesas. — Afinal, o que faz você pensar que vai encontrar uma cidade naquela direção?

Um longo assovio saiu das profundezas de R2-D2.

— Não adianta falar difícil comigo — preveniu C-3PO. — Já estou farto de suas decisões.

R2-D2 soltou um silvo curto.

— Está bem, faça o que quiser — anunciou C-3PO, cerimoniosamente.

— Você vai ficar entupido de areia, sua pilha de ferro-velho!

Deu em R2-D2 um empurrão desdenhoso, que fez o robô cair de uma pequena duna. Enquanto o outro lutava para se levantar, C-3PO começou a caminhar em direção ao horizonte ofuscante, olhando para trás por cima do ombro.

— E não adianta vir atrás de mim, pedindo socorro — avisou —  
porque não vou ajudá-lo.

Atrás da duna, R2-D2 se pôs de pé. Parou por um instante para limpar seu único olho eletrônico com um braço auxiliar. Então soltou um guincho eletrônico que era quase uma expressão humana de raiva. Em seguida, zumbindo baixinho para si mesmo, encaminhou-se para as encostas de arenito como se nada tivesse acontecido.

Várias horas depois, um exausto C-3PO, o termostato quase no ponto máximo, os sistemas internos perigosamente superaquecidos, chegou com esforço ao topo do que esperava que fosse a última duna. A seu lado, os ossos de um animal gigantesco constituíam um mau presságio. Chegando ao cume da duna, C-3PO olhou esperançoso para o outro lado. Ao invés do

verde da civilização humana, tudo que viu foram dezenas e dezenas de dunas, idênticas em tudo às que acabara de atravessar. Algumas pareciam ainda mais altas.

C-3PO voltou-se e olhou para as montanhas agora distantes, quase invisíveis no horizonte.

— Seu boneco de lata — resmungou, incapaz de admitir para si mesmo que R2-D2 pudesse ter razão, uma vez que fosse. — *É* tudo culpa sua. Você me forçou a vir para este lado, mas ainda vai me pagar.

O remédio era continuar. C-3PO deu um passo à frente e ouviu um barulho estranho na articulação do joelho. Sentou-se e começou a tirar a

areia das juntas emperradas.

Podia continuar na mesma direção, disse para si mesmo. Ou podia confessar seu erro e tentar alcançar R2-D2. Nenhuma das possibilidades lhe agradava muito.

Mas havia uma terceira opção. Podia ficar sentado onde estava, brilhando ao sol, até que as juntas não funcionassem mais, o termostato enguiçasse e os raios ultravioletas queimassem seus fotorreceptores.

Transformar-se-ia em mais um monumento ao poder de destruição da estrela binária, como aquele organismo colossal cujos ossos acabara de encontrar.

Os receptores já estavam começando a se ressentir do excesso de claridade, pensou. Seria capaz de jurar que alguma coisa estava-se mexendo a distância. Provavelmente uma miragem. Não... não... era um reflexo metálico, e estava-se aproximando. Sentiu uma nova esperança.

Ignorando a perna avariada, levantou-se e começou a acenar freneticamente.

Agora podia ver que se tratava de um veículo, embora de um tipo desconhecido. Mas era um veículo, e isso implicava em inteligência e

tecnologia.

Em seu entusiasmo, C-3PO esqueceu-se de considerar a possibilidade de que não fosse de origem humana.

— Então, desliguei o motor e mergulhei atrás de Deak — concluiu Luke, fazendo gestos frenéticos.

Ele e Biggs estavam passeando na sombra, do lado de fora da usina de força. De lá de dentro vinha o som de metal contra metal; Fixer havia afinal se decidido a trabalhar um pouco, lado a lado com o robô de manutenção.

— Estava tão perto dele — continuou Luke, excitado — que pensei que meus instrumentos iam derreter. Na verdade, o aerociclo ficou bastante danificado. — A lembrança o fez franzir o cenho. — Tio Owen não gostou nada da história. Proibiu-me de voar durante um ano. — A depressão de Luke durou pouco. A recordação da aventura o fez sorrir de novo. — Você precisava ter visto, Biggs!

— Devia tomar mais cuidado — advertiu o amigo. — Você pode ser o melhor piloto amador deste lado de Mos Eisley, Luke, mas esses pequenos aerociclos podem ser perigosos. São muito velozes para um veículo troposférico... velozes demais. Continue a fazer piruetas com eles e um dia, bum! — Biggs deu um soco na palma da outra mão. — Você não vai ser mais do que uma mancha escura na parede úmida de um desfiladeiro.

— Veja só quem está falando — retorquiu Luke. — Só porque já andou em algumas naves interestelares, está ficando parecido com meu tio. As cidades amoleceram você.

Ameaçou golpear Biggs de brincadeira. O outro bloqueou facilmente o golpe e fez o gesto de quem ia revidar. De repente, a expressão de Biggs se tornou mais séria e pessoal.

— Senti falta de você, garoto. Luke desviou o olhar, embaraçado.

— Por aqui as coisas também não são exatamente as mesmas desde que você partiu, Biggs. Tudo tem estado tão... — Luke procurou a palavra certa e afinal concluiu, frustrado — ... tão *quieto*. — Seu olhar percorreu as ruas desertas e poeirentas de Anchorhead. — Na verdade, isto aqui sempre foi quieto.

Biggs permaneceu calado, pensativo. Olhou em volta. Estavam sozinhos ali fora. Todos os outros haviam voltado ao relativo conforto do interior da usina de força. Quando finalmente falou, foi com um tom solene a que Luke não estava acostumado.

— Luke, não voltei só para me despedir, ou para me exhibir para os outros porque consegui entrar para a Academia. — Pareceu hesitar, como se estivesse inseguro. Então falou rapidamente, antes que tivesse tempo de se arrepender. — Mas quero que alguém saiba. Não posso contar a meus pais.

Luke arregalou os olhos e só conseguiu balbuciar:

— Saber o quê? De que está falando?

— Estou falando do que estão dizendo na Academia, Luke... e em outros lugares. Coisas importantes. Fiz alguns novos amigos, gente de outros sistemas. Concordamos com o que certas pessoas estão fazendo, e...

— baixou a voz, conspiratoriamente — ... quando chegarmos a um dos sistemas periféricos, vamos abandonar a nave e juntar-nos à Aliança.

Luke olhou espantado para o amigo, tentou imaginar Biggs — o farrista, o despreocupado, o realista — como um patriota fervoroso.

— Você vai passar para o lado da revolução? Deve estar brincando.

Como?

— Fale mais baixo, está bem? — advertiu o amigo, olhando furtivamente na direção da usina de força. — Sua boca parece uma cratera.

— Desculpe — sussurrou Luke, rapidamente. — Agora estou falando baixo... escute como estou falando baixo. Mal pode ouvir o que estou dizendo...

Biggs interrompeu-o e continuou.

— Um amigo meu da Academia tem um amigo em Bestine que talvez nos possa colocar em contato com um destacamento rebelde.

— Um amigo de... você está doido! — anunciou Luke com convicção, certo de que o amigo estava delirando. — Você poderia vagar eternamente pelo espaço sem encontrar uma base dos rebeldes. Quase todas não passam de mitos. E este amigo de um amigo pode muito bem ser um agente do Império. Você acabaria em Kessel, ou pior. Se fosse tão fácil assim encontrar as bases rebeldes, o Império já teria acabado com elas há muito tempo.

— Sei que vou correr um risco — admitiu Biggs com relutância. — Mas se não conseguir encontrá-los, então... — os olhos de Biggs se acenderam com uma luz estranha, uma combinação de uma maturidade recente e...

algo mais — ... então vou fazer o que puder, sozinho.

Olhou fixamente para o amigo.

"Luke, não vou esperar ser convocado pelo Império. A despeito de tudo que você possa ouvir nos canais oficiais de informações, a revolução está crescendo, ampliando-se. E quero estar do lado certo... do lado em que

acredito. — Sua voz assumiu um tom desagradável, e Luke imaginou o que o amigo estaria vendo em sua mente.

"Deve ter ouvido algumas das histórias que eu ouvi, Luke, deve ter sabido de algumas das infâmias de que tive conhecimento. O Império pode ter sido uma coisa sublime, mas os governantes de hoje... — Biggs sacudiu a cabeça. — Está podre, Luke, podre.

— E eu não posso fazer nada — murmurou Luke, tristemente. — Estou preso aqui. — E chutou com irritação a areia onipresente de Anchorhead.

— Pensei que estivesse para entrar na Academia — observou Biggs. —

Se for assim, terá sua oportunidade de escapar deste monte de areia.

Luke sorriu ironicamente.

— Acho que não. Tive que desistir da matrícula. — Desviou os olhos, sem poder sustentar o olhar incrédulo do amigo. — Tive que desistir. Os homens de areia, os tusken raiders, têm estado muito agitados desde que você partiu, Biggs. Chegaram a atacar os subúrbios de Anchorhead.

Biggs balançou a cabeça, rejeitando a explicação.

— Seu tio pode cuidar de um bando inteiro de assaltantes com uma única pistola de raios.

— Em casa, sim — concordou Luke. — Mas Tio Owen finalmente conseguiu instalar um número suficiente de condensadores para fazer a fazenda produzir de verdade. Mas não pode tomar conta sozinho de toda aquela terra, e disse que precisa de mim por mais um ano. Não o posso abandonar agora.

Biggs assentiu tristemente.

— Sinto pena de você, Luke. Um dia vai ter que aprender a separar o que parece importante do que realmente é importante. — Fez um gesto circular. — De que adiantará todo o trabalho de seu tio, se o Império tomar conta de tudo? Ouvi dizer que estão começando a estatizar o comércio em todos os sistemas da periferia. Em pouco tempo, seu tio e todos os outros proprietários de Tatooine não passarão de escravos, trabalhando para

maior glória do Império.

— Não vai acontecer aqui — objetou Luke, com uma confiança que não sentia. — Você mesmo disse... o Império não vai-se incomodar com este monte de areia.



— As coisas mudam, Luke. É apenas a ameaça da revolução que impede que os governantes cometam mais arbitrariedades. Se esta ameaça for totalmente removida... bem, existem duas coisas que o homem nunca será capaz de satisfazer: sua curiosidade e sua ambição. E os burocratas do Império não são muito curiosos.

Os dois ficaram calados por um longo tempo. Um remoinho de areia atravessou majestosamente a rua, desfazendo-se contra uma parede e lançando pequenas rajadas em todas as direções.

— Gostaria de ir com você — murmurou, finalmente, Luke. Olhou para o outro. — Vai ficar aqui muito tempo?

— Não. Na verdade, viajo amanhã de manhã para embarcar no *Ecliptic*.

— Então acho... acho que não nos vamos encontrar de novo.

— Talvez um dia — declarou Biggs. Sorriu subitamente, aquele sorriso irresistível. — Não vou esquecer-me de você, corisco. Enquanto isso, evite as paredes dos desfiladeiros.

— Vou entrar para a Academia no ano que vem — insistiu Luke, mais para ele mesmo do que para Biggs. — Depois disso, quem sabe onde vou parar? — Parecia decidido. — Não vou ser convocado para a frota estelar, isto é certo. Cuide-se bem, Biggs. Você... você será sempre meu melhor amigo. — Não havia necessidade de se apertarem as mãos. Os dois há muito tempo já haviam passado deste estágio.

— Adeus, então, Luke — disse simplesmente Biggs. E entrou na usina de força.

Luke observou o amigo desaparecer no interior da usina, seus próprios pensamentos tão caóticos e frenéticos como uma das tempestades de areia de Tatooine.

A

superfície

de

Tatooine

apresenta

várias

peculiaridades

interessantes. Uma delas é a misteriosa neblina que brota regularmente do sol nos pontos em que as areias do deserto encontram as encostas das montanhas.

A neblina em um deserto escaldante parece tão deslocada quanto um cacto em uma geleira, mas sua existência é inegável. Geólogos e meteorologistas discutem interminavelmente a respeito da origem da neblina, formulando teorias improváveis que incluem depósitos de água em veios de arenito abaixo da areia e reações químicas incompreensíveis que fazem a água subir quando o solo esfria e descer novamente para o subsolo com o nascer do duplo sol. Mas a verdade é que o fenômeno existe.

Mas nem a neblina nem os estranhos gemidos dos habitantes noturnos do deserto incomodavam R2-D2 quando este escolhia cuidadosamente o caminho ao longo do leito rochoso de um regato, procurando o acesso mais fácil para o topo da mesa. Os pés retangulares começaram a arrancar um som seco do solo quando a areia foi-se transformando gradualmente em cascalho.

O robô parou por um momento. Pareceu detectar um ruído à frente, um ruído de metal contra pedra, não de pedra contra pedra. Mas como o som não se repetiu, reiniciou a subida.

Rio acima, longe demais para ser avistada pelo robô, uma pedra se desprende da encosta. O pequeno vulto que havia desalojado acidentalmente a pedra se refugiou nas sombras. Dois pontos brilhantes de

luz apareciam por baixo das dobras da capa castanha, a um metro de distância da parede de pedra.

Apenas a reação do robô desprevenido revelou a presença do raio que o atingiu. Por um momento, R2-D2 brilhou fantasmagoricamente, soltando um pequeno grito eletrônico. Então, as pernas se vergaram e o pequeno autômato caiu de costas, as luzes da cabeça piscando erratically sob os efeitos do raio paralisador.

Três arremedos de homens surgiram de trás das pedras. Os movimentos lembravam mais os de roedores do que os de humanos, e eram apenas um pouquinho mais altos do que R2-D2. Quando viram que o raio de energia havia imobilizado o robô, guardaram as estranhas pistolas.

Mesmo assim, aproximaram-se da máquina inerte com muita cautela, com a hesitação de covardes hereditários.

Os mantos que usavam tinham uma grossa camada de poeira e areia.

Os pequenos olhos vermelhos brilhavam intensamente nas profundezas dos capuzes enquanto examinavam o cativo. Os jawas conversavam através de sons guturais, que pareciam uma caricatura da fala humana. Se, como achavam alguns antropólogos, descendiam dos humanos, há muito haviam degenerado de tal forma que pouco tinham em comum com a raça humana.

Vários outros jawas apareceram. Alternadamente empurrando e puxando o robô, conseguiram arrastá-lo até o pé da encosta.

Na base da montanha, como um monstro pré-histórico, estava uma máquina tão grande que fazia seus donos e operadores parecerem minúsculos. Tinha dezenas de metros de altura e movia-se sobre lagartas que eram mais altas do que um homem. A epiderme de metal estava cheia de cicatrizes, resultado de incontáveis tempestades de areia.

Chegando ao veículo, os jawas começaram a discutir animadamente.

R2-D2 podia ouvir o que diziam, mas não conseguia compreender nada. E

não era de admirar. Apenas um jawa era capaz de compreender outro jawa, pois a língua que falavam variava aleatoriamente, para desespero dos filólogos.

Um deles retirou um pequeno disco de um bolso no cinto e prendeu-o ao corpo de R2-D2. Um grande tubo saía do veículo gigantesco. Os jawas rolaram o robô até a ponta do tubo e se afastaram. Houve um breve gemido, o sussurro de um vácuo poderoso, e o pequeno robô foi tragado para as entranhas do veículo. Completada esta parte do trabalho, os jawas conversaram mais um pouco e depois entraram todos no veículo, como um bando de ratos voltando a seus buracos.

O tubo de sucção depositou R2-D2 em um pequeno compartimento cúbico. Além de várias pilhas de instrumentos quebrados e pedaços de metal, a prisão era populada por uma dúzia de robôs de várias formas e tamanhos. Uns poucos estavam conversando. Outros andavam sem destino.

Mas quando R2-D2 caiu dentro da câmara, um dos robôs deu um grito de surpresa.

— R2-D2... é você, é você! — exclamou C-3PO de um canto da cela.

Correu para o pequeno robô, ainda paralisado, e abraçou-o de forma quase humana. Reparando no pequeno disco preso ao corpo de R2-D2, C-3PO

olhou para o próprio peito, onde havia sido colocado um dispositivo idêntico.

Imensas engrenagens, mal lubrificadas, começaram a girar. Com gemidos e rangidos, o grande veículo fez a volta e mergulhou lentamente na noite do deserto.

### III

A LUSTROSA mesa de conferências era tão fria e inflexível quanto o ânimo dos oito senadores do Império que se reuniam em torno dela.

Soldados do Império guardavam a entrada da sala, que era discretamente iluminada por algumas lâmpadas montadas nas paredes e na própria mesa.

Um dos mais jovens dos oito estava falando. Tinha as maneiras de alguém que subiu depressa na vida. por métodos que seria melhor não examinar muito de perto. O General Tagge era inteligente para algumas coisas, mas esta qualidade não teria sido suficiente para guindá-lo à posição atual.

Outros talentos menos louváveis também haviam contribuído substancialmente.

Embora seu uniforme fosse impecável e seu corpo estivesse tão limpo como os dos outros ocupantes da sala, nenhum dos sete gostaria de tocá-lo.

Ele exalava um ar de podridão, mais adivinhada do que sentida pelos outros. Apesar disso, muitos o respeitavam. Ou o temiam.

— Estou-lhes dizendo, desta vez ele foi longe demais — insistia o General, com veemência. — Este Lorde de Sith que o Imperador nos impôs ainda será a nossa desgraça. Até que a base espacial esteja funcionando, continuaremos vulneráveis. Alguns de vocês parecem não perceber que a Aliança rebelde está muito bem organizada e equipada. Eles dispõem de naves excelentes e de pilotos melhores do que os nossos. E são movidas por algo mais poderoso do que simples motores; pelo fanatismo perverso, reacionário dos ocupantes. São muito mais perigosos do que vocês pensam.

Um oficial mais velho, com cicatrizes tão profundas no rosto que nenhuma cirurgia plástica seria capaz de disfarçar, mexeu-se nervosamente na cadeira.

— Perigosos para a sua frota estelar, General Tagge, mas não para esta base espacial. — Correu os olhos em volta da mesa. — Acho que Lorde Vader sabe o que está fazendo. A revolução continuará enquanto esses covardes dispuserem de um abrigo, de um lugar onde os pilotos possam descansar e as máquinas possam ser consertadas.

— Discordo de você, Romodi — objetou Tagge. — Acho que a construção desta base se deve mais ao desejo do Governador Tarkin de aumentar seu poder e prestígio do que a qualquer estratégia militar justificável. Dentro do Senado, os rebeldes continuarão a conquistar seguidores enquanto...

O general foi interrompido pelo ruído da porta se abrindo e dos soldados se colocando em posição de sentido. Todos olharam para a entrada.

Dois indivíduos tão diferentes de aparência quanto semelhantes nos objetivos entraram na sala. Um deles era um homem magro e feio, cujo perfil e cabelo se assemelhavam aos de uma vassoura velha e que tinha no rosto a expressão de uma ave de rapina. Moff Tarkin, governador de vários territórios na periferia do Império, parecia um anão ao lado de Lorde Darth Vader.

Tagge voltou resignadamente a seu lugar, enquanto Tarkin sentou-se à cabeceira da mesa de conferências. Vader sentou-se a seu lado. Tarkin olhou na direção de Tagge durante um minuto, depois afastou os olhos como se o outro fosse transparente. Tagge ficou furioso mas não disse nada.

Enquanto o olhar de Tarkin percorria a mesa, um fino sorriso de satisfação permanecia imóvel em seus lábios.

— O Senado do Império não nos interessa mais, cavalheiros. Acabo de receber a notícia de que o Imperador dissolveu de forma definitiva este corpo decadente.

As palavras do governador foram recebidas com um murmúrio geral de surpresa.

— Os últimos restos da Velha República — continuou Tarkin — foram finalmente eliminados.

— Mas não é possível! — protestou Tagge. — Como o Imperador vai controlar a burocracia do Império?

— É preciso que compreendam que a instituição do Senado não foi

formalmente abolida — explicou Tarkin. — Apenas o Senado ficará em recesso enquanto — o sorriso aumentou — enquanto durar a emergência.

Os governadores regionais agora terão carta branca para administrar seus territórios. Isto significa que finalmente poderemos levar a ordem a todos os mundos do Império. De agora em diante, o medo se encarregará de manter na linha os contestadores do regime. Medo da frota do Império... e medo desta base espacial.

— E a revolução em curso? — quis saber Tagge.

— Se os rebeldes conseguissem os planos desta base espacial, é remotamente possível que pudessem usá-los contra nós. — O rosto de Tarkin assumiu uma expressão de despeito. — Naturalmente, todos nós sabemos que os planos estão muito bem guardados. Não vão cair nas mãos dos rebeldes.

— Os planos a que você se refere — interveio Vader, com voz zangada

— logo serão recuperados. Se...

Tarkin interrompeu o Lorde Negro, algo que ninguém mais na sala teria coragem de fazer.

— Não importa. Qualquer ataque dos rebeldes à base seria um gesto suicida, suicida e inútil... quaisquer que sejam as informações de que disponham. Depois de longos anos de construção em segredo — declarou, com prazer evidente — esta base se tornou um elemento decisivo nesta parte no Universo. Os acontecimentos nesta região da *galáxia* não serão mais determinados pelo destino, pelas leis ou por qualquer outro fator.

Serão decididos por esta base!

Uma grande mão enluvada fez um leve gesto e um dos copos sobre a mesa deslizou lentamente em sua direção. O Lorde Negro prosseguiu, em tom de censura.

— Não confie demais neste terror tecnológico que você criou, Tarkin.

A capacidade de destruir uma cidade, um mundo, todo um sistema é insignificante comparada com a força.

— A Força — repetiu Tagge com desdém. — Não *nos* tente assustar com seus truques de feitiçaria, Lorde Vader. Sua triste devoção àquela

mitologia antiga não o ajudou a encontrar as fitas roubadas, ou a localizar o esconderijo dos rebeldes. Acho muito engraçado que...

De repente, os olhos de Tagge se arregalaram, ele levou as mãos à garganta e começou a ficar roxo.

— Sua falta de confiança me deixa contrariado — observou Vader, sem levantar a voz.

— Chega — interveio Tarkin, preocupado. — Vader, deixe-o em paz.

Não adianta ficarmo-nos acusando mutuamente.

Vader encolheu os ombros, como se não estivesse interessado na sorte de Tagge. O general se sentou pesadamente, esfregando a garganta, sem tirar os olhos do gigante negro.

— Lorde Vader nos fornecerá a localização do esconderijo dos rebeldes assim que esta base espacial entrar em funcionamento —

declarou Tarkin. — Em seguida, poderemos arrasá-la, esmagando esta revolução patética com um único golpe.

— Será feita a vontade do Imperador — acrescentou Vader, com sarcasmo.

Se algum dos homens poderosos sentados à mesa não gostou da forma desrespeitosa como Vader se referiu ao Imperador, um olhar para Tagge foi suficiente para dissuadi-lo de protestar.

A escura prisão tinha cheiro de óleo rançoso e lubrificantes velhos, era um verdadeiro cemitério de máquinas. C-3PO procurou suportar a desagradável atmosfera o melhor que podia. O veículo sacudia bastante, e



ele tinha que estar permanentemente em guarda para não ser atirado contra as paredes ou contra outro robô.

Para poupar energia — e também para se livrar da torrente de lamentações do companheiro — R2-D2 havia desligado todas as funções externas. Jazia inerte no meio de um monte de peças velhas, ignorando tudo o que se passava em volta.

— Quando é que isto vai acabar? — gemeu C-3PO, quando outra

sacudidela violenta fez os ocupantes da prisão estremecerem. O robô já havia imaginado e rejeitado meia centena de desfechos horripilantes. Só sabia de uma coisa: o que fariam com eles seria pior do que qualquer coisa que pudesse imaginar.

Nesse instante, ocorreu uma coisa ainda mais assustadora do que os solavancos: o veículo parou, quase como em resposta às indagações de C-3PO. Os robôs que ainda conservavam algum vestígio de consciência começaram a falar baixinho, especulando a respeito de sua localização atual e seu provável destino.

Pelo menos C-3PO não estava totalmente no escuro a respeito dos captores. Os cativos locais haviam-lhe contado alguma coisa a respeito dos jawas. Viajando em imensos veículos, que ao mesmo tempo serviam de casa e de fortaleza, percorriam as regiões mais inóspitas de Tatooine em busca de minérios valiosos... e também de máquinas aproveitáveis. Ninguém jamais os havia visto sem as capas e capuzes, de modo que ninguém conhecia exatamente o seu aspecto. Mas tinham fama de ser extremamente feios. C-3PO estava convencido de que a fama lhes fazia justiça.

Ajoelhando-se ao lado do companheiro ainda imóvel, começou a sacudi-lo. As luzes da cabeça de R2-D2 começaram a se acender, uma por uma.

— Acorde, acorde! — disse C-3PO. — Estamos parados! — Como vários outros robôs, começou a examinar com os olhos as paredes de metal, à espera de que um painel oculto se abrisse a qualquer momento, dando

passagem a um gigantesco braço mecânico. — Estamos perdidos, amigo —

lamentou-se o robô enquanto R2-D2 se levantava, já totalmente ativado. —

Acha que nos vão fundir? — Ficou pensativo por alguns instantes, depois acrescentou: — *É* esta espera que me mata!

De repente, a parede dos fundos da cela se abriu e o brilho cegante da manhã de Tatooine encheu o compartimento. Os sensíveis fotorreceptores de C-3PO quase não tiveram tempo de se ajustar para não serem queimados.

Vários dos repulsivos jawas entraram agilmente no compartimento, ainda vestidos da mesma forma que antes. Levavam na mão estranhas pistolas, que usaram para cutucar as máquinas. Algumas delas, observou C-

3PO com um arrepio mental, nem se moveram.

Ignorando os robôs imóveis, os jawas levaram para fora os que ainda eram capazes de se locomover, entre eles R2-D2 e C-3PO. Os dois foram colocados em fila com os outros.

Protegendo os olhos contra a claridade, C-3PO examinou as pequenas cúpulas e condensadores que revelavam a presença de uma habitação humana no subsolo. Embora não estivesse familiarizado com este tipo de construção, tudo indicava tratar-se de uma casa modesta. A idéia de ser desmontado ou de trabalhar o resto da vida como escravo em uma mina desapareceu lentamente. C-3PO sentiu as esperanças voltarem.

— Talvez haja uma saída para nós, afinal de contas — murmurou para R2-D2. — Se conseguirmos convencer esses bípedes parasitas a nos deixarem aqui, poderemos trabalhar de novo para os humanos, em vez de sermos transformados em escória.

A única resposta de R2-D2 foi um silvo ambíguo. As máquinas fizeram silêncio quando os jawas começaram a circular no meio delas, tentando

endireitar um pobre robô com a espinha torta, disfarçar uma amassadela aqui, limpar uma peça ali.

Quando dois deles se aproximaram e começaram a limpar-lhe a pele coberta de areia, C-3PO sentiu-se nauseado. Uma das funções que tinha em comum com os humanos era a capacidade de reagir a odores desagradáveis. Aparentemente, os jawas não conheciam nenhum princípio de higiene.

Pequenos insetos circulavam em volta das cabeças dos jawas, que os ignoravam. Aparentemente os insetos eram considerados como uma espécie de apêndice.

C-3PO estava tão distraído observando os jawas que não notou que duas pessoas haviam saído da cúpula maior e estavam-se encaminhando para eles. R2-D2 teve que bater-lhe de leve no braço para que olhasse.

O primeiro homem tinha um ar de perpétua exaustão gravado no rosto por muitos anos de luta contra um ambiente hostil. Os cabelos grisalhos estavam em desalinho. A poeira estava incrustada indelevelmente em seu rosto, em suas roupas, em suas mãos e em seus pensamentos. Mas o corpo ainda era forte.

Franzino em comparação com o tio, Luke caminhava com os ombros curvados, parecendo mais desanimado do que cansado. Estava imerso em pensamentos, mas estes nada tinham que ver com agricultura. Pensava no que fazer do resto da vida, e na decisão que seu melhor amigo havia tomado, de partir do planeta para uma vida mais perigosa e mais compensadora.

O tio de Luke parou diante das máquinas e iniciou um curioso diálogo com o chefe dos jawas. Quando queriam, os jawas eram capazes de se fazerem compreender.

Luke ficou parado ao lado do tio, escutando a conversa com indiferença. Então acompanhou o tio quando este começou a inspecionar as máquinas,

parando apenas para murmurar uma palavra ocasional para o sobrinho. Era difícil prestar atenção, embora Luke soubesse que devia estar aprendendo.

— Luke... oh, Luke! — chamou alguém. Afastando-se do grupo no momento em que o chefe dos jawas enumerava as virtudes incomparáveis das máquinas e o tio reagia com um sorriso de escárnio, Luke caminhou até a entrada da casa subterrânea e olhou para baixo.

Uma mulher corpulenta estava arrumando algumas plantas decorativas. Olhou para Luke.

— Diga a Owen que, se comprar um tradutor, deve escolher um que fale bocce, Luke.

Luke olhou por cima do ombro para a triste coleção de máquinas cansadas.

— Parece que não temos muita escolha — observou. — Mas pode deixar que vou dar o recado.

Despedindo-se com um sorriso, voltou para onde estava o tio.

Aparentemente, Owen Lars já havia tomado uma decisão, escolhendo

um pequeno robô para trabalhos de agricultura. Tinha uma forma parecida com a de R2-D2, mas seus braços múltiplos podiam executar várias tarefas diferentes. Obedecendo a um comando do jawa, o robô saiu da fila e seguiu atrás de Owen.

Chegando ao final da fila, o fazendeiro franziu os olhos ao deparar com a pele suja de areia mas ainda reluzente do elegante C-3PO.

— Acho que sei o que você faz — rosnou para o robô. — Entende de etiqueta?

— Se entendo de etiqueta? — repetiu C-3PO, enquanto o fazendeiro o examinava de cima a baixo. Em matéria de dourar a pílula, C-3PO estava disposto a suplantar os jawas. — Se entendo de etiqueta! Ora, é a minha função principal. Eu também sou muito bom para...

— Não preciso de um robô de etiqueta — observou secamente o fazendeiro.

— Claro que não — concordou, rapidamente, C-3PO. — Compreendo perfeitamente sua posição. Em um clima como este, quem precisa de etiqueta? Para alguém dos seus interesses, um robô de etiqueta seria dinheiro jogado fora. Não senhor... versatilidade é o meu nome. VeC-3PO...

Vê de versatilidades... às suas ordens. Fui programado para mais de trinta funções secundárias, de modo que...

— O que preciso — interrompeu o fazendeiro, demonstrando um desinteresse total pelas funções secundárias ainda não enumeradas de C-3PO — é de um robô que saiba alguma coisa a respeito da linguagem binária dos condensadores programáveis.

— Condensadores! Nós dois estamos com sorte — replicou C-3PO. —

Já trabalhei em programação de guindastes. Os mecanismos e a estrutura lógica são muito parecidos com os dos seus condensadores. Na verdade, as diferenças são tão pequenas que...

Luke bateu no ombro do tio e sussurrou-lhe alguma coisa no ouvido. O tio assentiu e olhou de novo para C-3PO.

— Você sabe falar bocce?

— Naturalmente — respondeu C-3PO, satisfeito por poder finalmente responder com inteira honestidade. — É como uma segunda língua para mim. Falo bocce tão bem quanto...

O fazendeiro parecia decidido a não permitir jamais que ele concluísse uma frase.

— Cale a boca. — Owen Lars olhou para o jawa. — Fico com este, também.

— Já estou calado, senhor — respondeu C-3PO depressa, procurando esconder a alegria que sentia por ter sido escolhido.

— Leve-os para a garagem, Luke — disse o tio. — Quero ver os dois limpos até a hora do jantar.

Luke olhou de soslaio para o tio.

— Mas eu ia até a estação de Tosche buscar os novos conversores e...

— Não minta para mim, Luke — advertiu o tio severamente. — Não me incomode de que você perca tempo com seus amigos vadios, mas o trabalho vem em primeiro lugar. Agora mãos à obra... e quero ver tudo pronto antes do jantar.

Luke baixou os olhos e voltou-se para C-3PO e o pequeno robô agrícola. Sabia que não adiantava discutir com o tio.

— Sigam-me, vocês dois.

Os três se dirigiram para a garagem, enquanto Owen começava a discutir o preço com o jawa.

Outros jawas estavam levando as máquinas restantes de volta para o veículo quando uma delas soltou um silvo quase patético. Luke voltou-se a tempo de ver R2-D2 sair da fila e correr em sua direção. Foi imediatamente contido por um jawa, que acionou um dispositivo de controle ligado ao disco que havia sido implantado no corpo do robô.

Luke examinou o robô com curiosidade. C-3PO começou a dizer

alguma coisa, considerou as circunstâncias e mudou de idéia. Permaneceu calado, olhando fixamente para o horizonte.

Um minuto depois, alguma coisa caiu no chão ao lado de Luke.

Olhando para baixo, o rapaz viu que o topo da cabeça do robô agrícola estava faltando. A máquina começou a fazer um ruído estranho. Segundos depois, vários componentes internos estavam espalhados no solo arenoso.

Abaixando-se, Luke olhou para dentro do autômato e gritou:

— Tio Owen! O servomotor central do robô agrícola ficou louco. Veja...

— Enfiou a mão, tentando ajustar a peça, mas retirou-a depressa quando a máquina começou a soltar fagulhas. O cheiro de isolamentos queimados e circuitos corroídos encheu o ar puro do deserto com um odor pungente de morte mecânica.

Owen Lars fuzilou o jawa com os olhos.

— Que lixo é este que você está tentando empurrar-me?

O jawa respondeu em tom indignado, dando ao mesmo tempo vários passos para trás. Preocupava-o o fato de que o homem estava entre ele e a segurança do veículo.

Enquanto isso, R2-D2 havia conseguido afastar-se do grupo de máquinas que estavam sendo levadas de volta para a fortaleza móvel, enquanto os jawas prestavam atenção na discussão entre o chefe e o tio de Luke.

Como seus braços não eram suficientemente compridos para acenar, R2-D2 decidiu soltar um silvo agudo, que interrompeu assim que percebeu que havia atraído a atenção de C-3PO.

Batendo de leve no ombro de Luke, o alto robô sussurrou-lhe no ouvido, em tom conspiratório:

— Se me permite, senhor, aquele R2-D2 é um ótimo negócio. Está como novo. Aquelas criaturas não fazem idéia de quanto vale. Não se deixe enganar por toda aquela areia e poeira.

Luke estava acostumado a tomar decisões instantâneas — para o melhor ou para o pior.

— Tio Owen! — gritou.

Interrompendo a discussão, o tio olhou rapidamente para ele. Luke apontou para R2-D2.

— Não queremos criar confusão. Que tal trocarmos este por aquele? —

indagou o rapaz, mostrando o robô agrícola enguiçado.

Owen examinou R2-D2 com olhos de entendido, depois voltou-se para os jawas. Embora fossem covardes por natureza, os pequenos abutres do deserto às vezes *podiam* reagir. E o veículo deles era suficientemente pesado para causar um estrago considerável.

Tomando uma decisão, Owen reiniciou a discussão apenas para não dar o braço a torcer, antes de concordar com cara amarrada. O chefe dos jawas concordou relutantemente com a troca, e os dois suspiraram mentalmente de alívio por terem evitado um confronto direto. Enquanto Owen pagava o preço combinado, Luke levava os dois robôs para uma abertura no chão. Segundos depois, estavam descendo por uma rampa protegida da areia por repulsores eletrostáticos.

— Não consigo entender — murmurou C-3PO para R2-D2 — por que arrisquei meu pescoço por você, que só me traz problemas.

A rampa terminava em uma garagem, que estava cheia de ferramentas e máquinas agrícolas desmontadas. Muitas pareciam bastante gastas, algumas praticamente inutilizadas. Mas a luz artificial era reconfortante para os dois robôs, e o aposento prometia uma tranquilidade que as duas máquinas não experimentavam há muito tempo. Perto do centro da garagem havia um grande tanque, e o aroma que saía dele era um perfume delicioso para os sensores olfativos de C-3PO.

Luke sorriu, notando a reação do robô.

— Isso mesmo, é um tanque de óleo — examinou o robô com um olhar crítico. — E ao que parece, *você* devia ficar dentro dele durante uma semana. Mas vai ter que se contentar com uma tarde. — Então Luke voltou

sua atenção para R2-D2, abrindo um painel no corpo do pequeno robô que escondia vários indicadores. — Quanto a você — prosseguiu, com um



assovio de surpresa — não sei como ainda está andando. Também, os jawas detestam gastar mais energia do que o absolutamente necessário.

Hora de recarregar. — Fez um gesto em direção a uma grande unidade de força.

R2-D2 acompanhou o gesto de Luke, soltou um silvo agudo e se aproximou do aparelho. Depois de encontrar a tomada apropriada, abriu um painel e enfiou os três pinos na cabeça.

C-3PO se havia aproximado do grande tanque, que estava cheio quase até a borda com um perfumado óleo de limpeza. Com um suspiro praticamente humano, mergulhou lentamente no tanque.

— Vocês dois se comportem — advertiu Luke, encaminhando-se para um aerociclo de dois lugares. A pequena espaçonave suborbital estava estacionada em um canto da garagem-oficina. — Tenho trabalho a fazer.

Infelizmente, os pensamentos de Luke ainda estavam concentrados no último encontro com Biggs, de modo que horas depois ainda não havia feito praticamente nada. Pensando na partida do amigo, Luke estava acariciando o leme esquerdo danificado do aerociclo, o leme que havia avariado enquanto perseguia um caça imaginário em um tortuoso desfiladeiro, acabando por raspar em uma pedra saliente.

De repente, alguma coisa explodiu dentro de Luke. Com violência inusitada, atirou longe uma chave inglesa.

— Não é justo! — declarou, para ninguém em particular. Baixou a voz, desconsolado. — Biggs tem razão. Nunca vou sair daqui. Ele vai participar de uma revolução contra o Império, e eu estou preso nesta droga de fazenda.

— Com licença, senhor.

Luke virou a cabeça, assustado, mas era apenas o robô mais alto, C-3PO. Sua aparência havia mudado consideravelmente. A liga cor de bronze parecia como nova, depois do banho de óleo.

— Posso fazer alguma coisa para ajudar? — perguntou o robô, solicitamente.

Luke olhou para a máquina e percebeu que sua raiva havia diminuído.

Não adiantava gritar desaforos para um robô.

— Duvido muito — respondeu — a menos que você possa mudar o clima e apressam a colheita. Ou me teletransportar para longe deste planeta poeirento, debaixo do nariz de Tio Owen.

Mesmo um robô sofisticado nem sempre é capaz de perceber quando um humano está sendo irônico, de modo que C-3PO considerou a pergunta objetivamente antes de responder:

— Acho que não, senhor. Sou apenas um andróide de terceira classe e não sei muita coisa a respeito de física transatômica. — De repente, os acontecimentos dos dois últimos dias pareceram voltar à tona. — Na verdade, senhor — prosseguiu C-3PO, olhando em torno com novos olhos

— nem mesmo sei em que planeta estou.

Luke riu sardonicamente.

— Se existe uma zona elegante do Universo, você está muito longe dela.

— Sim, Sr. Luke.

O rapaz sacudiu a cabeça, irritado.

— Esqueça o “senhor”... chame-me apenas de Luke. E o nome deste planeta é Tatooine.

C-3PO assentiu.

— Obrigado, S... Luke. Meu nome é C-3PO, especialista em relações homem-robô. — Fez um gesto casual em direção à unidade de força. —

Aquele é o meu amigo R2-D2.

— Prazer em conhecê-lo, C-3PO — disse Luke, amavelmente. — Você também, R2-D2.

Atravessando a garagem, o rapaz olhou para um indicador no painel frontal da máquina e deu um murmúrio de satisfação. Quando estava desligando o fio de alimentação, viu uma coisa que o fez franzir a testa e aproximar-se mais.

— Alguma coisa errada, Luke? — perguntou C-3PO. Luke foi até um armário de ferramentas e escolheu um pequeno instrumento com várias pontas.

— Ainda não sei, C-3PO.

Voltando à unidade de força, Luke curvou-se e começou a raspar a cabeça de R2-D2 com uma das pontas da ferramenta. De vez em quando, virava a cabeça para proteger-se dos pedacinhos de metal corroído que voavam para o ar.

C-3PO ficou observando com interesse o trabalho de Luke.

— O metal foi fundido em alguns pontos. Parece que vocês dois passaram por maus pedaços.

— É verdade, senhor — admitiu C-3PO, esquecendo-se das recomendações de Luke. Mas desta vez o rapaz estava distraído com outra coisa e não o corrigiu. — Às vezes, fico espantado de termos escapado quase ilesos. — E acrescentou, pensativo, enquanto ainda procurava esquivar-se à pergunta de Luke: — Afinal, com a revolução e tudo...

A despeito de sua cautela, C-3PO teve a impressão de que havia dito algo que não devia, pois os olhos de Luke brilharam instantaneamente.

— Você sabe que existe uma revolução contra o Império? —  
perguntou.

— De certa forma — confessou C-3PO com relutância — estamos aqui graças à revolução. Somos refugiados, sabe? — Ele não disse refugiados

de onde.

— *Refugiados!* Então eu vi uma batalha espacial — falou Luke, excitado. Diga-me onde estava. Conte-me tudo que viu. Como vai a revolução? O Império está preocupado? Viu muitas naves serem

destruídas?

— Mais devagar, por favor — suplicou C-3PO. — O senhor não compreendeu bem. Éramos espectadores inocentes. Na verdade, nunca tivemos nada que ver com a revolução. Quanto a batalhas, estivemos em várias, penso eu. É difícil de dizer, quando não se está em contato direto com o sistema de tiro. Fora isso, não tenho muito para contar. Lembre-se, senhor, de que sou pouco mais do que um intérprete. Não fui fabricado para contar histórias, e muito menos para enfeitá-las. Sou uma máquina muito literal.

Luke afastou-se, desapontado, e continuou a limpar R2-D2. Depois de esfregar um pouco mais, descobriu uma coisa curiosa. Um pequeno fragmento metálico estava alojado firmemente entre duas peças que normalmente estariam em contato. Largando o pequeno instrumento, Luke foi buscar uma ferramenta maior.

— É, meu amiguinho — murmurou — essa coisa está dura de tirar. —

Enquanto fazia força, Luke voltou para C-3PO. — Você estava em um cargueiro estelar ou...

O fragmento de metal se soltou de repente e Luke caiu sentado no chão. O rapaz se pôs de pé e abriu a boca para soltar um palavrão... mas ficou parado, estático.

A cabeça de R2-D2 começou a brilhar, projetando uma imagem tridimensional com menos de trinta centímetros de lado, mas definida com precisão. A cena que se formou dentro deste cubo era tão exótica que em dois minutos Luke descobriu que estava sufocando, porque tinha-se esquecido de respirar.

A despeito de sua nitidez superficial, a imagem piscava e tremia, como se a gravação tivesse sido feita e instalada às pressas. Luke olhou para as cores estranhas que estavam sendo projetadas na atmosfera prosaica da garagem e começou a formular uma pergunta, mas não chegou a terminá-

la. Os lábios da imagem se moveram e a mulher falou — ou por outra, pareceu falar. Luke sabia que a trilha sonora estava sendo gerada em alguma parte do corpo de R2-D2.

— Velhi-ban Kenobi — implorou a voz roucamente. — Ajude-me! O

senhor é a única esperança que me resta! — Um surto de estática fez desaparecer temporariamente a imagem. Então ela se firmou de novo e a voz repetiu: — Velhi-ban Kenobi, o senhor é a única esperança que me resta.

O holograma continuou. Luke ficou imóvel por muito tempo, pensando no que estava vendo, depois piscou e dirigiu-se para R2-D2.

— O que quer dizer tudo isso, R2-D2?

O pequeno robô mudou ligeiramente de posição, fazendo mover o retrato cúbico com ele, e respondeu com um tímido zumbido. C-3PO

parecia tão surpreso quanto Luke.

— O que é isso? — perguntou incisivamente, apontando para o retrato falado e depois para Luke. — Você ouviu a pergunta. O que é isso? Como está sendo gerado, e por quê?

R2-D2 soltou um silvo de surpresa, como se tivesse acabado de notar a existência do holograma. Mas prosseguiu com uma torrente de informações eletrônicas.

C-3PO digeriu os dados, tentou franzir o cenho, não conseguiu, e procurou transmitir a própria confusão através do tom de voz.

— Ele insiste em que não é nada, senhor. Apenas um defeito... dados antigos. Uma fita que devia ter sido apagada há muito tempo. Nada de

importante. Pede para esquecermos o incidente.

Era como dizer a Luke para ignorar um oásis no meio do deserto.

— Quem é ela? — perguntou o rapaz, olhando extasiado para o holograma. — Como é linda!

— Juro que não sei quem é — disse C-3PO, com toda a honestidade. —

Talvez uma passageira em nossa última viagem. Pelo que me lembro, levávamos uma mulher muito importante. Talvez tenha alguma coisa que ver com o fato de que nosso capitão era adido do...

Luke interrompeu-o, saboreando a forma como os lábios sensuais repetiam a frase.

— A gravação é só isso? Parece que está incompleta. Luke aproximou-se de R2-D2. O robô recuou e emitiu assovios tão frenéticos que Luke hesitou e desistiu de mexer nos controles internos do robô. C-3PO estava chocado.

— Comporte-se, R2-D2 — disse finalmente para o companheiro, em tom de censura. — Está criando problemas para nós dois. — E imaginou que Luke se havia aborrecido com eles e os devolveria aos jawas, o que foi suficiente para fazê-lo estremecer.

— Ele agora é o nosso amo — disse C-3PO, apontando para Luke.

— Pode confiar nele. Sei que não vai deixar que nada de mal nos ocorra.

Dedois pareceu hesitar. Então emitiu um verdadeiro concerto de silvos e chiados para o amigo.

— Então? — perguntou Luke, impaciente. C-3PO pensou um pouco antes de responder.

— Ele está dizendo que é propriedade de um certo Velhi-ban Kenobi, que reside neste planeta. Na verdade, mora perto daqui. O fragmento que estamos vendo e ouvindo é parte de uma mensagem particular para esta

pessoa. — C-3PO sacudiu a cabeça lentamente. — Sinceramente, senhor, não sei do que R2-D2 está falando. Nosso último amo foi o Capitão Colton.

Nunca ouvi R2-D2 falar de um outro senhor, e muito menos desse tal Velhi-ban Kenobi. Mas depois de tudo que passamos — concluiu, em tom de quem pede desculpas — pode ser que os circuitos lógicos do meu amigo estejam meio confusos. Às vezes ele se comporta de uma forma decididamente estranha.

E enquanto Luke procurava assimilar as novas informações, C-3PO aproveitou a oportunidade para dirigir ao amigo um olhar furioso.

— Velhi-ban Kenobi — repetiu Luke, pensativo. De repente, seu rosto se iluminou. — Ei... pode ser que ele esteja falando do Velho Ben Kenobi.

— Desculpe, senhor — interveio C-3PO, espantado — mas realmente conhece uma pessoa com este nome?

— Não exatamente — admitiu o rapaz. — Não conheço ninguém chamado Velhi-ban... mas o Velho Ben vive na orla do Campo de Dunas de Oeste. É um tipo excêntrico... um eremita. Tio Owen e outros fazendeiros dizem que é um feiticeiro. — Uma vez ou outra ele vem à cidade para comprar mantimentos. Mas nunca conversei com ele. Na verdade, meu tio o evita. — Luke fez uma pausa e olhou de novo para o pequeno robô. — Mas pelo que sei, o Velho Ben nunca teve nenhum robô.

O olhar de Luke foi atraído irresistivelmente para o holograma.

— Quem será? Deve ser importante... especialmente se o que você me disse for verdade, C-3PO. Parece que ela está em perigo. Talvez a mensagem *seja* importante. Temos que ouvir o resto.

Luke estendeu novamente a mão para os controles internos de R2-D2, e o robô recuou de novo, soltando um uivo de medo.

— Está dizendo que existe um pino que mantém alguns componentes desligados — traduziu C-3PO. — Se o senhor remover o pino, talvez ele possa repetir toda a mensagem — concluiu. Quando Luke continuou a olhar para a imagem, como se estivesse hipnotizado, C-3PO acrescentou, bem alto: — *Senhor!* Luke acordou.

— Quê... ? Oh, sim.

Depois de pensar um pouco na sugestão, aproximou-se e olhou para dentro do robô. Desta vez R2-D2 não se mexeu.

— Acho que já vi onde está. Mas não consigo imaginar para quê alguém mandaria uma mensagem para o Velho Ben.

Depois de escolher a ferramenta apropriada, Luke enfiou a mão dentro do robô e extraiu o pino. Imediatamente, a imagem desapareceu.

Luke recuou.

— Pronto. — Esperou alguns instantes, e nada de o holograma voltar.

— Para onde ela foi? — perguntou Luke, finalmente. — *Traga-a* de volta.

Passe a mensagem completa, R2-D2.

O robô soltou um chiado inocente. C-3PO parecia embaraçado e nervoso ao traduzir.

— Ele disse: "Que mensagem?" — Ignorando Luke, o robô voltou-se zangado para o amigo. — Que mensagem? Você sabe que mensagem! Acaba de passar um fragmento dela para nós! A mensagem que está escondendo em suas entranhas enferrujadas, seu boneco de lata!

R2-D2 limitou-se a zumbir baixinho consigo mesmo.

— Sinto muito, senhor — disse C-3PO, lentamente. — Mas parece que ele sofreu uma pane nos circuitos de memória. Talvez se nós...

Uma voz vinda do corredor o interrompeu.



— Luke! Luke! O jantar está na mesa!

Luke hesitou, depois levantou-se e olhou para a porta.

— Está bem — gritou. — Já vou, Tia Beru! — Baixou a voz para falar com C-3PO. — Veja o que pode fazer com ele. Não vou demorar.

Jogando o pino recém removido em cima da bancada, saiu apressadamente da garagem.

Assim que o rapaz se foi, C-3PO voltou-se para o companheiro.

— É melhor passar toda a gravação para ele — rosnou, com um gesto significativo em direção a uma pilha de peças de máquinas. — Caso contrário, ele pode pegar de novo aquela ferramenta e sair procurando a gravação dentro de você. E talvez não tome muito cuidado com o que está cortando, se achar que você está escondendo alguma coisa dele.

R2-D2 soltou um assovio queixoso.

— A verdade — concordou — C-3PO. — Acho que não gosta de você C-3PO respondeu ao segundo assovio, no mesmo tom sério. — Tem

razão, eu também não gosto de você.

## IV

TIA BERU estava enchendo uma jarra com um líquido azul que havia tirado da geladeira. Detrás dela, da sala de jantar, vinha o som de uma discussão acalorada.

Tia Beru deu um suspiro fundo. As discussões entre o marido e Luke na hora das refeições estavam ficando cada vez mais desagradáveis, à medida que as ambições do rapaz o afastavam da agricultura, coisa com que Owen, um convicto homem do campo, absolutamente não concordava.

Devolvendo o recipiente de leite à geladeira, Beru colocou a jarra em uma bandeja e voltou à sala de jantar. Não era uma mulher brilhante, mas compreendia intuitivamente a importância de seu papel na casa.

Funcionava como as barras de cádmio de um reator nuclear. Enquanto estivesse presente, Owen e Luke continuariam a gerar um bocado de energia, mas se ficasse longe deles por muito tempo... *bum!*

Beru entrou na sala. Imediatamente, os dois homens baixaram o tom de voz e mudaram de assunto. Beru fingiu que não havia notado a mudança.

— Acho que R2-D2 pode ter sido roubado, Tio Owen — disse Luke, como se estivessem conversando a respeito há muito tempo.

O tio estendeu a mão para a jarra de leite e respondeu com a boca cheia de comida.

— Os jawas não têm nenhum respeito pela propriedade alheia, Luke, mas não se esqueça também de que têm medo da própria sombra. Para roubarem alguém diretamente, teriam que pensar nas consequências de serem perseguidos e punidos. Teoricamente, não seriam capazes de encarar esta possibilidade. O que faz você pensar que o andróide foi roubado?

— Em primeiro lugar, está em muito bom estado para ter sido jogado fora. E produziu um holograma enquanto eu estava limpando sua... — Luke percebeu com horror que havia falado demais. Apressou-se em acrescentar: — Mas nada disto é importante. O fato é que ele mesmo disse que seu dono se chama Velhi-ban Kenobi.

Talvez alguma coisa na comida, ou mesmo no leite, tenha feito Owen engasgar. Por outro lado, talvez fosse uma forma de Owen exprimir o que pensava a respeito da pessoa mencionada. Fosse como fosse, continuou a comer sem olhar para o sobrinho.

Luke fingiu ignorar a reação do tio.

— Pensei — continuou, impávido — que talvez se tratasse do Velho Ben. O primeiro nome é diferente, mas o sobrenome é o mesmo.

Quando o tio se conservou teimosamente em silêncio, Luke perguntou-lhe diretamente.

— O *senhor* sabe de que ele estava falando, Tio Owen?

Surpreendentemente, o tio parecia mais embaraçado do que zangado.

— Não é nada — murmurou, evitando encarar Luke. — Um nome do passado. — Torceu-se nervosamente no assento. — Um nome que só pode trazer problemas.

Luke recusou-se a reconhecer a advertência implícita e continuou a pressioná-lo.

— Então é algum parente do Velho Ben? Pensei que ele fosse sozinho no mundo.

— Fique longe daquele velho feiticeiro, ouviu bem? — explodiu o tio, trocando a lógica pela ameaça.

— Owen... — tentou intervir Tia Beru, mas o fazendeiro a interrompeu imediatamente.

— Isto é muito importante, Beru. — Voltou-se para o sobrinho. — Já lhe falei várias vezes a respeito de Kenobi. É um velho maluco, perigoso e cheio de maldade. Não quero nada com ele.

O olhar suplicante de Beru o fez acalmar-se um pouco.

— O andróide não tem nada a ver com ele. Não pode ter — murmurou o velho, quase para si mesmo. — Uma gravação... hum! Pois amanhã quero que você leve R2-D2 para Anchorhead e mande apagar a memória dele. —

Owen empunhou o garfo com determinação. — Assim acabamos com toda esta bobagem. Não me interessa de onde a máquina pensa que veio. Paguei um bom dinheiro por ela, e agora nos pertence.

— Mas e se for verdade o que ela diz? — insistiu Luke. — E se esse tal de Velhi-ban vier buscar o andróide?

Uma lembrança fez o rosto do tio assumir uma expressão que era um misto de tristeza e escárnio.

— Ele não virá. Esta pessoa não existe mais. Morreu na mesma época que seu pai. — Owen brandiu o garfo como se fosse uma arma. — Agora, esqueça o caso.

— Então *existiu* um Velhi-ban — murmurou Luke, de olhos baixos. E acrescentou lentamente: — Ele conhecia meu pai?

— Já disse para você esquecer o caso! — exclamou Owen. — O

importante é que esses dois andróides estejam prontos para trabalhar amanhã. Não se esqueça de que empatei neles o que restava de nossas economias. Não os teria comprado se não faltasse tão pouco tempo para a colheita. Amanhã de manhã, quero que você os leve para trabalhar com as máquinas de irrigação, no campo sul.

— O senhor sabe — observou Luke, pensativo — acho que esses robôs foram uma ótima compra. Na verdade, eu... — hesitou, olhando de soslaio para o tio —... eu estava pensando na minha promessa de ficar na fazenda até o ano que vem. — O tio não teve nenhuma reação, de modo que Luke prosseguiu rapidamente, antes de perder a coragem. — Se esses robôs derem conta do recado, quero matricular-me já na Academia, para começar o ano que vem.

Owen fez uma careta.

— Você quer dizer matricular-se o ano que vem... depois da colheita.

— Mas com a ajuda de mais dois robôs, o senhor não vai precisar de mim!

— Robôs não substituem um homem, Luke. Você sabe disso. E é na época da colheita que preciso mais de você. Espere só até o ano que vem. —

E baixou os olhos, com uma expressão magoada.

Luke ficou brincando com a comida, sem comer, sem dizer nada.

— Escute — argumentou o tio — pela primeira vez, temos a chance de ganhar um bom dinheiro. Teremos o suficiente para» contratar empregados

para as próximas colheitas. Então você pode ir para a Academia. —

Procurou as palavras, pois não tinha o hábito de pedir nada a ninguém. —

Preciso de você aqui, Luke. Você compreende, não é?

— É mais um ano — objetou o sobrinho, teimosamente. — *Mais um ano.*

Quantas vezes eles haviam tido essa mesma discussão? Quantas vezes haviam repetido a mesma cena, com o mesmo resultado?

Convencido mais uma vez de que Luke acabaria por aceitar seus argumentos, Owen minimizou a objeção.

— O tempo vai passar depressa, você vai ver.

De repente, Luke se levantou, empurrando para o lado o prato de comida ainda cheio.

— Foi o que o senhor disse o ano passado, quando Biggs partiu. — E encaminhou-se para a porta a passos rápidos.

— Aonde você vai, Luke? — gritou a tia, preocupada. O rapaz respondeu com amargura:

— Parece que não vou para lugar nenhum. — Mas acrescentou, para não magoar a tia: — Tenho que acabar de limpar aqueles andróides.

Começam a trabalhar amanhã de manhã.

Um pesado silêncio tomou conta da sala depois que Luke partiu.

Marido e mulher comiam mecanicamente. Afinal, Tia Beru parou de remexer a comida no prato, olhou para Owen e disse em tom incisivo:

— Owen, você não pode mantê-lo aqui para sempre. Quase todos os amigos de Luke já se foram. A Academia significa tanto para ele...

O marido respondeu com indiferença:

— Só pedi para ele esperar até o ano que vem. Até lá teremos dinheiro.

Ou talvez no outro ano...

— Luke não é um fazendeiro, Owen — continuou ela, com firmeza. —

E nunca será, por mais que você insista. — Sacudiu a cabeça, lentamente.

—

É muito parecido com o pai.

Pela primeira vez em todo o episódio, o rosto de Owen assumiu uma expressão pensativa. Olhando para a porta por onde Luke havia saído, falou:

— É disso que tenho medo, Beru.

Luke havia subido para a superfície. Estava de pé no solo arenoso, apreciando o duplo crepúsculo, os sóis gêmeos de Tatooine desaparecendo lentamente, um após o outro, atrás de um distante campo de dunas. As areias ficaram douradas, depois avermelhadas, antes que a noite fizesse adormecer as cores vivas até o dia seguinte. Em breve, pela primeira vez em muito tempo, essas areias estariam cobertas de plantas. Haveria uma erupção de verde no solo desértico.

O pensamento deveria ter feito Luke sentir um frêmito de satisfação.

Deveria sentir-se tão entusiasmado quanto o tio, quando descrevia a colheita próxima. Em vez disso, Luke não sentia nada a não ser indiferença.

Nem mesmo a possibilidade de ganhar muito dinheiro pela primeira vez na vida o animava. O que faria com o dinheiro em Anchorhead, ou em qualquer outro lugar de Tatooine?

A verdade era que Luke se sentia cada vez mais inquieto, cada vez mais ansioso por buscar seus próprios caminhos. Esta não era uma sensação

incomum em rapazes de sua idade, mas por motivos que o próprio Luke não podia compreender, era muito mais forte nele do que em qualquer de seus amigos.

Quando a noite fria tomou conta do deserto, Luke sacudiu a poeira das calças e desceu para a garagem. Talvez o trabalho com os andróides o fizesse esquecer momentaneamente o remorso que sentia. Ao entrar na garagem, não viu sinais de movimento. Nenhuma das duas máquinas novas estava à vista. Franzindo ligeiramente a testa, Luke tirou do cinto uma pequena caixa de controle e ligou uma chave.

A caixa soltou um zumbido. O zumbido atraiu o maior dos dois robôs, C-3PO. Estava escondido atrás do aerociclo.

Luke se aproximou dele, espantado.

— O que está fazendo escondido aí?

O robô contornou a proa do veículo, aos tropeções, parecendo muito agitado. Luke reparou que embora tivesse ligado o dispositivo de chamada, ainda não havia sinal de R2-D2.

C-3PO tentou explicar a razão da ausência do outro.

— Não foi culpa minha — disse o robô, em tom de súplica. — Por favor, não me desligue! Pedi para ele ficar, mas está com defeito. Tem que estar. Alguma coisa muito séria aconteceu com os circuitos lógicos do R2-D2. Só dizia que tinha uma missão a cumprir. Nunca tinha visto antes um robô com ilusões de grandeza. E R2-D2 não é uma máquina sofisticada, senhor. Mas mesmo assim...

— Então...

— Sim senhor. Ele foi embora.

— E fui eu mesmo que retirei o pino de controle — murmurou Luke. Já podia imaginar a reação do tio. Havia gasto as últimas economias nos dois andróides, dissera ele.

Luke correu para fora da garagem, seguido de perto por C-3PO.

De uma pequena elevação próxima, Luke podia ter uma visão

panorâmica do deserto. Tirando do cinto os preciosos macrobinóculos, esquadrinhou o horizonte à procura de um vulto pequeno, metálico, de três pernas.

C-3PO escalou a duna com dificuldade para colocar-se ao lado de Luke.

— Esses R2-D2 só me têm causado problemas — resmungou.

Luke finalmente baixou os binóculos.

— Nem sinal dele — comentou. Deu um chute na areia, furioso. —

Bolas! Como pude ser estúpido a ponto de retirar aquele pino? Tio Owen vai-me matar!

— Se me permite, senhor — interveio C-3PO, imaginando um deserto cheio de jawas — por que não vamos atrás dele?

Luke estudou por um momento a escuridão do deserto.

— Não à noite. Seria muito perigoso. Não estou pensando nos jawas, mas nos tuskens... não, não podemos segui-lo no escuro. Vamos ter que esperar até amanhã.

Alguém gritou de dentro da casa.

— Luke! Luke, já acabou de limpar os andróides? Vou desligar o gerador.

— Está bem! — respondeu Luke, ignorando a pergunta. — Já vou descer, Tio Owen! — Voltando-se, olhou pela última vez para o horizonte distante. — Desta vez, eu me meti numa boa! — resmungou — Aquele robô ainda vai-me dar muita amolação.

— Oh, ele é especialista nisso, senhor — confirmou C-3PO, em tom de brincadeira.



Luke lançou-lhe um olhar de censura, e os dois desceram juntos para a garagem.

— Luke... Luke! — Esfregando os olhos pesados de sono, Owen olhou de um lado para outro, espreguiçando-se. — Onde estará aquele

imprestável? — disse para si mesmo em voz alta, quando não houve resposta. Não havia sinal de movimento na casa. — Luke! — chamou novamente.

*Luke, luke, luke.* . O nome ecoou irritantemente nas paredes.

Desistindo, voltou para a cozinha, onde Beru estava preparando o desjejum.

— Você viu Luke esta manhã? — perguntou, da forma mais calma que pôde.

A mulher olhou rapidamente para ele, depois continuou a preparar a comida.

— Vi, sim. Ele falou que tinha algumas coisas para fazer antes de ir para o campo sul, de modo que saiu bem cedo.

— Antes do café? — Owen fez uma careta. — Não é do seu feitio. Os novos andróides foram com ele?

— Acho que sim. Tenho certeza de que pelo menos um estava com ele.

— Bem — disse Owen, sentindo um mau pressentimento mas não tendo nenhuma razão palpável para aborrecer-se. — Acho bom ele consertar aqueles evaporadores até o meio-dia, se não vai ouvir umas poucas e boas.

Um rosto protegido por uma máscara de metal branco emergiu da nave de salvamento semi-enterrada que agora era a base de uma duna ligeiramente maior do que as vizinhas. A voz tinha um tom eficiente, mas cansado.

— Nada — disse o soldado para os companheiros. — Nenhuma fita, nenhum sinal de vida.

A informação de que a nave estava vazia fez todos baixarem as armas.

Um dos soldados se voltou e gritou para um oficial que estava um pouco afastado.

— Não há dúvida de que é a nave que saiu do cruzador rebelde, senhor. Mas não há ninguém a bordo.

— No entanto, está praticamente intacta — murmurou o oficial consigo mesmo. — *Poderia* ter aterrado automaticamente, mas se foi ejetada por acidente, o piloto automático estaria desligado. — Alguma coisa não fazia sentido.

— Aqui está por que não havia nenhum sinal de vida — declarou uma voz.

O oficial se aproximou do lugar onde outro soldado estava ajoelhado na areia. O soldado levantou o objeto para que o oficial o examinasse. Tinha um brilho metálico.

— Pele de andróide — observou o oficial, depois de um exame rápido do fragmento. Superior e subordinado trocaram um olhar significativo.

Então, seus olhos se voltaram simultaneamente para as altas montanhas do norte.

O cascalho e a areia fina formavam uma nuvem debaixo do carro de Luke, que corria em linha reta pela vastidão desolada de Tatooine. De vez em quando, o veículo jogava ligeiramente ao encontrar uma depressão ou uma lombada, para voltar a seu curso suave quando o motorista mexia levemente nos controles.

Luke estava recostado no assento, satisfeito com a novidade de dispor de um motorista particular, enquanto C-3PO dirigia com perícia o potente veículo.

— Para uma máquina, você dirige muito bem — observou Luke, com admiração.

— Obrigado, senhor — respondeu C-3PO, orgulhoso, sem desviar os olhos das dunas à frente. — Não estava mentindo para seu tio quando disse que versatilidade era o meu nome. Mais de uma vez tive que desempenhar funções para as quais não fui preparado, em circunstâncias que teriam levado os engenheiros que me projetaram ao desespero.

Alguma coisa estalou atrás deles. O barulho se repetiu.

Luke franziu o cenho e abriu a cúpula do veículo. Debruçando-se para trás, começou a mexer no motor. Depois de alguns instantes, o ruído cessou.

— Que tal? — gritou para o companheiro.

C-3PO fez um sinal de que o motor estava funcionando bem. Luke voltou a seu lugar e fechou a cúpula. Passou a mão pela cabeça, para tirar dos olhos os cabelos despenteados pelo vento, e tornou a olhar para o deserto à frente.

— O Velho Ben Kenobi mora nesta região, ninguém sabe exatamente onde. Mas não vejo como R2-D2 poderia chegar tão longe, tão depressa.  
—

Sua expressão era de desânimo. — Vai ver que já passamos por ele. Poderia estar em qualquer lugar. E Tio Owen já deve estar preocupado. Fiquei de chamá-lo quando chegasse ao campo sul.

C-3PO pensou por um momento e depois disse:

— Será que ajudaria se eu dissesse para ele que foi tudo culpa minha?

Luke pareceu gostar da sugestão.

— Claro... agora ele precisa ainda mais de você. Provavelmente vai apenas desativá-lo por um dia ou dois, ou limpar parcialmente sua memória.

Desativar? Limpar a memória? C-3PO apressou-se em acrescentar:

— Pensando melhor, R2-D2 não teria fugido, se o senhor não tivesse tirado aquele pino.

Mas Luke estava pensando em algo mais importante do que a quem atribuir a culpa do desaparecimento do pequeno robô.

— Espere um minuto — disse para C-3PO, enquanto olhava fixamente para o painel de instrumentos. — O detector de metais captou alguma coisa bem a nossa frente. Não dá para ver o que é a esta distância, mas a julgar pelo tamanho, pode muito bem ser o nosso andróide fugido. Pé na tábua.

O carro deu um salto para a frente quando C-3PO comprimiu o acelerador, mas os ocupantes ignoravam que outros olhos observavam atentamente o veículo enquanto este ganhava velocidade.

Aqueles olhos não eram orgânicos, mas também não eram totalmente mecânicos. Ninguém poderia dizer ao certo o que eram, porque ninguém tivera a oportunidade de examinar de perto os tusken raiders, conhecidos pelos fazendeiros de Tatooine simplesmente como os tuskens.

Os tuskens não permitiam que ninguém se aproximasse deles, desencorajando os observadores em potencial através de métodos tão eficientes quanto brutais. Uns poucos xenologistas achavam que eram parentes dos jawas. Alguns chegavam a sugerir que os tuskens eram na verdade a forma adulta dos jawas, mas esta teoria era rejeitada pela maioria dos cientistas de renome.

As duas raças usavam roupas grossas para se proteger da dose dupla de radiação solar, mas aí terminava a semelhança. Em lugar dos pesados mantos usados pelos jawas, os tuskens se enrolavam como múmias em trapos e tiras de pano.

Enquanto os jawas tinham medo de tudo, os tuskens eram bastante corajosos. Além disso, eram maiores, mais fortes e muito mais agressivos do que os jawas. Felizmente para os colonos humanos de Tatooine, não eram muito numerosos e levavam sua vida nômade nas regiões mais desoladas de Tatooine. Em consequência, os encontros entre humanos e tuskens não eram muito frequentes, e eles não matavam mais do que uma dezena de humanos por ano. Como a população humana já havia também liquidado vários tuskens, nem sempre por motivo justo, existia uma

espécie de trégua entre as partes — pelo menos enquanto nenhuma das duas raças estivesse em vantagem.

Um guerreiro tusken achou que estava momentaneamente em posição vantajosa, e preparava-se para tirar proveito desta posição, apontando cuidadosamente o rifle para o carro que se aproximava. Mas o companheiro segurou a arma pelo cano e apontou-a para baixo antes que o outro tivesse tempo de puxar o gatilho. Isto deu ensejo a uma discussão acalorada entre os dois. E enquanto trocavam impropérios em uma língua que quase só tinha consoantes, o carro passou ileso por eles.

Fosse porque o carro já estivesse fora de alcance, fosse porque o segundo tusken houvesse finalmente convencido o primeiro, os dois encerraram a discussão e tornaram a descer a encosta da colina. Os dois banthas se mexeram, inquietos, quando os donos se aproximaram.

Pareciam dinossauros, com pequenos olhos brilhantes e uma pele grossa e escamosa. Ajoelharam-se, à espera de que os tuskens montassem.

Os tuskens montaram e os banthas se puseram de pé. Movendo-se devagar, mas com passos enormes, as duas criaturas começaram a acompanhar a base da colina, instigados pelos não menos assustadores cavaleiros.

— *É* ele, sim — declarou Luke, com um misto de raiva e satisfação, quando avistou o pequeno robô. O carro fez uma curva e entrou em um desfiladeiro de arenito. Luke apanhou o rifle embaixo do banco e disse para C-3PO:

— Dê a volta e pare na frente dele.

— Sim, senhor.

Era evidente que R2-D2 havia visto o carro, mas não fez qualquer tentativa para escapar. De qualquer forma, não conseguiria correr mais depressa do que o veículo. R2-D2 limitou-se a parar e ficar esperando enquanto o carro descrevia uma curva suave. C-3PO freou bruscamente, levantando uma nuvem de poeira. Então o ruído do motor diminuiu de volume quando C-

3PO colocou o motor em ponto morto. Um último suspiro e o veículo parou completamente.

Depois de percorrer com os olhos o desfiladeiro, Luke saltou, acompanhado por C-3PO, e aproximou-se de R2-D2.

— Para onde pensa que está indo? — perguntou o rapaz, sem rodeios.

O pequeno robô soltou um pequeno silvo, mas quem começou a falar foi C-3PO.

— Você agora pertence ao Sr. Luke, R2-D2. Como teve coragem de abandoná-lo? Agora que o encontramos, não quero mais saber dessa história de "Velhi-ban Kenobi". Não sei onde foi arranjar isso... ou aquele holograma melodramático.

R2-D2 tentou protestar, mas C-3PO estava indignado demais para ser interrompido.

— E não me fale mais de sua missão. Quanta bobagem! Dê-se por feliz se o Sr. Luke não o reduz a pó agora mesmo.

— Também não é caso para isso — disse Luke, um pouco assustado com a fúria de C-3PO. — Vamos... está ficando tarde. — Olhou para os dois sóis, que já estavam alto no céu. — Vamos voltar para casa antes que Tio Owen fique mais zangado ainda.

— Se o senhor permite uma sugestão — disse C-3PO, aparentemente frustrado por pressentir que R2-D2 não iria sofrer nenhuma punição —

acho que devia desativá-lo, para que não tente fugir durante a viagem de volta.

— Não é preciso. Ele vai-se comportar. — Luke olhou severamente para o pequeno andróide. — Espero que tenha aprendido a lição. Agora vamos...

De repente, R2-D2 deu um pulo tão grande que seus pés deixaram o solo, um feito quase impossível, considerando que as três grossas pernas não

havam sido feitas para saltar. O corpo cilíndrico balançava e girava enquanto ele soltava uma sinfonia de uivos, assovios e exclamações eletrônicas.

Luke estava mais impaciente do que alarmado.

— Que foi? O que foi que deu nele agora? — Começava a compreender a razão da animosidade de C-3PO. Também já estava ficando farto dessa máquina imprevisível.

Era evidente que R2-D2 havia conseguido por acaso o holograma da moça e o usara apenas como artifício para convencer Luke a retirar o pino.

Mas assim que os circuitos fossem consertados, daria um ótimo ajudante para os trabalhos do campo. Só que... se a manifestação de R2-D2 não passava de mais uma prova de loucura, por que C-3PO estava olhando em volta, com uma expressão tão preocupada?

— Sr. Luke, R2-D2 está dizendo que várias criaturas desconhecidas estão-se aproximando rapidamente de nós, vindo de sudeste.

Claro que *podia* ser mais uma tentativa de R2-D2 de enganá-los, mas também podia ser verdade. Luke tirou o rifle do ombro e ligou a fonte de alimentação. Examinou o horizonte na direção indicada e não viu nada. Mas os tuskens eram peritos na arte de observar sem serem vistos.

Luke percebeu de repente como estavam longe da fazenda.

— Nunca me afastei tanto da fazenda nesta direção — informou a C-3PO.  
— Por aqui vivem alguns seres muito estranhos. Nem todos foram classificados ainda. \*É melhor considerar qualquer coisa que se mova como um perigo em 'potencial até prova em contrário. É claro que se for uma forma de vida totalmente desconhecida... — A curiosidade o espicaçava. Por outro lado, provavelmente não passava de mais um truque de R2-D2... —

Vamos dar uma olhada — decidiu.

Luke começou a escalar uma duna próxima, mantendo o rifle preparado. Fez um gesto para que C-3PO o seguisse. Ao mesmo tempo, procurou não perder R2-D2 de vista.

Chegando ao topo, colocou-se de bruços e trocou o rifle pelos macrobinóculos. Lá embaixo havia outro desfiladeiro. Percorrendo com os binóculos o fundo do desfiladeiro, Luke deparou de repente com duas formas inconfundíveis. Banthas... e sem cavaleiros!

— Disse alguma coisa, amo? — perguntou C-3PO, chegando com esforço ao pico da duna. Suas pernas não haviam sido feitas para subidas tão íngremes.

— São banthas, sim — murmurou Luke por sobre o ombro, sem se lembrar, na emoção do momento, de que C-3PO talvez não tivesse a mínima idéia do que era um bantha.

Tornou a olhar de binóculo, ajustando ligeiramente o foco.

— Espere... sim, são tuskens. Estou vendo um deles. Alguma coisa escura bloqueou de repente sua visão. Por um momento, pensou que havia uma pedra a sua frente. Irritado, baixou os binóculos e estendeu a mão para mover o objeto. Sua mão tocou uma superfície macia.

Era uma perna envolta em trapos, duas vezes mais grossa do que a perna de Luke. Espantado, olhou para cima... e mais para cima ainda. O

gigante a seu lado não podia ser um jawa. Parecia haver surgido do nada.

C-3PO deu um passo para trás, assustado, e perdeu o equilíbrio. Com os giroscópios zumbindo em protesto, o robô despencou pela encosta da duna. De onde estava, Luke pôde ouvir o ruído da queda, cada vez mais distante.

Ao mesmo tempo, o tusken soltou um grito de fúria e prazer e desferiu um golpe com o pesado machado. A arma de lâmina dupla teria rachado ao meio o crânio de Luke, se este não levantasse o rifle, em um gesto mais



instintivo do que calculado. O rifle desviou o golpe, mas nunca mais poderia fazê-lo de novo. Feito de um pedaço de casco de espaçonave, o imenso machado despedaçou o cano e transformou as delicadas entranhas do rifle em confete metálico.

Luke cambaleou para trás e se viu encurralado à beira de um precipício. O tusken aproximou-se lentamente, o machado levantado acima da cabeça envolta em trapos. Soltou uma gargalhada de gelar o sangue, que o filtro de areia que usava sobre a boca só contribuía para tornar ainda mais inumana.

Luke tentou encarar objetivamente a situação, como havia aprendido na escola. O problema era que a boca estava seca, as mãos tremiam e estava paralisado de medo. Com o tusken a sua frente e uma queda provavelmente mortal às suas costas, uma outra parte do cérebro assumiu o controle e optou pela reação menos penosa. Desmaiou.

Nenhum dos tuskens viu R2-D2 quando o pequeno robô se escondeu em uma pequena caverna perto do carro. Um estava carregando o corpo inerte de Luke. Atirou ao solo o jovem inconsciente, ao lado do carro, e foi juntar-se aos companheiros, que já começavam a saquear o veículo.

Provisões e peças sobressalentes foram jogadas em todas as direções.

De tempos em tempos, a pilhagem era interrompida quando vários deles discutiam ou brigavam por causa de uma peça mais valiosa.

De repente, a atividade cessou, e os tuskens começaram a olhar em todas as direções.

Uma brisa suave soprava no desfiladeiro. Trazido por esta brisa, um grito horrível penetrou no desfiladeiro, ecoando nas paredes de arenito.

Os tuskens permaneceram por um momento onde estavam. Depois, saíram correndo em direção à encosta.

O grito soou de novo, desta vez mais próximo. Os tuskens já estavam quase chegando ao local onde as banthas os esperavam, indóceis,

sacudindo as cordas que os prendiam.

Embora o som não tivesse nenhum significado para R2-D2, o pequeno andróide tentou enfiar-se ainda mais no buraco entre as pedras. A julgar pela forma como os tuskens haviam reagido, alguma coisa monstruosa tinha que estar por trás daquele grito. Alguma coisa monstruosa e assassina, que talvez não tivesse o bom senso de distinguir a matéria orgânica, comestível, de uma pobre máquina indefesa.

Nem mesmo a poeira de sua passagem restava para marcar o local onde os tuskens haviam estado minutos atrás. R2-D2 desligou quase todas as suas funções, tentando minimizar o ruído e a luz, ao mesmo tempo que começava a ouvir o som de passos. Afinal, a criatura apareceu no topo de uma duna próxima...

## V

ERA ALTA, mas não tinha nada de monstruosa. R2-D2 franziu mentalmente o cenho enquanto verificava os circuitos ópticos e reativava as próprias entranhas.

O monstro se parecia muito com um velhinho. Usava uma capa comprida e uma túnica larga, de onde pendiam alguns instrumentos não-identificados. R2-D2 olhou para mais além, mas não viu nenhum sinal de que o homem estivesse sendo perseguido por um monstro de pesadelo.

Pelo contrário, pensou R2-D2, parecia bastante calmo e satisfeito.

Era impossível dizer onde acabava a roupa do recém-chegado e onde começava o corpo. A pele crestada se fundia com o tecido sujo de areia; a barba parecia uma extensão das franjas que lhe cobriam o tórax. Marcas de climas rigorosos que não o desértico, marcas de frio e umidade extremos estavam gravadas naquele rosto castigado. Um nariz aquilino se projetava de uma floresta de rugas e cicatrizes. Os olhos eram azuis e cristalinos. O homem trazia um sorriso nos lábios, e estava olhando para o vulto inerte de Luke com os olhos semicerrados.

Convencido de que os tuskens haviam sido vítimas de algum tipo de alucinação auditiva, ignorando convenientemente o fato de que ele próprio tinha ouvido o estranho grito, e seguro de que o estranho não pretendia fazer mal a Luke, R2-D2 mudou ligeiramente de posição, tentando observar melhor o que se passava. O som produzido por uma pequena pedra estava praticamente no limiar da sensibilidade dos sensores do robô, mas fez com que o homem se voltasse instantaneamente. Olhou diretamente para o esconderijo de R2-D2, com o sorriso ainda nos lábios.

— Você, aí — chamou, em uma voz profunda e surpreendentemente jovial. — Venha cá, amiguinho. Não precisa ter medo.

Havia alguma coisa naquela voz que inspirava confiança. De qualquer forma, era preferível associar-se a um estranho do que permanecer

solitário naquela terra desconhecida. Saindo do esconderijo, R2-D2

encaminhou-se até o local onde estava Luke. O corpo do robô se inclinou para a frente enquanto examinava o rapaz.

Aproximando-se, o velho ajoelhou-se ao lado de Luke e tocou-lhe, primeiro a testa, depois a têmpora, com a palma da mão. Imediatamente, o rapaz começou a se mexer e a balbuciar, como se estivesse sonhando.

— Não se preocupe — disse o velho para R2-D2. — Ele não tem nada.

Como que para confirmar essas palavras, Luke piscou, arregalou os olhos espantado e murmurou:

— O que aconteceu?

— Descanse, filho — aconselhou o velho, sentando-se nos calcanhares.

— Teve um dia cheio. — Novamente o sorriso jovial. — Você tem sorte de ainda estar inteiro.

Luke olhou em volta, até que o olhar se fixou no rosto do velho". Ao reconhecê-lo, ganhou novo alento.

— Ben... tem que ser Ben! — Uma lembrança súbita o fez olhar em volta, assustado. Mas não havia sinal dos tuskens. Luke sentou-se com esforço. — Ben Kenobi... que satisfação ver o senhor!: Levantando-se, o velho percorreu o desfiladeiro com os olhos.

— O deserto de Jundland não é para o viajante solitário. Os tuskens não hesitam em atacar, quando se sentem superiores. — O olhar voltou para o jovem. — Diga-me, rapaz, o que o traz a esta terra desolada?

Luke apontou para R2-D2.

— Este pequeno andróide. Cheguei a pensar que ele estava maluco, afirmando estar à procura do antigo dono. Agora já não penso assim. Nunca vi tamanha devoção em um robô. Nada seria capaz de detê-lo. Diz que pertence a alguém chamado Velhi-ban Kenobi. — Luke observou atentamente o velho, mas não detectou nenhuma reação. — É parente seu?

Meu tio diz que existiu uma pessoa com este nome. Ou será que a memória

do robô está funcionando mal?

Kenobi pareceu estudar a pergunta, coçando distraidamente a barba hirsuta.

— Velhi-ban Kenobi! — repetiu. — Velhi-ban... é um nome que não ouço há muito tempo. Muito tempo mesmo. É estranho.

— Meu tio disse que ele já morreu — adiantou Luke, esperançoso.

— Oh, não — corrigiu Kenobi, sorrindo. — Ainda não, ainda não.

Luke se pôs de pé, ansioso, esquecido por completo dos tuskens raiders.

— Então o senhor o conhece?

Um sorriso irônico rasgou aquele rosto enrugado.

— Claro que conheço. Sou eu mesmo. Como você provavelmente já suspeitava, Luke. Mas a última vez que me chamaram de *Velhi-ban*, você nem havia nascido.

— Então — afirmou Luke, apontando para R2-D2 — este andróide pertence ao senhor.

— Esta é a parte mais estranha — confessou Kenobi, olhando para o robô. — Não me lembro de possuir um robô, muito menos um modelo moderno como R2-D2. Muito interessante...

Alguma coisa de repente atraiu o olhar do velho para as colinas próximas.

— Acho que é melhor usarmos seu carro. Os tuskens se assustam com facilidade, mas logo estarão de volta com reforços. Seu carro vale muito para eles, e afinal de contas jawas é que eles não são.

Colocando as mãos em concha diante da boca, Kenobi inalou profundamente o soltou um grito inumano que fez Luke dar um pulo.

— Isso servirá para mantê-los afastados por mais algum tempo — concluiu o velho, satisfeito.

— Mas é o grito de um dragão krayt! — exclamou Luke, espantado. —

Como conseguiu fazer isso?

— Um dia eu lhe ensino, filho. Não é difícil. Basta muita força de vontade, um conjunto completo de cordas vocais e um bocado de fôlego. Se você fosse um burocrata do Império, eu lhe ensinaria agora mesmo. —

Examinou de novo com os olhos a encosta da montanha. — Mas você não é.

E acho que não é a hora nem o lugar apropriado.

— De acordo — Luke estava esfregando a nuca. — Vamos embora.

Foi então que R2-D2 soltou um silvo agudo e puxou Luke pelo braço.

Luke não podia entender o que o robô estava dizendo, mas compreendeu o que queria.

— C-3PO! — exclamou o rapaz, preocupado. R2-D2 já estava correndo para longe *do* carro. — Venha também, Ben.

O pequeno robô os levou até a beira de um grande buraco. Parou ali, apontando para baixo e chiando baixinho. Luke olhou para onde R2-D2 estava apontando e começou a descer com cuidado a encosta suave. Kenobi o seguiu sem esforço.

C-3PO estava meio enterrado na areia, no fundo do buraco, no local onde havia caído. Estava todo amassado. Havia perdido um braço, que jazia a seu lado.

— *C-3PO!* — gritou Luke.

Não houve resposta. O rapaz sacudiu o andróide, sem resultado.

Abrindo um painel nas costas do robô, ligou e desligou várias vezes uma chave. Finalmente, um zumbido começou a sair das entranhas do robô.

Usando o braço que lhe restava, C-3PO rolou de barriga para cima e sentou-se.

— Onde estou? — murmurou, tentando colocar em foco os fotorreceptores. Então reconheceu Luke. — Oh, sinto muito, senhor. Acho que pisei em falso.

— Ainda bem que seus circuitos principais não foram danificados —

informou-lhe Luke. Olhou significativamente para o topo da colina. — Pode ficar de pé? Temes que sair daqui antes que os tuskens voltem.

Os servomotores protestaram até C-3PO desistir.

— Acho que não vou conseguir. Vá em frente, senhor. Não adianta arriscar-se por minha causa. Estou acabado.

— Não diga uma coisa dessas — protestou Luke, espantado por se haver afeiçoado tão depressa ao robô. Mas afinal, C-3PO não era como as máquinas taciturnas, agrifuncionais com que estava acostumado a lidar.

— Estou sendo lógico — argumentou C-3PO. Luke sacudiu a cabeça, zangado.

— Está sendo é derrotista.

Com a ajuda de Luke e de Ben Kenobi, o robô avariado conseguiu colocar-se de pé. O pequeno R2-D2 observava tudo Já de cima.

Enquanto subia, Kenobi cheirou o ar e fez uma careta.

— Depressa, filho. Eles estão de volta.

Tentando ao mesmo tempo olhar onde pisava e vigiar os arredores, Luke conseguiu finalmente puxar C-3PO para fora do buraco.

A decoração da caverna bem escondida de Ben Kenobi era espartana sem parecer pouco confortável. Não teria agradado a muitas pessoas, refletindo como refletia os gostos peculiarmente ecléticos do proprietário.

O conjunto irradiava uma aura de conforto modesto, dava a impressão de estar mais bem equipado para proporcionar conforto à mente do que ao corpo'.

Haviam conseguido sair do desfiladeiro antes que os tuskens voltassem. Seguindo as instruções de Kenobi, Luke havia deixado atrás deles um rastro tão confuso que nem mesmo o mais experiente dos jawas

seria capaz de segui-los.

Luke passou várias horas ignorando as tentações da caverna de Kenobi. Não se afastou do canto onde havia uma pequena mas bem equipada oficina mecânica, trabalhando para consertar o braço de C-3PO.

Felizmente, os reles automáticos haviam funcionado, desligando os nervos eletrônicos antes que houvesse um curto-circuito. Para consertar o braço, bastaria encaixá-lo de novo no ombro e tornar a ligar os fios. Se o braço tivesse quebrado no meio de um "osso", e não em uma articulação, teria sido impossível consertá-lo.

Enquanto Luke estava ocupado com C-3PO, a atenção de Kenobi se concentrava em R2-D2. O pequeno andróide estava sentado passivamente no chão frio da caverna enquanto o velho mexia em seus circuitos internos.

Finalmente, o homem se levantou com um “hum!” de satisfação e fechou os painéis da cabeça do robô.

— Agora vamos ver se descobrimos quem você é, meu amiguinho, e de onde veio.

Luke estava quase terminando, e as palavras de Kenobi foram o suficiente para fazê-lo aproximar-se.

— Vi parte da mensagem — começou — e acho que...

Mais uma vez a vivida imagem estava sendo projetada no espaço vazio à frente do pequeno robô. Luke interrompeu o que estava dizendo, novamente fascinado por sua beleza enigmática.

— É, acho que acertei — murmurou Kenobi.

A imagem continuava a piscar, sinal de que a fita havia sido preparada às pressas. Mas estava muito mais nítida, observou Luke, admirado. Uma coisa era evidente: Kenobi entendia muito mais de robôs do que poderia parecer à primeira vista.

"General Velhi-ban Kenobi" estava dizendo a voz suave, apresento-me em nome do sistema de Alderaan e da Aliança para Restaurar a República.

Venho perturbar seu isolamento a pedido de meu pai, Bail Organa, Vice-Rei



e Primeiro Secretário do sistema de Alderaan."

Kenobi aceitou tranquilamente esta declaração extraordinária, enquanto os olhos de Luke se arregalavam.

"Há anos, General", continuou a voz, "o senhor serviu à Velha República, durante as Guerras Estelares. Agora meu pai lhe faz um apelo para que nos ajude novamente nesta hora de aflição. Pede que se reúna a ele em Alderaan. É *preciso* que o senhor o atenda."

"Infelizmente, não posso transmitir pessoalmente o pedido de meu pai.

Pretendia avistar-me com o senhor, mas não foi possível. Assim, tive que recorrer a esta forma secundária de comunicação."

"Informações vitais para a sobrevivência da Aliança foram armazenadas no cérebro deste andróide R2-D2. Meu pai saberá como recuperá-las. Mas para isso, é preciso que o senhor leve o robô para Alderaan."

A mulher fez uma pausa, e quando prosseguiu, as palavras eram mais rápidas e menos formais:

"Velhi-ban Kenobi, ajude-me! O senhor é a última esperança que me resta! Serei capturada por agentes do Império, mas eles nada descobrirão através de mim. Tudo que querem saber está guardado na memória deste andróide. Não nos decepcione, Velhi-ban Kenobi. Não me decepcione!"

Uma pequena nuvem de estática tridimensional substituiu o lindo rosto, e então a imagem desapareceu inteiramente. R2-D2 olhou interrogativamente para Kenobi.

Luke se sentia totalmente confuso. Seus pensamentos e olhos se voltaram para a figura tranquila sentada a seu lado, em busca de estabilidade.

O velho. O feiticeiro maluco. O vagabundo do deserto, que o tio e todos os outros haviam conhecido durante toda a vida de Luke.

Era impossível dizer se a mensagem ansiosa da mulher desconhecida havia afetado Kenobi de alguma forma. O velho estava encostado à parede

de pedra, coíando a barba e tirando de vez em quando uma baforada de um velho cachimbo aromado.

Luke pensou de novo na mulher desconhecida.

— Ela é tão... tão... — O rapaz não tinha palavras para descrevê-la. De repente, alguma coisa na mensagem o fez olhar incrédulo para o ancião. —

General Kenobi, o senhor participou das Guerras Estelares? Mas foi há tanto tempo...

— Participei, sim — admitiu Kenobi, em um tom tão casual como se estivesse discutindo uma receita de cozinha. — Foi mesmo há muito tempo.

Antigamente eu era um Cavaleiro de Jedi. Como seu pai, Luke — acrescentou, olhando para o rapaz.

— Um Cavaleiro de Jedi — repetiu Luke. Então pareceu confuso. —

Mas meu pai não participou das Guerras Estelares. Nem era um cavaleiro.

Trabalhava como navegador, a bordo de um cargueiro espacial.

Kenobi deu um sorriso irônico.

— Isso foi o que seu tio lhe contou. Owen Lars não concordava com as idéias e opiniões de seu pai, nem com sua filosofia de vida. Achava que seu pai devia ter ficado aqui em Tatooine, em vez de se envolver em... — O

velho encolheu os ombros.

— Bem, achava que seu pai devia ter ficado aqui, trabalhando na fazenda.

Luke não disse nada, limitando-se a ouvir fascinado uma história que só conhecera através das distorções do tio.

— Owen sempre temeu que a vida de aventuras de seu pai pudesse influenciar você, pudesse afastá-lo de Anchorhead. — Kenobi meneou a cabeça tristemente. — Acho que seu pai não tinha nada de fazendeiro.

Luke afastou-se alguns passos e continuou a cuidar de C-3PO, removendo os últimos grãos de areia das juntas do robô.

— Gostaria de tê-lo conhecido — murmurou o rapaz, depois de algum tempo.

— Era o melhor piloto que já conheci — disse Kenobi. — E um guerreiro valente. A força... o instinto era poderoso nele.

— Por um momento, Kenobi aparentou a idade que tinha. — Era também um bom amigo.

De repente, o brilho jovial voltou àqueles olhos penetrantes.

— Ouvi dizer que você também é um excelente piloto. Saber pilotar não é um talento inato, mas as qualidades necessárias para tornar-se um bom piloto podem ser herdadas. Entretanto, mesmo um pato precisa aprender a nadar.

— O que é um pato? — perguntou Luke, curioso.

— Não importa. Sob vários aspectos, você se parece muito com seu pai, sabe? — O olhar crítico de Kenobi já estava deixando Luke nervoso. — Você cresceu um bocado desde a última vez que o vi.

Não sabendo o que responder, Luke esperou em silêncio enquanto Kenobi mergulhava em uma meditação profunda. Finalmente, o velho pareceu haver chegado a uma decisão importante.

— Tudo isto me lembra — declarou, tentando aparentar indiferença

— que tenho uma coisa para você.

Levantou-se e foi até uma velha arca, começando a remexer o conteúdo. Objetos de todos os tipos e tamanhos foram retirados e examinados, apenas para serem colocados de volta. Luke conseguiu reconhecer alguns deles. Compreendendo que o velho estava procurando alguma coisa importante, absteve-se de perguntar a respeito dos outros objetos.

— Seu pai queria que isto fosse seu — estava dizendo Kenobi —

quando tivesse idade suficiente. Mas não consigo encontrar o maldito objeto. Tentei entregá-lo a você uma vez, mas seu tio não deixou. Ele achava que poderia colocar idéias malucas em sua cabeça, como a de seguir o velho Velhi-ban em alguma cruzada idealista. Você vê, Luke, aí está a raiz

das divergências entre seu pai e seu tio. Owen Lars não é homem de deixar que o idealismo interfira com os negócios, enquanto que seu pai não admitia nem mesmo discutir a questão. Ele se dispunha a defender uma causa justa da mesma forma como pilotava... por puro instinto.

Luke assentiu. Acabou de limpar o robô e olhou em volta, à procura do componente que faltava instalar na cavidade torácica de C-3PO.

Encontrando o módulo de controle, preparou-se para encaixá-lo no lugar.

C-3PO observou o que o rapaz estava fazendo e estremeceu.

Luke encarou por um longo tempo aqueles fotorreceptores de metal e plástico. Então colocou ostensivamente o módulo sobre a bancada e fechou o painel no peito do andróide. C-3PO não disse nada.

Luke ouviu uma exclamação e voltou-se para ver um sorriso nos lábios de Kenobi. O velho entregou a Luke um pequeno objeto de aparência inócua, que o rapaz examinou com interesse.

O objeto tinha um cabo curto e grosso, no qual estavam embutidos alguns botões. Acima do cabo havia um disco de metal ligeiramente maior do que uma mão aberta. Tanto o cabo como o disco continham vários componentes exóticos, inclusive o que parecia a menor fonte de

alimentação que Luke jamais havia visto. A superfície inferior do disco brilhava como um espelho. Mas foi a fonte de alimentação que deixou Luke mais intrigado. Fosse o que fosse o aparelho, consumia um bocado de energia, a julgar pela capacidade da fonte.

Embora tivesse pertencido a seu pai, estava praticamente novo.

Kenobi sem dúvida havia cuidado dele com carinho. Apenas alguns pequenos arranhões no cabo mostravam que havia sido usado anteriormente.

— Sr. Luke? — disse uma voz familiar, que Luke já não ouvia há bastante tempo.

— Que foi? — perguntou Luke, interrompendo o exame do objeto.

— Se não vai precisar de mim — declarou C-3PO — acho que vou desligar meus circuitos principais. Preciso fazer alguns reparos internos.

— Está bem, vá em frente — disse Luke, distraído, voltando a estudar, fascinado, o estranho objeto. Atrás dele, C-3PO ficou imóvel e o brilho desapareceu temporariamente de seus fotorreceptores. Luke reparou que Kenobi o observava com interesse. — O que é isso? — perguntou o rapaz, finalmente.

— O sabre de luz de seu pai — disse Kenobi. — Antigamente, eram muito usados. E ainda o são, em certas regiões da galáxia.

Luke examinou os controles do cabo e experimentou apertar um botão colorido perto da superfície espelhada. Instantaneamente, o disco emitiu um feixe de luz branco-azulada da grossura de um polegar. O feixe desaparecia a um metro de distância, mas era tão brilhante e intenso na extremidade como nas proximidades do disco. Estranhamente, o feixe não irradiava nenhum valor, mas Luke teve o cuidado de evitar tocá-lo. Embora nunca tivesse visto um sabre de luz, sabia do que era capaz. Poderia fazer um furo na parede de pedra da caverna de Kenobi — ou em um ser humano.

— Esta era a arma formal dos Cavaleiros de Jedi — explicou Kenobi. —

Não é uma arma grosseira como as pistolas de raios. É preciso muita habilidade para usá-la. Uma arma elegante. Qualquer um sabe usar um desintegrador, mas para usar *bem* um sabre de luz, é preciso ser alguém especial. — Estava passeando pela caverna enquanto falava. — Por mais de mil gerações, Luke, os Cavaleiros de Jedi foram os homens mais respeitados da galáxia. Eram os guardiões da paz e da justiça na Velha República.

Quando Luke permaneceu calado, Kenobi olhou, para ele e viu que os olhos do rapaz tinham uma expressão ausente e que pouco tinha ouvido da narrativa. Outros teriam repreendido Luke por não prestar atenção. Mas não Kenobi. Sensível como poucos, o velho esperou pacientemente até que o silêncio forçasse Luke a falar.

— Como foi que meu pai morreu? — perguntou Luke, de repente.

Kenobi hesitou e Luke percebeu que o velho preferia não tocar no assunto. Entretanto, ao contrário de Owen Lars, Kenobi era incapaz de mentir.

— Ele foi traído e assassinado — declarou Kenobi, solenemente — por

um jovem Cavaleiro de Jedi chamado Darth Vader. — O velho não estava olhando para Luke. — Um rapaz que eu estava educando. Um dos meus discípulos mais brilhantes... e o meu fracasso mais trágico.

Kenobi voltou a andar pela caverna.

“Vader usou a educação que lhe dei e sua força natural para praticar o mal, para ajudar imperadores corruptos. Com os Cavaleiros de Jedi fora do caminho, não havia praticamente ninguém para se opor a seus desígnios.

Hoje, os Cavaleiros de Jedi estão quase extintos.”

Uma expressão indecifrável atravessou o rosto de Kenobi.

"A verdade é que eles foram excessivamente idealistas, excessivamente ingênuos. Confiaram demais na estabilidade da República, sem perceber

que, embora o corpo ainda fosse saudável, a cabeça estava ficando cada vez mais fraca.

"Gostaria de saber o que Vader queria. Às vezes, tenho a impressão de que estava ganhando tempo, preparando-se para alguma maldade incompreensível. Tal é a complexidade daqueles que dominam a força, mas se deixam levar por seu lado negro.

Luke olhou para o velho, intrigado.

— Força? Que força? É a segunda vez que o senhor se refere a uma "força".

Kenobi assentiu.

— Às vezes, eu me esqueço com quem estou falando. Digamos simplesmente que a força é uma coisa que um Cavaleiro de Jedi deve aprender a controlar. Embora nunca tenha sido perfeitamente explicada, os cientistas acham que não passa de uma forma de energia que é gerada pelos seres vivos. Há milhares de anos que os homens suspeitam da sua existência. Entretanto, apenas alguns indivíduos reconheciam a força como tal. E eram taxados de charlatães, curandeiros, místicos... e coisas piores. —

Kenobi fez um gesto largo com os dois braços. — Esta força está em todos nós. Alguns acreditam que é ela que dirige todos os nossos atos. Mas os Cavaleiros de Jedi sabiam manipulá-la, e era isto que os distinguia dos outros homens.

O velho baixou os braços e ficou olhando para Luke até que o rapaz começou a se remexer, inquieto. Quando falou de novo, foi em um tom tão incisivo que Luke teve um sobressalto.

— Você também precisa aprender a usar a força, Luke. Vai precisar dela quando for comigo para Alderaan.

— Alderaan? — Luke parecia atônito. — Mas não vou para Alderaan.

Nem sei onde fica Alderaan. — Condensadores, andróides, a colheita... de repente, a caverna lhe pareceu opressiva. A mobília exótica e os estranhos artefatos, que há pouco tanto haviam despertado sua curiosidade, agora o deixavam assustado. Virou a cabeça, tentando evitar o olhar penetrante de Ben Kenobi... do velho Ben... do General Velhi-ban.

— Tenho que voltar para casa — murmurou, com dificuldade. — Já é tarde. Tio Owen deve estar uma fera. — Lembrando-se de uma coisa, fez um gesto em direção à forma inerte de R2-D2. — Pode ficar com o andróide. Arranjarei uma desculpa para dar a meu tio — acrescentou, desamparado.

— Preciso de você, Luke — explicou Kenobi, com um misto de arrogância e tristeza. — Estou ficando velho demais para esse tipo de coisa.

Não devo tentar fazer tudo sozinho. A missão é importante demais. —

Apontou para R2-D2. — Você viu e ouviu a mensagem.

— Mas... não me posso envolver em uma coisa dessas! — protestou Luke. — Tenho trabalho a fazer! A colheita está próxima. Se bem que Tio Owen poderia contratar ninguém para me substituir, acho. Mas não conseguiria convencê-lo. Além disso, é tudo tão remoto! Por que me iria envolver?

— Parece seu tio falando — observou Kenobi, sem rancor.

— Oh! Meu Tio Owen... como vou explicar tudo isto para ele?

O velho conteve um sorriso, convencido de que o destino de Luke já estava traçado. Tudo havia sido decidido cinco minutos antes que soubesse como o pai havia morrido. Fora decidido quando Luke ouvira a mensagem

completa. Havia sido determinado quando ele vira pela primeira vez o rosto belo e suplicante da Senadora Organa, projetado pelo pequeno andróide. Kenobi corrigiu-se mentalmente. Não, provavelmente tudo já estava decidido antes mesmo de o rapaz nascer. Não que Ben acreditasse em predestinação, mas acreditava em hereditariedade... e na força.



— Lembre-se, Luke, de que o sofrimento de um homem é o sofrimento de todos. A injustiça independe da distância. Quando não é contido a tempo, o mal se espalha para atingir todos os homens, tanto os que o combateram como os que o ignoraram.

— Pelo menos — disse Luke, nervoso — posso levá-lo até Anchorhead.

Lá, o senhor pode arranjar condução para Mos Eisley, ou para outro lugar qualquer.

— Está bem — concordou Kenobi. — Já é um começo. Mais tarde, você fará o que achar que é *certo*.

Luke assentiu, agora totalmente confuso.

— Claro, claro. No momento, não me sinto muito bem...

A escuridão era quase total. Havia apenas luz suficiente para entrever as paredes metálicas. A cela havia sido projetada para acentuar a sensação de isolamento do prisioneiro. E cumpria tão bem a missão que o único ocupante se retesou quando um zumbido quebrou o silêncio mortal. A porta de metal que começou a se abrir tinha um palmo de espessura... como se tivessem medo, pensou Organa ironicamente, de que ela fosse capaz de arrombar com as próprias mãos alguma coisa menos sólida.

Olhando para fora, a jovem viu vários soldados do Império se perfilarem. Com uma expressão de desafio nos olhos, Leia Organa recuou até a parede dos fundos da cela.

A determinação da jovem se esvaiu quando um monstruoso vulto negro entrou na cela, deslizando sem fazer ruído, como se tivesse rodas. A presença de Vader esmagou-lhe o espírito tão seguramente como um elefante esmagaria um ovo. O vilão estava acompanhado por um homem de aparência igualmente assustadora, embora parecesse um anão ao lado do Lorde Negro.

Darth Vader fez um gesto para alguém lá fora. Alguma coisa que zumbia como uma abelha gigante se aproximou e entrou na cela. Leia prendeu a

respiração ao ver o globo de metal. Movia-se sem tocar o chão, sustentado por campos de força. A superfície era coberta por estranhos braços, que terminavam em delicados instrumentos.

Leia olhou para a máquina, aterrorizada. Já tinha ouvido falar a respeito, mas jamais acreditara realmente que os técnicos do Império tivessem a coragem de construir tal monstruosidade. Em sua memória estavam todas as torturas jamais inventadas pela raça humana... e por várias outras raças alienígenas.

Vader e Tarkin ficaram quietos, deixando-a examinar à vontade o pesadelo mecânico. O Governador, em particular, não tinha esperanças de que a simples presença da máquina a obrigasse a falar. Não, refletiu ele, que a sessão que estava para vir lhe causasse alguma repulsa. Pelo contrário, era sempre possível aprender muita coisa a respeito da natureza humana durante um interrogatório, e a senadora prometia ser um paciente bastante interessante.

Depois de algum tempo, Tarkin apontou para a máquina.

— Agora, Senadora Organa, Princesa Organa, vamos discutir a localização da principal base dos rebeldes.

A máquina se aproximou lentamente da jovem. Sua forma esférica ocultou Vader, o Governador, o resto da cela...

Sons abafados atravessavam as paredes e a grossa porta da cela, penetrando no corredor. O volume não era suficiente para perturbar a paz e a tranquilidade que reinavam lá fora. Mesmo assim, os guardas encarregados de vigiar a porta da cela arranjaram desculpas para se afastar o suficiente para não ouvir os gritos femininos.

## VI

— OLHE ALI, Luke — disse Kenobi, apontando para sudoeste. O carro atravessava a planície arenosa com boa velocidade. — Parece fumaça.

Luke olhou para a direção indicada.

— Não estou vendo nada.

— De qualquer forma, vamos investigar. Pode ser alguém em dificuldades.

Luke mudou de rumo. Pouco depois, também podia divisar ao longe a coluna de fumaça que Kenobi havia avistado um momento antes.

Chegando ao topo de uma pequena colina, o carro começou a descer a encosta suave que levava a um amplo vale. O vale estava coalhado de formas retorcidas, carbonizadas, algumas inorgânicas, outras não. Bem no meio desta cena de devastação, parecendo uma imensa baleia metálica, estava a carcaça de um veículo dos jawas.

Luke parou o carro. Ele e Kenobi saltaram e começaram a examinar os destroços.

Várias pequenas depressões na areia atraíram a atenção de Luke.

Caminhando um pouco mais depressa, aproximou-se e estudou-as por um momento antes de chamar Kenobi.

— Parece que foram mesmo os tuskens. Aqui estão as pegadas dos banthas... — Luke avistou um objeto meio enterrado na areia. — E aqui está um pedaço daqueles machados de lâmina dupla que eles usam. — Sacudiu a cabeça, confuso. — Mas nunca pensei que os tuskens tivessem coragem de atacar uma fortaleza dessas. — Levantou a cabeça para olhar o gigantesco veículo, agora reduzido a um monte de destroços.

Kenobi estava examinando as pegadas na areia.

— Não foram os tuskens — declarou, em tom casual — mas *é* o que queriam que pensássemos. Nós e qualquer outra pessoa que passasse por aqui.

— Não compreendo — disse Luke, espantado.

— Examine com atenção estas pegadas — convidou o velho, apontando primeiro para a marca mais próxima e depois para as outras. —

Não está vendo nada de estranho? -- Luke sacudiu a cabeça. — Vários banthas passaram por aqui, lado a lado. Mas os tuskens, quando estão montados, andam sempre em fila indiana para que os observadores distantes não saibam quantos são.

Enquanto Luke olhava de boca aberta para os rastros paralelos, Kenobi voltou sua atenção para o enorme veículo. Apontou para os lugares onde os disparos haviam destruído as rodas, as lagartas e as vigas de sustentação.

— Veja a precisão com que os disparos foram feitos. Os tuskens não são tão sutis. Na verdade, nenhum nativo de Tatooine é capaz de destruir com tanta eficiência. — Voltou-se para contemplar o horizonte. Uma das colinas próximas escondia um segredo... e uma ameaça. — Só os soldados do Império seriam capazes de atacar um veículo blindado de forma tão fulminante.

Luke se aproximou de um dos pequenos corpos e o virou de barriga para cima. Fez uma careta de nojo quando viu o que restava da pequena criatura.

— São os mesmos jawas que venderam R2-D2 e C-3PO para Tio Owen.

Reconheci a capa deste aqui. Mas por que os soldados do Império estariam matando jawas e tuskens? Devem ter matado alguns tuskens para conseguir aqueles banthas.

Seu cérebro estava trabalhando furiosamente e Luke sentiu que todo o corpo se retesava quando olhou de volta para o carro, a alguma distância dos corpos contorcidos dos jawas.

— Mas... se eles descobriram que os andróides foram capturados pelos jawas, também devem saber a quem foram vendidos. E isto os levaria a...

—

Luke saiu correndo em direção ao carro.

— Luke, espere... espere, Luke! — gritou Kenobi. — É perigoso! —

Você não deve...

Mas Luke não queria ouvir mais nada. Entrou no carro e apertou o acelerador até o fim. Com uma explosão de cascalho e areia, deixou Kenobi e os dois robôs parados no meio dos corpos calcinados, tendo por companhia apenas os destroços ainda fumegantes do veículo dos jawas.

A fumaça que Luke avistou ao aproximar-se de casa era bem mais espessa do que a que havia saído da máquina dos jawas. No momento em que o carro parou, Luke levantou a cúpula e pulou do mesmo. Grossos rolos de fumaça negra saíam de buracos no chão.

Esses buracos haviam sido seu lar, o único lar que jamais havia conhecido. Agora, assemelhavam-se a bocas de pequenos vulcões. Luke tentou várias entradas do complexo subterrâneo. E todas às vezes o calor ainda intenso o fez recuar, tossindo.

Já meio cego pela fumaça, entrou cambaleando na rampa que levava à garagem. Esta também estava cheia de fumaça. Mas talvez os tios tivessem conseguido escapar no outro carro.

— Tia Beru... Tio Owen!

Era difícil ver alguma coisa em meio à fumaça. No final da rampa havia dois corpos carbonizados. Parecia... Luke chegou mais perto, esfregando os olhos irritados.

Não.

Então saiu correndo da casa, jogou-se ao chão e enterrou o rosto na areia, como se com isso pudesse dissipar a visão terrível que lhe povoava a mente.

A tela tridimensional ocupava toda uma parede do vasto aposento, desde o chão até o teto. Mostrava um milhão de sistemas planetários. Uma pequena parte da galáxia, mas que não deixava de impressionar quando exibida desta forma.

Abaixo, muito abaixo, estava a imponente figura de Darth Vader, tendo de um lado o Governador Tarkin e do outro o Almirante Motti e o General Tagge, as rivalidades particulares esquecidas diante da importância do momento.

— Os testes finais foram completados — anunciou Motti — Todos os sistemas funcionam perfeitamente. — Voltou-se para os outros. — Para onde vamos agora?

Vader pareceu não ter ouvido e murmurou baixinho, quase para si mesmo:

— A mocinha tem um autocontrole admirável. Está resistindo bravamente ao interrogador. — Olhou para Tarkin. — Vamos levar algum tempo para conseguir extrair dela as informações que desejamos.

— Sempre achei seus métodos excessivamente delicados, Vader.

— São eficientes — argumentou o Lorde Negro. — Mas no interesse de acelerar o processo, estou aberto a sugestões.

Tarkin pareceu pensativo.

— Talvez seja a hora de recorrermos a uma ameaça indireta.

— Como assim?

— Penso que é hora de verificarmos de que esta base é capaz. E podemos fazê-lo de uma forma duplamente útil. — Voltou-se para Motti. —

Diga aos programadores para planejarem o curso para o sistema de Alderaan.

O orgulho de Kenobi não o impediu de enrolar um lenço velho na boca e no nariz para filtrar uma parte do cheiro pútrido que se desprendia dos cadáveres. Embora dotados de sensores olfativos, R2-D2 e C-3PO não precisavam de proteção. Mesmo C-3PO, que podia reconhecer odores desagradáveis, era capaz de desligar o sentido do olfato quando assim o desejasse.

Trabalhando juntos, os dois andróides ajudaram Kenobi a jogar o último corpo na pira funerária. Então recuaram e ficaram vendo o fogo

devorar os mortos. Não que os animais do deserto não fossem capazes de fazer um serviço eficiente, mas Kenobi conservava certos princípios que a maioria dos homens modernos julgaria antiquados. A idéia de deixar alguém à mercê dos comedores de carniça, até mesmo um mísero jawa, o deixava repugnado.

Ouvindo um ruído, Kenobi voltou-se e viu que o carro de Luke estava de volta, viajando desta vez em uma velocidade razoável, muito diferente da forma como havia partido. O carro reduziu a marcha e parou, mas no interior não havia sinais de vida.

Fazendo um gesto para que os dois robôs o seguissem, Ben correu em direção ao veículo. A cúpula se abriu e mostrou que Luke estava sentado, imóvel, no assento do piloto. Não correspondeu ao olhar ansioso de Kenobi.

Isto foi suficiente para que o velho adivinhasse o que havia ocorrido.

— Sinto muito, Luke — disse, finalmente. — Não havia nada que você pudesse ter feito. Se estivesse lá, teria morrido, também, e os andróides estariam nas mãos do Império. Nem mesmo a força...

— Para o inferno com sua força! — exclamou Luke, com inesperada violência. Voltou-se para encarar Kenobi. Seu rosto tinha uma expressão mais adulta. — Vou levá-lo ao espaçoporto de Mos Eisley, Ben. Quero ir com você para Alderaan. Aqui não me resta mais nada. — Seus olhos vagaram pelo deserto, fixando-se em algo que ficava muito além das montanhas. — Quero ser um Cavaleiro de Jedi, como meu pai. Quero... —

Luke não conseguiu dizer mais nada.

Kenobi entrou no carro, colocou a mão paternalmente no ombro de Luke e inclinou-se para a frente para abrir espaço para os dois robôs.

— Vou fazer o possível para atendê-lo, Luke. Agora, vamos para Mos Eisley.

Luke assentiu e fechou a cúpula. O carro tomou a direção sudeste, deixando para trás os escombros ainda quentes, a pira funerária dos Jawas e a única vida que Luke havia conhecido.

Deixando o carro estacionado perto da borda do precipício, •, Luke e Ben foram até a beirada e olharam para baixo, para as pequenas

protuberâncias que semeavam a planície ensolarada. O conjunto heterogêneo de estruturas de concreto, pedra e plastóide lembrava os raios de uma roda, cujo eixo era a usina de distribuição de água e energia.

Na verdade, a cidade era bem maior do que parecia, já que boa parte era subterrânea. Parecendo crateras de bombas a esta distância, as pequenas depressões circulares das bases de lançamento se destacavam nitidamente na periferia da cidade.

Um vento forte fez Luke ajustar os óculos protetores.

— Lá está ele — murmurou Kenobi, apontando para o conjunto de edifícios. — O espaçoporto de Mos Eisley. O lugar ideal para nos escondermos enquanto procuramos um meio de deixar o planeta. Não existe\* uma cidade em Tatooine que abrigue mais vagabundos e aventureiros. Temos que tomar muito cuidado, Luke. O Império já foi alertado a nosso respeito. Mas a população de Mos Eisley será um ótimo disfarce.

Luke tinha uma expressão determinada no rosto.

— Estou preparado para qualquer coisa, Velhi-ban.



Você não sabe o que o espera, Luke, pensou Kenobi. Mas limitou-se a assentir enquanto caminhava de volta para o carro.

Ao contrário de Anchorhead, onde quase todo o trabalho externo era feito à noite, Mos Eisley era bastante movimentada durante o dia.

Construída desde o começo para ser uma cidade comercial, mesmo o mais antigo dos edifícios da cidade oferecia uma boa proteção contra os sóis gêmeos. Vistos de fora, pareciam primitivos, e muitos eram mesmo. Mas, às vezes, as paredes e arcos de pedra escondiam paredes duplas de aço especial, entre as quais circulava permanentemente um líquido refrigerante.

Luke estava entrando nos subúrbios da cidade quando vários homens armados apareceram subitamente e começaram a formar um círculo em torno do veículo. Por um momento, Luke entrou em pânico e pensou em acelerar loucamente, atropelando aqueles que se colocassem a sua frente.

Mas uma mão firme apertou-lhe o braço, acalmando-o e impedindo-o, ao mesmo tempo, de fazer o que pretendia. Olhou para o lado e viu que Kenobi estava sorrindo.

Assim, continuaram a trafegar em velocidade normal, enquanto Luke torcia para que os soldados do Império os deixassem passar. Mas não. Um dos soldados levantou a mão. Luke teve que obedecer. Quando encostou o carro, notou que os passantes observavam a cena com interesse. Pior ainda, parecia que a atenção do soldado não era para ele nem para Kenobi, mas para os dois robôs que estavam sentados imóveis no banco traseiro.

— Há quanto tempo você tem esses andróides? — perguntou o soldado que havia levantado a mão, dispensando todas as formalidades.

Por um momento, Luke não soube o que responder. Então conseguiu balbuciar:

— Três ou quatro anos, não sei ao certo.

— Estão à venda, sabe? Uma verdadeira pechincha! — interveio Kenobi, representando com perfeição o papel de um vagabundo do deserto, pronto a tirar alguma vantagem de um soldado crédulo.

O guarda ignorou a observação. Estava ocupado examinando detidamente a parte de baixo do carro.

— Estão vindo do sul? — perguntou.

— Não... não — respondeu Luke, rapidamente. — Estamos vindo do oeste. Moramos perto de Bestine.

— Bestine? — murmurou o soldado, dando a volta para examinar a frente do veículo. Finalmente, concluiu o exame. Aproximou-se de Luke e ordenou: — Deixe-me ver sua identificação.

A essa altura o outro podia ver claramente que estava apavorado, pensou Luke. A recente decisão de enfrentar com coragem o que o futuro lhe reservava se havia desintegrado ante o olhar penetrante do soldado profissional. Sabia o que ia acontecer quando vissem a carteira de identidade, onde estavam claramente estampados o seu endereço e os nomes dos parentes mais próximos. Alguma coisa começou a zumbir

dentro de sua cabeça. Sentiu que ia desmaiar.

Kenobi se havia inclinado para seu lado e estava falando tranquilamente com o soldado.

— Não precisa ver a carteira dele — disse o velho, com uma voz que não era a dele.

Com olhos esgazeados, o soldado declarou, como se fosse uma verdade histórica:

— Não preciso ver sua carteira. — Sua reação era o oposto da de Kenobi: a voz continuava normal, mas a expressão havia mudado totalmente.

— Estes não são os robôs que vocês estão procurando — disse Kenobi, amavelmente.

— Estes não são os robôs que estamos procurando.

— Ele está dispensado.

— Você está dispensado — disse o soldado para Luke.

A expressão de alívio que tomou conta do rosto de Luke era tão reveladora quanto seu nervosismo anterior, mas o soldado do Império a ignorou.

— Vá andando — sussurrou Kenobi.

— Vá andando — ordenou o soldado para Luke.

Indeciso entre fazer continência, acenar com a cabeça e agradecer ao homem, Luke finalmente encontrou forças para apertar o acelerador. O

carro se afastou lentamente do grupo de soldados. Antes de dobrar a esquina, Luke arriscou um olhar para trás. O soldado que o havia interrogado parecia estar discutindo com vários companheiros, embora a distância não pudesse ter certeza.

O rapaz olhou para Kenobi e começou a dizer alguma coisa. O velho apenas meneou a cabeça e sorriu. Contendo sua curiosidade, Luke se

concentrou na tarefa de dirigir o carro pelas estreitas ruas de Mos Eisley.

Kenobi parecia ter alguma idéia de onde estavam indo. Luke olhou com desagrado para os edifícios decrepitos e para os indivíduos de aspecto suspeito que os cercavam. Havia entrado na parte mais antiga da cidade, aquela onde os antigos vícios florescia com maior vigor.

Kenobi fez um gesto e Luke parou o carro na frente do que parecia ser um dos primeiros edifícios da cidade. Havia sido transformado em uma cantina. Os diversos veículos estacionados na entrada davam uma idéia do tipo de clientela. Pela construção do edifício, Luke sabia que boa parte da cantina devia ficar abaixo do solo.

Quando o carro empoeirado mas ainda elegante estacionou em uma vaga, um jawa surgiu do nada e começou a acariciar a lataria do veículo com

mãos cobiçosas. Luke inclinou-se para fora e gritou uma ameaça para a criatura, que desapareceu nas sombras.

— Detesto esses jawas — murmurou C-3PO com desdém. — Estou para ver criaturas mais desprezíveis.

Luke estava preocupado demais com os acontecimentos recentes para se importar com os preconceitos do robô.

— Ainda não entendo como conseguimos escapar daqueles soldados.

Pensei que estávamos perdidos.

— A força está no cérebro, Luke, e às vezes pode ser usada para influenciar pessoas. É uma arma preciosa. Mas quando conhecê-la melhor, verá que também pode ser perigosa.

Concordando sem realmente compreender, Luke apontou para a cantina, que embora fosse mal instalada, parecia bastante popular.

— Acha mesmo que podemos encontrar aí dentro um piloto capaz de nos levar até Alderaan?

Kenobi estava saltando do carro.

— Alguns dos melhores pilotos de carga são fregueses habituais, embora a maioria pudesse frequentar lugares muito mais dispendiosos.

Aqui eles podem falar livremente. A esta altura, Luke, você já devia ter aprendido a não julgar pelas aparências. — Luke olhou para as vestes surradas do outro e se sentiu envergonhado. — Mas tome cuidado. O

ambiente, às vezes, é pesado.

Luke teve de apertar os olhos quando entrou na cantina. O ambiente era escuro demais para seu gosto. Talvez os frequentadores habituais não estivessem acostumados à luz do dia, ou não quisessem ser reconhecidos.

Não lhe ocorreu que a combinação de uma entrada feericamente iluminada com um interior na penumbra permitia que os que já estavam lá dentro pudessem ver os recém-chegados antes de serem vistos.

Quando os olhos se acostumaram à penumbra, Luke ficou espantado com a variedade dos seres que estavam a sua volta. Havia criaturas de um olho só e de mil olhos, havia seres com escamas, havia bípedes peludos, e havia alguns com uma pele que parecia ondular e mudar de consistência de acordo com as emoções que estavam sentindo no momento.

Perto do bar, um gigantesco inseto, que Luke percebeu apenas como uma sombra ameaçadora, voava lentamente em círculos. Contrastava com duas das mulheres mais altas que Luke já conhecera. Estavam entre as criaturas humanas de aparência mais normal naquele ambiente de pesadelo, em que homens e alienígenas se misturavam e se confundiam.

Tentáculos, garras e mãos seguravam copos de bebida das mais variadas formas e tamanhos. A conversa era uma mistura inextricável de línguas humanas e alienígenas.

Segurando Luke pelo braço, Kenobi apontou para a extremidade do bar, onde estava sentado um pequeno grupo de humanos mal-encarados, bebendo, rindo e contando piadas.

— Corelianos... piratas, provavelmente.

— Pensei que estávamos procurando um piloto de carga disposto a alugar sua nave — sussurrou Luke.

— E estamos, meu rapaz — concordou Kenobi. — E provavelmente vamos encontrá-lo naquele grupo. Só que os corelianos, às vezes, não dão muita importância aos direitos de propriedade. Espere aqui.

Luke assentiu e Kenobi encaminhou-se para o bar. A atitude hostil dos corelianos se desfez assim que o velho começou a falar.

Alguém segurou Luke pelo ombro e o obrigou a dar meia-volta.

— Ei! — Lutando para recuperar a compostura, Luke descobriu que estava diante de um humano de maus bofes, um verdadeiro gigante. Pela forma como estava vestido, o rapaz deduziu que se tratava de um empregado, se não do próprio dono da cantina.

— Eles não podem ficar aqui — rosnou o brutamontes.

— Quem? — perguntou Luke, surpreso. Ainda não estava recuperado do choque de se ver no meio de uma mistura de dezenas de raças. Era muito diferente do salão de sinuca que ficava atrás da usina de força de Anchorhead.

— Os seus andróides — explicou o empregado com impaciência, apontando com o polegar. Luke olhou na direção indicada e lá estavam R2-D2 e C-3PO, esperando tranquilamente. Vão ter que ficar lá fora. Aqui só servimos criaturas orgânicas. Não temos nada para... para máquinas — concluiu, com uma expressão de nojo.

Luke não gostou da idéia, mas não via outra saída para a situação. O empregado não parecia ser do tipo com quem pudesse argumentar, e quando procurou com os olhos pelo Velho Ben, viu que ele estava conversando animadamente com um dos corelianos.

Enquanto isso, a discussão havia atraído a atenção de vários tipos especialmente mal-encarados, que olhavam para Luke e os robôs com uma expressão decididamente hostil.

— Está bem, eu não sabia — disse Luke, percebendo que não era a hora nem o lugar de defender os direitos dos andróides. — Desculpe. —

Olhou para C-3PO. — É melhor vocês esperarem lá fora, perto do carro. Não queremos criar problemas.

— Estou plenamente de acordo, senhor — disse C-3PO, olhando em torno. — De qualquer maneira, no momento não estou precisando de óleo.

— E com R2-D2 em seu encalço, o alto robô encaminhou-se rapidamente

para a porta.

O empregado pareceu dar-se por satisfeito, mas Luke se havia tornado o alvo involuntário da atenção dos presentes. De repente ele se sentiu muito só e teve a impressão de que todos os olhos do recinto, humanos ou não, estavam cravados em sua pessoa.

Tentando manter um ar de tranquila confiança, tornou a olhar para o Velho Ben, e teve um sobressalto ao ver com quem o Velho estava falando.

O coreliano havia desaparecido. Em seu lugar estava um gigantesco antropóide que mostrava uma boca cheia de dentes quando sorria.

Luke tinha ouvido falar dos wookies, mas nunca imaginara que teria a oportunidade de ver uma dessas criaturas. Embora tivesse um rosto engraçado, que lembrava o de um mico, o wookie podia ser tudo, menos delicado. Apenas os olhos grandes e amarelos destoavam de sua aparência assustadora. O corpo era inteiramente coberto por uma pelagem espessa.

Seu traje consistia apenas em um par de cartucheiras cromadas, contendo projéteis de um tipo desconhecido para Luke.

Não, pensou Luke, que alguém tivesse coragem de achar graça na forma como a criatura se vestia. Reparou que os outros fregueses do bar faziam a volta para não passar muito perto do temível antropóide. Todos, exceto o Velho Ben, que estava falando com o wookie na língua deste último, rosnando e grunhindo como se fosse um nativo.

Durante a conversa, o Velho fez um gesto na direção de Luke. O

antropóide olhou para o rapaz e soltou uma sonora gargalhada, de arrepiar os' cabelos.

Descontente com o papel que estava obviamente representando na conversa, Luke deu-lhes as costas e fingiu ignorá-los. Talvez estivesse sendo injusto com a criatura, mas duvidava de que a gargalhada fosse um gesto de amizade.

Não conseguia imaginar o que Ben poderia querer com o monstro. Não podia entender por que estava perdendo tempo naquela conversa gutural, ao invés de prosseguir as negociações com os corelianos. O jeito foi sentar-se a um canto e sorver o drinque em silêncio, correndo de vez em quando os olhos pela sala à procura de um olhar menos hostil.

De repente, alguém o sacudiu violentamente por trás, com tanta força que Luke quase caiu no chão. Voltou-se, zangado, mas a fúria logo deu lugar a uma expressão de completa surpresa. Estava frente a frente com uma monstruosidade atarracada, de olhos múltiplos e origem indeterminada.

— *Negola dewaghi wooldugger?* — balbuciou a aparição.

Luke jamais havia visto nada parecido. Não conhecia nem a espécie nem a língua. O que o outro dissera podia ser um desafio para uma briga, um convite para um drinque ou uma proposta de casamento. A despeito de sua ignorância, Luke pôde perceber, pela forma como a criatura cambaleava, que havia bebido demais o que quer que bebesse.

Sem saber o que fazer, Luke limitou-se a concentrar a atenção no copo a sua frente, ignorando deliberadamente a criatura. Nesse instante, uma coisa, um cruzamento de capivara com babuíno, veio chegando e ficou de pé (ou de cócoras) ao lado do olhudo bêbado. Um homem baixinho, com cara de mau, também se aproximou e abraçou carinhosamente o monstro.

— Ele não gosta de você — disse para Luke, com uma voz surpreendentemente grossa.

— Sinto muito — desculpou-se Luke, desejando ardentemente estar em outro lugar.

— Eu também não gosto de você — prosseguiu o homenzinho, sorrindo.

— Eu disse que sinto muito.

Fosse por causa da conversa que estava tendo com o roedor, fosse por causa do excesso de álcool, a verdade era que o asilo de olhos desamparados estava ficando cada vez mais agitado. Inclinou-se para a



frente, quase caindo por cima de Luke, e cuspiu uma torrente de palavras incompreensíveis. Luke percebeu que as atenções gerais voltavam a se concentrar nele.

— Sinto muito — repetiu o homem, em tom de escárnio. Era evidente que também havia passado da conta. — Está querendo insultar-nos? Acho que não sabe com quem está lidando. Nós todos temos a cabeça a prêmio

— indicou os companheiros. — Fui condenado à morte em doze planetas.

— Se o ofendi, não foi por querer — murmurou Luke.

— Se pensa que isto vai ficar assim, está enganado — disse o homenzinho, ainda sorrindo.

Neste momento, o roedor soltou um alto grunhido. Imediatamente, todos os espectadores que se haviam reunido para presenciar a discussão recuaram um passo, deixando um espaço livre em volta de Luke e seus antagonistas.

Tentando remediar a situação, Luke ensaiou um sorriso amarelo, que desapareceu no momento em que viu que os três estavam sacando as armas. Além de não ter esperanças de poder lutar contra os três, Luke não tinha a mínima idéia de como eram as armas dos dois alienígenas.

— Vamos, não percam tempo com o nanico — disse alguém, calmamente. Luke olhou para o lado, surpreso. Não havia percebido a aproximação de Kenobi.. — Venham comigo, eu pago um drinque para vocês tr...

Como resposta, o monstro olhudo soltou um guincho ameaçador e desferiu um tremendo golpe com um dos seus muitos membros, apanhando Luke totalmente desprevenido. O rapaz foi atingido na têmpora e arremessado longe, derrubando duas mesas e quebrando uma garrafa cheia de um líquido malcheiroso.

Os espectadores recuaram mais um passo e alguns resmungaram quando o monstro embriagado puxou do cinto uma feia pistola. Começou a acenar com ela na direção de Kenobi.

Isto fez entrar em ação o garçom, que até então se mantivera neutro.

Abrindo caminho às cotoveladas, colocou-se à frente do trio agitando os braços freneticamente

— Nada de armas, nada de armas! Não aqui dentro!

O roedor mostrou-lhe os dentes, enquanto o monstro olhudo soltava um grunhido de advertência.

No instante em que as atenções do trio se voltaram para o garçom, o velho levou a mão ao disco que trazia na cintura. Um feixe de luz branco-azulada apareceu na penumbra da cantina. O homem baixinho gritou.

O grito se transformou em um gemido. Um momento depois, o homem estava caído de costas no chão. Seu braço direito havia desaparecido.

No intervalo de tempo entre o grito do homem e sua queda, o roedor havia sido partido exatamente em dois, as duas metades caindo em direções opostas. O monstro de muitos olhos ainda estava de pé, olhando espantado para o velho, que apontava o sabre de luz em sua direção. A pistola da criatura disparou uma vez, fazendo um buraco na porta. Então a cabeça se separou do corpo e as duas partes rolaram pelo chão frio da cantina.

Só então foi que Kenobi pareceu soltar um suspiro de alívio. Baixando o sabre de luz, voltou o disco para cima, em uma saudação instintiva que terminou com a arma travada e guardada no cinto.

Este movimento quebrou o silêncio mortal que havia tomado conta do recinto. A conversa recomeçou, acompanhada pelo arrastar das cadeiras e pelo tilintar dos copos. O garçom e outros empregados apareceram para arrastar os corpos para fora, enquanto o homem mutilado desaparecia na multidão, considerando-se afortunado por haver escapado com vida.

Tudo havia voltado ao normal na cantina, com uma pequena exceção.

Ben Kenobi havia conquistado um respeitoso espaço no bar.

Luke mal percebeu que o silêncio havia sido rompido. Ainda estava atônito com a rapidez da briga e com a agilidade do velho. Quando se acalmou um pouco e aproximou-se de Kenobi, pôde ouvir pedaços de conversas. Todos estavam comentando que a vitória do velho havia sido justa.

— Você está machucado, Luke — observou Kenobi, solicitamente.

Luke levou a mão ao local onde tinha sido atingido pelo monstro.

— Acho que não foi... — começou a dizer, mas o Velho Ben o interrompeu. Como se nada tivesse acontecido, apontou para a massa cabeluda que se aproximava.

— Este é Chewbacca — explicou para o rapaz, quando o antropóide se reuniu a eles no bar. — Trabalha como imediato em uma nave que talvez nos sirva. Agora, vai-nos apresentar ao capitão e dono do cargueiro.

— Por aqui — grunhiu o wookiee, ou coisa parecida. De qualquer forma, o gesto de "sigam-me" da criatura era inconfundível.

Encaminharam-se para os fundos da cantina, o wookiee abrindo caminho na multidão como uma faca cortando manteiga.

Em frente à cantina, C-3PO passeava nervosamente de um lado para outro. R2-D2 estava entretido em uma animada conversa eletrônica com um R-2 vermelho vivo, pertencente a outro freguês da cantina.

— Por que estão demorando tanto? Disseram que iam alugar uma nave, não uma frota.

De repente, C-3PO parou e silenciou R2-D2 com um gesto. Dois soldados do Império haviam chegado à porta da cantina. Foram recebidos por um homem mal vestido, que havia surgido quase que simultaneamente de dentro da cantina.

— Não estou gostando nada disso — murmurou o andróide.

Enquanto se encaminhavam para o fundo da cantina, Luke havia apanhado o drinque de alguém na bandeja de um garçom que passava.

Engoliu a bebida com o ar negligente de quem se encontra sob a proteção divina. Não era bem assim, mas em companhia de Kenobi e do gigantesco wookiee, o rapaz tinha certeza de que ninguém na cantina se atreveria a incomodá-lo de novo.

Em um reservado dos fundos estava um homem de feições angulosas que podia ser cinco anos mais velho do que Luke, como podia ser dez, era difícil dizer. Tinha o ar despreocupado de uma pessoa extremamente confiante, ou totalmente irresponsável. Quando viu que tinha visitas, mandou embora a prostituta humanóide que se remexia em seu colo, cochichando-lhe no ouvido alguma coisa que a fez sorrir.

Chewbacca rosnou alguma coisa para o homem e ele fez que sim com a cabeça, sorrindo amistosamente para os recém-chegados.

— Você sabe usar muito bem aquele sabre, velho. A gente quase não vê mais uma exibição dessas nesta parte do Império. — Bebeu metade do líquido que estava no copo de um gole só.

— Meu nome é Han Solo. Sou capitão do *Millennium Falcon*.

A voz assumiu de repente um tom impessoal. — Chewie me disse que estão querendo viajar para o sistema de Alderaan.

— Isso mesmo, filho. Mas precisamos de uma nave veloz

— disse Kenobi.

Solo não pareceu incomodar-se com o "filho".

— Veloz? Então você nunca ouviu falar do *Millennium Falcon*?

Kenobi achou graça.

— Devia?

— É o cargueiro que fazia a rota de Kessel em menos de doze unidades galácticas! — exclamou Solo, indignado. — Já ganhei de naves estelares do Império e de cruzadores corelianos. Agora acha que é suficientemente veloz? — A explosão passou rapidamente. — Qual é a sua carga?

— Passageiros, apenas. Eu, o rapaz e dois andróides... e nada de perguntas.

— Nada de perguntas. — Solo olhou pensativamente para o copo, depois levantou a cabeça. — Problemas locais?

— Digamos que não nos queremos envolver com os soldados do Império — respondeu Kenobi, sem pestanejar.

— O que não é nada fácil, nos dias de hoje. Vai custar um pouquinho mais. — Fez alguns cálculos de cabeça. — O serviço todo vai ficar em dez

mil. Adiantados. E nada de perguntas — acrescentou, com um sorriso.

Luke ficou de boca aberta.

— Dez mil! Mas isso dava para comprar um cargueiro! Solo deu de ombros.

— Pode ser que sim, pode ser que não. Mas quem iria pilotá-lo?

— Eu mesmo — respondeu Luke, levantando-se. — Tenho certa experiência, sabe? Eu não...

Kenobi apertou-lhe o braço com força.

— Não temos tanto dinheiro conosco — explicou para o capitão. —

Mas podemos pagar dois mil agora e mais quinze mil quando chegarmos a Alderaan.

Solo cocou o queixo, indeciso.

— Quinze mil... você pode realmente arranjar tanto dinheiro?

— Palavra de honra... e será do próprio governo de Alderaan. Na pior das hipóteses, você terá uma recompensa justa pelo seu trabalho: dois mil.

Solo pareceu não ouvir a última frase.

— Dezessete mil... está bem, vou correr o risco. Negócio fechado. Mas se não querem envolver-se com os soldados do Império, é melhor darem o fora já... — Apontou para a entrada da cantina, e acrescentou rapidamente:

— Plataforma de lançamento noventa e quatro, ao amanhecer.

Quatro soldados do Império haviam entrado na cantina e estavam olhando em todas as direções. Alguns fregueses começaram a resmungar, mas cada vez que um dos soldados olhava na direção de onde partira o protesto, o responsável imediatamente se calava.

Encaminhando-se para o bar, o chefe dos soldados fez algumas perguntas rápidas para o empregado. O homem hesitou por um momento e depois apontou para um reservado nos fundos da cantina. Ao fazê-lo, seus olhos se arregalaram ligeiramente. O soldado não mudou de expressão.

O reservado que o empregado estava mostrando estava vazio.

## VII

LUKE E BEN estavam colocando R2-D2 no banco traseiro do carro, enquanto C-3PO montava guarda.

— Se o cargueiro de Solo for tão bom como ele diz, não teremos problemas — observou o velho, com otimismo.

— Mas dois mil... e mais quinze quando chegarmos a Alderaan!

— Não são os quinze mil que me preocupam, mas sim os primeiros dois mil — explicou Kenobi. — Acho que vamos ter que vender seu carro.

Luke deixou o olhar passear pelo veículo, mas a amizade que sentia pelo carro havia desaparecido... desaparecido junto com outras coisas nas quais era melhor nem pensar.

— Não tem importância — disse para Kenobi, com indiferença. —

Nunca mais vou precisar dele.

Já devidamente instalados em outro reservado, Solo e Chewbacca assistiram ao desfile dos soldados do Império. Dois deles olharam demoradamente para o coreliano. Chewbacca rosnou uma vez e os dois soldados apertaram o passo.

Solo sorriu cinicamente, voltando-se para o companheiro,

— Chewie, este trabalho pode ser a nossa salvação. Dezessete mil! —

Sacudiu a cabeça, como se não pudesse acreditar. — Aqueles dois devem estar desesperados. Gostaria de saber qual foi o crime que cometeram. Mas concordei em não fazer perguntas, não foi? Vamos andando... precisamos preparar o *Falcon* para o vôo.

— Vai a algum lugar, Solo?

O coreliano não podia reconhecer a voz, pois estava sendo produzida por um tradutor eletrônico. Mas não teve dificuldade em reconhecer quem estava falando, nem a arma que lhe havia encostado nas costelas.

A criatura era um bípede mais ou menos do tamanho de um homem, mas a cabeça parecia saída de um pesadelo. Os olhos eram enormes, multifacetados, e se destacavam como faróis no rosto verde escuro. O

crânio era coberto por uma série de saliências ósseas; a narina e a boca formavam um focinho pontudo, como o de um tapir.

— Que coincidência — respondeu Solo. — Estava justamente a caminho para ver seu chefe. Pode dizer a Jabba que consegui o dinheiro que devo a ele.

— Foi o que você disse ontem... e na semana passada... e na outra semana. Agora chega, Solo. Não vou repetir mais seus contos de fadas para Jabba.

— Mas desta vez arranjei mesmo o dinheiro! — protestou Solo.

— Ótimo. Então passe para cá.

Solo sentou-se devagar. Os asseclas de Jabba tinham o dedo do gatilho muito sensível. O outro sentou-se do outro lado da mesa, mantendo a pequena pistola apontada para o peito de Solo.

— Não está comigo. Diga a Jabba que...

— Não adianta, Solo. Jabba decidiu ficar com o seu cargueiro.

— Sobre o meu cadáver — disse Solo, com firmeza.

O outro não pestanejou.

— Como quiser. Quer ir lá fora comigo, ou prefere que eu faça o serviço aqui mesmo?

— Acho que o dono não vai gostar.

Algo que poderia ser uma gargalhada saiu do tradutor da criatura.

— Ele não iria nem notar. Levante-se, Solo. Estou esperando por isto há muito tempo. Nunca mais vai-me envergonhar diante de Jabba com suas desculpas ridículas.

— Acho que tem razão.

Um clarão cegante envolveu o reservado. Quando passou, tudo que restava do alienígena era uma massa informe no chão de pedra.

Solo tirou de debaixo da mesa a pistola ainda fumegante, atraindo olhares surpresos de vários fregueses da cantina e murmúrios de admiração dos mais traquejados. Estes sabiam que o alienígena havia cometido um erro fatal: não manter o tempo todo as mãos de Solo debaixo de seus olhos.



— É preciso mais do que uma cara feia para acabar comigo. Jabba sempre foi muito pão-duro na hora de contratar seus capangas.

Deixando o reservado, Solo saiu da cantina com Chewbacca, não sem antes largar um punhado de moedas na mão do garçom.

— Desculpe a bagunça. Mas sabe que a culpa não foi minha.

Os soldados armados até os dentes desciam a rua estreita, olhando de vez em quando para os seres esfarrapados que lhes acenavam com mercadorias exóticas, penduradas na ponta de pedaços de pau. Neste bairro de Mos Eisley os edifícios eram altos e tinham sido construídos muito próximos, o que transformava a rua em um túnel.

Ninguém olhava para os soldados com hostilidade; ninguém lhes dirigia imprecações ou lhes gritava obscenidades. Os homens uniformizados tinham por trás deles a autoridade do Império. Por toda parte, homens, alienígenas e robôs agachavam-se nos umbrais escuros. No meio de pilhas de lixo, trocavam informações e concluía transações de legalidade duvidosa.

Um vento morno gemeu no beco e os soldados cerraram fileiras. A ordem e a disciplina ajudavam a disfarçar o medo que sentiam por se encontrarem em uma zona tão opressiva da cidade.

Um dos soldados parou para examinar uma porta e descobriu que estava trancada. Um maltrapilho que estava nas proximidades olhou para o

soldado e soltou uma torrente de palavras sem sentido. Encolhendo os ombros, o soldado fuzilou o louco com os olhos antes de apressar o passo para juntar-se aos companheiros. Assim que os soldados se afastaram, a porta se entreabriu e um rosto metálico olhou para fora. Por entre as pernas de C-3PO, um pequeno robô cilíndrico se esforçava para ver alguma coisa.

— Preferia ter ido com o Sr. Luke, em vez de ficar aqui com você. Mas ordens são ordens. Não sei direito qual é o problema, mas estou certo de que a culpa é sua.

R2-D2 respondeu com um som impossível: um *bip* de desprezo.

— Veja como fala — advertiu C-3PO.

Era possível contar nos dedos de uma das mãos o número de carros e outros veículos de transporte naquele terreno poeirento que ainda se achavam em condições de trafegar. Mas Luke e Ben nem pensaram nisso enquanto discutiam o preço com o proprietário, uma criatura alta, que lembrava um inseto. Afinal, estavam ali para vender, não para comprar.

Nenhum dos passantes dedicou à cena nem mesmo um olhar de curiosidade. Transações semelhantes, de interesse apenas dos participantes, ocorriam centenas de vezes por dia em Mos Eisley.

Finalmente, todas as súplicas e ameaças se esgotaram. Como se se estivesse desfazendo de amostras de seu próprio sangue, o proprietário concretizou a compra passando para Luke uma pilha de moedas de metal.

Luke e o insetóide trocaram algumas palavras amáveis e se separaram, ambos convencidos de que haviam levado a melhor no negócio.

— Ele disse que não podia pagar mais. Desde que o XP-38 foi lançado, a procura diminuiu muito — suspirou Luke.

— Não fique tão desanimado — disse Kenobi. — O que você conseguiu é suficiente. Meu dinheiro dá para completar o que falta.

Deixando a rua principal, entraram em um beco, passando por um pequeno robô que levava com ele um bando de animais parecidos com tamanduás. Ao dobrarem a esquina, Luke virou a cabeça para olhar para o

velho carro... a última coisa que o ligava ao passado.

Uma criatura baixa e furtiva, que poderia ou não ser humana, pois as vestes a cobriam inteiramente, saiu das sombras assim que Luke e Ben dobraram a esquina. E continuou a olhar para eles até desaparecerem em uma curva da calçada.

A entrada da plataforma de lançamento estava totalmente cercada por meia dúzia de homens e alienígenas, dos quais os primeiros eram sem sombra de dúvida os mais grotescos. Um monumento de banha e músculos, encimado por uma cabeleira desgrenhada, observava satisfeito o semicírculo de assassinos armados. Colocando-se à frente dos outros, gritou na direção do cargueiro:

— Saia daí, Solo! Você está cercado!

— Está olhando na direção errada — respondeu calmamente uma voz.

Jabba deu um pulo, o que por si só constituiu um espetáculo memorável. Os capangas giraram nos calcanhares e se viram frente a frente com Han Solo e Chewbacca.

— Estava a sua espera, Jabba.

— Esperava que estivesse — admitiu Jabba, ao mesmo tempo satisfeito e alarmado pelo fato de nem Solo nem o gigantesco wookiee aparentemente estarem armados.

— Não sou homem de fugir — disse Solo.

— Fugir? Fugir de quê? — retorquiu Jabba. A ausência de armas começava a deixá-lo nervoso. Alguma coisa não estava certa, e era melhor não tomar nenhuma atitude precipitada antes de descobrir o que era.

— Han, meu rapaz, às vezes você me decepciona. Só queria saber por que ainda não me pagou... o prazo já se esgotou há muito tempo. E por que foi fazer aquilo com o pobre Greedo? Depois de tudo que você e eu passamos juntos.

Solo deu um meio sorriso.

— Deixe disso, Jabba. Não há no seu corpo sentimento suficiente para aquecer uma bactéria órfã. Quanto ao Greedo, você o mandou para me matar.

— Por que o faria, Han? — protestou Jabba, em tom ofendido. — Por quê? Você é o melhor contrabandista que conheço. Não quero perdê-lo.

Greedo queria apenas transmitir-lhe minha preocupação pelo atraso do pagamento. Não queria matá-lo.

— Pois bem que tentou. Da próxima vez, não mande um de seus capangas. Se tiver algo para me dizer, venha ver-me pessoalmente.

Jabba sacudiu a cabeça e a papada tremeu — um eco visível de sua tristeza fingida.

— Han, Han... se pelo menos você não tivesse jogado fora aquele carregamento de especiarias! Compreenda... não posso fazer exceções.

Onde eu estaria se todos os meus pilotos jogassem fora o carregamento ao primeiro sinal de um cruzador do Império? E então mostrasse os bolsos vazios quando eu exigisse minha parte?

Não é bom para os negócios. Posso ser generoso e compreensivo, mas não a ponto de ir à falência.

— Você sabe, até eu, as vezes, fico encurralado, Jabba. Acha que joguei fora as especiarias apenas porque fiquei cansado do cheiro? Queria tanto entregar a mercadoria como você queria recebê-la. Não tive escolha. —

Sorriu de novo. — Como você disse, não me quer perder. E agora consegui um trabalho e posso pagar tudo que lhe devo, mais os juros. Só preciso de tempo. Que acha de mil por conta e o resto em três semanas?

O obeso bandido pareceu pensar e depois dirigiu-se aos asseclas.

— Baixem as armas. — Olhou de novo para o coreliano. — Han, meu rapaz, só estou fazendo isso porque você é realmente um bom piloto e posso precisar de novo de seus serviços. Assim, como um gesto de boa vontade... e por uma comissão de, digamos, vinte por cento... vou conceder-lhe um pouco mais de tempo. — Sua voz de repente se tornou ameaçadora.

— Mas é a última vez. Se você me decepcionar de novo, se zombar de minha generosidade, vou pagar um preço tão alto por sua cabeça que você não poderá chegar perto de um sistema civilizado durante o resto da vida, porque seu nome e seu rosto serão conhecidos por homens que matariam a própria mãe por um décimo do que prometerrei a eles.

— Ainda bem que estamos de acordo — replicou Solo alegremente, enquanto ele e Chewbacca passavam pelos asseclas de Jabba. — Não se preocupe. Vou pagar. Mas não por causa de suas ameaças. Vou pagar porque... porque estou com vontade.

— Estão começando a revistar a central do espaçoporto — informou o comandante, lutando para acompanhar o passo rápido de Darth Vader. O

Lorde Negro estava mergulhado em seus pensamentos, enquanto atravessava um dos corredores principais da base espacial, seguido por vários assistentes.

— Os relatórios estão começando a chegar — prosseguiu o comandante.  
— Em pouco tempo os andróides estarão em nossas mãos.

— Mande mais homens, se for preciso. Não ligue para os protestos do governador do planeta. Preciso desses andróides de qualquer maneira. Ela só não falou até agora porque ainda tem esperanças de que as informações guardadas na memória dos robôs sejam usadas contra nós...

— Compreendo, Lorde Vader. Até lá, teremos que perder tempo com as tentativas tolas do Governador Tarkin de arrancar-lhe a verdade por outros meios.

— Lá está a plataforma de lançamento noventa e quatro — disse Luke para Kenobi e para os dois robôs, que se haviam reunido a eles. — E lá está Chewbacca. Parece nervoso com alguma coisa.

Realmente, o wookiee estava fazendo gestos frenéticos por sobre as cabeças da multidão. Apressando o passo, nenhum dos quatro notou a criatura baixa e furtiva que os seguia.

A criatura parou na entrada da plataforma e tirou um pequeno transmissor de uma bolsa escondida na roupa. O transmissor, novo e moderno, não combinava com uma figura tão decrepita, que no entanto começou a falar com muito desembaraço.

A plataforma de lançamento noventa e quatro não era diferente de um sem-número de outras plataformas espalhadas por toda a cidade. Consistia quase que unicamente em uma rampa de acesso e um enorme buraco cavado no solo rochoso. O buraco servia como proteção contra os efeitos do campo antigravitacional que era usado para lançar as espaçonaves.

Os princípios do voo espacial eram extremamente simples, mesmo para uma pessoa como Luke. A antigravidade só funcionava nas proximidades de um forte campo gravitacional — como o de um planeta.

Por outro lado, para voar mais rápido do que a luz, era preciso que a nave estivesse suficientemente afastada de qualquer objeto sólido. Daí a necessidade de usar um sistema de duas etapas.

O buraco da plataforma de lançamento noventa e quatro era tão mal feito e mal conservado como a maioria dos buracos de Mos Eisley. As encostas eram irregulares e haviam desmoronado em alguns lugares. Luke achou que combinava perfeitamente com a espaçonave para a qual Chewbacca os estava levando.

O grotesco elipsóide, que só com muito boa vontade poderia ser chamado de espaçonave, parecia ter sido construído a partir de velhos fragmentos de cascos e peças descartadas como imprestáveis por outras naves. Era um milagre, pensou Luke, que uma coisa daquelas ainda se mantivesse de pé. Só de imaginar-se como passageiro a bordo daquele arremedo de veículo, teria sofrido um ataque histérico, não fosse a situação tão séria. Mas pensar em viajar até Alderaan naquele...

— Que monstrengo! — murmurou finalmente, não podendo esconder por mais tempo o que pensava. Estavam subindo a rampa, em direção à escotilha aberta. — Duvido que esta coisa possa viajar no hiperespaço.

Kenobi não fez nenhum comentário. Limitou-se a apontar para a escotilha, de onde saía alguém para encontrá-los.

Ou Solo tinha uma audição hipersensível, ou estava acostumado à reação dos passageiros ao verem pela primeira vez o *Millennium Falcon*.

— Pode não parecer grande coisa — confessou, à guisa de saudação —

mas está em ponto de bala. Eu mesmo fiz algumas modificações. Além de ser piloto, entendo um pouco de mecânica. É mais rápido do que qualquer cargueiro.

Luke cocou a cabeça, tentando reavaliar a nave à luz das informações do proprietário. Ou o coreliano era o maior mentiroso deste lado da galáxia, ou a primeira impressão havia sido totalmente errônea. Luke pensou mais uma vez no conselho do Velho Ben de não julgar nada pelas aparências e decidiu guardar seu julgamento a respeito do piloto e da espaçonave para mais tarde, quando tivesse visto ambos em operação.

Chewbacca havia ficado para trás durante a subida da rampa. Agora aparecia correndo, um furacão peludo, e dizia alguma coisa para Solo, em tom agitado. O piloto ouviu-o com toda a calma, fazendo que sim com a cabeça várias vezes, e deu uma resposta lacônica. O wookiee entrou correndo na nave, detendo-se apenas para convidar os outros a segui-lo com um gesto.

— Parece que estamos com um pouquinho de pressa — disse Solo, enigmaticamente. — Vamos entrar, vamos entrar.

Luke abriu a boca para fazer uma pergunta, mas Kenobi já o estava empurrando para a frente. Os andróides os seguiram.

Ao entrar, Luke levou um pequeno susto ao ver Chewbacca lutar para enfiar-se em um assento de piloto que, embora adaptado, ainda era pequeno demais para seu corpo. O wookiee ligou várias chaves com dedos aparentemente grossos demais para a tarefa. As grandes patas dançavam nos controles com surpreendente leveza.

A nave começou a vibrar quando os motores foram ligados. Luke e Ben se amarraram nos assentos vazios do corredor principal.

Na base da rampa, uma tromba comprida emergiu de uma roupa escura. Dos dois lados da tromba, dois pequenos olhos brilhantes se fixavam no velho cargueiro. Os olhos se voltaram, juntamente com o resto da cabeça, quando um pelotão de oito soldados do Império se aproximou.

Os soldados se dirigiram diretamente para a enigmática criatura, que disse alguma coisa para o comandante do pelotão e apontou para a espaçonave.

A informação deve ter sido importante. Sacando as armas, os soldados correram para a rampa.

Um brilho metálico captou a atenção de Solo quando os primeiros soldados começaram a subir a rampa. Solo achou pouco provável que estivessem ali apenas para uma conversa amistosa. Suas suspeitas foram confirmadas, porque antes que tivesse tempo de abrir a boca para protestar contra a invasão, os soldados abriram fogo. Solo pulou de volta para dentro da nave, gritando ao mesmo tempo para o imediato:

— Chewie... ligue o campo de força, depressa! Vamos dar o fora!

O wookiee respondeu com um grunhido.

Sacando sua arma, Solo conseguiu disparar alguns tiros da *segurança* relativa da escotilha. Vendo que a presa não estava indefesa, os soldados recuaram, procurando abrigo.

A vibração se transformou em um gemido e depois em um estrondo ensurdecedor. Solo apertou um botão. Imediatamente, a escotilha se fechou.

Quando os soldados chegaram à base da rampa, o chão estava tremendo ligeiramente. Eles esbarraram em um segundo pelotão, que acabava de chegar em resposta a uma chamada de emergência. Um dos soldados, gesticulando nervosamente, tentava explicar ao oficial recém-chegado o que havia acontecido.



Assim que o ofegante soldado terminou o relato, o oficial tirou do bolso um comunicador portátil e gritou:

— Torre de controle... eles estão tentando escapar! É preno detê-los, custe o que custar!

Alarmas começaram a soar em toda Mos Eisley, espalhando-se em círculos concêntricos a partir da plataforma noventa e quatro.

O pequeno cargueiro deixou o solo. Em poucos segundos, não passava de um pontinho brilhante no céu azul.

Luke e Ben já estavam desamarrando os cintos de segurança quando Solo passou por eles, encaminhando-se para a sala de controle com o andar fácil e descontraído de alguém que passou a vida no espaço. Chegando lá,

deixou-se cair no assento do piloto e começou imediatamente a verificar os indicadores. No assento ao lado, Chewbacca rosnava e grunhia como um motor mal ajustado. Voltando-se para Solo, apontou para a tela. Solo olhou para a tela e disse, em tom irritado:

— Eu sei, eu sei... são dois, talvez três destróieres. Alguém está atrás de nossos passageiros. Desta vez, Chewie, pegamos uma carga realmente perigosa. Tente mantê-los a distância, enquanto acabo de programar o salto no hiperespaço. Regule os defletores para o máximo de proteção.

Dito isso, Solo concentrou inteiramente sua atenção nos terminais de entrada do computador. Quando um pequeno robô cilíndrico apareceu na porta, foi como se não existisse. R2-D2 soltou alguns *bips* interrogativos e foi embora.

Os sensores de ré mostravam que Tatooine estava ficando rapidamente para trás. Mas os três pontos na tela que indicavam a presença dos destróieres do Império estavam ficando cada vez maiores.

Embora Solo tivesse ignorado R2-D2, a entrada dos dois passageiros humanos o fez levantar os olhos do painel.

— Mais dois destróieres se juntaram à caçada — disse para eles, colocando o dedo sobre a tela. — Vão tentar cercar-nos antes que tenhamos tempo de entrar no hiperespaço. Cinco espaçonaves... o que foi que vocês fizeram para merecer tanto?

— Não pode andar mais depressa? — perguntou Luke sarcasticamente, ignorando a pergunta do outro. — Pensei que tivesse dito que esta coisa era veloz.

— Cuidado com o que diz, garoto, ou não me responsabilizo pelas consequências. Em primeiro lugar, eles são cinco, e estão vindo de todas as direções... Mas estaremos a salvo assim que entrarmos no hiperespaço.

Deu um sorriso superior. — É difícil seguir uma nave que se está movendo mais depressa do que a luz. Além disso, conheço alguns pequenos truques para confundi-los. Gostaria de ter sabido que vocês dois eram tão populares.

— Por quê? — disse Luke, em tom de desafio. — Ter-se-ia recusado a levar-nos?

— Não necessariamente — respondeu o coreliano. — Mas garanto que o preço teria sido muito maior.

Luke abriu a boca para responder quando um intenso clarão vermelho substituiu a escuridão do espaço. O rapaz protegeu os olhos com as mãos, no que foi imitado por Kenobi, Solo e até mesmo Chewbacca, já que a explosão havia sido próxima demais para que a blindagem fototrópica funcionasse com eficiência.

— A coisa está ficando interessante — murmurou Solo.

— Quanto tempo para entrarmos no hiperespaço? — perguntou Kenobi, imperturbável.

— Ainda estamos no campo gravitacional de Tatooine — explicou o piloto. — O computador de navegação vai levar ainda alguns minutos para iniciar o salto. Poderia assumir o controle manual, mas provavelmente nosso motor seria destruído na tentativa, e ficaríamos à deriva no espaço.

— Alguns minutos — repetiu Luke, olhando para a tela. — Do jeito que eles estão ganhando terreno...

— Viajar no hiperespaço não é como colher legumes, garoto. Já tentou calcular um salto no hiperespaço? — Luke teve que fazer que não com a cabeça. — Não é brincadeira. Um pequeno erro, e a gente dá de cara com uma estrela ou outro simpático fenômeno espacial, como um buraco negro.

E a viagem termina para sempre.

As explosões se sucediam, apesar de Chewbacca estar seguindo um rumo em ziguezague. No painel de Solo, uma lâmpada vermelha começou a piscar.

— O que é isso? — perguntou Luke, assustado.

— Perdemos um dos defletores — anunciou Solo, com o ar de quem acaba de extrair um dente. — É melhor voltarem para seus lugares.

Estamos quase prontos para o salto.

No corredor, C-3PO já estava firmemente preso ao assento por braços de metal mais fortes do que qualquer cinto de segurança. A concussão produzida por uma nova explosão quase fez R2-D2 perder o equilíbrio.

— Será que precisávamos mesmo fazer esta viagem? — lamentou-se C-3PO. — Tinha-me esquecido de como detesto as viagens espaciais. —

Interrompeu-se quando Luke e Ben apareceram e começaram a apertar os cintos.

Estranhamente, Luke estava pensando em seu cachorro de estimação, quando uma força imensamente poderosa distorceu o espaço em torno do

cargueiro em fuga.

O Almirante Motti entrou na sala de conferências. Seu olhar se deteve no Governador Tarkin, que estava de pé, diante de uma gigantesca tela. O

Almirante fez uma leve mesura e anunciou formalmente, embora o pequeno planeta verde estivesse bem visível na tela:

— Acabamos de entrar no sistema de Alderaan. Aguardamos suas ordens.

Uma campainha soou e Tarkin fez um gesto para o oficial.

— Espere um momento, Motti.

A porta se abriu e Leia Organa entrou, conduzida por dois guardas e seguida por Darth Vader.

— Eu sou... — começou Tarkin.

— Sei quem você é — interrompeu a moça. — O Governador Tarkin. Já esperava que estivesse por trás desta afronta. Aliás, quando entrei nesta nave, julguei reconhecer o seu fedor inconfundível.

— Sempre encantadora — disse Tarkin. — Não sabe com que pesar assinei a ordem de sua execução. — Assumiu um ar compungido. —

Naturalmente, se tivesse colaborado com nossa investigação, a situação seria bem outra. Lorde Vader me disse que você resistiu aos nossos métodos tradicionais de interrogatório...

— De tortura, você quer dizer — corrigiu Organa, com a voz um pouco trêmula.

— Mera questão de semântica — protestou Tarkin, sorrindo.

— Não sei como teve coragem de assinar pessoalmente a ordem.

Tarkin suspirou.

— Sou um homem que vive para o trabalho. Não me concedo muitos prazeres. Um deles é o de que antes da execução, você seja minha convidada de honra em uma pequena cerimônia. Será ao mesmo tempo a inauguração desta base espacial e o início de uma nova era de supremacia técnica do Império. Esta base é o último elo de uma nova cadeia que unirá para sempre os milhões de planetas do Império. A revolução morrerá de morte natural. Depois da demonstração de hoje, ninguém ousará desafiar o Império, nem mesmo o Senado!

Organa olhou para ele com desprezo.

— Não conseguirá unir o Império pela força. A força não serve para unir, apenas para dividir. Quanto mais apertar, mais sistemas escorregarão por entre seus dedos. Você é um tolo, Tarkin. Um tolo com ilusões de grandeza.

O sorriso de Tarkin era frio com gelo.

— Lorde Vader escolheu uma forma bem interessante para você terminar seus dias. Aliás, você merece isso. — Mas antes que nos deixe, queremos demonstrar o poderio desta base de forma a não deixar margem a dúvidas. De certa forma, foi você mesma quem nos sugeriu o local do teste. Já que se recusa a nos fornecer a localização do esconderijo dos rebeldes, achei que seria apropriado usar o seu planeta natal, Alderaan.

— Não. Não tem o direito! Alderaan é um mundo pacífico, não tem exércitos! Você não pode...

Os olhos de Tarkin brilharam.

— Prefere outro alvo? Um alvo militar, talvez? Está bem... escolha o sistema. — Encolheu os ombros. — Estou ficando cansado desta farsa. Pela última vez, onde fica a principal base dos rebeldes?

Uma voz anunciou pelo alto-falante que estavam suficientemente próximos de Alderaan para usarem o sistema de frenagem

antigravitacional. Isto foi o suficiente para conseguir o que todas as máquinas infernais de Vader não haviam conseguido.

— Dantooine — sussurrou a moça, baixando os olhos. — Eles estão em Dantooine.

Tarkin soltou um longo suspiro de satisfação e voltou-se para o gigante negro.

— Está vendo, Lorde Vader? A mocinha pode ser razoável. É só formular a pergunta de forma correta. — Dirigiu-se aos outros oficiais: —

Depois que terminarmos nosso pequeno teste, iremos imediatamente para Dantooine. Cavalheiros, podem prosseguir com a operação.

Organa levou alguns segundos para compreender o significado das palavras de Tarkin, ditas em tom tão casual.

— O *quê*? — exclamou, finalmente.

— Dantooine — explicou Tarkin, calmamente — fica longe demais do centro do Império para servir como uma demonstração efetiva de nosso poderio. Você há de compreender que os efeitos psicológicos da destruição de Alderaan sobre a população em geral serão bem mais pronunciados.

Mas não se preocupe; cuidaremos de seus amigos rebeldes o mais cedo possível.

— Mas você disse... — começou a protestar Organa.

— Não importa o que eu disse — interrompeu Tarkin. — Vamos destruir Alderaan, conforme o planejado. Então você assistirá à aniquilação de Dantooine e desta estúpida revolução. — Fez um gesto para os soldados que vigiavam a moça. — Levem-na para a plataforma de observação. Quero que assista à nossa demonstração da primeira fila.

## VIII

SOLO ESTAVA verificando as leituras dos indicadores. De vez em quando passava uma pequena máquina pelos vários sensores, examinava os resultados e sorria de satisfação.

— Não precisam mais preocupar-se com nossos amigos do Império —

disse para Luke e Ben. — Nunca mais nos conseguirão encontrar. Não disse que os despistaria?

Kenobi não deu sinal de ter ouvido o piloto. Estava ocupado explicando alguma coisa a Luke.

— Dispensó os agradecimentos efusivos — resmungou Solo, levemente aborrecido. — Seja como for, o computador de navegação calcula que vamos entrar em órbita em torno de Alderaan, às duas em ponto. Acho que depois desta aventura, vou ter que registrar a nave com outro nome.

Continuou a verificar os instrumentos, passando em frente de pequena mesa circular. O tampo da mesa era coberto por pequenos quadrados iluminados por baixo. De cada lado da mesa havia um terminal de computador. Pequenas figuras tridimensionais ocupavam o espaço acima de alguns dos quadrados.

Chewbacca estava sentado diante de um dos terminais, o queixo apoiado em uma das patas. Os grandes olhos brilhavam; os bigodes estavam encurvados para cima. Parecia muito satisfeito consigo mesmo.

Isto é, parecia satisfeito até R2-D2 apertar um botão do outro terminal com um dos seus dedos metálicos. Uma das figuras se deslocou no tabuleiro até ocupar outro quadrado.

Uma expressão de espanto cruzou o rosto do wookie assim que ele viu a nova configuração, transformando-se rapidamente em uma careta de raiva. Debruçando-se na mesa, despejou uma torrente de xingamentos

sobre o inofensivo robô. R2-D2 conseguiu apenas soltar um tímido assovio, mas C-3PO logo intercedeu em defesa do companheiro e começou a discutir

-com o temível an-tropóide.

— O lance dele foi legal. Não adianta ficar nervoso. Atraído pelo tumulto, Solo olhou por cima do ombro e franziu a testa.

— Façam a vontade dele. Seu amigo está com a partida ganha. Não vale a pena discutir com um wookiee.

— Entendo seu ponto de vista — objetou C-3PO — mas o que está em jogo aqui é um princípio. Existem certos princípios que toda criatura inteligente tem o dever de respeitar. Quem abre mão de qualquer deles, seja por que motivo for, inclusive por intimidação, perde o direito de ser chamado de racional.

— Espero que continue pensando assim — preveniu Solo — enquanto Chewbacca estiver arrancando os braços de vocês dois.

— Por outro lado — continuou C-3PO, imperturbável — tirar proveito de alguém que se encontra em posição de desvantagem é falta de espírito esportivo.

A última afirmação provocou um silvo indignado de R2-D2, e os dois robôs se empenharam em uma violenta discussão eletrônica. Chewbacca continuava a rosnar para os dois, e a fazer gestos ameaçadores, enquanto as peças translúcidas aguardavam pacientemente no tabuleiro.

Enquanto isso, Luke estava de pé no meio do compartimento de carga, segurando um sabre de luz sobre a cabeça, em posição, de tiro. A arma antiga emitia um leve zumbido. Ben Kenobi acompanhava atentamente os movimentos do rapaz. Solo assistia à cena, impassível.

— Não, Luke, seus movimentos devem ser contínuos, fluentes...

Lembre-se de que a força é onipresente. A força envolve todo o corpo. Um Cavaleiro de Jedi pode sentir a força como uma entidade real.

— Então é um campo de energia? — quis saber Luke.

— É um campo de energia e muito mais — respondeu Kenobi, em tom



quase místico. — Uma aura que ao mesmo tempo controla e obedece. É um nada que pode realizar milagres. — Ficou pensativo por um momento.

---

Ninguém, nem mesmo os cientistas de Jedi, jamais foi capaz de definir a força de forma satisfatória. Talvez nunca seja definida. Às vezes me parece que existe mais magia do que ciência nas explicações da força. Mas o que é a magia, se não o uso prático de fenômenos que não sabemos explicar cientificamente? Agora, vamos tentar de novo.

O Velho estava segurando uma esfera metálica do tamanho de um punho cerrado. Era coberta de finas antenas, algumas tão delicadas como as de um inseto. Atirou-a na direção de Luke. A esfera parou a dois metros do rosto do rapaz.

Luke preparou-se para o ataque enquanto a bola circulava lentamente em torno dele. Luke girava o corpo para acompanhar o movimento da bola.

De repente, a esfera deu um salto para a frente e imobilizou-se depois de ter percorrido cerca de um me-r Luke se manteve atento e a esfera voltou a recuar.

Procurando evitar os sensores dianteiros da bola, Luke deu um passo para o lado e apontou o sabre de luz. Mas a esfera avançou subitamente, apanhando-o pela retaguarda. Um fino feixe t luz vermelha saiu de uma das antenas, atingindo Luke na parte traseira da coxa e jogando-o ao convés antes que o rapaz tivesse tempo de virar-se de frente para a bola.

Esfregando a perna anestesiada, Luke procurou ignorar a sonora gargalhada de Solo.

— Religiões e armas arcaicas nunca substituirão uma boa pistola desintegradora — disse o piloto.

— Você não acredita na força? — perguntou Luke, pondo-se de pé. Os efeitos do raio passavam rapidamente.

— Já estive nos quatro cantos da galáxia — jatou-se o piloto — e vi muitas coisas estranhas. Não duvido de que exista alguma coisa como esta

"força". Mas não acredito que seja capaz de controlar minhas ações. Quem decide meu futuro sou *eu*, e não um campo de energia quase místico. —

Apontou para Kenobi. — Se fosse você, não o levaria tão a sério. É um velho esperto, cheio de truques e artimanhas. Talvez esteja simplesmente usando

você para conseguir o que quer.

Kenobi limitou-se a sorrir de leve. Depois, voltou-se para Luke.

— Vamos tentar de novo, Luke. Você precisa evitar os movimentos voluntários. Procure não pensar em nada concreto. Deixe a mente divagar; só assim poderá usar a força. Suas ações não podem ser planejadas, têm de ser instintivas. Pare de pensar, deixe a mente: divagar... livre... livre...

A voz do velho se reduzira a um sussurro hipnótico. Quando parou de falar, a esfera saltou novamente na direção de Luke. O rapaz nem viu a bola; parecia em transe. Mas de repente girou o corpo com incrível rapidez, apertando ao mesmo tempo um dos botões da arma. O raio vermelho emitido pela esfera passou ao largo e a esfera bateu com força no convés, rolou um pouco e ficou imóvel.

Piscando os olhos como se tivesse cochilado, Luke olhou surpreso para a bola inerte.

— Está vendo? Capacidade não lhe falta — disse Kenobi. — Agora, precisa aprender a admitir a força quando quiser, para que possa aprender a controlá-la conscientemente.

Kenobi apanhou um grande capacete dentro de um armário e enfiou-o na cabeça de Luke, cobrindo-lhe totalmente os olhos.

— Não estou vendo nada — murmurou Luke, dando meia-volta e obrigando Kenobi a recuar para manter-se fora do alcance da perigosa

arma. — Como vou lutar?

— Use a força — explicou o Velho Ben. — Você não "viu" a esfera desta vez, e mesmo assim conseguiu esquivar-se. Procure lembrar-se da sensação.

— *Não posso* — protestou Luke. — A esfera vai-me atingir de novo.

— Não se você confiar em você mesmo — insistiu Kenobi. — *É* a única maneira de ter certeza de que está usando apenas a força.

Notando que o cético piloto se aproximara para observar, Kenobi

hesitou por um momento. Não era bom para Luke ter que ouvir a gargalhada sarcástica do coreliano cada vez que cometia um erro. Mas também não adiantava mimar o rapaz. E não tinham muito tempo. O

negócio é jogá-lo no fogo e rezar para que não se queime, pensou Ben consigo mesmo.

O velho abaixou-se e apertou um botão na esfera metálica. Em seguida, jogou-a para o alto. A bola começou a descrever um arco que passaria sobre a cabeça de Luke. O rapaz levantou o sabre de luz e apertou o gatilho.

Errou. A minúscula antena brilhou de novo. Desta vez, o raio vermelho atingiu Luke no traseiro. Luke soltou um grito de dor e girou o corpo, tentando acertar no inimigo invisível.

— Mantenha a calma! — aconselhou o Velho Ben. — Liberte-se dos sentidos. Você está tentando usar os olhos e os ouvidos. Pare de pensar e use o resto de sua mente.

De repente, o rapaz deixou de se debater e ficou parado, balançando ligeiramente o corpo. A esfera mergulhou de novo.

O raio branco-azulado atingiu a bola em cheio, fazendo-a mudar de trajetória. Desta vez, ela não caiu. Recuou três metros e ficou parada no ar.

Luke levantou o capacete devagar. O rosto estava coberto de suor.

— Consegui?

— Eu disse que você era capaz! — exclamou Kenobi, exultante. —

Confie na força, e não haverá nada capaz de detê-lo. Sempre achei que você parecia muito com seu pai.

— Pois acho que foi pura sorte — resmungou Solo, continuando a verificar os instrumentos.

— A sorte não existe, meu amigo — disse Kenobi. — Apenas uma combinação de circunstâncias favoráveis, conseguida à custa de nosso esforço.

— Pode ser — replicou o coreliano. — Mas uma coisa é lutar contra uma máquina, outra é combater um ser vivo e pensante.

Enquanto ralava, uma lâmpada começou a piscar em um painel de instrumentos. Chewbacca viu a luz e avisou a Solo. O piloto olhou para o painel e disse aos passageiros:

— Estamos chegando a Alderaan. Daqui a pouco sairemos do hiperespaço. Vamos, Chewie.

Levantando-se da mesa de jogo, o wookie seguiu o chefe até a sala de controle. Luke havia ouvido as palavras de Solo, mas não estava pensando na chegada a Alderaan. Alguma coisa estava tomando conta de seu cérebro, alguma coisa que parecia ficar maior e mais madura a cada instante que passava.

— Você sabe — murmurou — tive a impressão de que estava "vendo" o contorno da esfera no momento em que ela atacou.

A resposta de Kenobi foi solene:

— Luke, você acaba de dar o primeiro passo para entrar em um universo maior.

Os zumbidos de dezenas de instrumentos faziam a sala de controle do cargueiro parecer uma colméia. No momento, Solo e Chewbacca estavam com a atenção concentrada no mais importante desses instrumentos.

— Assim, assim... prepare-se, Chewie. — Solo ajustou várias alavancas.

— Tudo pronto para o salto... atenção... agora!

O antropóide apertou um botão no painel. Ao mesmo tempo, Solo puxou uma alavanca. De repente, as compridas faixas de luz das estrelas se transformaram em ovais, que aos poucos foram mudando de forma até se reduzirem a pontos de luz. Um medidor do painel indicou zero.

Imensas pedras incandescentes surgiram do nada, chocando-se com força com os defletores da nave. Os impatos fizeram o *Millennium Falcon* estremecer violentamente.

— O que foi isso? — exclamou o piloto, atônito.

Chewbacca não fez comentários; limitou-se a ligar alguns controles e desligar outros. Apenas o fato de que o experiente Solo sempre saía do hiperespaço com os defletores ligados — para o caso de haver algum inimigo à espera — havia evitado que o cargueiro fosse destruído instantaneamente.

Luke apareceu na porta da sala de controle.

— O que aconteceu?

— Estamos de volta ao espaço normal — informou Solo. — Acontece que saímos justamente no meio da maior tempestade de asteróides que eu já vi. E não aparece nos mapas. — Olhou para os indicadores. — De acordo com o atlas, nossa posição está correta. Só falta uma coisa: Alderaan.

— Mas é impossível!

— Não vou discutir com você — replicou o coreliano, com uma careta.

— Veja por você mesmo. — Apontou para a vigia.

— Verifiquei as coordenadas três vezes, e o computador de bordo está funcionando perfeitamente. Devíamos estar a um diâmetro planetário da superfície. A essa distância, o brilho do planeta estaria enchendo a cabina.

No entanto, não há nada lá fora. Nada, a não ser asteróides. — Fez uma pausa. — Sabe de uma coisa? Acho que não são asteróides. São os destroços de Alderaan. O planeta foi destruído. Inteiramente.

— Destruído — sussurrou Luke, esmagado pela imensidade do desastre.

— Mas como?

— Foi o Império — declarou Ben com convicção, aparecendo por trás do rapaz.

— Não pode ser. — Solo estava sacudindo a cabeça lentamente. Até ele estava impressionado com a enormidade do que o velho dissera. Que um grupo de homens tinha sido responsável pela aniquilação de todos os seres vivos de um planeta, pela destruição do próprio planeta... — Não é possível.

Nem mesmo toda a frota do Império teria poder para isso.

— Acho que não devemos ficar aqui — murmurou Luke, olhando pela vigia. — Se por acaso foi mesmo o Império...

— Não sei o que aconteceu — interrompeu Solo, zangado.

— Mas de uma coisa estou certo. Não foi o Império que...

Uma campainha começou a tocar no painel de controle. Solo olhou para o instrumento.

— Outra nave — anunciou. — Ainda não sei o tipo.

— Talvez seja um sobrevivente... alguém que nos possa contar o que aconteceu — aventurou Luke, esperançoso.

Mas Ben se encarregou de desapontá-lo.

— É um caça do Império.

De repente, Chewbacca deu um rugido de raiva. Uma bola de fogo explodiu lá fora, fazendo estremecer a nave. Uma pequena esfera com duas asas passou pela vigia.

— Eles nos seguiram! — gritou Luke.

— Desde Tatooine? Impossível — protestou Solo. — Estivemos no hiperespaço, lembra-se?

Kenobi estava examinando a imagem na tela.

— Tem razão, Han. É um caça Tie de curto alcance.

— Mas de onde veio? — quis saber o coreliano. — Não existe nenhuma base do Império nesta região.

— Mas você o viu passar.

— Eu sei. Parecia um caça Tie... mas e a base?

— Está indo cada vez mais depressa — observou Luke, olhando para a tela. — Na certa vai contar aos outros onde estamos.

— Não se eu puder evitar — declarou Solo. — Chewie, interfira com as transmissões daquela nave. Vamos atrás dela.

— Acho que é perda de tempo — interveio Kenobi. — Já está fora de nosso alcance.

— Não por muito tempo.

Durante vários minutos, todos permaneceram calados, com os olhos grudados na tela.

A princípio, o caça do Império tentou uma complexa manobra evasiva, sem resultado. O cargueiro, revelando uma agilidade surpreendente, não o deixou escapar. A distância começou a diminuir rapidamente. Vendo que não conseguia despistar os perseguidores, o piloto do caça acelerou ao máximo. Chewbacca fez o mesmo com o cargueiro.

À frente das duas naves, o brilho de uma pequena estrela começou a ficar cada vez mais forte. Luke franziu a testa. Estavam indo depressa, mas não o suficiente para que uma estrela mudasse perceptivelmente de brilho.

Alguma coisa não fazia sentido.

— Um caça tão pequeno não se aventuraria sozinho neste canto da galáxia — comentou Solo.

— Talvez fizesse parte de um comboio ou coisa parecida — tentou explicar Luke.

— Seja como for, não vai contar a ninguém a nosso respeito — disse Solo. — Vamos alcançá-lo em um minuto ou dois.

A estrela à frente começou a assumir uma forma circular.

— Está indo para aquela pequena lua — murmurou Luke.

— O Império deve ter construído uma base lá — admitiu Solo. — O

problema é que, de acordo com o atlas, Alderaan não tem luas. — Deu de ombros. — Nunca me interessei muito por topografia galáctica. Só quero saber dos planetas e satélites habitados por clientes em perspectiva. Mas acho que posso alcançá-lo a tempo.

A lua estava cada vez mais próxima. Já era possível distinguir as crateras e montanhas. Mas havia alguma coisa de estranho. As crateras



eram regulares, as montanhas verticais, os vales simétricos. Aquela paisagem não havia sido formada pelas forças caprichosas da Natureza.

— Não é uma lua — murmurou Kenobi. — É uma estação espacial.

— Mas é grande demais para ser uma estação espacial! — objetou Solo.

— Vejam como é grande! Não pode ser artificial... não pode ser!

— Estou achando tudo isso muito estranho — foi o comentário de Luke.

De repente, Kenobi perdeu sua fleuma habitual e gritou:

— Dê meia-volta! Vamos dar o fora daqui!

— É, acho que tem razão, amigo. Chewie, vamos voltar.

O wookie mexeu nos controles e o cargueiro começou a descrever uma curva suave. O pequeno caça continuou rumando em linha reta para a gigantesca estação espacial até desaparecer em seu interior.

Chewbacca disse alguma coisa para Solo no momento em que a nave começou a tremer.

— Ligue os motores auxiliares! — ordenou o capitão.

Um por um, os instrumentos de bordo deixaram de funcionar. Por mais que tentasse, Solo não conseguia evitar que o vulto<sup>^</sup> da estação se tornasse cada vez maior, até ocupar toda a vigia.

Luke olhou fascinado para os edifícios do tamanho de montanhas, para as antenas parabólicas maiores do que as de Mos Eisley.

— Por que não nos estamos afastando? — perguntou o rapaz.

— Tarde demais — sussurrou Kenobi. Um olhar para Solo confirmou-lhe as suspeitas.

— Fomos pegos por um raio de tração, o mais forte que já vi. Está-nos puxando — murmurou o piloto.

— E não há nada que a gente possa fazer? — perguntou Luke, assustado.

Solo olhou para os indicadores que ainda funcionavam e sacudiu a cabeça.

— Absolutamente nada. Estou dando tudo que posso, garoto, e não faz a menor diferença. Não adianta. Vou ter que desligar para não fundir os motores. Mas eles não me pegarão sem luta!

Fez menção de levantar-se, mas foi contido por Kenobi. A expressão do velho era de preocupação, mas não de desespero.

— Seria uma luta inglória. Existem outras alternativas, meu rapaz...

Agora que estavam tão próximos, podiam avaliar o tamanho gigantesco da estação espacial. No equador da estação havia um anel de montanhas artificiais, píeres que se projetavam mais de dois quilômetros acima da superfície.

Reduzido a um pontinho minúsculo em comparação com a estação, o *Millennium Falcon* foi sugado e finalmente engolido por um desses pseudópodos de aço. Um lago de metal fechou a entrada e o cargueiro desapareceu como se nunca tivesse existido.

Enquanto Tarkin e o Almirante Motti conversavam a um canto, Vader ficou olhando para o mapa da sala de conferências, para os milhares e milhares de estrelas que mostrava. Era curioso que o uso da mais poderosa máquina de destruição jamais construída não tivesse deixado nenhum sinal naquele mapa, que representava apenas um pequeno setor de uma das zonas de uma galáxia de tamanho médio.

Seria preciso ampliar milhares de vezes uma pequena região do mapa para que se pudesse notar a ausência de Alderaan. Alderaan, com suas cidades, fazendas, fábricas... e traidores, lembrou-se Vader.

A despeito de todos os progressos da ciência da aniquilação, os atos do Homem continuavam a ser irrelevantes para um universo tão vasto que nenhuma palavra seria capaz de descrever sua imensidão. Mas se os planos de Vader se concretizassem, isso iria mudar.

O Lorde Negro sabia muito bem que, apesar de serem inteligentes e ambiciosos, os dois homens que continuavam a tagarelar no canto da sala jamais poderiam compreendê-lo. Tarkin e Motti eram talentosos, mas seus horizontes eram horizontes humanos, mesquinhos. Era uma pena, pensou Vader.

Mas afinal, nenhum dos dois era um Lorde Negro. No momento eram úteis, mas um dia teriam que sofrer o mesmo destino que Alderaan. Por enquanto, não podia dar-se ao luxo de ignorá-los. E embora tivesse preferido a companhia de iguais, era preciso reconhecer que não *dispunha* de iguais. Por isso, aproximou-se deles e introduziu-se na conversa.

— Apesar das negativas do Senado, os sistemas de defesa de Alderaan eram bastante sofisticados. Isto valorizou ainda mais nossa pequena demonstração.

Tarkin voltou-se para ele, assentindo.

— Neste exato momento, o Senado está sendo informado do que ocorreu. Em breve, poderemos anunciar a rendição total dos rebeldes, depois que sua base principal for aniquilada. Agora que eliminamos sua fonte principal de munições, Alderaan, todos os outros sistemas simpatizantes se recusarão a ajudá-los. Você verá.

Tarkin voltou-se quando um oficial do Império entrou na aposento.

— Sim, o que foi, Cass?

O infeliz oficial tinha a expressão do rato que foi escolhido para colocar o sino no pescoço do gato.

— Governador, os batedores chegaram a Dantooine e circunavegaram o planeta. Encontraram os restos de uma base rebelde calculam que está abandonada há vários anos. No momento estão investigando o resto do sistema.

O rosto de Tarkin ficou rubro.

— Ela mentiu! Mentiu para nós!

Era impossível ter certeza, mas Vader dava a impressão de estar sorrindo por detrás da máscara.

— Então estamos empatados na primeira troca de a verdades. Eu disse a você que Organa nunca trairia a revolução... a não ser que pensasse que sua confissão ajudaria de alguma forma a nos destruir.

— Executem-na imediatamente! — O Governador mal conseguiu pronunciar as palavras.

— Calma, Tarkin — aconselhou Vader. — Você abriria mão de nossa única ligação com a verdadeira base dos rebeldes? Ainda podemos usá-la.

— Podemos uma ova! Foi você mesmo que disse, Vader: Organa nunca nos contará nada de útil. Mas hei de encontrar aquela base, nem que para isso tenha que destruir todos os sistemas deste setor. Hei de...

Uma campainha o interrompeu.

— Sim, o que é? — perguntou, irritado. Uma voz falou pelo alto-falante.

"Senhores, capturamos um pequeno cargueiro que estava vagando entre os destroços de Alderaan. Uma verificação de rotina mostrou que a descrição corresponde à da nave que conseguiu furar o bloqueio em Mos Eisley, sistema de Tatooine, e entrou no hiperespaço antes que as naves do Império a alcançassem. "

Tarkin parecia intrigado.

— Mos Eisley? Tatooine? De que está falando? Que quer dizer isso, Vader?

— Quer dizer, meu caro Tarkin, que acabamos de resolver o último problema que falava. Alguém aparentemente recebeu as fitas desaparecidas, descobriu que tinham sido enviadas pela senadora e estava tentando devolvê-las. Só nos resta facilitar o feliz encontro.

Tarkin começou a dizer alguma coisa, mudou de idéia e deu um sorriso cínico.

— Tem razão. Deixo o caso em suas mãos, Vader.

O Lorde Negro fez uma leve mesura a que Tarkin respondeu com uma continência. Então voltou-se e saiu do recinto, deixando Motti a olhar perplexo de um para o outro.

O cargueiro estava parado no meio de um gigantesco hangar. Trinta soldados do Império vigiavam a rampa de acesso. Todos se colocaram em posição de sentido quando Vader se aproximou, acompanhado por um comandante. O Lorde Negro parou na base da rampa, onde foi atendido por um oficial.

— Como não respondiam aos nossos sinais, ativamos a rampa por controle remoto. Ainda não nos conseguimos comunicar com as pessoas que estão a bordo — declarou o oficial.

— Então mande seus homens entrarem — ordenou Vader. O oficial transmitiu a ordem a um sargento, que mandou os soldados iniciarem a operação. Um grupo de soldados fortemente armados subiu a rampa e entrou no cargueiro, avançando com considerável cautela.

Uma vez dentro da nave, um soldado se adiantava enquanto dois outros o cobriam. Movendo-se em grupos de três, eles se espalharam rapidamente pela nave. Todas as portas foram abertas, todos os corredores vasculhados.

— Está vazio — murmurou finalmente o sargento, surpreso. —

Verifiquem a sala de controle.

Um grupo de soldados se encaminhou para o nariz da nave, apenas para descobrir que o assento do piloto estava tão vazio quanto o resto do cargueiro. Os controles estavam em ponto morto, todos os sistemas estavam desligados. Uma única luz piscava no painel. O sargento se aproximou, reconheceu a origem da luz e acionou os controles apropriados.

Imediatamente, uma página escrita apareceu em uma tela próxima. O

sargento leu com atenção o que estava escrito e foi transmitir a informação ao oficial, que esperava do lado de fora da escotilha principal.

O oficial ouviu atentamente antes de dirigir-se a Vader e ao comandante, que ainda estavam na base da rampa.

— Não há ninguém a bordo. A nave está deserta. De acordo com o diário de bordo, a tripulação abandonou o cargueiro imediatamente após a decolagem, depois de inserir as coordenadas de Alderaan no piloto automático.

— Queriam despistar-nos — declarou o comandante em voz alta. —

Então ainda devem estar em Tatooine!

— Possivelmente — admitiu Vader, com relutância.

— Algumas das naves de salvamento estão faltando — prosseguiu o oficial.

— Encontraram a bordo algum andróide? — perguntou Vader.

— Não senhor. Se havia algum, deve ter abandonado a nave junto com a tripulação orgânica.

Vader hesitou antes de prosseguir. Quando o fez, foi com visível preocupação.

— Ainda não estou convencido. Mande um grupo completo de busca examinar cada centímetro quadrado da nave. É urgente.

Com isso, o Lorde Negro virou-se e saiu do hangar, perseguido pela desagradável sensação de que se estava esquecendo de alguma coisa muito importante.

Os soldados começaram a descer rampa. A bordo do cargueiro, uma figura solitária parou *de* examinar o espaço entre os painéis da sala de controle e

correu para juntar-se aos companheiros. Estava ansioso para sair daquela nave fantasma e voltar ao ambiente familiar dos alojamentos.

Os pesados passos do soldado ecoaram pelos corredores vazios do cargueiro.

Lá fora, o oficial deu as últimas ordens e afastou-se. O interior da nave ficou em completo silêncio. O único movimento a bordo era o leve tremor de uma placa do piso.

De repente, a placa saiu do lugar e duas cabeças apareceram. Han Solo e Luke olharam rapidamente em volta e tranquilizaram-se ao constatar que a nave estava realmente vazia.

— Ainda bem que você instalou estes compartimentos — comentou Luke.

Solo não parecia tão confiante quanto o rapaz.

— Onde acha que eu guardava o contrabando? No compartimento de carga? Mas confesso que nunca pensei em usá-los pessoalmente.

O capitão ouviu um ruído súbito e teve um sobressalto, mas era apenas o movimento de outra placa no piso.

— Isto é ridículo. Não vai dar certo. Mesmo que eu consiga decolar e passar pela porta do hangar — apontou para cima com o polegar — nunca escaparemos daquele raio de tração.

A outra placa deslizou para o lado, revelando o rosto de um velho.

— Pode deixar comigo.

— Sabia que você ia dizer isso — murmurou Solo. — Você é mesmo um tolo.

Kenobi riu para ele.

— E quem se deixa contratar por um tolo, o que é?

Solo resmungou uma resposta incompreensível. Todos saíram dos esconderijos, Chewbacca com uma certa dificuldade.

Dois técnicos tinham chegado à base da rampa. Foram falar com os dois soldados que vigiavam o cargueiro.

— A nave é toda de vocês — disse um dos soldados. — Se os sensores apanharem alguma coisa, comuniquem imediatamente.

Os homens assentiram e subiram a rampa com o pesado equipamento.

Assim que desapareceram no interior da nave, os soldados ouviram um estrondo. Então uma voz gritou:

— Ei, vocês dois aí em baixo, será que nos podem dar uma mãozinha?

Um dos soldados olhou para o companheiro, que deu de ombros.

Começaram a subir a rampa, xingando a falta de competência dos técnicos.

Quando entraram na nave, houve outro estrondo, mas desta vez não havia ninguém para ouvir.

Entretanto, pouco depois a ausência dos guardas foi notada. Um oficial subalterno passava pela janela de um pequeno posto de guarda perto do cargueiro e olhou para fora, franzindo a testa ao não ver sinal dos soldados.

Preocupado, mas ainda não alarmado, dirigiu-se a um comunicador e começou a falar, ainda olhando pela janela.

— THX-1138, por que não está no seu posto? THX-1138, está-me ouvindo?

Não houve resposta.

— THX-1138, por que não responde?



O oficial estava quase entrando em pânico quando um homem uniformizado apareceu na rampa e acenou para ele. Apontando para o lado direito do capacete, indicou que o fone interno não estava funcionando.

Sacudindo a cabeça em sinal de reprovação, o oficial encaminhou-se para a porta, dizendo para o assistente:

— Assuma o comando. Estamos com outro transmissor pifado. Vou ver o que posso fazer.

Abriu a porta, deu um passo... e recuou, em estado de choque.

Toda a abertura da porta estava ocupada por um gigantesco animal peludo. Chewbacca inclinou-se para dentro da saia e esmagou o crânio do infeliz oficial com um punho do tamanho de uma bola de boliche.

O assistente já estava de pé com a mão no coldre quando um fino feixe de energia o varou, perfurando-lhe o coração. Solo levantou o visor do capacete que estava usando, tornou a baixá-lo e entrou na sala atrás do wookie. Kenobi e os andróides. o seguiram. Luke, que estava usando o uniforme do soldado do Império, foi o último a entrar.

Luke olhou nervosamente para fora antes de fechar a porta.

— Com ele uivando e você atirando em tudo que vê, é um milagre que toda a base ainda não saiba que estamos aqui.

— Deixe-os vir — disse Solo, aparentemente empolgado pelo sucesso inicial. — Prefiro uma boa briga a ficar-me escondendo.

— Talvez você esteja cansado de viver — replicou Luke — mas eu não.

Se ainda estamos vivos, é porque até agora não nos expusemos desnecessariamente.

O coreliano olhou para Luke de cara feia, mas não disse nada.

Com a facilidade e confiança de quem está acostumado a lidar com máquinas complicadas, Kenobi começou a manipular os controles de um painel de computador incrivelmente complexo. Finalmente, um mapa dos setores da estação espacial apareceu no terminal do vídeo. O velho inclinou-se para a frente e começou a examinar atentamente o diagrama.

Enquanto isso, C-3PO e R2-D2 estavam mexendo em outro painel de controle. De repente, R2-D2 parou e soltou um longo assovio, como se tivesse descoberto alguma coisa muito importante. Solo e Luke esqueceram suas divergências e correram para onde estavam os robôs.

— Liguem R2-D2 ao computador — sugeriu Kenobi, sem se levantar.

— Ele é capaz de extrair informações de toda a rede de processamento de dados da estação. Vamos ver se consegue descobrir onde fica o gerador do raio de tração.

— Por que simplesmente não desligamos o raio daqui? — quis saber Luke.

Foi Solo quem respondeu, com ar superior:

— Para que eles tornem a ligá-lo, no momento em que estivermos tentando escapar?

Luke enrubesceu.

— Oh. Não tinha pensado nisso.

— Luke, só há um jeito de escaparmos: destruir o gerador que alimenta o raio de tração — explicou o Velho Ben em tom carinhoso, enquanto R2-D2 enfiava o braço em uma tomada do computador.

Imediatamente, as luzes do painel começaram a piscar.

Vários minutos se passaram enquanto o pequeno andróide absorvia informações como uma esponja de metal. Então, as luzes pararam de piscar e R2-D2 soltou uma exclamação eletrônica.

— Ele descobriu! — anunciou C-3PO, entusiasmado.

— O raio de tração está ligado aos reatores principais em sete pontos.

Algumas informações são reservadas, mas R2-D2 vai transferir todos os dados que puder para o terminal de vídeo.

Kenobi abandonou a tela maior e sentou-se diante de um pequeno terminal perto de R2-D2. Os dados começaram a desfilar na tela com uma tal rapidez que Luke não conseguiu acompanhá-los. O velho, entretanto, não perdeu nada.

— Não há nada que vocês possam fazer para me ajudar nesta missão

— disse para os outros. — É melhor eu ir sozinho.

— Por mim está bem — disse Solo, prontamente. — Já fiz muito mais do que minha obrigação. Mas acho que para inutilizar aquele raio de tração você vai precisar de muito mais do que mágica, companheiro.

Luke não se conformou com tanta facilidade.

— Vou com o senhor.

— Não seja impaciente, rapaz. Fique e vigie os andróides até eu voltar.

É preciso entregá-los aos rebeldes, ou muitos outros mundos terão a mesma sorte que Alderaan. Confie na força, Luke... e espere aqui.

Com um último olhar para a tela, Kenobi ajustou o sabre de luz na

cintura. Foi até a porta, abriu-a, olhou para os dois lados e desapareceu no corredor.

Assim que a porta se fechou novamente, Chewbacca soltou um rosnado e Solo concordou com a cabeça.

— Estou com você, Chewie! — Voltou-se para Luke. — Onde você desencavou aquele fóssil?

— Ben Kenobi... o *General* Kenobi é um grande homem — protestou Luke, aborrecido.

— Grande para nos meter em encrencas — replicou Solo. — "General" uma ova! Ele não nos vai tirar daqui!

— Tem alguma idéia melhor? — perguntou Luke, em tom de desafio.

— Qualquer coisa seria melhor do que ficar aqui esperando que o velho nos venha salvar. Se nós...

Solo foi interrompido por uma série de guinchos e assovios histéricos.

Luke olhou para R2-D2. O pequeno robô parecia a ponto de ter um ataque.

— O que foi? — perguntou Luke para C-3PO.

— Também não entendi, senhor. Ele disse: "Encontrei-a", e está repetindo sem parar: "Está aqui, está aqui!"

— Quem? Quem foi que R2-D2 encontrou?

R2-D2 voltou-se para Luke e começou a soltar assovios frenéticos.

— A Princesa Leia — explicou C-3PO, depois de ouvir com atenção. —

A Senadora Organa... parece que as duas são a mesma pessoa. A pessoa que gravou a mensagem que R2-D2 estava transportando.

Aquele retrato tridimensional de indescritível beleza tornou a ocupar a mente de Luke.

— A Princesa? Ela está aqui?

Solo aproximou-se, atraído pela discussão.

— Princesa? Que Princesa?

— Onde? Onde está ela? — quis saber Luke, ofegante, ignorando totalmente a pergunta de Solo.

R2-D2 assoviou e C-3PO traduziu:

— Nível cinco, bloco de detenção AA-23. De acordo com o computador, vai ser executada em breve.

— Não! Temos que fazer alguma coisa!

— De que estão falando? — insistiu Solo, aborrecido.

— Foi ela quem colocou a mensagem em R2-D2 — explicou Luke. — A mensagem que estávamos tentando entregar aos rebeldes em Alderaan.

Temos que salvá-la.

— Um momento — preveniu Solo. — Nada de precipitações. O velho disse para esperarmos aqui. Não gostei nada da idéia, mas também não vou sair por aí bancando o herói!

— Mas Ben não sabia que ela estava aqui — disse Luke, em tom suplicante. — Se soubesse, tenho certeza de que mudaria de planos. —

Assumiu uma expressão pensativa. — Agora, precisamos arranjar um meio de entrar naquele bloco de detenção...

Solo sacudiu a cabeça e recuou um passo.

— Essa não... não vou entrar em nenhum bloco de detenção do Império.

— Se não fizermos alguma coisa, ela será executada. Há um minuto você disse que não estava disposto a ficar aqui parado esperando que Ben nos salvasse. Agora só quer saber de ficar. Como é, Han?

O coreliano parecia preocupado e confuso.

— Entrar em uma prisão não é exatamente o que eu tinha em mente.

Provavelmente, vamos acabar lá de qualquer maneira... para que apressar as coisas?

— Mas vão executá-la!

— Antes ela do que eu.

— Onde está seu cavalheirismo, Han?

Solo pareceu pensar na resposta.

— Se bem me lembro, troquei-o por um crisopázio de dez quilates e três garrafas de conhaque do bom. Isso aconteceu há cinco anos, em Commenor.

— Eu a conheço — insistiu Luke, desesperado. — E linda!

— A vida é assim mesmo.

— Ela é uma senadora rica e poderosa — argumentou Luke, mudando de tática. — Se conseguirmos salvá-la, poderemos ganhar uma bela recompensa.

— Hum... rica? — Então Solo fez um gesto de desdém. — Espere um minuto... recompensa de quem? Do governo de Alderaan? Mas Alderaan não existe mais!

Luke pensava furiosamente.

— Se ela está presa e para ser executada, é porque representa alguma forma de ameaça para quem destruiu Alderaan, para quem construiu esta estação espacial. Aposto que sabe de muita coisa a respeito dos planos do Império. Vou-lhe dizer quem pagará a recompensa pela vida da senadora. O

Senado, os rebeldes e todos os comerciantes que tinham negócios com Alderaan. Organa é a única herdeira de todos os créditos do planeta! A recompensa pode ser fabulosa!

— Não sei... estou começando a me sentir tentado. — Olhou para Chewbacca, que deu um grunhido de aprovação. Solo fez uma careta para o wookie. — Está bem, vamos tentar. Qual é seu plano, garoto?

Luke foi pego de surpresa. Até o momento, só se preocupara em persuadir Solo e Chewbacca a ajudá-lo na tentativa de salvamento.

Conseguida esta primeira parte, não tinha a mínima idéia do que fazer.

Estava acostumado a receber instruções de Solo e do Velho Ben. Mas agora tudo dependia dele.

As algemas de metal que pendiam do cinto do uniforme de Solo atraíram-lhe a atenção.

— Passe-me essas algemas e diga a Chewbacca para vir aqui. Solo passou as algemas para Luke e transmitiu o pedido a Chewbacca. O wookie aproximou-se e ficou parado à frente de Luke.

— Agora vou colocar essas algemas em você — começou Luke, segurando os braços do antropóide — e...

Chewbacca rosnou baixinho e o coração de Luke deu um pulo.

— Agora — recomeçou — Han vai colocar essas algemas em você e...

— Passou as algemas para Solo, enquanto o wookie o olhava fixamente.

Solo parecia estar achando graça na situação.

— Não se preocupe, Chewie, acho que sei o que ele está planejando.

As algemas mal couberam nos grossos pulsos do antropóide. A despeito das palavras do sócio, o wookie ficou olhando para elas com uma expressão preocupada.

— Desculpe, senhor — Luke olhou para C-3PO. — Desculpe perguntar, mas... o que é que R2-D2 e eu devemos fazer, se formos descobertos durante a ausência de vocês?

— Torcer para não serem desintegrados — respondeu Solo O tom de voz de C-3PO mostrou que ele não havia achado mínima graça.

— Não é muito confortador.

Solo e Luke estavam muito preocupados com a missão de salvamento para dar atenção às dúvidas do robô. Os dois ajustaram os capacetes. Então,

acompanhados por Chewbacca, cuja expressão de desânimo era parcialmente verdadeira, entraram no mesmo corredor onde Ben Kenobi havia desaparecido.

## IX

À MEDIDA que se aprofundavam nas entranhas da gigantesca estação espacial, era cada vez mais difícil manter um ar de indiferença. Felizmente, qualquer demonstração de nervosismo por parte dos dois soldados seria encarada como perfeitamente natural, dada a natureza do prisioneiro que estavam levando. Por outro lado, a presença de Chewbacca fazia com que despertassem uma certa atenção.

Quanto mais andavam, maior o movimento. Burocratas, técnicos, mecânicos e outros soldados cruzavam com eles. A maioria ignorava inteiramente o trio, embora alguns humanos olhassem para o wookie com curiosidade. Mas a expressão resignada de Chewbacca e a aparente confiança de seus captores tranquilizavam os observadores.

Finalmente, chegaram a um grande complexo de elevadores. Luke suspirou aliviado. O sistema de transporte controlado por computador seria capaz de levá-los a qualquer parte da base, em resposta a um comando verbal.

Houve um instante de apreensão quando um oficial subalterno tentou entrar no elevador. Solo fez um gesto autoritário e o outro recuou sem protestar, preparando-se para esperar o elevador seguinte.

Luke examinou o painel de controle e procurou falar com voz calma e pausada. Em vez disso, a voz saiu trêmula e esganiçada. Mas o sistema se



baseava unicamente na interpretação de ordens, não havia sido programado para reconhecer emoções. Assim, a porta se fechou e o elevador se pôs em movimento. Depois do que pareceu várias horas mas não passou de alguns minutos, a porta se abriu novamente e eles saltaram.

Luke esperava ver alguma coisa parecida com as celas gradeadas das prisões de Tatooine. Em vez disso, viu apenas rampas estreitas, em cujo centro havia um poço de ventilação. Esses corredores, em vários níveis, eram paralelos às paredes onde estavam as celas. Havia guardas e barreiras de energia por toda parte.

Sabendo que quanto mais tempo ficassem ali parados mais provável seria que alguém se aproximasse com perguntas irrespondíveis, Luke olhou desesperadamente em torno, em busca de uma inspiração.

— Isto não vai dar certo — sussurrou Solo em seu ouvido.

— Por que não disse antes? — replicou Luke, assustado.

— Mas eu disse. Não se...

— *Psiu!*

Solo interrompeu o que estava dizendo. Os temores de Luke se haviam concretizado. Um oficial de cara amarrada se aproximou. Franziu a testa ao deparar com Chewbacca.

— Aonde vão com essa... coisa?

A observação fez Chewbacca soltar um grunhido, mas Solo o obrigou a calar-se com uma cotovelada nas costelas. Luke respondeu quase instintivamente:

— Prisioneiro transferido do bloco TS-138. O oficial pareceu surpreso.

— Não fui notificado. Tenho que verificar.

Voltando-se, o homem caminhou até um terminal próximo e começou a apertar os botões. Luke e Han examinaram rapidamente a situação.

Olharam para os alarmas, as barreiras de energia, os fotossensores remotos, os três outros guardas que estavam à vista.

Então, Luke abriu as algemas que prendiam Chewbacca, e Solo murmurou algo no ouvido do wookie. Um urro de arrepiar os cabelos sacudiu o corredor e Chewbacca arrancou o rifle das mãos de Solo.

— Cuidado! — gritou Solo. — Ele se soltou! Vai-nos fazer em pedaços!

Solo e Luke se afastaram do antropóide, sacaram as pistolas e começaram a atirar. Demonstraram excelentes reflexos, um entusiasmo indiscutível e uma pontaria execrável. Nenhum dos disparos passou nem perto do furioso wookie. Em compensação, as câmaras automáticas, os

controles das barreiras de energia e os três guardas foram atingidos.

A esta altura, o oficial começou a desconfiar de que a abominável pontaria dos dois soldados estava causando estragos demais. Estava-se preparando para acionar o alarma geral quando Luke o derrubou com um tiro.

Solo correu para o alto-falante do comunicador, de onde saíam perguntas insistentes a respeito do que estava acontecendo.

Aparentemente, também havia linhas de áudio ligando o andar ao resto do complexo.

Ignorando a torrente de perguntas e ameaças, o piloto olhou para um indicador próximo.

— Temos de descobrir em que cela está sua princesa. Deve haver uma dúzia de níveis e... aqui está. Cela 2187. Vá em frente. Eu e Chewbacca nos encarregamos de cobri-lo.

Luke fez que sim com a cabeça e saiu correndo pela rampa. Depois de mandar que Chewbacca tomasse posição em frente aos elevadores, Solo deu um suspiro profundo e foi responder às insistentes chamadas do comunicador.

— Está tudo sob controle — falou no microfone, com uma voz relativamente calma. — Situação normal.

— Tem certeza? — replicou uma voz, em tom incrédulo. — O que aconteceu?

— Hum... a arma de um dos guardas disparou acidentalmente — gaguejou Solo, cada vez mais nervoso. — Mas não houve consequências.

Estamos muito bem, obrigado. E você, como vai?

—Vamos mandar uma patrulha aí — anunciou a voz.

Han podia sentir a desconfiança na voz do outro. O que fazer? Ele era mais eloquente com uma arma do que com palavras.

— Negativo... negativo. Estamos com uma fuga de energia. Precisamos de alguns minutos para consertá-la. No momento, é perigoso atravessar as barreiras.

— Disparo accidental, fuga de energia... Quem está falando?

Apontando a pistola para o painel, Solo reduziu o comunicador a uma massa de metal fundido.

— A conversa estava muito chata — murmurou. Voltando-se, gritou na direção da rampa: — Depressa, Luke! Vamos ter companhia!

Luke ouviu a advertência, mas estava ocupado correndo de cela em cela e olhando para os números que havia acima de cada porta. Estavam a ponto de desistir e passar para o nível seguinte quando encontrou a cela 2187.

Ficou parado por um momento olhando para a pesada porta de metal.

Então, ajustando a pistola para o máximo e torcendo para que não fundisse em suas mãos, deu um passo para trás e abriu fogo. Quando a arma ficou quente demais para segurar, passou-a para a outra mão. Ao fazê-lo, a

fumaça teve tempo de se dissipar, e Luke constatou com alguma surpresa que havia um grande buraco na porta.

Olhando para ele através da fumaça, com uma expressão interrogativa no rosto, estava a jovem cujo retrato R2-D2 havia projetado em uma garagem de Tatooine.

Era ainda mais linda do que a imagem, pensou Luke, olhando para ela fascinado.

— Você... você é ainda mais linda... do que eu...

O olhar de confusão e incerteza foi substituído a princípio por espanto e depois por impaciência.

— Você não é um pouquinho baixo demais para um soldado? —

comentou ela, finalmente.

— O quê? Ah... o uniforme. — Luke tirou o capacete e procurou colocar as idéias em ordem. — Estou aqui para salvá-la. Meu nome é Luke

Skywalker.

— O que foi que disse? — perguntou, polidamente, a jovem.

— Disse que vim para salvá-la. Ben Kenobi está comigo. Trouxemos os dois andróides...

A menção do nome do velho despertou uma reação imediata.

— Ben Kenobi! — A moça colocou a cabeça para fora da cela e olhou para os dois lados, esquecendo-se totalmente de Luke — Onde está ele?

Veli-ban!

Darth Vader andava rapidamente de um lado para o outro da sala de conferência, observado pelo Governador Tarkin. Os dois estavam sozinhos.

Finalmente, o Lorde Negro parou e olhou em torno, como se tivesse ouvido uma campanha que apenas os seus ouvidos fossem capaz de detectar.

— Ele está aqui — afirmou Vader, sem emoção. Tarkin pareceu assustado.

— Velhi-ban Kenobi? É impossível! O que o faz pensar assim?

— Uma pulsação da força, de um tipo que até hoje só senti na presença de meu antigo mestre. É inconfundível.

— Mas... mas Kenobi deve estar morto há muito tempo! Vader hesitou.

Parecia ter perdido a autoconfiança.

— Talvez... agora já não sinto mais nada.

— Os Cavaleiros de Jedi estão extintos — declarou Tarkin com segurança.

— Sua chama se extinguiu há muitos anos. Você, meu amigo, é o último que resta.

A cigarra do comunicador começou a tocar.

— Sim? — perguntou Tarkin.

— Temos um alarma no bloco de detenção AA-23.

— A Princesa! — exclamou Tarkin, com um sobressalto. Vader semicerrou os olhos, como se estivesse querendo enxergar através das paredes.

— Eu sabia... Velhi-ban *está* aqui. Desta vez, não há engano possível.

— Coloque todos os setores em estado de alerta — disse Tarkin, pelo comunicador. Olhou para Vader. — Se você está certo, então não o podemos deixar escapar.

— Escapar talvez não seja a intenção de Velhi-ban Kenobi — replicou Vader, lutando para controlar as emoções. — Não se esqueça de que

também é um Cavaleiro de Jedi... o maior de todos. Não devemos subestimar o perigo que representa para nós. Mas eu sou o único que pode com ele. — Olhou fixamente para Tarkin. — Sozinho.

Luke e Leia estavam voltando para o ponto onde o rapaz havia deixado os companheiros, quando uma série de explosões abriu um enorme buraco na parede do corredor. Vários soldados tinham tentado penetrar no setor usando os elevadores, mas Chewbacca se encarregara de reduzi-los a cinzas. Desistindo dos elevadores, os soldados restantes haviam aberto o buraco. A abertura era grande demais para que Solo e o wookie a cobrissem totalmente. Os soldados do Império começaram a entrar no bloco de detenção.

Fugindo pelo corredor, Han e Chewbacca se encontraram com Luke e a Princesa.

— Não podemos ir para lá — disse Solo, ofegante.

— Não, parece que você conseguiu cortar nossa única saída —

concordou Leia, prontamente. — Este é um bloco de detenção, você sabe.

Só existe uma saída.

Solo olhou para a moça de cima a baixo.

— Sinto muito, Alteza — disse, sarcasticamente. — Será que prefere voltar para sua cela?

Leia desviou os olhos, com o rosto impassível.

— Tem de haver outra saída — murmurou Luke, tirando do cinto um pequeno transmissor e ajustando cuidadosamente a frequência. — *C 3 PO.*

.

*C-3PO!*

Uma voz familiar respondeu prontamente:

— Sim, senhor?

— Estamos presos aqui. Existe *outra* saída da área de detenção, além da principal?

O pequeno alto-falante limitou-se a emitir ruídos de estática enquanto Solo e Chewbacca lutavam para manter a distância os soldados do Império.

— O que foi que disse?... não entendi.

No posto de guarda, R2-D2 silvava freneticamente, enquanto C-3PO ajustava os controles, tentando melhorar a transmissão.

— Falei que foi dado um alarma geral, senhor. E não consegui encontrar nenhuma outra saída do bloco. — C-3PO apertou um botão e a imagem no terminal de vídeo foi substituída por outra. — Existem mais informações a respeito do bloco *AA-23*, mas são reservadas.

Alguém bateu à porta, normalmente a princípio, e depois com maior insistência, quando não houve resposta.

— Oh, não! — lamentou-se C-3PO.

A fumaça no corredor das celas já estava tão espessa que Solo e Chewbacca mal podiam ver os adversários. Até certo ponto, a fumaça era providencial, já que estavam em esmagadora inferioridade numérica, e os soldados do Império também não podiam vê-los.

De vez em quando, um dos soldados tentava aproximar-se, mas, ao penetrar na fumaça, colocava-se em posição vulnerável. Exposto ao fogo conjunto dos dois contrabandistas, não demorava muito para juntar-se à pilha de corpos que se acumulava no chão do corredor.

Os raios de energia continuavam a cruzar o corredor em todas as direções, quando Luke aproximou-se de Solo.

— Não há outra saída — gritou no ouvido do outro, lutando para fazer-se ouvir em meio ao ruído do combate.

— Pois aqui é que não podemos ficar. O que faremos\* agora?

— Belos salvadores vocês são — queixou-se uma voz irritada atrás deles. Os dois homens se voltaram e deram com a Princesa, que olhava para eles com ar de desprezo. — Quando entraram aqui, não tinham nenhum plano para sair?

Solo apontou para Luke.

— A idéia foi dele, querida.

Luke deu um sorriso amarelo e encolheu os ombros, preparou-se para responder ao fogo dos soldados, mas antes que pudesse fazê-lo, a Princesa arrancou-lhe a arma das mãos.

— Ei!

Acompanhada pelo olhar espantado de Luke, Leia apontou a pistola para uma pequena grade na parede e disparou.

— Por que fez isso? — perguntou Solo.

— Já vi que se ficar esperando vocês se decidirem, estou perdida.

Vamos descer pelo tubo da lixeira, depressa!

Ditas essas palavras, a Princesa enfiou os pés na abertura, deu um impulso e desapareceu. Chewbacca rosnou ameaçadora-mente, mas Solo sacudiu a cabeça.

— Não, Chewie, não quero que você a faça em pedaços. Ainda não me decidi. Ou aprendo a gostar dela, ou vou matá-la pessoalmente.

O wookie disse mais alguma coisa e Solo gritou:



— Ande logo, seu macaco peludo! Não interessa o cheiro que está sentindo. Não é hora de bancar o enjoado!

Solo empurrou o relutante wookie para a estreita passagem, e ajudou-o a entrar. Assim que o antropóide desapareceu, entrou também. Luke disparou uma última série de tiros, mais com o intuito de criar uma cortina de fumaça do que com a esperança de acertar em alguém, e mergulhou atrás deles.

Vendo o que havia acontecido aos companheiros mais impetuosos, os soldados decidiram ficar onde estavam, aguardando reforços. Afinal, os fugitivos estavam encurralados, e não havia necessidade de morrer estupidamente apenas para apressar a captura.

O lugar onde Luke caiu estava quase às escuras. Não que fosse preciso enxergar alguma coisa para adivinhar o que continha. O depósito de lixo estava cheio quase até a metade de matéria orgânica em decomposição.

Solo estava caminhando aos tropeções ao longo da parede do depósito, enterrado no lixo até os joelhos, procurando uma saída. Tudo que encontrou foi uma pequena portinhola que resistiu a todos os seus puxões desesperados.

— A lixeira foi uma excelente idéia — disse para a Princesa com ar irônico, enquanto enxugava o suor da testa. — Que perfume delicioso você descobriu! Infelizmente, não podemos sair daqui flutuando neste adorável aroma, e parece que não existe outra saída. A não ser que eu consiga abrir esta maldita portinhola.

Recuando um passo, Solo apontou a pistola e disparou. O projétil ricocheteou no metal e ziguezagueou loucamente, enquanto todos mergulhavam no lixo em busca de abrigo. Afinal, o projétil detonou, com um ruído ensurdecedor.

Leia foi a primeira a emergir da massa fétida. Havia perdido um pouco da compostura.

— Pare de usar essa coisa — disse, zangada, para Solo — enquanto ainda estamos vivos!

— Sim, Majestade — murmurou Solo, ironicamente. Não fez menção de guardar a arma, enquanto olhava para o tubo da lixeira. — Não vão levar muito tempo para descobrir onde estamos. Tínhamos a situação sob

controle até você nos trazer para cá.

— Não diga! — replicou a Princesa, passando a mão no cabelo e nos ombros para tirar os restos de lixo. — Ora, podia ser pior...

Como que em resposta, um uivo agudo e penetrante se fez ouvir.

Parecia vir do meio do lixo. Chewbacca soltou um ganido de medo e se colou à parede. Luke sacou a pistola e olhou em todas as direções, mas não viu nada.

— O que foi isso? — perguntou Solo.

— Não sei. — Luke de repente deu um pulo e olhou para baixo e para trás.

— Alguma coisa se moveu atrás de mim. Cuidado...

Antes que os outros pudessem fazer alguma coisa, afundou no lixo e desapareceu.

— A coisa pegou Luke! — exclamou a Princesa.

Solo olhou em torno, procurando desesperadamente alguma coisa em que atirar.

Tão depressa como havia desaparecido, Luke tornou a aparecer —

mas estava acompanhado. Enrolado em volta de seu pescoço, havia um grosso tentáculo.

— Atire nele! Mate-o! — gritou Luke.

— Matá-lo... não consigo nem vê-lo! — protestou Solo. Mais uma vez Luke foi puxado pelo dono daquele apêndice repulsivo. Solo ficou parado, com a arma na mão, sem saber o que fazer.

Houve um ruído distante de um motor em funcionamento e duas paredes opostas do depósito se aproximaram alguns centímetros. O ruído parou. Luke apareceu ao lado de Solo, emergindo com dificuldade do meio do lixo, esfregando o pescoço.

— O que aconteceu com o animal? — perguntou Leia olhando assustada para o local de onde Luke havia surgido.

Luke parecia realmente surpreso.

— Não sei. De repente, senti que estava livre. O bicho apenas me soltou e desapareceu. Acho que meu cheiro não lhe agradou.

— Não estou gostando nada da nossa situação — murmurou Solo.

O ruído distante recomeçou e as paredes continuaram a se aproximar.

Só que desta vez parecia que era para valer.

— Não fiquem aí parados! — exclamou a Princesa. — Temos que calçar as paredes com alguma coisa!

Mesmo com as grossas vigas que só Chewbacca era capaz de transportar, não conseguiram encontrar nada capaz de conter o avanço das paredes. Parecia que quanto mais resistente era o objeto que encostavam às paredes, mais depressa ela escorregava do lugar.

Luke ligou o transmissor, sem tirar os olhos das paredes cada vez mais próximas.

— C-3PO... fale, C-3PO!

Esperou um tempo razoável mas não ouviu nenhuma resposta, o que o fez olhar preocupado para os companheiros.

— Não sei por que ele não responde. — Tentou novamente. — Pode falar, C-3PO. Está-me ouvindo?

— C-3PO — continuava a chamar o alto-falante. \_— Está-me ouvindo?

Era a voz de Luke, saindo do pequeno comunicador portátil que estava sobre o console do computador. Não havia nenhum outro som no posto de guarda.

De repente, uma tremenda explosão destruiu a porta, arremessando pedaços de metal em todas as direções. O comunicador foi atingido por vários fragmentos e caiu no chão, interrompendo a voz de Luke no meio de uma frase.

Imediatamente, quatro soldados entraram na sala. Uma inspeção

inicial mostrou que o local estava vazio — até que ouviram uma voz abafada, que parecia partir de um dos armários que ocupavam a parede dos fundos.

— Socorro, socorro! Tirem-nos daqui!

Três dos soldados curvaram-se para examinar os corpos imóveis do oficial e do assistente enquanto o outro foi abrir o armário. De dentro saíram dois robôs, um alto e humanóide, o outro baixinho e com três pernas. O mais alto parecia estar aterrorizado.

— São uns loucos, uns loucos! — Apontou para a porta. — Disseram que iam para a prisão. Acabam de sair. Se andarem depressa, talvez ainda os alcancem. Por ali, por ali!

Dois dos soldados saíram correndo da sala, indo juntar-se aos que esperavam no corredor. Isso deixou apenas ' dois guardas para vigiar o escritório. Eles ignoraram totalmente os robôs., enquanto discutiam o que poderia ter ocorrido.

— Toda essa confusão sobrecarregou os circuitos do meu amigo aqui

— explicou C-3PO. — Se não se incomodam, gostaria de levá-lo para a oficina de manutenção.

Um dos guardas olhou »distraidamente para eles e fez que sim com a cabeça. C-3PO e R2-D2 saíram para o corredor sem olhar para trás. Depois que partiram, ocorreu ao guarda que o mais alto dos dois andróides era de um tipo que nunca havia visto. Ele deu de ombros. Afinal, não era nada de extraordinário em uma base daquele tamanho.

— Esta foi por pouco — murmurou C-3PO, quando já estavam longe.

— Agora temos que encontrar outro terminal de computador para ligar você, ou tudo estará perdido.

O depósito de lixo estava ficando cada vez menor à medida que as paredes de metal deslizavam implacavelmente uma em direção à outra. Os detritos maiores começaram a quebrar e a estalar, como que em um preparativo para o grande final.

Chewbacca gemia e bufava enquanto se esforçava inutilmente para conter o avanço de uma das paredes.

— Uma coisa é certa — observou Solo, com uma careta. — Depois disso, vamos ficar muito mais esbeltos. É a melhor receita que existe para emagrecer. O único problema é que é irreversível.

Luke parou para respirar, sacudindo com raiva o inocente comunicador.

— O que terá acontecido a C-3PO?

— Tente de novo abrir a portinhola — aconselhou Leia. — É nossa única esperança.

Solo tomou distância e atirou. O ruído do disparo ecoou zombeteiramente no pequeno espaço que lhes restava.

A oficina estava vazia. Depois de inspecionar o local, C-3PO fez um gesto para que R2-D2 o seguisse. Os dois começaram a procurar um terminal de

computador. R2-D2 soltou um silvo e C-3PO se aproximou.

Esperou pacientemente enquanto o outro ligava o braço a um soquete apropriado.

O alto-falante do pequeno andróide emitiu uma torrente de silvos e assovios ultra-rápidos. C-3PO levantou a mão.

— Mais devagar, mais devagar! — O outro o atendeu. — Assim é melhor. Eles estão onde? Eles o quê? Oh, não! Vão ser esmagados!

Menos de um metro separava da morte os ocupantes do depósito de lixo. Leia e Solo tinham sido forçados a se colocarem de frente para as paredes em movimento. Estavam voltados um para o outro. Pela primeira vez, a arrogância havia desaparecido dos olhos da Princesa. Segurou a mão de Solo, apertando-a convulsivamente ao sentir o primeiro contato da parede às suas costas.

Luke havia caído e estava deitado de lado, lutando para manter a cabeça acima da superfície do lixo. Foi então que o comunicador começou a chamar.

— C-3PO!

— Está aí, senhor! — respondeu o andróide. — Tivemos alguns problemas. O senhor não sabe como...

— Está bem, C-3PO! — gritou Luke. — Desligue todos os computadores de lixo do setor da prisão. Está-me ouvindo? Desligue todos os...

Momentos depois, C-3PO levantou os braços, desesperado, ao ouvir os gritos que saíam do comunicador.

— Não, desligue *todo* o sistema! — implorou a R2-D2.

— Depressa! Oh, escute os gritos... estão morrendo, R2-D2!

E tudo por culpa minha. Devia ter agido mais depressa. Meu pobre amo... todos eles... não, não, *não!*

Os gritos, entretanto, continuaram por muito tempo. Na verdade, eram gritos de alívio. As paredes do depósito tinham-se afastado automaticamente quando R2-D2 desligara o sistema.

— R2-D2, C-3PO! — gritou Luke no comunicador. — Está tudo bem, estamos salvos! Ouviram? Salvos...

Levantando-se com esforço, Luke foi até a portinhola e afastou os detritos acumulados, descobrindo um número gravado no metal.

— Abram a portinhola de manutenção da unidade 366-117891.

— Sim, senhor — respondeu C-3PO.

Luke jamais ouvira alguém pronunciar essas palavras com tamanha felicidade na voz.

## X

REVESTIDO por grossos cabos e eletrodutos que surgiam das profundezas e desapareciam nos céus, o poço parecia ter centenas de quilômetros de profundidade. O estreito passadiço que se projetava sobre o abismo era como um fio de linha colado à superfície interna de um gigantesco cilindro. Tinha largura suficiente para um único homem.

O homem que avançava cautelosamente ao longo do perigoso passadiço parecia estar à procura de alguma coisa. Os estalidos de imensos relês reboavam como leviatãs cativos no vasto espaço aberto.

Finalmente, o homem chegou ao lugar onde dois grossos cabos se juntavam atrás de um painel. O painel estava fechado, mas depois de um exame cuidadoso, Ben Kenobi comprimiu a tampa de um jeito especial e ela se abriu, revelando um terminal de computador.

Com a mesma meticulosidade, o velho começou a fazer vários ajustes no terminal. Afinal, sorriu satisfeito, quando algumas luzes indicadoras mudaram de vermelho para azul.

Inesperadamente, uma porta se abriu a alguns passos de Kenobi. O

velho fechou apressadamente o painel e se afastou. Um grupo de soldados apareceu na porta e o oficial em comando desceu para o passadiço, parando a apenas alguns metros da figura imóvel.

— Vigiem esta área até que o alerta seja cancelado.

Quando os soldados se adiantaram para cumprir a ordem, Kenobi já havia desaparecido nas sombras.

Chewbacca gemia e bufava, conseguindo afinal, com a ajuda de Luke e Solo, atravessar a estreita abertura da portinhola. Soltando um suspiro de alívio, Luke voltou-se para examinar os arredores.

O corredor onde haviam emergido estava coberto de poeira. Dava a impressão de não ter sido usado desde que a estação espacial havia sido

construída. Provavelmente, era uma passagem usada apenas para serviços de manutenção. Luke não tinha a mínima idéia de onde estavam.

Alguma coisa chocou-se com a parede do depósito de lixo, produzindo um ruído surdo. Luke soltou um grito de alerta, quando um tentáculo gelatinoso saiu pela abertura e começou a tatear no corredor. Solo levantou a pistola, enquanto Leia tentava passar por Chewbacca, paralisado de medo.

— Alguém tire este macaco da minha frente! — De repente, a Princesa percebeu o que Solo pretendia fazer. — Não, espere! Podem ouvir!

Solo ignorou-a e apertou o gatilho, apontando para a portinhola. O

tentáculo se retesou e depois ficou imóvel.

Amplificado pelo corredor estreito, o ruído do disparo ecoou por vários minutos. Luke sacudiu a cabeça, lamentando o gesto impensado do companheiro. Até o momento, tivera uma admiração cega pelo coreliano.



Mas a atitude insensata de atirar desnecessariamente no monstro os colocava, pela primeira vez, era igualdade de condições.

Entretanto, a reação da Princesa foi ainda mais surpreendente do que a de Solo.

— Escute — começou, olhando fixamente para o coreliano. — Não Sei de onde você surgiu, mas sou-lhe muito grata. E a você também —

acrescentou, sem muita convicção, olhando para Luke. Dirigiu-se de novo a Solo. — De agora em diante, porém, faça o que eu disser.

Solo estava perplexo. Desta vez, o sorriso irônico não apareceu.

— Escute, Majestade — conseguiu finalmente murmurar. — Quero deixar uma coisa bem clara. Só recebo ordens de uma pessoa... eu mesmo.

— É um milagre que ainda esteja vivo — replicou a moça, friamente.

Um olhar rápido para o corredor e começou a caminhar na direção oposta, com passos decididos.

Solo olhou para Luke, começou a dizer alguma coisa, mudou de idéia e limitou-se a sacudir a cabeça devagar.

—Nenhuma recompensa vale o que estou passando. Não sei se existe dinheiro suficiente no universo para pagar o desprazer de lidar com ela.

Ei... espere por nós!

Leia havia desaparecido em uma curva do corredor, e os três saíram correndo atrás dela.

Os soldados que vigiavam a entrada do poço estavam mais interessados em discutir o estranho tumulto que havia ocorrido no bloco de detenção do que em prestar atenção no que se passava em torno. Tão entretidos estavam na conversa que não notaram o anjo da morte que passava por eles. Movia-se nas sombras, como um animal noturno, parando apenas quando um dos soldados olhava casualmente em sua direção.

Minutos depois, um soldado franziu a testa e olhou para a porta de entrada, onde julgara pressentir um movimento. Não viu nada. Ainda preocupado, mas compreensivelmente relutante em compartilhar a alucinação com os companheiros, o soldado voltou a participar da conversa.

Alguém finalmente descobriu os dois soldados inconscientes dentro de um armário do cargueiro capturado. Apesar de todos os esforços, os dois homens não recuperaram os sentidos.

Sob a supervisão de um sargento autoritário, os soldados desceram a rampa com os dois companheiros nus e desmaiados e os levaram para a enfermaria mais próxima. No caminho, passaram por dois vultos escondidos por um painel aberto. Apesar de estarem tão perto do hangar, C-3PO e R2-D2 não foram notados.

Assim que os soldados passaram, R2-D2 acabou de tirar a tampa da tomada e enfiou o braço na abertura. Suas lâmpadas começaram a piscar loucamente. As juntas do pequeno andróide deixaram escapar espiras de fumaça. Afinal, C-3PO conseguia puxá-lo para trás, desfazendo a ligação.

Imediatamente, a fumaça desapareceu e as luzes voltaram ao normal.

R2-D2 soltou alguns silvos débeis, dando a impressão de alguém que bebeu um grande gole de cachaça pura quando esperava estar bebendo um inocente copo d'água.

— Da próxima vez, veja onde enfia os seus sensores — disse C-3PO, em tom de censura. — Poderia ter torrado os circuitos. — Olhou para o soquete. Isto é uma tomada de força, estúpido, e não um terminal de dados!

R2-D2 deu um longo chiado, como quem pede desculpas. Depois, foram procurar a tomada certa.

Luke, Solo, Chewbacca e a Princesa chegaram ao final do corredor.

Acabava em uma grande janela que dava para um hangar. Lá embaixo, observaram com um misto de surpresa e satisfação, estava o cargueiro

capturado.

Ligando o comunicador enquanto olhava nervosamente para os lados, Luke disse ao microfone:

— C-3PO... está-me ouvindo?

Houve uma pausa assustadora, e então uma voz respondeu:

— Estou ouvindo, senhor. Tivemos que abandonar as proximidades do posto de guarda.

— Estão em local seguro?

— Creio que sim, embora ainda tema não chegar à velhice. Estamos no hangar onde guardaram o cargueiro, perto de uma das paredes.

Luke olhou pela janela, surpreso.

— Não consigo vê-los... devo estar bem acima de vocês. Fiquem onde estão. Vamos para aí assim que pudermos.

O rapaz desligou, sorrindo ao lembrar-se da forma como C-3PO se referira à "velhice". Às vezes, chegava a pensar que o robô mais humano do que muitas pessoas.

— Será que o Velho conseguiu desligar o raio de tração?— murmurou Solo, enquanto observava o cargueiro capturado. Havia um movimento contínuo de soldados entrando e saindo da nave.

— Chegar ao *Millennium* vai ser como atravessar os Cinco Anéis de Fogo de Fórnix.

Foi então que Leia Organa compreendeu que se tratava da nave de Solo.

— Você chegou aqui naquela coisa? É mais corajoso *do* que eu pensava.

Sentindo-se ao mesmo tempo elogiado e insultado, Solo hesitou, sem saber como reagir. Afinal, contentou-se em lançar-me um olhar malicioso quando começaram a voltar pelo *corredor*, com Chewbacca na retaguarda.

Ao dobrarem uma esquina, os três humanos pararam abruptamente.

Foram imitados pelos vinte soldados do Império que marchavam na direção oposta. Reagindo naturalmente, isto é, sem pensar, Solo sacou a pistola e investiu contra o pelotão, gritando insultos em várias línguas a plenos pulmões.

Assustados com o ataque inesperado e supondo erroneamente que o atacante soubesse o que estava fazendo, os soldados começaram a recuar.

Os disparos do coreliano semearam a confusão. Perdendo totalmente a compostura, os soldados se voltaram e saíram correndo.

Embriagado com a própria proeza, Solo foi atrás deles, voltando-se para gritar a Luke:

— Vá para o *Millennium*! Eu tomo conta deles!

— Está maluco? — gritou Luke de volta. — Aonde pensa que vai?

Mas Solo já ia longe e não podia ouvi-lo. Não que fizesse alguma diferença.

Nervoso com o desaparecimento do companheiro, Chewbacca soltou um sonoro rugido e saiu correndo atrás. Isto deixou Luke e Leia sozinhos no corredor vazio.

— Talvez eu tenha sido severa demais com seu amigo — confessou a moça, com relutância. — Ele é um bocado valente.

— Ele é um idiota! — exclamou Luke, furioso. — Não sei como espera ajudar-nos, expondo-se assim.

Uma campainha de alarme começou a tocar.

— Só faltava essa — resmungou Luke. — Vamos embora. E os dois saíram juntos pelo corredor, à procura de um caminho que os levasse para o nível do hangar.

Solo continuou a perseguir os soldados pelo comprido corredor, correndo à toda velocidade, gritando e brandindo a pistola. De vez em quando dava um tiro, cujo efeito era muito mais psicológico do que tático.

Metade dos soldados já havia desaparecido em corredores secundários. Os dez restantes continuavam a correr em linha reta, respondendo ao fogo apenas para constar. Finalmente, chegaram a um corredor sem saída, o que os obrigou a parar e a enfrentar os adversários.

Vendo que os dez haviam parado. Solo reduziu a marcha. Depois de mais alguns passos, parou também. O coreliano e os soldados do Império ficaram-se olhando silenciosamente por alguns segundos. Então alguns soldados começaram a olhar, não para Han, mas para o espaço vazio atrás dele.

De repente, Solo percebeu que estava sozinho, e que o mesmo pensamento estava penetrando pouco a pouco nas mentes dos guardas. A vergonha foi rapidamente substituída pela raiva. Rifles e pistolas apareceram. Solo deu um passo para trás, disparou um tiro e saiu correndo.

Chewbacca começou a ouvir o ruído dos disparos quando ainda estava a uma certa distância de Solo. Mas havia alguma coisa estranha, pensou.

Parecia que estavam ficando cada vez mais próximos, ao invés de se afastarem.

Estava pensando no que fazer quando Solo apareceu numa curva do corredor e quase o derrubou no chão. Ao ver os dez soldados que o perseguiam, o wookie resolveu guardar as perguntas para um momento mais calmo. Deu meia-volta e saiu correndo atrás de Solo.

Luke agarrou a Princesa e empurrou-a para um nicho da parede. A

moça estava abrindo a boca para protestar, quando o som de passos a fez obedecer sem discussão.

Um grupo de soldados passou rapidamente por eles, atendendo aos alarmas que continuavam a soar com insistência. Quando já iam longe, Luke saiu do esconderijo, ofegante.

— Nossa única esperança é entrar no hangar pelo outro lado. Eles já sabem que há alguém aqui.

O rapaz começou a voltar pelo corredor, fazendo um gesto para que a Princesa o seguisse.

Dois guardas apareceram no fundo do corredor, pararam e apontaram diretamente para eles. Luke e Leia deram meia-volta e correram na direção oposta. Adiante, depararam com um grupo maior de soldados.

Sem poder recuar e sem poder prosseguir, olharam em torno, procurando desesperadamente uma saída. Foi então que Leia descobriu um corredor secundário e o mostrou para o rapaz.

Luke disparou no perseguidor mais próximo e se enfiou na estreita passagem. A moça o seguiu. Atrás deles, os soldados faziam um ruído ensurdecedor no espaço confinado. Mas pelo menos só poderiam segui-los um de cada vez.

Uma pesada porta de metal apareceu à frente. Do outro lado estava mais escuro, o que reacendeu as esperanças de Luke. Se pudessem manter a porta fechada pelo menos por alguns momentos, talvez tivessem tempo de se esconder.

Mas a porta continuou aberta, não demonstrando nenhuma vontade de se fechar automaticamente. Luke virou a cabeça para olhar para os perseguidores e quando olhou de novo para a frente, viu que o chão havia acabado. Com um dos pés no ar, lutou para recuperar o equilíbrio, conseguindo-o bem a tempo de quase cair de novo, quando a Princesa esbarrou nele com força.

Estavam em uma plataforma que se projetava no vazio. Uma brisa fresca acariciou o rosto de Luke, enquanto o rapaz examinava as paredes,

que se estendiam a perder de vista para cima e para baixo do local onde se encontravam. O poço era usado para circular e reciclar a atmosfera da estação espacial.

No momento, Luke estava assustado demais para se aborrecer com a Princesa. Além disso, havia outros perigos a considerar. Um tiro atingiu uma viga de metal pouco acima deles e fragmentos voaram em todas as direções.

— Acho que tomamos o caminho errado — murmurou Luke, disparando nos soldados que se aproximavam e iluminando o estreito corredor com a luz da morte.

Do outro lado do abismo, havia uma porta aberta. Mas era como se estivesse a anos-luz de distância. Tateando na parede do corredor, Leia descobriu um botão e apertou-o. A porta atrás deles se fechou com um estrondo. Pelo menos com isso ficavam livres do fogo dos soldados mais próximos. Ao mesmo tempo, estavam equilibrados precariamente em uma plataforma de menos de um metro quadrado. Se o mesmo mecanismo que acionava a porta recolhesse também a plataforma, teriam a oportunidade de conhecer muito bem o interior da estação espacial.

Fazendo um gesto para que a Princesa recuasse o máximo possível, Luke protegeu os olhos e apontou a pistola para os controles da porta. Um breve disparo transformou os circuitos em uma massa informe, assegurando que ninguém poderia abrir a porta facilmente do outro lado.

Então o rapaz voltou sua atenção para o espaço vazio que os separava da outra porta, que acenava para eles convidativamente... um pequeno retângulo amarelo de liberdade.

Apenas o leve sussurro da corrente de ar quebrava o silêncio até que Luke comentou:

— Aquela porta é forte, mas não vai resistir indefinidamente.

— Precisamos passar para o outro lado — concordou Leia, examinando de novo a parede em volta da porta fechada. — Veja se encontra os controles da plataforma.

Alguns minutos foram gastos em uma busca infrutífera, enquanto os ruídos do outro lado ficavam cada vez mais fortes. Um pequeno círculo branco apareceu no centro da porta, e começou a aumentar rapidamente.

— Estão conseguindo! — exclamou Luke.



A Princesa virou o corpo cautelosamente para olhar para o poço.

— Os controles da ponte devem ficar do outro lado.

Estendendo o braço para apontar para os controles inacessíveis, Luke esbarrou com a mão em alguma coisa pendurada no cinto do uniforme. Um rápido olhar para baixo revelou a causa, e deu a Luke uma idéia desesperada.

A corda era fina e parecia frágil, mas fazia parte do equipamento-padrão dos soldados do Império e teria suportado facilmente o peso de Chewbacca. E ele e Leia não eram tão pesados assim. Arrancando o rolo de corda da cintura, tentou avaliar o comprimento, comparando-o com o tamanho do abismo. Seria mais que suficiente.

— O que foi? — perguntou a Princesa, curiosa.

Luke não respondeu. Em vez disso, tirou do cinto uma fonte de alimentação, pequena mas pesada, e amarrou-a em uma ponta da corda.

Depois de certificar-se de que estava bem segura, aproximou-se o mais que pôde da borda da plataforma.

Girando a extremidade da corda em círculos cada vez maiores, arremessou-a para o outro lado. A corda chocou-se com um eletroduto e caiu. Pacientemente, o rapaz recolheu a corda e tornou a enrolá-la para uma nova tentativa.

Mais uma vez a fonte de alimentação começou a girar em círculos crescentes e depois foi arremessada através do abismo. Luke já podia sentir atrás de si o calor do metal fundido.

Desta vez, a corda se enrolou em um grupo de canos que passava ao lado da outra plataforma. O peso da ponta escorregou, desceu um pouco e ficou preso no espaço entre os canos. Luke recuou e puxou a corda com toda a força. A corda nem se mexeu.

Depois de enrolar várias vezes na cintura e no braço direito a outra ponta da corda, o rapaz colocou o braço livre em torno da cintura de Leia.

Alguna coisa morna e agradável tocou os lábios de Luke, fazendo uma corrente elétrica percorrer-lhe o corpo. Olhou chocado para a Princesa, ainda com o gosto do beijo na boca.

— É para dar sorte — murmurou a moça, com um sorriso quase tímido, enquanto o abraçava. — Vamos precisar.

Luke segurou a corda firmemente com as duas mãos, respirou fundo e pulou. Se houvesse calculado mal, os dois não chegariam à plataforma, mas iriam chocar-se com a parede de metal. Neste caso, Luke sabia que não teria força para continuar segurando a corda.

A travessia foi. completada em menos tempo que o rapaz levou para concluir o pensamento. Quando viu, estava do outro lado, jogando-se de bruços no chão para não correr o risco de cair de volta no poço. Leia largou-o no último momento, com um senso admirável de distância. Rolou sobre a plataforma, colocando-se graciosamente de pé, enquanto Luke lutava para desembaraçar-se da corda.

Um sibilar distante transformou-se em um forte chiado e depois em um gemido, quando a porta do outro lado finalmente cedeu, caindo para dentro do poço. Luke não a ouviu tocar o fundo.

Alguns disparos atingiram a parede de metal. Luke sacou a pistola e respondeu ao fogo, enquanto a Princesa o puxava para o corredor.

Assim que passaram pela porta, Luke apertou o botão. A porta se fechou. Nos minutos seguintes, pelo menos, não teriam que temer um tiro pelas costas. Por outro lado, Luke não tinha a mínima idéia de onde estavam, e começou a se preocupar com o que teria acontecido a Han e Chewbacca.

Solo e o companheiro haviam conseguido despistar vários perseguidores. Mas tinham a impressão de que, assim que se livravam de alguns soldados, outros surgiam para substituí-los. A estação inteira parecia estar atrás deles.

À frente, uma série de portas estava começando a se fechar automaticamente.

— Depressa, Chewie! — gritou Solo.

Chewbacca rosnou mais uma vez, respirando como um motor em mau estado. A despeito da imensa força, o wookiee nunca seria um bom fundista.

Apenas a passada enorme o permitia acompanhar o ágil coreliano.

Chewbacca deixou um tufo de cabelo em uma das portas, mas os dois conseguiram passar pelas cinco portas, antes que se fechassem.

— Isso nos dá alguns minutos de vantagem — disse Solo, exultante. O wookiee respondeu com um grunhido, mas o piloto não se deu por achado.

— Claro que sei como chegar ao *Millennium*! Os corelianos nunca se perdem!

Chewbacca replicou com outro grunhido, desta vez em tom acusador.

Solo deu de ombros.

— Tocneppil não conta; ele não era coreliano. Além do mais, eu estava bêbado na ocasião.

Ben Kenobi mergulhou nas sombras de uma estreita passagem, parecendo tornar-se parte da própria parede no momento em que um grande destacamento de soldados passou por ele. Esperou um momento, para assegurar-se de que o último soldado havia passado, e então tomou a direção oposta. Mas não notou que era seguido por um vulto vestido de negro.

Kenobi havia evitado várias patrulhas, aproximando-se aos poucos do hangar onde estava o cargueiro. Agora estava a poucos metros do hangar. O

que faria em seguida dependia do que os companheiros houvessem feito durante sua ausência.

A julgar pela atividade que havia observado no caminho de volta, o jovem Luke, o impetuoso coreliano e seu ajudante e os dois irrequietos robôs haviam feito muito mais do que aguardar tranquilamente seu retorno. É claro que todos aqueles soldados não estavam apenas a sua procura!

Mas outra coisa os preocupava, pois tinha ouvido rumores a respeito de um importante prisioneiro que havia escapado. A coincidência o deixara intrigado, até se lembrar do temperamento inquieto de Luke e Han Solo. Na certa os dois eram de alguma forma responsáveis pela fuga do prisioneiro.

Ben sentiu que havia alguma coisa à frente e reduziu o passo. Era uma sensação familiar, um odor mental bem conhecido, mas que não conseguia identificar.

Então, o vulto vestido de negro apareceu no final do corredor, bloqueando o acesso ao hangar. Kenobi reconheceu-o instantaneamente.

Apenas a maturidade da mente que havia pressentido o impedira de identificá-lo mais cedo. Instintivamente, levou a mão ao sabre de luz.

— Há muito tempo espero por este momento, Velhi-ban Kenobi —

disse Darth Vader, solenemente. — Afinal nos encontramos. O círculo se fechou. — Kenobi sentiu uma satisfação sádica nas palavras do outro. — A presença que senti há algumas horas só podia ser você.

Kenobi olhou para o gigante que bloqueava a passagem e fez que sim com a cabeça. Parecia mais curioso do que amedrontado.

— Você ainda tem muito que aprender.

— Foi meu professor — admitiu Vader — e aprendi muito com você.

Mas o tempo passou, e hoje o mestre sou eu.

A falta de lógica, que sempre constituía o ponto fraco de seu discípulo mais brilhante, continuava a mesma, pensou Kenobi. Sabia que não adiantava argumentar com o outro. Ligando o sabre, assumiu a posição de combate com a graça e a elegância de um bailarino.

Vader imitou-o, mas não com a mesma agilidade. Durante vários minutos os dois ficaram, parados olhando um para o outro, como se estivessem à espera de um sinal.

Kenobi piscou várias vezes, sacudiu a cabeça e tentou limpar os olhos lacrimejantes. A testa ficou coberta de suor. As pálpebras tremeram novamente.

— Seus poderes já não são os mesmos — observou Vader, sem emoção. — velho, você nunca devia ter voltado. Poderia ter terminado seus dias tranquilamente, em vez de ter um fim violento.

— Sente apenas uma parte da força. Darth — murmurou Kenobi, com a segurança de alguém para quem "a morte é apenas uma sensação como qualquer outra, como dormir, fazer amor ou tocar uma vela acesa. — Como sempre, você percebe tão pouco da força quanto uma panela percebe o gosto da comida que contém.

Movendo-se com uma rapidez incrível para um homem de sua idade, Kenobi desfechou um golpe mortal contra o Lorde Negro. Vader bloqueou o golpe com igual rapidez, respondendo com uma estocada que quase apanhou o velho desprevenido. Outra esquiva, e Kenobi atacou novamente, aproveitando a oportunidade para passar para o outro lado de Vader.

Continuaram a trocar golpes, agora com Kenobi de costas para o hangar. Afinal, os feixes dos dois sabres se encontraram e a interação dos campos de energia iluminou a cena com uma luz fantástica. Os dois mantiveram os sabres na mesma posição, sabendo que quem recuasse primeiro estaria perdido.

C-3PO enfiou a cabeça na porta do hangar, contando os guardas que vigiavam o cargueiro.

— Onde estarão eles? Oh, oh!

Recuou a cabeça no momento em que um dos guardas olhava em sua direção. Da segunda vez que espiou, os resultados foram mais animadores.

Pôde ver que Solo e Chewbacca estavam escondidos em outra entrada do hangar.

Solo também estava preocupado com o número de guardas.

Murmurou para o companheiro:

— Será que vieram todos para cá?

Chewbacca rosnou e os dois se voltaram, apenas para darem um suspiro de alívio e baixarem as armas ao verem que se tratava de Luke e da Princesa.

— Por que demoraram tanto? — reclamou Solo, impiedosamente.

— Encontramos alguns amigos — explicou Leia, ofegante. Luke estava olhando para o cargueiro.

— A nave está em condições de voar?

— Parece estar — respondeu Solo. — Acho que não tiraram nada, nem mexeram nos motores. O problema vai ser chegar lá.

De repente, Leia apontou para o outro lado do hangar.

— Vejam!

Iluminados pelo clarão dos dois feixes de energia, Ben Kenobi e Darth Vader acabavam de entrar no hangar. A luta atraiu a atenção geral. Os guardas se aproximaram para apreciar melhor o duelo titânico.

— É a nossa oportunidade — observou Solo, adiantando-se. Os sete guardas que vigiavam a rampa saíram correndo em direção aos combatentes, tentando ajudar o Lorde Negro. C-3PO mal teve tempo de

recuar quando passaram pelo túnel onde estava. Voltando-se para o interior da passagem, gritou para o companheiro:

— Desfaça a ligação, R2-D2. Vamos embora!

Assim que o outro retirou o braço do soquete, os dois andróides começaram a avançar cautelosamente em direção ao cargueiro.

Kenobi ouviu o ruído às suas costas e arriscou um olhar. Ao ver os soldados que avançavam, compreendeu que estava cercado.

Vader aproveitou-se da distração momentânea para desferir um violento golpe de cima para baixo. No último momento, Kenobi desviou-se para o lado e bloqueou o feixe de energia com o feixe de sua própria arma.

— Você ainda conserva a mesma habilidade, mas a força não é mais a mesma. Prepare-se para morrer, Velhi-ban.

Kenobi calculou a distância que o separava dos soldados e olhou para Vader com ar de piedade:

— Esta é uma luta que não pode vencer, Darth. Sei que seu poder amadureceu desde aquele tempo, mas eu também tive tempo de aprender muito. Se meu feixe encontrar o alvo, você simplesmente deixará de existir.

Mas se me partir em dois, ficarei ainda mais poderoso. Acredite no que estou dizendo.

— Sua filosofia já não me afeta, Velhi-ban — disse Vader com desprezo.

— Agora o mestre sou eu.

Desferiu uma nova estocada; no momento em que o velho se esquivou, Darth Vader descreveu um longo arco com o sabre, com precisão mortal. O

feixe de energia cortou Kenobi em dois. Houve um pequeno clarão e os pedaços da túnica caíram lentamente no piso.

Mas Ben Kenobi não estava no interior das vestes. Pressentindo algum embuste, Vader retalhou o tecido com o sabre. Mas não viu sinal do velho.

Era como se nunca tivesse existido.. Os guardas se reuniram em torno de Vader e o ajudaram a examinar o local onde Kenobi estivera até momentos antes. Nem a presença temível do Lorde de Sith impediu que alguns sentissem uma ponta de medo.

No momento em que os guardas deixaram seus postos para ajudar Vader, Solo e os outros saíram correndo em direção ao cargueiro. Mas quando Luke viu Kenobi ser cortado em dois, mudou de direção e investiu contra os soldados.

— Ben! — gritou o rapaz, disparando a pistola a esmo. Solo soltou uma imprecação, mas parou e também começou a atirar.

Um dos disparos atingiu o mecanismo que mantinha suspensa a porta do túnel, fazendo-a descer com estrondo. Tanto Vader como os soldados conseguiram esquivar-se a tempo. Os guardas pularam para o interior do hangar, enquanto Vader refugiou-se no túnel.

— Não adianta, Luke! — gritou Leia. — Está acabado!

— Não! — exclamou o rapaz, soluçando.

Foi então que ouviu uma voz familiar, a voz de Ben.

— Luke... escute! — foi tudo o que disse.

Luke olhou em torno, espantado. Tudo que viu foi a Princesa acenando para ele da base da rampa.

— Venha, Luke! Depressa!

Com a voz imaginária ecoando no cérebro (seria imaginária mesmo?) o rapaz hesitou, derrubou mais alguns soldados e saiu correndo em direção à nave.



LUKE ENTROU cambaleando no cargueiro, sem ouvir o ruído dos projéteis que se chocavam a todo instante com os defletores da nave, explodindo sem causar danos. Não estava preocupado com a própria segurança. Com os olhos marejados de lágrimas, passou por Chewbacca e Solo, que ajustavam os controle.

— Espero que o velho tenha conseguido desligar o raio de tração —  
estava dizendo o coreliano.

Ignorando-o, Luke foi para o compartimento de carga e deixou-se cair em um banco, colocando a cabeça entre as mãos. Leia Organa observou-o silenciosamente por um momento, enquanto tirava o casaco. Aproximando-se, abraçou-o com carinho.

— Não havia nada que você pudesse ter feito — murmurou, tentando consolá-lo. — Foi tudo tão rápido!

— Não posso acreditar que ele esteja morto — replicou Luke, com voz trêmula. — Simplesmente não posso!

Solo puxou uma alavanca e olhou apreensivo para a porta do hangar.

Mas a porta havia sido construída para se abrir automaticamente quando uma nave se aproximasse. Em poucos segundos, estavam no espaço, fora da estação.

— Nada — suspirou Solo, aliviado, depois de consultar vários indicadores.  
— Nada nos está puxando para trás. O velho fez o serviço, não há dúvida.

Chewbacca rosnou alguma coisa e o piloto olhou para outra série de indicadores.

— Tem razão, Chewie. Quase me esquecia de que existem outras maneiras de nos fazer voltar. — Mostrou os dentes, era um sorriso de determinação.  
— Mas só entrarei de novo naquela tumba ambulante depois  
de morto. Assuma os controles.

E saiu correndo da sala de controle.

— Venha comigo, garoto! — gritou para Luke, quando entrou no compartimento de carga. — Ainda não ganhamos a parada!

Luke não respondeu, não se mexeu, e Leia olhou zangada para Solo.

— Deixe-o em paz! Não compreende o que o velho significava para ele?

Uma explosão sacudiu a nave, quase fazendo Solo perder a equilíbrio.

— E daí? O Velho se sacrificou para nos dar uma oportunidade de escapar. Quer desperdiçar isso, Luke? Quer que o sacrifício de Kenobi tenha sido em vão?

Luke levantou a cabeça e olhou para o coreliano com olhos vazios. Não, vazios não... no fundo daqueles olhos havia alguma coisa triste e indelével.

Sem dizer palavra, o rapaz se levantou e colocou-se ao lado de Solo.

O piloto sorriu para ele e apontou para um corredor estreito. Luke fez que sim com a cabeça e entrou no corredor, enquanto Solo se encaminhava para outra passagem.

Luke foi parar em uma grande cúpula rotativa que se projetava de um lado da nave. Do centro do hemisférico transparente, saía um tubo comprido. Era fácil adivinhar para que servia. Luke sentou-se e começou a examinar rapidamente os controles. Ativador aqui, botão de disparo ali... O

rapaz estava muito acostumado a lutar com este tipo de armas... em sonhos.

Na sala de comando, Chewbacca e Leia estavam atentos às telas de radar, aguardando a aproximação dos caças inimigos. De repente, Chewbacca soltou um grunhido e mexeu em vários controle, enquanto Leia exclamava:

— Aí vêm eles!

As estrelas giraram em torno de Luke no momento em que um caça Tie do Império passou como um relâmpago por cima do cargueiro,

desaparecendo ao longe. O piloto do caça não havia antecipado a manobra de Chewbacca. Ajustando os controles, descreveu uma curva suave e apontou de novo o nariz do avião para a nave fugitiva.

Solo atirou em outro caça, cujo piloto quase ultrapassou o limite de resistência da nave na tentativa desesperada de evitar os disparos. A manobra o colocou do outro lado do cargueiro. Foi a vez de Luke abrir fogo.

Chewbacca estava dividindo a atenção entre os instrumentos e as telas de radar, enquanto Leia lutava para distinguir as estrelas distantes dos assassinos próximos.

Dois caças mergulharam ao mesmo tempo sobre o cargueiro, tentando obter um bom ângulo de tiro. Solo disparou contra eles, e segundos mais tarde Luke o imitou. Ambos erraram. Os caças atiraram na nave em fuga e se afastaram rapidamente.

— Estão vindo depressa demais! — gritou Luke pelo comunicador.

Um novo disparo atingiu a proa do cargueiro, sobrecarregando os defletores. A nave estremeceu violentamente. Os indicadores mostraram que o consumo de energia estava chegando ao limite máximo.

Chewbacca murmurou alguma coisa para Leia, que respondeu baixinho como se tivesse compreendido as palavras do antropóide.

Outro caça abriu fogo contra o cargueiro, só que desta vez o raio conseguiu penetrar na blindagem sobrecarregada e atingir o casco da nave.

Embora defletido parcialmente, ainda lhe restava energia suficiente para destruir um grande painel de controle no corredor principal, provocando uma chuva de fagulhas. R2-D2 encaminhou-se para o local do incêndio, enquanto o balanço da nave atirava C-3PO em um armário cheio de peças de reposição.

Uma lâmpada de advertência começou a piscar na sala de controle.

Chewbacca resmungou para Leia, que olhou para ele preocupada e frustrada por não compreender o que o wookiee estava dizendo.

Então, um caça emparelhou com o cargueiro danificado, bem na mira de Luke. O rapaz apertou o botão de disparo. O piloto conseguiu esquivar-

se no último momento, mas quando acabou de passar por baixo do *Millennium*, Solo já estava com o dedo no gatilho. De repente, o caça explodiu em um clarão multicolorido, reduzido a mil pedaços.

Solo virou a cabeça e acenou para Luke, que respondeu da mesma forma. Mas quase não tiveram tempo para comemorar, pois outro caça se aproximava, tentando atingir a antena parabólica do transmissor.

No meio do corredor principal, um pequeno cilindro metálico estava cercado pelas chamas. Da cabeça de R2-D2 saía um fino jato de pó branco.

O pó estava fazendo as chamas recuarem.

Luke tentou relaxar, tornar-se parte da arma. Quase instintivamente, atirou em um caça que se afastava. Quando deu por si, os fragmentos em chamas da nave inimiga formavam uma bola de fogo no céu. Foi sua vez de virar a cabeça e sorrir para o coreliano.

Na sala de controle, Leia estava ajudando a verificar os indicadores, além de procurar visualmente novos atacantes. A moça falou pelo alto-falante:

— Acho que só restam dois. Mas parece que perdemos os monitores laterais e o defletor de boreste.

— Não se preocupe — disse Solo, procurando acreditar nas próprias palavras — o *Millennium* vai aguentar. — Olhou para as paredes, com ar de súplica. — Está-me ouvindo, *Millennium*? Agente firme! Chewie, tente mantê-los a bombordo. Se nós...

Foi obrigado a interromper-se quando um caça Tie parecia surgir do nada e investiu contra o cargueiro, cuspidando fogo. O outro caça atacou do lado

oposto e Luke se surpreendeu atirando sem parar, ignorando as violentas explosões que faziam estremecer a nave. No último momento, quando o caça já estava quase fora de alcance, o rapaz ajustou mais uma vez a mira e apertou convulsivamente o botão de disparo. O caça do Império se transformou em uma nuvem de poeira fosforescente. O piloto do último caça pareceu hesitar por um momento, como se avaliasse a situação, depois fez uma curva e afastou-se a toda velocidade.

— Conseguimos! — gritou Leia, abraçando Chewbacca. O wookiee deu um grunhido, mas foi um grunhido afetuoso.

Darth Vader entrou na sala de controle, encontrando o Governador Tarkin parado diante do mapa estelar. Mas não era a visão deslumbrante de milhares e milhares de estrelas que ocupava no momento a atenção do Governador. Deu a impressão de que sequer havia percebido a chegada do outro.

— Onde estão eles? — perguntou o Lorde Negro.

— Acabam de entrar no hiperespaço. No momento, devem estar comemorando a brilhante fuga. — Tarkin voltou-se finalmente para Vader, com uma expressão preocupada nos olhos. — Estou correndo um sério risco, por sua insistência, Vader. Tem certeza de que o transmissor está bem escondido a bordo do cargueiro?

Vader transpirava confiança por trás da máscara negra e lúzida.

— Não se preocupe, tudo vai dar certo. Já conseguimos acabar com o último Cavaleiro de Jedi. Em breve, assistiremos ao fim da Aliança e da revolução.

Solo trocou de lugar com Chewbacca, que estava precisando de um descanso. Quando o coreliano estava indo para a popa verificar a extensão dos danos, encontrou Leia no corredor.

— Então, garota? — perguntou Solo, irradiando contentamento. —

Nada mau, hem! Às vezes fico espantado comigo mesmo.

— O que não deve ser muito difícil — admitiu a jovem prontamente. —

O importante não é a minha segurança, mas o fato de que as informações do andróide R-2 continuam intactas.

— Afinal, o que há de tão importante nessas informações? Leia olhou para o céu estrelado.

— Na memória do robô está a planta completa da estação espacial.

Esperamos que estes dados permitam descobrir algum ponto fraco nas defesas da base. Não ficarei sossegada enquanto a estação não for destruída. Esta guerra ainda não terminou, você sabe.

— Pois para mim, terminou — objetou o piloto. — Estou interessado em economia, e não em política. Pode-se ganhar dinheiro, qualquer que seja o governo. E não fiz o que fiz por seus belos olhos, Princesa. Espero ser bem pago por arriscar minha nave e minha pele.

— Não se preocupe com a recompensa — disse a moça, desapontada.

— Se é dinheiro que quer... dinheiro terá.

Afastando-se de Solo, a moça encaminhou-se para o compartimento de carga. No caminho, cruzou com Luke. Ao passar pelo rapaz, comentou:

— Seu amigo é mesmo um mercenário, Não se importa com coisa alguma... e com ninguém.

Luke ficou olhando para a moça até ela desaparecer no compartimento de carga. Então, murmurou baixinho:

— Pois *eu* me importo, Leia... *eu* me importo.

Então foi para a sala de controle e sentou-se no lugar de Chewbacca.

— O que pensa dela, Han? Solo nem pestanejou.

— Procuro não pensar.

Luke provavelmente não pretendia que o comentário fosse audível, mas Solo ouviu distintamente quando o rapaz murmurou:

— Ótimo.

— Mas a verdade — continuou Solo, pensativo — é que a menina é um bocado valente, além de ser uma gracinha. Não sei, acha que é possível que uma Princesa e um sujeito como eu...

— Não — interrompeu Luke, secamente. E não disse mais nada.

Solo achou graça no ciúme do outro, mas ficou sem saber se havia dito aquilo apenas para mexer com o amigo, ou se havia algum fundo de verdade.

Yavin não era um planeta habitável. A atmosfera do gigante gasoso era assolada por tempestades ciclópicas, com ventos de seiscentos quilômetros por hora. O núcleo relativamente pequeno era composto de gases congelados. Um mundo belo e majestoso, mas estéril.

Por outro lado, várias das muitas luas do gigantesco planeta eram de dimensões planetárias, e dessas luas, três reuniam as condições necessárias para sustentar a vida. Particularmente favorável era o ambiente do satélite designado pelos descobridores do sistema como número quatro. Brilhava como uma esmeralda no colar de luas de Yavin, era rico em vida vegetal e animal. Mas seu nome não constava da lista dos mundos colonizados pelo homem. Yavin ficava muito longe das zonas habitadas da galáxia.

Talvez a última *razão*, ou ambas, ou uma combinação de causas ainda desconhecidas, fosse responsável pelo aparecimento de uma raça inteligente, raça esta que havia desaparecido muito antes que o primeiro explorador humano pisasse no planeta. Pouco se sabia a respeito desta antiga civilização, que nada havia deixado a não ser alguns monumentos.

Agora tudo que restava eram aqueles estranhos edifícios cobertos pela vegetação. Mas embora os construtores pertencessem ao passado, sua obra e seu mundo continuavam a ser úteis.

Estranhos gritos e lamentos quase imperceptíveis habitavam cada árvore e cada moita; uivos, guinchos e grunhidos de criaturas que passavam a vida escondidas na densa vegetação. Quando o sol raiava na quarta lua, anunciando mais um longo dia, o coro se tornava ainda mais frenético, ressoando na névoa espessa.

Ainda mais estranhos eram os sons que provinham de um certo ponto.

Ali estava o mais majestoso dos edifícios que a raça desaparecida havia levantado em direção aos céus. Era um templo, uma pirâmide tão colossal que parecia impossível que tivesse sido construída sem o auxílio da antigravidade. Mas tudo indicava que os nativos haviam empregado apenas a força manual, máquinas simples... e talvez artefatos de outros mundos.

Embora a ciência dos habitantes desta lua não os tivesse levado às viagens espaciais, havia produzido várias descobertas que sob certos aspectos superavam tudo que o Império fora capaz de realizar — entre elas, o método, ainda inexplicado, usado para cortar e transportar gigantescos blocos de pedra.

O templo havia sido construído com esses blocos monumentais. A selva havia chegado até o topo, cobrindo a pirâmide com um manto verde e castanho. Apenas perto da base, na frente do templo, a selva se abria para revelar uma passagem escura, aberta pelos construtores e alargada pelos ocupantes atuais.

Uma pequena máquina apareceu na floresta, o brilho metálico contrastando com o verde da folhagem. Zumbia como um besouro enquanto transportava os passageiros em direção à entrada do templo.

Depois de atravessar a clareira, foi engolida pelas sombras, deixando a selva mais uma vez nas patas e garras dos predadores invisíveis.



Os construtores nunca teriam reconhecido o interior do templo. Em lugar da pedra, agora havia chapas metálicas; as divisões de madeira haviam sido substituídas por painéis de plástico. Os andares subterrâneos também eram recentes: hangares e mais hangares, ligados por possantes elevadores.

Depois de transpor a entrada do templo, o carro diminuiu a marcha e parou. Um grupo de homens que conversava animadamente ali perto se desfez imediatamente e todos saíram correndo em direção ao veículo.

Felizmente, Leia Organa saltou rapidamente do carro, caso contrário teria sido arrancada à força pelo primeiro a chegar, tão grande era sua satisfação ao vê-la. O homem contentou-se em abraçá-la efusivamente, enquanto os companheiros a saudavam.

— Está viva! Pensamos que havia morrido. — De repente, ele caiu em si, recuou e fez uma reverência. — Quando soubemos o que aconteceu com Alderaan, pensamos que havia perecido com o resto da população, Princesa.

— Tudo isso são águas passadas, Comandante Willard — disse Leia. —

O futuro é que importa. Alderaan não existe mais — A voz assumiu um tom gélido, assustador em uma pessoa de aparência tão delicada. — Cabe a nós assegurar que a tragédia não se repita. Não temos tempo para lamentações, Comandante. A estação espacial nos seguiu até aqui.

Solo abriu a boca para protestar, mas Leia o fez calar-se com um gesto.

— É a única explicação para nossa fuga — continuou ela. — Mandaram apenas quatro caças Tie atrás de nós, quando poderiam ter mandado cem.

Solo ficou calado, pensativo. Leia apontou para R2-D2.

— Comandante, precisa elaborar um plano de ataque com base nas informações contidas na memória deste andróide. É nossa última esperança. A estação é uma ameaça mortal. — Baixou a voz. — Se a

análise dos dados não revelar nenhum ponto fraco, a revolução estará condenada.

Luke então teve ocasião de assistir a um acontecimento raro. Vários técnicos se reuniram em torno de R2-D2 e levantaram-no cuidadosamente do chão. Foi a primeira vez, e provavelmente a última, que o rapaz viu um robô ser carregado respeitosamente por um grupo de homens.

Teoricamente, nenhuma arma seria capaz de penetrar na rocha excepcionalmente dura de que era feito o antigo templo. Entretanto, Luke havia visto o que restara de Alderaan e sabia que para aquela incrível estação espacial, a lua inteira constituiria apenas mais um interessante problema de conversão de massa em energia.

O pequeno R2-D2 repousava confortavelmente em um lugar de honra, o corpo ligado por fios a um computador. A informação gravada em sua memória estava sendo transferida para a máquina maior: diagramas, tabelas, especificações.

Os dados eram inicialmente analisados e classificados pelos sofisticados programas do computador. Em seguida, as informações mais importantes eram fornecidas aos humanos para uma análise mais profunda.

C-3PO permaneceu o tempo todo ao lado de R2-D2, tentando imaginar como fora possível armazenar tantos dados complexos na mente de um robô tão simples.

A sala principal de reuniões estava localizada no centro do complexo, muito abaixo do antigo templo. Em uma das extremidade do espaçoso auditório, havia uma mesa sobre um estrado e uma grande tela eletrônica.

Os assentos da platéia estavam tomados por pilotos, navegadores e alguns andróides R-2. Impacientes, e sentindo-se bastante deslocados, Han Solo e

Chewbacca ficaram de pé, o mais longe possível do palco. Solo correu os olhos pela multidão à procura de Luke. O rapaz não dera ouvidos às ponderações do amigo e se apresentara como piloto voluntário, sendo

imediatamente aceito. O coreliano não conseguiu localizar Luke, mas reconheceu a Princesa, que conversava com um velho cheio de medalhas.

Quando um homem alto e sério, com muitas mortes nas costas, se levantou na extremidade da mesa, todas as atenções, inclusive a de Solo, se voltaram para ele. Assim que a platéia fez silêncio, o General Jan Dodonna ajeitou o minúsculo microfone que trazia pendurado no pescoço e apontou para o pequeno grupo sentado à mesa.

— Todos conhecem estas pessoas — afirmou. — São os senadores e generais dos mundos que nos apóiam, de forma ostensiva ou disfarçada.

Quiseram estar conosco neste momento, que talvez seja o mais importante de toda a nossa luta.

— A estação espacial do Império de que todos já ouviram falar está-se aproximando deste sistema. É preciso detê-la, é preciso destruí-la, antes que faça com esta lua o que fez com Alderaan.

A menção do planeta, aniquilado de forma tão brutal, despertou murmúrios na platéia. Dodonna prosseguiu:

"A estação é muito bem defendida e dispõe de um poder de fogo maior do que metade da frota do Império. Mas as defesas foram planejadas para rechaçar ataques maciços, de grande escala. Um pequeno caça de um ou dois lugares talvez consiga furar o bloqueio.

Um homem ágil e esguio, que parecia uma versão mais velha de Han Solo, levantou-se e fez sinal de que queria falar.

— O que é, Líder Vermelho? — perguntou Dodonna.

O homem apontou para a tela, que mostrava a imagem da estação espacial.

— Desculpe a pergunta, General, mas que é que os nossos pobres caças podem fazer contra essa monstruosidade?

Dodonna pensou um pouco e depois explicou:

— É evidente que o Império não teme que um caça se aproxime da estação, caso contrário as defesas seriam mais complexas. Aparentemente, estão convencidos de que a blindagem da estação é invulnerável a qualquer ataque com armas de pequeno porte.

"Entretanto, uma análise das plantas fornecidas pela Princesa Leia mostrou que existe um ponto fraco na blindagem. Um cruzador não conseguiria aproximar-se o suficiente para tirar partido desta deficiência, mas um caça X ou Y talvez possa fazê-lo.

"Trata-se de uma pequena abertura na carcaça externa. Entretanto, comunica-se diretamente com o núcleo do reator principal. Como é usada para descarregar o combustível em caso de emergência, não pode dispor de uma blindagem contra partículas. Um impacto direto no núcleo do reator daria origem a uma reação em cadeia capaz de destruir totalmente a estação.

Um murmúrio de incredulidade percorreu a platéia. Os pilotos mais experientes eram também os mais céticos.

"Não disse que vai ser fácil — advertiu Dodonna. Apontou para a tela.

— Será preciso passar entre esses dois edifícios e voar junto à superfície até... este ponto. O alvo tem apenas dois metros de diâmetro. E para que o projétil atinja o reator, o caça terá que estar exatamente sobre a abertura no momento do disparo.

— Como já disse, o poço não dispõe de blindagem contra partículas.

Entretanto, a proteção contra radiação é total. Isso quer dizer que vamos ter que usar torpedos de prótons.

Alguns pilotos riram nervosamente. Um deles foi um calouro sentado ao lado de Luke, que se chamava Wedge Antilles. R2-D2 também estava presente, ao lado de outro robô R2-D2, que soltou um longo assvio de descrença.

— Um alvo de dois metros, a toda velocidade... e ainda mais com um torpedo! — exclamou Antilles. — É impossível, mesmo para um computador!

— Pois eu não acho — protestou Luke. — No meu planeta natal, costumava caçar ursos do deserto com um velho T-16. E eles não tinham muito mais do que dois metros de comprimento.

— É mesmo? — replicou o outro, ironicamente. — Então me diga, quando você mergulhava atrás de um deles, será que havia milhares de outros, como é mesmo o nome, "ursos do deserto", com rifles na mão, tentando derrubá-lo? — Sacudiu a cabeça, tristemente. — Não, com a estação inteira atirando em nós, vai ser preciso muito mais do que uma boa pontaria, acredite.

Como que para confirmar o pessimismo de Antilles, Dodonna mostrou na tela uma série de pontos luminosos.

— Observem a localização destas baterias. O fogo da estação está concentrado em anéis paralelos ao equador, mas também existem baterias ao longo de alguns meridianos.

"Além disso, os geradores de campo da estação devem dar origem a uma séria distorção, especialmente no espaço entre os edifícios. Calculo que a maneabilidade perto da superfície não deve chegar a zero vírgula três.

A platéia respondeu à última observação com novos murmúrios e alguns suspiros.

"Lembrem-se — prosseguiu o General — de que o impacto deve ser direto. A esquadrilha Amarela cobrirá a Vermelha no primeiro ataque. A Verde cobrirá a Azul no segundo. Alguma pergunta?

Um rapaz alto e elegante se levantou. Não parecia ser o tipo capaz de sacrificar a vida por um ideal tão abstrato como a liberdade.

— E se os dois ataques falharem? O que acontecerá em seguida?

Dodonna sorriu para ele.

— Não haverá nenhum "em seguida". — O homem assentiu lentamente, compreendendo o que o outro queria dizer, e sentou-se. —

Alguém mais?

O silêncio tomou conta do recinto, um silêncio tenso, cheio de apreensão.

— Então vão para suas naves, e que a força os acompanhe.

Imediatamente, homens, mulheres e máquinas se levantaram e se encaminharam para as saídas.

Os elevadores trabalhavam sem parar, carregando as pequenas espaçonaves dos hangares subterrâneos para o hangar principal na superfície, quando Luke, C-3PO e R2-D2 se aproximaram da entrada do hangar.

Nem as equipes de vôo, nem os pilotos, nem mesmo os sofisticados equipamentos de teste atraíram a atenção de Luke. No momento, só estava interessado na atividade de duas figuras muito mais familiares.

Solo e Chewbacca estavam carregando uma pilha de pequenas caixas a bordo de um aerociclo, ignorando totalmente os preparativos para o combate.

Solo levantou os olhos por um instante, depois continuou o que estava fazendo. Luke limitou-se a observá-lo, sentindo-se um brinquedo de emoções conflitantes. Solo era arrogante, irresponsável, intolerante e pretensioso.

Também era valente, sincero e um otimista incurável. A combinação o tornava um amigo desconcertante, mas que nem por isso deixava de ser um amigo.

— Afinal conseguiu a recompensa — observou, finalmente, Luke, apontando para as caixas. Solo fez que sim com a cabeça.

— E vai embora, não é?

— Isso mesmo, garoto. Tenho algumas dívidas antigas para pagar, e mesmo que não tivesse, não acho que seria bobo de ficar por aqui mais tempo. — Olhou para Luke com admiração.

— Gosto do seu jeito, garoto. Por que não vem conosco? Estou precisando de outro assistente.

O brilho mercenário nos olhos de Solo só serviu para deixar Luke furioso.

— Por que não olha em torno e tenta ver alguma coisa além de você mesmo? Sabe o que está acontecendo aqui. Sabe contra quem eles estão lutando. Precisam desesperadamente de bons pilotos. Mas você lhes dá as costas.

Solo não pareceu abalado com o discurso de Luke.

— De que adianta uma recompensa, se a gente não está vivo para usá-la? Atacar aquela estação espacial não é o que chamo de coragem... soa mais como um suicídio.

— Está certo... cuide-se bem, Han — disse Luke em voz baixa, afastando-se. — Mas acho que é o que você sabe fazer melhor, não é mesmo. — E o rapaz encaminhou-se para o fundo do hangar, acompanhado pelos dois robôs.

Solo hesitou por um momento e depois gritou:

— Ei! Luke... que a força esteja com você!

Luke virou a cabeça e viu que o coreliano estava piscando para ele. Um último aceno e desapareceu no meio das máquinas e mecânicos.

Solo sacudiu a cabeça, levantou uma caixa... e então parou, ao ver que Chewbacca estava olhando fixamente para ele.

— O que está olhando, macacão? Sei o que estou fazendo. Continue a trabalhar!

Devagar, ainda olhando de soslaio para o parceiro, o wookiee continuou a levar as pesadas caixas para o veículo.

Luke esqueceu-se completamente de Solo ao ver a graciosa figura que o esperava ao lado do caça — o caça que se havia oferecido para pilotar.

— Tem certeza de que é isto mesmo que quer? — perguntou a Princesa Leia. — Os riscos são imensos!

— Mais do que qualquer coisa no mundo.

— Então, o que há de errado? Luke encolheu os ombros.

— É Han. Tinha esperanças de que mudasse de idéia. Pensei que nos fosse ajudar.

— Cada homem deve seguir seu destino — disse a moça, com ar pensativo. — Ninguém tem o direito de dizer aos outros o que fazer. As prioridades de Han Solo são diferentes das nossas. Gostaria que não fosse assim, mas não o condeno. — Colocando-se nas pontas dos pés, Leia deu-lhe um beijo rápido, quase tímido. — Que a força esteja com você.

— Como gostaria de que Ben estivesse aqui — murmurou Luke, depois que a moça foi embora.

— Luke! — exclamou um o homem ligeiramente mais velho. — Não acredito! Como chegou aqui? Vai participar da missão?

— Biggs! — Luke abraçou carinhosamente o amigo. — Claro que estarei lá com vocês! — O sorriso esmaeceu ligeiramente. — Já não tenho mais escolha. — Então tornou a se animar. — Escute, tenho tanta coisa para lhe contar...

A conversa animada dos dois, semeada de sonoras gargalhadas, contrastava com o ambiente austero do hangar. Afinal, o barulho chamou a



atenção de um velho soldado, que os pilotos mais novos conheciam apenas como Líder Azul.

O Líder Azul tinha o rosto marcado pelo mesmo fogo que brilhava em seus olhos, um fogo alimentado não pelo fanatismo revolucionário, mas por anos e anos de injustiças sofridas e presenciadas. Por trás daquela fisionomia paternal, um demônio furioso lutava para escapar. Breve, muito breve, poderia deixá-lo agir à vontade.

Agora estava interessado nos dois rapazes, que daí a algumas horas provavelmente estariam reduzidos a partículas de carne congelada girando em órbita em torno de Yavin. Conhecia um deles.

— Você não é Luke Skywalker? Conseguiu a autorização que queria para pilotar um Incom T-65?

— Claro — interveio Biggs, antes que o amigo pudesse responder. —

Luke é o melhor piloto de aerociclo desta parte da galáxia.

O velho guerreiro bateu de leve no ombro de Luke.

— É uma boa maneira de começar. Eu mesmo tenho milhares de horas de vôo em aerociclos da Incom. — Fez uma pausa antes de prosseguir. —

Conheci seu pai, Luke. Na época, eu era apenas um garoto. Seu pai foi o melhor piloto que jamais conheci. Não se preocupe; se tiver metade da habilidade de seu pai, já estará muito acima da média.

— Muito obrigado. Vou fazer o que puder.

— Não há muita diferença entre os controles de um T-65 de asas em X

e os de um aerociclo — prosseguiu o Líder Azul. — A principal diferença está na carga — concluiu, com um sorriso sádico.

Luke tinha milhares de perguntas para fazer, mas antes que pudesse abrir a boca, o outro já tinha ido embora.

— Tenho que ir também, Luke — disse Biggs. — Na volta a gente continua a conversa, está bem?

— Está certo. Bem que você disse que um dia nos encontraríamos, Biggs.

— É verdade. — Biggs caminhava em direção a um grupo de caças, ajeitando o traje de vôo. — Vai ser como nos velhos tempos, Luke. A dupla do espaço!

Luke riu. Costumavam usar aquela expressão quando pilotava naves estelares feitas de velhos pedaços de madeira pelas ruas poeirentas de Anchorhead... há muitos e muitos anos atrás.

O rapaz tornou a olhar para o T-65, admirando-lhe as linhas sóbrias e elegantes. Apesar do que dissera o Líder Azul, teve que admitir que não se parecia muito com um aerociclo. R2-D2 estava sendo ligado à tomada R-2, atrás da nacele do caça. Uma solitária figura de metal assistia nervosamente à operação, andando de um lado para outro.

— Segure-se bem — estava dizendo C-3PO para o pequeno robô. —

Você tem que voltar inteiro. Se não voltar, com quem vou gritar quando estiver de mau humor? — Para C-3PO, a pergunta equivalia a uma declaração de amor.

Enquanto Luke subia a bordo, R2-D2 respondeu ao amigo com um silvo confiante. Do outro lado do hangar, o Líder Azul já estava instalado na nacele do seu caça e fazia sinais para os mecânicos. Os motores das naves começaram a ser ligados, produzindo um ruído ensurdecedor no ambiente fechado do hangar.

Luke ajeitou-se no assento e começou a examinar os controles e instrumentos, enquanto a tripulação de terra ligava às tomadas da nave os diversos fios que saíam do traje de vôo. O rapaz se sentiu mais confiante ao ver que os instrumentos eram muito parecidos com os do seu velho aerociclo.

Alguém bateu-lhe no ombro. Luke olhou para a esquerda e viu que era o chefe dos mecânicos. O homem teve que gritar para ser ouvido.

— Seu R-2 parece meio gasto. Quer trocar por um novo? Luke olhou para o robô antes de responder. R2-D2 parecia uma peça permanente do caça.

— Não, obrigado. Esse andróide e eu estamos juntos há muito tempo.

Está firme aí atrás, R2-D2?

O robô respondeu com um assovio tranquilizador.

Quando o chefe dos mecânicos se afastou, Luke iniciou a verificação final dos instrumentos. Aos poucos, foi tomando consciência do perigo que iria enfrentar. Não que a decisão já não estivesse tomada. Luke não era mais um indivíduo, agindo apenas para satisfazer suas necessidades pessoais. Sentia-se unido em espírito a todos os homens e mulheres que participavam da missão. '

Os pilotos já se estavam despedindo, alguns sérios, outros risonhos, mas todos decididos a não deixar transparecer o que estavam realmente sentindo. Luke imaginou quantos deles não teriam contas pessoais a ajustar com o Império.

Os fones do capacete lhe disseram que era hora de partir. O rapaz puxou uma alavanca e o caça rolou pelo chão de concreto, cada vez mais depressa, em direção à boca escancarada do templo.

## **XII**

LEIA ORGANA estava sentada diante de uma grande tela que mostrava Yavin e seus satélites. Uma grande mancha vermelha se movia lentamente, aproximando-se do satélite número quatro. Dodonna e vários outros altos oficiais da Aliança estavam de pé, atrás da moça, também com os olhos pregados na tela. Pequenos pontinhos verdes começaram a aparecer em torno da quarta lua, agrupando-se em nuvens como se fossem mosquitos cor de esmeralda.

Dodonna colocou a mão no ombro da moça.

— A estação espacial do Império já penetrou no sistema de Yavin.

— Todas as nossas naves já decolaram — informou um comandante atrás do general.

Só havia um homem na gaiola cilíndrica, que ficava no topo de uma comprida torre de metal. Ele e o par de eletrobinóculos que usava eram os únicos sinais visíveis do poder que se abrigara durante tanto tempo no seio da floresta tropical.

Por toda a volta, gritos, gemidos e cacarejos saudavam o novo dia. O ambiente bucólico foi quebrado pela passagem de quatro caças prateados.

A sentinela acenou para eles. Mantendo uma formação cerrada, desapareceram em poucos segundos no meio das nuvens.

Fora da atmosfera da lua, os caças se reuniram em esquadrilhas, formadas por naves com asas em X e em Y. Preparavam-se para ir ao encontro da estação espacial.

O homem que havia interrompido a conversa de Luke com Biggs baixou o visor do capacete e ajustou a mira semi-automática antes de se dirigir aos comandados.

— Esquadrilha Azul — disse pelo rádio. — *Aqui é o Líder Azul.*

Ajustem os seletores e verifiquem suas posições. Marcação do alvo um vírgula três...

À frente, um pequeno ponto iluminado 'que parecia uma das luas de Yavin, começou a crescer. Em poucos minutos, já era possível distinguir um brilho metálico, pouco natural. A visão da gigantesca estação espacial fez os pensamentos do Líder Azul se voltarem para o passado. Recordou-se das injustiças incontáveis, dos inocentes levados para serem interrogados e nunca mais vistos de novo... de toda a pletora de crimes cometidos por um

governo cada vez mais corrupto e indiferente. E todos esses terrores e agonias eram simbolizados por aquele monstro da tecnologia que iriam combater.

— Lá está ela, rapazes — falou ao microfone. — Azul Dois, está muito afastado. Chegue mais perto, Wedge.

O jovem piloto que Luke havia conhecido no auditório do templo olhou para boreste e depois consultou os instrumentos. Ajustou ligeiramente o curso e disse pelo rádio:

— Desculpe, Chefe. Parece que o indicador de distância está descalibrado. Já passei para manual.

— Certo, Azul Dois. Tome cuidado. Todas as naves, preparar para mudar configuração das asas.

Um por um, Luke, Biggs, Wedge e os outros membros da Esquadrilha Azul responderam ao líder:

— Preparado...

— Executem — ordenou o Líder Azul, quando John D. e Piggy comunicaram que estavam prontos.

As asas duplas dos caças T-65 se separaram lentamente. Agora cada caça tinha quatro asas, dispostas de forma a oferecer o máximo de maneabilidade e poder de fogo.

À frente, a estação do Império continuava a aumentar. As estruturas da superfície já eram visíveis. Os pilotos podiam reconhecer os píeres, as antenas parabólicas e outras montanhas e desfiladeiros artificiais.

Ao se aproximar da ameaçadora esfera de metal pela segunda vez, Luke começou a respirar mais depressa. O sistema de controle ambiental do caça detectou a alteração e fez as correções necessárias.

Alguma coisa começou a sacudir a nave, quase como se Luke estivesse de novo pilotando o aerociclo, lutando contra os ventos imprevisíveis de

Tatooine. Experimentou um momento de apreensão, até ouvir a voz calma do Líder Azul.

— Estamos passando pela blindagem externa. Aguentem firme.

Procurem manter o curso e liguem os defletores na potência máxima.

O caça continuou a jogar, cada vez com maior violência. Sem saber que atitude tomar, Luke limitou-se a obedecer às ordens. De repente, a turbulência cessou como que por encanto.

— Pronto, passamos — disse o Líder Azul. — Agora mantenham silêncio até o último momento. Parece que vamos apanhá-los de surpresa.

Embora metade da grande estação ainda estivesse na sombra, já estavam suficientemente próximos para Luke distinguir as luzes da superfície. Uma nave que passava por fases, como uma lua... mais uma vez o rapaz maravilhou-se com a técnica prodigiosa que havia sido empregada na construção da gigantesca base. Milhares de luzes davam-lhe a aparência de uma cidade suspensa no espaço.

Alguns dos companheiros de Luke ficaram ainda mais impressionados, já que era a primeira vez que viam a estação.

— Vejam o tamanho dessa coisa! — exclamou Wedge Antilles pelo rádio.

— Nada de conversa, Azul Dois — advertiu o Líder Azul. — Acelerar para velocidade de ataque.

Luke ligou várias chaves do painel e começou a ajustar o sistema automático de mira. R2-D2 olhou para a estação do Império e pensou pensamentos eletrônicos intraduzíveis

O Líder Azul verificou sua posição e comparou-a com a do alvo.

— Líder Vermelho — falou pelo rádio — aqui é o Líder Azul. Estamos em posição: pode começar. Trataremos de mantê-los ocupados.

Fisicamente, o Líder Vermelho era bem diferente do comandante da esquadrilha de Luke. Baixo, magro, fisionomia inexpressiva, parecia um tipo insignificante. Mas em coragem e dedicação, nada ficava a dever ao colega e amigo de muitos anos.

— Vamos iniciar o ataque. Fique por perto e assuma o comando, se alguma coisa acontecer.

— Certo, Líder Vermelho — respondeu o outro. — Vamos sobrevoar o equador e tentar desviar o fogo. Que a força esteja com você.

Duas esquadrilhas de caças se destacaram da formação. Os caças com asas em X mergulharam em direção à superfície, enquanto os caças Y se dirigiram para o pólo norte da esfera.

Dentro da estação, os alarmas começaram a soar quando os soldados finalmente compreenderam que a fortaleza inexpugnável estava sendo atacada. O Almirante Motti e seus estrategistas estavam certos de que os rebeldes se concentrariam na defesa da própria lua. Não esperavam uma contra-ofensiva.

As forças do Império procuraram compensar rapidamente este erro tático. Todo o repertório de destruição da base foi colocado de prontidão.

Os soldados correram para guarnecer as baterias. Poderosos motores colocaram os canhões de raios em posição de tiro.

— Aqui é Azul Cinco — anunciou Luke, preparando-se para entrar em ação. Baixou o nariz do caça. — Lá vou eu.

— Estou bem atrás de você, Azul Cinco — disse uma voz que Luke reconheceu como a de Biggs.

Enquanto Luke estava mergulhando em direção a um objetivo imóvel, as defesas do Império se viam diante de um alvo extremamente rápido e pequeno. Os canhões do caça cuspiram fogo. Houve uma explosão na superfície da esfera de metal, dando origem a um grande incêndio que duraria enquanto a tripulação não conseguisse cortar o acesso de ar à parte

atingida.

A alegria de Luke se transformou em terror, quando percebeu que não conseguiria desviar a nave a tempo de evitar uma bola de fogo de composição desconhecida.

— Volte, Luke, volte! — estava gritando Biggs.

Mas, a despeito dos esforços do rapaz, os comandos não obedeceram a tempo. O caça mergulhou na nuvem de gases superaquecidos.

Segundos depois, estava do outro lado. Uma rápida verificação dos instrumentos o deixou tranquilo. O calor intenso não tinha sido suficiente para danificar nenhum componente vital, embora as quatro asas estivessem enegrecidas.

Luke tirou o aparelho do mergulho e afastou-se da estação, bem a tempo de escapar a novos disparos.

— Você está bem, Luke? — perguntou Biggs, preocupado.

— Fiquei um pouco chamuscado, mas estou bem.

— Azul Cinco — disse o líder da esquadrilha — é melhor ir mais devagar. Sua missão não é abalroar a estação.

— Sim, senhor. Acho que já peguei o jeito. Como o senhor mesmo disse, não é *exatamente* como pilotar um aerociclo.

Feixes de energia e bolas de fogo continuavam a criar um labirinto cromático no espaço em torno da estação, enquanto os pequenos caças cruzavam a superfície em vôos rasantes, disparando em tudo que lhes parecia um alvo decente. Dois pilotos se interessaram por uma usina de força. A usina explodiu, provocando uma verdadeira tempestade de centelhas elétricas.

Dentro da base, explosões secundárias se sucediam, despedaçando homens, robôs e equipamentos. Em alguns pontos, a carcaça externa havia



sido perfurada, e o escapamento de ar lançara soldados e andróides ao espaço.

Mas alguém se mantinha calmo em meio ao caos. Um gigante vestido de negro: Darth Vader. Um comandante se aproximou, ofegante.

— Lorde Vader, são pelos menos trinta, de dois tipos. São tão pequenos e rápidos que os sistemas automáticos não conseguem rastreá-

los com precisão.

— Então vamos usar os caças Tie. Teremos que ir atrás deles e destruí-

los um por um.

Nos hangares, luzes vermelhas começaram a piscar e um alarma insistente soou. Os pilotos do Império correram para as naves.

— Luke — pediu o Líder Azul, enquanto atravessava ileso uma chuva de fogo — avise-me quando for atacar de novo.

— Vai ser agora mesmo.

— Tome cuidado. O fogo está muito intenso à direita daquela torre de reflexão.

— Já vi, não se preocupe — respondeu Luke, confiante.

O rapaz mergulhou novamente em direção à estação espacial. Antenas e pequenas construções explodiram em chamas, quando as asas do caça cuspiram fogo com precisão mortal.

Luke deu um sorriso ao nivelar a nave, escapando por pouco a um intenso feixe de energia. Afinal, era mesmo como caçar ursos do deserto nos estreitos desfiladeiros de Tatooine.

Biggs iniciou o ataque, no momento em que os pilotos do Império se preparavam para decolar. Nos hangares, as tripulações desligavam apressadamente os cabos de força e faziam os últimos testes sumários.

Uma das naves estava sendo preparada com mais cuidado, aquela em que Darth Vader acabara de embarcar.

Na sala de comando do templo, a atmosfera era de expectativa. Todos estavam com os olhos grudados na grande tela, conversando por sussurros.

Em um canto do aposento, um técnico consultou de novo os instrumentos antes de falar do microfone:

— Atenção, líderes de esquadrilha! Atenção, líderes de esquadrilha!

Captamos novos sinais do outro lado da estação. Caças inimigos a caminho.

Luke recebeu a mensagem ao mesmo tempo que os outros. Começou a esquadrinhar o céu à procura dos caças do Império. Baixou os olhos para o painel de instrumentos.

— Nada na tela. Não vejo nada.

— Continue a observação visual — instruiu o Líder Azul. — Não confie nos instrumentos. Lembre-se de que a estação pode interferir com todos os sensores a bordo de sua nave, exceto seus olhos.

Luke olhou de novo, e desta vez viu um caça do Império perseguindo de perto um T-65, cujo prefixo reconheceu prontamente.

— Biggs! — gritou. — Há um atrás de você... cuidado!

— Não consigo vê-lo — respondeu o amigo, assustado. — Onde está?

Não posso vê-lo!

Luke ficou olhando impotente, enquanto o caça de Biggs se afastava bruscamente da estação, seguido pelo caça do Império. O piloto inimigo disparou várias vezes, e cada disparo parecia passar mais perto do que o anterior.

— Ele é teimoso — disse Biggs pelo rádio. — A situação está ficando preta.

Biggs mudou bruscamente de curso, aproximando-se novamente da estação, mas o piloto que o perseguia continuou colado a sua cauda, disposto a não o deixar escapar.

— Agente firme, Biggs! — gritou Luke, fazendo uma curva tão fechada que os giroscópios zumbiram em protesto. — Eu vou aí!

O piloto do Império estava tão preocupado com Biggs que não

pressentiu a aproximação de Luke. O rapaz esperou que o computador de bordo enquadrasse o alvo e apertou o botão de disparo. Houve uma pequena explosão no espaço — pequena em comparação com a enorme energia que estava sendo desencadeada pelas defesas da estação. Mas a explosão teve uma importância toda especial para três pessoas: Luke, Biggs e, principalmente, para o piloto do caça Tie, que foi desintegrado juntamente com a nave.

— Peguei-o! — murmurou Luke.

— Este está no papo! — exclamou alguém pelo rádio. Luke reconheceu a voz de um jovem piloto chamado John D.

Sim, lá estava o Azul Seis perseguindo outro caça do Império O T-65

fez vários disparos em rápida sucessão até que o caça Tie se partiu em dois, arremessando fragmentos de metal em todas as direções.

— Boa pontaria, Azul Seis — comentou o líder da esquadrilha. Então, acrescentou rapidamente: — Cuidado, há um na sua cauda!

Dentro da nacele do caça, o sorriso vitorioso do rapaz desapareceu instantaneamente e ele começou a olhar em volta, sem conseguir localizar o inimigo. Alguma coisa explodiu a sua direita, tão perto que a ponta de uma asa se partiu. Então houve um disparo ainda mais certo e a nacele se transformou em um mar de chamas.

— Fui atingido, fui atingido!

Foi tudo o que o infeliz piloto teve tempo de gritar antes do golpe de misericórdia. De onde estava, o Líder Azul viu a nave de John D.

transformar-se em uma bola de fogo. Sua única reação foi comprimir ligeiramente os lábios. Tinha coisas mais importantes para fazer.

Na quarta lua de Yavin, a tela principal se apagou junto com a vida de John D. Os técnicos saíram correndo em todas as direções. Um deles parou diante de Leia, dos comandantes e de um robô de pele cor de bronze.

— O receptor de alta frequência está com defeito. Vai levar algum tempo para consertar...

— Faça o que puder — disse Leia. — Enquanto isso, poderíamos deixar ligado o sistema de áudio.

Alguém atendeu à sugestão, e em poucos segundos os sons da batalha distante enchiam o aposento, entremeados com as vozes dos participantes.

— Mas para a direita, Azul Dois, mais para a direita — estava dizendo o Líder Azul. — Cuidado com aquelas torres.

— Fogo cerrado, chefe — avisou Wedge Antilles — a vinte e três graus.

— Estou vendo. Volte, volte. Vamos atacar em outro lugar.

— Não acredito — estava resmungando. Nunca vi tamanho poder de fogo!

— Volte, Azul Cinco. Volte! — Uma pausa, e depois: — Luke, está-me ouvindo? Luke?

— Estou aqui, chefe — respondeu Luke. — Achei um bom alvo. Vou fazer um estrago.

— É muito arriscado, Luke — disse Biggs. — Saia daí, Está-me ouvindo, Luke? Saia daí.

— Volte, Luke — ordenou o Líder Azul. — O fogo está muito cerrado.

Luke, estou repetindo, volte! Não consigo vê-lo. Azul Dois, está vendo Azul Cinco?

— Negativo — respondeu Wedge, rapidamente. — Desapareceu no meio das chamas. Meus sensores não funcionam. Azul Cinco, onde está você? Luke, você está bem?

— Acho que o perdemos — murmurou Biggs, com voz trêmula. Então soltou um grito de alegria — Não, espere... lá está ele! O leme está um pouco avariado, mas o garoto escapou!

Os ocupantes da sala de controle deram um suspiro de alívio. Um sorriso iluminou o rosto de uma jovem princesa.

Na estação, os soldados exaustos ou feridos foram substituídos por

tropas de reserva. Nenhum deles tinha tido tempo de especular sobre o desfecho da batalha, e no momento nenhum deles se importava muito, um fenômeno que sempre afligiu o soldado comum, desde tempos imemoriais.

Luke sobrevoou mais uma vez a estação, com os olhos fixos em um objetivo distante.

— Não se afaste, Azul Cinco — preveniu o comandante da esquadrilha.

— Aonde vai?

— Localizei o que parece um estabilizador lateral — replicou Luke. —

Vou tentar destruí-lo.

— Tome cuidado, Azul Cinco. Fogo cerrado à frente. Luke ignorou o aviso e apontou o caça para a protuberância metálica. Sua persistência foi recompensada. Depois de disparar várias vezes contra o alvo, viu-o explodir em uma bola espetacular de gás superaquecido.

— Acertei em cheio! — exclamou. — Vou para o sul procurar outro alvo.

Na base rebelde, Leia escutava atentamente. Parecia ao mesmo tempo zangada e apreensiva. Afinal, voltou-se para C-3PO e murmurou:

— Por que Luke está correndo tantos riscos desnecessários? O robô não respondeu.

— Atrás de você, Luke! — estava dizendo Biggs. — Atrás de você!

Leia esforçou-se para imaginar a cena. E não estava sozinha.

— Ajude-o, R2-D2 — murmurou C-3PO para si mesmo — e segure-se bem.

Luke continuou o mergulho enquanto olhava para trás, conseguindo finalmente localizar o caça contra o qual Biggs o havia prevenido. Então se afastou relutantemente da superfície da estação, abandonando o ataque.

Mas o outro também era um bom piloto e continuou a segui-lo.

— Ainda está atrás de mim — disse Luke.

Um outro caça cortou o céu, aproximando-se das duas naves.

— Estou chegando, Luke — gritou Wedge Antilles. — Agente firme!

Luke não teve de esperar muito. Wedge tinha boa pontaria. Em poucos segundos, o caça Tie explodiu em mil pedaços.

— Obrigado, Wedge — murmurou Luke, com um suspiro de alívio.

— Bom serviço, Wedge — disse a voz de Biggs. — Azul Quatro, agora é a minha vez. Cubra-me, Porkins.

— Estou com você, Azul Três — respondeu o outro piloto.

Biggs chegou a algumas dezenas de metros da estação e abriu fogo com tudo que tinha. Ninguém podia saber ao certo o que o piloto rebelde havia atingido, mas a pequena torre que recebeu o impacto dos feixes de energia era obviamente mais importante do que parecia.

Uma série de explosões secundárias varreu a superfície da estação, saltando de um terminal para o seguinte. Biggs já havia passado pela área atingida, mas o companheiro que o cobria recebeu em cheio a descarga de energia.

— Estou com um problema — anunciou Porkins. — Meu conversor está rateando. — O piloto não estava contando toda a verdade. De repente, todos os instrumentos de bordo tinham deixado de funcionar.

— Salte... salte, Azul Quatro — aconselhou Biggs. — Azul Quatro, está-me ouvindo?

— Não é preciso — replicou Porkins. — Posso controlar a nave. Dê-me um pouco de tempo, Biggs.

— Está voando baixo demais — gritou o companheiro. — Suba, suba!

Com os instrumentos avariados, e à altitude em que estava voando, Porkins era uma presa fácil para as defesas da estação. As grandes baterias abriram fogo. O pequeno caça explodiu em chamas.

Perto do pólo da estação, a situação era relativamente calma. O ataque das esquadrilhas Azul e Verde havia atraído a atenção dos defensores para a região equatorial. O Líder Vermelho sabia que a falsa paz não duraria muito tempo.

— Líder Azul, aqui é o Líder Vermelho — anunciou pelo rádio. —

Vamos começar o ataque principal. O objetivo já foi localizado. Por enquanto, está tudo tranquilo aqui em cima. Nem caças, nem fogo antiaéreo. Parece que não vamos encontrar resistência, pelo menos da primeira vez.

— Entendido, Líder Vermelho — respondeu o comandante da outra esquadrilha. — Vamos continuar a mantê-los ocupados aqui embaixo.

Três caças com asas em Y mergulharam em direção à superfície da estação. No último momento mudaram de direção para penetrar em um

profundo desfiladeiro artificial, um dos muitos que havia no pólo norte da Estrela da Morte.

O Líder Vermelho olhou em volta, constatando com alívio que não havia nenhum caça do Império nas proximidades. Ajustou um controle e falou para os comandados:

— Chegou a hora, rapazes. Não se esqueçam: quando acharem que não dá para descer mais, cheguem ainda mais perto antes de largarem nosso presentinho. Desviem toda a força para os defletores dianteiros. Não é hora de pensar na retaguarda.

As tropas do Império que guarneciam o setor perceberam de repente que aquela parte da estação, ignorada até o momento pelos rebeldes, estava sendo submetida a um ataque. Reagiram rapidamente, e em pouco tempo os caças estavam tendo que enfrentar uma barreira de fogo. De quando em quando, um raio mortífero atingia um dos caças de raspão, fazendo-o estremecer.

— Eles são meio agressivos, não são? — disse Vermelho Dois.

O Líder Vermelho não estava achando graça na situação.

— Quantas baterias você calcula, Vermelho Cinco?

Vermelho Cinco, conhecido pela maioria dos pilotos rebeldes apenas como Pops, conseguiu a façanha de fazer um levantamento das defesas inimigas enquanto pilotava o caça no meio de um mar de chamas. O

capacete que usava parecia mais um destroço, resultado de mil batalhas anteriores.

— São umas vinte baterias — anunciou afinal. — Algumas na superfície, outras montadas em torres.

O Líder Vermelho agradeceu a informação com um murmúrio, enquanto ligava o sistema de mira controlado por computador. Explosões continuavam a sacudir o caça.



— Ligar computadores de aproximação — ordenou.

Aqui é Vermelho Dois — respondeu um piloto da esquadrilha —

computador ligado e estou recebendo um sinal. — O rapaz estava visivelmente emocionado.

Mas o piloto mais velho do grupo, Vermelho Cinco, sentia-se calmo e confiante, embora murmurasse baixinho, quase para si mesmo:

— É, a coisa não vai ser fácil.

De repente, todo o fogo defensivo cessou. Uma estranha quietude tomou conta da superfície,

— O que é isso? — perguntou Vermelho Dois, em tom preocupado. —

Eles pararam. Por quê?

— Não estou gostando nada — resmungou o Líder Vermelho. Mas a falta de resistência tornaria muito mais fácil a missão.

Pops foi o primeiro a adivinhar o que estava por trás da atitude aparentemente suicida do inimigo.

— É melhor ligarmos os defletores de ré. Os caças vêm aí.

— Tem razão, Pops — concordou o Líder Vermelho, olhando para o painel de instrumentos. — Já os vejo nos sensores. Três alvos às duas e dez.

Uma voz mecânica continuou a recitar a distância que os separava do alvo, mas os caças Tie já estavam próximos.

— Não podemos ignorá-los — observou o líder da esquadrilha. —

Seríamos todos abatidos.

— Vamos ter que ir até o fim — aconselhou Pops. —

Não nos podemos defender e atacar o alvo ao mesmo tempo.— Lutou para dominar velhos reflexos quando os sensores mostraram três caças Tie em formação precisa, mergulhando em direção a eles.

— Três-oito-um-zero-quatro — anunciou Darth Vader, enquanto ajustava calmamente os controles. — Quero pegá-los pessoalmente.

Cubram-me.

Vermelho Dois foi o primeiro a morrer. O jovem piloto nem teve tempo de saber o que o atingira. Apesar de toda a sua experiência de combate, o Líder Vermelho quase entrou em pânico quando viu o caça ao lado dissolver-se me chamadas.

— Estamos encurralados aqui. Não temos espaço para manobrar, os edifícios estão muito próximos, Temos que subir. Temos que...

— Conserve o rumo — advertiu uma voz mais velha. — Conserve o rumo.

As palavras de Pops fizeram o Líder Vermelho cair em *si*. Os dois caças continuaram a aproximar-se do alvo, ignorando os caças Tie, cada vez mais próximos.

Acima deles, Vader permitiu-se um sorriso de satisfação enquanto tornava a ajustar o computador de tiro. Os caças rebeldes estavam voando em linha reta. Eram alvos fáceis.

Um clarão iluminou a nacele do líder da esquadrilha. O fogo começou a consumir o painel de instrumentos.

— Pops! — gritou o Líder Vermelho. — Fui atingido Fui atingido...!

O caça explodiu em uma bola de metal vaporizado. Alguns fragmentos sólidos chocaram-se com as paredes dos edifícios. Vermelho Cinco assistiu a tudo e não aguentou mais. Manipulou os controles e o caça descreveu uma curva ascendente, seguido de perto pela nave de Vader.

— Vermelho Cinco para Líder Azul. Estou sozinho. Os caças apareceram de repente... Tenho que desistir...

O inimigo implacável apertou mais uma vez o botão fatal. Quando o raio partiu, Pops estava perto do topo dos edifícios. Mas havia esperado demais.

O motor de bombordo foi atingido e explodiu, levando com ele metade da asa. Perdendo o controle, o caça iniciou uma longa curva descendente em direção à superfície da estação.

— Você está bem, Vermelho Cinco? — perguntou uma voz preocupada.

— Eles nos apanharam de surpresa, quando iniciávamos o ataque —

explicou Pops, com voz cansada. — É impossível manobrar no meio dos edifícios. Sinto muito... agora fica por sua conta. Adeus, Dave...

Foram as últimas palavras do veterano piloto. O Líder Azul procurou não deixar que o tom de voz revelasse o que estava sentindo pela perda do amigo.

— Esquadrilha Azul, aqui é o Líder. Encontro em seis vírgula um.

Respondam.

— Líder Azul, aqui é Azul Dez. Mensagem recebida.

— Aqui Azul Dois — respondeu Wedge. — Já estou a caminho, Líder Azul.

Luke estava esperando a vez de falar, quando uma luz começou a piscar no painel de controle. Um rápido olhar para trás confirmou o que os sensores de bordo estavam acusando: um caça do Império às suas costas.

— Aqui é Azul Cinco — declarou, iniciando uma manobra evasiva. —

Estou com um pequeno problema. Mas não vou demorar.

Iniciou um mergulho em direção à superfície metálica, depois nivelou o caça quando as baterias abriram fogo contra ele. O caça inimigo não desistiu.

— Estou vendo você, Luke — disse Biggs. — Não se preocupe.

Luke olhou para cima, para baixo, para os lados, e nem sinal do amigo.

Enquanto isso, os disparos do caça Tie estavam passando cada vez mais perto.

— Raios, Biggs, onde está você?

Alguma coisa apareceu, bem à frente de Luke. Movia-se com uma rapidez incrível. Um feixe de energia concentrada passou a poucos metros do caça do rapaz, atingindo seu perseguidor. Apanhado totalmente de surpresa, o caça do Império se desintegrou antes que o piloto pudesse compreender o que estava acontecendo.

Luke fez a volta e dirigiu-se para o ponto de encontro, acompanhado por Biggs.

— Obrigado, Biggs. Você também me pegou de surpresa.

— Estou só começando — anunciou o amigo, enquanto fazia uma manobra brusca para evitar o fogo da superfície. Colocou-se ao lado de Luke e balançou as asas do caça. — É só escolher um alvo para mim.

Qualquer alvo.

Na base dos rebeldes, Dodonna encerrou uma reunião de emergência com os assessores e dirigiu-se ao transmissor de longo alcance.

— Líder Azul, aqui é Base Um. Não iniciem o ataque enquanto houver caças inimigos por perto. Os alas devem ficar para trás e dar o máximo de cobertura possível. Poupem metade do grupo para o ataque seguinte.

— Entendido, Base Um — foi a resposta. — Azul Dez, Azul Doze, venham comigo.

Duas naves se colocaram dos dois lados do Comandante da esquadrilha. O Líder Azul esperou até que estivessem na posição correta

para o ataque. Então escalou o grupo que os seguiria se fossem malsucedidos.

— Azul Cinco, aqui é o Líder Azul. Luke, leve Azul Dois e Azul Três com você. Mantenha-se fora do alcance das baterias e espere minha ordem para iniciar o ataque.

— Entendido, Líder Azul — respondeu Luke, o coração batendo mais depressa. — Que a força esteja com o senhor. Biggs, Wedge, venham cá.

Os três caças assumiram uma formação cerrada, muito acima da furiosa batalha que as esquadrilhas Verde e Amarela ainda travavam com as forças do Império.

O Líder Azul iniciou a aproximação.

— Azul Dez, Azul Doze, fiquem comigo até chegarmos à superfície.

Depois, tentem defender-me dos caças.

Os três T-65 chegaram à superfície, nivelaram e rumaram para o alvo.

Os dois alas foram ficando para trás, até que o Líder Azul se viu sozinho no desfiladeiro cinzento.

As baterias estavam caladas. O Líder Azul olhou em torno apreensivo, verificando várias vezes os mesmos instrumentos.

— Alguma coisa está errada — murmurou para si mesmo. Azul Dez também parecia preocupado.

— O senhor já devia estar vendo o alvo.

— Eu sei. Mas a distorção aqui embaixo é inacreditável.

Acho que meus instrumentos pararam de funcionar. Pelo menos estou no rumo certo?

De repente, as defesas de superfície abriram fogo contra o líder da esquadrilha. À frente, uma grande torre dominava o desfiladeiro de metal, vomitando imensas quantidades de energia.

— Não vai ser fácil passar por aquela torre — declarou o Líder Azul, desanimado. — Talvez seja melhor vocês se aproximarem um pouco.

Tão abruptamente como havia começado, o fogo de superfície cessou.

O Líder Azul sabia o que isto significava.

— Agora toda atenção é pouca — disse para os alas. — Os caças vêm aí.

— Meus sensores não funcionam — declarou Azul Dez, nervosamente.

— Excesso de interferência. Azul Cinco, pode vê-los de onde se encontra?

Luke percorreu com os olhos a superfície da estação.

— Nem sinal de... espere! — Três pontinhos brilhantes se moviam rapidamente em direção ao desfiladeiro. — Lá estão eles. Marcação três e cinco.

Azul Dez olhou na direção indicada. O sol se refletiu nas asas dos caças Tie quando iniciaram a manobra descendente.

— Estou vendo, Luke. Obrigado.

— Estou no rumo certo! — exclamou o Líder Azul, quando o computador de bordo começou a emitir um sinal contínuo. Ajustou o mecanismo de disparo. — O alvo está bem à frente. Preciso de apenas alguns segundos. Mantenham-nos ocupados.

Mas Darth Vader também estava ajustando o mecanismo de disparo do caça Tie, enquanto mergulhava como uma flecha em direção aos rebeldes.

— Cubram-me. Vou atacar.

Azul Doze foi o primeiro a cair, com os dois motores estourados. Azul Dez iniciou uma manobra em ziguezague.

— Não vou aguentar muito tempo. É melhor disparar enquanto pode, Líder Azul. Eles estão chegando perto,

O comandante da esquadrilha estava com os olhos colados ao visor, onde, dois círculos se aproximavam com irritante lentidão.

— Estou quase lá. Vamos, vamos... Azul Dez olhou em torno, desesperado.

— Estão em cima de mim!

O Líder Azul estava admirado com a própria calma. O visor era parcialmente responsável, permitindo que se concentrasse em imagens abstratas, ajudando-o a ignorar o resto do universo hostil.

— Vamos, vamos... — sussurrou. Então, os dois círculos coincidiram e uma cigarra começou a tocar. — Torpedos lançados, torpedos lançados.

Momentos depois, Azul Dez também soltou seus projéteis. Os dois caças iniciaram uma manobra ascendente, enquanto lá embaixo as explosões se sucediam.

— Conseguimos! Conseguimos! — gritou Azul Dez, histericamente.

A resposta do Líder Azul tirou toda a alegria do rapaz.

— Não, não conseguimos. Os torpedos não entraram Explodiram a borda do poço.

Em sua decepção, os dois pilotos se esqueceram de olhar para trás. Os três caças do Império continuavam a segui-los. Vader disparou mais um vez, abatendo Azul Dez. Então mudou ligeiramente de curso, colocando-se atrás do comandante da esquadrilha.

— É o último — anunciou, friamente. — Deixem comigo. Vocês dois podem voltar.

Luke estava tentando enxergar o grupo de ataque em meio às chamas quando ouviu a voz do Líder Azul.

— Azul Cinco, aqui é o Líder Azul. Coloque-se em posição para atacar, Luke. E só atire quando estiver em cima do alvo. Não vai ser fácil.

— O senhor está bem?

— Estão atrás de mim... mas não se preocupe.

— Azul Cinco para alas... vamos! — ordenou Luke. Os três caças iniciaram a longa descida.

Enquanto isso, Vader finalmente conseguira atingir a presa com um disparo que, embora pegasse de raspão, havia provocado um incêndio no motor número um. O robô R-2 do caça rastejou sobre a asa danificada e tentou apagar o incêndio.

— R-2, desligue a alimentação do motor número um de boreste —

disse calmamente o Líder Azul, olhando resignado para o painel de instrumentos. — Segure-se bem, que a coisa está ficando preta.

Luke percebeu que o Líder Azul estava com problemas. — Estamos bem acima do senhor — declarou. — Mude para zero zero cinco que vamos cobri-lo.

— Perdi um motor — respondeu o chefe da esquadrilha.

— Então vamos até aí.

— Negativo, negativo. Mantenham o curso e preparem-se para atacar.

— Tem certeza de que não precisa de nós?

— Vou verificar... espere um minuto.



Na verdade, o caça do Líder Azul levou menos de um minuto para cair em parafuso e despedaçar-se na superfície da estação.

Luke observou do alto a grande explosão, compreendendo imediatamente o que havia ocorrido. Pela primeira vez, começava a duvidar do sucesso da missão.

— Acabamos de perder o Líder Azul — murmurou quase para si mesmo.

Na base rebelde, Leia Organa levantou-se bruscamente e começou a andar de um lado para outro. As unhas, normalmente impecáveis, já estavam roídas até a metade. Mas era o único sinal palpável de sua ansiedade. O anúncio da morte do Líder Azul havia criado um ambiente de

consternação na sala de comando. Todos estavam silenciosos. Afinal, a Princesa criou coragem para perguntar:

— Será que vale a pena continuar?

O General Dodonna respondeu com suave firmeza:

— É preciso, Leia.

— Mas já perdemos *tantos homens*! Sem o Líder Vermelha e o Líder Azul, quem vai comandá-los?

Dodonna abriu a boca para responder, mas foi interrompido pelos alto-falantes.

— Chegue mais perto, Wedge — estava dizendo Luke, a milhares de quilômetros de distância. — Biggs, onde está você?

— Bem atrás de você.

Logo depois, Wedge respondeu:

— Muito bem, Chefe, estamos em posição.

Dodonna olhou para Leia. O General parecia preocupado.

Os três caças de asas em X estavam-se aproximando rapidamente da estação. Luke olhou para o painel de instrumentos e verificou irritado que um dos controles não estava funcionando.

Alguém falou alguma coisa no ouvido de Luke. Era uma voz ao mesmo tempo velha e jovial, uma voz familiar: calma, confiante, tranquilizadora.

Uma voz que o rapaz havia escutado atentamente no deserto de Tatooine e nas entranhas da estação espacial.

— Confie na força, Luke — foi tudo o que a voz que tanto se parecia com a de Kenobi disse.

Luke deu um tapinha no capacete, sem saber ao certo se a voz era real.

Mas não tinha tempo para pensar no assunto. Estavam quase chegando.

— Wedge, Biggs, vamos lá — disse para os alas. — É melhor mergulharmos a toda velocidade, antes mesmo de localizarmos o alvo.

Assim talvez os caças Tie não cheguem a tempo.

— Vamos ficar um pouco para trás, para cobri-lo — afirmou Biggs. —

Tem certeza de que não vai bater nos edifícios, a essa velocidade?

— Está brincando? — replicou Luke, enquanto iniciavam o mergulho.

— Vai ser como nos velhos tempos.

— Estou com você, *Chefe* — disse Wedge, frisando bem a palavra

“chefe”. — Vamos!

Os três caças desceram na vertical, desviando-se apenas no último momento. Luke passou tão perto do casco da estação que a ponta de uma asa roçou em uma antena, provocando uma chuva de fagulhas.

Imediatamente, foram envolvidos em uma chuva de raios de energia e projéteis explosivos. Ao entrarem no estreito espaço entre os edifícios, o fogo ficou ainda mais cerrado.

— Parece que estão nervosos — observou Biggs, como se estivesse assistindo a uma exibição de fogos de artifício.

— Por enquanto, está ótimo — comentou Luke, surpreendido com a boa visibilidade à frente. — Posso ver tudo.

Wedge não parecia tão animado.

— Já localizei a torre, mas não consigo enxergar o poço. Deve ser ridiculamente pequeno. Tem certeza de que o computador pode encontrá-lo?

— Tomara que sim — murmurou Biggs.

Luke não disse nada. Estava ocupado tentando manter o oirso em meio à turbulência criada pelas explosões sucessivas. De repente, o fogo cessou.

O rapaz olhou para cima, procurando os caças Tie, mas não viu nada.

Levantou a mão para colocar o visor em posição. Hesitou, apenas por um momento. Então completou o gesto que havia iniciado.

— Cuidado com os caças — disse para os companheiros.

— E a torre? — perguntou Wedge, preocupado.

— Cuidem dos caças — replicou Luke — que eu cuido da torre.

Estavam cada vez mais próximos do objetivo. Wedge olhou para cima e seu coração disparou.

— Aí vêm eles!

Vader estava ajustando os controles quando um dos alas quebrou o silêncio.

— Estão indo depressa demais... não vão conseguir subir a tempo.

— Acabe com eles — ordenou Vader.

— A essa velocidade, é impossível fazer pontaria anunciou o piloto, com convicção.

Vader olhou para os instrumentos de bordo e descobriu que o outro estava certo.

— Mas vão ter que reduzir antes de chegarem àquela torre. Luke não tirava os olhos dos dois pequenos círculos.

— Está chegando a hora. — Segundos depois, os círculos se encontraram. O rapaz apertou o botão de disparo. — Torpedos lançados!

Vamos subir, vamos subir!

Duas explosões sacudiram a estação, uma de cada lado da pequena abertura. Os três caças Tie evitaram a bola de fogo e reduziram rapidamente a distância que os separava dos rebeldes.

— Agora é a nossa vez — disse Vader, friamente. Luke tomou uma decisão.

— Wedge, Biggs, vamos-nos separar. É a única maneira de um de nós escapar.

As três naves subiram mais um pouco e depois partiram em três direções diferentes. Os três caças Tie foram atrás de Luke.

Vader disparou duas vezes, errou e fez uma careta.

— A força naquele piloto é maior do que o normal. Estranho... Mas vou cuidar dele.

Luke mergulhou entre duas torres e fez uma curva brusca para a direita, sem resultado. Um dos caças Tie continuou colado a sua cauda. Um raio roçou a asa, perto do motor. Este engasgou. Luke lutou para controlar a nave.

Ainda tentando desvencilhar-se do teimoso perseguidor, o rapaz mergulhou de novo entre os edifícios.

— Fui atingido — anunciou — mas não é sério. R2-D2, veja o que pode fazer.

O pequeno andróide saiu de onde estava e foi trabalhar na asa, enquanto os raios de energia passavam perigosamente próximos de onde estava.

— Cuidado para não cair — preveniu Luke, fazendo o caça serpentear entre as torres que se projetavam da estação.

Afinal, uma série de indicadores no painel de controle começou a mudar de cor; três ponteiros vitais voltaram à posição normal.

— Acho que você conseguiu. R2-D2 — disse Luke, radiante. —

Devagar... pronto, é isso mesmo. Mantenha a válvula exatamente nesta posição.

R2-D2 respondeu com um assovio, enquanto Luke olhava para trás.

— Acho que nos livramos do último. Esquadrilha Azul, aqui *é Azul Cinco*. Estão-me ouvindo? O rapaz mexeu nos controles e o caça se afastou rapidamente da estação.

— Estou aqui em cima esperando, Chefe — anunciou Wedge. — Não consigo vê-lo.

— Estou a caminho. Azul Três, está-me ouvindo? Biggs?

— Tinha companhia — explicou Biggs. — Mas acho que consegui despistá-lo.

Uma luz de advertência no painel de instrumentos mostrou que Biggs estava errado. Um olhar para trás bastou para confirmar que o caça Tie que o perseguia há alguns minutos continuava atrás dele. Mergulhou novamente em direção à estação.

— Falei cedo demais — disse Biggs para os outros. — Espere um instantinho, Luke. Não vou demorar.

Os fones reproduziram uma voz metálica.

— Agente firme, R2-D2, agente firme!

Na base rebelde, C-3PO baixou os olhos, envergonhado, quando todos os presentes olharam para ele.

Quando Luke já estava bem longe da estação, um outro caça de asas em X veio a seu encontro. Reconheceu a nave da Wedge. Os dois começaram a procurar o terceiro caça.

— Estamos esperando, Biggs. Apareça. Biggs, está-me ouvindo? Biggs!

— Não havia sinal do amigo. — Wedge, você está vendo Biggs?

— Negativo, Luke. Espere mais um pouco. Ele vai aparecer.

Luke olhou em torno, consultou vários instrumentos, pensou um pouco e tomou uma decisão.

— Não podemos esperar mais. Temos que ir agora. Acho o caça Tie o derrubou.

— Ei, pessoal — perguntou uma voz jovial. — Que está esperando?

Luke olhou para a direita e viu que estava sendo ultrapassado por um caça idêntico ao seu.

— O velho Biggs sempre cumpre o que promete — disse o outro pelo rádio.

Na sala de controle da estação espacial, um oficial correu para um homem que estava parado diante de uma grande teia e entregou-lhe uma pilha de papéis.

— Governador, acabamos de analisar o plano de ataque dos rebeldes.

Estamos em sério perigo. Pretende evacuar a estação? Tomei a liberdade de colocar sua nave de prontidão.

O Governador Tarkin olhou incrédulo para o oficial, que recuou um passo.

— Evacuar a estação? — rugiu. — Quando estamos a um passo da vitória final? A principal base dos rebeldes está à nossa mercê e você vem falar-me em evacuar a estação? Não seja ridículo! Saia da minha frente!

Intimidado pela fúria do Governador, o oficial baixou os olhos e retirou-se da sala.

— Vamos atacar de novo — anunciou Luke, baixando o nariz da nave.

Wedge e Biggs o seguiam de perto.

— Coragem, Luke — disse a voz que o rapaz havia ouvido antes.

Luke sacudiu a cabeça e olhou em torno. Parecia que o som vinha de trás. Mas não havia nada naquela direção, apenas um painel de metal.

Intrigado, Luke tornou a concentrar-se nos controles.

Mais uma vez as baterias abriram fogo. Mas não foram os disparos inimigos que fizeram a nave de Luke estremecer. Vários indicadores estavam chegando novamente ao ponto crítico.

— R2-D2, parece que aquela válvula se soltou de novo. Veja se consegue colocá-la no lugar. Preciso ter controle completo da nave para o que vamos fazer.

Ignorando as explosões que se sucediam em torno do caça, o pequeno robô foi até a asa consertar o defeito.

Quando os três caças atingiram o espaço entre os edifícios, Biggs e Wedge ficaram um pouco para trás para cobrir Luke, que estendeu a mão para o visor.

Pela segunda vez, o rapaz sentiu uma estranha hesitação. Demorou-se para colocar o dispositivo no lugar, como se estivesse passando por um conflito íntimo. Foi então que as baterias pararam de atirar.

— Vai começar tudo de novo — comentou Wedge, quando os três caças do Império se aproximaram.

Biggs e Wedge começaram a voar em ziguezague atrás de Luke, procurando desviar a atenção dos caças.

Luke olhou pelo visor por um momento e empurrou-o para o lado.

Ficou olhando para o aparelho, como se estivesse hipnotizado. Então colocou-o de volta no lugar e constatou que os dois pequenos círculos já estavam bem próximos.

— Depressa, Luke! — advertiu Biggs. — Estão vindo mais depressa desta vez. Não vamos poder aguentar muito tempo.

Com precisão inumana, Darth Vader apertou mais uma vez o botão de disparo. Um grito de agonia, um violento estrondo e o caça de Biggs transformou-se em mil fragmentos incandescentes.

Wedge ouviu a explosão pelo rádio.

— Perdemos Biggs — falou ao microfone.

Luke não respondeu imediatamente. Estava com os olhos cheios d'água. Enxugou-os com raiva. Queria enxergar bem o alvo.

— Somos a dupla do espaço, Biggs... — sussurrou, com voz rouca.

A nave de Luke balançou ligeiramente quando um disparo quase o atingiu. Então o rapaz disse pelo rádio:



— Chegue mais perto, Wedge. Já estamos quase em cima do alvo. R2-D2, veja se pode aumentar a potência dos defletores de ré.

O robô apressou-se em cumprir a ordem, enquanto Wedge acelerava um pouco, colocando-se ao lado de Luke. Os caças Tie também aceleraram.

— Fico com o líder — disse Vader para os companheiros. — Cuidem do outro.

Luke desviou o caça ligeiramente para a esquerda, ficando um pouco à frente de Wedge. Os caças do Império dispararam mais uma vez, errando por pouco. Os dois pilotos rebeldes trocavam repetidamente de posição, tentando confundir os perseguidores.

Wedge estava completando uma dessas manobras quando uma parte do painel de controle explodiu em chamas. O piloto teve que lutar para controlar a nave.

— Estou com um defeito sério, Luke. Não posso ficar com você.

— Está bem, Wedge, dê o fora.

Wedge murmurou um sentido pedido de desculpas e levantou o nariz do caça..

Vader fez pontaria no único caça que restava e disparou.

Luke não viu a explosão quase fatal que ocorreu acima de uma das asas do caça. Nem teve tempo de examinar a carcaça fumegante de metal retorcido que ainda se agarrava a um dos motores. Os braços do pequeno andróide penderam inertes.

Os caças Tie continuaram a perseguir Luke. Atingi-lo era apenas questão de tempo. Só que agora só havia dois caças do Império na perseguição. O terceiro transformou-se em uma bola de fogo, da qual choviam pedaços de metal incandescente.

O outro ala de Vader olhou em volta apavorado, à procura do atacante.

Os mesmos campos de força que haviam inutilizado os instrumentos dos rebeldes agora confundiam os dois caças Tie.

Apenas quando o cargueiro eclipsou o sol foi que a nova ameaça se tornou visível. Era uma nave coreliana, muito maior do que um caça, e

estava mergulhando diretamente para o desfiladeiro de metal. Porém, parecia mais veloz do que um cargueiro.

Quem estava pilotando aquele veículo devia estar louco, pensou o ala.

Fez uma manobra brusca para evitar a colisão. O cargueiro desviou-se no último momento, mas o ala já estava quase em cima do companheiro.

Houve uma pequena explosão quando os dois caças Tie se chocaram de raspão. O ala lutou inutilmente para controlar a nave, que acabou por espatifar-se contra um edifício próximo.

Ao mesmo tempo, o caça de Darth Vader começou a girar sobre si mesmo. Ante o olhar desesperado do Lorde Negro, os vários controles e instrumentos forneceram indicações que eram brutalmente verdadeiras.

Completamente fora de controle, o pequeno caça perdeu-se para sempre nas profundezas infinitas do espaço.

O piloto do cargueiro não tinha nada de insano. Podia estar um pouco emocionado, é verdade, mas suas faculdades estavam perfeitamente em ordem. Ficou sobrevoando o desfiladeiro de metal, bem acima de Luke.

— Está tudo bem, garoto — disse uma voz familiar. — Agora destrua essa coisa para a gente ir para casa.

O conselho foi acompanhado por um grunhido de apoio que só poderia vir de um certo wookie.

Luke olhou para cima e sorriu. Mas o sorriso desapareceu quando o rapaz olhou de novo pelo visor. Sentia uma coceira dentro da cabeça.

— Luke... confie em mim — disse uma voz distante. Luke olhou para a tela. Os dois círculos estavam quase superpostos, como na vez anterior... a vez em que errara o alvo. O rapaz hesitou, mas apenas por um segundo, antes de desligar o sistema de mira. Fechou os olhos e mexeu com os lábios, como se estivesse conversando com alguém. Com a segurança de um cego em um ambiente conhecido, Luke passou a mão pelos controles e apertou um botão. Pouco depois, uma voz preocupada perguntou pelo rádio:

— Base Um para Azul Cinco. Seu sistema de mira está desligado. O que houve?

— Nada — murmurou Luke, baixinho. — Nada.

O rapaz piscou e esfregou os olhos. Era como se acordasse de um sonho. Olhando em volta, verificou que se estava afastando rapidamente da estação. A frente, o vulto protetor do cargueiro de Han Solo o esperava. De acordo com as indicações do painel, havia soltado os dois últimos torpedos.

Mas não se lembrava de haver apertado o botão de disparo.

— Você conseguiu! Você conseguiu! — estava gritando Wedge. —

Acho que foram até o fundo!

— Boa pontaria, garoto — disse Solo, a voz quase abafada pelas comemorações de Chewbacca.

Luke pouco a pouco foi voltando ao normal.

— Que bom... que vocês estavam aqui para apreciar. Agora, vamos dar o fora antes que a estação vá pelos ares. Espero que Wedge esteja certo.

Os caças sobreviventes e o velho cargueiro aceleraram ao máximo, rumando para Yavin.

Atrás deles, a estação estava ficando cada vez menor. De repente, seu lugar foi tomado por alguma coisa que era mais brilhante do que o planeta

gasoso, mais brilhante do que uma estrela. Por alguns segundos, a noite eterna do espaço se tornou dia. Ninguém ousou olhar diretamente para o fenômeno. Nenhum filtro seria capaz de atenuar aquela terrível claridade.

O espaço ficou coalhado de fragmentos microscópicos, arremessados pela energia liberada por um pequeno sol artificial.

Os restos da estação espacial continuariam a queimar durante vários dias, constituindo durante aquele breve espaço do tempo o túmulo mais espetacular da galáxia.

### **XIII**

UM GRUPO alegre de técnicos, mecânicos e outros membros da Aliança cercava cada caça no momento em que aterrava e taxiava para o hangar do templo. Vários pilotos sobreviventes já haviam deixado suas naves e estavam à espera de Luke para cumprimentá-lo.

Do outro lado do caça, o grupo era menor e mais sóbrio. Consistia em dois técnicos e um robô humanóide, que observou, preocupado, quando os homens subiram na asa do caça e levantaram com cuidado um pequeno cilindro de metal enegrecido.

— Oh, não! R2-D2? — chamou C-3PO, curvando-se sobre o robô carbonizado. — Está-me ouvindo? Diga alguma coisa! — Olhou para um dos técnicos. — Você pode consertá-lo, não pode?

— Vamos fazer o possível. — O homem examinou o metal parcialmente fundido, os componentes pendurados para fora. — Ele está muito danificado.

— Tem que consertá-lo! Escute, se precisar de um dos meus circuitos, terei o máximo prazer em doá-lo...

Os três se afastaram lentamente, ignorando o tumulto que os cercava.

Entre os robôs e os técnicos que os consertavam existia uma relação muito especial. Um assimilava coisa do outro, e às vezes a linha divisória entre

homem e máquina se tornava bastante indistinta.

No centro da atmosfera de festa, estavam três figuras que competiam para ver quem cumprimentava os outros com maior efusão. No setor dos tapinhas nas costas, entretanto, Chewbacca não tinha rivais. Todos riram quando o wookiee olhou preocupado para Luke depois de quase esmagá-lo com um abraço.

— Sabia que você ia voltar — estava gritando Luke. — Eu sabia! E

chegou bem a tempo de me salvar, Han!

Solo logo mostrou que continuava o mesmo.

— Ora, não ficaria bem eu deixar um garoto do interior atacar sozinho aquela estação espacial. Além disso, comecei a achar que talvez fosse bem-sucedido, Luke... e nesse caso que ria estar por perto para participar da festa e receber, quem sabe, parte das recompensas.

Nesse momento, uma jovem chegou correndo e atirou-se nos braços de Luke.

— Você conseguiu, Luke, você conseguiu! — gritava Leia Organa.

Em seguida, a moça abraçou Solo. Como era de esperar, o coreliano recebeu o abraço com toda a naturalidade.

Sentindo-se um pouco atordoado, Luke afastou-se do grupo. Ficou olhando para o castigado caça, com ar de aprovação. Depois, olhou para o alto, para muito além do teto do templo. Por um segundo, julgou ouvir um suspiro de prazer, que o fez lembrar-se de um velho guerreiro que havia conhecido há muito, muito tempo. Provavelmente não era mais do que uma corrente de ar, mas assim mesmo Luke sorriu para aquele que só podia ver com os olhos da mente.

Os técnicos da Aliança haviam reformado quase todo o interior do templo. Entretanto, ninguém tivera coragem de alterar a beleza clássica da sala do

trono. Tinham-na deixado exatamente como era originalmente, limitando-se a limpá-la de tempos em tempos.

Pela primeira vez em milhares de anos, a grande câmara estava repleta. Centenas de soldados e técnicos estavam reunidos pela última vez antes de partirem para novos postos e lares distantes.

As bandeiras dos muitos mundos que haviam apoiado a revolução tremulavam na leve brisa que penetrava no templo.

A multidão havia deixado um corredor no meio da sala. Na extremidade do corredor, estava uma jovem vestida de branco: a Princesa Leia Organa.

Um grupo apareceu na outra ponta do corredor. Entre eles estava um vulto grande e peludo, que andava relutantemente, puxado pelo companheiro. Luke, Han, Chewie e C-3PO levaram vários minutos para chegar ao outro lado da sala.

Pararam diante de Leia, e Luke reconheceu o General Dodonna entre os outros dignitários que ladeavam a Princesa. Nesse momento, um robô R-2, brilhando de novo, mas que todos reconheceram, veio juntar-se ao grupo, colocando-se ao lado de C-3PO, que não coube em si de felicidade.

Chewbacca mexia-se nervosamente, pouco à vontade. Solo repreendeu-o com um gesto quando a Princesa se aproximou. Ao mesmo tempo, as bandeiras foram inclinadas para a frente e todos fizeram silêncio.

Leia pendurou uma medalha de ouro no pescoço de Solo. Depois, foi a vez de Chewbacca — a Princesa teve que ficar na ponta dos pés — e finalmente chegou a vez de Luke. Então, Leia fez um sinal para a multidão, e todos puderam dar vazão livremente a seus sentimentos.

Cercado pelos vivas e aplausos, Luke descobriu que não estava pensando no futuro da Aliança, nem em uma possível vida de aventuras com Solo e Chewbacca. Toda a sua atenção estava voltada para a linda Princesa.

Leia notou o olhar de admiração do rapaz, mas desta vez limitou-se a sorrir.

## O IMPÉRIO CONTRA--ATACA

### I

— ISSO é o que eu chamo de frio!

A voz de Luke Skywalker rompeu seu próprio silêncio, mantido desde que ele deixara a base Rebelde recentemente estabelecida, horas antes. Ele estava montado num Tauntaun, o único outro ser vivo até onde a vista podia alcançar. Sentia-se cansado e solitário, ficou assustado com o som da própria voz.

Luke e seus companheiros da Aliança Rebelde revezavam-se na exploração das vastas planícies brancas de Hoth, colhendo informações a respeito de seu novo território. Todos voltavam à base com sentimentos mistos de conforto e solidão. Não havia nada para contradizer as conclusões anteriores de não existirem formas de vida inteligentes naquele planeta frio. Tudo o que Luke vira em suas expedições solitárias foram planícies brancas áridas e cordilheiras de montanhas azuladas, que pareciam desaparecer nas neblinas de horizontes distantes.

Luke sorriu por trás do lenço cinza usado como máscara para proteger-se contra os ventos gelados de Hoth. Contemplando as vastidões geladas através dos óculos de proteção, ele ajustou o gorro forrado de pele de forma mais aconchegante na cabeça.

Um canto de sua boca alteou-se, enquanto ele tentava visualizar os pesquisadores oficiais a serviço do governo Imperial. E pensou: "A galáxia está repleta de núcleos de colonos que pouco se importam com os problemas do Império ou de sua oposição, a Aliança Rebelde. Mas um colono teria de ser louco para reivindicar Hoth. Este planeta não possui coisa alguma para oferecer a ninguém... exceto a nós."

A Aliança Rebelde instalara um posto avançado no mundo gelado há pouco mais de um mês. Luke era bastante conhecido na base; embora

tivesse apenas 23 anos, era tratado como o *Comandante* Skywalker pelos outros guerreiros Rebeldes. O título deixava-o um pouco constrangido. Não obstante, já estava em posição de dar ordens a um grupo de soldados veteranos. Acontecera muita coisa a Luke e ele mudara consideravelmente.

O próprio Luke achava difícil acreditar que apenas três anos antes era um garoto de fazenda deslumbrado em seu mundo natal de Tatooine.

O jovem comandante esporeou seu Tauntaun, murmurando:

— Vamos, menino.

O corpo cinzento do lagarto-de-neve era protegido do frio por uma camada grossa de pêlo. Galopava com as musculosas pernas traseiras, os pés tridátiles terminando em grandes garras curvas que revolviam a neve.

A cabeça do tauntaun, parecida com a de um lhama, esticava-se para a frente, a cauda sinuosa estava enroscada, enquanto subia correndo a encosta gelada. A cabeça chifruda virava-se de um lado para outro, aparando os ventos que fustigavam o focinho peludo.

Luke desejava que a missão já tivesse terminado. Sentia o corpo quase congelado, apesar da roupa bastante grossa fornecida pela Aliança Rebelde.

Mas sabia que ali estava por sua própria opção, pois apresentara-se como voluntário para percorrer os campos gelados à procura de outras formas de vida. Estremeceu ao contemplar a sombra comprida que ele e seu animal projetavam na neve.

"Os ventos estão aumentando de intensidade", ele pensou. "E esses ventos enregelantes trazem temperaturas insuportáveis às planícies depois do cair da noite."

Luke sentiu-se tentado a voltar à base um pouco mais cedo, mas sabia como era importante estabelecer com certeza absoluta que os Rebeldes



estavam sozinhos em Hoth.

O Tauntaun virou-se bruscamente para a direita, quase derrubando Luke. Ele ainda não se acostumara inteiramente a montar aquelas criaturas imprevisíveis. E disse à sua montaria:

— Não fique ofendido, mas a verdade é que me sinto muito mais à vontade na cabine do meu velho carro.

Para aquela missão, no entanto, um Tauntaun, apesar de suas desvantagens, era o meio de transporte mais eficiente e prático disponível

em Hoth.

Quando a criatura chegou ao topo de outra encosta gelada, Luke a fez parar. Baixou os óculos protetores de lentes escuras e contraiu os olhos por um momento, apenas o suficiente para que se ajustassem à claridade ofuscante da neve.

Sua atenção foi subitamente atraída pelo aparecimento de um objeto deslizando pelo céu, deixando uma esteira de fumaça, enquanto mergulhava para o horizonte nebuloso. Luke levou a mão enluvada ao cinto de utilidades e pegou o eletrobinóculo. Apreensivo, sentiu um calafrio que competia com o frio da atmosfera de Hoth. O que ele vira podia ser de fabricação humana, talvez mesmo algo lançado pelo Império. O jovem comandante, ainda focalizando o objeto pelo eletrobinóculo, acompanhou o seu curso ígneo, observando atentamente quando caiu no solo branco, sendo consumido por seu próprio clarão explosivo.

Ao som da explosão, o Tauntaun de Luke estremeceu. Um grunhido terrível escapou de seu focinho e a criatura começou a esgaravatar nervosamente a neve. Luke afagou a cabeça da criatura, tentando tranquilizá-la. Teve dificuldade em ouvir a própria voz, em meio ao vento que zunia, quando gritou:

— Calma, menino! É apenas outro meteorito!

O Tauntaun acalmou-se um pouco e Luke levou o comunicador à boca:

— Eco Três para Eco Sete. Han, meu velho, está me recebendo?

A estática saiu pelo receptor. Depois, uma voz familiar sobrepôs-se à interferência:

— É você, garoto? Qual é o problema?

A voz soava um pouco mais velha e um tanto mais brusca que a de Luke, que, por um momento, recordou afetuosamente o seu primeiro encontro com o contrabandista espacial coreliano na cantina escura e atulhada de alienígenas num espaçoporto em Tatooine. E agora ele era um dos poucos amigos de Luke que não pertenciam oficialmente à Aliança Rebelde.

— Já terminei meu circuito e ainda não encontrei qualquer sinal de vida — disse Luke, a boca quase encostada no transmissor.

— Não há vida nesse cubo gelado em quantidade suficiente para encher um cruzador espacial — respondeu Han, esforçando-se para que a voz soasse acima dos ventos uivantes. — Já instalei as sentinelas automáticas. Estou retornando à base.

— Vejo você mais tarde. — Luke ainda estava olhando para a coluna retorcida de fumaça escura que se elevava de uma mancha preta à distância. — Um meteorito acaba de cair aqui perto e quero dar uma olhada. Não vou demorar.

Desligando o aparelho, Luke concentrou sua atenção no Tauntaun. A criatura réptil estava se remexendo, deslocando o peso do corpo de uma pata para outra. Solto um rugido que veio do fundo da garganta, parecendo um sinal de medo.

— Calma, menino! — murmurou ele, afagando a cabeça do Tauntaun.

— Qual é o problema... farejou alguma coisa? Não há nada por lá.

Mas Luke também estava começando a se sentir inquieto, pela primeira vez desde que partira da base Rebelde oculta. Se alguma coisa conhecia daqueles lagar-tos-de-neve, era o fato de seus sentidos serem

extremamente aguçados. Não podia haver a menor dúvida de que o animal estava tentando avisar Luke de alguma coisa, um perigo qualquer, iminente.

Sem desperdiçar um momento sequer, Luke tirou um pequeno objeto de seu cinto de utilidades e ajustou os controles em miniatura. O artefato era sensível o bastante para indicar até as formas de vida mínimas, detectando a temperatura de corpo e o sistema de vida internos. Mas assim que começou a verificar os registros, Luke compreendeu que não havia necessidade... nem tempo... de continuar.

Uma sombra passou por ele, Luke virou-se rapidamente e de repente parecia que o próprio terreno adquirira vida. Um grande vulto de pêlo branco, perfeitamente camuflado contra as elevações cobertas de neve, atacou-o selvagememente.

— Filho de...

A arma de Luke não chegou a sair do coldre. A imensa garra da Criatura do Gelo Wampa atingiu-o com força e em cheio no rosto, derrubando-o do Tauntaun para a neve enregelante.

A inconsciência envolveu Luke rapidamente, tão depressa que não chegou sequer a ouvir os gritos desesperados do Tauntaun nem o abrupto silêncio que se seguiu ao ruído de um pescoço estalando. Também não sentiu o próprio tornozelo sendo agarrado brutalmente pelo atacante gigantesco e peludo nem seu corpo ser arrastado como se fosse um boneco inerte pela planície coberta de neve.

A fumaça preta ainda se elevava da depressão na encosta em que a coisa impulsionada pelo ar caíra. As nuvens de fumaça haviam se diluído consideravelmente desde que o objeto caíra e formara uma cratera fumegante. A fumaça escura fora dispersada sobre as planícies pelos ventos gelados de Hoth.

Alguma coisa se mexeu dentro da cratera.

Primeiro houve apenas um ruído, um zumbido mecânico, aumentando de intensidade, como a competir com os ventos uivantes. Depois, a coisa se mexeu... algo que rebrilhava à claridade intensa da tarde, começando a sair lentamente da cratera.

O objeto parecia ser alguma forma de vida orgânica alienígena; a cabeça de muitos globos, um verdadeiro horror, se assemelhava a um crânio, os olhos empolados de lentes escuras orientando o olhar frio pelas planícies desoladas e ainda mais frias. Mas quando a coisa saiu da cratera, a forma indicava claramente que era uma máquina de alguma espécie, possuindo um grande "corpo" cilíndrico ligado a uma cabeça circular, equipado com câmaras, sensores e apêndices de metal, alguns dos quais terminavam em tenazes como as de caranguejos.

A máquina pairou sobre a cratera enfumaçada e estendeu seus

apêndices em diversas direções. Depois, um sinal foi emitido nos sistemas mecânicos internos e a máquina começou a flutuar pela planície gelada.

A escura sonda logo desapareceu no horizonte distante.

Outro cavaleiro, envolto pelo traje de inverno e montado num Tauntaun manchado de cinza, corria pelas colinas de Hoth na direção da base de operações Rebelde.

Os olhos do homem, como pontas de metal frio, fitaram sem qualquer interesse os domos cinzentos, as incontáveis torres de canhão e os colossais geradores, únicas indicações de vida civilizada naquele mundo.

Han Solo gradativamente diminuiu a velocidade do lagarto-de-neve, manipulando as rédeas para que a criatura trocasse até a entrada da enorme caverna de gelo.

Han sentiu-se um pouco mais contente com o calor relativo do vasto complexo de cavidades, proporcionado pelas unidades de aquecimento que obtinham sua energia dos gigantescos geradores lá fora. A base subterrânea era tanto uma caverna de gelo natural como um labirinto de túneis, abertos na montanha sólida de gelo pelos *lasers* dos Rebeldes. O

coreliano já estivera em buracos mais desolados da galáxia, mas no momento não podia recordar exatamente a localização de qualquer deles.

Desmontou do Tauntaun e olhou ao redor, observando a atividade no interior da gigantesca caverna. Para onde quer que olhasse, podia ver coisas sendo transportadas, montadas ou consertadas. Rebeldes em uniformes cinzentos corriam para descarregar suprimentos e ajustar equipamentos. E havia os robôs, a maioria unidades R2 e dróides de força, que pareciam estar em toda parte, rolando ou andando pelos corredores gelados, desempenhando eficientemente as suas incontáveis tarefas.

Han estava começando a pensar que talvez a idade o estivesse amolecendo. A princípio, não tinha qualquer interesse pessoal e muito menos lealdade à causa Rebelde. Seu envolvimento no conflito entre o Império e a Aliança Rebelde começara como uma mera transação comercial, com a venda dos seus serviços e o uso de sua espaçonave, *Millenium Falcon*. A missão parecia bastante simples: apenas transportar Ben Kenobi, o jovem Luke e dois robôs dróides independentes para o sistema de Aldebaran. Como Han poderia saber na ocasião que também

seria chamado a salvar uma princesa da mais terrível máquina de guerra do Império, a Estrela da Morte? A Princesa Leia Organa...

Quanto mais pensava nela, mais Han Solo compreendia como se metera numa tremenda encrenca ao aceitar o dinheiro de Ben Kenobi.

Tudo o que Han queria originariamente era receber o dinheiro e ir embora para pagar algumas dívidas prementes que pairavam sobre sua cabeça como um meteoro prestes a cair. Jamais tivera a menor intenção de tornar-se um herói.

E, no entanto, não fora embora e se juntara a Luke e seus doidos amigos Rebeldes a desfecharem o ataque espacial, agora legendário, contra a Estrela da Morte. Por algum motivo. No momento, porém, Han não sabia dizer exatamente que motivo fora esse.

Agora, muito tempo depois da destruição da Estrela da Morte, Han ainda continuava com a Aliança Rebelde, oferecendo sua ajuda para instalar

aquela base em Hoth, provavelmente o mais desolado de todos os planetas da galáxia. Mas isso estava prestes a mudar, disse a si mesmo. No que lhe dizia respeito, Han Solo e os Rebeldes estavam prestes a seguir caminhos diferentes.

Ele atravessou rapidamente, o hangar subterrâneo, onde diversos caças Rebeldes estavam guardados, sendo cuidados por homens de cinza, ajudados por dróides de diversos tipos. O interesse maior de Han era pelo cargueiro em forma de disco que repousava sobre as escoras de pouso recentemente instaladas. Era a maior espaço-nave no hangar e adquirira uns poucos amassados no costado de metal depois que Han entrara em contato com Skywalker e Kenobi. Mas o *Millenium Falcon* não era famoso por sua aparência exterior e sim por sua velocidade: aquele cargueiro ainda era a espaçonave mais veloz já construída para percorrer a Rota Kessel ou para se distanciar de qualquer caça TIE Imperial.

Uma parcela considerável do sucesso do *Falcon* podia ser atribuída à sua manutenção, agora confiada aos cuidados de uma montanha de pêlos castanhos de dois metros de altura, cuja face estava no momento oculta por uma máscara de soldador.

Chewbacca, o gigantesco co-piloto Wookiee de Han Solo, estava reparando o ascensor central do *Millenium Falcon* quando percebeu a

aproximação de Solo. O Wookiee interrompeu o trabalho e suspendeu a máscara protetora, deixando à mostra o rosto peludo. Um grunhido que poucos não-Wookiees do universo poderiam traduzir saiu da boca de muitos dentes.

Han Solo era um desses poucos.

— *Frio* não é bem a palavra certa, Chewie — respondeu o coreliano. —

Eu bem que toparia uma boa briga um dia desses, depois de tanto me esconder e gelar.

Ele notou a fumaça tênue que saía da seção de metal recentemente soldada e perguntou:

— Como está indo com esses ascensores? Chewbacca respondeu com um típico grunhido Wookiee.

— Está certo. — Han concordava plenamente com o desejo do amigo de retornar ao espaço e seguir para algum outro planeta... qualquer um, contanto que não fosse Hoth. — Vou me apresentar ao comando e depois virei lhe dar uma ajuda. Assim que esses ascensores estiverem prontos, vamos sair daqui.

O Wookiee grunhiu novamente, uma risada jovial, voltando a se concentrar no trabalho enquanto Han continuava a avançar pela caverna de gelo artificial.

O centro de comando fervilhava de atividade, com equipamentos eletrônicos e aparelhos monitores estendendo-se para o teto gelado. Como no hangar, o pessoal Rebelde lotava o centro de comando. A sala estava agora repleta de controladores, soldados e pessoal de manutenção, além de inúmeros dróides de diversos modelos e tamanhos, todos empenhados diligentemente em converter a câmara numa base funcional para substituir a que funcionara em Yavin.

O homem com quem Han Solo viera falar estava ocupado por trás de um grande painel, a atenção fixada numa tela de computador que faiscava intensamente com registros coloridos. Rieekan, usando o uniforme de um general Rebelde, empertigou o corpo alto para fitar Solo.

— Não há o menor sinal de vida na área, General

— disse Han. — Mas todas as marcações de perímetro já estão colocadas e assim poderá saber se alguém chamar.

Como sempre, o General Rieekan não sorriu da irreverência de Solo.

Mas admirava o modo com que ele aderira extra-oficialmente à Rebelião. E

sentia-se tão impressionado pelas qualidades de Solo que muitas vezes pensara em conceder-lhe um posto de oficial honorário.

— O Comandante Skywalker já se apresentou? — perguntou o general.

— Está verificando um meteorito que caiu perto dele

— respondeu Han. — Não deve demorar.

Rieekan olhou rapidamente para uma tela de radar recentemente instalada e estudou as imagens por um momento.

— Com tanta atividade de meteoros neste sistema, vai ser difícil identificar espaçonaves se aproximando.

— General, eu... — Han hesitou, mas acabou falando: — Acho que chegou o momento de ir-me embora.

A atenção de Han foi desviada do General Rieekan para uma pessoa que se aproximava. O andar era gracioso e determinado, as feições delicadas pareciam de certa forma incongruentes com o uniforme branco de combate. Mesmo à distância, Han podia perceber que a Princesa Leia estava aborrecida.

— Você é muito bom numa luta — comentou o general para Han. —

Detesto perdê-lo.

— Obrigado, General. Mas acontece que há um preço por minha cabeça. Se eu não pagar a Jabba o Hut, posso me considerar um morto ambulante.

— Não é fácil se viver com a marca da morte...

Rieekan não continuou a falar, pois Han virou-se nesse momento para

a Princesa Leia. Ele; não era do tipo sentimental, mas sabia que naquele momento estava bastante emocionado.

— Acho que está na hora de eu ir embora, Alteza. Han não disse mais nada, sem saber que reação esperar da princesa.

— A decisão é sua — respondeu Leia, friamente.



A súbita indiferença dela estava rapidamente se transformando em raiva genuína.

Han sacudiu a cabeça. Há muito que dissera a si mesmo que as fêmeas, mamíferas, répteis ou qualquer outra categoria biológica ainda a ser descoberta estavam além dos seus escassos poderes de compreensão. É melhor deixá-las com seu mistério, sempre se aconselhava.

Mas por algum tempo, pelo menos, Han começou a acreditar que havia uma única fêmea em todo o cosmos que talvez pudesse compreender.

Mas não podia esquecer que já se enganara muitas vezes antes.

— Não se preocupe comigo — murmurou Han. — Até a vista, Princesa.

Han virou as costas abruptamente e encaminhou-se para o corredor.

Seu destino era o hangar, onde estavam à sua espera um gigante Wookiee e um cargueiro de contrabandista, duas realidades que podia compreender. E não pretendia parar de andar.

— Han!

Leia estava correndo atrás dele, ligeiramente ofegante. Ele parou, friamente, virando-se para ela.

— Pois não, Alteza?

— Pensei que tivesse decidido ficar.

Parecia haver uma preocupação sincera na voz de Leia, mas Han não podia ter certeza.

— Aquele caçador de recompensas que encontramos em Ord Mantell me fez mudar de idéia.

— Luke já sabe? — ela perguntou.

— Saberá quando voltar — respondeu Han asperamente.

Os olhos da Princesa Leia se estreitaram, avaliando-o com uma expressão que Han conhecia muito bem. Por um momento, ele sentiu-se como um dos pingentes de gelo na superfície do planeta.

— Não me olhe assim — disse Han, firmemente. — Os caçadores de recompensa estão à minha procura. Vou pagar a Jabba antes que ele mande atrás de mim outros de seus assassinos Gank e quem sabe o que mais.

Tenho de tirar esse prêmio pela minha cabeça enquanto ainda a tenho.

Leia foi visivelmente afetada por tais palavras. Han percebeu que ela estava preocupada com ele e talvez sentisse algo mais.

— Mas nós continuamos a precisar de você — disse a princesa.

— Nós?

— Isso mesmo.

— E o que me diz de *você*?

Han tomou o cuidado de enfatizar a última palavra, mas não sabia exatamente por quê. Talvez fosse algo que há algum tempo desejava dizer, mas carecia da coragem... não, apressou-se em corrigir, da *estupidez*. . para expor seus sentimentos. No' momento, parecia haver pouco a perder e ele estava pronto para a reação de Leia, qualquer que fosse.

— Eu? — disse ela, bruscamente. — Não entendo onde está querendo chegar.

Incrédulo, Han Solo sacudiu a cabeça.

— Não, provavelmente não entende mesmo.

— E o quê exatamente *eu* deveria saber?

A ira dela estava novamente aumentando, provavelmente porque finalmente começava a compreender, pensou Han.

Ele sorriu.

— Quer que eu fique pelo que sente em relação a mim.

A princesa outra vez se abrandou.

— É isso mesmo. Tem sido uma grande ajuda... — Ela fez uma pausa, antes de acrescentar: — ... para todos nós. Afinal, é um líder natural...

Mas Han não estava disposto a permitir que ela terminasse a frase e interrompeu-a no meio:

— Não, Alteza. Não é disso que estou falando.

Leia estava agora fitando Han nos olhos, com uma expressão, finalmente, de compreensão. E começou a rir.

— Está imaginando coisas.

— Será que estou mesmo? Acho que estava com receio de que eu pudesse deixá-la sem ao menos... — Han focalizou os lábios dela, antes de arrematar: — ... um beijo.

Leia pôs-se a rir ainda mais.

— Seria a mesma coisa que beijar um Wookiee.

— Posso providenciar, se quiser. — Han chegou mais perto dela. Leia parecia radiante, mesmo à luz fria da câmara de gelo. — Pode estar certa de que precisa de um bom beijo. Andou tão ocupada a dar ordens que esqueceu de ser uma mulher. Se relaxasse por um momento, eu poderia ajudá-la. Mas agora é tarde demais, minha querida. Sua grande oportunidade vai voar por esse espaço infinito.

— Acho que posso sobreviver — respondeu Leia, obviamente irritada.

— Boa sorte!

— Nem mesmo se importa se...

Han sabia o que ela ia dizer e não a deixou terminar:

— Poupe-me isso, por favor.. Não me fale outra vez sobre a Rebelião. É a única coisa em que consegue pensar. É tão fria quanto este planeta.

— E você pensa que é o homem capaz de dar algum calor?

— Claro que sim... se eu estivesse interessado. Mas acho que não seria muito divertido. — E com isso Han deu um passo para trás e avaliou-a friamente. — Voltaremos a nos encontrar algum dia. Talvez então você já tenha esquentado um pouco.

A expressão dela tornou a mudar. Han já vira assassinos com olhos mais suaves.

— Você tem toda a educação de um Bantha, mas muito menos classe

— rosnou Leia. — Divirta-se na sua viagem, seu insolente!

A Princesa Leia virou-se bruscamente, deixando Han parado ali, e afastou-se pelo corredor.

## II

A TEMPERATURA na superfície de Hoth baixara consideravelmente.

Mas, apesar do ar frígido, o Dróide-Sonda Imperial continuou a flutuar vagarosamente sobre os campos e colinas cobertos de neve, os sensores estendidos em todas as direções, à procura de sinais de vida.

Os sensores de calor do robô reagiram de repente. Havia encontrado uma fonte de calor nas proximidades e o calor era uma boa indicação de vida. A cabeça girou sobre o eixo, as lentes sensíveis como olhos verificando a direção de onde se originava o calor. Automaticamente, o robô-sonda

ajustou sua velocidade e começou a se deslocar com o máximo de rapidez sobre os campos gelados.

A máquina que lembrava um inseto só reduziu a velocidade quando se aproximou de uma elevação na neve maior do que ela. Os sensores do robô prontamente registraram as dimensões da elevação na neve: quase um-vírgula-oito metro de altura e seis metros de comprimento. Mas as dimensões tinham apenas uma importância secundária. O que era realmente espantoso, se uma máquina-sonda fosse capaz de ficar aturdida, era a quantidade de calor que irradiava de sob o monte de neve. A criatura que ali estava devia com toda certeza estar muito bem protegida contra o frio.

Um fecho de luz fino, entre branco e azul, disparou de um dos apêndices do robô-sonda, o calor intenso penetrando na elevação e espalhando flocos brilhantes de neve em todas as direções.

O monte começou a tremer, a princípio devagar, depois cada vez mais violentamente. O que quer que estivesse por baixo estava profundamente irritado com o raio *laser* do robô-sonda. A neve começou a rolar da elevação em massas de tamanho considerável quando, numa das extremidades, dois olhos surgiram através da massa branca.

Eram imensos olhos amarelos, como pontas gêmeas de fogo, olhando para a criatura mecânica, que continuava a derreter a neve com seus raios

implacáveis. Os olhos arderam com um ódio primitivo contra a coisa que interrompera seu sono.

A elevação de neve tornou a sacudir-se, com um rugido que quase destruiu os sensores auditivos do dróide-sonda. A máquina recuou vários metros, ampliando a distância que a separava daquele estranho ser vivo. O

dróide nunca encontrara antes uma Criatura do Gelo Wampa e seus computadores advertiam que deveria cuidar da besta prontamente.

O dróide efetuou um ajustamento interno para regular a potência do raio *laser*. Menos de um momento depois, o raio alcançava o máximo de intensidade. A máquina dirigiu o *laser* contra a criatura, envolvendo-a numa grande nuvem de fogo e fumaça. Segundos depois, as poucas partículas remanescentes da Wampa foram varridas pelos ventos gelados.

A fumaça desvaneceu-se, sem deixar qualquer evidência física de que uma Criatura do Gelo outrora ali existira, a não ser uma grande depressão na neve.

Mas sua existência fora devidamente registrada na memória do dróide-sonda, que já estava prosseguindo em sua missão programada.

Os rugidos de outra Criatura do Gelo Wampa finalmente despertaram o jovem comandante Rebelde, atordoado e machucado.

A cabeça de Luke girava vertiginosamente, doía terrivelmente, talvez até estivesse explodindo, pelo que ele podia saber. Com um tremendo esforço, conseguiu impor algum foco à visão, descobrindo que estava num desfiladeiro gelado, as paredes escarpadas refletindo a luz débil a se desvanecer do crepúsculo.

Percebeu que estava pendurado de cabeça para baixo, os braços descaídos e as pontas dos dedos cerca de trinta centímetros da neve. Os tornozelos estavam entorpecidos. Esticou o pescoço e viu que os pés estavam presos no gelo, que pendia do teto e se prolongava por suas pernas como estalactites. Podia sentir a máscara congelada do próprio sangue grudada no rosto, onde a Criatura do Gelo Wampa o golpeara.

Luke ouviu novamente os grunhidos bestiais, mais altos agora pois ressoavam pela passagem de gelo profunda e estreita. Os rugidos do

monstro eram ensurdecadores. Ficou imaginando o que iria matá-lo primeiro, o frio ou as presas e garras da coisa que habitava o desfiladeiro.

Tenho de me libertar, pensou, sair deste gelo. Ainda não recuperara inteiramente as forças, mas com um esforço determinado conseguiu erguer o corpo e alcançar as algemas de gelo. Ainda fraco demais, Luke não foi capaz de romper o gelo e tornou a cair, outra vez pendendo do teto, o solo branco subindo bruscamente em sua direção.

— Relaxe — disse a si mesmo. — Relaxe.

As paredes de gelo rachavam com os urros cada vez mais altos da criatura que se aproximava. As patas esmagavam a neve, apavorantemente mais perto. Não se passaria muito tempo antes que o horror branco e peludo voltasse e possivelmente aquecesse o jovem guerreiro na escuridão de sua barriga.

Luke correu os olhos pelo desfiladeiro, finalmente localizando a pilha dos equipamentos que trouxera em sua missão, agora caídos no chão, inúteis, embolados. Os equipamentos estavam quase um metro inteiro além do seu alcance, inatingíveis. E entre os equipamentos estava um artefato que atraiu inteiramente a atenção de Luke: era uma unidade manual, com um par de pequenos interruptores, sobre um disco de metal. O objeto pertencera outrora ao pai dele, um antigo Cavaleiro de Jedi, que fora traído e assassinado pelo jovem Darth Vader. Mas agora era de Luke, dado por Ben Kenobi para ser utilizado com honra contra a tirania Imperial.

Em desespero, Luke tentou contorcer o corpo dolorido, apenas o suficiente para alcançar o sabre-de-luz que o monstro jogara ali. Mas o frio intenso que lhe dominava o corpo diminuía seus reflexos e o enfraquecia.

Luke estava começando a resignar-se a seu destino quando ouviu novamente os grunhidos da Criatura do Gelo Wampa a se aproximar. Seus últimos sentimentos de esperança estavam quase esgotados quando sentiu a presença.

Mas não era a presença do gigante branco que dominava o desfiladeiro.

Em vez disso, era a presença espiritual tranquilizante que ocasionalmente visitava Luke em momentos de tensão ou perigo. Era a

presença que só começara a lhe surgir depois que o velho Ben, tendo assumido novamente o papel de Obi-Wan Kenobi, desaparecera numa pilha das próprias roupas escuras ao ser atingido pelo sabre-de-luz de Darth Vader. A presença era às vezes uma voz familiar, um sussurro quase silencioso, que falava diretamente à mente de Luke.

— Luke. — O sussurro estava outra vez presente, obcecante. — Pense no sabre-de-luz em sua mão.

As palavras fizeram a cabeça já dolorida de Luke late-jar violentamente. Sentiu imediatamente que recuperava as forças, uma confiança que o impelia a continuar lutando, apesar da situação aparentemente desesperadora. Seus olhos fixaram-se no sabre-de-luz.

Estendeu a mão, dolorosamente, com extrema dificuldade, pois o braço já estava quase congelado. Apertou os olhos, fechando-os em concentração.

Mas a arma continuava fora do seu alcance. Sabia que precisaria de algo mais além do mero esforço para alcançar o sabre-de-luz.

— Trate de relaxar — disse a si mesmo. — Vamos, relaxe...

A mente de Luke girou em turbilhão ao ouvir as palavras de seu guardião desencarnado:

— Deixe a Força fluir, Luke.

*A Força!*

Luke viu a imagem invertida de gorila da Criatura do Gelo Wampa, os braços erguidos terminando em enormes garras brilhantes. Pôde ver agora pela primeira vez a cara horrenda e estremeceu ao contemplar os chifres de carneiro da besta, a mandíbula inferior a tremer, as presas pulando para fora.



Mas logo o jovem guerreiro afastou a criatura repulsiva dos pensamentos. Parou de se esforçar para alcançar a arma, o corpo relaxou, ficou inerte, o espírito tornando-se receptivo à sugestão do mestre. Já podia sentir fluir por seu corpo aquela energia gerada por todos os seres vivos, a própria energia que mantinha o universo unido.

Como Kenobi lhe ensinara, a Força estava em Luke, para que ele a usasse como julgasse mais apropriado.

A Criatura do Gelo Wampa estendeu as garras terríveis e avançou para o jovem indefeso. Subitamente, como que por magia, o sabre-de-luz pulou para a mão de Luke. No mesmo instante, ele apertou um botão colorido na arma, emitindo um facho semelhante a uma lâmina, que prontamente cortou as correntes de gelo.

Quando Luke caiu no solo coberto de neve, com a arma na mão, a criatura monstruosa que assomava à sua frente deu um passo cauteloso para trás. Os olhos infernais piscaram incrédulos diante do facho de luz que zumbia, uma visão desconcertante para o seu cérebro primitivo.

Embora tivesse dificuldade em mexer o corpo, Luke levantou-se e apontou o sabre-de-luz para a massa branca de músculos e pêlos, forçando a criatura a recuar outro passo e mais outro. Abaixando a arma, Luke cortou a pele do monstro com a lâmina de luz. A Criatura do Gelo Wampa gritou, o rugido horrível de agonia fazendo tremer as paredes do desfiladeiro. Virou-se e saiu apressadamente, o vulto branco logo se fundindo com o terreno distante.

O céu já estava visivelmente mais escuro, e com a escuridão que chegava vinham também os ventos mais frios. A Força estava com Luke, mas nem mesmo esse poder misterioso poderia aquecê-lo agora. Cada passo que dava, ao sair do desfiladeiro a cambalear, era mais difícil que o anterior. Finalmente, a visão diminuindo tão depressa quanto a luz do dia, Luke tropeçou e rolou por uma encosta de neve, perdendo os sentidos antes de chegar lá embaixo.

Chewie estava aprontando o *Millenium Falcon* para a partida, no hangar principal. Tirou os olhos do trabalho para contemplar uma dupla um tanto estranha que acabara de sair de um corredor, logo se integrando na intensa atividade Rebelde no hangar.

Nenhum dos dois era humano, embora um deles tivesse uma forma humanóide, dando a impressão de ser um homem metido numa armadura dourada de cavaleiro. Os movimentos eram precisos, quase precisos demais para serem humanos, enquanto avançava estrepitosamente. O

companheiro não precisava de pernas do tipo humano para locomoção, pois se saía muito bem rolando o corpo curto e lembrando um barril sobre rodas em miniatura.

O mais baixo dos dois robôs dróides estava bipando e assoviando, muito excitado.

— A culpa não é minha, sua lata de tinta defeituosa! — resmungou o dróide antropomórfico alto, gesticulando com a mão metálica. — Não lhe pedi para ligar o aquecedor térmico, apenas comentei que estava enregelando em sua câmara. Mas é assim mesmo que deve ser. E como vamos fazer agora para secar todas as coisas dela? Ah, chegamos!

C-3PO, o dróide dourado de formato humano, parou e focalizou os sensores óticos no *Millenium Falcon*.

O outro robô, R2-D2, retraiu as rodas e a perna frontal, repousando o corpo de metal no solo. Os sensores do dróide menor estavam registrando as presenças familiares de Han Solo e seu companheiro Wookiee, enquanto os dois continuavam a trabalhar na substituição dos ascensores centrais do cargueiro.

— Mestre Solo, senhor — chamou C-3PO, o único dos dois robôs equipado com uma imitação de voz humana. — Posso lhe falar, senhor?

Han não estava particularmente com ânimo para ser incomodado, muito menos por aquele dróide impertinente.

— Qual é o caso?

— A Princesa Leia está tentando alcançá-lo pelo comunicador —

informou C-3PO. — Deve estar com defeito.

Mas Han sabia que não era esse o problema.

— Eu o desliguei — disse ele bruscamente, voltando a trabalhar na espaçonave. — O que sua alteza real está querendo?

Os sensores auditivos de C-3PO identificaram o desdém na voz de Han, mas não o entenderam. O robô imitou um gesto humano ao acrescentar:

— Ela está procurando por Mestre Luke e presumiu que estivesse em sua companhia. Ninguém parece saber...

— Luke ainda não voltou?

Han ficou imediatamente preocupado. Constatou que o céu além da entrada da caverna de gelo tornara-se consideravelmente mais escuro desde que ele e Chewbacca tinham começado a consertar o *Millenium Falcon*. Han sabia como as temperaturas caíam bruscamente na superfície depois do anoitecer e como os ventos gelados podiam ser fatais.

Abruptamente, ele pulou do elevador do *Falcon*, sem ao menos olhar para o Wookiee.

— Termine o trabalho, Chewie. Oficial do Convés!

Depois de gritar, Han levou o microfone do comunicador à boca e indagou:

— Controle de Segurança, o Comandante Skywalker já se apresentou?

Uma resposta negativa provocou uma expressão preocupada no rosto de Han. O sargento do convés e seu ajudante aproximaram-se correndo, em resposta ao chamado de Han.

— O Comandante Skywalker já voltou? — perguntou-lhes Han, cada vez mais tenso.

— Não o vi — respondeu o sargento. — Mas é possível que ele tenha vindo pela entrada do sul.

— Pois vá verificar! — determinou Han bruscamente, embora não tivesse uma posição oficial que lhe permitisse dar ordens. — *É urgente!*

Enquanto o sargento e seu ajudante viravam-se e saíam apressadamente pelo corredor, R2-D2 emitiu um assovio preocupado que aumentou inquisitivamente de estridência.

— Não sei, R2-D2 — respondeu C-3PO, virando o torso superior e a cabeça na direção de Han. — Senhor, posso indagar o que está acontecendo?

Han sentiu que a raiva o dominava por completo e grunhiu para o robô:

— Vá dizer à sua preciosa princesa que Luke é um homem morto se não aparecer muito em breve.

R2-D2 pôs-se a assoviar histericamente diante da predição lúgubre de Han, enquanto o seu companheiro dourado, agora apavorado, exclamava:

— Oh, não!

O túnel principal fervilhava de atividade quando Han Solo nele entrou correndo. Deparou com uma dupla de soldados Rebeldes recorrendo a toda sua força física para controlar um nervoso Tauntaun, que tentava se desvencilhar.

O oficial de convés entrou correndo pelo outro lado do corredor, correndo os olhos ao redor até localizar Han. E foi lhe dizer, freneticamente:

— Senhor, o Comandante Skywalker não passou pela entrada do sul.

Mas ele pode ter esquecido de registrar a sua chegada.

— Não é provável — respondeu Han. — Os veículos já estão prontos?

— Ainda não. Está sendo difícil adaptá-los ao frio. Talvez pela manhã...

Han interrompeu-o bruscamente. Não havia tempo a perder com máquinas que podiam e provavelmente iriam falhar.

— Teremos então de sair nos Tauntauns. Eu ficarei com o setor quatro.

— A temperatura está baixando muito depressa.

— Pode estar certo que sim — resmungou Han. — E Luke continua lá fora.

O outro homem se ofereceu:

— Posso cobrir o setor doze. Vamos pedir ao controle que acione a tela alfa.

Mas Han sabia que não havia tempo para o controle pôr em operação as câmaras de observação, não com Luke provavelmente morrendo em algum lugar das desoladas planícies. Ele abriu caminho entre o agrupamento de soldados Rebeldes e foi segurar as rédeas de um dos Tauntauns treinados, montando-o rapidamente.

— As tempestades noturnas vão começar antes de alguém poder alcançar o primeiro marcador — avisou o oficial de convés.

— Então voltaremos a nos encontrar no inferno — resmungou Han, manobrando as rédeas do Tauntaun para sair da caverna.

A neve caía intensamente enquanto Han Solo corria em seu Tauntaun pelas vastidões ermas. A noite estava quase chegando e os ventos uivavam furiosamente, penetrando por suas roupas grossas. Ele sabia que seria tão inútil quanto um pingente de gelo para Luke, a menos que conseguisse encontrá-lo muito em breve.

O Tauntaun já estava começando a sentir os efeitos da queda de temperatura. Nem mesmo as camadas protetoras de gordura ou o pêlo

cinzento podiam protegê-lo dos elementos depois do cair da noite. A criatura resfolegava, a respiração cada vez mais difícil.

Han rezou para que o lagarto-de-neve não tombasse, pelo menos até que localizasse Luke.

Ele exigiu mais velocidade da montaria, forçando-a a correr pelas planícies geladas.

Outro vulto estava se deslocando pela neve, o corpo de metal pairando acima do solo congelado.

O Dróide-Sonda Imperial parou por um instante em pleno vôo, os sensores reagindo subitamente.

Depois, confirmando os registros, o robô baixou gentilmente, indo pousar no solo. Como se fossem pernas de aranha, diversas sondas

desligaram-se do corpo de metal, removendo um pouco da neve que tudo cobria.

Algo começou a adquirir contornos em torno do robô, um brilho intenso, a pulsar, gradativamente cobrindo a máquina, como um domo transparente. Rapidamente, o campo de força solidificou-se, repelindo a neve que soprava contra o robô.

Depois de um momento, o brilho se desvaneceu e a neve logo formou um perfeito domo branco, escondendo inteiramente o dróide e seu campo protetor de força.

O Tauntaun estava correndo à velocidade máxima, certamente depressa demais, levando-se em consideração a distância que percorrera e o ar insuportavelmente frio. Não estava mais resfolegando, tendo passado a gemer desesperadamente, as pernas tornando-se cada vez mais trôpegas.

Han sentia pena da aflição do Tauntaun, mas no momento a vida da criatura tinha apenas uma importância secundária, pois o fundamental era salvar seu amigo Luke.

Era cada vez mais difícil para Han ver alguma coisa através da nevasca, que se tornava mais forte. Desesperado, ele procurou por alguma interrupção nas planícies eternas, algum ponto distante que pudesse ser Luke. Mas nada havia além das vastas extensões de neve e gelo, que escureciam rapidamente.

Mas havia um som diferente.

Han puxou as rédeas bruscamente, fazendo o Tauntaun parar de repente na planície. Não podia ter certeza absoluta, mas parecia haver algum outro som além do uivo dos ventos que o açoitavam. Ele se inclinou, tentando divisar alguma coisa na direção do som.

E depois esporeou o Tauntaun, forçando-o a galopar pelo campo varrido pela nevasca.

Luke poderia ter sido um cadáver, alimento para animais necrófagos, quando a luz do dia voltasse. Mas, de alguma forma, ainda estava vivo, embora por pouco, empenhando-se desesperadamente em assim continuar, apesar da tempestade noturna que o fustigava violentamente.

Penosamente, conseguiu ficar de pé sobre a neve, apenas para ser de novo derrubado por outra rajada gelada. Ao cair, Luke pensou na ironia de tudo aquilo, um garoto de uma fazenda de Tatooine, que enfrentara a Estrela da Morte, agora perecia sozinho na vastidão gelada de um mundo estranho.

Luke teve de recorrer a toda a energia que ainda lhe restava para arrastar-se por meio metro, antes de finalmente desabar, afundando na neve cada vez mais espessa.

— Não posso... — balbuciou ele, mesmo sabendo que ninguém poderia ouvi-lo.

Mas alguém ouviu, apesar de Luke não poder vê-lo.

— Mas deve! — As palavras ressoaram intensamente na mente de Luke.  
— Olhe para mim, Luke!

Luke não podia ignorar aquela ordem; a força daquelas palavras pronunciadas suavemente era grande demais.

Com um tremendo esforço, Luke ergueu a cabeça e deparou com o que julgou ser uma alucinação. À sua frente, aparentemente indiferente ao frio e ainda vestido apenas com os trajes miseráveis que usara no deserto quente de Tatooine, estava Ben Kenobi.

Luke quis chamá-lo, mas não conseguiu emitir qualquer som.

A aparição falou com a mesma autoridade gentil que Ben sempre usara com o rapaz:

— Deve sobreviver, Luke.

O jovem comandante encontrou alguma força para tornar a mexer os lábios:

— Estou com frio... muito frio...

— Deve ir ao sistema Dagobah — instruiu a figura espectral de Ben Kenobi. — Vai aprender com Yoda, o Mestre Jedi, aquele que me ensinou.

Luke escutou, meio aturdido, depois estendeu a mão para tocar o vulto fantasmagórico, balbuciando:

— Ben... Ben...

O vulto permaneceu alheio aos esforços de Luke para alcançá-lo, voltando a falar:

— Você é a nossa única esperança, Luke. *Nossa única esperança.*

Luke estava confuso. Contudo, antes que pudesse reunir forças para pedir uma explicação, a aparição começou a se desvanecer. E após todos os vestígios desaparecerem de seu campo de visão, Luke teve a impressão de avistar um Tauntaun que se aproximava, com alguém humano em seu dorso. O lagarto-de-neve avançava em passadas trôpegas. O cavaleiro



ainda estava muito longe e por demais obscurecido pela tempestade para que fosse possível identificá-lo.

Dominado pelo desespero, o jovem comandante Rebelde gritou:

— Ben?!

E começou a mergulhar outra vez na inconsciência.

O lagarto-de-neve mal conseguia manter-se de pé sobre suas pernas de sáurio quando Han Solo puxou bruscamente as rédeas, fazendo-o parar e desmontando rapidamente.

Han contemplou horrorizado o vulto coberto de neve e quase congelado que estava caído a seus pés, inerte, dando a impressão de estar morto.

— Vamos, companheiro! — gritou ele, num apelo ao corpo inconsciente de Luke, esquecendo imediatamente que seu próprio corpo estava quase congelado. — Ainda não está morto. Dê-me um sinal qualquer.

Han não conseguiu detectar qualquer sinal de vida. Notou que o rosto de Luke, quase coberto de neve, estava brutalmente dilacerado. Esfregou o rosto jovem do amigo, tomando cuidado para não tocar nos ferimentos cobertos por sangue coagulado.

— Não faça isso, Luke. O seu dia ainda não chegou.

Ele obteve finalmente uma ligeira reação. Um gemido baixo, quase inaudível em meio ao uivo do vento, mas forte o bastante para fazer com que uma onda de calor e ânimo se espalhasse pelo corpo trêmulo do próprio Han. Ele sorriu de alívio.

— Eu sabia que você não me deixaria aqui fora sozinho! E agora temos de tirá-lo daqui!

Sabendo que a salvação de Luke... e a sua própria... dependiam da velocidade do Tauntaun, Han encaminhou-se para o animal carregando nos braços o corpo inerte do jovem guerreiro. Mas antes que pudesse ajeitar o

corpo inconsciente de Luke no dorso do animal, o lagarto-de-neve. soltou um rugido agoniado e depois desmoronou na neve, um monte peludo.

Largando o companheiro no solo, Han correu para a criatura caída. O

Tauntaun emitiu um derradeiro som, não um rugido ou um berro, mas apenas um gemido áspero, o último suspiro. E depois ficou completamente silencioso.

Han Solo tateou a pele do Tauntaun, os dedos entorpecidos procurando por alguma indicação de vida, por menor que fosse. E disse, sabendo que Luke não poderia ouvi-lo:

— Está mais morto que uma lua de Triton. Não dispomos de muito tempo.

Ajeitando o corpo imóvel de Luke contra a barriga do lagarto-de-neve morto, Han pôs-se a trabalhar o mais depressa que podia. Podia ser uma espécie de sacrilégio, meditou ele, usar a arma predileta de um Cavaleiro de Jedi daquele jeito, mas no momento o sabre-de-luz de Luke era o instrumento mais eficiente e preciso para cortar a pele grossa de um Tauntaun.

A princípio sentiu a arma um tanto estranha na mão, mas um momento depois estava cortando a carcaça do animal, da cabeça peluda às patas traseiras escamosas. Han estremeceu com o odor fétido que se desprendeu da incisão fumegante. Havia bem poucas coisas que podia se recordar que cheirassem tão mal quanto as entranhas de um lagarto-de-neve. Mas sem pensar duas vezes, ele jogou as vísceras escorregadias na neve.

E depois que o cadáver do animal fora inteiramente destripado, Han empurrou o corpo do amigo para o interior da pele quente e coberta de pêlos.

— Sei que o cheiro não é dos mais agradáveis, Luke, mas vai impedir que você congele. Tenho certeza de que este Tauntaun não hesitaria, se a situação fosse a inversa.

Outra golfada de vísceras ainda quentes saiu da cavidade do animal.

— Puxa! — Han ficou quase sufocado. — Ainda bem que você está sem sentidos, companheiro. Não restava muito tempo para fazer o que era necessário. As mãos entorpecidas de Han concentraram-se na mochila de suprimentos no dorso do Tauntaun, vasculhando os artigos de emergência de produção Rebelde até encontrarem o container do abrigo.

Antes de abri-lo, Han falou pelo comunicador:

— Base Eco, está me recebendo? Não houve resposta.

— Esta droga deste aparelho não serve para mais nada!

O céu escurecia ameaçadoramente e os ventos sopravam com violência, tornando a respiração quase impossível. Han empenhou-se em abrir o *container*, começando a armar a única peça do equipamento Rebelde que poderia proteger a ambos... se bem que apenas por mais algum tempo, não muito.

— Se eu não armar este abrigo depressa — resmungou para si mesmo

— Jabba não vai mais precisar daqueles caçadores de recompensas.

### III

R2-D2 ESTAVA parado do lado de fora da entrada do hangar de gelo secreto dos Rebeldes, coberto por uma camada de neve. Os mecanismos internos de tempo sabiam que esperara por um longo período e os sensores óticos informavam que o céu estava escuro.

Mas a unidade R2 estava preocupada apenas com os sensores-sondas embutidos, que continuavam a enviar sinais pelos campos gelados. A longa e ansiosa busca pelos desaparecidos Luke Skywalker e Han Solo ainda não revelara coisa alguma.

O robusto dróide começou a bipar nervosamente quando C-3PO

aproximou-se, avançando com dificuldade. O robô dourado inclinou a parte superior do dorso, acima das articulações da cintura, dizendo:

— R2-D2, não há mais nada que possa fazer. É melhor entrar agora.

C-3PO empertigou-se novamente, em toda a sua estatura, simulando um calafrio humano, enquanto os ventos noturnos passavam uivando pelo costado brilhante.

— Minhas juntas estão congelando, R2-D2. Quer se apressar... por favor?

Mal terminara de falar e C-3PO já estava voltando rapidamente para a entrada do hangar.

O céu de Hoth estava inteiramente escuro com a noite. A Princesa Leia Organa permanecia parada no lado de dentro da entrada da base Rebelde, mantendo uma vigília angustiada, Estremeceu ao vento noturno, enquanto tentava esquadriñar a escuridão de Hoth. Esperando ao lado do Major Derlin, também aflito, mas a mente dela estava longe dali, em algum lugar dos campos gelados.

O gigantesco Wookiee, sentado ali perto, levantou abruptamente a cabeça cabeluda das mãos peludas quando os dois robôs, C-3PO e R2-D2,

voltaram ao hangar.

C-3PO estava humanamente desesperado, informando nervoso:

— R2-D2 não conseguiu captar qualquer sinal, embora ache que provavelmente o seu alcance é limitado demais para nos levar a renunciar a qualquer esperança.

Apesar dessas palavras, podia-se perceber que não havia muita esperança na voz artificial de C-3PO.

Leia acenou com a cabeça para o dróide mais alto, mas não disse nada.

Seus pensamentos estavam absorvidos por uma dupla de heróis desaparecidos. O que mais a perturbava era o fato de descobrir que sua

mente concentrava-se mais num dos dois: um coreliano de cabelos pretos, cujas palavras nem sempre deveriam ser interpretadas literalmente.

Enquanto a princesa continuava a olhar para a escuridão, o Major Derlin virou-se para um tenente Rebelde que se aproximava e comunicou:

— Todas as patrulhas já voltaram, senhor, à exceção de Solo e Skywalker.

O Major Derlin olhou para a Princesa Leia e disse, a voz cheia de pesar:

— Nada mais se pode fazer esta noite, Alteza. A temperatura está caindo depressa. Temos de fechar as portas protetoras. Lamento muito.

O major esperou mais um momento, antes de acrescentar para o tenente:

— Feche as portas.

O oficial Rebelde virou-se para executar a ordem de Derlin e no mesmo instante a câmara de gelo pareceu ficar ainda mais fria, enquanto o angustiado Wookiee deixava escapar um uivo de desespero.

— Os veículos devem estar prontos pela manhã — disse Derlin para Leia.

— Tornarão a busca mais fácil.

Sem esperar realmente por uma resposta afirmativa, Leia perguntou:

— Há alguma possibilidade de os dois sobreviverem até o amanhecer?

— É mínima — respondeu o Major Derlin, com uma sinceridade sombria.

— Mas existe.

Em reação às palavras do major, R2-D2 começou a operar os computadores miniaturizados no interior de seu corpo de metal, semelhante a uma barrica, levando apenas uns poucos momentos para realizar numerosas séries de computações matemáticas, culminando os cálculos com uma sucessão de bips triunfantes.

C-3PO interpretou os bips:

— Madame, R2-D2 diz que as chances de sobrevivência são de 725 para uma.

Depois, inclinando-se para o robô menor, o formal C-3PO resmungou:

— Para dizer a verdade, creio que não precisávamos dessa informação.

Ninguém reagiu à tradução de C-3PO. Por um longo momento houve um silêncio solene, quebrado apenas pelo clangor de metal batendo em metal: eram as gigantescas portas da base Rebelde sendo fechadas para a noite. Era como se alguma divindade impiedosa houvesse oficialmente isolado o grupo ali reunido dos dois homens lá fora, nas planícies geladas, com um clangor metálico final que parecia anunciar a morte de ambos.

Chewbacca deixou escapar outro uivo de desespero.

E uma prece silenciosa, muitas vezes murmurada num mundo antigo chamado Alderaan, insinuou-se nos pensamentos de Leia.

O sol que se insinuava pelo horizonte norte de Horth era relativamente débil, mas sua claridade era suficiente para projetar algum calor sobre a superfície gelada do planeta. A claridade foi se estendendo pelas planícies de neve onduladas, esforçando-se para alcançar os recessos mais escuros dos desfiladeiros gelados, indo finalmente incidir sobre o que deve ter sido a única elevação branca perfeita de todo o mundo.

Na verdade, aquele monte de neve era tão perfeito que só podia dever sua existência a algum outro poder que não a Natureza. Depois, à medida que o céu foi ficando cada vez mais claro, esse monte começou a zumbir.

Qualquer um que o observasse naquele momento ficaria aturdido ao constatar que o domo de neve parecia entrar em erupção, enviando para o céu a camada de cobertura, numa confusão de partículas brancas. Uma máquina zumbindo começou a recolher os sensores, enquanto a massa impressionante erguia-se lentamente do leito branco congelado.

O robô-sonda pairou por um instante no ar, depois prosseguiu em sua missão pelas planícies cobertas de neve.

Algo mais invadira o ar matutino do mundo gelado: um aparelho relativamente pequeno, janelas escuras e canhões de *laser* montados nos lados. O carro-de-neve Rebelde tinha uma blindagem reforçada e estava preparado para combate perto da superfície do planeta. Naquela manhã, a missão do aparelho era de reconhecimento, disparando pelas vastas paisagens brancas, passando sobre as elevações de neve.

O veículo era projetado para uma tripulação de duas pessoas, mas Zev era o seu único ocupante naquela missão. Esquadrinhou as planícies geladas por baixo do veículo rezando para encontrar logo os objetivos de sua busca, antes de ficar inteiramente ofuscado pela claridade intensa da neve.

Pouco depois, ouviu um sinal baixo, de bip. E gritou, exultante, pelo comunicador da cabine:

— Base Eco, encontrei alguma coisa! Não é muita coisa, mas pode ser um sinal de vida. Setor quatro-seis-um--quatro, por oito-oito-dois. Estou me aproximando.

Manejando freneticamente os controles do veículo, Zev reduziu ligeiramente a velocidade e baixou sobre um monte de neve. Sentiu a força-G a comprimi-lo contra o assento e orientou o veículo na direção do débil sinal.

Enquanto a infinidade branca da superfície de Hoth ia desfilando por baixo, o piloto Rebelde ligou o comunicador em outra frequência.

— Eco Três, aqui é Patrulha Dois. Está me ouvindo? Comandante Skywalker, aqui é Patrulha Dois!

A única resposta que ele recebeu, por algum tempo, foi a estática.

Mas depois ouviu uma voz, que parecia soar muito distante, lutando para se sobrepor ao barulho de estática:

— É muita gentileza de vocês terem vindo nos buscar. Só espero que não os tenhamos obrigado a saírem da cama cedo demais.

Zev ficou na maior satisfação ao reconhecer a irreverência característica de Han Solo. Ele tornou a ligar o transmissor para a base secreta dos Rebeldes, comunicando, a voz a se tornar cada vez mais estridente:

— Base Eco, aqui é Patrulha Dois. Acabei de encontrá-los. Repito...

Enquanto falava, o piloto sintonizava melhor os sinais registrados na tela monitora da cabine. Depois, reduziu ainda mais a velocidade do veículo, descendo até quase a superfície do planeta, a fim de poder avistar direito um pequeno objeto que sobressaía na planície branca.

O objeto era um abrigo portátil de fabricação Rebelde, instalado no alto de um monte de neve. No lado do abrigo exposto ao vento havia uma camada branca compacta. E repousando precariamente na parte superior do monte de neve havia uma antena de rádio improvisada.

Porém a visão mais sensacional sobre tudo era o vulto humano familiar de pé diante do abrigo, acenando freneticamente com os braços para o veículo.

Ao baixar a astronave para o pouso, Zev sentiu-se profundamente grato por saber que pelo menos um dos guerreiros que procurava ainda estava vivo.

Apenas um painel de vidro espesso separava o corpo todo machucado e quase congelado de Luke Skywalker dos seus quatro amigos vigilantes.

Han Solo, que apreciava o calor relativo do centro médico Rebelde, estava parado ao lado de Leia, do seu co-piloto Wookiee, de R2-D2 e C-3PO.

Han sentia-se profundamente aliviado. Tinha certeza de que, apesar do ambiente sombrio da câmara, o jovem comandante estava finalmente fora de perigo e nas mãos das melhores mãos mecânicas.



Vestindo apenas um *short* branco, Luke estava suspenso em posição vertical dentro de um cilindro transparente, com uma combinação de máscara de respiração e microfone cobrindo-lhe a boca e o nariz. O

cirurgião dróide, Dois-Umbê, estava cuidando do rapaz com a perícia e a eficiência dos melhores médicos humanóides. Era ajudado pelo dróide-assistente, Efexis-Sete, que parecia simplesmente um conjunto de cilindros, fios e apêndices. O cirurgião dróide empurrou uma alavanca despejando um fluido vermelho gelatinoso sobre o corpo do paciente humano. Han sabia que aquela substância podia operar milagres, mesmo com pacientes em estado tão precário quanto o de Luke,

Enquanto a massa gelatinosa borbulhante envolvia seu corpo, Luke começou a se remexer e a balbuciar, em delírio:

— Cuidado... criaturas da neve... perigosas... Yoda... ir para Yoda...  
única esperança.

Han não tinha a menor idéia do que o amigo estava falando.

Chewbacca, também perplexo com as palavras incoerentes do rapaz, manifestou-se com um ladrido Wookiee inquisitivo.

— Também não estou entendendo nada, Chewie — respondeu Han.

C-3PO comentou, esperançosamente:

— Só espero que ele esteja todo aí, se entendem o que quero dizer.

Seria uma infelicidade se Mestre Luke por acaso desenvolveu um curto-circuito.

— O garoto esbarrou em alguma coisa — comentou Han, distraidamente.  
— E não foi apenas o frio.

Olhando para o semblante solene de Han Solo, Leia murmurou:

— São as tais criaturas que ele fala o tempo todo. Dobramos a segurança, Han. — Ela fez uma pausa e depois tentou agradecer-lhe: — Não

sei como...

— Esqueça — disse Han bruscamente.

Naquele momento, ele estava preocupado exclusivamente com o amigo envolvido pelo fluido baeta vermelho

O corpo de Luke se remexia na substância de cor intensa, pois as propriedades curativas do baeta estavam agora começando a surtir efeito.

E finalmente ele cessou os murmúrios e relaxou, sucumbindo aos poderes do baeta.

Dois-Umbê afastou-se do ser humano que fora confiado aos seus cuidados. Virou a cabeça em formato de crânio a fim de olhar para Han e os outros, separados pelo painel de vidro.

— O Comandante Skywalker esteve em dormo-choque, mas está reagindo bem ao baeta — anunciou o robô, a voz categórica e impressiva sendo ouvida nitidamente através do vidro. — Ele está agora inteiramente fora de perigo.

As palavras do robô-cirurgião dissiparam prontamente a tensão que dominara o grupo no outro lado do painel. Leia deixou escapar um suspiro de alívio e Chewbacca grunhiu sua aprovação ao tratamento de Dois-Umbê.

Luke não tinha a menor possibilidade de avaliar por quanto tempo estivera delirante. Mas agora estava com o pleno domínio de sua mente e sentidos. Sentou na cama, no centro médico Rebelde. Era um imenso alívio estar novamente respirando ar de verdade, por mais frio que pudesse estar, ele pensou.

Um dróide-médico estava removendo a camada protetora da máscara curativa. Os olhos foram descobertos e Luke começou a divisar o rosto de

alguém parado ao lado da cama. Gradativamente, a imagem sorridente da Princesa Leia entrou em foco. Ela inclinou-se graciosamente na direção dele, afastando gentilmente os cabelos de seus olhos.

— O baeta está atuando com perfeição — comentou ela, observando os ferimentos. — As cicatrizes já terão desaparecido dentro de mais um ou dois dias. Ainda dói?

A porta se abriu bruscamente no outro lado do quarto. R2-D2 bipou, uma saudação alegre, enquanto rolava na direção de Luke. C-3PO também se aproximou estrepitosamente da cama.

— Mestre Luke, é um prazer vê-lo recuperado outra vez.

— Obrigado, C-3PO.

R2-D2 emitiu uma sucessão de bips e assovios felizes.

— R2-D2 também expressa o seu alívio — traduziu C-3PO, sempre prestativo.

Luke sentiu-se profundamente grato pela preocupação dos dois robôs.

Mas antes que pudesse responder a qualquer dos dróides, houve uma nova interrupção:

— Oi, garoto! — disse Han Solo efusivamente, entrando no quarto, em companhia de Chewbacca.

O Wookiee soltou um grunhido de saudação amistosa.

— Você parece já estar forte o bastante para enfrentar um Gundark — comentou Han.

Luke sentia-se forte e também grato ao amigo.

— Graças a você, Han.

— Com esta, são duas que está me devendo, garoto. — Han virou-se para a princesa, com um sorriso largo e malicioso, acrescentando zombeteiramente: — Ao que parece, Alteza, conseguiu arrumar um jeito de me segurar aqui por mais algum tempo.

— Não tive nada a ver com isso! — protestou Leia, veementemente, irritada com a vaidade de Han. — O General Rieekan acha que é perigoso para qualquer navio deixar o sistema até que os geradores estejam

funcionando plenamente.

— É uma boa história. Mas *eu* estou convencido de que simplesmente não pode suportar a idéia da minha ausência.

— Não sei onde arruma as suas ilusões, miolos de *laser*! — respondeu Leia furiosa.

Chewbacca, divertido com aquela batalha verbal entre dois dos humanos de vontade mais forte que já conhecera, soltou uma estrondosa risada Wookiee.

— Pode rir à vontade, seu monte de pêlos — disse Han, jovialmente. —

Mas não nos viu sozinhos no corredor sul.

Até esse momento, Luke mal prestara atenção ao diálogo animado.

Han e a princesa já haviam discutido muitas vezes no passado. Mas a referência ao corredor sul despertou sua curiosidade e olhou para Leia em busca de uma explicação.

— Ela expressou os seus verdadeiros sentimentos por mim —

continuou Han, deliciando-se com o rubor que apareceu nas faces da princesa. — Não me diga que já esqueceu, Alteza?

— Ora, seu desprezível, convencido, insolente, retardado, cara feia... —

balbuciou Leia, dominada por uma fúria incontrolável.

— Quem tem cara feia? — disse Han, sorridente. — Uma coisa posso lhe garantir, minha querida: devo ter acertado bem perto do alvo para que comece a protestar desse jeito. Não é o que também pensa, Luke?

— É, sim... — murmurou Luke, olhando para a princesa com uma expressão de incredulidade. — É de fato o que parece... mais ou menos...

Leia contemplou Luke com uma estranha mistura de emoções transparecendo no rosto corado. Alguma coisa vulnerável, quase infantil, refletiu-se nos olhos dela por um momento. Mas logo a máscara fria voltou a se ajustar a seu rosto.

— É o que lhe parece, hem? — disse ela. — Pois estou convencida de que não entende coisa alguma das mulheres!

Luke concordou silenciosamente. E concordou ainda mais quando, no momento seguinte, Leia inclinou-se e beijou-o firmemente nos lábios.

Depois, ela virou-se abruptamente e saiu do quarto, batendo a porta. Todos que lá estavam, humanos, Wookiee, robôs, entreolharam-se, aturdidos, sem saber o que dizer.

À distância, um sinal de alarma começou a ressoar pelos corredores subterrâneos.

O General Rieekan e seu controlador-chefe estavam conferenciando no centro de comando Rebelde quando Han Solo e Chewbacca entraram. A Princesa Leia e C-3PO, que estavam escutando a conversa do general e seu oficial, viraram-se imediatamente à aproximação deles.

Um sinal de alerta soou no outro lado da câmara, saindo do vasto painel de controle localizado atrás de Rieekan e operado por oficiais Rebeldes.

— General — chamou um dos controladores. Imediatamente atento, com uma expressão sombria, o General Rieekan observou as telas monitoras. E subitamente avistou um sinal que lá não estava um momento antes.

— Temos um visitante, Princesa — informou ele. Leia, Han, Chewbacca e C-3PO ficaram postados em silêncio em torno do general, observando as telas monitoras.

— Captamos alguma coisa do lado de fora da base, na Zona Doze — disse Rieekan. — Está se deslocando para leste.

— O que quer que seja, é de metal — comentou o controlador dos sensores.

Os olhos de Leia arregalaram-se de espanto.

— Então não pode ser uma criatura igual àquela que atacou Luke?

— Não poderia ser algo nosso? — indagou Han. — Um dos nossos próprios veículos?

O controlador sacudiu a cabeça.

— Não, porque não está emitindo qualquer sinal.

E foi nesse momento que surgiu um som em outro monitor.

— Esperem! Há um sinal muito fraco...

Avançando tão rapidamente quanto as juntas emperradas lhe permitiam, C-3PO aproximou-se do painel. Os sensores auditivos concentraram-se nos estranhos sinais.

— Devo dizer, senhor, que sou fluente em mais de 60 milhões de formas de comunicação, mas esta é algo novo para mim. Deve estar em código ou então...

Foi nesse instante que a voz de um soldado Rebelde saiu pelo alto-falante do painel:

— Aqui é Estação Eco Três-Oito. Objeto não-identificado está em nosso setor. Está prestes a passar pelo topo da colina. Deveremos ter contato

visual dentro de...

Houve uma breve pausa e depois, sem qualquer aviso, a voz ficou impregnada de medo.

— Mas o quê...? Oh, não!

Seguiu-se uma verdadeira explosão de estática pelo rádio e depois a transmissão cessou por completo. Han franziu o rosto e murmurou:

— O que quer que seja, não é amistoso. Temos de descobrir o que é.

Vamos embora, Chewie.

Antes mesmo que Han e Chewbacca deixassem a câmara, o General Rieekan já despachara as Patrulhas Dez e Onze para a Estação Três-Oito.

O gigantesco Destróier Estelar Imperial ocupava uma posição de letal destaque na esquadra do Imperador. A espaçonave alongada era maior e ainda mais ameaçadora que os cinco Destróieres Estelares Imperiais em forma de cunha que o comboiavam. As seis espaçonaves eram as mais temidas e devastadoras máquinas de guerra da galáxia, capazes de reduzir a poeira cósmica, qualquer coisa que ficasse ao alcance de suas armas.

Flanqueando os Destróieres Imperiais havia diversas espaçonaves menores; e voando de um lado para outro dessa grande armada espacial estavam os terríveis caças TIE.

Reinava uma confiança suprema no coração de cada tripulante dessa esquadra da morte Imperial, especialmente entre o pessoal a bordo do monstruoso Destróier Estelar de comando. Mas havia também algo mais em suas almas. Era o medo... o medo de simplesmente ouvirem os passos fortes familiares a ecoarem pela enorme espaçonave. Os tripulantes temiam esses passos e estremeciam sempre que os escutavam a se aproximarem, anunciando a chegada de seu líder, tão temido, mas também tão respeitado. Pairando acima deles, em seu manto preto e capacete preto que lhe ocultava o rosto, Darth Vader, o Lorde Negro de Sith, entrou na sala de comando. Os homens prontamente ficaram em silêncio. No que

parecia ser um momento interminável, não se ouviu qualquer outro som além dos ruídos dos painéis de controle e dos chiados da respiração que saía pela tela de metal do vulto negro.

Enquanto Darth Vader observava a sucessão interminável de estrelas, o Capitão Pielt atravessou rapidamente a sala de comando da espaçonave, levando uma mensagem para o Almirante Ozzel, atarracado, de aparência maligna.

— Creio que encontramos alguma coisa, Almirante — anunciou Pielt, nervosamente, olhando de Ozzel para o Lorde Negro.

— E o que foi, Capitão?

O almirante era um homem extremamente confiante, que se sentia relaxado na presença de seu superior sinistro.

— O relatório que recebemos é apenas um fragmento, enviado por um dróide-sonda do sistema de Hoth. Mas é a melhor pista que já encontramos...

— Temos milhares de dróides-sondas vasculhando a galáxia —

interrompeu-o Ozzel, irritado. — Quero provas e não pistas. Não tenciono continuar a correr de um lado para outro...

Abruptamente, o vulto de preto aproximou-se dos dois e interveio na conversa:

— Descobriram alguma coisa?

A voz estava um tanto distorcida pela máscara de respiração.

O Capitão Pielt olhou respeitosamente para o seu superior, que assomava acima dele como um deus onipotente, todo vestido de preto. E

disse, bem devagar, escolhendo as palavras cautelosamente:



— Sim, senhor. Temos visuais. O sistema é considerado como desprovido de formas humanas...

Mas Vader já não estava mais prestando atenção ao capitão. O rosto mascarado virou-se para uma imagem que aparecia numa das telas: um pequeno esquadrão de veículos de neve dos Rebeldes, voando sobre os campos brancos.

— É isso mesmo! — trovejou Darth Vader, sem mais hesitação.

— Há muitas colônias que não estão registradas, meu lorde —

protestou o Almirante Ozzel. — Podem ser contrabandistas...

— É aqui mesmo! — insistiu o antigo Cavaleiro de Jedi, cerrando o punho preto. — E Skywalker está com eles. Chame as suas espaçonaves de patrulha, Almirante, e vamos seguir para o sistema de Hoth.

Vader olhou para um oficial que usava um uniforme verde e acrescentou:

— General Veers, providencie os seus homens. Assim que Darth Vader falou, os homens prontamente entraram em ação para executar suas ordens.

O Dróide-Sonda Imperial levantou uma antena grande da cabeça semelhante a um percevejo e enviou um sinal de alta frequência. Os sensores do robô haviam reagido a uma forma de vida oculta por trás de uma grande duna de neve, registrando o aparecimento de uma cabeça parda de Wookiee e o som de um rugido. As armas do robô-sonda prontamente miraram o gigante peludo. Mas antes que o robô tivesse a oportunidade de disparar, um facho vermelho de uma arma manual explodiu por trás do Dróide-Sonda Imperial, acertando em seu metal escuro.

Enquanto se abaixava por trás de uma duna de neve grande, Han Solo notou que Chewbacca se escondia. O robô virou-se no ar para enfrentá-lo. O

plano estava funcionando até aquele momento e agora *ele* era o alvo. Han mal se afastara do alcance quando a máquina flutuante disparou, levantando a neve na beira da duna. Han disparou novamente acertando em cheio com o facho de sua arma. Ouviu então um ganido estridente saindo da máquina mortífera e um instante depois o Dróide-Sonda Imperial explodiu num bilhão ou mais de fragmentos flamejantes.

— ... receio que não tenha sobrado muita coisa — disse Han ao comunicador, concluindo o seu relatório para a base subterrânea.

A Princesa Leia e o General Rieekan ainda estavam diante do painel através do qual haviam mantido um contato constante com Han. Leia perguntou:

— E o que era?

— Um dróide de alguma espécie — respondeu Han. — Não acertei com tanta força assim. Devia possuir algum mecanismo de autodestruição.

Leia fez uma pausa, pensando por um momento na informação. E

depois murmurou, com evidente apreensão:

— Um dróide Imperial.

— Se era mesmo, o Império certamente já sabe agora que estamos aqui — comentou Han.

O General Rieekan sacudiu a cabeça lentamente.

— É melhor começarmos a evacuar o planeta.

## IV

SEIS FORMAS sinistras apareceram no espaço negro do sistema de Hoth. Eram como gigantescos demônios de destruição, prontos para desencadear a violência de suas armas imperiais. No interior do maior dos seis Destróieres Estelares Imperiais, Darth Vader estava sentado

sozinho numa pequena sala esférica. Uma única haste de luz brilhava no capacete preto, enquanto ele sentava sozinho em sua câmara de meditação.

Quando o General Veers aproximou-se, a esfera abriu-se lentamente, a metade superior levantando-se como uma mandíbula mecânica de dentes afiados. Para Veers, o vulto escuro sentado no interior do casulo, que lembrava uma boca, mal parecia vivo, embora uma aura intensa de puro mal emanasse dele, provocando um calafrio de medo no oficial.

Incerto quanto à própria coragem, Veers deu um passo em frente.

Tinha uma mensagem a transmitir, mas estava preparado a esperar por horas, se fosse necessário, a fim de não perturbar a meditação de Vader.

Mas Vader falou imediatamente:

— O que é, Veers?

— A esquadra já saiu da velocidade da luz, meu lorde — respondeu Veers, escolhendo cuidadosamente as palavras. — Os sensores detectaram um campo de energia protegendo uma área do sexto planeta, no sistema de Hoth. O campo é forte o suficiente para desviar qualquer bombardeio.

Vader levantou-se, exibindo toda a sua altura de dois metros, seu manto negro roçando o chão.

— O que significa que a escória Rebelde está alertada para a nossa presença. — Furioso, ele cerrou as mãos metidas em luvas pretas. — O

Almirante Ozzel saiu da velocidade da luz perto demais do sistema.

— Ele achou que o elemento surpresa era...

— Ele é tão desajeitado quanto é estúpido — interrompeu-o Vader, a respiração ruidosa. — É impossível efetuar um bombardeio através do campo de energia deles. Prepare as suas tropas para um ataque de superfície.

Com precisão militar, o General Veers virou-se e deixou a sala de meditação, deixando para trás um enfurecido Darth Vader. Sozinho na câmara, Darth Vader ativou uma tela grande, onde surgiu uma imagem intensamente iluminada da vasta ponte de comando do seu Destróier Estelar.

O Almirante Ozzel, reagindo à convocação de Vader, adiantou-se imediatamente, seu rosto quase ocupando inteiramente a tela monitora do Lorde Negro. Havia alguma apreensão na voz de Ozzel quando ele anunciou:

— Lorde Vader, a esquadra saiu da velocidade da luz...

Mas Vader dirigiu-se ao oficial parado ligeiramente atrás de Ozzel:

— Capitão Piett.

Sabendo que era melhor não se demorar, o Capitão Piett adiantou-se imediatamente, enquanto o almirante cambaleava um passo para trás, levando a mão automaticamente à garganta.

— Pois não, meu lorde — disse Piett, respeitosamente.

Ozzel começou agora a sufocar, como se garras invisíveis lhe apertassem a garganta.

— Prepare-se para desembarcar tropas de assalto além do campo de energia — ordenou Vader. — E depois disponha a sua esquadra de maneira que nada possa sair daquele planeta. Está agora no comando, Almirante Piett.

Piett ficou ao mesmo tempo exultante e inquieto com a notícia. Ao virar-se para cumprir as ordens, deparou com um vulto que poderia um dia ser o seu próprio. O rosto de Ozzel estava horivelmente contorcido, enquanto ele se esforçava para uma última respiração, antes de desabar no

chão, uma massa inerte, morta.

O Império entrara no sistema de Hoth.

Os soldados Rebeldes corriam para os seus postos de combate, enquanto os alarmas ecoavam pelos túneis gelados. As equipes de terra e dróides de todos os tamanhos e feitios seguiam apressadamente para os seus postos previamente determinados, reagindo eficientemente à iminente ameaça Imperial.

Os veículos de neve blindados foram devidamente abastecidos, aguardando em formação de ataque para explodir a entrada da caverna principal. Enquanto isso, no hangar, a Princesa Leia estava falando a um pequeno grupo de pilotos de caça Rebeldes:

— As maiores espaçonaves de transporte partirão assim que estiverem carregadas. Haverá somente dois caças de escolta para cada espaçonave. O escudo de energia só pode ser aberto por uma fração de segundo e por isso terão de ficar bem perto dos transportes.

Hobbie, um veterano Rebelde de muitas batalhas, olhou para a princesa com uma expressão preocupada:

— Dois caças contra um Destróier Estelar?

— O canhão de íon vai disparar diversas rajadas que destruirão quaisquer espaçonaves no curso de vôo de vocês — explicou Leia. —

Depois de passarem pelo escudo de energia, devem seguir para o ponto de encontro. Boa sorte.

Um pouco tranquilizados, Hobbie e os outros pilotos correram para os seus caças.

Enquanto isso, Han estava trabalhando freneticamente para concluir a solda de um ascensor do *Millenium Falcon*. Terminando rapidamente, ele pulou para o chão do hangar, ligando o comunicador.

— Tudo bem, Chewie — disse ele ao vulto cabeludo sentado aos controles do *Falcon*. — Vamos fazer um teste.

Leia passou por ele naquele momento, lançando-lhe um olhar furioso.

Han contemplou-a com uma expressão irônica, enquanto os ascensores do cargueiro começavam a se elevar do solo. Um momento depois, o ascensor direito começou a tremer violentamente, depois desprendeu-se parcialmente e baixou, estrepitosamente.

Han desviou-se de Leia, vislumbrando a expressão zombeteira dela, com uma sobrancelha alteada.

— Pode parar, Chewie — resmungou Han pelo pequeno transmissor.

O *Avenger*, um dos Destróieres Estelares em forma de cunha da armada Imperial, pairava como um anjo da morte mecânico no mar de estrelas além do sistema de Hoth. A medida que a colossal espaçonave começou a se aproximar do mundo gelado, o planeta foi se tornando claramente visível pelas vigias que se estendiam por 100 metros ou mais da vasta ponte de comando.

O Capitão Needa, comandante da tripulação do *Avenger*, olhou pela vigia principal, observando o planeta. Um controlador aproximou-se dele para informar:

— Senhor, uma espaçonave Rebelde está vindo para o nosso setor.

— Ótimo — respondeu Needa, com um brilho intenso nos olhos —  
nossa primeira presa do dia.

— O primeiro alvo deles serão os geradores de energia — disse o General Rieekan à Princesa Leia.

— Primeiro transporte da Zona Três aproximando-se do escudo —

informou um dos controladores Rebeldes, observando uma imagem brilhante que só podia ser um Destróier Estelar Imperial.

— Preparar para abrir o escudo — ordenou um operador de radar.

— Fique de sobreaviso para entrar em ação, Controle de Ion — disse outro controlador.

Um gigantesco globo de metal girou na superfície gelada de Hoth, entrando em posição e levantando a imensa torre do canhão.

— Fogo! — ordenou o General Rieekan.

Subitamente, dois raios vermelhos de energia destrutiva foram projetados para os céus frios. Os feixes vermelhos alcançaram quase que'

imediatamente a primeira das espaçonaves de transporte Rebeldes e aceleraram a velocidade na direção do enorme Destróier Estelar.

Os raios vermelhos atingiram a enorme espaçonave, explodindo sua torre de comando. Houve uma sucessão de explosões em cadeia, balançando a gigantesca fortaleza voadora, que pôs-se a girar vertiginosamente, descontrolada. O Destróier Estelar mergulhou no espaço profundo, enquanto o transporte Rebelde e os dois caças de escolta escapavam para uma área segura.

Luke Skywalker, preparando-se para partir, ajeitou o equipamento de tempo e observou os pilotos, artilheiros e unidades R2 apressando-se para concluir suas tarefas. Encaminhou-se finalmente para a fileira de carros-de-neve que o aguardava. No caminho, o jovem comandante parou na traseira do *Millenium Falcon*, onde Han Solo e Chewbacca estavam trabalhando freneticamente no ascensor direito.

— Cuide de si, Chewie — gritou Luke. — E tome conta desse camarada, está certo?

O Wookiee soltou um urro de despedida, deu um abraço em Luke e voltou a se concentrar no trabalho. Os dois amigos, Luke e Han, ficaram imóveis por um instante, fitando-se, talvez pela última vez.

— Espero que consiga fazer as pazes com Jabba — disse Luke finalmente.

— Mostre para eles o quanto vale, garoto — respondeu o coreliano jovialmente.

O jovem comandante começou a afastar-se, enquanto acorriam à sua mente recordações das aventuras que partilhara com Han. Parou e virou-se para olhar novamente para o *Falcon* e constatou que o amigo ainda o observava. E assim ficaram, por um breve momento. Chewbacca tirou os olhos do trabalho e observou-os, compreendendo que estavam desejando o melhor um ao outro, quaisquer que fossem os destinos individuais, O sistema de alto-falantes interrompeu os pensamentos deles:

— O primeiro transporte já conseguiu passar — anunciou um locutor Rebelde, obviamente exultante com a boa notícia.

Todos os que estavam no hangar prorromperam em aclamações. Luke virou-se e correu para o seu carro-de-neve. Ao chegar, encontrou Dack, seu jovem artilheiro, parado no lado de fora do veículo, à sua espera.

— Como está se sentindo, senhor? — indagou Dack, efusivamente.

— Como novo, Dack. E você? Dack estava radiante.

— Neste momento, sinto que poderia enfrentar sozinho o Império inteiro.

— Creio que entendo como está se sentindo — murmurou Luke.

Embora a diferença entre os dois fosse de apenas uns poucos anos, naquele momento Luke sentia-se séculos mais velho.

A voz da Princesa Leia saiu pelo sistema de alto-falantes:

— Atenção, pilotos dos veículos de neve... ao sinal de retirada, concentrem-se na Encosta Sul. Seus caças estão sendo preparados para a decolagem. O Código Um Cinco será transmitido quando a evacuação estiver concluída.

C-3PO e R2-D2 estavam no meio do pessoal que se deslocava rapidamente, enquanto os pilotos se aprontavam para a partida. O dróide dourado inclinou-se ligeiramente, virando os sensores para o pequeno

robô R2-D2. As sombras que incidiam sobre o rosto de C-3PO davam a ilusão de que o rosto metálico se alongava num franzido de preocupação.



— Por que será que tudo desmorona quando parece que as coisas estão acertadas? — Inclinando-se ainda mais, C-3PO afagou gentilmente o metal do outro dróide. — Tome conta de Mestre Luke. E tome também todo cuidado para que nada lhe aconteça.

R2-D2 assoviou e apitou em despedida, depois virou-se para rolar pelo corredor gelado. Acenando rigidamente, C-3PO ficou observando o amigo robusto e fiel afastar-se.

Para um observador, podia parecer que C-3PO estava com os olhos embaciados. Mas não era a primeira vez que uma gota de óleo caía diante de seus sensores óticos.

Virando-se finalmente, o robô de formato humano seguiu na direção oposta.

## V

NINGUÉM EM Hoth ouviu o som. A princípio, estava simplesmente distante demais para se sobrepor aos ventos uivantes. Além disso, os soldados Rebeldes, lutando contra o frio enquanto se preparavam para a batalha, estavam ocupados demais para prestarem atenção.

Nas trincheiras de neve, os oficiais Rebeldes gritavam as ordens para se fazerem ouvir acima das rajadas de vento. Os soldados apressavam-se em cumprir as ordens, correndo pela neve com armas, que se assemelhavam a bazucas, nos ombros, instalando os lançadores de raios mortíferos nas beiras geladas das trincheiras.

Os geradores de energia dos Rebeldes, perto das torres de canhão, começaram a estalar, zumbir e crepitar, em verdadeiras explosões de energia elétrica, suficiente para abastecer todo o vasto complexo subterrâneo. Contudo, acima de toda essa atividade e ruído, um som estranho podia ser ouvido, um baque sinistro, cada vez mais perto, começando a fazer tremer o solo gelado. Quando estava perto o bastante para atrair a atenção de um oficial, ele esforçou-se em ver alguma coisa através da tempestade, procurando pela fonte do som forte e ritmado.

Outros homens levantaram os olhos do que faziam e avistaram o que pareciam ser partículas em movimento. Através da nevasca, os pequenos pontos davam a impressão de estarem avançando num ritmo lento, mas inexorável, levantando nuvens de neve ao se encaminharem para a base Rebelde.

O oficial levantou o eletrobinóculo e focalizou os objetos que se aproximavam. Devia haver uma dúzia, avançando resolutamente através da neve, parecendo criaturas saindo de um passado esquecido. Mas eram máquinas, cada uma caminhando como enormes ungulados, sobre quatro pernas dotadas de articulações.

*Blindados andarilhos!*

Com um choque de reconhecimento, o oficial identificou os

Transportes Blindados Para Qualquer Superfície do Império. Cada máquina estava formidavelmente armada, com canhões instalados na parte dianteira, como chifres de algum monstro pré-histórico. Deslocando-se como paquidermes mecanizados, os andarilhos emitiam um fogo mortífero das torres giratórias e canhões.

O oficial pegou o comunicador e gritou:

— Líder Rogue... Eles estão chegando! Ponto Zero Três!

— Posto Eco Cinco-Sete, já estamos a caminho!

Mesmo enquanto Luke falava, uma explosão espalhou gelo e neve em torno do oficial e de seus homens dominados pelo terror. Os blindados já estavam perto o bastante para dispararem suas armas. Os soldados Rebeldes sabiam que sua missão era desviar a atenção enquanto as espaçonaves de transporte eram lançadas, mas nenhum deles estava disposto a morrer sob as patas de metal ou o fogo daquelas máquinas que semeavam o terror.

Chamas alaranjadas e amareladas explodiam dos canhões dos blindados Imperiais. Nervosamente, os soldados Rebeldes apontaram suas armas

para as máquinas inimigas. Cada soldado sentia dedos gelados e invisíveis a lhe penetrarem no corpo.

Dos 12 carros-de-neve, quatro partiram na vanguarda, avançando a toda velocidade na direção do inimigo. Um dos blindados Imperiais disparou suas armas, errando por pouco um dos veículos Rebeldes que vinha no flanco esquerdo. Outro veículo Rebelde foi atingido, transformando-se numa bola de fogo que iluminou o céu.

Luke viu a explosão, a primeira baixa de seu esquadrão, olhando pela janela da cabine. Furioso, Luke disparou os canhões de seu veículo, apenas para receber em resposta uma violenta salva de fogo do inimigo. O seu veículo tremeu na barragem de fogo antiaéreo.

Recuperando o controle do veículo, Luke avistou um companheiro a seu lado. Enxamearam como insetos em torno dos blindados Imperiais, sempre

avançando

inexoravelmente.

Outros

veículos

Rebeldes

continuavam a trocar fogo com as máquinas Imperiais. Líder Rogue e

Rogue Três passaram ao lado do blindado na vanguarda, depois se afastaram um do outro, ambos virando para a direita.

Luke viu o horizonte inclinar-se enquanto manobrava seu veículo entre as pernas do blindado Imperial. Um momento depois, saía de baixo da máquina monstruosa. Voltando a nivelar o veículo em vôo horizontal, o jovem comandante entrou em contato com o veículo que lhe fazia companhia:

— Líder Rogue para Rogue Três.

— Recebendo, Líder Rogue — respondeu Wedge, o piloto de Rogue Três.

— Divida o seu esquadrão em duplas, Wedge.

Luke virou o seu veículo e fez a volta, enquanto Wedge se afastava na direção oposta.

As máquinas de ataque Imperiais, disparando todos os canhões, continuavam em sua marcha pela neve. Dentro de uma delas, dois pilotos Imperiais localizaram os canhões Rebeldes, destacando-se no campo branco. Os pilotos começaram a manobrar o blindado na direção dos canhões, quando perceberam um veículo Rebelde solitário efetuando um ataque temerário contra a vigia principal, disparando os canhões. Uma imensa explosão ressoou além do painel impenetrável e logo dissipou-se, enquanto o veículo Rebelde desaparecia por cima, através da fumaça.

Enquanto se elevava e afastava-se do blindado Imperial, Luke olhou para trás. E pensou: as blindagens são fortes demais para os nossos canhões. Deve haver algum outro meio de derrotar essas máquinas monstruosas, além do poder de fogo. Por um momento, Luke empenhou-se em imaginar alguma tática simples que um rapaz dos campos poderia usar contra uma besta selvagem. Depois, virando o seu veículo para outra investida contra a máquina monstruosa, ele tomou uma decisão. E falou pelo comunicador:

— Grupo Rogue, vamos usar os arpões e cabos de reboque. Procurem enganchar as pernas. É a nossa única esperança de detê-los. Ainda está comigo, Hobbie?

A voz tranquilizadora respondeu imediatamente:

— Estou sim, senhor.

— Pois fique bem perto.

Enquanto nivelava o veículo, Luke estava determinado a voar em formação compacta com Hobbie. Mudaram de direção juntos,

aproximando-se da superfície de Hoth.

Na cabine de Luke, seu artilheiro, Dack, perdeu o equilíbrio com o movimento brusco do veículo. Fazendo um esforço para manter-se em posição no canhão de arção Rebelde, ele gritou:

— Ei, Luke, não estou conseguindo me segurar direito!

Explosões sacudiram o veículo de Luke, violentamente, em meio à barragem antiaérea. Através do painel de observação, ele podia ver outra máquina blindada Imperial que parecia não ter sido afetada pelo fogo dos veículos Rebeldes. A máquina imensa tornou-se agora o alvo de Luke, enquanto voava deslocando-se num arco descendente. A máquina monstruosa estava disparando diretamente contra o seu veículo, criando uma muralha de *laser* e fogo antiaéreo.

— Aguarde mais um pouco, Dack! — gritou Luke mais alto que as explosões. — E fique pronto para disparar o cabo de reboque!

Outra explosão terrível sacudiu o veículo de Luke. Ele esforçou-se para recuperar o controle, enquanto o veículo vibrava terrivelmente. Luke começou a suar profusamente, apesar do frio, enquanto tentava desesperadamente endireitar o veículo que mergulhava. Mas o horizonte continuava a girar à sua frente.

— Fique alerta, Dack! Estamos quase chegando! Está tudo bem com você?

Dack não respondeu. Luke conseguiu fazer a volta e verificou que o veículo de Hobbie mantinha o curso ao lado dele, enquanto se esquivavam às explosões ao redor. Ele virou a cabeça e viu Dack, o sangue escorrendo da testa, caído sobre os controles.

— Dack!

No solo, as torres de canhão perto dos geradores de energia Rebeldes dispararam contra as máquinas Imperiais, mas sem qualquer efeito aparente. As armas Imperiais bombardearam a área em torno das torres de canhão, lançando a neve para o céu, quase ofuscando os alvos humanos

com o ataque incessante. O oficial que primeiro avistara as máquinas infernais e lutara ao lado de seus homens foi logo atingido por um dos raios mortíferos disparados pelos Imperiais. Os soldados correram em seu socorro, mas nada puderam fazer para salvá-lo; ele já perdera sangue demais, formando uma mancha vermelha na neve.

Mais fogo Rebelde foi disparado de um dos canhões em forma de disco que haviam sido instalados perto dos geradores. Apesar das tremendas explosões, as máquinas Imperiais continuaram a avançar. Outro veículo Rebelde efetuou um mergulho heróico entre dois blindados inimigos, sendo atingido pelo fogo de uma das máquinas e explodindo numa grande bola de fogo.

As explosões na superfície faziam as paredes do hangar de gelo tremerem, fendas imensas se abrindo.

Han Solo e Chewbacca estavam trabalhando apressadamente para concluir o trabalho de solda. Enquanto trabalhavam, compreenderam que as fendas a se alargarem fariam em breve com que todo o teto de gelo desabasse em cima deles.

— Na primeira oportunidade que tivermos — murmurou Han —

vamos fazer uma revisão total nesta banheira velha.

Mas ele sabia que antes teria de tirar o *Millenium Falcon* daquele inferno branco.

Han e Chewbacca continuaram a trabalhar na espaçonave, enquanto imensos fragmentos de gelo desprendiam-se com as explosões e caíam ruidosamente, por toda a base subterrânea. A Princesa Leia avançava rapidamente, procurando evitar os fragmentos que caíam, a caminho de um abrigo no centro de comando Rebelde.

Assim que ela entrou na câmara, o General Rieekan disse-lhe:

— Não tenho certeza se poderemos proteger dois transportes ao mesmo tempo.

— Sei que é arriscado, mas nossa resistência já começa a fraquejar.

Leia chegara à conclusão de que o lançamento dos transportes estava demorando demais e que era indispensável acelerar o processo. Rieekan deu uma ordem pelo comunicador:

— Patrulha de lançamento, prossiga com as partidas aceleradas...

Enquanto o general dava a ordem, Leia virou-se para um assistente e disse:

— Pode começar a remover o pessoal de terra restante.

Mas ela sabia que a fuga dos Rebeldes dependia inteiramente do sucesso na batalha que se travava lá em cima.

No interior da cabine fria e apertada da máquina blindada Imperial na vanguarda, o General Veers avançou entre os seus homens com trajes para a neve.

— Qual é a distância até os geradores?

Sem desviar os olhos do painel de controle, um dos homens respondeu:

— Seis-quatro-um.

Satisfeito, o General Veers inclinou-se para um eletrotelescópio e espiou pelo visor, observando os geradores em formato de balas e os soldados Rebeldes que lutavam para salvá-los. Subitamente, a máquina começou a sacudir-se violentamente, sob uma barragem de fogo Rebelde.

Enquanto era lançado para trás, Veers viu que os seus pilotos lutavam desesperadamente com os controles, a fim de impedir que a máquina tombasse.

O veículo Rebelde Rogue Três acabara de atacar a máquina Imperial que vinha na frente. Seu piloto, Wedge, soltou o grito de vitória Rebelde, ao constatar os danos que causara.

Outros veículos Rebeldes passaram por Wedge, voando na direção oposta. Ele manobrou seu veículo num curso direto ao encontro de outra máquina Imperial. Ao se aproximar do monstro, Wedge gritou para o seu artilheiro:

— Dispare o arpão!

O artilheiro disparou o canhão, enquanto seu piloto habilmente manobrava o veículo entre as pernas da máquina Imperial. O arpão saiu zunindo da traseira do veículo Rebelde, puxando um cabo comprido.

— Cabo disparado! — gritou o artilheiro. — Vamos em frente!

Wedge observou o arpão mergulhar numa das pernas de metal, o cabo ainda ligado a seu veículo. Ele verificou os controles, depois manobrou o veículo para a frente da máquina Imperial. Efetuando uma volta brusca, Wedge contornou uma das pernas traseiras, o cabo envolvendo-a como um laço metálico.

Até agora, pensou Wedge, o plano de Luke estava funcionando. Tudo o que precisava fazer agora era contornar a traseira da máquina Imperial.

Wedge avistou de relance o Líder Rogue, enquanto executava a manobra.

— Cabo fora! — gritou o artilheiro.

Wedge novamente voou ao longo da máquina Imperial emaranhada no cabo, perto do casco de metal. Seu artilheiro apertou outro botão e desprendeu o cabo da traseira do veículo Rebelde.

Wedge afastou-se imediatamente, enquanto observava os resultados de seus esforços. A máquina Imperial estava se esforçando desajeitadamente em continuar a avançar, mas o cabo Rebelde lhe

emaranhara completamente as pernas. Finalmente inclinou-se para o lado e desabou no solo, o impacto levantando uma nuvem de gelo e neve.

— Líder Rogue... Um já caiu, Luke — anunciou Wedge para o piloto do veículo Rebelde que lhe fazia companhia.



— Já vi, Wedge — respondeu o Comandante Skywalker. — Bom trabalho.

Nas trincheiras, os soldados Rebeldes prorromperam em gritos de triunfo quando a máquina de ataque Imperial tombou. Um oficial pulou para fora da trincheira de neve e chamou seus homens. Avançaram numa carga impetuosa contra a máquina caída, alcançando o imenso casco metálico antes que um único soldado Imperial tivesse tempo de sair.

Os Rebeldes já iam entrar na máquina Imperial quando esta subitamente explodiu internamente, arremessando fragmentos retorcidos de metal em todas as direções. O impacto da explosão lançou os aturdidos soldados Rebeldes para trás, derrubando-os na neve.

Luke e Zev observaram a destruição da máquina Imperial ao sobrevoarem-na, virando da esquerda para a direita, a fim de evitarem a barragem antiaérea. Quando finalmente nivelaram, os veículos foram sacudidos por explosões dos canhões de outra máquina Imperial.

— Firme o curso, Rogue Dois — disse Luke, olhando para o veículo Rebelde que voava paralelo ao seu. — Prepare para o lançamento do arpão.

Vou lhe dar cobertura.

Mas houve outra explosão, danificando a parte anterior do veículo de Zev. O piloto mal podia divisar qualquer coisa através da nuvem de fumaça à sua frente. Lutou para manter o veículo em posição horizontal, mas outros disparos do inimigo sacudiram-no violentamente.

O campo de visão de Zev ficou tão obscurecido que ele só viu a imagem, imensa de outra máquina Imperial quando estava diretamente na linha de fogo. O piloto de Rogue Dois sentiu um instante de angústia; depois, desprendendo fumaça e avançando num curso de colisão, o veículo subitamente explodiu em chamas, atingido por um disparo inimigo. Restou bem pouca coisa de Zev ou seu veículo para cair no solo.

Luke observou a desintegração e ficou desesperado com a perda de mais um amigo. Mas ele não podia se entregar à sua mágoa, especialmente

agora que tantas outras vidas dependiam de sua liderança firme.

Olhou ao redor, desesperadamente, depois falou pelo comunicador:

— Wedge... Wedge... Rogue Três. Prepare outro ar-pão e siga-me na próxima investida.

Enquanto Luke falava, seu veículo foi atingido por uma terrível explosão. Ele lutou furiosamente com os controles, numa tentativa inútil de manter o pequeno veículo nivelado. Um calafrio de medo percorreu-lhe o corpo ao notar o denso funil de fumaça negra que se desprendia da traseira do veículo. Compreendeu não haver a menor possibilidade de manter o veículo, avariado, em vôo por mais tempo. E para tornar a situação ainda mais grave, uma máquina Imperial surgiu diretamente em seu caminho.

Luke empenhou-se em acionar os controles, enquanto seu veículo mergulhava para o solo, deixando para trás uma trilha de fumaça e chamas.

A esta altura, o calor na cabine já era quase insuportável. O fogo avançava pelo interior do veículo, aproximando-se perigosamente de Luke. Ele conseguiu finalmente baixar o aparelho e deslizar pela neve, indo parar a poucos metros de uma das máquinas Imperiais, chocando-se contra um monte de neve.

Depois do impacto, Luke esforçou-se em sair da cabine, olhando com horror para a máquina Imperial que se aproximava.

Recorrendo a toda a sua força, Luke conseguiu sair espremendo-se por baixo do metal retorcido do painel de controle, erguendo-se para o alto da cabine. Conseguiu abrir a escotilha e saiu do veículo. A cada passo da máquina Imperial o veículo sacudia violentamente. Luke ainda não havia compreendido como eram enormes aqueles horrores de quatro pernas até que viu um de perto, desprotegido e fora do abrigo de seu veículo.

Lembrou-se então de Dack e voltou para tentar tirar o corpo sem vida do amigo do veículo destruído. Mas Luke teve de desistir. O corpo estava preso na cabine e a máquina Imperial estava quase em cima dele.

Enfrentando as chamas, Luke inclinou-se pelo interior do veículo e pegou o pequeno canhão que disparava o arpão.

Olhou para o monstro mecânico que avançava inexoravelmente e teve uma idéia. Voltou a se inclinar para o interior da cabine e pegou uma mina de terra, puxando-a com grande esforço.

Saltou do veículo no instante mesmo em que a gigantesca máquina levantava a pata maciça e baixava-a firmemente sobre o aparelho Rebelde, esmagando-o.

Luke agachou-se sob a máquina Imperial, acompanhando-a, a fim de evitar os passos lentos. Erguendo a cabeça, sentiu o vento frio bater contra seu rosto, enquanto examinava a parte inferior do monstro mecânico.

Ainda correndo, Luke disparou o arpão. Um ímã potente, preso a um cabo fino, foi grudar firmemente na barriga de metal.

Luke deu um puxão no cabo, para certificar-se de que aguentaria seu peso. Depois, prendeu o guincho do cabo em seu cinto de utilidades, deixando que o mecanismo o levantasse. Um instante depois, pendurado sob a barriga do monstro, Luke pôde ver as restantes máquinas Imperiais e dois veículos Rebeldes continuando a batalha, em meio a terríveis explosões.

Ele subiu até o casco da máquina monstruosa, onde percebera uma pequena escotilha. Abriu-a rapidamente com a espada de *laser* e jogou a mina no interior da máquina Imperial, descendo em seguida pelo cabo.

Chegando à extremidade do cabo, Luke largou-o e caiu na neve, perdendo os sentidos. O corpo inerte quase foi esmagado por uma das patas traseiras do monstro mecânico.

A máquina Imperial continuou a avançar, afastando-se dele. Um momento depois, uma explosão abafada ressoou em seu interior.

Subitamente, a tremenda massa do monstro mecânico explodiu nas soldas, fragmentos do casco e de equipamentos voando em todas as direções. A máquina de ataque Imperial, parando abruptamente, desabou numa pilha

fumegante, indo repousar sobre o que ainda restava das quatro pernas compridas e relativamente finas.

## VI

O CENTRO de comando Rebelde — as paredes e o teto ainda tremendo e rachando sob o impacto da batalha na superfície — estava tentando operar em meio à destruição. Canos rompidos pelas explosões esguichavam jatos de vapor escaldante. O chão branco estava repleto de fragmentos de máquinas e havia pedaços de gelo espalhados por toda parte. Exceto pelos rumores distantes do fogo de *laser*, o centro de comando estava sinistramente quieto.

Ainda tinha pessoal Rebelde de serviço ali, inclusive a Princesa Leia, que observava as imagens nas poucas telas monitoras que continuavam a funcionar. Ela queria certificar-se de que a última das espaçonaves de transporte passara pela armada Imperial e estava a caminho do ponto de encontro marcado no espaço.

Han Solo correu para o centro de comando, desviando-se dos grandes fragmentos que caíam do teto de gelo. Um fragmento enorme desabou perto da entrada da câmara, seguido por uma avalanche de gelo. Impávido, Han correu para o painel de controle, diante do qual Leia estava parada, ao lado de C-3PO.

— Disseram-me que o centro de comando tinha sido atingido. — Han estava visivelmente preocupado. — Você está bem?

A princesa assentiu. Ela estava surpresa por vê-lo ali, onde o perigo era maior.

— Vamos embora — instou Han, antes que a princesa pudesse dizer qualquer coisa. — Tem de chegar à sua espaçonave.

Leia parecia exausta. Há horas estava observando as telas monitoras, tendo participado do despacho de todo o pessoal Rebelde para os seus postos. Pegando-lhe a mão, Han levou-a para fora da câmara, seguidos pelo robô dourado.

Ao saírem, Leia deu uma ordem final ao controlador:

— Pode transmitir o sinal em código de evacuação... e corra para o seu transporte.

E enquanto Leia, Han e C-3PO deixavam apressadamente o centro de comando, uma voz soou pelo sistema de alto-falantes, ecoando pelos desertos corredores gelados:

— Suspendam a luta! Suspendam a luta! Iniciar a ação de retirada!

Puxando a princesa pela mão, Han insistiu:

— Vamos depressa! Se não chegar lá rapidamente, sua espaçonave não poderá decolar!

As paredes tremiam ainda mais violentamente que antes. Fragmentos de gelo continuavam a cair por toda a base subterrânea, enquanto os três seguiam apressadamente para as espaçonaves de transporte. Estavam quase chegando ao hangar em que o transporte de Leia esperava, pronto para a partida. Mas ao passarem pela última curva no corredor, descobriram que a entrada para o hangar estava totalmente bloqueada por gelo e neve.

Han sabia que teriam de encontrar algum outro caminho para a espaçonave de fuga de Leia... e o mais depressa possível. Começou a levá-la de volta pelo corredor, tomando cuidado em evitar os pedaços de gelo que caíam.

Ligou o comunicador, enquanto corriam, e gritou pelo pequeno microfone:

— Transporte C Um Sete! Estamos indo! Esperem mais um pouco!

Estavam perto o bastante do hangar para ouvirem o aparelho de fuga de Leia preparando-se para a decolagem da base de gelo Rebelde. Se conseguissem avançar em segurança por mais alguns metros, a princesa estaria a salvo e...

A câmara de repente tremeu violentamente, com um terrível barulho,

que ressoou pela base subterrânea. Um instante depois todo o teto diante deles desabou, criando uma sólida e intransponível barreira de gelo entre o lugar em que estavam e o hangar. Ficaram imóveis por um momento, olhando atônitos para a densa massa branca.

— Não podemos passar! — gritou Han pelo comunicador, sabendo que não haveria tempo para derreter ou explodir uma passagem pela barreira, se o transporte quisesse escapar. — Terão de decolar sem a Princesa Organa.

Ele virou-se para Leia e acrescentou:

— Se tivermos sorte, ainda conseguiremos alcançar o\* *Falcon*.

A princesa e C-3PO seguiram Han por outra câmara, torcendo para que o *Millenium Falcon* e o co-piloto Wookiee não estivessem enterrados sob uma avalanche de gelo.

Correndo os olhos pelo campo de batalha branco, o oficial Rebelde observou os carros-de-neve que ainda restavam cortando o ar e a última máquina de guerra Imperial, passando pelos destroços da que explodira pouco antes. Ligou o seu comunicador e ouviu a ordem de retirada:

— Suspendam a luta! Suspendam a luta! Iniciar a ação de retirada!

Ao fazer sinal a seus homens para que recuassem, retornando ao interior da caverna de gelo, ele notou que a máquina Imperial da vanguarda continuava a avançar na direção dos geradores.

Na cabine da máquina monstruosa, o General Veers foi para o lado de bombordo. Dessa posição, podia ver claramente o alvo lá embaixo.

Examinou os geradores que faziam um barulho incessante, observando também os soldados Rebeldes que os defendiam.

— Ponto-três-ponto-três-ponto-cinco... entrando em nosso alcance, senhor — comunicou o piloto.

O general virou-se para o oficial que comandava as tropas de assalto:

— Todos os homens devem desembarcar para a ofensiva final. O

objetivo é o gerador principal.

A máquina Imperial da vanguarda, flanqueada por duas outras, continuou a avançar inexoravelmente, os canhões disparando para dispersar as tropas Rebeldes em retirada.

O fogo *laser* cada vez mais intenso dos atacantes arremessava pelo ar corpos e pedaços de corpos Rebeldes. Muitos dos soldados que conseguiram escapar aos raios mortíferos foram esmagados em massas irreconhecíveis sob as patas gigantes das máquinas metálicas. O ar estava impregnado com o cheiro de sangue e carne queimada, vibrava com os ruídos explosivos da batalha.

Enquanto fugiam, os poucos soldados Rebeldes sobreviventes vislumbraram um carro-de-neve solitário afastar-se para longe, deixando uma esteira de fumaça preta que escapava da fuselagem em chamas.

Embora a fumaça que saía de seu veículo avariado lhe obstruísse a visão, Hobbie ainda podia ver alguma coisa da carnificina lá embaixo. Os ferimentos causados pelo *laser* de uma máquina Imperial tornavam uma tortura qualquer movimento; muito pior, entretanto, era tentar se mover para operar os controles de seu veículo. Mas se desse um jeito de manejá-

los apenas pelo tempo suficiente para retornar à base, poderia encontrar um robô-médico e...

Não, ele duvidava que pudesse sobreviver por tanto tempo. Estava morrendo, algo de que tinha certeza agora. E os homens nas trincheiras em breve estariam mortos também, a menos que se fizesse alguma coisa para salvá-los.

O General Veers, orgulhosamente transmitindo seu relatório para o quartel-general Imperial, ignorava totalmente a aproximação de Rogue Quatro:

— Isso mesmo, Lorde Vader. Alcancei os geradores principais. O

escudo estará destruído dentro de mais um momento. Pode começar o desembarque.

Ao encerrar a transmissão, o General Veers virou-se para o eletrovisor e focalizou os geradores principais. Observou as linhas eletrônicas se alinharem, de acordo com as informações dos computadores. E depois, subitamente, os registros nas pequenas telas monitoras desapareceram misteriosamente.

Aturdido, o General Veers desviou-se do eletrovisor e virou-se instintivamente para uma janela da cabine. E se encolheu aterrorizado ao ver um projétil desprendendo fumaça a avançar em curso direto para a cabine de sua máquina Imperial.

Os outros homens também viram o veículo Rebelde avariado e compreenderam que não havia tempo para desviar a gigantesca máquina bélica.

— Ele vai... — começou a balbuciar um dos homens.

Um instante depois, o veículo em chamas de Hobbie chocou-se contra a cabine da máquina Imperial, como uma bomba tripulada, o combustível ateando-se numa cascata de chamas e destroços. Por um segundo, soaram gritos humanos, depois a monstruosa máquina desabou estrepitosamente.

Talvez tivesse sido o som da explosão próxima que fez Luke Skywalker recuperar os sentidos. Atordoadado, ele levantou a cabeça da neve, lentamente. Sentia-se muito fraco, o corpo entorpecido e doendo do frio.

Ocorreu-lhe que o enregelamento talvez já tivesse afetado os tecidos.

Esperava que não, pois não tinha a menor vontade de passar mais tempo no fluido baeta viscoso.

Tentou se levantar, mas caiu de costas na neve, esperando não ser avistado por qualquer dos tripulantes das máquinas Imperiais. O

comunicador zumbiu e ele, sem saber como, ainda encontrou forças para



ligá-lo. Uma voz anunciou:

— Retirada completa das unidades na vanguarda.

*Retirada?* Luke pensou por um momento. Então Leia e os outros já deviam ter escapado! Luke sentiu subitamente que toda a luta terrível e as mortes de leais soldados Rebeldes não tinham sido em vão. Um calor súbito espalhou-se por seu corpo e conseguiu encontrar forças para levantar e iniciar a penosa jornada para uma distante formação de gelo.

Outra explosão sacudiu o hangar Rebelde, rachando o teto e quase soterrando o *Millenium Falcon* sob um monte de gelo. A qualquer momento, o teto inteiro podia desabar. O único lugar seguro no hangar parecia ser por baixo da própria espaçonave, onde Chewbacca esperava impacientemente pela volta de seu comandante. O Wookiee começara a ficar preocupado. Se Han não voltasse muito em breve, o *Falcon* certamente ficaria sepultado num túmulo de gelo. Mas a lealdade ao companheiro mantinha Chewie ali, impedindo-o de partir sozinho no cargueiro.

Quando o hangar começou a tremer mais violentamente, Chewbacca percebeu um movimento na câmara adjacente. Jogando a cabeça para trás, o gigante peludo povoou o hangar com seu mais forte rugido, ao ver Han Solo subir pelas montanhas de gelo e neve entrar no hangar, seguido de perto pela Princesa Leia e por C-3PO, obviamente nervoso.

Não muito longe do hangar, soldados Imperiais, os rostos protegidos por capacetes brancos e visores da mesma cor, começavam a avançar pelos corredores desertos. O líder vinha com eles, o vulto negro que inspecionava os destroços em que se transformara a base Rebelde em Hoth. A imagem negra de Darth Vader sobressaía intensamente contra as paredes, teto e chão brancos. Enquanto avançava por aquelas catacumbas brancas, ele ia se desviando agilmente dos fragmentos de gelo que caíam. E suas passadas

eram tão rápidas que os soldados tinham de se apressar para conseguirem acompanhá-lo.

Um gemido baixo, aumentando cada vez mais, começou a sair do cargueiro em forma de disco. Han Solo estava nos controles da cabine do *Millenium Falcon*, sentindo-se finalmente em casa. Levantou rapidamente, uma após outra, as alavancas, esperando ver o painel se acender com o mosaico familiar de luzes. Mas somente algumas das luzes estavam funcionando.

Chewbacca também percebeu que alguma coisa estava errada e soltou um grunhido de preocupação, enquanto Leia examinava uma válvula que parecia estar com defeito.

— Como está a situação, Chewie? — perguntou Han, ansiosamente.

O grunhido do Wookiee era obviamente negativo.

— Ajudaria se eu saísse para empurrar? — indagou bruscamente a Princesa Leia, que estava começando a imaginar se não era o cuspe do coreliano que mantinha a espaçonave junta.

— Não se preocupe, Alteza. Darei um jeito de sair daqui.

C-3PO remexeu-se ruidosamente no porão e, gesticulando, tentou atrair a atenção de Han.

— Senhor, eu estava pensando se não poderia... — Seus sensores registraram a expressão carrancuda do rosto que o fitava e ele concluiu debilmente: — Pode esperar.

Os soldados Imperiais, que acompanhavam Darth Vader a avançar rapidamente, percorriam os corredores gelados da base Rebelde.

Aceleraram os passos ao se aproximarem do zunido baixo emitido pelos motores de íon. O corpo de Vader ficou tenso ao entrar no hangar e divisar os contornos familiares em forma de disco do *Millenium Falcon*.

No interior do cargueiro avariado, Han Solo e Chewbacca tentavam desesperadamente ativar a espaçonave.

— Este balde de parafusos nunca vai conseguir nos levar além do bloqueio  
— murmurou a Princesa Leia.

Han fingiu não ter ouvido. Em vez disso, verificou os controles do *Falcon* e esforçou-se em manter a paciência, apesar da princesa obviamente já ter perdido a dela. Apertou diversos botões no painel de controle, ignorando a expressão desdenhosa da princesa. Era evidente que ela duvidava que aquele ajuntamento de peças sobressalentes e pedaços de metal soldados poderiam se manter juntos, mesmo que conseguissem passar pelo bloqueio.

Han apertou um botão no sistema de intercomunicação.

— Chewie, vamos embora!

Depois, piscando para Leia, ele acrescentou:

— Esta boneca ainda tem algumas surpresas de reserva.

— Pois eu ficarei surpresa se conseguirmos sair daqui.

Antes que Han pudesse dar uma resposta, o *Falcon* foi atingido por um *laser* Imperial, que acertou perto da janela da cabine. Puderam ver o pelotão de soldados Imperiais correndo na outra extremidade do hangar de gelo, empunhando armas. Han sabia que a fuselagem toda amassada do *Falcon* poderia resistir ao impacto daquelas armas manuais, mas seria destruída pela arma mais potente, em forma de bazuca, que dois soldados Imperiais estavam apressadamente montando.

— Chewie! — gritou Han, enquanto afivelava o cinto de segurança na cadeira do piloto.

A Princesa Leia, aturdida e amedrontada, acomodou-se na cadeira do navegador.

A alguma distância do *Millenium Falcon*, os soldados Imperiais trabalhavam com eficiência militar na montagem de sua potente arma. Por

trás deles, as portas do hangar começaram a se abrir. Um dos poderosos canhões de *laser* do *Falcon* apareceu na fuselagem e virou, apontando diretamente para os soldados Imperiais.

Han entrou em ação prontamente, para frustrar os esforços dos soldados Imperiais. Sem qualquer hesitação, disparou uma carga mortífera da poderosa arma de *laser*, mirando os soldados. A explosão espalhou corpos blindados por todo o hangar.

Chewbacca entrou correndo na cabine.

— Vamos ter de dar partida, Chewie, e torcer para que tudo dê certo

— anunciou Han.

O Wookiee ajeitou o corpo imenso e peludo na cadeira do co-piloto, no instante em que outra descarga de *laser* dos Imperiais explodia na janela ao seu lado. Ele soltou um grito de indignação e depois deu um puxão nos controles, arrancando das entranhas do *Falcon* o rugido tão agradável dos motores.

O coreliano sorriu para a princesa, com um brilho de júbilo nos olhos, como se afirmasse: eu não disse? E Leia comentou, com visível irritação:

— Algum dia você vai estar enganado e só espero estar presente para ver.

Han limitou-se a sorrir, enquanto se virava para o seu co-piloto e gritava:

— Vamos embora!

Os motores do imenso cargueiro rugiram. E tudo o que estava por trás da espaçonave imediatamente se derreteu, sob a descarga de um calor intenso. Chewbacca acionou furiosamente os controles, observando pelo canto dos olhos as paredes de gelo passarem vertiginosamente, enquanto o cargueiro avançava.

No último momento, uma fração de segundo antes da decolagem, Han vislumbrou um grupo adicional de soldados Imperiais a entrar correndo no hangar. Atrás deles vinha um gigante sinistro, todo vestido de preto.

Depois, houve apenas uma imagem borrada e logo bilhões de estrelas surgiram.

Enquanto o *Millenium Falcon* deixava o hangar, o vôo foi avistado pelo Comandante Luke Skywalker, que olhou e sorriu para Wedge e o artilheiro dele, comentando:

— Pelo menos Han conseguiu escapar.

Os três seguiram apressadamente para os caças à espera. Quando finalmente os alcançaram, apertaram-se as mãos, antes de seguirem para os seus veículos separados.

— Boa sorte, Luke — disse Wedge, ao se separarem. — Voltaremos a nos ver no ponto de encontro.

Luke acenou e encaminhou-se para o seu caça. E ali, em meio a montanhas de gelo e neve, foi dominado por uma terrível solidão. Sentia-se desesperadamente sozinho, agora que até Han partira. Pior do que isso, a Princesa Leia estava também em algum outro lugar, talvez até a todo um universo de distância...

E nesse instante, parecendo sair do nada, um assovio familiar saudou Luke.

— R2-D2! É mesmo você?

Devidamente instalado no espaço construído para aquelas úteis unidades R2, estava o pequeno dróide em forma de barreira, a cabeça esticada do alto da espaçonave. R2-D2 registrara a aproximação de alguém e assoviara de alívio quando seus computadores informaram que se tratava de Luke. O jovem comandante ficou igualmente aliviado ao encontrar novamente o robô que o acompanhara em muitas de suas aventuras anteriores.

Ao entrar na cabine e sentar-se aos controles, Luke pôde ouvir o ruído

do caça de Wedge elevando-se pelo céu, a caminho do ponto de encontro Rebelde.

— Ative o caça e pare de se preocupar — disse Luke, em resposta aos bips nervosos de R2-D2. — Logo estaremos no ar.

O seu, era o último veículo Rebelde a abandonar o que fora, por um breve período, um posto avançado secreto da revolução contra a tirania do Império.

Darth Vader, um espectro negro, avançou rapidamente pelas ruínas da fortaleza de gelo Rebelde, forçando os homens que o acompanhavam a quase correrem. E enquanto se deslocavam pelos corredores, o Almirante Piett correu para alcançar o seu superior.

— Destruímos 17 espaçonaves — informou ele ao Lorde Negro. — Não sabemos quantas escaparam.

Sem virar a cabeça, Vader rosnou através da máscara:

— E o *Millenium Falcon*?

Piett fez uma breve pausa, antes de responder. Teria preferido evitar *aquela* questão.

— Nosso sistema de rastreação está agora focalizado nele —

respondeu Piett, um tanto intimidado.

Vader virou-se para fitar o oficial, o vulto imenso pairando muito acima do amedrontado oficial. Piett sentiu um calafrio percorrendo-lhe o corpo. E quando o Lorde Negro falou, a voz transmitia uma imagem do destino tenebroso inevitável se as suas ordens não fossem cumpridas:

— Quero aquela espaçonave!

O planeta gelado estava rapidamente se reduzindo a um ponto minúsculo de luz, enquanto o *Millenium Falcon* avançava velozmente pelo espaço. Não demorou muito para que o planeta se tornasse apenas um dos bilhões de pontos de luz espalhados pelo vazio escuro.

Mas o *Falcon* não estava sozinho em sua fuga pelo espaço profundo.

Estava sendo seguido por uma frota Imperial, que incluía o Destróier Estelar *Avenger* e meia dúzia de caças TIE. Os caças seguiam à frente do imenso Destróier, mais lento, reduzindo a distância que os separava do *Millenium Falcon* em fuga.

Chewbacca uivou acima do rugido dos motores do *Falcon*. A espaçonave estava começando a ser sacudida pelo fogo constante dos caças.

— Já sei! Já sei! — gritou Han. — Também os estou vendo!

Ele estava utilizando os últimos recursos para manter o controle do cargueiro.

— Está vendo o quê? — indagou Leia.

Han apontou pela janela para dois objetos de um brilho intenso.

— Ali estão mais dois Destróieres Estelares e avançam diretamente para nós.

— Fico contente que tenha dito que não haveria problema —

comentou Leia, com um sarcasmo evidente. — Caso contrário, eu ficaria preocupada.

O cargueiro continuava a ser sacudido pelo fogo incessante dos caças TIE, tornando difícil para C-3PO manter o equilíbrio, ao voltar para a cabine. A pele de metal esbarrava ruidosamente contra as paredes ao se aproximar de Han e dizer, hesitante:

— Senhor, eu estava pensando...

Han Solo lançou-lhe um olhar ameaçador e gritou:

— Ou você cala a boca ou fica trancado lá embaixo.

Evidentemente, o robô preferiu a primeira alternativa. Ainda manejando freneticamente os controles para manter o *Millenium Falcon* no curso, o piloto virou-se para o Wookiee:

— Chewie, o escudo protetor está aguentando direito?

O co-piloto ajustou um controle por cima de sua cabeça e grunhiu uma resposta que Han interpretou como positiva.

— ótimo — disse Han. — Na subgluz eles podem ser mais rápidos, mas mesmo assim ainda somos capazes de nos livrarmos.

Foi nesse instante que o coreliano desviou os olhos do curso do *Falcon*.

Os dois Destróieres Estelares Imperiais já estavam à distância de fogo do *Falcon*; os caças TIE e o *Avenger*, que vinham em sua perseguição, também estavam perigosamente perto. Han concluiu que não tinha opção senão levar o *Falcon* num mergulho de 90 graus.

Leia e Chewbacca sentiram os estômagos subirem à garganta, enquanto o *Falcon* executava o brusco mergulho. O pobre C-3PO teve de alterar bruscamente os mecanismos internos, se quisesse permanecer sobre os pés metálicos.

Han compreendeu que os outros podiam pensar que ele era alguma espécie de lunático, manobrando o cargueiro naquele curso absurdo. Mas tinha imaginado uma estratégia. Agora que o *Falcon* não estava mais entre eles, os dois Destróieres Estelares avançavam num curso direto de colisão com o *Avenger*. Tudo o que precisava fazer era se recostar e assistir ao desastre.

Sinais de alarme ressoaram pelo interior dos três Destróieres Estelares. Aquelas espaçonaves gigantescas e lentas não podiam reagir prontamente a tais emergências. Vagarosamente, um dos Destróieres começou a deslocar-se para a esquerda, num esforço para evitar a colisão com o *Avenger*. Ao desviar-se, porém, bateu de leve no outro Destróier, provocando um abalo violento nas duas fortalezas espaciais. Os Destróieres

avariados começaram a vagar à deriva pelo espaço, enquanto o *Avenger* continuava em perseguição do *Millenium Falcon* e de seu piloto, obviamente insano.



*Dois fora de combate*, pensou Han. Mas ainda havia um quarteto de caças TIE atrás do *Falcon*, disparando uma barragem constante de *laser*.

Mas Han estava convencido de poder se livrar deles. O cargueiro era sacudido violentamente pelas explosões de *laser*, obrigando Leia a se segurar com as duas mãos, num esforço desesperado para não ser derrubada do assento.

— Isso reduziu o ímpeto deles! — gritou Han, exultante. — Chewie, fique preparado para entrar na velocidade da luz.

Não havia um momento a perder, pois o ataque de *laser* era cada vez mais intenso e os caças TIE estavam quase em cima deles.

— Eles estão bem perto — advertiu Leia, conseguindo finalmente falar.

Han fitou-a com um brilho malicioso nos olhos.

— É mesmo? Pois observe o que vai acontecer agora!

Han empurrou para frente a alavanca de hiperespaço, num esforço desesperado para escapar, mas também ansioso em impressionar a princesa com a sua esperteza e os poderes fantásticos de seu cargueiro.

Mas nada aconteceu. As estrelas que deveriam se transformar em meros borrões de luz continuavam imóveis. Não podia haver a menor dúvida de que havia algo terrivelmente errado.

— Observar o quê? — indagou Leia, impaciente-mente.

Ao invés de responder, Han acionou pela segunda vez os controles da velocidade da luz. Nada aconteceu.

— Acho que estamos numa situação terrível — murmurou ele.

Sentiu a garganta se contrair. "Situação terrível" era uma avaliação amena.

— Se me permite falar, senhor — disse C-3PO — notei que o sistema principal de luzes do painel de controle parecia avariado.

Chewbacca jogou a cabeça para trás e deixou escapar um gemido angustiado.

— Estamos numa situação terrível! — repetiu Han.

Ao redor deles, o ataque de *laser* aumentara violentamente. O

*Millenium Falcon* só podia continuar em sua velocidade sublumínica, enquanto se deslocava pelo espaço profundo, seguido de perto por um enxame de caças TIE e pelo gigantesco Destroier Estelar Imperial.

## VII

OS JOGOS duplos de asas do caça de X-wing de Luke Skywalker se uniram para formar uma única asa, enquanto a pequena e veloz espaçonave deixava o planeta de neve e gelo.

Durante o vôo, o jovem comandante teve tempo de refletir sobre os acontecimentos dos últimos dias. Podia tentar analisar as palavras enigmáticas do espectro de Ben Kenobi e pensar em sua amizade com Han Solo, além de seu difícil relacionamento com Leia Organa. E ao pensar nas pessoas de que mais gostava, chegou a uma súbita decisão. Olhando para trás, a fim de contemplar pela última vez o pequeno planeta gelado, disse a si mesmo que não havia mais qualquer possibilidade de um retorno.

Luke acionou diversos controles no painel e fez uma curva abrupta com o X-wing. Observou o céu mudar, enquanto tomava uma nova direção, voando em velocidade máxima. Estava fixando o aparelho num curso reto quando R2-D2, ainda acomodado em seu nicho especialmente projetado, começou a assoviar e bipar.

O computador miniaturizado instalado no caça para traduzir a linguagem do dróide exibiu a mensagem de R2-D2 num visor do painel de controle.

— Não há nada errado, R2-D2 — respondeu Luke, depois de ler a tradução. — Estou apenas fixando um novo curso.

O pequeno dróide bipou muito excitado e Luke virou-se para ler a mensagem na tela, antes de responder:

— Não, R2-D2, não vamos nos encontrar com os outros.

A notícia surpreendeu R2-D2, que prontamente emitiu uma série de ruídos frenéticos.

— Estamos seguindo para o sistema de Dagobah — respondeu Luke.

O robô bipou novamente, calculando a quantidade de combustível que o X-wing levava.

— Dispomos de combustível suficiente.

R2-D2 emitiu uma sucessão mais prolongada e cadenciada de apitos e assovios.

— Eles não vão precisar de nós — disse Luke, em resposta à indagação do dróide sobre o planejado encontro dos Rebeldes.

Gentilmente, R2-D2 bipou um lembrete sobre a ordem da Princesa Leia. Exasperado, o jovem piloto exclamou:

— Pois estou revogando essa ordem! E agora trate de ficar quieto!

O pequeno dróide ficou em silêncio. Afinal, Luke era um comandante na Aliança Rebelde e nessa qualidade podia revogar ordens. Ele estava fazendo alguns ajustamentos nos controles quando R2-D2 voltou a se manifestar.

— Está bem, R2-D2 — disse Luke, suspirando. Desta vez, o robô emitiu uma sucessão de ruídos

suaves, escolhendo cuidadosamente cada bip e assovio. Não queria irritar Luke, mas as descobertas de seu computador eram bastante importantes para serem comunicadas.

— Está certo, R2-D2. Sei que o sistema de Dagobah não consta de qualquer das nossas cartas de navegação. Mas não se preocupe. Vamos encontrá-lo.

A unidade R2 soltou outro bip preocupado.

— Tenho certeza absoluta — disse o jovem comandante, tentando tranquilizar o seu companheiro mecânico. — Confie em mim.

Quer confiasse ou não no ser humano que comandava o X-wing, R2-D2

limitou-se a emitir um suave suspiro. Por um momento, ele ficou inteiramente calado, como se estivesse pensando. E depois pôs-se a bipar novamente.

— O que é, R2-D2?

O novo comunicado do robô foi formulado com mais cuidado ainda que o anterior; podia-se até dizer que havia muito tato nas frases apresentadas em forma de bips e assovios. Parecia que R2-D2 estava preocupado em não ofender o humano a cujos cuidados se entregara. Mas não era possível, calculou o robô, que o cérebro do humano estivesse com algum defeito? Afinal, ele ficara caído por muito tempo na superfície de neve de Hoth, exposto ao frio intenso. Havia também a possibilidade, computada por R2-D2, de que a Criatura do Gelo Wampa tivesse afetado o humano muito mais gravemente do que Dois-Umbê diagnosticara.

— Não, não sinto qualquer dor de cabeça — respondeu Luke. — Estou me sentindo muito bem. Por quê?

O chilreio de R2-D2 era perfeitamente inocente.

— Não, não sinto qualquer vertigem, nenhuma tontura. Até mesmo as cicatrizes desapareceram.

O assovio seguinte tinha uma estridência inquisitiva.

— Não, R2-D2, está tudo bem. Prefiro manter o controle manual por mais algum tempo.

O robusto robô emitiu uma lamúria final, que soou a Luke como uma admissão de derrota. Luke estava achando graça da preocupação do dróide com a sua saúde.

— Confie em mim, R2-D2 — disse ele, com um sorriso gentil. — Sei para onde estou indo e lá chegaremos em segurança. Não fica muito longe.

Han Solo estava agora desesperado. O *Falcon* ainda não conseguira se desvencilhar dos quatro caças TIE nem do enorme Destróier Estelar que o perseguiram.

Desceu para o porão do cargueiro e começou a trabalhar freneticamente, num esforço para consertar a unidade de hiperespaço

defeituosa. Era praticamente impossível realizar os delicados trabalhos de reparos necessários enquanto o *Falcon* era sacudido violentamente a cada explosão das cargas disparadas pelos caças inimigos.

Han pôs-se a gritar ordens para o seu co-piloto, que verificava os mecanismos à medida que ele mandava:

— Regulador horizontal.

O Wookiee soltou um grunhido. Parecia-lhe que esse sistema estava perfeito.

— Amortecedor aluvial.

Outro grunhido. Isto também estava direito.

— Chewie, dê-me as hidrochaves.

Chewbacca desceu rapidamente para o porão com as ferramentas. Han pegou-as, parou por um instante, olhando para o seu fiel amigo Wookiee.

— Não sei se vamos conseguir sair desta, Chewie.

Foi nesse instante que algo atingiu o *Falcon* no lado, fazendo-o balançar e alterando bruscamente o curso.

Chewbacca grunhiu ansiosamente.

Han cambaleou com o impacto, as hidrochaves escapando de suas mãos. Assim que conseguiu recuperar o equilíbrio, gritou para Chewbacca, mais alto que o barulho:

— Isso não foi uma explosão de *laser*! Alguma outra coisa nos atingiu!

— Han! Han! — gritou a Princesa Leia da cabine, freneticamente. —

Suba até aqui!

Rapidamente, Han saiu do porão e voltou à cabine, acompanhado por Chewbacca. E ficaram aturdidos com o que viram através das janelas.

— Asteróides!

Enormes fragmentos de rocha voavam pelo espaço, até onde a vista podia alcançar. Como se as espaçonaves Imperiais em perseguição já não fossem problema suficiente!

Han voltou imediatamente ao assento do piloto, assumindo outra vez os controles do *Falcon*. O co-piloto também voltou a ocupar seu próprio assento, no instante em que um asteróide particularmente grande passava velozmente pela proa do cargueiro.

Han compreendeu que precisava manter uma calma total, caso contrário não sobreviveriam por mais que uns poucos momentos. E

ordenou:

— Chewie, fixe um curso dois-sete-um.

Leia ficou aturdida. Sabia o que a ordem de Han significava e sentiu-se apavorada com o plano temerário. E indagou, torcendo para ter interpretado erradamente a ordem:

— Não está pensando em entrar no campo de asteróides, não é mesmo?

— Não se preocupe que eles não se atreverão a nos seguir por aqui! —

gritou Han, exultante.

— Se me permite lembrar, senhor — disse C-3PO, tentando exercer uma influência racional — a probabilidade de navegar com sucesso por um campo de asteróides é de aproximadamente 2467 para uma.

Ninguém pareceu ouvi-lo.

A Princesa Leia franziu a testa.

— Não precisa fazer isso para me impressionar — disse ela, enquanto o *Falcon* era violentamente atingido por outro asteróide.

Han estava se divertindo intensamente e achou melhor ignorar as insinuações de Leia.

— Agente firme, querida — disse ele, com uma risada, segurando firmemente os controles. — Vamos fazer um *vôo* e tanto!

Leia estremeceu e, resignada, encolheu-se no assento. C-3PO, ainda murmurando cálculos, calou a voz humana sintética quando o Wookiee virou-se e soltou um grunhido.

Mas Han concentrou-se apenas em executar seu plano. Sabia que daria certo. Tinha que dar, pois não havia alternativa. Voando mais por instinto do que por instrumentos, ele foi pilotando a espaçonave através da incessante chuva de pedras. Olhando rapidamente para as telas monitoras, constatou que os caças TIE e o *Avenger* ainda não haviam abandonado a perseguição. Seria um funeral Imperial, pensou Han, enquanto manobrava o *Falcon* através da barreira de asteróides.

Ele olhou para uma tela e sorriu, pois mostrava uma colisão entre um asteróide e um caça TIE. A explosão registrou-se na tela com um clarão ofuscante. Não houve nenhum sobrevivente, pensou Han.

Os pilotos dos caças TIE que perseguiam o *Falcon* estavam entre os melhores do Império. Mas não podiam competir com Han Solo. Ou não eram bons o suficiente ou não eram loucos o bastante. Somente um lunático mergulharia com sua espaçonave numa jornada suicida por entre aqueles asteróides. Mas loucos ou não, aqueles pilotos sabiam que não tinham alternativa a não ser prosseguirem na perseguição. Não tinham a menor dúvida de que era melhor morrer sob o bombardeio dos asteróides do que se apresentarem ao Lorde Negro com a notícia de um fracasso.

O maior de todos os Destróieres Estelares Imperiais deixou majestosamente a órbita de Hoth. Estava flanqueado por dois outros Destróieres Estelares, o grupo sendo acompanhado por uma esquadra protetora de diversas espaçonaves menores. No Destróier central, o Almirante Piett estava parado do lado de fora da câmara de meditação particular de Darth Vader. A mandíbula superior da câmara abriu-se lentamente, até que Piett pôde vislumbrar o vulto negro de seu superior, parado nas sombras.

— Meu lorde — murmurou Piett, com profunda reverência.

— Entre, Almirante.

O Almirante Piett sentia-se intimidado ao entrar na câmara mal iluminada e aproximar-se do Lorde Negro de Sith. Darth Vader estava delineado pela débil claridade e Piett pôde divisar, não muito bem, os contornos de um conjunto de apêndices mecânicos, a puxarem um tubo respiratório da cabeça do Lorde Negro. Piett estremeceu ao compreender que talvez fosse a primeira pessoa a ver o Lorde Negro sem máscara.

A visão era horripilante. Vader, de costas viradas para Piett, permanecia inteiramente vestido de preto; mas por cima do pescoço negro, a cabeça nua rebrilhava. O almirante bem que tentou desviar os olhos, mas uma fascinação mórbida forçava-o a olhar para aquela cabeça desprovida de cabelos, parecendo um crânio descarnado. Estava coberta por um labirinto de tecido cicatrizado, que se retorcia pela pele cadavérica de Vader. Ocorreu a Piett que poderia haver um preço alto por contemplar o que ninguém mais vira. Nesse exato momento, as mãos de robô pegaram o capacete negro e baixaram-no gentilmente sobre a cabeça do Lorde Negro.



Com o capacete no lugar, Darth Vader virou-se para ouvir o relatório de seu almirante.

— Nossas espaçonaves empenhadas na perseguição já avistaram o *Millenium Falcon*, meu lorde. Ele entrou num campo de asteróides.

— Os asteróides não me interessam, Almirante — respondeu Vader, enquanto cerrava o punho lentamente — Quero aquela espaçonave e não desculpas. Quanto tempo ainda vai demorar até que consiga pegar Skywalker e os outros que estão no *Millenium Falcon*?

— Em breve, Lorde Vader — respondeu o almirante, tremendo de medo.

— Que seja assim, Almirante... — disse Darth Vader, lentamente — ... muito em breve.

Dois gigantescos asteróides avançaram na direção do *Millenium Falcon*. Seu piloto fez uma manobra arriscada, desviando-se dos dois asteróides para quase colidir com um terceiro.

Enquanto o *Falcon* avançava pelo campo de asteróides, três caças TIE

seguiram-no de perto, desviando-se também dos blocos de rocha que voavam pelo espaço. Subitamente, um dos três caças foi fatalmente atingido de raspão por um bloco informe de rocha, desviando-se em outra direção, irremediavelmente descontrolado. Os outros dois caças TIE

continuaram na perseguição, acompanhados pelo Destróier Estelar *Avenger*, que estava explodindo os asteróides em seu caminho.

Han Solo vislumbrou as espaçonaves em perseguição através das janelas da cabine, ao manobrar o cargueiro para passar por baixo de outro asteróide, levando-o depois de volta à posição anterior. Mas o *Millenium Falcon* ainda não estava fora de perigo. Os asteróides continuavam a passar perigosamente em torno do cargueiro. Um pequeno bloco de rocha ricocheteou na fuselagem, com um violento estrépito, aterrorizando

Chewbacca e fazendo com que C-3PO cobrisse os sensores visuais com a mão metálica.

Han olhou rapidamente para Leia e viu-a sentada com uma expressão impassível, enquanto contemplava os enxames de asteróides. Ele teve a impressão de que a princesa gostaria de estar a milhares de quilômetros dali.

— Não falou que queria estar presente quando eu estivesse errado? — comentou Han.

Leia não olhou para ele.

— Retiro o que falei.

— O Destróier Estelar está reduzindo a velocidade — anunciou Han, verificando os registros de computador.

— Ótimo — respondeu ela, bruscamente.

O campo de visão além da cabine ainda estava repleto de asteróides em disparada.

— Vamos acabar sendo pulverizados se continuarmos neste campo de asteróides por muito mais tempo — murmurou Han.

— Sou contra isso — disse Leia, secamente.

— Temos de dar um jeito de sair deste chuveiro de rochas.

— Acho bom. Isso faz sentido.

— Vou chegar mais perto de um dos maiores — acrescentou Han.

Isso *não* fazia sentido.

— Mais perto! — exclamou C-3PO, erguendo os braços de metal num gesto desesperado.

Seu cérebro artificial mal podia registrar o que os sensores auditivos haviam acabado de captar.

— Mais perto! — repetiu Leia, incrédula. Chewbacca virou a cabeça a fim de olhar para o seu piloto, com uma expressão de incredulidade, soltando um grunhido.

Nenhum dos três podia compreender por que o comandante, que arriscara a vida para salvá-los, tentaria agora matá-los! Efetuando uns poucos ajustamentos nos controles, Han desviou o *Millenium Falcon* de alguns asteróides grandes, seguindo depois diretamente para outro que tinha o tamanho de uma lua.

Uma chuva faiscante de rochas menores explodiu contra a superfície irregular do enorme asteróide, enquanto o *Millenium Falcon* passava diretamente por cima, com os caças TIE do Império ainda em sua perseguição. Era como sobrevoar a superfície de um pequeno planeta, árido e completamente desprovido de vida.

Com uma precisão impecável, Han Solo guiou o seu cargueiro na direção de outro asteróide gigantesco, o maior que já haviam encontrado.

Recorrendo a toda a sua habilidade, que lhe valera uma grande reputação em toda a galáxia, ele manobrou o *Falcon* de forma a que o único objeto entre o cargueiro e os caças TIE fosse a mortífera rocha flutuante.

Houve apenas um clarão breve e intenso e depois mais nada. Os destroços remanescentes dos dois caças TIE afastaram-se pela escuridão e o imenso asteróide, sem qualquer desvio em seu curso, continuou a seguir o seu caminho.

Han experimentou uma exultação interior tão intensa quanto o clarão que acabara de iluminar o espaço. Sorriu para si mesmo, com uma sensação de triunfo.

Um momento depois, notou outra imagem na tela principal do painel de controle e cutucou seu peludo co-piloto.

— Ali. — Han apontou para a imagem. — Chewie, verifique aquilo.

Parece que serve.

— O que é aquilo? — indagou Leia.

O piloto do *Falcon* ignorou a pergunta e acrescentou, ao observar os registros:

— Vai servir perfeitamente.

Ao se aproximarem da superfície do asteróide, Han esquadrinhou o terreno irregular e escarpado, percebendo uma área ensombreada, que parecia uma cratera de proporções gigantescas. Baixou o *Falcon* ao nível da superfície e sobrevoou a cratera, as paredes curvas erguendo-se rapidamente em torno da espaçonave.

Dois caças TIE continuavam a perseguir o *Falcon*, disparando seus canhões de *laser* e tentando repetir todas as suas manobras.

Han Solo sabia que precisava ser ainda mais hábil e temerário para se livrar dos caças que vinham em sua perseguição e poderiam destruir o *Falcon* a qualquer momento. Avistando um abismo estreito através do painel de observação, ele virou o *Millenium Falcon* de lado, voando ao longo do paredão rochoso.

Inesperadamente, os dois caças TIE seguiram-no, um deles arrancando faíscas ao roçar pelo paredão rochoso com a fuselagem de metal.

Manobrando habilmente, Han passou pelo estreito desfiladeiro. Lá atrás, o céu escuro iluminou-se de repente, quando os dois caças TIE se chocaram, explodindo um momento depois ao caírem no solo rochoso.

Han reduziu a velocidade. Ainda não estava inteiramente a salvo dos caçadores Imperiais. Esquadrinhando o desfiladeiro, ele avistou algo escuro, a entrada de uma caverna, no próprio fundo da cratera, grande o bastante para abrigar o *Millenium Falcon*. . ou pelo menos ele assim

esperava. Se não fosse, Han e seus companheiros em breve saberiam, sem possibilidade de arrependimento.

Reduzindo ainda mais a velocidade do cargueiro, Han seguiu para a entrada da caverna e atravessou um túnel largo, esperando que o lugar proporcionasse o esconderijo ideal. Respirou fundo quando a espaçonave foi inteiramente tragada pela escuridão da caverna.

Um pequeno caça X-wing estava se aproximando da atmosfera do planeta Dagobah.

Ao chegar perto, Luke Skywalker pôde vislumbrar uma parte da superfície curva, através de uma camada de nuvens espessas. O planeta não constava das cartas espaciais e era virtualmente desconhecido. De alguma forma, Luke conseguira chegar até lá, embora não tivesse certeza se fora mesmo somente a sua mão que guiara a espaço-nave por aquele setor inexplorado do espaço.

R2-D2, viajando na parte traseira do X-wing de Luke, esquadrinhou as estrelas que passavam, fazendo depois seus comentários para o companheiro humano, através do tradutor automático do painel de controle.

Luke leu a tradução na tela monitora e depois respondeu ao pequeno robô:

— É isso mesmo, R2-D2. Estamos em Dagobah. Ele olhou pela janela da cabine, enquanto o caça descia para a superfície do planeta, acrescentando:

— Parece um tanto sinistro, não é mesmo? R2-D2 bipou, tentando pela última vez persuadir

Luke a adotar um curso mais sensato.

— Não, R2-D2, não quero mudar de idéia. — Luke verificou os monitores da espaçonave e começou a sentir-se um pouco nervoso. — Não estou encontrando sinais de grandes cidades ou de tecnologia. Mas há registros de formas de vida. Podemos estar certos de que há alguma coisa viva lá embaixo.

R2-D2 também estava apreensivo e isso foi traduzido por uma indagação preocupada.

— Tenho certeza de que é um planeta perfeitamente seguro para dróides, R2-D2. Quer fazer o favor de ficar quieto? — Luke estava começando a ficar irritado. — Vamos descer para descobrir o que pode acontecer.

Ele ouviu uma patética lamúria eletrônica nos fundos da cabine.

— *Eu já disse para não se preocupar!*

O X-wing atravessou o halo de penumbra que separava a escuridão profunda do espaço da superfície do planeta. Luke respirou fundo e depois mergulhou com o aparelho pelo lençol branco de nuvens.

Não podia ver coisa alguma. Sua visão estava inteiramente obstruída pela brancura densa e compacta que se comprimia contra as janelas da espaçonave. A única alternativa era controlar o X-wing exclusivamente pelos instrumentos. Mas os monitores não estavam registrando absolutamente nada, mesmo enquanto Luke se aproximava da superfície do planeta. Desesperadamente, ele acionou os controles, não mais conseguindo determinar nem mesmo a altitude.

Quando um alarme começou a soar estridentemente, R2-D2

acrescentou ao alerta ameaçador a sua própria sucessão de assovios e bips frenéticos.

— Já sei, já sei! — gritou Luke, ainda se esforçando para endireitar os controles da espaçonave. — Todos os monitores estão mortos. Não consigo verificar coisa alguma. Agente firme. Vou acionar o ciclo de pouso. Só nos resta agora torcer para que exista alguma coisa por baixo de nós.

R2-D2 guinchou novamente, mas os sons foram completamente abafados pelo rugido ensurdecido dos retrofoguetes do X-wing. Luke sentiu que o estômago descaía bruscamente, enquanto a espaçonave perdia altitude rapidamente. Ajeitou-se no assento do piloto, firmando-se contra qualquer possível impacto. A espaçonave nivelou, em vôo paralelo à superfície do

planeta. Luke ouviu um som terrível, como se galhos de árvores estivessem sendo arrancados pelo X-wing.

Quando o aparelho finalmente parou, com um guincho impressionante e um tremendo solavanco, Luke quase foi arremessado pela janela da cabine.

Mas pelo menos tinha agora certeza de que existia um solo naquele estranho planeta. Luke relaxou, arriando no assento, com um suspiro de alívio. Depois, puxou uma alavanca que iluminava a cobertura da espaçonave.

Ao levantar a cabeça para dar a primeira olhada na superfície do planeta, Luke Skywalker deixou escapar um grito de espanto, ficando completamente aturdido.

O X-wing estava inteiramente cercado pela neblina, as luzes de pouso bem fortes não conseguindo iluminar mais que uns poucos metros além. Os olhos de Luke foram se ajustando gradativamente à semi-escuridão ao seu redor. Pôde divisar, não muito nitidamente, as raízes e troncos retorcidos de árvores de aparência grotesca. Saiu da cabine, enquanto R2-D2 deixava o cubículo especial em que viajara.

— Fique aqui enquanto dou uma olhada ao redor, R2-D2.

As enormes árvores cinzentas tinham raízes retorcidas e entrelaçadas que se erguiam muito acima de Luke, antes de se unirem para formarem troncos. Ele inclinou a cabeça para trás e pôde avistar os galhos, bem altos, parecendo formar um dossel com as nuvens baixas. Cautelosamente, Luke desceu para a parte inferior da pequena espaçonave e verificou que pousara numa lagoa, envolta pela neblina.

R2-D2 emitiu um bip curto... e depois houve um barulho estrepitoso, seguido pelo silêncio. Luke virou-se, a tempo de ver o dróide cair de cabeça e desaparecer sob a superfície de água coberta pela neblina.

— R2-D2! R2-D2!

Luke ajoelhou-se ao lado da fuselagem do X-wing e inclinou-se para a frente, procurando ansiosamente pelo seu amigo mecânico.

Mas as águas escuras estavam serenas, e não revelavam o menor sinal da pequena unidade R2. Luke não tinha a menor possibilidade de determinar a profundidade daquele pequeno lago escuro e sereno; mas parecia *extremamente* profundo. Luke foi repentinamente dominado pela compreensão de que poderia nunca mais tornar a ver seu amigo dróide. Foi nesse instante que um pequeno periscópio aflorou à superfície e Luke pôde ouvir um débil bip gorgolejante.

"*Que alívio!*" pensou Luke, enquanto observava o periscópio encaminhar-se para terra firme. Ele correu pela beira do caça X-wing; quando a linha da praia estava a menos de três metros de distância, pulou na água e correu para terra firme. Olhou para trás e constatou que R2-D2

ainda estava se aproximando da praia.

— Depressa, R2-D2!

O que quer que subitamente se movia na água, por trás de R2-D2, era rápido demais e estava oculto pela neblina, impedindo que Luke pudesse identificá-lo claramente. Tudo o que podia divisar era uma imensa massa escura. A criatura ergueu-se por um instante e depois mergulhou abaixo da superfície, produzindo um ruído violento ao se chocar com o corpo de metal do pequeno dróide. Luke ouviu o patético grito de socorro eletrônico do pequeno robô. Depois, nada...

Luke ficou parado onde estava, dominado pelo terror, olhando fixamente para as águas escuras, serenas como a própria morte. E um momento depois, umas poucas bolhas indicadoras começaram a aflorar à superfície. O coração de Luke disparou de medo, ao compreender que estava perto demais da água. Mas antes que ele pudesse se mover, o pequeno robô foi expelido pela coisa à espreita logo abaixo da superfície

escura. R2-D2 voou pelo ar e foi cair estrepitosamente sobre um monte macio de musgo cinzento.



— R2-D2! — gritou Luke, correndo para o robô. — Você está bem?

Luke sentia-se profundamente aliviado pelo fato de o monstro do pântano aparentemente ter descoberto que dróides de metal não eram saborosos nem digestíveis.

Debilmente, o robô respondeu com uma sucessão de assovios e bips quase inaudíveis.

— Se está querendo dizer que vir até aqui foi uma péssima idéia, R2-D2, tenho de confessar que estou começando a concordar.

Luke olhou ao redor, contemplando o desolado ambiente. Pelo menos, pensou ele, havia companhia humana no mundo gelado. Ali, à exceção de R2-D2, parecia não haver coisa alguma além do monstro do pântano... e talvez outras criaturas, ainda invisíveis, que podiam estar à espreita na escuridão que se adensava.

O anoitecer chegava bem depressa. Luke estremeceu no nevoeiro que se adensava, envolvendo-o como se fosse algo vivo. Ele ajudou R2-D2 a se levantar, depois limpou o limo do pântano que grudara no corpo cilíndrico do robô. Enquanto trabalhava, Luke ouviu gritos terríveis e inumanos, que partiam da selva distante. Estremeceu novamente, ao pensar nas feras bestiais que podiam estar emitindo aqueles sons.

Ao terminar de limpar R2-D2, Luke observou que o céu se tornara perceptivelmente mais escuro. As sombras se alongavam sinistramente ao seu redor e os gritos distantes já não mais pareciam estar tão longe. Ele e R2-D2 correram os olhos pela selva-pântano assustadora que os cercava, depois chegaram mais perto um do outro. Subitamente, Luke notou um par de olhos pequenos, mas malignos, piscando repetidamente, a observá-los através do mato rasteiro e escuro, para depois desaparecerem ao ruído de patas pequenas correndo furtivamente.

Luke hesitava em duvidar do conselho de Ben Kenobi, mas estava agora começando a se perguntar se o espectro não cometera um erro ao guiá-lo para aquele planeta, com seu misterioso Mestre Jedi.

Ele olhou para o X-wing e soltou um gemido de desânimo ao verificar que toda a parte mais baixa estava inteiramente submersa nas águas escuras.

— Como vamos fazer para alçar vôo com esse aparelho? — Todo o conjunto de circunstâncias parecia desesperador e de certa forma absurdo.

— O que estamos fazendo aqui?

Estava além das faculdades computadorizadas de R2-D2 oferecer uma resposta para qualquer das duas perguntas, mas mesmo assim ele emitiu um pequeno bip tranquilizador.

— É mesmo como se fosse um sonho... — Luke sacudiu a cabeça, sentindo frio e medo. — Ou talvez eu esteja enlouquecendo.

A única coisa de que ele tinha certeza era de que pelo menos não poderia ter se metido em qualquer outra situação mais absurda.

## VIII

DARTH VADER parecia um grande deus silencioso, parado ali, na cabine de comando de seu gigantesco Destróier Estelar.

Olhava pela grande tela retangular por cima do convés para o campo de asteróides, que investiam contra a sua espaçonave enquanto deslizava pelo espaço. Centenas de rochas passavam velozmente pelas janelas, algumas colidindo entre si e explodindo em clarões de terrível intensidade.

Enquanto Vader observava, uma de suas espaçonaves menores desintegrou-se sob o impacto de um enorme asteróide. Aparentemente indiferente, ele se voltou para observar uma série de 20 imagens holográficas. Aqueles 20 hologramas reconstituíam em três dimensões as feições dos 20 comandantes das espaçonaves de combate Imperiais. A imagem do comandante cuja espaçonave acabara de se desintegrar foi se desvanecendo rapidamente, quase tão depressa quanto as partículas do aparelho explodido eram arremessadas para o espaço profundo.

O Almirante Piett e um assistente avançaram discretamente e foram colocar-se por trás do Lorde Negro, enquanto ele olhava para uma imagem no centro dos hologramas, continuamente interrompida pela estática, entrando e saindo de foco, no instante em que o Capitão Needa, do Destróier Estelar *Avenger*, apresentava seu relatório. As primeiras palavras dele já tinham sido abafadas pela estática.

— ... e foi a última vez que eles apareceram em qualquer dos nossos monitores — continuou o Capitão Needa. — Levando-se em consideração o volume dos danos que sofremos, eles também devem ter sido destruídos.

Vader discordava. Conhecia a capacidade do *Millenium Falcon* e estava perfeitamente familiarizado com a perícia do seu arrogante piloto.

— Não, Capitão, eles estão vivos — rosnou Vader, furioso. — E quero que todas as espaçonaves disponíveis vasculhem este campo de asteróides, até encontrá-los.

Assim que Vader acabou de dar a ordem, a imagem do Capitão Needa e dos outros comandantes desvaneceu-se inteiramente. Quando o último holograma sumiu, o Lorde Negro virou-se bruscamente, tendo pressentido a presença dos dois homens às suas costas.

— O que é tão importante que não pode esperar, Almirante? Vamos, fale logo!

O rosto do almirante empalideceu de medo, a voz tremeu quase tanto quanto o corpo:

— Era... o Imperador.

— O Imperador? — repetiu a voz por trás da máscara negra.

— Isso mesmo — balbuciou o almirante. — Ele ordena que entre em contato imediatamente.

— Pois então vamos sair do campo de asteróides para uma posição em que se possa fazer uma transmissão nítida — determinou Vader.

— Está certo, meu lorde.

— E transfira o sinal para meu aposento particular.

O *Millenium Falcon* foi parar, completamente oculto, no interior da pequena caverna, totalmente escura e extremamente úmida. A tripulação do *Falcon* prontamente desligou os motores e um momento depois o cargueiro não mais emitia qualquer som.

Na cabine, Han Solo e seu peludo co-piloto estavam acabando de desligar todos os sistemas eletrônicos da espaçonave. Ao fazerem-no, as luzes internas diminuíram e a cabine ficou quase tão escura quanto a caverna em que se escondiam.

Han olhou para Leia e lançou-lhe um sorriso jovial.

— Dá para a gente se sentir meio romântico num lugar como este.

Chewbacca grunhiu. Havia trabalho a fazer e o Wookiee precisava da atenção total de Han se queriam mesmo consertar a unidade defeituosa de hipervôo.

Irritado, Han voltou a concentrar-se no trabalho, dizendo rispidamente:

— Por que você tem de ser tão rabugento, Chewie?

Antes que o Wookiee pudesse responder, o dróide dourado aproximou-se timidamente de Han e formulou uma pergunta de extrema importância:

— Senhor, tenho quase receio de indagar, mas a suspensão de todos os sistemas de energia, à exceção da emergência, inclui também a mim?

Chewbacca manifestou a sua opinião com um retumbante grunhido de afirmação, mas Han discordou:

— Não. Vamos precisar de você para conversar com o velho *Falcon* e descobrir o que aconteceu com a unidade de hipervôo.

Ele voltou-se para a princesa e acrescentou:

— Sabe manejar a macrochave, Alteza?

Antes que Leia pudesse dar uma resposta apropriada, o *Millenium Falcon* deu um violento solavanco para frente, quando um súbito impacto atingiu a fuselagem. Tudo que não estava devidamente preso voou pela cabine; até mesmo o gigante Wookiee, grunhindo furiosamente, teve de fazer um supremo esforço para não cair do assento.

— Aguentem firme! — berrou Han. — E tomem cuidado!

C-3PO bateu estrepitosamente contra a parede e logo recuperou o equilíbrio

— Senhor, é bem possível que este asteróide não seja estável.

Han fitou-o com uma expressão furiosa.

— Fico contente de poder contar com você para me informar essas coisas.

O cargueiro foi sacudido outra vez, ainda mais violentamente. O

Wookiee tornou a grunhir e Leia foi arremessada de um lado ao outro da cabine, indo cair diretamente nos braços do Capitão Solo, à espera.

Os movimentos bruscos cessaram tão depressa quanto haviam começado. Mas Leia continuou nos braços de Han. Não se desvencilhou imediatamente e Han podia quase jurar que ela estava satisfeita em se encontrar ali. E ele comentou, agradavelmente surpreso:

— Ora, Princesa, mas isso é tão repentino!

No mesmo instante ela tentou se desvencilhar dos braços de Han.

— Vamos, largue-me logo! Estou começando a ficar irritada!

Han percebeu a expressão familiar de arrogância começar a voltar ao rosto dela e mentiu:

— Pois não me parece zangada.

— E como eu pareço?

— Linda — respondeu Han, com toda sinceridade e uma emoção que o surpreendeu.

Leia sentiu-se súbita e inesperadamente tímida. As faces ficaram vermelhas e tratou de desviar os olhos ao compreender que estava ruborizada. Mas ainda não estava tentando realmente se desvencilhar. Por algum motivo, Han não podia deixar que aquele momento de ternura perdurasse. Por isso, acrescentou:

— E excitada.

Leia ficou furiosa. Voltou a ser a princesa irada e a senadora ativa, afastando-se prontamente de Han e declarando, as faces agora vermelhas de raiva:

— Desculpe, Capitão, mas ficar em seus braços não é suficiente para me excitar.

— Pois espero que não queira mais do que isso — resmungou Han, mais furioso consigo mesmo do que com as palavras mordazes de Leia.

— Não quero coisa alguma, a não ser que me deixem em paz! — reagiu Leia, indignada.

— Se fizer o favor de sair do meu caminho, pode estar certa de que a deixarei em paz.

Embaraçada ao se perceber ainda parada muito perto de Han, Leia deu um passo para o lado e fez um tremendo esforço para mudar de assunto:

— Não acha que já está na hora de começarmos a trabalhar em sua espaçonave?

Han franziu o rosto e disse friamente, sem olhar para ela:

— Por mim, está bem.

Leia virou-se bruscamente e saiu da cabine. Por um momento, Han permaneceu imóvel, apenas recuperando o controle. Encabulado, olhou para o Wookiee agora quieto e para o robô, que haviam testemunhado todo o incidente. Han apressou-se em dizer, para acabar com aquele momento constrangedor:

— Vamos embora, Chewie. Vamos dar um jeito nesta banheira velha.

O co-piloto grunhiu concordando e foi atrás de Han. Ao deixarem a cabine, Han virou-se para C-3PO, que continuava parado, parecendo aturdido, e disse-lhe:

— Você também, sua lata dourada!

Enquanto deixava a cabine, o robô murmurou para si mesmo:

— Tenho de admitir que há ocasiões em que não consigo compreender o comportamento humano.

As luzes do caça X-wing de Luke Skywalker penetravam pela escuridão do planeta pantanoso. A espaçonave afundara ainda mais nas águas escuras, mas ainda restava o suficiente acima da superfície para que Luke pudesse pegar suprimentos no depósito. Ele sabia que não se passaria muito tempo antes que o caça afundasse mais ainda, talvez até completamente, nas águas. E achava que suas possibilidades de sobrevivência poderiam aumentar se recolhesse tantos suprimentos quanto fosse possível.

Estava tão escuro agora que Luke mal podia divisar qualquer coisa à sua frente. Mais além, na selva densa, ouviu um ruído de mordida e sentiu um calafrio a percorrer-lhe o corpo. Empunhando a pistola, preparou-se para disparar em qualquer coisa que saltasse da selva para atacá-lo. Mas nada aconteceu e Luke repôs a pistola no coldre e continuou a arrumar os suprimentos.

— Está querendo alguma energia? — perguntou Luke a R2-D2, que esperava pacientemente por sua forma específica de nutrição.

Luke tirou uma pequena caldeira de fusão de uma caixa de equipamento e acendeu-a, satisfeito até mesmo com o pequeno clarão do aparelho de aquecimento. Depois, pegou um cabo de energia e prendeu-o a R2-D2, através de uma protuberância que se assemelhava a um nariz.

Enquanto a energia se irradiava pelas entranhas eletrônicas de R2-D2, o robô assoviou em apreciação.

Luke sentou e abriu um recipiente de comida processada. E falou para o robô, enquanto começava a comer:

— Tudo o que preciso fazer agora é encontrar o tal de Yoda, se é que ele existe.

Luke olhou nervosamente ao redor, tentando esquadrinhar as sombras da selva. Sentia-se assustado, deprimido e duvidando cada vez mais de sua busca.

— Este lugar me provoca arrepios... É certamente muito estranho para aqui se encontrar um Mestre Jedi.



Pelo tom do bip, era evidente que R2-D2 partilhava a opinião de Luke sobre o mundo pantanoso. Luke continuou a falar para o pequeno robô, enquanto relutantemente provava a comida:

— Mas é verdade que há alguma coisa familiar neste mundo. Tenho a sensação...

— Tem a sensação de quê?

Não era a voz de R2-D2! Luke levantou-se de um pulo, empunhando a pistola. Virou-se rapidamente, esquadrinhando a escuridão, tentando descobrir a fonte daquelas palavras.

E deparou com uma pequena criatura, parada diretamente à sua frente. Luke prontamente recuou, aturdido. Aquele pequeno ser parecia ter se materializado do nada! Não devia ter mais que meio metro de altura, mantendo a posição sem qualquer temor, diante do jovem muito mais alto que empunhava ameaçadoramente uma mortífera pistola de *laser*.

A pequena coisa encarquilhada podia ter qualquer idade. O rosto era profundamente vincado, emoldurado por orelhas pontudas, de elfo, que lhe proporcionavam uma aparência de eterna juventude. Os cabelos brancos compridos estavam repartidos no meio e caíam pelos lados da cabeça de pele azulada. O ser era bípede, as pernas curtas, terminando em pés tridátiles, quase reptis. Usava trapos tão cinzentos quanto a neblina do pântano, e tão esfarrapados que deviam ter a mesma idade da estranha criatura.

Por um momento, Luke ficou sem saber se se sentia apavorado ou se ria. Mas relaxou assim que se fixou nos olhos protuberantes e sentiu a natureza daquele ser. A criatura finalmente fez um gesto para a pistola na mão de Luke e disse:

— A arma pode largar, pois mal não lhe quero fazer. Depois de alguma hesitação, Luke tornou a colocar

a pistola no coldre. Ao fazê-lo, perguntou-se por que se sentia

compelido a obedecer à pequena criatura, que logo voltou a falar:

— Querendo saber estou por que aqui se encontra?

— Estou procurando por alguém — respondeu Luke.

— Procurando? Procurando? — repetiu a criatura, um sorriso vincando o rosto ainda mais. — Você já encontrou alguém, eu diria. Hem?

Hem? Eu diria que sim.

Luke teve de fazer força para não sorrir.

— Tem razão.

— Ajudá-lo eu posso... posso... posso.

Inexplicavelmente, Luke descobriu-se a confiar na estranha criatura, mas ainda não podia acreditar que um ser tão pequeno pudesse prestar-lhe qualquer ajuda numa busca tão importante. E respondeu, gentilmente:

— Não creio que seja possível. Se quer mesmo saber, estou procurando por um grande guerreiro.

— Um *grande* guerreiro? — A criatura sacudiu a cabeça, os cabelos esbranquiçados flutuando acima das orelhas pontudas. — Guerras não fazem um grande guerreiro.

Uma frase estranha, pensou Luke, Mas antes que pudesse responder, Luke viu o pequeno hominídeo cambalear para o alto dos suprimentos que tirara do X-wing. Chocado, observou a criatura remexer entre os artigos que trouxera de Hoth.

— Saia daí! — gritou Luke, surpreso com aquele comportamento súbito e insólito.

Avançando rapidamente, R2-D2 aproximou-se da pilha de caixas, parando com os sensores óticos no mesmo nível da criatura. O dróide guinchou sua

desaprovação enquanto esquadrinhava a criatura que estava remexendo entre os suprimentos tão negligentemente.

O estranho ser pegou o recipiente que continha o resto da comida de Luke e deu uma mordida.

— Ei, esse é o meu jantar! — exclamou Luke.

Mas um instante depois, a criatura cuspiu o que provara, o rosto enrugando-se como uma ameixa e soltando uma exclamação de repulsa.

— Obrigado, não. Como tão grande ficou, comendo alimento assim?

Observando atentamente o estranho ser, Luke disse:

— Escute, amigo, não tencionávamos pousar aqui. E se eu pudesse tirar meu caça desta poça, pode estar certo de que o faria. Mas não é possível. Por isso...

— Não pode seu caça tirar? Tentou já? Tentou já?

Luke teve de admitir para si mesmo que não tentara, mas logo chegou à conclusão de que a idéia era absolutamente ridícula. Não dispunha do equipamento apropriado para...

Alguma coisa na pilha de suprimentos atraiu o interesse da criatura.

Luke finalmente perdeu a paciência quando o pequeno ser pegou algo que trouxera do X-wing. Sabendo que a sobrevivência dependia daqueles suprimentos, Luke avançou para salvá-los. Mas a criatura segurava firmemente a sua presa, uma lanterna de energia em miniatura, que apertou na mão de pele azulada. A luz acendeu-se na mão da criatura, lançando seu brilho no rosto deliciado. A criatura pôs-se imediatamente a examinar seu tesouro.

— Dê-me isso! — gritou Luke.

A criatura recuou diante do jovem que se aproximava, como uma criança petulante.

— Meu! Meu! Ou ajudá-lo não irei.

Ainda segurando a lanterna contra o peito, a criatura recuou ainda mais, inadvertidamente esbarrando em R2-D2. Sem pensar que o robô era animado, a criatura parou ao seu lado, enquanto Luke se aproximava.

— Não quero sua ajuda! — disse Luke, indignado. — Quero minha lanterna de volta. Vou precisar dela neste buraco de lama nojento!

Luke compreendeu no mesmo instante que dissera um insulto.

— Buraco de lama? Nojento? Meu lar é este!

Enquanto eles discutiam, R2-D2 estendeu lentamente um braço mecânico. Subitamente, o apêndice agarrou a lanterna surrupiada. No mesmo instante, as duas criaturas pequenas empenharam-se num cabo-de-guerra, com a lanterna no meio. E girando na batalha, R2-D2 emitiu alguns bips eletrônicos de "dê-me isso!"

— Meu! Meu! — gritou a criatura. — De volta dê-me!

Abruptamente, dando a impressão de que desistia da bizarra, luta, ele cutucou o dróide de leve com um dedo azulado.

R2-D2 emitiu um guincho alto e aturdido, soltando imediatamente a lanterna.

O vitorioso sorriu para o objeto brilhante em suas pequenas mãos, repetindo alegremente:

— Meu! Meu!

Luke já estava cansado daquilo e avisou ao robô, com um suspiro, que a batalha acabara:

— Está certo, R2-D2. Deixe-o ficar com a lanterna. E agora trate de sair daqui, companheiro. Temos muitas coisas a fazer.

— Não! Não! — suplicou a criatura, muito excitada. — Vou ficar e seu amigo ajudar a encontrar.

— Não estou procurando por um amigo, mas sim por um Mestre Jedi.

— Ahn... — murmurou a criatura, os olhos se arregalando. — Um Mestre Jedi. Diferente muito. *Yoda*, você procura Yoda.

A menção do nome surpreendeu Luke, mas mesmo assim ele

continuou cético. Como aquela estranha criatura podia saber alguma coisa sobre o grande mestre dos Cavaleiros de Jedi?

— Você o conhece?

— Conheço, claro — disse a criatura, orgulhosamente. — Você leve a Yoda. Mas primeiro comer vamos. Boa comida. Venha, venha.

E com isso a criatura afastou-se apressadamente do acampamento de Luke, embrenhando-se pela escuridão do pântano. A pequena lanterna que levava foi gradativamente desaparecendo à distância, enquanto Luke continuava parado, totalmente aturdido. A princípio, não tinha a menor intenção de sair atrás da estranha criatura, mas subitamente descobriu-se a avançar pelo nevoeiro, à sua procura.

Enquanto se afastava, Luke ouviu R2-D2 assoviando e bipando freneticamente, como se quisesse estourar seus circuitos. Luke virou-se para ver o pequeno robô parado ao lado da caldeira de fissão miniaturizada, com uma aparência desamparada.

— É melhor ficar aqui e tomar conta do acampamento — determinou Luke ao robô.

Mas R2-D2 intensificou os protestos ruidosos, exibindo toda a gama de articulações eletrônicas.

— Não se preocupe, R2-D2 — gritou Luke, enquanto corria pela selva.

— Pode deixar que sei cuidar de mim. Nada vai me acontecer, está bem?

Os grunhidos eletrônicos de R2-D2 tornaram-se mais fracos enquanto Luke se afastava, correndo para alcançar seu pequeno guia. Devo realmente ter perdido o juízo, pensou Luke, para seguir essa estranha criatura até não-sei-o-quê. Mas a criatura mencionara o nome de Yoda e Luke sentia-se compelido a aceitar qualquer ajuda que pudesse encontrar para descobrir o Mestre Jedi. Ele tropeçava repetidamente nas moitas compactas e nas raízes retorcidas, enquanto corria atrás da luz débil à sua frente.

A criatura ia falando alegremente, enquanto avançava pelo pântano:

— Hem... seguro... muito seguro... sim, claro.

Depois, à sua estranha maneira, o misterioso ser subitamente começou a rir.

Dois cruzadores Imperiais sobrevoaram lentamente a superfície do gigantesco asteroide. O *Millenium Falcon* só podia estar escondido lá dentro... mas onde?

Enquanto as espaçonaves deslizavam sobre o asteroide, soltavam bombas na superfície esburacada, tentando assustar o cargueiro e fazê-lo sair de seu esconderijo. As ondas de choque das explosões sacudiam violentamente o asteroide, mas mesmo assim não havia qualquer sinal do *Falcon*. Enquanto sobrevoava o asteroide, um dos Destróieres Estelares Imperiais projetou uma sombra na entrada do túnel. Contudo, os sensores da espaçonave não registraram a curiosa abertura no paredão rochoso.

Dentro daquele buraco, num túnel não percebido pelos homens do poderoso Império, estava escondido o cargueiro, que era sacudido e vibrava a cada explosão na superfície.

Lá dentro, Chewbacca trabalhava impientemente para consertar a complexa unidade que permitia o vôo além da velocidade da luz. Entrara

num pequeno compartimento para alcançar os fios que operavam o sistema. Mas ao sentir a primeira explosão, ele tirou a cabeça do compartimento e soltou um grito preocupado.

A Princesa Leia, que soldava uma válvula avariada, interrompeu o trabalho e levantou a cabeça. O som das bombas estava bem perto.

C-3PO olhou para Leia e inclinou a cabeça nervosamente, dizendo:

— Oh, não! Eles nos encontraram!

Todos ficaram quietos, como se temessem que o som de suas vozes pudesse de alguma forma se irradiar até a superfície e alcançar as espaçonaves Imperiais, denunciando a posição exata em que se encontravam. O *Falcon* foi novamente sacudido por uma explosão na superfície do asteróide, menos intensa que a anterior.

— Eles estão se afastando — disse Leia.

Han percebeu imediatamente a tática Imperial.

— Eles estão simplesmente tentando ver se desentocam alguma coisa.

Só estaremos seguros se continuarmos aqui.

— Onde já ouvi uma frase igual antes? — disse Leia, com um ar de inocência.

Ignorando o sarcasmo, Han passou por ela, ao voltar para o trabalho. A passagem no porão era tão estreita que ele não pôde deixar de roçar em Leia ao passar... poderia evitar?

Com emoções confusas, a princesa observou por um momento, enquanto Han voltava a se concentrar no trabalho. E logo concentrou-se também na solda que efetuava.

C-3PO ignorou todo aquele estranho comportamento humano. Estava ocupado demais tentando comunicar-se com o *Falcon*, tentando descobrir qual era o problema da unidade de hipervôo. Parado diante do painel de

controle central, C-3PO emitia estranhos assovios e bips. Um momento depois, o painel de controle assoviava em resposta.

— Onde está R2-D2 quando mais preciso dele? — suspirou o robô dourado.

A resposta do painel de controle fora-lhe difícil de interpretar e C-3PO anunciou para Han:

— Não sei onde sua espaçonave aprendeu a se comunicar, senhor, mas o dialeto dela deixa algo a desejar. Pelo que creio, está dizendo que o acoplamento de força no eixo negativo foi polarizado. Receio que terá de efetuar uma substituição.

— Claro que terei de fazer uma substituição! — disse Han, rispidamente.

Ele chamou Chewbacca, que espiou do compartimento do teto. E sussurrou-lhe:

— Faça a substituição.

Han notou que Leia já acabara de fazer a solda, mas estava encontrando dificuldade em tornar a montar a válvula, lutando com uma alavanca que se recusava a mover-se. Aproximou-se dela e ofereceu ajuda, mas Leia virou-lhe as costas bruscamente e continuou a batalhar com a válvula.

— Não precisa ficar zangada, Alteza. Estava apenas querendo ajudar.

Ainda empenhada em movimentar a alavanca, Leia pediu calmamente:

— Quer fazer o favor de parar de me chamar assim? Han ficou surpreso com o tom sereno da princesa.

Esperava uma resposta mordaz ou, na melhor das hipóteses, um silêncio frio. Mas agora as palavras dela não tinham o tom zombeteiro que ele se acostumara a ouvir. Será que finalmente ela estava querendo acabar com a implacável batalha de personalidades entre os dois?



— Está certo — disse ele, gentilmente.

— Você torna as coisas bem difíceis às vezes — disse Leia, fitando-o timidamente.

Han não podia deixar de concordar:

— Tem razão. — Mas ele se apressou em acrescentar; — Você também poderia ser um pouco mais gentil. Deve admitir que às vezes pensa que estou certo.

Leia largou a alavanca e massageou a mão dolorida. E disse, sorrindo:

— Às vezes... talvez... ocasionalmente, quando você não está se comportando como um patife.

— Um patife? — Han não pôde conter uma risada, achando maravilhosa a escolha da palavra. — Gosto de ouvi-la falar coisas assim.

Sem dizer mais nada, Han pegou a mão de Leia e começou a massageá-la.

— Pare com Isso — protestou Leia.

Han continuou a segurar-lhe a mão e indagou suavemente:

— Parar o quê?

Leia sentiu que corava, confusa, embaraçada, uma centena de coisas passando pela mente dela naquele instante. Mas o seu senso de dignidade prevaleceu e disse, altivamente:

— Pare com isso! Minhas mãos estão sujas!

Han sorriu diante da débil desculpa. Mas não largou a mão e fitou-a nos olhos ao dizer:

— Minhas mãos também estão sujas. De que você tem medo?

— Medo? — Leia sustentou o olhar dele. — Tenho medo de ficar com as mãos sujas.

— É por isso que está tremendo?

Han podia perceber, ela estava intimidada com sua proximidade e o contato das mãos. A expressão de Leia logo se desanuviou e Han aproveitou para se inclinar e pegar-lhe a outra mão.

— Acho que você gosta de mim justamente porque sou um patife. Acho que não encontrou patifes em quantidade suficiente na sua vida.

Enquanto falava, Han lentamente ia chegando mais perto dela. Leia não resistiu ao puxão gentil. Ao fitá-lo naquele momento, ela pensou que Han nunca parecera tão bonito. Apesar de tudo, porém, ela ainda era a princesa. E sussurrou:

— Acontece que eu gosto de homens gentis.

— E por acaso eu não sou gentil? — perguntou Han, provocante.

Chewbacca esticou a cabeça para fora do compartimento por cima e ficou observando a cena, sem ser percebido.

— É, sim — sussurrou Leia. — Mas você... Antes que ela pudesse continuar, Han Solo puxou-a e sentiu-lhe o corpo tremer, enquanto comprimia seus lábios contra os dela. Pareceu durar para sempre, uma eternidade a ser partilhada pelos dois, enquanto Han gentilmente inclinava o corpo de Leia para trás. Desta vez, ela não opôs qualquer resistência.

Quando se separaram, Leia precisou de um momento para recuperar o fôlego. Tentou também recuperar o controle, fez um esforço para exibir algum arremedo de indignação. Mas estava encontrando a maior dificuldade até para falar.

— Está bem, seu atrevido — ela conseguiu finalmente balbuciar. —

Eu...

Mas depois Leia parou de falar e subitamente descobriu-se a beijá-lo novamente, apertando-o com toda força.

Quando os lábios se separaram depois de um longo tempo, Han manteve-a nos braços, os dois se fitando nos olhos. Ficaram assim, ligados por uma emoção intensa e serena. Depois, Leia começou a se afastar, os pensamentos e sentimentos em turbilhão. Desviou os olhos, desvencilhando-se dos braços de Han. No segundo seguinte, ela virou-se e saiu correndo da cabine.

Han ficou olhando para ela, em silêncio, até vê-la desaparecer. Só depois é que se apercebeu da presença curiosa do Wookiee, cuja cabeça estava dependurada do teto.

— Muito bem, Chewie! — berrou ele. — Venha me dar uma ajuda com esta válvula!

O nevoeiro, dissipado por uma chuva intensa, serpenteava pelo pântano em diáfanos turbilhões. E um dróide R2 solitário avançava sob a chuva incessante, à procura de seu dono.

Os mecanismos sensoriais de R2-D2 estavam ocupados a enviar

impulsos para os terminais eletrônicos nervosos. Ao menor ruído, os sistemas auditivos prontamente reagem, talvez até exageradamente, enviando informações para o cérebro-computador nervoso do robô.

Era úmido demais para R2-D2 naquela selva espessa. Ele focalizou os sensores óticos na direção de uma direção de uma estranha e pequena casa de barro, à beira de um lago escuro. O robô, dominado por um sentimento quase humano de solidão, aproximou-se da janela da pequena moradia. R2-D2 deu uma espiada no interior. Esperava que ninguém lá dentro percebesse o ligeiro tremor de seu corpo em forma de barrica nem ouvisse a débil e nervosa lamúria eletrônica.

De alguma forma, Luke Skywalker dera um jeito de se espremer para o interior da habitação em miniatura, onde tudo parecia estar na escala de

seu pequeno residente. Luke sentou de pernas cruzadas no chão de lama ressequida, tomando cuidado para não bater com a cabeça no teto baixo.

Havia uma mesa à sua frente e ele pôde ver recipientes contendo o que pareciam ser pergaminhos escritos a mão.

A criatura de rosto encarquilhado estava na cozinha, ao lado da sala, ocupada em preparar uma refeição incrível. Do lugar em que estava sentado, Luke podia ver o pequeno cozinheiro remexendo em panelas, cortando uma coisa, retalhando outra, espalhando ervas, correndo de um lado para outro e colocando travessas na mesa, diante do seu hóspede.

Por mais fascinado que estivesse pela atividade intensa, Luke começou a ficar extremamente impaciente. E quando a criatura efetuou uma de suas frenéticas corridas à área da sala, Luke tratou de lembrar-lhe:

— Eu lhe disse que não estou com fome.

— Paciência — disse a criatura, correndo de volta à cozinha fumegante.  
— É tempo de comer.

Luke esforçou-se em ser polido.

— O cheiro é delicioso e tenho certeza de que a comida é saborosa.

Mas não posso entender por que não podemos nos encontrar com Yoda ainda hoje.

— É o tempo de Jedi também comer — respondeu a criatura.

Mas Luke estava ansioso em partir logo.

— Vamos levar quanto tempo para chegar lá? Ele está em algum lugar muito longe?

— Não muito longe, não muito. Seja paciente. Em breve o estará vendo.

Por que se tornar um Jedi deseja?

— Acho que é por causa de meu pai — respondeu Luke.

Ele refletiu que nunca chegara a conhecer o pai muito bem. Na verdade, o seu contato maior com o pai fora através do sabre-de-luz que Ben lhe confiara.

Luke percebeu uma curiosa expressão nos olhos da criatura quando ele mencionou o pai.

— Ah, seu pai — disse o estranho ser, sentando-se para iniciar a vasta refeição. — Um poderoso Jedi ele foi. Poderoso Jedi.

Luke teve a impressão de que a criatura zombava dele e indagou, um pouco irritado:

— Como pode saber alguma coisa de meu pai? Nem mesmo sabe quem eu sou! — Ele correu os olhos pela bizarra sala, antes de acrescentar: —

Não sei o que estou fazendo aqui...

Percebeu nesse momento que a criatura se desviara dele e estava falando para um canto da sala. Aquilo era demais, pensou Luke. Essa criatura incrível está agora falando com o espaço vazio!

— De nada adianta — estava dizendo a criatura, irritada. — Não vai dar. Não posso ensiná-lo. O rapaz paciência não tem!

Luke virou-se bruscamente na direção que a criatura olhava. *Não posso ensiná-lo! O rapaz paciência não tem!* Aturdido, ele constatou que não havia ninguém no canto. Um instante depois, a verdade da situação tornou-se tão evidente quanto os sulcos profundos no rosto da pequena criatura. Já

estava sendo testado... e justamente pelo próprio Yoda!

Do canto vazio da sala, Luke ouviu a voz suave de Ben Kenobi respondendo a Yoda:

— Ele aprenderá a ter paciência.

— Muita ira nele — persistiu o pequeno mestre Jedi.

— Como no pai.

— Já discutimos sobre isso antes — disse Kenobi. Luke não podia mais esperar e interveio bruscamente:

— Eu *posso* ser um Jedi.

Para ele, era mais importante que qualquer outra coisa integrar-se naquele grupo nobre que defendera bravamente as causas da justiça e paz.

— Estou preparado, Ben... Ben...

O rapaz chamou o seu mentor invisível, correndo os olhos pela sala na esperança de encontrá-lo. Mas tudo o que viu foi Yoda, sentado no outro lado da mesa.

— Preparado você está? — indagou o cético Yoda.

— O que de estar preparado sabe? Há 800 anos que Jedi tenho treinado. E com minha própria opinião fico sobre quem vai ser treinado.

— E por que não eu? — indagou Luke, sentindo-se insultado com a insinuação de Yoda.

Yoda declarou solenemente:

— Para tornar-se um Jedi, preciso é o empenho mais profundo, a mais séria mente.

— Ele pode consegui-lo — disse a voz de Ben, em defesa do rapaz.

Olhando para o invisível Kenobi, Yoda apontou para Luke.

— Este observado eu tenho há um tempo longo. Por toda a sua vida os olhos desviou... para o horizonte, para o céu, para o futuro. Nunca sua mente ficou no lugar em que estava, no que estava fazendo. Aventura,

emoção. — Yoda lançou um olhar furioso para Luke. — Um Jedi por tais coisas não deseja!

Luke tentou defender seu passado.

— Tenho seguido meus sentimentos!

— Imprudente você é! — gritou o Mestre Jedi.

— Ele vai aprender — interveio a voz suave de Kenobi.

— Ele está demais velho — alegou Yoda. — Sim. Demais velho, demais firmado em seus hábitos para o treinamento começar.

Luke teve a impressão de perceber um tom ligeiramente mais suave na voz de Yoda. Talvez ainda houvesse uma possibilidade de persuadi-lo.

— Aprendi muita coisa — disse Luke.

Ele não podia desistir agora. Percorrera um longo caminho, suportara coisas demais, *perdera* muito para desistir agora.

Yoda parecia olhar para dentro de Luke, como se tentasse determinar o quanto ele realmente aprendera. Depois, virou-se novamente para o invisível Kenobi e perguntou:

— Ele acabará o que começar?

— Viemos até aqui — respondeu a voz. — Ele é nossa única esperança.

— Não vou falhar — declarou Luke, tanto para Yoda como para Ben. —

Não tenho medo.

E naquele momento o jovem Skywalker sentia de fato que podia enfrentar qualquer coisa sem medo.

Mas Yoda não estava tão otimista. E advertiu:

— Você terá, meu jovem.

O Mestre Jedi virou-se lentamente para fitar Luke, um estranho sorriso estampando-se em seu rosto azul.

— Você terá.

## IX

APENAS UM ser em todo o universo podia incutir medo no espírito sinistro de Darth Vader. Parado em sua câmara, na semi-escuridão, calado e sozinho, o Lorde Negro de Sith ficou aguardando a visita do seu temido senhor.

Enquanto ele esperava, seu Destróier Estelar Imperial flutuava por um vasto oceano de estrelas. Ninguém na espaçonave se atreveria a incomodar Darth Vader em seu pequeno compartimento particular. Mas se alguém o fizesse, poderia perceber um ligeiro tremor no vulto envolto em preto. E

poderia também encontrar um vestígio de terror no semblante dele, se alguém fosse capaz de ver através da máquina respiratória negra.

Mas ninguém se aproximou e Vader permaneceu imóvel, em sua vigília solitária e paciente. Não demorou muito para que um estranho guincho eletrônico interrompesse o silêncio profundo da câmara e uma luz faiscante se pusesse a brilhar no manto do Lorde Negro. Vader imediatamente fez uma mesura profunda, em homenagem a seu real senhor.

O visitante chegou sob a forma de um holograma que se materializou diante de Vader, bem mais alto que ele. O vulto tridimensional estava vestido em trajes simples e um imenso capuz ocultava seu rosto.

Quando o holograma do Imperador Galático finalmente falou, foi com uma voz ainda mais profunda que a de Vader. A presença do Imperador já era impressionante o bastante, mas o som de sua voz provocou um calafrio de terror que percorreu o corpo poderoso de Vader.



— Pode se levantar, meu servo — autorizou o Imperador.

Vader imediatamente se empertigou. Mas não se atreveu a olhar para o rosto do seu senhor, mantendo em vez disso a cabeça inclinada, os olhos fixos em suas botas pretas.

— O que desejais, meu senhor? — indagou Vader, com a solenidade de um sacerdote servindo a seu deus.

— Há um grave distúrbio na Força — disse o Imperador.

— Já o senti — declarou o Lorde Negro, mantendo a mesma solenidade.

O Imperador enfatizou o perigo ao acrescentar:

— Nossa situação é bastante precária. Temos um novo inimigo que pode provocar nossa destruição.

— Nossa destruição? Quem?

— O filho de Skywalker. Deve destruí-lo ou ele será a nossa desgraça.

*Skywalker!*

O pensamento era impossível. Como o Imperador podia estar preocupado com aquele rapaz insignificante?

— Ele não é um Jedi — alegou Vader. — É apenas um garoto. Obi-Wan não pode ter-lhe ensinado tanto assim ...

O Imperador interrompeu-o, insistindo:

— A Força é forte nele. Ele deve ser destruído.

O Lorde Negro refletiu por um momento. Talvez houvesse outro meio de lidar com o garoto, um meio que poderia beneficiar a causa Imperial.

— Se fosse possível convertê-lo, ele seria um poderoso aliado —

sugeriu Vader.

Em silêncio, o Imperador considerou a possibilidade. Depois de um momento, voltou a falar, pensativo:

— Tem razão... isso mesmo... Ele seria da maior utilidade. Mas pode ser feito?

Pela primeira vez desde que começara o encontro, Vader levantou a cabeça para fitar seu senhor diretamente. E respondeu com toda firmeza:

— Ele vai se juntar a nós ou morrerá, meu senhor.

Com isso, o encontro chegou ao fim. Vader ajoelhou-se diante do Imperador Galático, que passou a mão sobre o seu obediente servo. No momento seguinte, a imagem holográfica desaparecera completamente, deixando Darth Vader sozinho para formular o que provavelmente seria o seu plano mais sutil de ataque.

As luzes indicadoras no painel de controle projetavam um clarão fantástico pela cabine do *Millenium Falcon*. Iluminavam suavemente o rosto da Princesa Leia, sentada no lugar do piloto, pensando em Han. Imersa em seus pensamentos, ela passou a mão sobre o painel de controle à sua frente.

Sabia que alguma coisa se agitava dentro dela, mas não tinha certeza se estava disposta a admitir o que era. E, no entanto, poderia negá-lo?

Subitamente, sua atenção foi atraída por um movimento além da janela da cabine. Um vulto escuro, a princípio, rápido e furtivo demais para que pudesse ser identificado, avançou na direção do *Millenium Falcon*. Um instante depois, aderiu à janela da frente da espaçonave, com um suave ruído de sucção. Cautelosamente, Leia inclinou-se para frente, a fim de observar melhor o vulto escuro, parecendo um borrão. E enquanto ela espiava, imensos olhos amarelos abriram-se subitamente e também fitaram-na atentamente.

Leia estremeceu, atordoadada, cambaleando para trás, no assento do piloto. Enquanto tentava recuperar o controle, ouviu o ruído de patas se afastando apressadamente e um guincho inumano. No instante seguinte, o vulto negro e seus olhos amarelos desapareceram na escuridão da caverna do asteróide.

Leia recuperou o fôlego, pulou da cadeira e correu para o porão da espaçonave.

A tripulação do *Falcon* estava concluindo o trabalho no sistema de força. Enquanto trabalhavam, as luzes piscaram debilmente, depois se acenderam e assim permanecera, brilhando intensamente. Han terminou de religar os fios, depois começou a ajeitar de volta no chão um dos painéis, enquanto o Wookiee observava C-3PO concluir seu trabalho no painel de controle.

— Tudo confere — informou C-3PO. — Se me permite dizê-lo, acho que isso vai resolver.

Foi nesse momento que a princesa chegou ao porão, ofegante, visivelmente assustada.

— Tem alguma coisa lá fora! — gritou Leia. Han levantou os olhos de seu trabalho.

— Onde?

— Lá fora! Na caverna!

Enquanto ela falava, houve um golpe surdo contra a fuselagem da espaçonave. Chewbacca levantou a cabeça e deixou escapar um grunhido alto de preocupação.

— O que quer que seja, parece que está querendo entrar — comentou C-3PO, ainda mais preocupado.

Han começou a sair do porão, anunciando:

— Vou descobrir o que é.

— Você ficou doido? — indagou Leia, atônita. Os golpes eram cada vez mais altos.

— Temos de fazer esta banheira velha voar de novo, de qualquer maneira — explicou Han. — E não pretendo permitir que algum bicho a destrua.

Antes que Leia pudesse protestar, Han já pegara uma máscara de respiração numa prateleira de suprimentos, ajeitando-a na cabeça.

Enquanto Han saía, o Wookiee correu apressadamente atrás dele, pegando também uma máscara de respiração. Leia compreendeu que, como parte da tripulação, sua obrigação era acompanhá-los.

— Se for mais de um — disse ela a Han — vai precisar de ajuda.

Han olhou para ela afetuosamente, enquanto Leia pegava uma terceira máscara de respiração e ajeitava-a sobre o rosto adorável, com uma expressão determinada.

Depois, os três saíram apressadamente, deixando o dróide dourado a se queixar lamentosamente para o porão vazio:

— Mas isso me deixa sozinho aqui!

A escuridão fora do *Millenium Falcon* era densa e úmida, envolvia os três vultos que avançavam cuidadosamente em torno da espaçonave. A cada passo, eles ouviam barulhos inquietantes, guinchos estridentes, a ecoar pela caverna gotejante.

Estava escuro demais para determinar onde a criatura poderia ter se escondido. Os três continuaram cautelosamente, esquadrinhando a escuridão profunda da melhor forma possível. Chewbacca, que podia ver no escuro melhor que seu comandante ou que a princesa, emitiu subitamente um grunhido abafado e apontou para a coisa que se deslocava pela fuselagem do *Falcon*.

Uma massa informe correu pelo alto da espaçonave, aparentemente surpreendida pelo grito do Wookiee. Han apontou a pistola e acertou a

criatura com uma descarga de *laser*. A forma escura soltou um guincho, cambaleou e depois caiu da espaçonave, indo aterrissar com um baque surdo aos pés da princesa.

Ela inclinou-se para poder ver melhor a massa preta e disse a Han e Chewbacca:

— Parece alguma espécie de Mynock.

Han correu os olhos rapidamente pelo túnel escuro, comentando:

— Deve haver mais por aqui. Eles sempre viajam em grupos. E não há nada que mais gostem do que grudar em espaçonaves. Justamente o que estamos precisando agora!

Mas Leia estava mais interessada pela consistência do chão do túnel. O próprio túnel parecia-lhe bastante estranho, com um cheiro diferente de qualquer caverna que já conhecera antes. O chão era especialmente frio e parecia grudar em seus pés.

Ao bater com o pé, ela sentiu que o solo cedia um pouco sob o seu calcanhar. E disse:

— Este asteróide possui a mais estranha consistência que já vi. Olhem só para o solo. Não é absolutamente constituído de rocha.

Han ajoelhou-se para examinar o solo mais atentamente e notou como era flexível. Enquanto o estudava, tentou determinar até onde se estendia e procurou divisar os contornos da caverna.

— Há um bocado de umidade por aqui — murmurou ele.

Han levantou-se e apontou a pistola para o outro lado da caverna, disparando na direção de um Mynock que guinchava à distância. Tão logo disparou a carga de *laser*, a caverna inteira começou a tremer, o chão foi se dobrando.

— Era disso que eu tinha medo! — gritou ele. — Vamos sair daqui!

Chewbacca grunhiu em concordância e correu para o *Millenium Falcon*.

Leia e Han foram atrás dele, cobrindo os rostos enquanto um enxame de Mynocks passava voando por eles. Alcançaram o *Falcon* e subiram correndo a plataforma, entrando em seu interior. Assim que embarcaram, Chewbacca prontamente fechou a porta, tomando cuidado para que nenhum Mynock se esgueirasse para o interior da espaçonave.

— Chewie, acione os motores! — gritou Han, enquanto corria para o porão, acompanhado por Leia. — Temos de sair daqui o mais depressa possível!

Chewbacca correu para a cabine e acomodou-se no assento do co-piloto, enquanto Han ia verificar os mostradores do painel de controle do porão.

Correndo atrás dele, Leia avisou:

— Eles nos avistarão muito antes de conseguirmos desenvolver a velocidade máxima!

Han aparentemente não a ouviu. Verificou os controles e depois virou-se para voltar à cabine. Ao passar por ela, no entanto, fez um comentário que deixava bem claro ter ouvido tudo perfeitamente:

— Não há tempo para discutir esse problema em comitê.

E com isso ele se foi, correndo para o assento do piloto, onde se pôs a trabalhar nos controles da espaçonave. No minuto seguinte, o zumbido dos motores ressoou pela espaçonave.

Leia entrou correndo na cabine atrás dele, gritando, indignada:

— Não sou um comitê!

Han novamente parecia não tê-la ouvido. O tremor súbito da caverna começava a se desvanecer, mas Han estava determinado a tirar sua espaçonave de lá... e tirar o mais depressa possível.

Leia tratou de se ajeitar em seu assento.

— Não pode efetuar o salto para a velocidade da luz neste campo de asteróides! — gritou ela, mais forte que o barulho dos motores.

Han virou a cabeça para ela e sorriu.

— Segure-se bem, minha querida, pois estamos de partida!

— Mas os tremores cessaram!

Han não estava disposto a deter sua espaçonave agora. O *Falcon* já estava avançando, passando rapidamente pelas paredes escarpadas do túnel. De repente, Chewbacca soltou um grito de horror, olhando pelo painel de observação.

Diretamente à frente deles havia uma barreira de estalactites e estalagmites brancas, cercando completamente a entrada da caverna.

— Estou vendo, Chewie! — gritou Han. Ele empurrou a alavanca e o *Millenium Falcon* arremeteu para a frente. — Segurem-se!

— A caverna está desmoronando! — gritou Leia, ao ver a entrada à frente deles ficar cada vez menor.

— Isto não é uma caverna!

— Como?!

C-3PO começou a falar rapidamente, dominado pelo terror:

— Oh, não, não! Estamos perdidos! Adeus, Princesa Leia. Adeus, Comandante.

Leia estava com a boca entreaberta, olhando para a abertura do túnel, que se aproximava rapidamente.

Han tinha razão; não estavam numa caverna. Ao se aproximarem da abertura, ficou evidente que as formações minerais brancas eram dentes

gigantescos. E ficou evidente também, ao alçarem vôo pela boca gigantesca, que os dentes estavam começando a se fechar!

Chewbacca rugiu.

— Incline de lado, Chewie!

Era uma manobra impossível. Mas Chewbacca reagiu imediatamente e mais uma vez realizou o impossível. Virou o *Millenium Falcon* de lado enquanto acelerava, passando perigosamente entre duas presas brancas e imensas. E foi bem na hora, pois logo depois que o *Falcon* saiu daquele túnel vivo as mandíbulas fecharam-se firmemente.

O *Falcon* avançou pela fenda rochosa do asteróide, perseguido por um titânica lesma espacial. A enorme massa rosada não queria perder o saboroso metal e deixou a cratera para engolir a espaçonave que escapava.

Mas o monstro era vagaroso demais. Um momento depois, o cargueiro elevou-se, afastando-se do perseguidor viscoso e mergulhando no espaço.

Ao fazê-lo, a espaçonave enfrentava outro perigo. O *Millenium Falcon* voltara a penetrar no mortífero campo de asteróides.

Luke estava ofegante, quase sem fôlego, naquele último dos testes de resistência. Seu Mestre Jedi determinara que fizesse uma maratona pela mata densa da selva do planeta. Yoda não apenas obrigara Luke a empenhar-se na corrida extenuante, mas também se convidara para um passeio. E enquanto o Jedi em treinamento resfolegava e suava na corrida árdua, o pequeno Mestre Jedi observava o progresso dele, de uma bolsa presa nas costas de Luke.

Yoda

sacudia

a

cabeça



e

murmurava

para

si

mesmo,

desdenhosamente, sobre a falta de resistência do rapaz.

Ao voltarem para a clareira pequena em que Erre-dois estava esperando pacientemente, a exaustão de Luke era quase total. E assim que ele entrou na clareira, cambaleando, Yoda já tinha outro teste planejado para experimentá-lo.

Antes que Luke tivesse tempo de recuperar o fôlego, o pequeno Jedi em suas costas jogou uma barra de metal diante de seus olhos. No mesmo instante, Luke acionou sua espada de *laser*, apontando freneticamente para a barra. Mas não foi rápido o bastante. A barra caiu ao solo, intacta, com um baque surdo. Luke desabou na terra úmida, na mais completa exaustão.

— Não posso... — gemeu ele. — ... cansado demais. Yoda, que não demonstrava o menor sinal de compaixão, respondeu bruscamente:

— Estaria em sete pedaços, se um Jedi fosse.

Mas Luke sabia que não era um Jedi... ainda não. E o rigoroso programa de treinamento determinado por Yoda levava-o quase ao fim de sua resistência.

— Pensei que estivesse em boa forma — balbuciou ele.

— Mas por quais padrões, eu lhe pergunto? — disse o instrutor, zombeteiramente. — Os seus padrões antigos deve esquecer. Desaprenda, desaprenda!

Luke sentia-se realmente pronto a desaprender todos os seus padrões antigos e disposto a livrar-se de tudo para aprender o que o Mestre Jedi tinha a ensinar-lhe. O treinamento era rigoroso, mas a força e as faculdades de Luke foram se desenvolvendo, à medida que o tempo passava. Até mesmo o seu cético mestre estava começando a acalentar alguma esperança. Mas não era fácil.

Yoda passava longas horas fazendo preleções para o seu discípulo sobre os costumes dos Jedi. Sentados sob as árvores, perto da pequena casa de Yoda, Luke escutava atentamente todas as histórias e lições do mestre. E

enquanto Luke escutava, Yoda mastigava seu bastão de Gimer, um graveto pequeno com três pontas na extremidade.

E havia testes físicos de todos os tipos. Em particular, Luke empenhava-se arduamente em desenvolver seu pulo. E certo dia achou que já estava pronto para mostrar a Yoda o seu progresso, quando o mestre, sentado num tronco ao lado de um charco, ouviu o f ar falhar alto de alguém se aproximando através da vegetação.

Subitamente, Luke apareceu no outro lado do charco avançando para a água a correr. E ao chegar perto, aproveitou o impulso para dar um pulo na direção de Yoda, erguendo-se acima da água e arremessando-se pelo ar.

Mas não conseguiu cobrir toda a distância e foi cair na água, ruidosamente, encharcando Yoda completamente.

Os lábios azuis de Yoda contraíram-se numa expressão de desapontamento.

Mas Luke não estava disposto a desistir, mais determinado do que nunca a tornar-se um Jedi. Não importava o quanto pudesse parecer tolo na tentativa, acabaria passando em todos os testes que Yoda lhe impunha. Por isso, não se queixou quando Yoda lhe disse que ficasse apoiado sobre a cabeça. Um pouco desajeitadamente a princípio, Luke inverteu a posição do corpo. Depois de uns momentos de vacilação, estava firmemente apoiado sobre as mãos. Teve a sensação de permanecer nessa posição por

muitas horas, mas era menos difícil do que teria sido no início do treinamento. A

sua concentração melhorara tanto que era capaz de manter um equilíbrio perfeito... mesmo com Yoda empoleirado nas solas de seus pés.

Mas isso era apenas uma parte do teste. Yoda fez sinal para Luke, batendo na perna dele com o Bastão de Gimer. Lentamente, cuidadosamente, com total concentração, Luke levantou uma das mãos do solo. O corpo oscilou ligeiramente com o deslocamento do peso... mas Luke manteve o equilíbrio e, concentrando-se, começou a levantar uma pequena pedra à sua frente. Mas, de repente, uma unidade R2 assoviando e bipando aproximou-se em disparada de seu jovem senhor.

Luke desabou, enquanto Yoda pulava para longe de seu corpo a cair.

Irritado, o jovem discípulo do Mestre Jedi perguntou:

— O que é, R2-D2?

R2-D2 pôs-se a rolar em círculos frenéticos, tentando comunicar sua mensagem através de uma série de chilreios eletrônicos. Luke observou o dróide encaminhar-se apressadamente para a beira do pântano. Apressou-se em segui-lo e descobriu o que o pequeno robô estava querendo informar.

Parado à beira d'água, Luke constatou que, à exceção da ponta, todo o caça X-wing já desaparecera abaixo da superfície.

— Oh, não! — gemeu Luke. — Agora não vamos mais conseguir sair daqui!

Yoda seguira-os e bateu com o pé, furioso, ao ouvir o comentário de Luke.

— Tanta certeza assim você tem? — indagou o Mestre Jedi, em tom de censura. — Tentou já? Sempre com você não pode ser feito. Do que eu falei nada ouviu?

O pequeno rosto encarquilhado estava ainda mais contraído, numa expressão furiosa. Luke olhou para seu mestre, depois tornou a olhar, em dúvida, para a espaçonave afundada. E disse, ainda cético:

— Mestre, levantar pedras é uma coisa. Mas isso é um pouco diferente.

Yoda ficou agora realmente zangado.

— Não! Diferente não! Na sua mente estão as diferenças! Delas trate de se livrar! Para você não são mais de qualquer utilidade!

Luke confiava em seu mestre. Se Yoda dizia que podia ser feito, então, talvez ele devesse tentar. Olhou para o X-wing afundado e preparou-se para uma concentração máxima.

— Está certo — disse ele finalmente. — Vou fazer uma tentativa.

Ele falara novamente as palavras erradas e Yoda disse, impacientemente:

— Tentar não. *Fazer, jazer*. Ou fazer não. Não há tentar.

Luke fechou os olhos. Tentou visualizar os contornos, o formato, sentir o peso do seu caça X-wing. E concentrou-se no movimento que faria ao se elevar das águas turvas.

Enquanto se concentrava, começou a ouvir as águas se remexerem e borbulharem, com o nariz do X-wing a emergir. A ponta do caça estava se elevando lentamente da água, pairou assim por um momento, depois tornou a afundar abaixo da superfície, ruidosamente.

Luke estava esgotado e teve de se esforçar para respirar e conseguir recuperar o fôlego.

— Não posso — murmurou ele, desanimado. — É grande demais.

— Diferença o tamanho não faz — insistiu Yoda. — Importância não tem. Olhe para mim. Pelo meu tamanho você me julga?

Devidamente repreendido, Luke limitou-se a sacudir a cabeça.

— E mesmo não deveria julgar — advertiu o Mestre Jedi. — Pois meu aliado é a Força. E um poderoso aliado ela é. A vida a cria e faz crescer. Sua energia cerca e une todos nós. Seres luminosos nós somos, não esta matéria tosca.

Ao terminar de falar, ele beliscou a pele de Luke. Depois, Yoda fez um gesto largo, para indicar a vastidão do universo ao redor deles.

— Sentir você deve. Sentir o fluxo. Sentir a Força em torno de você.

Aqui — disse ele, apontando enquanto falava — entre você e eu, naquela árvore, naquela pedra.

Enquanto Yoda dava a sua explicação da Força, Erre-dois girava a cabeça em forma de domo, tentando em vão registrar aquela "Força" em seus sensores. E pôs-se a assoviar e bipar de espanto.

— Sim, por toda parte — continuou Yoda, ignorando o pequeno dróide

— esperando para ser sentida e usada. Sim, mesmo entre esta terra e aquela espaçonave.

Yoda virou-se então e olhou para o pântano; no mesmo instante, a água começou a remoinhar. Lentamente, das águas borbulhantes, o nariz do caça recomeçou a aparecer.

Luke ficou aturdido, atônito, enquanto o X-wing graciosamente se elevava de sua tumba de água, deslocando-se majestosamente na direção da praia.

Luke prometeu a si mesmo que nunca mais voltaria a usar a palavra

"impossível". Pois ali, parado em seu pedestal — a raiz de uma árvore —

estava o pequeno Yoda, sem o menor esforço tirando a espaçonave submersa das águas turvas e trazendo-a para terra firme. Era uma cena em que Luke mal podia acreditar. Mas sabia ser um exemplo poderoso e convincente do domínio do Mestre Jedi sobre a Força.

R2-D2, igualmente atônito, mas não tão filosófico, emitiu uma série de assovios altos, depois disparou para esconder-se por trás de algumas raízes gigantescas.

O X-wing pareceu flutuar gentilmente para a praia e depois parou de repente.

Luke sentia-se humilhado pelo feito que testemunhara e aproximou-se de Yoda intimidado, atordado.

— Eu... eu... não acredito... Yoda declarou categoricamente:

— Por isso você fracassa.

Mais aturdido do que nunca, Luke sacudiu a cabeça, imaginando se algum dia conseguiria elevar-se à posição de um Jedi.

Caçadores de recompensas! Entre os mais vis habitantes da galáxia, essa classe de oportunistas e aventureiros contava com representantes de todas as espécies. Era uma ocupação repulsiva e por isso atraía tantas criaturas repulsivas. Algumas dessas criaturas haviam sido convocadas por Darth Vader e agora estavam com ele na ponte de comando de seu Destróier Estelar Imperial.

O Almirante Piett observava o grupo heterogêneo à distância, junto com um dos comandantes de Vader. O Lorde Negro é que chamara pessoalmente aqueles bizarros caçadores de recompensas. Lá estava Bossk, cujo rosto balofo e inchado estava voltado para Vader, os olhos grandes e injetados fitando-o atentamente. Ao lado de Bossk estavam Zuckuss e Dengar, dois tipos humanos, cobertos de cicatrizes de batalhas, travadas em incontáveis e incríveis aventuras. Um dróide todo amassado e o metal manchado, chamado IG-88, estava também com o grupo, ao lado do notório Boba Fett. Um caçador de recompensas humano, Fett era conhecido por seus métodos excessivamente brutais. Estava vestido numa armadura espacial, cheia de armas, do tipo usado pelos diabólicos guerreiros derrotados pelos Cavaleiros de Jedi durante as Guerras Clone. Uns pouco-, escalpos com os cabelos trançados completavam a imagem

repulsiva. A própria visão de Boba Fett provocou um súbito tremor de repulsa no almirante.

— Caçadores de recompensas! — murmurou Piett, desdenhosamente.

— Por que ele tinha de chamá-los? Os Rebeldes não vão conseguir nos escapar.

Antes que o comandante pudesse responder, um controlador da espaçonave correu para o almirante e disse, em tom de urgência:

— Senhor, acabamos de receber uma mensagem de prioridade do

Destróier Estelar *Avenger*.

Piett leu a mensagem, depois avançou apressadamente para informar Darth Vader. Ao aproximar-se do grupo, Piett ouviu as últimas instruções de Vader:

— Haverá uma recompensa vultosa para quem encontrar o *Millenium Falcon*. Vocês têm plena liberdade para recorrerem a quaisquer métodos necessários, mas exijo provas. Não quero saber de desintegrações.

O Lorde Sith parou de falar quando o Almirante Piett postou-se ao seu lado.

— Meu lorde — sussurrou o almirante, deliciado — nós o encontramos!

**X**

O *AVENGER* localizara o *Millenium Falcon* no momento em que o cargueiro se afastava do enorme asteróide.

A partir desse instante, a espaçonave Imperial retomou a perseguição do cargueiro, com uma barragem incessante de fogo. Sem se incomodar com a chuva constante de asteróides em seu casco maciço, o Destróier Estelar seguiu implacavelmente a espaçonave menor.

O *Millenium Falcon*, muito mais ágil que a outra espaçonave, voava entre os asteróides maiores que avançavam velozmente em sua direção. O

*Falcon* estava conseguindo manter a distância que o separava do Destróier Estelar, mas era evidente que a espaçonave maior não tencionava abandonar a perseguição.

Subitamente, um gigantesco asteróide apareceu no curso do *Millenium Falcon*, disparando ao encontro do cargueiro a uma velocidade incrível. O

cargueiro virou prontamente de lado para esquivar-se e o asteróide passou sem atingi-lo, apenas para explodir contra o poderoso casco do *Avenger*, sem causar qualquer dano.

Han Solo percebeu o clarão da explosão através da janela dianteira da cabine de sua espaçonave. O Destróier Estelar que os perseguia parecia absolutamente invulnerável. Mas ele não tinha tempo agora para refletir sobre as diferenças entre as duas espaçonaves. Precisava de toda a sua concentração para manter o controle do *Fal-con*, sacudido violentamente pelos disparos dos canhões Imperiais.

A Princesa Leia observava tensamente os asteróides e os clarões das explosões na escuridão do espaço além das janelas da cabine. As mãos apertavam com toda força os braços do assento. Silenciosamente, ela torcia, contra toda a esperança, para que conseguissem escapar vivos da perseguição.

Observando atentamente as imagens que apareciam numa das telas, C-

3PO comunicou a Han:

— Já posso ver o final do campo de asteróides, senhor.

— Ótimo — disse Han. — Assim que sairmos, vamos levar esta boneca para o hipervôo.

Ele estava confiante de que, dentro de mais um momento, poderia deixar o Destróier Estelar alguns anos-luz para trás. Os reparos nos sistemas de



velocidade da luz do cargueiro haviam sido concluídos e agora nada mais restava a fazer a não ser tirar a espaçonave do campo de asteróides e levá-la para o espaço profundo, onde poderiam encontrar a segurança.

Chewbacca soltou um excitado grunhido Wookiee ao olhar por uma janela da cabine e constatar que a densidade dos asteróides já estava decrescendo. Mas a fuga deles ainda não havia sido concluída, pois o *Avenger* se aproximava e as descargas dos canhões de *laser* bombardeavam o *Falcon* implacavelmente, fazendo-o sacudir de um lado para outro.

Han ajustou rapidamente os controles e pôs a espaçonave num curso firme. E no instante seguinte o *Falcon* deixou o campo de asteróides e entrou no silêncio pacífico e pontilhado de estrelas do espaço profundo.

Chewbacca guinchou, exultante por terem finalmente deixado o perigoso campo de asteróides. Mas continuava ansioso em deixar também para trás o Destróier Estelar.

— Estou com você, Chewie — respondeu Han. — Vamos sumir desta área. Fiquem prontos para a velocidade da luz. Eles terão a maior surpresa desta vez. Atenção...

Todos ficaram preparados, enquanto Han puxava a alavanca da velocidade da luz. Mas foi a tripulação do *Millenium Falcon* e principalmente o seu comandante que tiveram novamente a surpresa...

... pois nada aconteceu.

*Nada!*

Freneticamente, Han tornou a puxar a alavanca.

A espaçonave continuou na velocidade de sublum.

— Isso não é justo! — exclamou ele, começando a entrar em pânico.

Chewbacca estava furioso. Só raramente perdia a calma com seu amigo e comandante. Mas agora estava exasperado e rugiu de fúria em Wookiee, soltando grunhidos e rosnados.

— Não pode ser — respondeu Han, defensivamente, olhando para as telas de computador e anotando rapidamente os registros. — Verifiquei os circuitos de transferência.

Chewbacca tornou a grunhir.

— Estou lhe dizendo que desta vez a culpa não foi minha! Tenho certeza de que verifiquei tudo!

Leia soltou um suspiro profundo.

— Não vamos ter a velocidade da luz? — indagou ela, num tom que indicava claramente que já esperava que também essa catástrofe acontecesse.

C-3PO interveio:

— Senhor, perdemos o escudo protetor posterior. Mais um impacto direto no quarto posterior e estaremos liquidados.

— E agora? — murmurou Leia, olhando furiosa para o comandante do *Millenium Falcon*.

Han compreendeu prontamente que só havia uma alternativa. Não havia tempo para planejar ou conferir registros de computador, com o *Avenger* já saindo do campo de asteróides e aproximando-se rapidamente.

Tinha de tomar uma decisão baseada no instinto e esperança. Não havia mesmo alternativa.

— Vamos virar, Chewie — determinou ele, puxando uma alavanca, enquanto olhava para o seu co-piloto. — Vamos fazer esta banheira velha voltar.

Nem mesmo Chewbacca podia perceber o que Han estava pensando.

Ele grunhiu de espanto, calculando que talvez não tivesse ouvido a ordem direito.

— Você me ouviu! — berrou Han. — Vamos voltar! Quero toda força no escudo dianteiro!

Desta vez não havia qualquer possibilidade de engano em relação à ordem. Chewbacca obedeceu, embora não pudesse compreender a manobra suicida.

A princesa estava aturdida. E balbuciou, dominada pela incredulidade:

— Você vai atacá-los!

Não havia agora a menor possibilidade de sobrevivência, pensou ela.

Será que Han ficara realmente doido?

C-3PO, depois de efetuar alguns cálculos no cérebro-computador, virou-se para Han Solo:

— Senhor, se me permite dizer, as possibilidades de sobrevivência num ataque direto contra um Destróier Estelar Imperial são de...

Chewbacca rosnou para o robô dourado e C-3PO calou-se imediatamente. Ninguém a bordo estava interessado em ouvir estatísticas, especialmente porque o *Falcon* já estava começando a descrever a curva brusca, para lançar-se em um curso contra a terrível tempestade de fogo Imperial.

Han concentrou-se inteiramente nas manobras. Era tudo o que podia fazer para evitar a barragem de fogo disparada pela espaçonave Imperial contra o *Falcon*. O cargueiro era sacudido violentamente, enquanto Han o manobrava para desviar-se das explosões, ainda seguindo diretamente para o Destróier Estelar.

Ninguém no pequeno cargueiro tinha a menor idéia de qual poderia ser o seu plano.

— Ele está vindo muito baixo! — gritou o oficial de convés Imperial, mal podendo acreditar no que via.

O Capitão Needa e a tripulação do Destróier Estelar correram para a ponte de comando do *Avenger*, a fim de observarem a aproximação suicida do *Avenger*, a fim de enquanto os alarmes soavam por toda a vasta espaçonave Imperial. Um pequeno cargueiro não podia causar muitos danos se colidisse contra o casco de um Destróier Estelar; mas se batesse contra as janelas superiores, a cabine de comando ficaria coalhada de cadáveres.

O oficial que controlava o curso estava totalmente em pânico ao gritar:

— Vamos colidir!

— Os escudos protetores estão ligados? — indagou o Capitão Needa.

— Ele deve estar doido.

— Cuidado! — berrou o oficial.

O *Falcon* avançava diretamente para a janela da cabine de comando. Os tripulantes do *Avenger* jogaram-se ao chão, aterrorizados. No último instante, porém o cargueiro desviou-se bruscamente para cima. E depois...

O Capitão Needa e seus homens levantaram lentamente a cabeça. Tudo o que podiam ver além da janela era um oceano pacífico de estrelas.

— Verifique onde eles estão — ordenou o Capitão Needa a um oficial.

— Eles podem voltar para outra investida.

O oficial tentou encontrar o cargueiro em suas telas. Mas nada estava registrado.

— Estranho... — murmurou ele.

— O que foi? — perguntou Needa, aproximando-se para examinar as telas monitoras pessoalmente.

— A espaçonave Rebelde não aparece em nenhum dos nossos monitores.

Needa estava perplexo.

— Não pode ter desaparecido. É possível que uma espaçonave tão pequena assim tenha um sistema de ocultamento?

— Não, senhor — respondeu o oficial. — Talvez eles tenham entrado na velocidade da luz no último instante.

O Capitão Needa sentiu sua raiva aumentando na mesma proporção que sua confusão.

— Então por que eles atacaram? Podiam ter entrado no hiperespaço assim que saíram do campo de asteróides.

— Pois não há o menor vestígio deles, senhor, não importa como conseguiram — respondeu o oficial, ainda sem conseguir localizar o *Millenium Falcon* nos monitores. — A única explicação lógica é de que entraram na velocidade da luz.

Needa estava aturdido. Como aquela espaçonave ordinária pudera escapar-lhe?

Um ajudante aproximou-se:

— Senhor, Lorde Vader exige informações atualizadas da perseguição.

O que devemos comunicar-lhe?

Needa sentiu um calafrio percorrer-lhe o corpo. Deixar o *Millenium Falcon* escapar, quando estava tão perto, era um erro imperdoável. E sabia que tinha agora de enfrentar Vader e comunicar seu fracasso. Ficou resignado a qualquer punição que lhe seria imposta.

— Sou responsável pelo que aconteceu — declarou ele. — Apronte tudo. Quando nos encontrarmos com Lorde Vader, apresentarei desculpas pessoalmente. Antes de regressarmos, faça uma volta e verifique a área mais uma vez.

Como um monstro pré-histórico vivo, o imenso *Avenger* começou a virar lentamente. Mas ainda não havia o menor sinal do *Millenium Falcon*.

As duas bolas reluzentes pairavam como vaga-lumes estranhos por cima do corpo de Luke, deitado imóvel na lama. Parado protetoramente ao lado de seu senhor caído estava um pequeno dróide em forma de barreira, periodicamente estendendo um apêndice mecânico para afugentar os objetos que se mexiam constantemente, como se fossem mosquitos. Mas as bolas de luz simplesmente pulavam para longe do alcance do robô.

R2-D2 inclinou-se sobre o corpo inerte de Luke e assoviou estridentemente, num esforço para revivê-lo. Mas Luke, levado à inconsciência pelas cargas das bolas de energia, não reagiu. O robô virou-se para Yoda, sentado calmamente num toco de árvore, pondo-se a bipar e censurar furiosamente o pequeno Mestre Jedi.

Não recebendo a menor atenção de Yoda, R2-D2 voltou a concentrar-se em Luke. Os circuitos eletrônicos diziam-lhe que não adiantava tentar despertar Luke com seus pequenos ruídos. Um sistema de salvagem de emergência foi ativado no interior de seu corpo de metal. R2-D2 estendeu um pequeno eletrodo de metal, encostando-o no peito de Luke. Emitindo um bip de preocupação, R2-D2 gerou uma pequena descarga elétrica, apenas forte o bastante para fazer Luke recuperar os sentidos.

O peito do rapaz se arquejou e ele despertou com um sobressalto.

Parecendo atordoado, o jovem discípulo Jedi sacudiu a cabeça, para desanuviá-la. Olhou ao redor, esfregando os ombros para atenuar a dor do ataque das bolas de energia de Yoda. Vislumbrando as bolas ainda pairando por cima dele, Luke franziu o rosto. No momento seguinte, ouviu Yoda soltar uma risadinha jovial e virou-se para fitá-lo, com uma expressão furiosa.

— Concentração, hem? — Yoda riu, o rosto vincado obviamente divertido.  
— Concentração!

Luke não estava com a menor disposição para retribuir o sorriso. E exclamou, irritado:

— Pensei que os rastreadores estivessem armados para atordoar!

— É para isso que estão — respondeu o divertido Yoda.

— Estão muito mais fortes do que estou acostumado. Os ombros de Luke continuavam a doer terrivelmente.

— Isso não importaria se por você estivesse fluindo a Força —

argumentou Yoda. — Mais alto você saltaria! Mais depressa você se moveria! Abrir-se para a Força é o que você deve fazer.

O rapaz começava a sentir-se exasperado com o árduo treinamento, embora ainda estivesse no início. Sentia que estava bem próximo de conhecer a Força... mas em todas as ocasiões fracassara e compreendera ainda estar muito longe. Mas agora as palavras incisivas de Yoda fizeram-no levantar bruscamente. Cansado de esperar tanto tempo por aquele poder, não aguentava mais a falta de sucesso, cada vez mais furioso com os ensinamentos enigmáticos de Yoda.

Luke pegou a espada de *laser* na lama e ligou-a imediatamente.

Aterrorizado, R2-D2 afastou-se apressadamente para um lugar seguro.

— Estou aberto agora! — gritou Luke. — Estou sentindo a Força!

Podem vir, seus demônios voadores!

Com fogo nos olhos, Luke ajeitou a arma e avançou para as bolas de energia. No mesmo instante, elas se afastaram, indo pairar por cima de Yoda.

— Não, não — protestou o Mestre Jedi, sacudindo a cabeça encanecida.

— De nada isso adianta. *Ira* é o que sente.

— Mas sinto a Força! — gritou Luke, veementemente.

— Ira, ira, medo, agressão! — advertiu Yoda. — O lado sinistro da Força eles são. Facilmente eles fluem... a uma luta prontos a se juntarem.

Cuidado, cuidado, cuidado com eles. Um preço alto se paga pelo poder que eles tracem.

Luke baixou a espada de *laser* e olhou para Yoda, inteiramente confuso.

— Preço? Como assim?

— O lado sinistro chama — disse Yoda, dramaticamente. — Mas se pela trilha sinistra envereda, para sempre ela dominará seu destino.

Consumi-lo vai... como fez com o aprendiz de Obi-Wan.

Luke assentiu. Sabia a quem Yoda estava se referindo. E murmurou:

— Lorde Vader.

Depois de pensar por um momento, Luke perguntou:

— O lado sinistro é mais forte?

— Não, não. Mais fácil, mais rápido, mais sedutor.

— Mas como vou poder distinguir o lado bom do mal? — perguntou Luke, perplexo.

— Você saberá — respondeu Yoda. — Quando em paz estiver... calmo, tranquilo. Um Jedi usa a Força para conhecimento. Nunca para ataque.

— Mas então explique por que...

— Não! — interrompeu-o Yoda. — Não há nenhum porquê. Nada mais dizer-lhe vou. Quietos agora estejam... em paz...

A voz de Yoda silenciou, mas suas palavras tiveram um efeito hipnótico sobre Luke. O jovem discípulo cessou de protestar e começou a sentir-se sereno, corpo e mente relaxando.



— Sim... — murmurou Yoda. — Calma...

Lentamente, os olhos de Luke fecharam-se, deixando a mente esvaziar-se de todos os pensamentos que pudessem distraí-lo.

— Tranquilo...

Luke ouvia a voz suave de Yoda penetrando na escuridão receptiva de sua mente. Desejava viajar com as palavras do mestre para onde quer que pudessem levá-lo.

— Largue-se...

Quando percebeu que o jovem discípulo estava tão relaxado quanto poderia ficar naquele estágio, Yoda fez um gesto quase imperceptível. No mesmo instante, as duas bolas de energia por cima de sua cabeça partiram na direção de Luke, disparando descargas atordoantes enquanto se deslocavam.

No mesmo instante, Luke voltou a si e ativou a espada de *laser*.

Levantou-se de um pulo e, com pura concentração, começou a aparar e desviar as descargas que vinham em sua direção. Sem qualquer temor, enfrentou o ataque, movendo-se e desviando-se com extrema agilidade. Os saltos que dava pelo ar, atrás das bolas de energia, eram mais altos do que jamais conseguira antes. Luke não desperdiçava um único movimento, concentrando-se apenas em rechaçar as descargas que eram lançadas em sua direção.

Depois, tão subitamente quanto começara, o ataque cessou. As bolas de energia voltaram a pairar nos dois lados da cabeça do mestre.

R2-D2, observador sempre paciente, deixou escapar um suspiro eletrônico e sacudiu a cabeça de metal.

Sorrindo orgulhosamente, Luke olhou para Yoda.

— Muito progresso tem feito, meu jovem — confirmou o Mestre Jedi.

— Mais forte você se torna.

Mas o pequeno instrutor não estava disposto a elogiá-lo além disso.

Luke estava cheio de orgulho por sua maravilhosa realização. Ficou observando Yoda, esperando que o elogiasse ainda mais. Mas Yoda não se mexia nem falava. Depois de um instante, ele assentiu calmamente... e mais duas bolas de energia flutuaram por trás dele e avançaram em formação com as duas primeiras.

O sorriso de Luke Skywalker começou a se desvanecer.

Dois soldados de armadura branca levantaram o corpo sem vida do Capitão Needa do chão do Destróier Estelar Imperial de Darth Vader.

Needa soubera de antemão que a morte era a consequência provável de seu fracasso em capturar o *Millenium Falcon*. E soubera também que tinha de comunicar a situação a Vader e apresentar um pedido de desculpas formal. Mas não havia misericórdia com o fracasso entre as forças militares Imperiais. E Vader, em repulsa, dera o sinal para a morte do capitão.

O Lorde Negro virou-se e prontamente o Almirante Piett e dois de seus capitães aproximaram-se, a fim de comunicarem suas descobertas.

— Lorde Vader — disse Piett — nossas espaçonaves concluíram a revista da área e nada encontraram. O *Millenium Falcon* certamente entrou na velocidade da luz. A esta altura, está provavelmente em algum lugar no outro lado da galáxia.

Vader sibilou pela máscara respiratória e ordenou:

— Alerta todos os comandos. Quero que calculem todos os destinos possíveis de acordo com a última trajetória conhecida deles e acionem a esquadra inteira para procurá-los. Não fracasse novamente, Almirante, pois não vou mais admiti-lo!

O Almirante Piett pensou no comandante do *Avenger* que acabara de ser retirado da cabine como um saco de batata. E recordou-se também da

morte terrível do Almirante Ozzel.

— Pois não, meu lorde — respondeu ele, tentando ocultar o medo que sentia. — Vamos encontrá-los.

O almirante virou-se para um ajudante e ordenou:

— Providencie para que a esquadra seja acionada.

Enquanto o ajudante se afastava para cumprir a ordem, uma sombra de preocupação passou pelo rosto do almirante. Não tinha certeza se sua sorte seria melhor que a de Ozzel ou Needa.

O Destróier Estelar Imperial de Lorde Vader deslocava-se impressivamente pelo espaço. A esquadra protetora de espaçonaves menores pairava ao redor. Ao se afastar, a armada Imperial deixou para trás o Destróier Estelar *Avenger*.

Ninguém a bordo do *Avenger* ou em toda a esquadra de Vader tinha a menor idéia de como estavam próximos da presa que procuravam.

Enquanto o *Avenger* deslizava pelo espaço para continuar sua busca, levava consigo, grudado num dos lados da vasta ponte de comando, sem que ninguém percebesse, um cargueiro em forma de disco: o *Millenium Falcon*.

Tudo estava quieto no interior da cabine do *Falcon*. Han Solo parará a espaçonave e desligara todos os sistemas tão depressa que até mesmo o habitualmente loquaz C-3PO estava em silêncio, imóvel, sem mexer um rebite, uma expressão de espanto fixada no rosto dourado.

— Poderia tê-lo avisado antes de desligá-lo — disse a Princesa Leia, olhando para o dróide imóvel.

— Oh, lamento muito! — disse Han, com uma preocupação zombeteira. — Não queria ofender seu dróide. Mas acha que é fácil frear e desligar tudo em tão pouco tempo?

Leia tinha dúvidas sobre a estratégia de Han.

— Ainda não tenho certeza do que realizou.

Han repeliu as dúvidas dela com um dar de ombros. Ela vai descobrir muito em breve, pensou ele; simplesmente não havia alternativa. Ele voltou-se para o co-piloto e disse:

— Chewie, verifique o sistema manual das garras de pouso.

O Wookiee grunhiu, depois saiu do assento e encaminhou-se para a traseira da espaçonave.

Leia ficou observando enquanto Chewbacca ajustava as garras de pouso, a fim de que o *Falcon* pudesse decolar sem qualquer atraso mecânico. Sacudindo a cabeça com uma expressão de incredulidade, ela virou-se novamente para Han.

— O que está pensando em fazer depois?

— A esquadra está finalmente se dispersando — respondeu Han, apontando pela janela de bombordo. — *Espero* que eles sigam o padrão Imperial, largando seu lixo antes de entrarem na velocidade da luz.

A princesa refletiu sobre aquela estratégia por um momento e depois começou a sorrir. No final das contas, era bem possível que aquele doido soubesse o que estava fazendo. Impressionada, ela afagou-lhe a cabeça.

— Nada mal, meu caro, nada mal. E depois o quê?

— Depois, temos de encontrar um porto seguro por aqui. Tem alguma idéia?

— Isso depende. Onde estamos?

— Aqui — disse Han, apontando para uma configuração de pequenos pontos de luz — perto do sistema de Anoat.

Deixando o seu assento, Leia aproximou-se dele, para observar melhor a tela.

— Engraçado... — murmurou Han, depois de pensar por um instante.

— Tenho a impressão de que já estive nesta área antes. Deixe-me verificar o livro de bordo.

— Você mantém um livro de bordo? — Leia estava impressionada com a meticulosidade de Han, mas não pôde resistir à zombaria: — Puxa, como é organizado!

— Às vezes eu anoto as coisas — respondeu Han, enquanto procurava nos registros do computador. — Ah, eu sabia! Lando... isso é muito interessante...

— Nunca ouvi falar desse sistema.

— Não é um sistema, mas sim um homem. Lando Calrissian. Um jogador, vigarista, patife cem por cento... — Han fez uma pausa, longa o suficiente para que Leia absorvesse a palavra que escolhera de propósito, depois piscou para ela e acrescentou: — ... justamente o seu tipo. No sistema Bepin. Fica a alguma distância, mas podemos chegar lá.

Leia olhou para as telas monitoras do computador, lendo as informações.

— Uma colônia mineira.

— Uma mina de gás Tibanna — acrescentou Han. — Lando ganhou-a numa partida de *sabacc* ou pelo menos é o que afirma. Lando e eu já operamos juntos.

— Podemos confiar nele?

— Não. Mas ele não sente qualquer amor pelo Império, o que já é alguma coisa.

O Wookiee grunhiu pelo sistema de comunicação interna.

Han respondeu prontamente e acionou algumas alavancas, trazendo novas informações às telas de computador. Inclinou-se depois e olhou pela janela

da cabine.

— Já sei, Chewie, já sei. Prepare o lançamento manual. — Virando-se para a princesa, Han acrescentou: — Vai ser agora, querida.

Ele recostou-se no assento, sorrindo, como que a convidá-la. Leia sacudiu a cabeça, depois sorriu timidamente e beijou-o de leve.

— Você tem seus momentos — admitiu ela, relutantemente. — Não são muitos, mas existem.

Han estava se acostumando aos elogios ambíguos da princesa e não podia dizer que realmente se incomodava. Mais e mais apreciava o fato de

que ela partilhava o seu senso de humor sarcástico. E se convencia de que ela também gostava.

— Vamos embora, Chewie — gritou ele, jovialmente.

A escotilha por baixo do *Avenger* abriu-se subitamente. E enquanto o cruzador galáctico Imperial avançava para o hiperespaço, largou a sua contribuição de asteróides artificiais, lixo e peças de maquinaria irrecuperáveis, que logo se dispersaram pelo vazio negro do espaço. Oculto em meio ao resto de refugio, o *Millenium Falcon* soltou do costado da espaçonave maior, sem ser percebido, ficando para trás, enquanto o *Avenger* se afastava rapidamente.

Finalmente seguros, pensou Han Solo. O *Millenium Falcon* ativou os motores de íon e disparou através do lixo espacial na direção de outro sistema.

Mas escondido também entre os detritos espaciais havia outra espaçonave.

E enquanto o *Falcon* avançava velozmente a caminho do sistema Beshpin, a outra espaçonave também ligou seus motores. Boba Fett, o mais notório e temido caçador de recompensas da galáxia, fixou o curso de sua pequena espaçonave, em formato de cabeça de elefante, *Slave I*, para iniciar a perseguição. Pois Boba Fett não tinha a menor intenção de perder de vista

o *Millenium Falcon*. Afinal, o preço oferecido pela cabeça de seu piloto era muito alto. E era essa recompensa que o implacável caçador de homens estava determinado a receber.

Luke sentia não poder haver a menor dúvida de que estava progredindo.

Corria pela selva, com Yoda empoleirado em seu pescoço, pulando com a agilidade de uma gazela sobre a profusão de arbustos e raízes retorcidas que cresciam no pântano.

Luke começara finalmente a desligar-se da emoção de orgulho. Sentia-se liberto e estava aberto para experimentar plenamente o fluxo da Força.

E quando o pequeno instrutor lançou uma barra prateada por cima da cabeça de Luke, o jovem discípulo Jedi reagiu instantaneamente. Num relance, virou-se para partir a barra em quatro segmentos, antes que caísse no chão.

Yoda estava satisfeito e sorriu da realização de Luke.

— Quatro desta vez! A Força está sentindo!

Mas Luke sentiu-se subitamente distraído por alguma coisa. Podia pressentir algo perigoso, algo maligno. E disse para Yoda:

— Alguma coisa não está certa. Sinto o perigo... morte...

Ele olhou ao redor, tentando descobrir o que emitia uma aura tão poderosa. E deparou com uma árvore imensa, toda emaranhada e retorcida, a casca enegrecida ressequida e se desprendendo. A base da árvore estava cercada por uma pequena poça de água, onde as raízes gigantescas formavam a abertura de uma caverna escura e sinistra.

Luke tirou Yoda de seu pescoço gentilmente, largando-o no chão.

Fascinado, o discípulo Jedi olhava para a monstruosidade negra.

Respirando fundo, descobriu que não conseguia falar.

— Você me trouxe aqui de propósito — Luke finalmente conseguiu balbuciar.

Yoda sentou-se numa raiz retorcida e pôs na boca o Bastão de Gimer. E permaneceu calado, olhando calmamente para Luke.

Luke estremeceu e murmurou, sem desviar os olhos da árvore:

— Sinto frio...

— Essa árvore é forte com o lado negativo da Força. Uma servidora do mal ela é. E dentro você deve penetrar.

Luke experimentou um tremor de apreensão.

— E o que tem lá dentro?

— Apenas o que consegue levar —. respondeu Yoda, enigmaticamente.

Luke olhou cautelosamente para Yoda e depois voltou a fixar a árvore.

Decidiu silenciosamente levar sua coragem e sua disposição de aprender e penetrar naquela escuridão para enfrentar o que quer que o aguardasse.

Não levaria nada além...

Não. Levaria também o seu sabre-de-luz.

Ativando a arma, Luke avançou pelas águas rasas, encaminhando-se para a abertura escura entre aquelas raízes imensas e sinistras.

Mas a voz do Mestre Jedi deteve-o, dizendo em tom de censura:

— Sua arma. Precisar dela não vai.

Luke parou e contemplou novamente a árvore. Entrar naquela caverna maligna completamente desarmado? Por mais eficiente que estivesse se



tornando, Luke ainda não se sentia à altura daquele teste. Apertou firmemente o sabre, sacudindo a cabeça.

Yoda deu de ombros e placidamente roeu o seu Bastão de Gimer.

Respirando fundo, Luke cautelosamente entrou na grotesca caverna da árvore.

A escuridão no interior da caverna era tão densa que Luke quase podia senti-la a comprimir-se contra sua pele, tão intensa que a luz projetada pela espada de laser era rapidamente absorvida e não iluminava mais que um metro à sua frente. Enquanto ele avançava lentamente, coisas pegajosas e gotejando roçavam em seu rosto. A umidade do chão encharcado da caverna começou a penetrar por suas botas.

Os olhos de Luke foram gradativamente se ajustando à escuridão, na medida em que prosseguia. Divisou um corredor à sua frente. Mas ao se encaminhar para lá ficou subitamente aturdido, pois foi completamente

envolvido por uma membrana espessa, pegajosa. Como a teia de uma gigantesca aranha, a massa aderiu firmemente ao corpo de Luke.

Destruindo-a com o sabre-de-luz, Luke conseguiu finalmente desvencilhar-se e abrir um caminho.

Manteve a espada de *laser* à sua frente. Percebeu que havia um objeto no chão da caverna. Apontando o sabre para baixo, iluminou um besouro preto e reluzente, do tamanho de sua mão. No mesmo instante, a coisa subiu correndo pela parede úmida, indo juntar-se a um amontoado de seus semelhantes.

Luke prendeu a respiração e recuou. Nesse momento, pensou em correr para a saída da sinistra caverna... mas fez um supremo esforço para se controlar e aventurou-se ainda mais fundo pela câmara escura.

Sentiu que o espaço ao seu redor se alargava, à medida que avançava, usando o sabre-de-luz como se fosse uma lanterna. Esforçava-se em

divisar alguma coisa na escuridão, os ouvidos alertas a qualquer ruído. Mas não havia qualquer som. Absolutamente nada.

E, de repente, um *silvo* muito alto.

O som era familiar. Luke ficou paralisado onde estava. Já ouvira aquele silvo até mesmo em pesadelos; era a respiração penosa de uma coisa que outrora fora um homem.

Uma luz emergiu na escuridão, a chama azulada de uma espada de *laser* que acabara de ser ativada. Ao clarão dela, Luke avistou o vulto ameaçador de Darth Vader, erguendo a arma iluminada para atacar.

Preparado pelo rigoroso treinamento Jedi, Luke estava pronto. Ergueu o seu próprio sabre-de-luz e aparou o ataque de Vader com perfeição. No mesmo movimento, Luke virou-se para Vader e, com a mente e o corpo inteiramente sintonizados, convocou a Força. Sentindo o poder dentro de si, Luke ergueu sua arma de *laser* e golpeou firmemente a cabeça de Vader.

O golpe era poderoso e a cabeça do Lorde Negro foi prontamente separada do corpo. Cabeça e capacete caíram ruidosamente no chão e rolaram com um estrépito metálico. E enquanto Luke observava, atônito, o corpo de Vader foi inteiramente tragado pela escuridão. Luke baixou os

olhos para o capacete, que viera parar diretamente à sua frente. Por um momento, o capacete ficou completamente imóvel, depois rachou e partiu-se ao meio.

Luke continuou a observar, aturdido, incrédulo. O capacete rachado abriu-se para revelar não o rosto desconhecido e imaginado de Darth Vader, mas o rosto do próprio Luke, fitando-o.

Ele prendeu a respiração, horrorizado com a visão. E depois, tão subitamente quanto aparecera, a cabeça decapitada desvaneceu-se, como se fosse uma visão fantasmagórica.

Luke ficou olhando para o espaço escuro onde antes estavam a cabeça e os fragmentos do capacete. A mente girava vertiginosamente, as emoções que

o dominavam eram quase intensas demais para conseguir suportá-las.

A árvore! disse Luke a si mesmo. Era tudo algum truque daquela caverna horrenda, algum plano de Yoda, programada porque ele entrarei na caverna empunhando uma arma.

Luke se perguntou se realmente estivera lutando consigo mesmo ou se cedera às tentações do lado negativo da Força. Podia até se tornar tão diabólico quanto Darth Vader. E ele imaginou se não haveria algum significado ainda mais sinistro por trás da visão inquietante.

Passou-se um longo tempo antes que Luke Skywalker fosse capaz de sair daquela caverna escura e profunda.

Enquanto isso, sentado na raiz lá fora, o pequeno Mestre Jedi calmamente roía o Bastão de Gimer.

## **XI**

ESTAVA AMANHECENDO no planeta gasoso Bespin.

Ao se aproximar da atmosfera do planeta, o *Millenium Falcon* passou por diversas das muitas luas de Bespin. O planeta luzia com a mesma coloração rosada suave do amanhecer que cobria o casco da poderosa espaçonave pirata. Ao entrar na atmosfera, a espaçonave desviou-se para evitar uma densa formação de nuvens em turbilhão, envolvendo o planeta quase que totalmente.

Depois de passar finalmente pela camada de nuvens mais densa, Han Solo e seus companheiros tiveram o primeiro vislumbre do mundo gasoso de Bespin. E notaram também que estavam sendo seguidos por alguma espécie de veículo voador. Han reconheceu o veículo como um carro-de-nuvem, mas ficou surpreso quando percebeu o que se aproximava de seu cargueiro. O *Falcon* estremeceu subitamente quando um disparo de *laser* atingiu o casco. Ninguém a bordo estava esperando por aquela espécie de recepção.

O outro veículo transmitiu uma mensagem obscurecida pela estática para o sistema de rádio do *Falcon*.

— Não! — gritou Han em resposta. — Não tenho permissão para pousar. Meu registro é...

Mas suas palavras foram abafadas pelo crepitar ruidoso de estática de rádio.

O veículo desconhecido aparentemente não estava disposto a aceitar estática como uma resposta. Disparou novamente sua arma de *laser* contra o *Falcon*, fazendo o cargueiro sacudir violentamente.

Uma voz nítida de advertência saiu pelos alto-falantes do *Falcon*:

— Cuidado! Qualquer movimento agressivo implicará a sua destruição imediata!

A essa altura, Han não tinha a menor intenção de efetuar qualquer movimento agressivo. Bespin era a única esperança que eles tinham de encontrar um abrigo e ele não planejava provocar qualquer hostilidade dos anfitriões em perspectiva.

— Eles são um tanto sensíveis, hem? — comentou o reativado C-3PO.

— Pensei que conhecesse o pessoal daqui — disse Leia, lançando um olhar desconfiado para Han.

— Já faz algum tempo que não nos encontramos — desculpou-se o coreliano.

Chewbacca rosnou e grunhiu, sacudindo a cabeça expressivamente para Han.

— Isso aconteceu há muito tempo — respondeu Han bruscamente. —

Tenho certeza que ele já esqueceu.

Mas ele começou a imaginar se Lando já esquecera mesmo o passado...

— Permissão concedida para pouso na Plataforma 327. Qualquer desvio do curso determinado implicará a...

Furioso. Han desligou o rádio. Por que estava sendo submetido a todo aquele vexame? Não estava chegando ali pacificamente? E Lando já não devia ter esquecido o que acontecera? Chewbacca grunhiu e olhou para Han, que virou-se para Leia e o preocupado robô dourado.

— Ele vai nos ajudar — garantiu Han, procurando tranquilizar a todos.

— Vai dar tudo certo. Não se preocupem ...

— Quem está preocupada? — mentiu Leia, sem convencer a ninguém.

A esta altura, já podiam divisar claramente a Cidade das Nuvens de Bespin através da janela da cabine. A cidade era imensa e parecia flutuar nas nuvens, como se emergisse da atmosfera branca. À medida que o *Millenium Falcon* se aproximava, ficou evidente que a vasta cidade tinha sua estrutura apoiada numa única coluna fina. E a base dessa haste de sustentação era um vasto reator redondo, que flutuava num encapelado mar de nuvens.

O *Millenium Falcon* mergulhou mais na direção da cidade, seguindo para as plataformas de pouso, sobrevoando torres e espirais de altura impressionante, que pontilhavam a paisagem. Em torno daquelas estruturas voavam outros carros semelhantes ao que recebera o *Falcon*, deslizando sem esforço entre as nuvens.

Suavemente, Han pousou o *Falcon* na Plataforma 327. Assim que os motores de íon foram desligados, o comandante e seus companheiros avistaram o grupo de recepção encaminhando-se para a plataforma, empunhando armas. Como qualquer outro, aquele grupo de habitantes da Cidade das Nuvens incluía alienígenas, dróides e humanos de todas as raças e tipos. Um dos homens era o líder do grupo, Lando Calrissian.

Lando, um negro bonito, provavelmente da mesma idade de Han, vestia uma elegante calça cinzenta, blusão azul e um manto azul que flutuava

atrás dele. Parou sem sorrir na Plataforma de Pouso 327 e ficou esperando que a tripulação do *Falcon* desembarcasse.

Han Solo e a Princesa Leia apareceram na porta aberta da espaçonave, empunhando armas. Parado atrás deles estava o gigante Wookiee, também de arma na mão e uma cartucheira de munição pendurada no ombro esquerdo.

Han não disse nada, observando atentamente o grupo de recepção ameaçador que marchava pela plataforma ao encontro deles. Um vento matutino começou a soprar, fazendo com que o manto de Lando se enfunasse, como se fossem enormes asas azuis.

— Não estou gostando da situação — sussurrou Leia para Han.

Ele também não estava gostando, mas não ia deixar que a princesa soubesse disso.

— Vai dar tudo certo — garantiu ele. — Confie em mim.

Ele fez uma pausa e depois acrescentou, cautelosamente:

— Mas fique de olhos bem abertos. E espere aqui. Han e Chewbacca

deixaram Leia guardando o *Falcon* e desceram pela rampa para enfrentar Lando Calrissian e seu exército tão heterogêneo. Os dois grupos foram avançando na direção um do outro, até que Han e Calrissian pararam, separados por uma distância de três metros, fitando-se atentamente. Por um longo momento, ficaram parados assim, sem dizerem nada.

Calrissian finalmente falou, sacudindo a cabeça e estreitando os olhos para Han:

— Ora, seu patife, traiçoeiro, imprestável, miserável!

— Posso explicar tudo, companheiro — disse Han rapidamente. — Isto é, se estiver disposto a escutar...

Ainda muito sério, Lando surpreendeu alienígenas e humanos ao dizer:

— É um prazer vê-lo de novo.

Han alteou uma sobrancelha, ceticamente.

— Não guarda ressentimentos?

— Está brincando? — perguntou Lando, friamente.

Han estava ficando nervoso. Fora ou não perdoado? Os guardas e assistentes ainda não haviam baixado as armas e a atitude de Lando era desconcertante. Tentando disfarçar sua preocupação, Han comentou jovialmente:

— Eu sempre disse que você é um verdadeiro cavalheiro.

Com isso, o outro homem abriu-se num sorriso e disse:

— Não tenho a menor dúvida quanto a isso.

Han riu, aliviado. Os dois velhos amigos finalmente se abraçaram, como os cúmplices há tanto tempo separados.

Lando acenou para o Wookiee parado atrás de seu chefe e disse jovialmente:

— Como estão as coisas, Chewbacca? Continua a perder seu tempo com este palhaço, hem?

O Wookiee soltou um grunhido reservado de saudação.

Calrissian ficou sem saber direito como interpretar aquele grunhido.

Exibiu um meio-sorriso, parecendo constrangido, e murmurou:

— Certo, certo...

Mas sua atenção foi logo desviada daquela massa imensa de músculos e cabelos quando avistou Leia começando a descer pela rampa. A visão

maravilhosa era seguida de perto por seu robô dourado, que olhava cautelosamente ao redor, enquanto se encaminhavam para Han e Lando.

— Olá! Mas que linda surpresa! — exclamou Calrissian, recebendo-a com uma admiração evidente. — Sou Lando Calrissian, administrador destas instalações. E a quem tenho a honra de cumprimentar?

A princesa permaneceu friamente polida ao responder:

— Pode me chamar de Leia.

Lando fez uma reverência formal e beijou gentilmente a mão da princesa.

O robô dourado tratou de apresentar-se ao administrador de Bespin:

— E eu sou C-3PO, relações humano-cibernéticas, ao seu inteiro...

Mas antes que C-3PO pudesse concluir seu pequeno discurso, Han passou o braço pelos ombros de Lando e afastou-o da princesa, avisando ao velho amigo:

— Ela está viajando comigo, Lando. E não tenciono perdê-la no jogo.

Portanto, acho melhor esquecer que ela existe.

Lando olhou ansiosamente para trás, enquanto começava a atravessar a plataforma de pouso, junto com Han, seguidos por Leia, C-3PO e Chewbacca.

— Não vai ser fácil, amigo — comentou Lando, pesarosamente.

Ele voltou a concentrar-se em Han e indagou:

— Mas o que o traz até aqui?

— Reparos.

Um pânico zombeteiro estampou-se no rosto de Lando.



— O que fez com a minha espaçonave?

Sorrindo, Han olhou para Leia que estava logo atrás deles e explicou:

— Lando já foi o dono do *Falcon*. E às vezes esquece que o perdeu de forma limpa e indiscutível.

Lando deu de ombros, como a admitir que a alegação de Han era procedente.

— Aquela espaçonave salvou-me a vida muito mais que umas poucas vezes. É a banheira mais veloz de toda a galáxia. Qual é o problema que está havendo?

— Hipervôo.

— Mandarei o meu pessoal cuidar disso imediatamente — disse Lando. — Detesto pensar no *Millenium Falcon* sem o seu coração.

O grupo atravessou a ponte estreita que ligava a plataforma de pouso à cidade... e no mesmo instante os visitantes ficaram deslumbrados com a cena maravilhosa com que se depararam. Avistaram numerosas pequenas praças, cercadas por torres e prédios. As estruturas que constituíam as zonas comerciais e residenciais da Cidade das Nuvens eram de um branco reluzente, brilhando intensamente ao sol da manhã. Numerosas raças alienígenas formavam a população da cidade e muitos desses cidadãos caminhavam tranquilamente pelas ruas espaçosas, ao lado dos visitantes do *Falcon*.

— Como está indo a sua operação mineira? — Han perguntou a Lando.

— Não tão bem quanto eu gostaria. Somos um pequeno posto avançado e não conseguimos nos tornar auto-suficientes. Tenho enfrentado problemas de suprimentos de todos os tipos e...

O administrador fez uma pausa, percebendo o sorriso divertido de Han.

— O que é tão engraçado?

— Nada. — Mas Han não resistiu e soltou uma risada. — Eu jamais poderia imaginar que por baixo do aventureiro turbulento pudesse existir um líder responsável e um empresário competente.

Relutantemente, Han não podia deixar de reconhecer que estava impressionado.

— Mas você está se saindo muito bem.

Lando olhou para o velho amigo, pensativo.

— A sua presença aqui me traz algumas recordações. Ele sacudiu a cabeça, sorrindo. — Isso mesmo, sou agora um homem responsável. É o preço do sucesso. E quer saber de uma coisa, Han? Você estava certo o tempo todo. Não é nada demais.

Os dois desataram a rir, fazendo com que umas poucas cabeças se virassem para observá-los, enquanto o grupo continuava a avançar pelas ruas da cidade.

C-3PO, um pouco atrás, estava fascinado com as multidões alienígenas que povoavam ativamente as ruas da Cidade das Nuvens, os carros flutuantes, os prédios fabulosos, de uma suntuosidade excepcional. Ele virava a cabeça continuamente de um lado para outro, tentando registrar tudo em seus circuitos de computador.

Enquanto contemplava embasbacado a cidade, C-3PO passou por uma porta que se abria diretamente para a calçada. Ouvindo-a abrir, ele virou-se e deparou com uma unidade Três C-3PO prateada saindo. Parou e ficou

observando o outro robô afastar-se. Um momento depois, ouviu bips e assovios abafados soando atrás da porta.

Ele deu uma espiada e avistou um dróide de aparência familiar numa ante-sala.

— Ora essa, uma unidade R2! — exclamou C-3PO, deliciado. — Eu já tinha quase esquecido como soavam!

C-3PO passou pela porta e entrou na ante-sala. No mesmo instante, sentiu que ele e a unidade R2 não estavam sozinhos ali. Levantou os braços dourados em surpresa, a expressão de espanto fixando-se na placa dourada do rosto.

— Oh, não! Mas parecem...

Antes que ele terminasse de falar, uma descarga de laser atingiu o peito de metal, jogando-o em fragmentos por todos os lados da sala. Os braços e pernas chocaram-se contra as paredes e desabaram em pilhas fumegantes, assim como o resto de seu corpo.

Por trás dele, a porta foi bruscamente fechada.

A alguma distância, Lando guiava o pequeno grupo para seu escritório, apontando as coisas mais interessantes, enquanto avançavam pelos corredores brancos. Nenhum deles notou a ausência de C-3PO, enquanto conversavam sobre a vida em Bespin.

Mas Chewbacca estacou subitamente e curiosamente farejou o ar, ao mesmo tempo em que olhava para Irás. Depois, deu de ombros e continuou a seguir os outros.

Luke estava perfeitamente calmo. Nem mesmo a sua atual posição fazia-o sentir-se tenso, nervoso, inseguro ou qualquer das emoções negativas que experimentara ao tentar aquele feito pela primeira vez. Com o corpo esticado, mantinha perfeito equilíbrio sobre uma das mãos. Sabia

que a Força estava nele.

Yoda, seu paciente mestre, estava calmamente sentado nas solas dos pés de Luke, virados para cima. Luke concentrou-se serenamente na tarefa e de repente levantou quatro dedos do chão: O equilíbrio intato, ele manteve a posição de cabeça para baixo... apoiado apenas no polegar.

A determinação de Luke transformara-o num bom discípulo. Tinha ânsia em aprender e não se deixava intimidar pelos testes que Yoda lhe apresentava. E agora confiava que, ao deixar finalmente aquele planeta,

seria um experiente Cavaleiro Jedi, preparado para lutar apenas pela mais nobre das causas.

Luke rapidamente se tornava mais forte com a Força. Na verdade, estava realizando milagres, e Yoda ficava cada vez mais satisfeito com os progressos do seu discípulo. Em determinada ocasião, enquanto Yoda observava das proximidades, Luke usou a Força para levantar duas caixas de equipamentos bem grandes, mantendo-as suspensas em pleno ar. Yoda ficou satisfeito, mas notou que R2-D2 observava aquela aparente impossibilidade, emitindo bips eletrônicos de incredulidade. O Mestre Jedi ergueu a mão e, com a Força, levantou o pequeno dróide.

R2-D2 pairou no ar, os aturdidos circuitos internos e sensores tentando detectar o poder invisível que o mantinha suspenso. E de repente a mão invisível fez outra brincadeira com ele: continuando suspenso em pleno ar, o pequeno robô foi bruscamente virado de cabeça para baixo. As pernas brancas se debateram desesperadamente e a cabeça em domo girou ao redor, impotente em compreender o que estava acontecendo. Quando Yoda finalmente baixou a mão, o dróide começou a baixar, juntamente com as duas caixas de suprimentos. Mas somente as caixas se chocaram com o solo. R2-D2 permaneceu suspenso no espaço.

Virando a cabeça, R2-D2 percebeu a presença de seu jovem senhor, de pé com a mão estendida, impedindo que o robô sofresse uma queda fatal.

Yoda sacudiu a cabeça, impressionado com o pensamento ágil e o controle de seu discípulo.

Yoda pulou no braço de Luke e os dois se viraram para retornar à casa.

Mas haviam esquecido uma coisa: R2-D2 ainda estava suspenso no ar,

bipando e assoviando freneticamente, tentando atrair-lhes a atenção. Yoda simplesmente fazia outra brincadeira com o rabugento robô; e enquanto os dois se afastavam, R2-D2 ouviu o Mestre Jedi soltar uma risada, que flutuou por trás dele, enquanto o dróide baixava lentamente até o solo.

Alguns tempos depois, quando o crepúsculo se insinuava pela densa folhagem do pântano, R2-D2 limpava o casco do caça X-wing. Por uma mangueira que saía da água para um orifício em seu lado, o robô esguichava um potente jato na espaçonave. Enquanto ele trabalhava, Luke e Yoda estavam sentados na clareira. Luke, com os olhos fechados, em concentração.

— Fique calmo — disse-lhe Yoda. — Através da Força, coisas irá ver: outros lugares, outros pensamentos, o futuro, o passado, velhos amigos desaparecidos há muito.

Luke se desprendia de si mesmo enquanto se concentrava nas palavras de Yoda. Estava se tornando inconsciente do próprio corpo, deixando que a percepção vagasse com as palavras do mestre.

— Minha mente se povoa de muitas imagens.

— Controle, controle você deve aprender do que vê — instruiu o Mestre Jedi. — Não fácil, não depressa.

Luke tornou a fechar os olhos, relaxou, começou a libertar a mente, começou a controlar as imagens. Finalmente havia algo, não muito claro a princípio, mas algo branco, amorfo. Gradativamente, a imagem foi se delineando. Parecia ser de uma cidade, uma cidade que talvez flutuasse num mar branco turbilhonando.

— Vejo uma cidade nas nuvens — disse Luke finalmente.

— Bespin — identificou Yoda. — Vejo também. Amigos você tem lá, hem? Concentre-se e vê-los conseguirá.

A concentração de Luke aumentou. E a cidade nas nuvens tornou-se mais nítida. À medida que mais se concentrava, era capaz de divisar formas, vultos familiares de pessoas que conhecia.

— Eu os vejo! — exclamou Luke, com os olhos ainda fechados. Depois, uma súbita agonia, de corpo e espírito, dominou-o. — Eles sentem dor!

Estão sofrendo!

— É o futuro que você vê — explicou a voz de Yoda. O futuro, pensou Luke. O que significava que a dor que sentia ainda não fora infligida a seus amigos. Portanto, talvez o futuro não fosse inalterável.

— Eles vão morrer? — perguntou Luke ao Mestre Jedi.

Yoda sacudiu a cabeça, dando de ombros gentilmente.

— Difícil de ver. Sempre em movimento está o futuro. Luke abriu os olhos novamente. Levantou-se e começou rapidamente a reunir seu equipamento.

— São meus amigos — disse ele, adivinhando que o Mestre Jedi poderia tentar dissuadi-lo de fazer o que sabia que devia ser feito.

— E justamente por isso decidir você deve como melhor ajudá-los —

acrescentou Yoda. — Se partir agora, ajudá-los você poderá. Mas destruiria tudo por que eles lutaram e sofreram.

As palavras de Yoda detiveram Luke abruptamente. O jovem arriou para o solo, sentindo uma mortalha de desespero envolvê-lo. Poderia realmente destruir tudo por que se empenhara e possivelmente destruir também seus amigos? Mas como poderia *não* tentar salvá-los?

R2-D2 percebeu o desespero de seu senhor e rolou para se postar ao lado dele, proporcionando o consolo que podia oferecer.

Chewbacca, que fora ficando cada vez mais preocupado com C-3PO, afastou-se de Han Solo e dos outros, começando a procurar pelo dróide desaparecido. Tudo o que precisava fazer era seguir os seus aguçados instintos de Wookiee, enquanto vagueava pelas ruas e corredores brancos desconhecidos de Bespin.

Seguindo os seus instintos, Chewbacca finalmente chegou a uma enorme sala, num corredor no lado de fora da Cidade das Nuvens.

Aproximou-se da entrada da sala e ouviu o estrépito de objetos metálicos lá dentro. Juntamente com o estrépito, pôde ouvir os grunhidos baixos de criaturas que nunca antes vira.

A sala que encontrara era um depósito de lixo da Cidade das Nuvens, onde se guardavam todas as máquinas quebradas e outros refugos de metal descartados.

Paradas entre os pedaços de metal espalhados e fios emaranhados estavam quatro criaturas que se assemelhavam, a porcos. Cabelos brancos cresciam densamente nas cabeças e cobriam parcialmente as caras porcinas enrugadas. As bestas humanóides, chamadas Ugnaughts naquele planeta, estavam ocupadas a separar as peças de metal variadas, lançando-as num poço de metal derretido.

Chewbacca entrou na sala e descobriu que um dos Ugnaughts segurava um pedaço de metal dourado de aparência familiar.

A criatura porcina já erguia o braço para arremessar a perna de metal cortada no poço fumegante quando Chewbacca rugiu-lhe, berrando desesperadamente. O Ugnaught largou a perna e correu, para se refugiar junto aos companheiros, todos encolhidos e tremendo de pavor.

O Wookiee pegou a perna de metal e examinou-a atentamente. Não se enganara. E enquanto ele rosnava furiosamente, os Ugnaughts tremiam e grunhiam como um bando de porcos apavorados.

A luz do sol penetrava na sala circular dos aposentos designados a Han Solo e seus companheiros. A sala era branca e mobiliada com simplicidade, tendo um sofá e uma mesa, praticamente mais nada além disso. Cada uma das quatro portas corrediças, instaladas ao longo da parede circular, levava a um aposento contíguo.

Han inclinou-se pela ampla janela panorâmica da sala para contemplar a Cidade das Nuvens. A vista era impressionante, mesmo para um calejado viajante espacial. Ele ficou observando os pequenos veículos voadores

entre as torres, depois olhou para as multidões que desfilavam pelas ruas lá embaixo. O ar frio e puro investia contra seu rosto; pelo menos no momento, Han tinha a sensação de que não precisava se preocupar com coisa alguma.

Uma porta se abriu atrás dele. Han virou-se para deparar com a Princesa Leia parada à entrada de seu aposento. Ela estava deslumbrante.

Vestida de vermelho, com um manto branco que flutuava até o chão, Leia parecia mais linda do que Han jamais a vira. Os cabelos pretos compridos presos com fitas, emoldurando suavemente o rosto oval. E ela o fitava fixamente, sorrindo da expressão atônita de Han.

— O que está olhando desse jeito? — perguntou Leia, começando a ficar corada.

— Quem está olhando?

— Você parece tolo — disse ela, rindo.

— Você parece maravilhosa.

Leia desviou os olhos, embaraçada.

— C-3PO já voltou? — perguntou ela, tentando mudar de assunto.

Han foi apanhado totalmente de surpresa.

— Hem? Ahn... sim... Chewie saiu para procurá-lo. E ele já viajou demais para se perder.

Ele pôs a mão no sofá macio e acrescentou:

— Venha até aqui. Quero conferir tudo.

Leia meditou sobre o convite por um momento, depois se adiantou e foi sentar no sofá, ao lado dele. Han ficou exultante com a aparente submissão dela e inclinou-se para passar o braço por aqueles ombros deslumbrantes. Mas um instante antes de fazê-lo, Leia voltou a falar:



— Espero que Luke tenha conseguido alcançar a frota são e salvo.

— Luke!

Han estava começando a sentir-se exasperado. Até que ponto teria de se empenhar naquele jogo de difícil-de-conquistar? O jogo era dela, assim como as regras... mas Han concordara em participar. Ela era adorável demais para que pudesse resistir. E Han tratou de acrescentar, suavemente:

— Tenho certeza de que ele está bem. Provavelmente sentado em algum lugar com todo o conforto, tentando imaginar o que estamos fazendo neste exato momento.

Han chegou mais perto e passou o braço pelos ombros dela, puxando-a ao seu encontro. Leia fitou-o com uma expressão convidativa e ele se inclinou para beijá-la...

Foi nesse instante que uma das portas se abriu bruscamente.

Chewbacca entrou, carregando uma caixa grande, repleta de componentes de metal inquietantemente familiares... os fragmentos dourados de C-3PO.

O Wookiee largou a caixa em cima da mesa. Gesticulando para Han, grunhiu e urrou angustiosamente.

— O que aconteceu? — perguntou Leia, aproximando-se para examinar a pilha de componentes desmontados.

— Ele encontrou C-3PO num depósito de lixo. Leia estava aturdida.

— Mas que confusão! Chewie, acha que pode consertá-lo?

Chewbacca estudou o amontoado de componentes de robô, depois virou-se para a princesa, deu de ombros e uivou. Parecia-lhe uma tarefa impossível.

— Por que simplesmente não o encaminhamos a Lando para que mande consertá-lo? — sugeriu Han.

— Não, obrigada — respondeu Leia, com uma expressão fria nos olhos.

— Há alguma coisa terrivelmente errada por aqui. Seu amigo Lando é muito simpático. mas não confio nele.

— Pois eu confio nele — alegou Han, defendendo seu anfitrião. —

Escute, querida, não vou permitir que fique acusando meu amigo de...

Ele foi interrompido por um zumbido, enquanto a Porta se abria e Lando Calrissian entrava na sala. Sorrindo cordialmente, ele encaminhou-se para o pequeno grupo.

— Desculpem... estou interrompendo alguma coisa?

— Não, não realmente — respondeu a princesa, com um ar distante.

Ignorando a frieza dela, Lando disse:

— Minha cara, sua beleza é incomparável. Não resta a menor dúvida de que pertence a este lugar, entre as nuvens.

Leia sorriu friamente.

— Obrigada.

— Não gostariam de me acompanhar numa pequena refeição?

Han não podia deixar de admitir que estava um tanto faminto. Mas, por alguma razão que não podia explicar, sentiu-se invadido por uma onda de suspeita em relação ao velho amigo. Não se lembrava de jamais ter visto Lando Calrissian tão polido, tão suave. Talvez fossem justas as suspeitas de Leia...

Os pensamentos dele foram interrompidos pelo grunhido entusiástico de Chewbacca à menção de comida. O imenso Wookiee já estava lambendo os lábios diante da perspectiva de uma farta refeição.

— Todos estão convidados, é claro — acrescentou Lando.

Leia pôs a mão no braço estendido de Lando. Enquanto o grupo encaminhava-se para a porta, Lando viu a caixa com os componentes do robô dourado. E perguntou:

— Estão tendo problemas com seu dróide?

Han e Leia trocaram um rápido olhar. Se Han ia pedir a ajuda de Lando para consertar o robô, aquele era o momento. Mas ele limitou-se a dizer:

— Houve um acidente. Mas não é nada que não possamos resolver.

E saíram da sala, deixando para trás os componentes fragmentados do robô dourado.

O grupo avançou por longos corredores brancos, com Leia caminhando entre Han e Lando. Han não tinha muita certeza se apreciava a perspectiva de competir com Lando pelas atenções de Leia... especialmente nas circunstâncias. Mas estavam agora na dependência da boa vontade de Lando. Não tinham alternativa.

O ajudante pessoal de Lando acompanhava-os, um homem alto e calvo, vestindo um blusão cinzento, com mangas amarelas bufantes. Usava também um equipamento de rádio, cobrindo a parte de trás da cabeça e os ouvidos. Caminhava ao lado de Chewbacca, a uma curta distância atrás de Han, Leia e Lando. Enquanto seguiam para o salão de jantar, Lando descrevia o governo de seu planeta.

— Como podem verificar — explicou ele — somos um posto livre e não estamos sob a jurisdição do Império.

— Quer dizer que vocês integram a associação mineira? — indagou Leia.

— Para dizer a verdade, não. Nossa operação é pequena o bastante para passar despercebida. Uma boa parte do nosso comércio é... extra-oficial, digamos assim.

Eles saíram para uma varanda de onde se descortinava quase toda a Cidade das Nuvens. Podiam ver diversos veículos voando graciosamente em torno

dos lindos prédios da cidade. A vista era espetacular e os visitantes ficaram impressionados.

— É uma cidade maravilhosa — comentou Leia.

— Temos muito orgulho dela — disse Lando. — Vai descobrir que o ar aqui é muito especial... bastante estimulante.

Ele sorriu significativamente para Leia, acrescentando:

— Pode até começar a gostar demais.

Han percebeu o olhar sedutor de Lando... e não ficou nada satisfeito.

— Não planejamos ficar aqui por muito tempo — disse ele, bruscamente.

Leia alteou uma sobrancelha e olhou maliciosamente para o agora furioso Han Solo.

— Pois estou achando a cidade extremamente agradável.

Lando soltou uma risadinha enquanto saíam da varanda.

Aproximaram-se do salão de jantar, com as imensas portas fechadas. Ao pararem diante delas, Chewbacca levantou a cabeça e farejou o ar.

curiosamente. Virou-se e grunhiu urgentemente para Han.

— Agora não, Chewie — reprovou-o Han, virando-se para Lando e acrescentando: — Não tem receio de que o Império possa acabar descobrindo esta pequena operação o venha a fechá-la, Lando?

— Este sempre foi o perigo — respondeu o administrador. — Sempre foi a sombra ameaçadora pairando sobre tudo o que construímos aqui. Mas surgirão circunstâncias que vão nos garantir completa segurança. Fiz um acordo que vai manter o Império a distância daqui para sempre.

Com isso, as portas se abriram... e Han imediatamente compreendeu o que devia estar envolvido naquele "acordo". Na outra extremidade da imensa

mesa de jantar ele viu Boba Fett, o caçador de recompensas.

Fett estava de pé ao lado de uma cadeira que continha a essência negra do próprio mal... Darth Vader. Lentamente, o Lorde Negro levantou-se, em toda sua ameaçadora altura de dois metros.

Han lançou um olhar de ódio mortal para Lando.

— Desculpe, amigo — disse Lando, parecendo ligeiramente constrangido.

— Não tive alternativa. Eles chegaram imediatamente antes

de você.

— Também lamento — disse Han bruscamente.

E no mesmo instante ele tirou sua arma do coldre, apontando diretamente para o vulto de preto, pondo-se a disparar descargas de *laser*.

Mas o homem que talvez fosse o mais rápido da galáxia não era rápido o bastante para surpreender Vader. Antes que as descargas estivessem na metade da mesa, o Lorde Negro levantou a mão enluvada e facilmente, sem qualquer esforço aparente, desviou as descargas, que foram explodir contra a parede, numa chuva inofensiva de estilhaços brancos.

Atônito com o que acabara de ver, Han tentou disparar novamente.

Mas antes que pudesse emitir outra descarga de *laser*, alguma coisa...

alguma coisa invisível, mas incrivelmente forte... arrancou-lhe a arma da mão e a fez voar na direção de Vader, que a empunhou. O vulto espectral calmamente colocou a arma em cima da mesa de jantar.

E sibilando pela máscara preta, o Lorde Negro dirigiu-se ao homem que o atacara:

— Ficaríamos honrados se nos acompanhasse ao jantar.

R2-D2 sentia a chuva caindo no topo de seu domo de metal, enquanto avançava através das poças de lama do pântano. Seguiu para o refúgio da

pequena cabana de Yoda e não demorou muito para que seus sensores óticos captassem o brilho dourado que saía pelas janelas. Ao se aproximar da casa convidativa, ele experimentou o alívio de robô ao pensar que iria se livrar daquela chuva incômoda e persistente.

Mas quando tentou passar pela entrada, descobriu que seu corpo inflexível de dróide simplesmente não podia entrar; tentou de um ângulo, depois de outro. Finalmente penetrou em sua mente-computador a percepção de que possuía o formato errado para passar pela abertura.

R2-D2 mal podia acreditar em seus sensores. Ao espiar para o interior da habitação, divisou um vulto em atividade, ocupado na cozinha, remexendo panelas fumegantes, remexendo isso e aquilo, correndo de um lado para outro. Só que o vulto na pequena cozinha de Yoda, efetuando as tarefas de Yoda, não era o Mestre Jedi... mas sim o seu discípulo.

Yoda, pelo que os sensores de R2-D2 informaram, estava simplesmente sentado na sala adjacente, observando o jovem discípulo e sorrindo serenamente. Depois, subitamente, em meio à atividade intensa na cozinha, Luke parou, como se uma visão dolorosa tivesse aparecido diante de seus olhos.

Yoda notou a expressão perturbada de Luke. E enquanto ele continuava a observar o jovem discípulo, três bolas de energia surgiram de trás de Yoda e silenciosamente dispararam pelo ar para atacar o Jedi.

Instantaneamente, Luke virou-se para enfrentá-las, uma tampa de panela numa das mãos e uma colher na outra.

As bolas de energia emitiram uma descarga após outra contra Luke.

Mas ele desviou todas, com uma eficiência espantosa. Derrubou uma das bolas na direção da porta, onde R2-D2 estava parado, observando o desempenho de seu senhor. Mas o fiel dróide só viu a bola refulgente tarde demais para evitar a descarga que foi lançada em sua direção. O impacto derrubou o robô a guinchar, sacudindo-o violentamente e quase desprendendo as suas entranhas eletrônicas.

Mais tarde, naquela noite, depois que o discípulo passara com sucesso por diversos testes impostos pelo mestre, um exausto Luke Skywalker finalmente adormeceu no chão, no lado de fora da habitação de Yoda. Teve um sono irrequieto, remexendo-se e gemendo baixinho. Seu dróide preocupado permaneceu ao lado, a todo instante estendendo um braço mecânico e cobrindo Luke com a manta que lhe resvalava do corpo. Mas quando R2-D2 começava a se afastar, Luke punha-se a gemer e tremer, como se dominado por algum pesadelo terrível.

Dentro da casa, Yoda ouviu os gemidos e correu para a porta. Luke acordou com um sobressalto. Aturdido, olhou ao redor, avistou seu mestre a observá-lo da casa com uma expressão preocupada.

— Não consigo tirar a visão da cabeça — disse Luke.

— Meus amigos... estão em dificuldades... e sinto que...

— Luke, não deve agora ir — advertiu Yoda.

— Mas Han e Leia vão morrer se eu não for!

— Não sabe disso.

Era a voz sussurrada de Ben, que começava a se materializar diante deles. O vulto num manto negro estava parado, uma imagem vacilante. E

acrescentou para Luke:

— Nem mesmo Yoda pode ver o destino deles.

Mas Luke, profundamente preocupado com os amigos, estava determinado a fazer alguma coisa para socorrê-los.

— Posso ajudá-los!

— Ainda não está pronto — disse Ben, gentilmente.

— Falta-lhe muito para aprender.

— Sinto a Força!

— Mas não pode controlá-la. Este é um estágio perigoso para você, Luke. Está agora mais suscetível às tentações do lado negativo.

— Sim, sim — acrescentou Yoda. — A Obi-Wan deve escutar, meu jovem. A árvore. Lembre-se de seu fracasso da árvore! Hem?

Angustiado, Luke recordou, embora sentisse que adquirira muita força e compreensão com a experiência.

— Aprendi muito desde então. E voltarei para acabar. Prometo, mestre.

— Está subestimando o Imperador — disse-lhe Ben, gravemente. — É a você que ele quer. E é por isso que seus amigos sofrem.

— E é por isso que eu devo partir! — declarou Luke. Kenobi continuou a insistir:

— Não vou perdê-lo para o Imperador, assim como outrora perdi Vader.

— Pode estar certo que não vai me perder.

— Somente um Cavaleiro Jedi plenamente treinado, tendo a Força como aliada, poderá derrotar Vader e seu Imperador — afirmou Ben. — Se encerrar seu treinamento agora, se optar pelo caminho rápido e fácil...

como Vader fez... vai se tornar um agente do mal e a galáxia mergulhará mais ainda no abismo do ódio e desespero.

— Detidos eles devem ser — interveio Yoda. — Está me ouvindo? É disso que tudo depende.

— Você é o último Jedi, Luke. É a nossa única esperança. Seja paciente.

— E devo sacrificar Han e Leia? — indagou o rapaz, incrédulo.



— Se honrar quiser aquilo por que eles lutam... — Yoda fez uma longa pausa, antes de arrematar: — ... sim!

Luke foi dominado por uma terrível angústia. Não tinha certeza se podia conciliar os conselhos daqueles dois mentores excepcionais com os seus próprios sentimentos. Os amigos corriam terrível perigo e, é claro, ele deveria se empenhar para salvá-los. Mas os mestres achavam que ele não estava pronto, que ainda podia estar vulnerável demais ao poderoso Vader e seu Imperador, que podia prejudicar aos amigos e a si mesmo... e possivelmente perder-se para sempre na trilha do mal.

Contudo, como poderia temer essas coisas abstratas quando Han e Leia eram reais e estavam sofrendo? Como poderia permitir-se temer um perigo possível para si mesmo quando seus amigos estavam no momento enfrentando um perigo concreto de morte?

Não restava mais qualquer dúvida em sua mente sobre o que deveria fazer.

Era o crepúsculo do dia seguinte no planeta pantanoso quando R2-D2

acomodou-se em seu nicho atrás da cabine do caça X-wing de Luke Skywalker.

Yoda estava em cima de uma das caixas de suprimentos, observando Luke embarcar o resto no X-wing, trabalhando à claridade das luzes do aparelho.

— Não posso protegê-lo, Luke — disse a voz de Ben Kenobi, enquanto seu vulto envolto por um manto adquiria forma sólida. — Se prefere enfrentar Vader, terá de fazê-lo sozinho. A partir do momento em que tomou tal decisão, não posso interferir.

— Eu compreendo — respondeu Luke, calmamente. Virando-se para o dróide, ele acrescentou: — R2-D2, pode ativar os conversores de energia.

R2-D2, que já aprontara todos os sistemas da espaçonave, assoviou alegremente, feliz por estar deixando aquele desolado mundo pantanoso, que certamente não era lugar para um dróide.

— Luke, use a Força apenas para o conhecimento e para a defesa, não como uma arma — aconselhou Ben. — Não se entregue ao ódio e à ira. Eles levam ao lado Negativo.

Luke assentiu, não prestando muita atenção. A mente estava absorvida pela longa viagem e as difíceis missões que teria pela frente. Devia salvar os amigos, cujas vidas corriam perigo por sua causa. Ele subiu para a cabine e depois olhou para o pequeno Mestre Jedi.

Yoda estava profundamente preocupado com seu discípulo.

— Forte é Vader — advertiu ele, sombriamente. — Incerto é o seu destino. Do que aprendeu deve se lembrar. Observe *tudo*, tudo! É o que salvá-lo poderá.

— Observarei, Mestre Yoda — assegurou-lhe Luke. — E voltarei para acabar o que comecei. Dou-lhe a minha palavra!

R2-D2 fechou a cabine e Luke acionou os motores.

Yoda e Obi-Wan Kenobi observaram os motores do X-wing rugirem e começaram a se afastar para a decolagem.

— Eu lhe falei — comentou Yoda, pesaroso, enquanto o caça começava a se elevar pelo céu nublado. — Temerário ele é. As coisas agora vão piorar.

— Aquele rapaz é a nossa última esperança — disse Ben Kenobi, a voz impregnada de emoção.

— Não — respondeu o antigo mestre de Kenobi, com um brilho de certeza nos olhos grandes. — Há outra.

Yoda levantou a cabeça para o céu que escurecia, onde a espaçonave de Luke já era um ponto de luz quase indiscernível entre as estrelas que cintilavam.

## **XII**

CHEWBACCA TINHA a sensação de que estava enlouquecendo.

A cela da prisão, inundada por uma luz intensa e ofuscante, lhe torturava os olhos sensíveis de Wookiee. Nem mesmo as mãos imensas e os braços cabeludos, erguidos diante do rosto, podiam protegê-lo da terrível claridade. E para aumentar seu desespero, um apito estridente ressoava no cubículo, atormentando o seu aguçado senso auditivo. Ele rugiu de agonia, mas os sons guturais eram abafados pelo ruído penetrante e implacável.

O Wookiee andava incessantemente de um lado para outro da pequena cela. Gemendo lastimosamente, ele bateu nas paredes espessas em desespero, querendo que alguém, qualquer pessoa, viesse libertá-lo.

Enquanto ele se debatia, o apito que quase explodira seus tímpanos cessou subitamente e o dilúvio de luz piscou por um instante e depois se apagou.

Chewbacca cambaleou um passo para trás com a súbita ausência da tortura, depois encaminhou-se para uma das paredes da cela, tentando descobrir se alguém se aproximava para soltá-lo. Mas as espessas paredes nada revelaram. Dominado por uma fúria incontrollável, Chewbacca esmurrou a parede com o punho imenso.

Mas a parede permaneceu intacta e tão impenetrável quanto antes.

Chewbacca compreendeu que seria necessário algo mais que a força bruta de um Wookiee para derrubá-la. Perdendo a esperança de arrombar a cela para recuperar a liberdade, Chewbacca arrastou-se de volta à cama, onde fora colocada a caixa com os componentes desmontados de C-3PO.

Indolentemente a princípio e depois com um interesse crescente, o Wookiee começou a vasculhar a caixa. Estava lhe ocorrendo que talvez fosse possível reparar o dróide dourado desmembrado. E tentaria fazê-lo não apenas para passar o tempo, mas também porque poderia ser útil ter C-3PO em condições de funcionar.

Ele pegou a cabeça dourada e contemplou os olhos escuros. Manteve-a

assim por algum tempo, grunhindo umas poucas palavras, como a preparar o robô para a alegria de voltar à atividade... ou para o desapontamento do possível fracasso de Chewbacca em reconstituí-lo da maneira apropriada.

Depois, com uma extrema delicadeza para uma criatura do seu tamanho e força, o gigante Wookiee ajeitou a cabeça por cima do torso dourado. Especulativamente, começou a mexer no emaranhado de fios e circuitos de C-3PO. As habilidades mecânicas de Chewbacca só haviam sido testadas anteriormente em reparos no *Millenium Falcon*, assim, não tinha qualquer certeza se seria capaz de concluir a delicada tarefa. O Wookiee ficou mexendo nos fios, aturdido com o intrincado mecanismo.

Subitamente, os olhos de C-3PO se iluminaram.

Um ganido saiu do interior do robô. Soava vagamente como a voz normal de C-3PO, mas era tão baixo e tão lento que as palavras eram ininteligíveis.

— Sooooooollll-daaa-dossssss-immmm-peeeee-riiii-aiiiiiiis...

Desconcertado, Chewbacca cocou a cabeça peluda e estudou atentamente o robô quebrado. Ocorreu-lhe uma idéia e experimentou ligar um fio em outra tomada. No mesmo instante, C-3PO começou a falar com sua voz normal. O que ele tinha a dizer soava como palavras de um pesadelo.

— Chewbacca! — gritou a cabeça de C-3PO. — Tome cuidado! Há soldados Imperiais escondidos em...

Ele fez uma pausa, como se estivesse revivendo toda a experiência traumática. E depois o robô dourado gritou:

— Oh, não! Fui atingido!

Chewbacca sacudiu a cabeça, sentindo uma profunda compaixão. Tudo o que podia fazer agora era tentar reconstituir o resto de C-3PO.

Era bem possível que fosse a primeira vez que Han Solo já gritara.

Nunca sofrerá um tormento tão terrível. Amarrado a uma plataforma

inclinada para o chão num ângulo aproximado de 45 graus, correntes elétricas de grande intensidade percorriam-lhe o corpo, a curtos intervalos, cada descarga mais forte e dolorosa que a anterior. Ele se contorcia,

tentando libertar-se, mas a agonia era tão intensa que isso era tudo o que podia fazer para se manter consciente.

Parado ao lado da plataforma de tortura, Darth Vader observava em silêncio o sofrimento de Han Solo. Parecendo não estar nem satisfeito nem insatisfeito, ele ficou olhando até concluir que já assistira o suficiente.

Nesse instante, o Lorde Negro virou as costas ao corpo que se contorcia e deixou a cela, a porta deslizando por trás dele para abafar os gritos agoniados de Solo.

Fora da câmara de tortura, Boba Fett esperava por Lorde Vader, juntamente com Lando Calrissian e seu assistente.

Com um desdém óbvio, Vader virou-se para Fett e disse-lhe:

— Se está esperando pelo seu dinheiro, caçador de recompensas, vai continuar esperando até que eu tenha Luke Skywalker.

O confiante Boba Fett pareceu não ficar abalado com essa informação.

— Não tenho pressa, Lorde Vader. Minha preocupação é que o Capitão Solo não seja destruído. A recompensa de Jabba o Hut será paga em dobro se ele estiver vivo.

— A dor dele é considerável, caçador de recompensas

— sibilou Vader. — Mas ele não será destruído.

— E Leia e o Wookiee? — indagou Lando, com alguma preocupação.

— Vai encontrá-los em bom estado — respondeu Vader, para logo depois acrescentar, incisivamente: — Mas eles nunca mais devem deixar esta cidade.

— Isso nunca foi uma das condições do nosso acordo

— alegou Calrissian. — Assim como também não ficou combinado

entregar Han a esse caçador de recompensas.

— Talvez pense que está sendo tratado injustamente

— comentou Vader, sarcasticamente.

— Claro que não — respondeu Lando, olhando rapidamente para seu assistente.

— Ainda bem. — E Vader acrescentou uma ameaça velada: — Seria muito desagradável se eu tivesse de deixar uma guarnição permanente aqui.

Inclinando a cabeça respeitosamente, Lando Calrissian esperou até que Darth Vader se virasse, e entrasse num elevador à espera, acompanhado pelo caçador de recompensas de armadura prateada. Depois, junto com seu assistente, o administrador da Cidade das Nuvens avançou rapidamente por um corredor de paredes brancas.

— Este acordo está ficando pior a cada momento que passa —

queixou-se Lando.

— Talvez devesse tentar negociar com ele — sugeriu o assistente.

Lando fitou-o com uma expressão sombria. Começava a compreender que o acordo com Darth Vader não estava lhe proporcionando coisa alguma. E, além disso, afetava terrivelmente pessoas que poderia ter considerado amigas. Ele voltou finalmente a falar, baixo o suficiente para não ser ouvido por qualquer um dos espiões de Vader:

— Estou com um mau pressentimento em relação a tudo isso.

C-3PO finalmente começava a sentir que recuperava a sua antiga personalidade.

O Wookiee empenhara-se ativamente em religar os muitos fios e circuitos internos do dróide e naquele momento começava a estudar como

poderia efetuar a conexão da perna. Até então, já colocara a cabeça no torso e conseguira concluir a ligação de um braço. O resto de C-3PO ainda estava em cima da mesa, com fios e circuitos saindo das diversas articulações desmembradas.

Mas embora o Wookiee trabalhasse diligentemente para completar a tarefa, o robô dourado começou a queixar-se veementemente:

— Alguma coisa não está certa, porque agora não posso ver.

O paciente Wookiee soltou um grunhido e ajustou um fio no pescoço de C-3PO. O robô pôde finalmente voltar a ver e deixou escapar um pequeno suspiro mecânico de alívio.

— Agora está melhor.

Mas não estava *muito* melhor. Assim que projetou o sensor recém-ativado para o lugar em que deveria estar seu peito, C-3PO viu... as costas!

— Espere... Oh, não! O que fez comigo? Estou ao contrário! Ora, seu monte de pêlo cheio de pulga! Somente um cabeça vazia como você seria tão estúpido para pôr minha cabeça...

O Wookiee grunhiu ameaçadoramente. Tinha esquecido a mania de se queixar daquele dróide. E a cela era pequena demais para que continuasse a escutar as lamentações! Antes que C-3PO percebesse o que estava lhe acontecendo, o Wookiee inclinou-se rapidamente e puxou um fio. No mesmo instante, a voz de C-3PO desvaneceu-se e a cela voltou a ficar em silêncio.

E foi nesse momento que Chewbacca farejou um cheiro familiar aproximando-se.

Correu para a porta e ficou esperando.

A porta da cela foi aberta com um zumbido e um Han Solo exausto e esfarrapado foi empurrado por dois soldados Imperiais. Os soldados se retiraram e Chewbacca aproximou-se prontamente do amigo, abraçando-o, com um sentimento de profundo alívio. O rosto de Han estava pálido, com olheiras fundas. E ele parecia estar à beira de um colapso. Chewbacca

grunhiu sua preocupação para o companheiro de tantas aventuras.

— Não — balbuciou Han. — Estou bem... estou bem...

A porta tornou a se abrir e a Princesa Leia foi empurrada para o interior da cela pelos soldados. Ainda usava o manto elegante, mas possuía agora, como Han, uma aparência de exaustão e desleixo.

Depois que os soldados saíram e a porta voltou a ser fechada, Chewbacca ajudou Leia a se aproximar de Han. Os dois se fitaram com uma emoção intensa, depois se abraçaram. E logo se beijavam ternamente.

Enquanto Han ainda a abraçava, Leia perguntou-lhe, debilmente:

— Por que eles estão fazendo isso? Não consigo entender o que estão querendo.



Han estava igualmente perplexo.

— Eles me fizeram uivar de dor na câmara de tortura, mas não formularam qualquer pergunta.

A porta se abriu mais uma vez, dando passagem a Lando e dois guardas da Cidade das Nuvens.

— Saia daqui, Lando! — rosnou Han.

Se ele estivesse se sentindo um pouco melhor, teria pulado para atacar o amigo traidor.

— Cale-se por um instante e preste atenção! — disse Lando, ríspidamente.

— Estou fazendo o que posso para tornar as coisas mais fáceis para vocês.

— Dá para perceber — comentou Han, sarcasticamente.

— Vader concordou em entregar-me Leia e Chewie — disse Lando. —

Eles terão de ficar aqui, mas pelo menos estarão seguros.

Leia soltou uma exclamação de angústia, indagando:

— E Han ?

Lando olhou solenemente para o amigo.

— Não sabia que havia um prêmio por sua cabeça, Han. Vader entregou-o ao caçador de recompensas.

A princesa virou-se rapidamente para Han, a preocupação estampada em seus olhos.

— Não está entendendo nada, Lando, se pensa que Vader não vai querer ver todos nós mortos antes disso tudo terminar — disse Han.

— Ele não quer todos vocês — informou Lando. — Está atrás de alguém chamado Skywalker.

Os dois prisioneiros prenderam a respiração bruscamente, à menção daquele nome. Han parecia perplexo.

— Luke? Não estou entendendo.

A mente da princesa movimentou-se em disparada. Todos os fatos começavam a se ajustar, num terrível mosaico. No passado, Vader quisera Leia por causa de sua importância política na guerra entre o Império e a Aliança Rebelde. Agora, ela estava quase abaixo da atenção do Lorde Negro, útil apenas por uma possível função.

— Lorde Vader preparou uma armadilha para ele — acrescentou Lando. — E...

Leia concluiu a frase por ele:

— Somos a isca.

— Tudo isso só para pegar o garoto? — disse Han. — Mas o que pode haver de tão importante nele?

— Não me pergunte. Mas sei que ele está a caminho.

— Luke está vindo para cá? Lando Calrissian assentiu...

— Você nos meteu numa boa... — grunhiu Han, desdenhosamente, para Lando — ... amigo.

Enquanto pronunciava a última e acusador a palavra, Han Solo sentiu as forças lhe voltarem abruptamente. E pôs toda a sua energia num soco que fez Lando cambalear para trás. No mesmo instante, os dois antigos amigos íntimos envolveram-se num furioso combate corpo a corpo. Os dois guardas de Lando aproximaram-se e começaram a bater em Han com as coronhas dos rifles de *laser*. Um golpe violento acertou Han no queixo e arremessou-o para o outro lado da cela, com o sangue a escorrer da boca.

Chewbacca pôs-se a grunhir selvagememente e avançou para os guardas.

No instante em que eles levantaram os rifles de *laser*, Lando gritou:

— Não atirem!

Machucado e ofegante, o administrador da Cidade das Nuvens virou-se para Han.

— Fiz o que pude por vocês. Lamento que não fosse melhor, mas também tenho os meus problemas. — Preparando-se para deixar a cela, Lando Calrissian acrescentou: — E já me expus muito mais do que deveria.

— Isso mesmo — disse Han Solo, recuperando o controle. — Você é um verdadeiro herói.

Depois que Lando se retirou com os guardas, Leia e Chewbacca ajudaram Han a levantar e levaram-no para um dos catres. Ele ajeitou o corpo cansado e machucado no catre, enquanto Leia pegava um pedaço de seu manto e começava a enxugar-lhe o sangue, gentilmente.

Sem parar de fazê-lo ela começou a rir suavemente e comentou, provocante:

— Você sabe mesmo como lidar com as pessoas...

A cabeça de R2-D2 girava no topo do corpo em formato de barrica, enquanto seus sensores captavam o vazio cravejado de estrelas do sistema de Bepin.

O veloz X-wing acabara de penetrar no sistema e atravessava o espaço negro como um grande pássaro branco.

A unidade R2 tinha muito o que comunicar a seu piloto. Seus pensamentos eletrônicos eram emitidos quase a se atropelarem, de tão rápidos, sendo traduzidos na tela do painel de controle.

Luke, com uma expressão sombria, respondeu prontamente à primeira das perguntas prementes de R2-D2:

— Isso mesmo. Tenho certeza de que C-3PO está com eles.

O pequeno robô assoviou uma exclamação excitada.

— Aguarde mais um pouco — disse Luke, pacientemente. — Estamos quase chegando.

A cabeça virada de R2-D2 contemplou o amontoado impressionante de estrelas, sentindo-se animado e jovial, enquanto o X-wing continuava a seguir, como uma flecha celestial, para um planeta com uma cidade nas nuvens.

Lando Calrissian e Darth Vader estavam parados perto da plataforma hidráulica que dominava a vasta câmara de congelamento. O Lorde Negro em silêncio, enquanto seus homens preparavam apressadamente a câmara.

A plataforma hidráulica ficava dentro de um poço profundo no centro da câmara, cercada por incontáveis tubos de vapor e enormes tanques químicos, de formatos variados.

Quatro soldados com a armadura Imperial estavam de guarda, empunhando os rifles de *laser*.

Darth Vader virou-se para Calrissian, depois de avaliar a câmara, comentando:

— A instalação é tosca, mas deve atender a nossas necessidades.

Um dos oficiais de Vader aproximou-se correndo e comunicou:

— Lorde Vader, espaçonave se aproximando... da classe X-wing.

— ótimo — disse Vader, friamente. — Controle o progresso de Skywalker e permita que ele pouse. Estaremos com a câmara pronta para ele daqui a pouco.

— Só usamos a instalação para congelamento de carbono — disse nervosamente o administrador da Cidade das Nuvens. — Poderá matá-lo se o puser aqui dentro.

Mas Vader já pensara nessa possibilidade. E conhecia um meio de determinar a potência daquela unidade de congelamento.

— Não quero que a presa do Imperador seja destruída. Vamos testar a câmara.

O Lorde Negro chamou um dos seus soldados e ordenou:

— Traga Solo para cá.

Lando olhou rapidamente para Vader. Não estava preparado para o mal absoluto que se manifestava naquele ser terrível.

O X-wing efetuou a descida velozmente, começando a penetrar na densa camada de nuvens que envolvia o planeta.

Luke verificou as telas monitoras com crescente preocupação. Talvez R2-D2 tivesse mais informações do que ele obtinha através do painel de controle. E formulou a pergunta ao robô:

— Ainda não captou nenhum aparelho de patrulha?

A resposta de R2-D2 foi negativa.

Absolutamente convencido de que sua chegada ainda não fora percebida, Luke seguiu em frente, a caminho da cidade de sua visão conturbada.

Seis dos Ugnaughts porcinos preparavam freneticamente a câmara de congelamento para ser usada, enquanto Lando Calrissian e Darth Vader, agora o verdadeiro senhor da Cidade das Nuvens, observavam a atividade intensa.

Movimentando-se rapidamente na plataforma, os Ugnaughts baixaram uma rede de tubos, parecendo o sistema circulatório de algum gigante, para o poço. Levantaram as mangueiras de carbono e instalaram-nas em seus devidos lugares. Depois, os seis humanóides levantaram o *container* em forma de caixão e prenderam-no firmemente na plataforma.

Boba Fett entrou bruscamente, à frente de seis soldados Imperiais. Os soldados traziam Han, Leia e o Wookiee, forçando-os a entrarem na câmara. Preso nas costas largas do Wookiee estava C-3PO, parcialmente montado, o braço e as pernas soltos amarrados no torso dourado. A cabeça

do dróide, virada na direção oposta à de Chewbacca, girava freneticamente, tentando descobrir o que estava acontecendo, para onde iam e o que os aguardava.

Vader virou-se para o caçador de recompensas.

— Coloque-o na câmara de congelamento.

— E se ele não sobreviver? — indagou o calculista Boba Fett. — Vale muito para mim.

— O Império irá compensá-lo por sua perda — disse Vader bruscamente.

Angustiada, Leia protestou:

— Não!

Chewbacca jogou para trás a cabeça cabeluda e soltou um violento urro Wookiee. Depois, investiu diretamente para os soldados Imperiais que guardavam Han.

Gritando de pânico, C-3PO levantou o braço que funcionava para proteger o rosto.

— Espere! — berrou o robô. — O que está fazendo?

Mas o Wookiee já estava engalfinhado com os soldados, indiferente à superioridade numérica deles e aos gritos assustadores de C-3PO.

— Oh, não! Não me batam! — suplicou o dróide, tentando proteger as partes desmembradas com o braço. — Não! Ele está só brincando! Fique calmo, seu idiota cabeludo!

Mais soldados chegaram correndo à câmara e entraram na luta. Alguns começaram a golpear o Wookiee com as coronhas dos rifles, acertando em C-3PO no processo.

— Não! — gritou o dróide. — Eu não fiz nada!

Os soldados Imperiais estavam agora subjugando Chewbacca e se preparavam para esmagar-lhe o rosto com suas armas quando Han gritou, sua voz sobrepondo-se ao tumulto:

— Não, Chewie! Pare com isso, Chewbacca!

Só mesmo Han Solo poderia conter o enfurecido Wookiee, levando-o a cessar a luta. Conseguindo desvencilhar-se dos guardas, Han correu para interromper o combate.

Vader fez sinal aos guardas para que deixassem Han correr até o amigo, ao mesmo tempo em que ordenava aos soldados Imperiais que cessassem a luta.

Han agarrou os braços musculosos do seu amigo peludo num esforço para contê-lo, fitando-o fixamente.

O frenético C-3PO ainda estava se debatendo desesperadamente:

— Isso mesmo... pare, pare! — Depois, com um suspiro eletrônico de alívio, ele acrescentou: — Graças a Deus!

Han e Chewbacca fitaram-se por um longo momento. Abraçaram-se afetuosamente e Han aproveitou para sussurrar ao Wookiee:

— Poupe as suas forças para outra ocasião, companheiro, quando tivermos alguma chance.

Ele conseguiu dar uma piscadela tranquilizadora, mas o Wookiee estava desesperado e grunhiu um gemido de lamente.

— Sei disso, Chewie — disse Han, fazendo um tremendo esforço para exibir um arremedo de sorriso. — Também me sinto assim. Mas cuide-se bem.

Han Solo virou-se para um dos guardas e disse-lhe:

— É melhor acorrentá-lo até que tudo esteja acabado. O desolado Chewbacca não tentou resistir quando os soldados Imperiais algemaram-lhe os pulsos. Han deu um abraço de despedida no companheiro e depois virou-se para a Princesa Leia. Abraçaram-se fortemente, como se tivessem vontade de nunca mais se separar.

Leia comprimiu os lábios contra os dele, num beijo apaixonado e prolongado. Quando o beijo finalmente terminou, ela estava com lágrimas nos olhos e disse suavemente:

— Eu o amo, Han. Não pude dizer-lhe antes, mas é a verdade.

Han sorriu, zombeteiramente:

— Não se esqueça disso, porque eu voltarei. Depois, a expressão dele tornou-se terna e beijou-a na testa, gentilmente.

As lágrimas começaram a escorrer pelas faces de Leia, enquanto Han se afastava e seguia apressadamente para a plataforma hidráulica à espera, sem demonstrar qualquer medo.

Os Ugnaughts aproximaram-se dele e ajeitaram-no na plataforma, prendendo-lhe os braços e as pernas. Han ficou sozinho e impotente, olhando uma última vez para os amigos. Chewbacca não desviava os olhos dele, com uma expressão desesperada, C-3PO espiando por cima do ombro do Wookiee para contemplar pela última vez o bravo homem. O

administrador da Cidade das Nuvens, Lando Calrissian, contemplava a cena com uma expressão solene de profundo pesar estampada no rosto. E lá estava Leia, o rosto contorcido pela angústia, mas fazendo um esforço imenso para se mostrar forte.

Foi a última visão de Leia que Han teve, antes de sentir a plataforma hidráulica baixar subitamente. O Wookiee soltou um urro final de despedida e ódio.



Naquele momento terrível, a desesperada Leia virou-se, enquanto Lando contraía o rosto de aflição.

Imediatamente depois que a plataforma baixou, um fogo líquido começou a despejar-se no poço, numa grande cascata de fluido e centelhas.

Chewbacca virou o corpo para não contemplar a cena horripilante, proporcionando a C-3PO uma visão melhor do processo.

— Eles estão envolvendo-o em carbonite — informou o robô. — É uma liga de alta qualidade. Muito melhor que a minha. Ele vai ficar bem protegido... Isto é, se sobreviver ao processo de congelamento.

Chewbacca virou a cabeça rapidamente para fitar C-3PO, silenciando a descrição técnica com um grunhido furioso.

Quando o líquido finalmente solidificou-se, imensas tenazes de metal levantaram o corpo fumegante do poço. Estava esfriando rapidamente e o formato era reconhecidamente humano, mas era destituído de feições e metálico, como se fosse uma escultura inacabada.

Alguns Ugnaughts, as mãos protegidas com grossas luvas pretas, aproximaram-se do corpo envolto por metal de Han Solo, empurrando-o.

Depois que o corpo caiu na plataforma, com um estrépito metálico, os

Ugnaughts levantaram o *container* em forma de caixão. Ligaram um aparelho eletrônico no lado deste e afastaram-se.

Ajoelhando-se, Lando girou alguns botões no aparelho e conferiu o medidor da temperatura do corpo de Han. Soltou um suspiro de alívio e acenou com a cabeça, informando aos ansiosos amigos de Han:

— Ele está vivo. Em perfeita hibernação. Darth Vader virou-se para Boba Fett.

— Ele é todo seu, caçador de recompensas. Comecem a preparar a câmara para Skywalker.

— Ele acaba de pousar, meu lorde — informou um dos seus assistentes.

— Providencie para que ele encontre o caminho para cá.

Indicando Leia e Chewbacca, Lando disse a Vader:

— Vou levar agora o que é meu.

Ele estava determinado a arrancá-los das garras do Lorde Negro, antes que este renegasse inteiramente o acordo que tinham feito.

— Pode levá-los — disse Vader. — Mas vou manter um destacamento aqui para vigiá-los.

— Isso não constava do nosso acordo — protestou Lando, veementemente.  
— Disse que o Império não iria interferir e...

— Estou alterando o acordo. E reze para que eu não o altere ainda mais.

Lando sentiu a garganta contrair-se subitamente, um sinal ameaçador do que poderia acontecer-lhe se representasse algum obstáculo para Vader.

A mão de Lando subiu automaticamente para o pescoço, mas no instante seguinte o aperto invisível se desvaneceu. O administrador virou-se para Leia e Chewbacca, com uma expressão nos olhos que podia ser de desespero, mas que nenhum dos dois se preocupou em sondar.

Luke e R2-D2 avançaram cautelosamente por um corredor deserto.

Luke estava preocupado pelo fato de ainda não terem sido detidos para um interrogatório. Ninguém lhes pedira permissão para o pouso, documentos de identificação, objetivo da visita. Ninguém na Cidade das Nuvens parecia ter a menor curiosidade pela presença daquele rapaz e seu pequeno dróide, ninguém parecia interessado pela identidade deles... ou o que faziam ali. Tudo parecia extremamente sinistro e Luke começava a sentir-se apreensivo.

Subitamente, Luke ouviu um som na extremidade do corredor. Parou imediatamente, comprimindo-se contra a parede do corredor. R2-D2,

excitado com a perspectiva de voltar ao convívio de humanos e dróides

familiares, pôs-se a bipar e assoviar freneticamente. Luke lançou-lhe um olhar de advertência, para que ficasse quieto. O pequeno robô emitiu um último e débil guincho. Luke espiou além de uma curva do corredor e avistou um grupo se aproximando, por um corredor lateral. À frente do grupo, vinha um vulto imponente, de armadura e capacete. Por trás dele, dois guardas armados da Cidade das Nuvens empurravam um recipiente transparente. Do lugar em que Luke estava, parecia que o recipiente continha um vulto humano flutuando, parecendo uma estátua. Na retaguarda, vinham dois soldados Imperiais, que imediatamente avistaram Luke.

Sem perder um instante sequer, os soldados apontaram suas armas e começaram a disparar.

Mas Luke esquivou-se às descargas de *laser*. E antes que os soldados pudessem disparar novamente, Luke atirou com sua pistola, abrindo dois buracos fumegantes nos peitos blindados dos soldados Imperiais.

Enquanto os soldados caíam, os dois guardas da Cidade das Nuvens empurravam o vulto no recipiente por outro corredor. O homem de armadura apontou sua pistola de *laser* para Luke, disparando uma descarga mortífera. Luke esquivou-se agilmente e a descarga atingiu a' parede ao lado dele, destruindo-a parcialmente e provocando uma chuva de fragmentos, como se fosse poeira. Quando as partículas se dissiparam, Luke tornou a olhar pelo corredor e descobriu que o atacante desconhecido, os guardas e o recipiente haviam desaparecido por trás de uma espessa porta de metal.

Ouvindo sons atrás dele, Luke virou-se, deparando com Leia, Chewbacca e C-3PO acompanhados por um homem desconhecido, de manto, passando por outro corredor, sob a escolta de um pequeno grupo de soldados Imperiais.

Ele gesticulou para atrair a atenção da princesa. E acabou gritando:

— Leia!

— Luke, não! — exclamou ela, a voz impregnada de medo. — É uma armadilha!

Deixando R2-D2 para trás, a seguiu-lo lentamente, Luke correu no encalço deles. Mas quando chegou a uma pequena ante-sala descobriu que Leia e os outros tinham desaparecido. Luke ouviu R2-D2 assoviando freneticamente, ao entrar na ante-sala. Um instante antes que isso acontecesse, no entanto, uma imensa porta de metal desceu bruscamente diante do aturdido robô.

Luke ficou isolado do corredor principal. E quando se virou à procura de outra saída, viu mais portas se fecharem, por todos os lados da câmara.

R2-D2 estava parado lá fora, um tanto atordoado pelo choque do perigo iminente. Se tivesse rolado apenas mais um pouco, teria sido esmagado pela pesada porta de metal e se transformado numa pilha de metal imprestável. Ele comprimiu o nariz de metal contra a porta e soltou um assovio de alívio, para depois seguir na direção oposta.

A ante-sala estava repleta de tubos sibilantes e vapor que esguichava do chão. Luke pôs-se a explorá-la, notando uma abertura por cima de sua cabeça, levando a um lugar que não podia sequer imaginar. Adiantou-se para poder ver melhor. Ao fazê-lo, a parte do chão em que estava começou a levantar-se lentamente. Luke subiu com a plataforma, determinado a enfrentar o inimigo, pois viajara tanto para encontrá-lo.

Sempre empunhando a arma, Luke subiu até a câmara de congelamento. O lugar estava sinistramente silencioso, exceto pelo silvo do vapor escapando de alguns tubos. Luke tinha a impressão de que era a única criatura viva naquela câmara de estranha maquinaria e recipientes químicos. Mas logo sentiu que não estava sozinho.

— Vader...

Ele falou o nome para si mesmo, enquanto corria os olhos pela câmara.

— Sinto a sua presença, Lorde Vader. Pode aparecer — disse Luke, desafiando o inimigo invisível. — Ou será que tem medo de mim?

Enquanto Luke falava, o vapor escapando começou a turbilhonar em imensas nuvens. Um instante depois, parecendo não ser afetado pelo calor intenso, Vader apareceu, avançando entre o vapor, pelo passadiço estreito por cima da câmara, o manto negro flutuando atrás dele.

Luke deu um passo cauteloso para a frente, na direção da demoníaca criatura de preto, guardando a pistola de *laser* no coldre. Experimentava uma confiança intensa e sentia-se perfeitamente preparado para enfrentar o Lorde Negro, como um Jedi contra outro. Não tinha necessidade da pistola de *laser*. Sentia que a Força estava com ele e finalmente estava pronto para a batalha inevitável. Lentamente, Luke começou a subir a escada, ao encontro de Vader.

— A Força está com você, jovem Skywalker — disse Vader lá de cima.

— Mas ainda não é um Jedi.

As palavras de Vader provocaram um calafrio em Luke. Ele hesitou por um instante, recordando as palavras de outro antigo Cavaleiro de Jedi:

*"Luke, use a Força apenas para o conhecimento e para defesa, não como uma arma. Não se entregue ao ódio ou à ira. Eles levam ao lado negativo."*

Mas acabando com qualquer sombra de dúvida, Luke pegou a alça do sabre-de-luz e prontamente ativou a lâmina de *laser*.

No mesmo instante, Vader também ativou sua espada de *laser*, esperando calmamente pelo ataque do jovem Skywalker.

O ódio intenso que sentia contra Vader impeliu Luke a atacá-lo furiosamente, arremessando sua lâmina contra o inimigo. Mas o Lorde Negro desviou o golpe sem o menor esforço, com um movimento defensivo de sua própria arma.

Luke atacou novamente e outra vez as lâminas de energia se chocaram.

E os dois ficaram imóveis, fitando-se por um momento interminável, através dos sabres-de-luz cruzados.

### XIII

SEIS SOLDADOS Imperiais escoltavam Lando, Leia e Chewbacca, enquanto avançavam pelo corredor interno da Cidade das Nuvens. Ao chegarem a um cruzamento, 12 guardas de Lando e o assistente dele apareceram, bloqueando o caminho.

— Código Força Sete — ordenou Lando, ao parar diante de seu assistente.

No mesmo instante, os 12 guardas apontaram suas armas de *laser* para os aturdidos soldados Imperiais. Calmamente, o assistente de Lando recolheu as armas dos soldados. Entregou uma das armas a Leia e outra a Lando, esperando em seguida pela próxima ordem.

— Leve-os para a torre de segurança — determinou o administrador da Cidade das Nuvens. — E depressa. Ninguém deve saber.

Os guardas e o assistente de Lando, levando as armas extras, conduziram os soldados para a torre.

Leia observara aquela mudança brusca do curso dos acontecimentos na mais total confusão, que se transformou em espanto quando Lando, o homem que traíra Han Solo, começou a remover as algemas de Chewbacca, enquanto dizia:

— Temos de sair daqui o mais depressa possível!

As mãos do gigante Wookiee foram finalmente libertadas. Sem esperar por explicações, Chewbacca investiu para o homem que o traíra e agarrou-o com um rugido terrível.

— Depois do que fez com Han — disse Leia — não podemos confiar...

Tentando desesperadamente desvencilhar-se das mãos de Chewbacca, Lando fez um esforço para explicar:

— Eu não tinha alternativa...

Mas o "Wookiee interrompeu-o com um rugido furioso.

— Ainda há uma chance de salvar Han — balbuciou Lando. — Eles estão na Plataforma Leste.

— Chewie — disse Leia finalmente — largue-o!

Ainda furioso, Chewbacca largou Lando, fitando-o com uma expressão de raiva, enquanto ele procurava recuperar o fôlego.

— Fique de olho nele, Chewie — ordenou Leia.

O Wookiee grunhiu ameaçadoramente, enquanto Lando murmurava baixinho:

— Tenho o pressentimento de que estou cometendo outro grande erro...

A pequena unidade R2 vagava de um lado para outro do corredor, orientando seus sensores em todas as direções possíveis, tentando descobrir algum sinal de seu senhor... ou de qualquer outra espécie de vida.

R2-D2 sabia que estava profundamente desorientado e não tinha a menor idéia de quantos metros percorrera.

Ao virar uma curva, R2-D2 divisou alguns vultos avançando pelo corredor. Bipando e assoviando saudações de dróide, ele torceu para que os vultos fossem amistosos.

Seus ruídos foram captados por um dos vultos, que começou a chamá-lo:

— R2-D2... R2-D2...

Era C-3PO!

Chewbacca, ainda carregando C-3PO parcialmente desmontado, virou-se rapidamente, avistando o pequeno dróide R2 rolando na direção deles.

Mas assim que o Wookiee virou-se, C-3PO perdeu de vista o amigo.

— Espere! — gritou o ofendido C-3PO. — Trate de se virar, seu peludo... R2-D2, depressa! Estamos tentando salvar Han do caçador de recompensas!

R2-D2 prontamente avançou, bipando pelo caminho. C-3PO respondeu pacientemente às perguntas frenéticas.

— Sei disso. Mas Mestre Luke pode cuidar de si mesmo.

Pelo menos era o que C-3PO insistia em dizer a si mesmo, enquanto o grupo continuava à procura de Han.

Na Plataforma de Pouso Leste da Cidade das Nuvens, dois guardas empurraram o corpo congelado de Han Solo por uma portinhola lateral do *Slave I*. Boba Fett subiu uma escada ao lado da abertura e embarcou na espaçonave, ordenando que fosse fechada assim que chegasse à cabine.

Fett ativou os motores da espaçonave, que começou a rolar pela plataforma, preparando-se para decolar.

Lando, Leia e Chewbacca correram pela plataforma, a tempo de ver apenas o *Slave I* alçando vôo e elevando-se pelo laranja e púrpura do pôr-do-sol na Cidade das Nuvens. Levantando sua arma, Chewbacca uivou e disparou contra a espaçonave que se afastava.

— Não adianta — disse-lhe Lando. — Ele já está fora do alcance.

Todos olhavam para a espaçonave que se afastava, à exceção de C-3PO.

Ainda preso às costas de Chewbacca, ele via algo que os outros ainda não haviam percebido.

— Oh, não! — exclamou o robô dourado.

Um pelotão de soldados Imperiais investia contra o grupo, já tirando as pistolas de laser dos coldres. A primeira descarga por pouco não atingiu a Princesa Leia. Lando reagiu rapidamente, respondendo ao fogo do inimigo. O ar logo ficou saturado de rajadas de laser que se entrecruzavam, vermelhas e verdes.



R2-D2 correu para o elevador da plataforma e escondeu-se lá dentro, observando a batalha furiosa de uma distância segura.

Lando gritou mais alto que os sons das armas:

— Vamos sair daqui!

E ele correu para o elevador aberto, sem deixar de disparar contra os soldados Imperiais. Mas Leia e Chewbacca não se mexeram. Continuaram onde estavam, respondendo ao fogo dos soldados atacantes. Vários soldados gemiam e caíam, peitos, braços e barrigas atingidos pela mira mortalmente acurada daquela fêmea humana e do Wookiee macho.

Lando, esticando a cabeça para fora do elevador, tentou atrair a atenção deles, gesticulando para que corressem até lá. Mas os dois pareciam possuídos, disparando incessantemente, como a se vingarem de tudo o que haviam sofrido e da perda daquele a quem ambos amavam.

Estavam determinados a liquidar todos aqueles soldados do Império Galático.

C-3PO ficaria na maior satisfação se pudesse estar em qualquer outro lugar. Incapaz de escapar, tudo o que podia fazer era gritar freneticamente por socorro:

— R2-D2, ajude-me! Como fui eu me meter nisto! Um destino pior do que a morte é estar preso às costas de um Wookiee!

— Corram para cá! — gritou Lando novamente. — Depressa!

Depressa!

Leia e Chewbacca começaram a se encaminhar na direção dele, esquivando-se às rajadas de *laser* e entrando finalmente no elevador à espera. E enquanto as portas do elevador se fechavam, eles viram os soldados Imperiais remanescentes correndo em sua direção.

Os sabres-de-luz se chocavam na batalha de Luke Skywalker e Darth Vader, na plataforma por cima da câmara de congelamento.

Luke podia sentir a precária plataforma estremecer a cada golpe das armas. Mas nada o detinha, pois fazia o diabólico Darth Vader recuar a cada golpe de sua espada de *laser*.

Vader, usando o sabre-de-luz para aparar as investidas agressivas de Luke, falou calmamente enquanto lutavam:

— O medo não o atinge. Aprendeu mais do que eu previa.

— Vai descobrir que sou cheio de surpresas — respondeu confiante o jovem, ameaçando Vader com outra investida.

— E eu também — foi a resposta calma e sinistra.

Com dois movimentos graciosos, o Lorde Negro arrancou o sabre-de-luz da mão de Luke, fazendo-o voar para longe. Um golpe da lâmina de; energia de Vader aos pés de Luke obrigou o rapaz a dar um pulo para trás, num esforço para se proteger. Mas Luke acabou perdendo o equilíbrio e rolou pela escada.

Caído na plataforma, Luke olhou para cima e avistou o vulto negro ameaçador no alto da escada. No instante seguinte, Vader saltou na direção dele, o manto negro esvoaçando pelo ar, como as asas de um morcego monstruoso.

Luke rolou rapidamente para o lado, sem desviar os olhos de Vader, enquanto o vulto negro aterrissava silenciosamente perto dele.

— Seu futuro está comigo, Skywalker — sibilou Vader, assomando sobre o jovem agachado. — Agora você vai adotar o lado escuro, o lado negativo. Obi-Wan sabia que isso aconteceria.

— Não! — gritou Luke, tentando resistir à presença maligna.

— Há muita coisa que Obi-Wan não lhe disse — continuou Vader. —

Vou completar seu treinamento.

A influência de Vader era incrivelmente forte. Para Luke, parecia uma coisa viva.

*Não lhe dê atenção, disse Luke a si mesmo. Ele está tentando me enganar, desencaminhar-me, levar-me para o lado negativo da Força, exatamente como Ben me advertiu!*

Luke começou a recuar, enquanto o Lorde Sith avançava. Por trás do rapaz, a rampa do elevador hidráulico abriu-se silenciosamente, a fim de recebê-lo.

— Morrerei antes! — gritou Luke.

— Isso não será necessário.

O Lorde Negro arremeteu subitamente para Luke com seu sabre-de-luz. O ataque foi tão impetuoso que Luke perdeu o equilíbrio e caiu pela abertura.

Vader afastou-se do poço de congelamento, desativando o sabre-de-luz.

— Foi fácil demais — disse ele, dando de ombros. — Talvez você não seja tão forte quanto o Imperador pensava.

Enquanto ele falava, metal derretido começava a escorrer pela abertura atrás dele. E enquanto ele ainda estava de costas, algo elevou-se subitamente.

— O tempo dirá — disse Luke calmamente, respondendo ao comentário de Vader.

O Lorde Negro virou-se rapidamente. Àquela altura do processo de congelamento, o paciente não deveria mais ser capaz de falar! Vader correu os olhos pela câmara e depois levantou a cabeça metida no capacete negro para o teto.

Luke estava pendurado em mangueiras lá no alto, tendo pulado cerca de cinco metros para escapar ao carbonite.

— Sua agilidade é de fato impressionante — admitiu Vader.

Luke caiu na plataforma no outro lado do poço fumegante. Estendeu a mão e seu sabre-de-luz, caído em outra parte da plataforma, voou em sua direção, sendo prontamente ativado.

A espada de *laser* de Vader também foi ativada, no mesmo momento.

— Ben ensinou-lhe eficientemente. controleu o medo. Mas agora vai descarregar sua ira. Destruí sua família. Tente se vingar.

Mas desta vez Luke era cauteloso e mais controlado. Se pudesse subjugar a ira, como finalmente controlara o medo, não seria afetado.

*Lembre-se do treinamento*, advertiu Luke a si mesmo. *Lembre-se do que Yoda lhe ensinou! Despoje-se de todo ódio e ira para receber a Força!*

Dominando os sentimentos negativos, Luke começou a avançar, ignorando a provocação de Vader. Depois de uma rápida troca de golpes, começou a forçá-lo a recuar.

— Seu ódio pode lhe dar o poder de destruir-me — insinuou Vader. —

Use-o.

Luke começou a compreender como aquele negro inimigo era poderoso e lhe disse suavemente:

— Não vou me tornar um escravo do lado negativo da Força.

E ele avançou cautelosamente para Vader. O Lorde Negro foi recuando lentamente. Luke arremeteu subitamente, com um poderoso golpe. Mas quando Vader bloqueou-o, perdeu o equilíbrio e caiu perto dos tubos fumegantes.

Os joelhos de Luke quase vergavam de exaustão de combater aquele terrível oponente. Recuperou as forças, avançou cautelosamente até a beira do poço e olhou para baixo. Mas não avistou qualquer sinal de Vader.

Desligando o sabre-de-luz e prendendo-o no cinto, Luke desceu para o fundo do poço.

Descobriu-se numa sala de controle e manutenção relativamente grande, dando para o reator que fornecia energia à cidade. Olhando ao redor, percebeu uma janela grande; e delineado diante dela, estava o vulto imóvel de Darth Vader.

Luke encaminhou-se lentamente para a janela, reativando o sabre-de-luz.

Mas Vader não ativou sua própria arma nem fez qualquer esforço para defender-se, à medida que Luke chegava mais perto. Na verdade, a única arma do Lorde Negro era a sua voz insinuante:

— Vamos, ataque. Destrua-me.

Confuso pela manobra de Vader, Luke hesitou.

— Somente pela vingança poderá se salvar... Luke estava paralisado.

Deveria seguir as palavras de

Vader e assim usar a Força como um instrumento de vingança? Ou deveria deixar a batalha agora, esperando por outra oportunidade de combater Vader, quando tivesse adquirido um controle melhor?

Não! Como poderia perder a oportunidade de destruir aquele ser maligno? Ali estava a oportunidade, agora, não podia ignorá-la...

Talvez nunca mais houvesse outra oportunidade assim!

Luke segurou o mortífero sabre-de-luz com as duas mãos, apertando a alça como uma antiga espada de lâmina de metal. Levantou a arma para desfechar o golpe que destruiria para sempre aquele horror mascarado.

Mas antes que pudesse fazê-lo, um fragmento grande de maquinaria desprendeuse da parede atrás dele e arremessou-se contra suas costas.

Virando-se instantaneamente, Luke golpeou com o sabre-de-luz, cortando o fragmento ao meio, as duas bandas caindo a seus pés.

Um segundo fragmento avançou para Luke, que novamente usou a Força para desviá-lo. O pesado objeto foi jogado para trás, como se tivesse batido num escudo invisível. Depois, um pedaço de cano veio girando em sua direção. Mas enquanto Luke repelia o enorme objeto, ferramentas e outros fragmentos começaram a voar em sua direção, de todos os lados. E

depois vieram fios, que se desprendiam das paredes e se contorciam, desprendendo faíscas, fustigando-o.

Bombardeado por todos os lados, Luke fez o que podia para resistir ao ataque, mas estava começando a ficar ensanguentado, o corpo todo machucado.

Outro fragmento grande de metal passou raspando por Luke, indo espatifar a janela grande, dando passagem ao vento uivante. Subitamente, tudo na sala estava voando, o vento forte açoitando o corpo de Luke e enchendo a câmara com uivos diabólicos.

E no próprio centro da câmara, imóvel e triunfante, estava parado Darth Vader.

— Está derrotado — declarou o Lorde Negro, exultante. — É inútil resistir. Vai se juntar a mim ou irá se encontrar com Obi-Wan na morte!

E enquanto Vader pronunciava as palavras finais, um imenso fragmento de metal ergueu-se pelo ar, atingindo o Jovem Jedi e arremessando-o pela janela quebrada. Tudo transformou-se numa visão indistinta, enquanto o vento forte impelia Luke, sacudindo-o violentamente, até que ele conseguiu segurar com uma das mãos a alça de uma torre.

Quando o vento desvaneceu-se um pouco e sua visão desanuviou-se, Luke descobriu estar pendurado na coluna do reator, por baixo da sala de controle. Ao olhar para baixo, avistou o que parecia ser um abismo interminável. Luke sentiu-se dominado por uma vertigem intensa, fechando os olhos num esforço para não entrar em pânico.

Comparado com o reator, Luke não passava de uma partícula mínima de matéria a se remexer, enquanto a torre onde estava era infinitesimal em

comparação com a vasta câmara.

Segurando a alça firmemente com uma das mãos, Luke enganchou o sabre-de-luz no cinto. Depois, segurou a alça na torre com as duas mãos.

Luke subiu para uma plataforma, a tempo de divisar Darth Vader que se aproximava.

E enquanto ele chegava mais perto, o sistema de alto-falantes entrou em funcionamento, ressoando pelas vastas câmaras:

— Fugitivos seguindo para a Plataforma 327. Retenham todos os transportes. Todas as forças de segurança em alerta.

Avançando ameaçadoramente para Luke, Vader previu:

— Seus amigos jamais conseguirão escapar. Nem você.

Vader deu outro passo e Luke imediatamente levantou a espada de *laser*, pronto para recomeçar o combate.

— Está derrotado — declarou Vader, com uma certeza angustiante. —

É inútil resistir.

Mas Luke resistiu. Investiu contra o Lorde Negro com um golpe violento, acertando com a lâmina do *laser* na armadura de Vader e penetrando até a carne. Vader cambaleou com o golpe e Luke teve a impressão de que ele sentia dor intensa. Mas foi apenas por um instante.

Depois, mais uma vez, Vader pôs-se a avançar na direção dele.

Dando outro passo, o Lorde Negro advertiu:

— Não se deixe destruir como Obi-Wan.

Luke respirava penosamente, um suor frio lhe brotando na testa. Mas a referência ao nome de Ben incutiu-lhe uma determinação renovada.

— Calma... — murmurou para si mesmo. — Mantenha a calma.

Mas o sinistro espectro de negro ainda estava a ameaçá-lo na passagem estreita, parecendo que queria de qualquer maneira a vida do jovem Jedi.

Ou pior do que isso: a sua frágil alma.

Lando, Leia, Chewbacca e os dróides avançaram apressadamente por um corredor. Após uma curva descobriram que estava aberta a porta para a plataforma de pouso. Puderam vislumbrar então o *Millenium Falcon*, esperando para lhes permitir a fuga. Mas, subitamente, a porta foi fechada.

Abrigando-se numa reentrância na parede, o grupo avistou um pelotão de soldados Imperiais avançando para atacá-los, já disparando as armas de *laser*. Pedacos da parede e do chão eram despedaçados, os fragmentos voando em todas as direções, sob o impacto das descargas.

Chewbacca grunhiu, retribuindo ao fogo dos soldados com a selvagem fúria Wookiee. Ele dava cobertura a Leia, que desesperadamente acionava o painel de controle da porta. Mas a porta simplesmente não se mexia.

— R2-D2! — gritou C-3PO. — O painel de controle. Você pode desligar o sistema de emergência.

C-3PO gesticulou para o painel, instando para que o pequeno robô se apressasse e apontando para um encaixe de computador no painel.

R2-D2 foi até lá, bipando e apitando, enquanto corria para ajudar.

Desviando o corpo para evitar as descargas de *laser* Lando trabalhava febrilmente para ligar seu comunicador pessoal com o sistema de comunicação global do painel. E quando ele finalmente conseguiu, transmitiu por todos os alto-falantes da Cidade das Nuvens:

— Aqui é Calrissian. O Império está dominando a cidade. Eu os aconselho a partirem, antes da chegada de mais tropas Imperiais.

Lando desligou o comunicador. Sabia que fizera o que podia para alertar seu povo; sua missão agora era tirar os amigos do planeta, em segurança.



Enquanto isso, R2-D2 removiu uma tampa de conexão e inseriu um braço de computador estendido na tomada à espera. O dróide emitiu um curto bip, que se transformou de repente num grito desesperado de robô.

R2-D2 começou a tremer, os circuitos se acendendo numa exibição feérica, cada orifício de seu casco a expelir fumaça. Prontamente, Lando puxou R2-D2 da tomada de força. Enquanto esfriava, R2-D2 dirigiu alguns bips murchos para C-3PO.

— Pois preste mais atenção na próxima vez — respondeu C-3PO, defensivamente. — Não deve esperar que eu sabia distinguir tomadas de força de alimentadores de computador. Sou um intérprete...

— Alguém mais tem alguma idéia? — gritou Leia, enquanto continuava a disparar contra os soldados Imperiais atacantes.

— Vamos experimentar outro caminho — gritou Lando, acima do fragor do combate.

O vento que uivava pela torre do reator absorvia inteiramente os ruídos dos sabres-de-luz se chocando.

Luke deslocou-se agilmente pela plataforma, indo se abrigar por baixo de um imenso painel, a fim de esquivar-se ao inimigo. Mas, um instante depois, Vader lá estava, operando o sabre-de-luz como a lâmina de uma guilhotina, cortando o painel até desprendê-lo. A massa imensa começou a cair, mas logo foi apanhada por uma rajada violenta e impelida para cima.

Um momento de distração era tudo que Vader precisava. Enquanto o painel flutuava para longe, Luke involuntariamente olhou-o. Nesse segundo, a lâmina de *laser* do Lorde Negro atingiu a mão de Luke, decepando-a e jogando para longe seu sabre-de-luz.

A dor era terrível. Luke podia sentir o cheiro horrível de sua carne queimada e apertou o braço logo abaixo da axila, num esforço para deter a agonia. Ele foi recuando pela plataforma, até chegar à sua extremidade, sempre perseguido por Vader.

Abruptamente, de modo agourento, o vento amainou. E Luke compreendeu que não tinha mais para onde ir.

— Não há escapatória — disse o Lorde Negro, avançando para Luke como o anjo da morte. — Não me obrigue a destruí-lo. É forte com a Força.

Agora deve aprender a usar o lado negativo. Junte-se a mim e seremos mais poderosos que o Imperador. Completarei seu treinamento e governaremos a galáxia juntos.

Luke recusou-se a ceder às propostas de Vader.

— Nunca me juntarei a você!

— Se soubesse o poder do lado negativo, não pensaria assim. Obi-Wan nunca lhe contou o que aconteceu com seu pai, não é mesmo?

A alusão ao pai despertou a ira de Luke.

— Ele me contou o suficiente! Disse-me que você o matou!

— Não — respondeu Vader, calmamente. — Eu sou seu pai.

Atordado, Luke ficou olhando para o guerreiro de preto, pai e filho a se fitarem.

— Não! Não! Não é verdade! — Luke recusava-se a acreditar no que acabara de ouvir. — É impossível!

— Sonde os seus sentimentos — disse Vader, parecendo uma versão maligna de Yoda. — Sabe que é verdade.

Vader desligou a lâmina do sabre-de-luz e estendeu a mão, firme e convidativa. Atordado e horrorizado com as palavras de Vader, Luke gritou:

— Não! Não!

Vader continuou, persuasivamente:

— Luke, você pode destruir o Imperador. Ele já o previu. É o seu destino. Junte-se a mim e podemos governar toda a galáxia, como pai e filho. Venha comigo. É o único jeito.

A mente de Luke se inquietava com aquelas palavras. Tudo começava a se definir em seu cérebro. Ou será que não? Imaginou se Vader não lhe estava dizendo a verdade... se o treinamento de Yoda, o ensinamento do velho Ben, o seu próprio empenho pelo bem e sua aversão pelo mal, se tudo por que lutara não passava de uma mentira.

Ele não queria acreditar em Vader. Procurou convencer-se de que Vader mentira... mas, de alguma forma, podia *sentir* a verdade nas palavras do Lorde Negro. Mas se Darth Vader falava a verdade, por que então Ben Kenobi lhe mentira? *Por quê?* Sua mente gritava mais alto que qualquer vento que o Lorde Negro pudesse convocar contra ele.

As respostas não pareciam ter mais qualquer importância.

*Seu Pai.*

Com a calma que lhe fora ensinada pelo próprio Ben e por Yoda, o Mestre Jedi, Luke Skywalker tomou o que poderia ser a sua decisão final.

— Nunca! — gritou ele, pulando para o abismo vazio por baixo.

Pela profundidade desconhecida, era como se Luke estivesse caindo para outra galáxia.

Darth Vader foi até a extremidade da plataforma para observar a queda de Luke. Um vento forte começou a soprar, enfunando o manto negro de Vader.

O corpo de Skywalker mergulhava rapidamente. Girando no ar, o Jedi ferido tentava desesperadamente segurar alguma coisa que lhe permitisse deter a queda.

O Lorde Negro ficou observando até que o corpo de Luke foi sugado para um grande tubo de descarga, ao lado do reator. Quando Luke sumiu, Vader

virou-se rapidamente e deixou a plataforma.

Luke foi caindo velozmente pelo tudo de descarga, tentando segurar-se nos lados para reduzir a velocidade. Mas o tubo era inteiramente liso, não tinha alças nem beiradas que Luke pudesse agarrar.

Ele chegou finalmente à extremidade do tubo que parecia um túnel, os pés batendo com força contra uma grade circular. A grade, que se abria para uma queda aparentemente sem fundo, foi arrancada pelo impacto do impulso de Luke. Ele sentiu que o corpo começava a deslizar para a abertura. Em desespero, procurando agarrar o interior liso do tubo, Luke pôs-se a gritar por socorro.

— Ben... Ben... ajude-me! — suplicou ele, desesperadamente.

Enquanto chamava, sentiu os dedos escorregarem pelo interior do tubo, o corpo se aproximando cada vez mais da abertura para o abismo sem fim.

A Cidade das Nuvens estava mergulhada no caos.

Assim que a transmissão de Lando Calrissian foi ouvida em toda a cidade, os habitantes começaram a entrar em pânico. Alguns pegaram uns poucos pertences, outros simplesmente saíram correndo para as ruas, em busca de um meio de escapar. Não demorou muito para que as ruas ficassem repletas de humanos e seres estranhos, correndo caoticamente pela cidade. Soldados Imperiais perseguiam os habitantes em fuga, trocando fogo de *laser* com eles, numa batalha furiosa.

Num dos corredores centrais da cidade, Lando, Leia e Chewbacca mantinham a distância um pelotão de soldados, disparando uma barragem de *laser* contra os guerreiros Imperiais. Era indispensável que Lando e os outros resistissem ali, pois haviam encontrado outra entrada que os levaria à plataforma de pouso, se R2-D2 conseguisse abrir a porta.

R2-D2 tentava remover a placa do painel de controle daquela porta.

Mas por causa do barulho e da distração do fogo de *laser* ao seu redor, era difícil para o pequeno dróide concentrar-se no trabalho. Ele bipava para si mesmo enquanto trabalhava, parecendo um tanto desnorteado para C-3PO.

— Sobre o que está falando? — perguntou-lhe C-3PO. — Não estamos interessados no hipervôo do *Millenium Falcon*. Já está consertado. Apenas mande o computador abrir a porta.

Depois, enquanto Lando, Leia e o Wookiee se aproximavam da porta, esquivando-se ao fogo Imperial, R2-D2 bipou triunfalmente, um instante antes da porta se abrir.

— Você conseguiu, R2-D2! — exclamou C-3PO, que teria aplaudido se o outro braço não estivesse desmembrado. — Não duvidei por um segundo sequer!

— Depressa ou não vamos conseguir! — gritou Lando.

A útil unidade R2 entrou novamente em ação. Enquanto os outros passavam pela porta, o robusto robô esguichou um nevoeiro denso, tão denso quanto as nuvens que envolviam aquele mundo, ocultando seus amigos dos soldados Imperiais atacantes. Antes que a nuvem se dissipasse, Lando e os outros já estavam correndo para a Plataforma 327.

Os soldados Imperiais foram atrás depois de algum tempo, disparando contra os fugitivos, que corriam para o *Millenium Falcon*. Chewbacca e os robôs embarcaram, enquanto Lando e Leia davam cobertura com suas pistolas de *laser*, derrubando mais soldados Imperiais.

Quando o rugido estridente dos motores do *Falcon* começou a soar, aumentando de intensidade, Lando e Leia dispararam mais algumas descargas de energia. Depois, subiram correndo a rampa. Entraram no cargueiro e a escotilha foi prontamente fechada. E enquanto a espaçonave começava a se mexer, eles ouviram uma barragem de fogo de *laser* Imperial, dando a impressão de que o planeta inteiro desmoronava em suas fundações.

Luke não podia retardar por mais tempo a queda inexorável do tubo de descarga.

Escorregou pelos últimos centímetros e depois caiu pela atmosfera nublada, o corpo girando, sacudindo os braços freneticamente num esforço para agarrar alguma coisa sólida.

Depois do que pareceu uma eternidade, ele segurou um cata-vento eletrônico, que emergia da parte inferior arredondada da Cidade das Nuvens. O vento fustigava-o violentamente, as nuvens turbilhonavam ao seu redor, enquanto ele se agarrava desesperadamente ao cata-vento. Mas podia sentir que suas forças começavam a se esvaír. Não poderia ficar daquele jeito, suspenso sobre a superfície gasosa, por muito tempo mais.

Tudo estava muito quieto na cabine do *Millenium Falcon*. Leia, ainda recuperando o fôlego da fuga por um triz, estava sentada no lugar de Han Solo. Pensava nele, mas se esforçava em não se preocupar, empenhava-se em não sentir saudade dele.

Por trás da princesa, olhando por cima do ombro dela para a janela dianteira, Lando Calrissian, silencioso e exausto.

Lentamente, a espaçonave começou a se mexer, aumentando a velocidade enquanto avançava pela plataforma.

O gigante Wookiee, no assento do co-piloto, acionou diversos controles, as luzes se acendendo no painel de controle principal. Puxando a alavanca de comando, Chewbacca começou a alçar vôo com a espaçonave, a caminho da liberdade.

As nuvens passavam vertiginosamente pelas janelas e todos finalmente respiraram aliviados, enquanto o *Millenium Falcon* se elevava pelo céu crepuscular de um vermelho alaranjado.

Luke conseguiu enganchar uma das pernas no cata-vento eletrônico, que continuava a sustentar todo o seu peso. O ar que saía do tubo de descarga era violento, tornando-lhe extremamente difícil manter a posição no cata-vento. — Ben... — gemeu ele, em agonia. — Ben,..

Darth Vader avançou pela plataforma vazia e observou a mancha que era o *Millenium Falcon* desaparecer à distância.

Ele voltou-se para seus dois assistentes e ordenou:

— Tragam minha espaçonave!

E a seguir partiu, o manto negro flutuando, a fim de preparar-se para a jornada.

Em algum lugar perto da torre de sustentação da Cidade das Nuvens, Luke voltou a falar. Concentrando-se na pessoa que julgava que se importava com ele e poderia de alguma forma vir a ajudá-lo, ele chamou:

— Leia. ouça-me! — Desesperado, ele gritou outra vez: — Leia!

Foi nesse instante que um pedaço do cata-vento quebrou, caindo para as nuvens lá embaixo. Luke segurou-se firmemente no que restava e esforçou-se em resistir à rajada de vento que soprava do tubo de descarga por cima.

— Parece que são três caças — disse Lando para Chewbacca, os dois observando as configurações na tela. E ele acrescentou, conhecendo a capacidade do cargueiro tão bem quanto Han Solo: — Podemos deixá-los para trás facilmente.

Olhando para Leia, ele lamentou a perda de sua administração:

— Eu sabia que era bom demais para durar. Mas vou sentir saudade.

Leia parecia estar atordoada. Não reagiu aos comentários de Lando.

Olhava fixamente para a frente, como se estivesse hipnotizada. Depois, em meio ao seu estado de transe, ela falou:

— Luke?

Era como se respondesse a alguma coisa que ouvira.

— Como? — indagou Lando.

— Temos de voltar — disse Leia, em tom premente, — Chewie, siga para a parte inferior da cidade.

Lando estava atônito.

— Ei, espere um pouco! Não podemos voltar lá!

O Wookiee grunhiu, por uma vez concordando com Lando.

— Não há discussão — disse Leia firmemente, assumindo a dignidade de uma pessoa acostumada a ver suas ordens prontamente obedecidas. —

Façam o que estou dizendo! É uma ordem!

— E aqueles caças?

Lando apontou para os três caças TIE que se aproximavam, olhando para Chewbacca, em busca de apoio. Mas grunhindo ameaçadoramente, o

"Wookiee indicou que sabia quem estava agora no comando.

— Está bem, está bem — concordou Lando, resignado.

Com toda agilidade e velocidade pelas quais se tornara famoso, o *Millenium Falcon* começou a fazer a curva, voltando para a cidade. E assim que o cargueiro assumiu aquele novo curso, que podia ser suicida, os três caças TIE em sua perseguição também alteraram o curso.

Luke Skywalker ignorava inteiramente a aproximação do *Millenium Falcon*. Quase inconsciente, não sabia como continuava a se segurar no cata-vento eletrônico rangendo e balançando. O aparelho entortava ao peso de seu corpo, até que finalmente quebrou por completo, fazendo com que Luke caísse pelo céu, desamparado. E desta vez ele sabia que não encontraria coisa alguma em que se segurar.

— Olhem! — exclamou Lando, indicando um vulto a mergulhar à distância. — Alguém está caindo!



Leia conseguiu permanecer calma. Sabia que o pânico agora seria a perdição de todos.

— Passe por baixo dele, Chewie — ordenou ela ao piloto. — É Luke.

Chewbacca reagiu imediatamente, manobrando o *Millenium Falam* numa trajetória descendente.

— Abra a escotilha superior, Lando — ordenou Leia, virando-se para ele.

Enquanto deixava apressadamente a cabine, Lando pensava que aquela era uma estratégia digna do próprio Solo.

Chewbacca e Leia podiam agora ver mais claramente o corpo de Luke.

O Wookiee guiou o cargueiro na direção dele. Enquanto Chewie reduzia a velocidade drasticamente, o corpo passou pela janela de observação e bateu com um baque no casco exterior.

Lando abriu a escotilha superior. A distância, vislumbrou os três caças TIE aproximando-se do *Falcon*, os canhões *laser* iluminando o crepúsculo, com suas descargas mortíferas. Lando inclinou o corpo para fora da escotilha, estendendo-se para pegar o guerreiro ferido e puxando-o para o interior da espaçonave. O *Falcon* sacudiu nesse instante, quando uma descarga explodiu perto, o corpo de Luke quase escorregando. Mas Lando já o estava segurando, firmemente.

O *Millenium Falcon* desviou-se da Cidade das Nuvens e elevou-se pela densa camada de nuvens. Dando uma guinada para escapar do fogo dos caças TIE, a Princesa Leia e o piloto Wookiee empenharam-se em manter o cargueiro sob controle. Havia explosões por toda parte, ao redor da cabine, o barulho competindo com os uivos de Chewbacca, manejando os controles com fúria.

Leia ligou o sistema interno de comunicação e perguntou, mais alto que o barulho na cabine:

— Lando, ele está bem? Está me ouvindo, Lando?

Dos fundos da cabine, ela ouviu uma voz que não era a de Lando.

— Ele vai sobreviver — respondeu Luke, debilmente.

Leia e Chewbacca viraram-se rapidamente, olhando para Luke, todo machucado e ensanguentado, envolto numa manta e amparado por Lando.

A princesa levantou-se prontamente e abraçou-o, extasiada. Chewbacca, ainda empenhado em levar o *Falcon* para além do alcance do fogo dos caças TIE, jogou a cabeça para trás e urrou de exultação.

Por trás do *Millenium Falcon*, o planeta das nuvens ia diminuindo rapidamente, a distância. Mas os caças TIE continuavam em sua perseguição, bem próximos, disparando as armas de *laser* e fazendo o cargueiro sacudir a cada vez que atingiam o alvo.

Trabalhando ativamente no porão do *Falcon*, R2-D2, apesar dos solavancos que lhe criavam a maior dificuldade, esforçava-se em montar o amigo dourado. Meticulosamente tentando corrigir os erros do bem-intencionado Wookiee, o pequeno dróide bipava enquanto executava a intrincada tarefa.

— Está indo muito bem — elogiou o robô dourado, a cabeça já no lugar correto e o segundo braço quase ligado. — Tão bom quanto novo.

R2-D2 bipou apreensivamente.

— Não se preocupe, R2-D2. Tenho certeza que conseguiremos escapar.

Na cabine, porém, Lando não estava tão otimista. Viu as luzes de advertência brilharem no painel de controle e um instante depois os alarmes ressoavam por toda a espaçonave.

— Os escudos protetores estão perdendo a força — disse ele a Leia e Chewbacca.

Leia olhou por cima do ombro de Lando e notou outro bip ameaçadoramente grande que aparecia na tela de radar.

— Há outra espaçonave, muito maior, tentando nos alcançar — disse ela.

Luke olhou pela janela da cabine para o vazio estrelado. E murmurou, quase para si mesmo:

— É Vader.

O Almirante Piett aproximou-se de Vader, parado na ponte de comando da espaçonave, o maior de todos os Destróieres Estelares Imperiais, olhando pelas janelas.

— Eles estarão ao alcance do nosso raio de tração dentro de mais um momento — comunicou Piett, confiantemente.

— E o sistema de hipervôo deles foi desativado?

— Logo depois que foram capturados, senhor.

— Ótimo — disse o gigante de preto. — Prepare para a abordagem e providencie as armas paralisantes.

O *Millenium Falcon* conseguira até então esquivar-se aos caças TIE que vinham em sua perseguição. Mas poderia escapar ao ataque do Destróier Estelar, que se aproximava cada vez mais?

— Não temos possibilidade alguma de erros — disse Leia, tensamente, observando o ponto cada vez maior na tela.

— Se meus homens consertaram esta banheira, então o trabalho ficou perfeito — garantiu-lhe Lando. — Não precisamos nos preocupar.

— A frase me parece familiar — murmurou Leia, pensativa.

A espaçonave foi novamente sacudida por outra explosão. Neste momento, uma luz verde começou a piscar no painel de controle.

— As coordenadas estão fixadas, Chewie — disse Leia. — É agora ou nunca.

O Wookiee grunhiu em concordância. Estava pronto para a fuga pelo hiperespaço.

— Agora! — gritou Lando.

Chewbacca deu de ombros, como a dizer que valia a pena fazer uma tentativa. Ele empurrou a alavanca da velocidade da luz, alterando subitamente o ruído dos motores de íon. Todos a bordo estavam rezando à maneira humana, Wookiee e dróide para que o sistema funcionasse, pois não tinham qualquer outra esperança de escapar. Mas, repentinamente, o som diferente foi abafado e depois silenciou. Chewbacca soltou um urro de frustração e desespero.

O sistema de hipervôo novamente lhes falhara.

E o *Millenium Falcon* continuava ao alcance do fogo dos caças TIE.

Do seu Destróier Estelar Imperial, Darth Vader observava fascinado os caças TIE dispararem implacavelmente contra o *Millenium Falcon*. A espaçonave de Vader estava se aproximando do *Falcon* em fuga. Não demoraria muito para que o Lorde Negro tivesse Skywalker inteiramente à sua mercê.

Luke também sentia a mesma coisa. Silenciosamente, ele olhou pela janela, sabendo que Vader estava perto e que a vitória dele sobre o debilitado Jedi seria completa. Luke estava exausto, o corpo machucado; o espírito preparado para sucumbir ao seu destino. Não havia mais razão para lutar... nada restava em que acreditar. Em desespero extremo, ele sussurrou:

— Por que não me disse, Ben?

Lando tentou ajustar alguns controles, enquanto Chewbacca pulava do assento e corria para o porão. Leia ocupou o lugar de Chewbacca e ajudou Lando a manobrar o *Falcon* pela barreira de fogo.

Ao correr para o porão, o Wookiee passou por Erre-dois, que ainda estava trabalhando em C-3PO. A unidade R2 começou a bipar com grande consternação, enquanto observava o Wookiee esforçando-se muito para consertar o sistema de hipervôo.

— Eu disse que estávamos perdidos! — gritou C-3PO para R2-D2, em pânico. — Os motores da velocidade da luz estão outra vez com defeito!

R2-D2 bipou ao ligar uma perna.

— Como pode saber o que está errado? — disse o dróide dourado desdenhosamente. — Puxa! Cuidado com meu pé! E pare de falar tanto!

A voz de Lando soou no porão, pelo intercomunicador:

— Chewie, dê uma olhada nos controles secundários de desvio.

Chewbacca tentou desprender uma seção do painel no porão com uma chave-inglesa enorme. Não conseguiu removê-la. Rugindo de frustração, ele empunhou a chave como um porrete e bateu no painel com toda a sua força.

Subitamente, o painel de controle na cabine inundou Lando e a princesa com uma chuva de centelhas. Eles recuaram bruscamente, aturdidos. Mas Luke parecia não estar percebendo nada do que acontecia ao seu redor. A cabeça baixa, em desânimo e profunda angústia.

— Não serei capaz de resistir — murmurou ele, baixinho.

Lando novamente inclinou o *Millenium Falcon*, tentando livrar-se dos perseguidores. Mas a distância entre o cargueiro e os caças TIE diminuía cada vez mais.

No porão do *Millenium Falcon*, R2-D2 correu para um painel de controle, deixando o ultrajado C-3PO a protestar numa só perna. R2-D2

trabalhou rapidamente, confiando apenas no instinto mecânico para reprogramar o circuito. Luzes piscavam intensamente a cada ajustamento de R2-D2, até que finalmente do interior dos motores de hipervelocidade

do *Falcon* surgiu um zumbido novo e potente, ressoando por toda a espaçonave.

O cargueiro inclinou-se subitamente, fazendo com que R2-D2 rolasse pelo chão, indo chocar-se com o espantado Chewbacca.

Lando, que estava de pé perto do painel de controle, foi jogado para trás, contra a parede da cabine. Mas'ao cair viu que as estrelas lá fora tornavam-se ofuscantes, listas infinitas de luz.

— Conseguimos! — berrou Lando, triunfante.

O *Millenium Falcon* disparara vitoriosamente em hipervelocidade.

Darth Vader permaneceu em silêncio. Olhava para o vazio escuro onde um momento antes estava o *Millenium Falcon*. o silêncio profundo e sombrio incutiu terror aos dois homens que estavam parados perto dele. O

Almirante Piett e seu capitão ficaram esperando, calafrios de medo a lhes percorrerem os corpos, imaginando quanto tempo ainda se passaria antes que sentissem as garras invisíveis lhes apertando a garganta.

Mas o Lorde Negro não se mexeu. Continuou parado onde estava, num silêncio pensativo, as mãos nas costas. Depois, virou-se lentamente e retirou-se, o manto negro a flutuar atrás dele.

## XIV

O *MILLENNIUM FALCON* estava finalmente em segurança, atracado num grande cruzador Rebelde. Reluzindo a distância, havia um grande clarão vermelho, irradiado por uma imensa estrela vermelha, iluminando o casco todo avariado do pequeno cargueiro.

Luke Skywalker estava no centro médico do Cruzador Estelar Rebelde, sob os cuidados do cirurgião-dróide chamado Umbê. O jovem, sentado em silêncio, pensativo, enquanto o dróide gentilmente começava a tratar de sua mão ferida.

Levantando a cabeça, Luke deparou com Leia, seguida por C-3PO e R2-D2, entrando no centro médico para verificar como ele estava e talvez proporcionar-lhe alguma animação. Mas Luke sabia que a melhor terapia que já recebera a bordo do cruzador era a imagem radiante à sua frente.

A Princesa Leia sorria. Os olhos estavam arregalados e luzindo maravilhosamente. Ela parecia como na primeira vez em que a vira...

quando R2-D2 projetara a sua imagem holográfica. Na túnica branca, de gola alta e estendendo-se até o chão, ela parecia angelical.

Levantando a mão. Luke ofereceu-a aos competentes cuidados de Umbê. O cirurgião-dróide examinou a mão biônica que estava habilmente ligada ao braço de Luke.

O robô passou uma tira metálica flexível em torno da mão, adicionando-lhe uma pequena unidade eletrônica e apertando gentilmente.

Luke cerrou o punho com a nova mão e sentiu as pulsações curativas do aparelho colocado pelo dróide. Depois, deixou a mão e o braço relaxarem.

Leia e os dois dróides aproximaram-se de Luke, no instante em que uma voz saía pelo alto-falante no centro médico:

— Luke, estamos prontos para decolar — informou Lando.

Lando Calrissian estava sentado no lugar do piloto, a bordo do

*Millenium Falcon*. Sentira saudade do seu velho cargueiro, mas sentia-se constrangido, agora que era novamente o seu comandante. No assento do co-piloto, o gigante Wookiee Chewbacca percebeu o constrangimento do seu novo comandante, enquanto ele começava a acionar os controles do cargueiro.

A voz de Luke saiu pelo alto-falante do comunicador de Lando:

— Vamos nos encontrar em Tatooine.

Lando falou novamente pelo microfone, mas desta vez dirigindo-se a Leia, dizendo com emoção:

— Não se preocupe, Leia. Vamos encontrar Han.

Inclinando-se, Chewbacca grunhiu sua despedida pelo microfone, um urro que poderia transcender os limites de tempo e espaço para ser ouvido por Han Solo, onde quer que o caçador de recompensas o tivesse levado.

Foi Luke quem fez a despedida final, embora se recusasse a dizer adeus:

— Tomem cuidado, meus amigos — disse ele, com uma nova maturidade em sua voz. — Que a Força esteja com vocês.

Leia estava parada sozinha na grande janela circular do Cruzador Estelar Rebelde, o vulto esguio parecendo minúsculo diante da imensa abóbada celeste e das espaçonaves da esquadra. Ela contemplou a espetacular estrela vermelha no mar preto infinito.

Luke, com C-3PO e R2-D2 a segui-lo, foi colocar-se ao lado dela. Ele podia compreender o que Leia estava sentindo, pois sabia como uma perda assim podia ser terrível.

O grupo ficou ali parado, em silêncio, contemplando o vasto espaço.

Viram o *Millenium Falcon* aparecer, desviar-se em outra direção, atravessar com extrema dignidade a esquadra Rebelde, logo deixando-a para trás.

Não havia necessidade de palavras naquele momento. Luke sabia que a mente e o coração de Leia estavam com Han, não importando onde ele

estivesse ou qual pudesse ser o seu destino. Quanto a seu próprio destino, Luke estava agora mais incerto que em qualquer outro momento anterior...

mesmo antes do garoto simples de uma fazenda num mundo distante tomar conhecimento de algo intangível chamado a Força. Ele sabia apenas que tinha de voltar para Yoda e concluir seu treinamento, antes de partir para salvar Han.



Lentamente ele passou o braço pelos ombros de Leia, e com C-3PO e R2-D2 ficaram olhando o espaço, todos contemplando a mesma estrela vermelha.

## O RETORNO DE JEDI

*Há muito tempo, numa galáxia muito, muito distante.*

### PRÓLOGO

AS PROFUNDEZAS DO ESPAÇO. Existiam comprimento, largura e altura; e, depois, estas dimensões modificaram-se, transformando-se numa escuridão circulante, mensurável apenas pelo brilhar das estrelas que fervilhavam no abismo, na direção do infinito... Até às suas profundezas.

Estas estrelas marcavam momentos importantes do universo.

Algumas, pareciam pedaços de carvão incandescente, envelhecendo lentamente; outras, pequenas, de um azul magnífico; e, ainda outras, aos pares, de um amarelo intenso. Juntamente- com estas existiam estrelas de neutrões em constante desagregação e supernovas em permanente ebulição, assobiando em direção ao vácuo gélido e pouco aprazível. Havia estrelas a nascer, estrelas em processo de formação, estrelas pulsantes de vida e estrelas moribundas. Havia também, para além de todas estas, a Estrela da Morte.

No extremo da galáxia fluía em órbita estacionária a Estrela da Morte, sobre Endor, a lua verde — uma lua cujo planeta-mãe desaparecera há

muito,

vítima

de

um

cataclismo

desconhecido,

e

fora,

consequentemente, relegada para o reino do inexplicável. A Estrela da Morte era o centro de comando das tropas do Império, com quase o dobro do tamanho da que a precedera, e que a Aliança Rebelde destruíra tantos anos atrás. Apresentava quase o dobro do tamanho, mas ultrapassava bem o dobro do poder e força da anterior. Estava, no entanto, apenas meio completa.

Era um pseudo-astro de aço escuro, em órbita sobre o mundo verde de Endor; pedaços da sua superestrutura inacabada dirigiam-se para o companheiro não artificial, Endor, lembrando as pernas de uma aranha mortífera.

Um torpedeiro estelar imperial aproximou-se da gigantesca estação espacial a uma velocidade de cruzeiro. Era enorme -ele próprio uma cidade vogando no espaço — , movendo-se, no entanto, com uma graça deliberada, como se de uma espécie de enorme dragão se tratasse. Fazia-se

acompanhar por uma série de caças TIE (*Twin Ion Engine* = motores iónicos duplos) — pequenas naves de combate negras, lembrando nada mais que insectos quando comparadas com o gigantesco torpedeiro estelar, redemoinhando em reconhecimento, sondando, acostando por momentos e reagrupando-se em seguida.

Silenciosamente, a principal abertura da nave abriu-se. Ouviu-se um pequeno estalido acompanhado de um feixe de luz quando uma nave de transportes imperial emergiu da escuridão da gare que a continha para a escuridão imensa do espaço. Dirigiu-se velozmente mas de forma pacífica para a meio acabada Estrela da Morte.

No centro de comando da nave, o capitão e o co-piloto faziam as leituras finais dos instrumentos, programando-a para a aterragem que se aproximava. Era uma sequência de movimentos que ambos tinham já

executado milhares de vezes mas, mesmo assim, havia no ar uma tensão fora do habitual. O capitão pressionou um botão, accionando o transmissor, depois falou para o microfone:

— Atenção, estação de comando, aqui é ST 321. Código de autorização para aterragem Azul. Estamos a aproximar-nos. Desactivem o escudo de segurança, para permitir a nossa entrada.

Ouviram-se em resposta apenas alguns sinais estáticos de rádio; depois a voz do controlador do porto de aterragem:

— O escudo de segurança de declinação magnética será desactivado assim que obtenhamos a confirmação do código de autorização de aterragem que transmitiram. Aguardem um pouco...

Depois o silêncio invadiu novamente o centro de comando. O capitão da nave mordeu o lábio inferior, sorriu nervosamente para o co-piloto e murmurou, mais para si do que para ele:

— Sejam breves, por favor... é melhor que isto não demore muito. Ele não é nada paciente...

Evitaram ambos olhar para trás, para onde se situavam os aposentos destinados aos passageiros, agora às escuras devido à aterragem que se aproximava. O inconfundível som de uma respiração mecânica, provinda de

um desses aposentos, enchia a cabina da nave com uma terrível impaciência.

No centro de controle da Estrela da Morte, vários operadores moviam-se na direção dos painéis de instrumentos, monitorizando todo o tráfego espacial da área, autorizando padrões de voo, entregando áreas específicas a veículos específicos. O operador adstrito ao escudo de segurança verificou, alarmado, o seu monitor; o aparelho mostrava a Estrela da Morte, a lua Endor e uma espécie de teia de energia (o escudo de declinação magnética) emanando da lua verde e circundando a própria Estrela da Morte. Apenas nessa altura a teia de segurança sé começou a

separar, retraindo-se e formando uma abertura, pela qual o pequeno ponto no espaço, que era a nave de transporte imperial, passou, sem impedimentos de qualquer espécie, na direção da enorme estação espacial.

O operador do escudo de protecção chamou de imediato o oficial encarregado da segurança, indeciso no respeitante à acção a tomar.

— Que é que se passa? — perguntou o oficial.

— Aquela nave de transporte de passageiros está classificada como tendo extrema prioridade em qualquer situação, senhor. — Tentava disfarçar o medo que transparecia na sua voz com uma ponta de incredulidade.

O oficial olhou fixamente para a *tela* durante uns momentos antes de se conseguir aperceber de quem viajava na nave. Depois disse em voz alta:

— Vader!

Passou junto à janela que dava para o hangar onde a nave podia já ser vista a efetuar os preparativos finais para a aterragem e dirigiu-se para a entrada do mesmo, onde os passageiros em breve chegariam. Dirigiu-se ao controlador:

— Informe o comandante de que a nave que transporta Lorde Vader já chegou.

A nave estava calma e silenciosa, tornada miniatura pela extensão maciça do hangar onde repousava. Centenas de soldados perfilavam-se em

formação, ladeando a base da rampa de descida da nave que transportava Vader: as tropas imperiais de branco, oficiais de cinzento e a *elite*, a Guarda Imperial, de vermelho. Fizeram a continência quando Moff Jerjerrod entrou. Jerjerrod, alto, magro e arrogante, era o comandante da Estrela da Morte. Dirigiu-se, sem pressa, através das filas de soldados, para a rampa da nave de Vader. A pressa não fazia parte de Jerjerrod; implicava um desejo de estar em qualquer outro lado, e ele estava, na verdade, no lugar onde *verdadeiramente* desejava estar. As pessoas

importantes nunca se apressavam (costumava ele dizer); antes faziam que outros se apressassem.

Isto não implicava uma não existência de ambição em Jerjerrod, e a visita de uma tão importante personalidade como a deste Lorde Negro não podia ser encarada sem uma atenção muito especial. Ficou ali à espera, respeitosamente mas sem pressa, olhando fixamente para a abertura da nave. De repente esta deslizou, abrindo-se, o que fez que as tropas se empertigassem ainda mais. Primeiramente nada se conseguiu ver a não ser escuridão, depois ouviram-se passos; em seguida a característica respiração eléctrica, como se se tratasse de uma máquina a respirar, e, por fim, Darth Vader, o Senhor do Sith, emergiu do interior da nave.

Vader desceu a rampa, olhando fixamente para as filas de tropas que o aguardavam. Parou ao chegar junto de Jerjerrod. O comandante fez uma pequena reverência e sorriu.

— Lorde Vader, que prazer inesperado! Estamos muito honrados com a sua presença!

— Podemos muito bem dispensar as galanterias, comandante. — As palavras de Vader soaram como se tivessem saído do fundo de um poço.  
—

O imperador está preocupado com o progresso da construção. Estou aqui para fazer apressar os trabalhos.

Jerjerrod empalideceu. Não eram estas as notícias de que estava à espera.

— Asseguro-lhe que os meus homens estão a trabalhar tão depressa quanto podem, Lorde Vader.

— Talvez eu os possa apressar com métodos que ainda se não tenha

lembrado de utilizar — grunhiu Vader. Ele conhecia maneiras especiais de tratar as coisas, isso era certo e sabido. Sim, ele utilizava processos muito especiais para conseguir o que desejava.

Jerjerrod manteve a custo a calma, não alterando o seu tom de voz, mas começando a inquirir-se sobre as vantagens da rapidez.

— Isso não será necessário, meu senhor. Asseguro-lhe que, sem sombra de duvida, esta estação ficará operacional na data prevista.

— Receio que o imperador não partilhe da sua visão optimista da situação!

— Tenho quase a impressão de que ele deseja o impossível... — disse, evasivamente, o comandante Jerjerrod.

— Talvez fosse melhor explicar-lhe isso pessoalmente, quando ele chegar... — O rosto de Vader continuava invisível por trás da máscara mortífera que o protegia, mas a maldade estava bem expressa no tom de voz electrónico, agora ligeiramente modificado.

A palidez de Jerjerrod intensificou-se.

— O imperador virá aqui?

— Sim, comandante. E tenho a certeza de que ficará bastante desapontado se souber que os prazos de construção estão a ser constantemente alargados. — Falou em voz bem alta, tentando fazer-se ouvir por todos os presentes.

— Redobraremos os nossos esforços, Lorde Vader! — E era isso que tencionava fazer. Pois não era verdade que até grandes homens se apressavam às vezes, e em alturas de grande necessidade?

Vader baixou novamente o tom da sua voz.

— Espero bem que sim, comandante, para seu próprio bem. O

imperador não tolerará mais atrasos na destruição final da Aliança Rebelde. Para além disso temos informações secretas — disse, dirigindo-se apenas a Jerjerrod — que dizem que a frota rebelde foi reunida numa única

e gigantesca armada. Chegou a altura certa para os esmagarmos, sem mercê, de uma vez para sempre.

Por um instante, a respiração de Vader parecera acelerar-se, mas retomou rapidamente o ritmo habitual, lembrando o passar do vento num vale.

## I

FORA DA PEQUENA cabana de adobe, a tempestade de areia continuava a assobiar ferozmente, como se se tratasse de um animal encurralado, recusando-se a morrer. Dentro, no entanto, os sons ouviam-se como em surdina.

Neste abrigo estava mais fresco, mais silencioso e escuro do que no exterior. Enquanto a tempestade se não cansava, lá fora, nesse lugar de variantes e sombras, uma figura embuçada trabalhava.

Mãos bronzeadas segurando ferramentas saíam das mangas de uma espécie de caftã. O indivíduo trabalhava acorado no chão. À sua frente estava um aparelho em forma de disco, um modelo estranho com fios saindo de um dos lados e com uns curiosos símbolos gravados na superfície plana. Ligou a extremidade de um dos fios a um manipulo liso e tubular, empurrou-o através de um conjugador de aspecto orgânico e prendeu-o com outra ferramenta. Fez sinal a uma sombra que se encontrava num canto, a sombra dirigiu-se-lhe.

Insegura, a forma obscura rolou para perto do embuçado.

— Vrrrr-dit dweet? — perguntou timidamente a pequena unidade R2

ao aproximar-se, fazendo depois uma pausa a cerca de meio metro de distância do embuçado, que segurava ainda o estranho aparelho.

O embuçado incitou o dróide a aproximar-se um pouco mais. R2-D2

percorreu rapidamente a distância que o separava do homem, acendendo e apagando uma luzinha, num pestanejar simulado, ao mesmo tempo que as

mãos se levantavam na direção da cabeça em forma de cúpula arredondada.

A areia fina soprava com força sobre as dunas de Tatooine. O vento parecia vir de vários lados ao mesmo tempo, transformando-se por vezes em pequenos tufões, sacudindo-se arreliadoramente ou ainda aspirando tudo à sua volta, sem padrão definido nem significado especial.

Uma estrada, se é que estrada se lhe poderia chamar, serpenteava através da planície desértica. O seu aspecto mudava constantemente, ora desaparecia sob montes de areia ocre, ora reaparecia em faixas totalmente desimpedidas, ou ainda distorcida e pouco nítida devido ao calor. Uma estrada mais efêmera que útil, no entanto uma estrada a ser utilizada, pois era a única via de acesso ao palácio de Jabba, o *Cabana*.

Jabba era o mais vil bandido de toda a galáxia. Os seus negócios incluíam contrabando, venda de escravos, assassinato; possuía agentes e informadores espalhados por todas as estrelas. Não só utilizava como também inventava ele próprio atrocidades que cometia com à-vontade, e a sua corte era um lugar decadente sem paralelo. Dizia-se que Jabba escolhera Tatooine como lugar de residência porque apenas num planeta árido e nada amigável como este conseguiria sentir-se no seu ambiente.

De qualquer modo era um lugar do qual a maior parte das pessoas desconhecia a existência e muito menos a localização correta. Era um lugar malévolo, onde até os mais corajosos se sentiam inseguros perante os recordes de corrupção e atrocidades de Jabba.

— Pu-wit bedou gung obble dip! — exclamou R2-D2.

— Claro que estou preocupado — respondeu C-3PO — , e tu também deverias estar. O pobre Lando Calrissian nunca regressou deste lugar.

Consegues imaginar o que lhe poderão ter feito?

R2 assobiou timidamente.



O dróide dourado atravessou com alguma dificuldade um monte de areia e depois estacou ao avistar ao longe o tenebroso palácio de Jabba. R2

quase chocou com ele mas, no último instante, conseguiu desviar-se para o lado.

— Tem cuidado e vê por onde vais, R2. — C-3PO retomou a marcha mais devagar, para que o seu pequeno amigo, rolando a seu lado, o conseguisse acompanhar. — Por que é que Chewbacca não podia entregar esta mensagem? Claro, sempre que há uma missão impossível encarregam-nos dela. Ninguém se preocupa com os dróides. Por vezes pergunto-me como é que nós conseguimos aguentar tudo isto.

Sem parar de resmungar, prosseguiram até ao fim da estrada e, finalmente, alcançaram os portões do palácio: portas de ferro maciço, muito mais altas que C-3PO, encaixavam numa série de paredes de pedra e ferro que formavam várias torres cilíndricas gigantescas, elevando-se acima duma montanha de areia.

Os dois dróides olharam em redor, amedrontados, procurando sinais de vida ou de boas-vindas, ou algum mecanismo que pudesse tornar conhecida a sua presença. Não conseguindo vislumbrar nada que pudesse incluir-se em nenhuma dessas categorias, C-3PO recorreu ao seu programa de *resoluções*, programa que lhe tinha sido dado bastante tempo antes, e bateu três vezes ao de leve na enorme porta de metal. Depois virou-se rapidamente e disse para R2:

— Não parece que esteja aqui ninguém. Regressemos para contar ao senhor Luke o que se passou.

De repente, uma pequena abertura apareceu no meio da porta. Um braço mecânico aracnídeo saiu através dela e um enorme olho electrónico espreitou descaradamente na direcção dos dois dróides. Após concluir a sua observação, o olho mecânico disse:

— Tee chuta hhat yudd?!

C-3PO manteve-se digno, apesar de os seus circuitos terem estremecido ligeiramente. Enfrentou o olho, apontou para R2 e depois para ele próprio e disse:

— R2 Detoowha bo SeeC-3POha ey toota odd mischka Jabba ah cabanah.

O olho rodou velozmente de um para o outro robot e depois voltou para donde tinha vindo, fechando a abertura.

— Bu-dup ganung — disse baixinho R2, em tom que denotava preocupação.

C-3PO assentiu.

— Não creio que nos deixem entrar, R2. É melhor irmos embora. —

Preparou-se para partir, enquanto R2 lhe respondia através de uma série de ruídos em quatro tons diferentes.

Então um ranger horripilante fez-se ouvir e a maciça porta de ferro começou lentamente a erguer-se. Os dois dróides olharam-se cepticamente e em seguida deslocaram a sua atenção para a cavidade negra que se lhes deparava. Depois esperaram, demasiado receosos para fugir.

Das sombras, a pouco agradável voz do olho electrónico dirigiu-selhes:

— Nudd chaa!

R2 emitiu um bipe e avançou direito à escuridão. C-3PO hesitou e depois seguiu atrás do seu confiante amigo, dizendo:

— Espera por mim, R2! — Ambos pararam após terem passado por baixo da enorme porta e C-3PO, repreendendo R2, disse: — Se continuas assim, ainda te perdes!

A enorme porta fez um estrondo monumental ao fechar-se atrás deles, estrondo que ecoou através de toda a caverna envolta em escuridão. Por instantes, os dois assustados robots ficaram ali especados, evitando fazer

qualquer tipo de movimento; depois, embora hesitantes, começaram a avançar.

De imediato, três enormes guardas gomorreanos vieram ao seu encontro; três brutos poderosos, muito semelhantes a suínos, cujo ódio por robots era bastante conhecido. Os guardas fizeram apressar os dróides através do corredor, sem se darem sequer ao trabalho de os cumprimentarem nem mesmo com um simples aceno de cabeça. Quando chegaram ao primeiro vestíbulo iluminado, entre dois corredores, um deles grunhiu uma ordem. R2 dirigiu, nervoso, uma pergunta a C-3PO:

— Tu não queres saber nada — respondeu o dróide dourado, apreensivamente. — Limita-te a entregar a mensagem do senhor Luke, para que possamos partir o mais depressa possível.

Antes que pudessem dar mais um passo, uma forma dirigiu-se-lhes, vinda de um dos corredores.

Bib Fortuna, o deselegante mordomo da corte de Jabba, era uma criatura alta e humanóide, com olhos que apenas viam o estritamente necessário e que se apresentava sempre envolto num manto que o cobria totalmente. Protuberantemente salientes na parte de trás do seu cérebro estavam dois apêndices tentaculares, espécie de braços ou antenas que ocupavam simultaneamente as funções sensuais e de reconhecimento.

Estes apêndices encontravam-se a maior parte das vezes atirados à volta dos ombros, à laia de cachecol, mas, quando a situação a isso o impelia, usava-os pendurados nas costas, como se se tratasse de caudas gêmeas.

Sorriu ligeiramente ao estacar em frente dos dois robots.

— Die wanna wanga.

C-3PO resolveu ser o porta-voz oficial e tomar a palavra.

— Die wanna wanaga. Trazemos uma mensagem para o teu senhor, Jabba, *o Cabana!*

R2 fez ouvir um bipe sonoro, lembrando a C-3PO algo de que ele se esquecera.

— Ah, e também um presente!-Fez uma pausa e durante um momento ponderou no que dissera, pareceu tão surpreendido quanto seria possível e murmurou, num tom bastante agudo, para R2: — Presente? Mas que presente? Bib abanou a cabeça enfaticamente:

— Ni Jabba no badda. Mi chaade su goodie. — Ao dizer isto, inclinou-se na direção de R2.

O pequeno dróide recuou um pouco mas protestou sonoramente:

— Bdu ee ngrwrr op dbudiop!

— Entregue-lhe a mensagem, R2, por favor! — insistiu C-3PO. Por vezes R2 conseguia ser *tão* binário! R2 reagiu violentamente, emitindo toda a série de bipes e outros ruídos de que se podia lembrar, desafiando Fortuna e C-3PO, como se ambos tivessem sido desprogramados e, por conseguinte, houvessem perdido toda a razão.

C-3PO assentiu finalmente, de modo nenhum satisfeito com a resposta de R2. Sorriu apologeticamente para Bib.

— Ele afirma que as instruções que temos dizem que podemos entregar a mensagem única e exclusivamente ao próprio Jabba. — Bib meditou no problema que se lhe apresentava, enquanto C-3PO retomava a explicação. — Lamento imenso que ele seja extremamente teimoso quando se trata de coisas neste estilo... — Conseguiu introduzir na sua voz um tom desesperado, mas não sem uma ponta de carinho para com o pequeno companheiro.

Bib acenou-lhes para que o seguissem.

— Nudd chaa.

Voltou para a escuridão, agora seguido de perto pelos dróides, com os três guardas gomorreanos fechando a coluna.

Enquanto descia para o interior do sombrio corredor, C-3PO

murmurou para o pequeno dróide unidade R2:

— Estou a ter um pressentimento, e não muito agradável, acerca de tudo isto, R2!

C-3PO e R2-D2 estacaram à entrada da sala do trono, tentando descortinar algo do seu interior antes de entrarem.

— Estamos arrumados... — lamentou-se C-3PO, desejando, pela milésima vez, poder fechar os olhos.

O salão estava completamente cheio com a escória do universo.

Criaturas grotescas vindas das estrelas menos aconselháveis espalhavam-se por ali, embriagadas graças a licores feitos de especiarias e ao próprio vapor fétido que exalavam. Gomorreanos, humanos deformados, *jawas* —

discutindo todos os seus prazeres básicos ou comparando entre si os atos de vandalismo que cada um executara. À frente de todos, porém, reclinado sobre uma plataforma de almofadas e abarcando toda a cena, estava Jabba, o *Cabana*.

A sua cabeça era três ou quatro vezes maior que a dum humano

normal. Os seus olhos eram amarelos, fazendo lembrar os de um réptil; a pele como a das cobras, a não ser talvez pelo fato de parecer untada com uma espécie de fina camada de gordura. Sem pescoço, possuía apenas uma série de queixos sobrepostos que se alargavam sucessivamente até se transformarem num corpo inchado, congestionado e com bocados que pareciam querer saltar do contexto. Da parte superior do torso estendiam-se os braços, enfezados e quase paralisados; os peganhentos dedos da mão esquerda envolviam languidamente o fim de um cachimbo de água. Não tinha nem cabelo nem pêlos, pois perdera-os após uma sucessão de doenças que tivera. Não tinha pernas; o tronco transformava-se gradualmente numa longa e gorda cauda que se estendia ao longo de toda a plataforma, lembrando, devido à consistência, um rolo de farinha

fermentada. A sua boca, sem lábios, era enorme, quase ia de orelha a orelha, e ele gracejava continuamente. Na verdade, e numa só palavra, era horroroso.

Preso a ele, acorrentado pelo pescoço, estava uma pequena e triste dançarina, da mesma raça de Fortuna, possuindo, tal como ele, dois tentáculos pendentes, sugestivamente, nas costas nuas e musculosas. O seu nome era Oola. Com um ar perdido, sentava-se o mais distante de Jabba quanto a corrente permitia, no outro lado da plataforma.

Sentado junto à barriga de Jabba estava um réptil, de nome Salacious Crumb, que fazia por apanhar todos os restos de comida e bebida que caíam, inadvertida ou propositadamente, das mãos ou da boca de Jabba, comendo-os em seguida de modo bem sonoro e desagradável.

Raios de luz, bastante fracos, iluminavam apenas parcialmente os cortesãos bêbedos enquanto Fortuna atravessava o salão, dirigindo-se a Jabba. O salão era composto por uma série consecutiva de alcovas envolvidas em obscuridade, o que fazia que muito daquilo que se passava fosse metade visto apenas em forma de sombras em movimento. Quando Fortuna alcançou o trono, e após se ter inclinado numa pequena vénia, murmurou qualquer coisa em tom lamecha ao ouvido do monarca. Os olhos de Jabba transformaram-se em fendas... depois, com uma gargalhada bastante inquietante, fez sinal para que os dois dróides fossem trazidos à sua presença.

— Bo Shuda — murmurou Jabba, ao mesmo tempo que era sacudido

por um ataque de tosse. Apesar de se saber exprimir em diversas línguas, fazia ponto de honra em falar apenas a sua. Era essa, provavelmente, a única questão em que se podia relacionar honra com Jabba.

Os robots avançaram, receosos, postando-se em frente ao repulsivo ser, apesar de ele ferir profundamente as suas sensibilidades electrónicas.

— A mensagem, R2, a mensagem — apressou-se C-3PO a dizer.

R2 assobiou uma vez, mas depois projectou um raio de luz a partir da sua cabeça arredondada, transformando, poucos segundos depois, essa luz num holograma personificando Luke. A figura ficou ali parada à sua frente, começando depois a crescer até atingir mais ou menos três metros de altura; então o jovem guerreiro jedi dirigiu-se à multidão que se encontrava na sala do trono. De repente todas as vezes se calaram, impressionadas com a presença gigantesca de Luke.

— Saudações, ó Exaltado! — disse claramente o holograma a Jabba. —

Permite-me que me apresente. Sou Luke Skywalker, guerreiro jedi e amigo do capitão Solo. Procuro a autorização de Sua Grandeza para resgatar a vida dele. — Ao ouvirem isto, todos os presentes soltaram uma gargalhada, mas Jabba silenciou-os automaticamente com um gesto. Luke não se calou durante muito tempo — Sei que és muito poderoso, ó grande Jabba, e que, por conseguinte, a tua raiva para com Solo será igualmente poderosa. Mas tenho a certeza de que haverá hipótese de se chegar a acordo, satisfatório e vantajoso para ambas as partes. Como gesto de boa vontade, envio-te uma oferta... estes dois dróides.

Ao ouvir isto, C-3PO deu um salto, como se algo o tivesse picado.

— O quê? Que é que ele disse? Luke continuou:

— Ambos são bons trabalhadores e servir-te-ão fielmente. — Com estas últimas palavras, o holograma desapareceu.

C-3PO abanou a cabeça, desesperado.

— Oh, não! Isto não é possível. Deves ter mostrado o holograma errado, R2.

Jabba ria-se e gracejava. Bib falou na língua de Jabba:

— Comerciar em vez de lutar? Ele decididamente não é um guerreiro Jedi.

Jabba assentiu com um movimento de cabeça. Arreganhando-se ainda, disse a C-3PO:

— Não haverá qualquer acordo entre nós. Aliás não estou com vontade nenhuma de dar a alguém o meu *bibelot* preferido... — Com um sorriso irônico, dirigiu o olhar para uma das mal iluminadas câmaras ao lado do trono; ali, encostado à parede, estava o corpo carbonizado de Han Solo, a cara e as mãos emergindo a custo da dura e fina placa em que estava envolvido; uma estátua no meio de um mar de pedra.

R2 e C-3PO marchavam, com ar infeliz, através de um corredor húmido, impelidos *amigavelmente* por um guarda gomorreano. Havia calabouços ao longo de ambos os lados do corredor. Os indescritíveis gritos de angústia que deles emanavam, enquanto os dróides passavam, ecoavam através de paredes de pedra e de catacumbas sem fim. De vez em quando uma mão, uma pata ou um tentáculo tentavam alcançá-los, passando através das grades.

R2 emitia uns bipes lamentosos, de fazer pena. C-3PO limitava-se a abanar a cabeça. *"Que é que poderia eventualmente ter passado pela cabeça de Luke? Teria sido alguma coisa que ele tivesse feito? Ele nem sequer nunca lhe dissera que estivesse descontente com o seu trabalho. ."*

Aproximaram-se por fim de uma porta no fundo do corredor. Abriu-se automaticamente e o guarda gomorreano incitou-os a entrar. Lá dentro, as suas orelhas foram assaltadas por uma série de ruídos mecânicos ensurdecedores: rodas chiando, cabeças de pistões a bater, martelos de água, barulho de motores, para além de um constante emanar de vapores que tornava difícil a visibilidade. Esta sala era ou a casa das caldeiras ou um inferno mecânico e programado.

Um grito de agonia electrónico ecoou, soando como uma engrenagem ao ser despedaçada, o que lhes chamou a atenção para o canto da sala. Do nevoeiro surgiu EV-9D9, um robot frágil e de aparência humana e, de resto possuidor de algumas características e apetites decididamente humanos.

Na escuridão, atrás de Ninedenine, C-3PO conseguiu vislumbrar um dróide cujas pernas estavam a ser arrancadas numa mesa de tortura, enquanto um segundo dróide, pendurado de cabeça para baixo, estava a sofrer a aplicação de ferros em brasa nas plantas dos pés. Fora ele que emitira o agonizante e agudo grito que C-3PO ouvira momentos antes,



quando os circuitos sensoriais da sua pele metálica tinham derretido. C-3PO

estremeceu ao ouvir o som, com o seu próprio sistema de fios a ranger, cheio de electricidade estática.

Ninedenine estacou em frente de C-3PO, elevando expansivamente as suas mãos em forma de pinça.

— Ah, Ah! Novas aquisições — disse ela, muito satisfeita. — Eu sou Eva-Ninedenine, chefe das operações ciborgue. És um dróide com preparação para protocolo, não é verdade?

— O meu nome é C-3PO, ciborgue inumanizado e...

— Sim ou não, é o que pretendo que me respondas, percebes? -

perguntou Ninedenine friamente.

— Bem... sim! — respondeu C-3PO. Este robot ia significar sarilhos, isso era mais que certo. Era um daqueles dróides que tem sempre de tentar provar que é mais do que os outros.

— Quantas línguas é que falas? - continuou Ninedenine. "*Bem, já que assim o quer, vou mostrar-lhe um oponente à altura. Também sei jogar esse jogo e impressionar tão bem quanto ela.*" , pensou C-3PO. Muniu-se do seu mais digno e enfático tom e começou a sua apresentação pessoal.

— Sou fluente em mais de seis milhões de formas de comunicação; para além disso posso...

— Ótimo! — interrompeu Ninedenine euforicamente. — Há já imenso tempo que não dispomos de um intérprete, mais precisamente desde que o senhor se irritou com algo que o nosso antigo dróide protocolar disse e o desintegrou!

— Desintegrou-o? - exclamou C-3PO surpreendido, ao mesmo tempo que perdia toda a vontade de ocupar aquela posição.

Ninedenine dirigiu-se a um guarda gomorreano que se encontrava perto, dizendo:

— Este ser-nos-á bastante útil. Acorrenta-o e leva-o depois para a sala de audiências principal.

O guarda grunhiu e empurrou grosseiramente C-3PO na direção da porta.

— R2, não me abandones! — gritou C-3PO, ao mesmo tempo que o gomorreano o forçava a abandonar a sala. Num instante desapareceu.

R2 emitiu um profundo e agudo assobio ao ver C-3PO ser arrastado pelo guarda. Depois voltou-se para Ninedenine e fez um bipe longo e ultrajado. Ninedenine limitou-se a sorrir.

— Para o teu tamanho és um robot bem refilão, mas em breve aprenderás a respeitar os mais velhos. Tenho um lugar para ti na nave do nosso amo. Vários dos nossos dróides do espaço têm desaparecido ultimamente, roubados, sem dúvida, para utilização de algumas peças em qualquer garagem espacial. Creio mesmo ser esse o lugar mais adequado para ti.

O dróide que estava a ser torturado emitiu um gemido de alta frequência, brilhou por instantes e depois quedou-se em silêncio.

A corte de Jabba, o *Cabana*, movia-se num êxtase maligno. Oola, a belíssima criatura acorrentada a Jabba, dançava no centro do salão, enquanto os monstros aclamavam e aplaudiam, inebriados. C-3PO, atirado de qualquer maneira para um dos cantos da sala, fazia por não dar muito nas vistas. De vez em quando tinha de se baixar, para evitar que alguma peça de fruta arremessada por um dos cortesãos lhe acertasse. Ou, então, tinha de saltar por cima de algum corpo que para ali rolasse. No entanto, a maior parte das vezes mantinha-se acorçado e encolhido a um canto.

Aliás, que mais poderia fazer um dróide preparado para exercer funções protocolares num lugar em que tão pouco protocolo existia?

Jabba olhou através do fumo do seu cachimbo turco e fez sinal à dançarina Oola para se sentar perto dele. Ela parou de dançar imediatamente,

perpassando-lhe uma expressão de terror pelo rosto, após

o que recuou, abanando negativamente a cabeça. Aparentemente já antes tinha sido alvo de um convite similar. Jabba ficou muito irritado. Apontou furiosamente para um lugar a seu lado no palanque em que se encontrava.

— Da eitha! - grunhiu ferozmente.

Oola abanou a cabeça ainda mais convictamente, tremendo de medo.

— Na chuba negatorie. Na! Na! Natoota.

Jabba ficou lívido. Furioso, fez um gesto na direção de Oola.

— Boscka! — Premiu um botão ao mesmo tempo que libertava Oola da corrente que a prendia. Antes que Oola pudesse fugir, abriu-se no chão uma armadilha rodeada por grades e ela precipitou-se para baixo, para o que parecia ser um enorme poço. A porta fechou-se, passado um momento, automaticamente. Fez-se um longo silêncio, seguido por murmúrios em voz baixa que foram aumentando de tom até terminarem num grito que de súbito os mergulhou novamente em silêncio. Jabba riu-se até mais não se poder conter e começou a babar-se. Uns tantos folgazões apressaram-se na direção da grade para assistirem à morte da dançarina.

C-3PO encolheu-se ainda mais e procurou conforto junto à forma envolta em carbonite de Han Solo, que se encontrava um pouco acima do solo, qual baixo-relevo. *Ali estava realmente um humano sem qualquer senso comum no que respeitava a protocolo*, pensou C-3PO melancolicamente.

As suas recordações foram subitamente interrompidas por um silêncio fora do normal que se fez sentir na sala. Ao erguer-se deparou com Bib Fortuna, tentando passar através da multidão, acompanhado de dois guardas gomorreanos seguidos por um magnífico caçador de aspecto feroz, envolto numa capa e com um capacete enfiado na cabeça, que trazia o seu prisioneiro por uma trela. O prisioneiro era Chewbacca, o *wookiee*. Ao vê-lo, C-3PO engasgou-se e apenas conseguiu dizer:

— Oh, não! Mas Chewbacca... — O futuro pareceu-lhe verdadeiramente nublado e duvidoso.

Bib disse algumas palavras ao ouvido de Jabba, ao mesmo tempo que apontava para o caçador e para o seu prisioneiro. Jabba ouviu-o

atentamente. O caçador era humanóide, pequeno e mau, pendia-lhe uma cartucheira da jaqueta e uma pequena abertura na sua máscara, ao nível dos olhos, transmitia a impressão de que ele podia ver através das coisas.

Fez uma grande vénia e depois disse, num *ubese* correcto:

— Saudações, ó Majestoso Ser. O meu nome é Boushh! — Era uma língua metálica, bem adaptada à atmosfera rarefeita do planeta-mãe de onde esta espécie nômade era originária.

Jabba respondeu na mesma língua, apesar de o seu *ubese* ser hesitante e lento.

— Até que enfim alguém me traz o poderoso Chewbacca... — Tentou continuar, mas não se conseguiu recordar da palavra que desejava dizer.

Com uma gargalhada tonitroante voltou-se para C-3PO. — Onde é que está o meu dróide intérprete? - Ruidosamente, fez sinal a C-3PO, indicando-lhe que se aproximasse. Relutantemente, o robot obedeceu. Jabba ordenou-lhe, de forma não muito desagradável:

— Dá-lhe as boas-vindas e pergunta-lhe qual é o preço que pede pelo *wookiee*.

C-3PO traduziu a mensagem para o caçador. Boushh ouviu atentamente, ao mesmo tempo que estudava as pouco amistosas criaturas que se encontravam espalhadas pelo salão, procurando saídas rápidas, reféns fáceis e outros pontos vulneráveis. Atentou de modo especial em Boba Fett, que se encontrava de pé junto à porta, o mercenário da máscara de aço que capturara Han Solo. Boushh organizou na sua mente todas estas coisas em questão de segundos, após o que, na sua língua nativa, se dirigiu a C-3PO.

— Não aceitarei menos de cinquenta mil!

C-3PO traduziu calmamente o que ele disse para Jabba, o qual, imediatamente enraivecido, atirou para longe, com um golpe da sua enorme cauda, o dróide dourado. C-3PO aterrou, com um barulho de latas, num monte dos mais variados artigos que se encontrava no chão — bem longe do trono. Por momentos ficou no chão, indeciso quanto à acção a tomar em seguida, Incerto quanto ao protocolo numa tal situação. Jabba começou a disparatar num *huttese* gutural, enquanto Boushh mudava a sua arma para uma posição mais vantajosa. C-3PO suspirou, abriu caminho até ao trono, compôs-se e traduziu para Boushh, embora nem tudo literalmente, o que Jabba estava a dizer.

— Vinte e cinco mil é o mais que ele pagará... — disse C-3PO.

Jabba fez sinal aos seus guardas gomorreanos para que levassem Chewbacca, enquanto os dois *jawas* apontavam as suas armas a Boushh.

Boba Fett também pegou na sua arma. Jabba acrescentou então à tradução que C-3PO fizera das suas palavras:

— Vinte e cinco mil... e a possibilidade de sair daqui vivo. C-3PO

traduziu. No salão fez-se silêncio, um silêncio tenso, cheio de incertezas.

Finalmente Boushh respondeu, em voz baixa, dirigindo-se a C-3PO.

— Diz a esse saco de lixo inchado que tem de arranjar uma proposta melhor do que essa, senão todos estes monstros vão ter de apanhar pedaços da sua pele malcheirosa dos cantos da sala. Trago comigo um detonador térmico!

C-3PO reparou então na pequena bola prateada que Boushh tinha, meio escondida na mão; dela provinha um zumbido constante. C-3PO olhou aterrado para Jabba e depois novamente para Boushh.

Jabba começou a gritar com o dróide.

— Vá, então? Que é que ele disse? C-3PO aclarou a garganta.

— Bem, Sua Grandeza, ele... bem, hum... ele...

— Vá, dróide, despacha-te. Que é que ele disse?

— Oh! meu Deus! - disse C-3PO, dando bastante ênfase à expressão.

Depois, preparando-se interiormente para o pior, traduziu para Jabba num *huttese* perfeito: — Boushh permite-se, respeitosamente, discordar de Sua Exaltação, implorando-lhe, ao mesmo tempo, que reconsidere a sua oferta...

ou então ver-se-á obrigado a largar o detonador térmico que tem na mão!

Instantaneamente fez-se ouvir um murmúrio por todo o salão. Toda a gente procurou recuar um pouco, como se isso ajudasse alguma coisa.

Jabba olhou fixamente a bola prateada segura firmemente na mão do caçador. Começava a brilhar. Novamente se fez silêncio na sala. Jabba olhou malevolamente para o caçador durante alguns segundos. Depois, lentamente, instalou-se um trejeito de satisfação na sua enorme e feia boca.

Do fundo bilioso da sua barriga emergiu uma gargalhada, como se fora um jato de gás a elevar-se dum atoleiro.

— Este caçador é uma peça digna da ralé que é a minha corte. Gosto dele. Inventivo e destemido. Diz-lhe que subo até aos trinta e cinco mil, e é a minha última oferta. Ah, diz-lhe também para não jogar de mais com a sorte que tem tido até agora.

C-3PO ficou extremamente satisfeito com a viragem dos acontecimentos. Traduziu para Boushh o que Jabba dissera. Todos os olhares se fixaram no caçador, esperando a sua reação — as armas prontas a disparar. Nesse momento, Boushh rodou um dos botões do detonador térmico e este apagou-se.

— Zeebuss — assentiu ele.

— Ele concorda — disse C-3PO a Jabba.

A multidão aplaudiu e Jabba ficou mais à vontade.

— Vem, meu amigo, junta-te à nossa celebração. Pode até ser que te encontre outro trabalho. — Enquanto C-3PO traduzia, a festa recomeçou; uma orgia depravada.

Chewbacca rugiu ao ser empurrado na direção da porta pelos guardas gomorreanos. Podia, sem qualquer dificuldade, ter-lhes partido a cabeça apenas por serem tão feios e para recordar a todos os presentes aquilo que um *wookiee* era capaz de fazer. No entanto, ao ver perto da porta um rosto familiar, absteve-se de o fazer. Escondido por trás de uma máscara feita de enormes dentes de varrasco das minas, e envergando um uniforme de guarda de esquifes, estava um humano, Lando Calrissian. Chewbacca não aparentou reconhecê-lo nem tão--pouco resistiu aos guardas que o escoltaram para fora do salão.

Lando conseguira penetrar neste refúgio de vermes, meses antes, a fim de verificar se era possível libertar Solo das mãos de Jabba. Tinha-o feito

por diversas razões. Em primeiro lugar porque pensava, corretamente, que era por sua causa que Han se encontrava nesta situação e ele queria, pois, alterá-la — isto se o conseguisse fazer sem perigo para ele próprio.

Introduzir-se na corte de Jabba, pretendendo ser um dos piratas, fora fácil, pois mudar de identidade era algo que lhe não oferecia problemas.

Em segundo lugar porque queria juntar-se aos amigos de Han nas altas esferas da Aliança Rebelde. Eles desejavam destruir o Império e era essa também uma das suas maiores ambições. A polícia imperial tinha-o perseguido demasiadas vezes para o seu gosto. Era, aliás, essa a razão por que os tinha tomado de ponta. Lando gostaria de fazer parte dos amigos de Solo, pois parecia que estavam no centro de tudo o que se relacionava com ataques ao Império.

Em terceiro lugar, a princesa Leia pedira-lhe para ajudar a libertar Solo e ele nunca conseguia recusar um pedido de ajuda vindo de uma princesa.

Para além do mais, talvez ela um dia lhe quisesse pagar, quem sabe...

E, finalmente, porque Lando teria apostado qualquer coisa em como Han não podia ser salvo daquele lugar. Como não conseguia resistir a uma aposta, ali estava.

Passara os dias a observar o que o rodeava. Observando e calculando.

Foi o que fez ao avistar Chewie a ser conduzido para fora do salão — observou cuidadosamente, recuando depois para junto da parede.

A banda começou a tocar, dirigida por um *jizz* azul, lamuriento e de orelhas derrubadas, de nome Max Rebo. Os pares invadiram a pista de dança. Os cortesãos gritaram e aproveitaram para encharcar os miolos em mais álcool.

Boushh encostou-se a uma coluna, observando a cena. O seu olhar passou friamente pela corte, abarcando os dançarinos, os fumadores, os patinadores, os jogadores... até que encontrou um olhar igualmente implacável. Boba Fett observava-o fixamente. Boushh mudou ligeiramente de posição, agarrando carinhosamente a sua arma, embalando-a como se de uma criança se tratasse. Boba Fett não se mexeu, vislumbrando-se apenas, através da máscara que usava, um risinho trocista.

Guardas gomorreanos conduziram Chewbacca através do mal iluminado corredor que os levava directamente às masmorras. Um tentáculo serpenteou na direção do meditativo *wookiee*, vindo de uma das celas.

— Rheeeaaaahhr! — rugiu ele, fazendo que o tentáculo voltasse rapidamente para de onde viera.

A porta seguinte encontrava-se aberta. Antes que Chewie se apercebesse claramente do que se estava a passar, os guardas forçaram-no a entrar na cela. A porta fechou-se com estrondo, deixando-o envolto em escuridão. Chewie levantou então a cabeça e emitiu um longo e lastimoso uivo, que se fez ouvir por toda a montanha de ferro e areia e se ergueu depois na direção do infinitamente paciente céu.



O salão do trono jazia envolto em silêncio e escuridão, totalmente vazio a não ser pelos restos do lixo que se aglomeravam por todos os cantos. Manchas de sangue, vinho e saliva enchiam o soalho, farrapos das mais diversas peças de vestuário pendiam do tecto e, atentando bem, conseguiam-se até distinguir corpos retorcidos debaixo dos diversos móveis. A festa terminara.

Um vulto vestido de negro movia-se silenciosamente através das sombras, fazendo uma pausa aqui e ali, escondendo-se ora atrás de uma coluna ora atrás de uma estátua. Atravessou furtivamente todo o perímetro da sala, passando uma vez por cima de um *yak face* que estava a ressonar num canto. Fez todo o percurso sem provocar qualquer espécie de barulho.

Se se chegasse mais perto poder-se-ia ver que era Boushh, o caçador.

Alcançou a alcova, precedida de cortinas, sobre a qual pendia o que parecia ser uma chapa e era na realidade Han Solo, suspenso por um campo de forças emanado da parede que lhe ficava por trás. Boushh olhou à sua

volta furtivamente e depois premiu um botão que se encontrava do lado direito do caixão de carbonite. O zumbido do campo de forças desapareceu enquanto o pesado objeto iniciou o seu percurso na direcção do solo.

Boushh pôs-se em bicos de pés e estudou atentamente a cara gelada do pirata do espaço. Depois tocou a face carbonizada de Solo de uma forma peculiar, como se de uma rara e preciosa gema se tratasse.

Durante alguns segundos examinou os painéis de controle que se encontravam junto à chapa e depois começou a premir vários botões numa cadência lógica e decidida. Finalmente, após pressionar o último e lançar um olhar hesitante para a estátua humana que se encontrava perante os seus olhos, inseriu a alavanca da descarbonização no lugar adequado.

A caixa que continha a estátua humana começou a vibrar, emitindo um som agudo. Ansiosamente, Boushh certificou-se de novo de que ninguém o ouvia. Pouco a pouco, a dura concha que cobria totalmente o rosto de Han Solo começou a derreter. Em breve toda a cobertura desaparecera do corpo

de Solo, libertando as suas mãos erguidas — que há tanto tempo tinham estacado nessa posição — , permitindo que caíssem, frouxas, ao lado do corpo. O rosto tomou uma expressão de calma que o não tornava muito diferente de uma máscara funerária. Boushh retirou com cuidado o corpo desmaiado de Solo da caixa que o continha e desceu-o suavemente até ao chão.

Depois encostou o seu horrendo capacete ao rosto de Solo, ouvindo atentamente, e procurando vislumbrar algum sinal de vida. Não captou, no entanto, nem respiração nem tão-pouco pulsação. De repente, e sem qualquer aviso prévio, os olhos de Han abriram-se e ele começou a tossir.

Boushh tentou acalmá-lo e mantê-lo em silêncio, pois ainda havia bastantes guardas nas redondezas que os poderiam ouvir.

— Calado! — murmurou ele. — Tente apenas descontraír-se.

Han pestanejou na direção do vulto, pouco nítido, que se encontrava por cima dele.

— Não consigo ver nada... que é que se está a passar?

Encontrava-se compreensivelmente desorientado, após ter estado em animação suspensa durante cerca de seis dos meses daquele planeta deserto -um período que, aliás, fora para ele eterno. Tinha sido uma sensação bem desagradável, como se durante uma eternidade tivesse tentado respirar, mover-se e gritar sem o conseguir. Como se tivesse passado todo esse tempo numa sensação constante de asfixia consciente.

Até que, de repente, fora mergulhado num poço sem fundo, negro e barulhento.

Todos os sentidos lhe voltaram ao mesmo tempo. O ar, ao entrar em contato com a sua pele, o fez sentir como que uma dentada gigantesca dada por milhares de pequenos dentes gelados, a opacidade da sua visão era impenetrável, o vento parecia assobiar-lhe junto das orelhas com a velocidade e o som de um furacão; não seria capaz de se pôr de pé, ou,

pelo menos, assim pensava; a quantidade de diferentes odores nauseavam-no; era incapaz de parar de salivar e todos os ossos do corpo lhe doíam. Foi então que começou a ter as visões.

Visões que iam desde a sua infância ao último pequeno-almoço que tomara e aos seus vinte e sete atos de pirataria. Como se todas as imagens e memórias da sua vida se tivessem junto num único balão, balão esse que rebentara e agora, ao acaso, as largasse a todas num único momento. Era quase esmagador, os seus sentidos levados até à exaustão ou, mais precisamente, a sua memória levada até à exaustão. Muitos homens tinham enlouquecido nestes primeiros minutos que se seguiam a um processo de descarbonização. Enlouquecido de forma irremediável e irreversível, incapazes de reorganizar os dez biliões de imagens individuais, que compreendiam a duração de uma vida, de forma selectiva e coerente.

Solo não era tão impressionável. Dirigiu de forma clara a onda de impressões que o avassalou até que estas se contiveram, submergindo-se no seu inconsciente, deixando apenas as mais recentes flutuando como espuma à superfície: a traição de Lando Calrissian, Lando que ele considerava amigo, a sua nave em perigo; a última imagem de Leia, a sua captura por Boba Fett, e caçador da máscara de ferro que...

Mas onde estava ele agora? Que tinha acontecido? A última imagem que se lhe apresentava era a de Boba Fett assistindo ao processo que o transformara numa estátua de carbonite. Talvez que Fett ainda não estivesse satisfeito e o retirasse agora da sua prisão para o torturar ainda

mais. O ar rugia-lhe aos ouvidos e a sua respiração era irregular, pouco natural. Tentou resguardar o rosto com a mão.

Boushh procurou assegurar-lhe que tudo estava bem.

— Estás livre da carbonite e a sofrer da doença da hibernação. A tua visão em breve voltará ao normal. Vem, temos de nos despachar, se queremos abandonar este lugar.

Reflexivamente, Han agarrou na máscara de caçador. Sentiu-a e abandonou-a de imediato.

— Não vou a lado nenhum! Aliás, nem sequer sei onde estou! —

Começou a suar profusamente, enquanto o seu coração batia com mais força e a sua mente procurava de forma obstinada encontrar respostas. —

Afinal, quem és tu? — perguntou, desconfiado. Talvez se tratasse mesmo de Fett.

O caçador ergueu as mãos e removeu o capacete, revelando, por baixo, o belíssimo rosto da princesa Leia.

— Alguém que te ama... — murmurou ela, ao mesmo tempo que tomava o rosto dele nas suas mãos ainda enluvadas e lhe depositava um longo beijo nos lábios.

## II

HAN FORÇOU os olhos, tentando vê-la, mas estes, tal como os de um recém-nascido, não lhe proporcionavam essa possibilidade.

— Leia! Onde estamos?

— No palácio de Jabba. Tenho de te tirar daqui o mais depressa possível!

Ele sentou-se a custo.

— Está tudo envolto em nevoeiro... não vou poder ajudar muito...

Ela olhou-o durante algum tempo — ao seu amor cego. Viajara anos-luz para o encontrar, arriscara a sua vida, perdera tempo que era precioso à Aliança Rebelde, tempo que ela não se podia na realidade dar ao luxo de perder com problemas pessoais... tudo isso pouco contava, pois ela amava-o. Os seus olhos encheram-se de lágrimas.

— Vamos conseguir sair daqui — murmurou-lhe ela ao ouvido.

Impulsivamente, abraçou-o e voltou a beijá-lo.

Também ele se sentia inundado por várias emoções ao mesmo tempo.

De repente regressara do mundo dos mortos e tinha nos braços aquela linda princesa — princesa que arriscara a sua vida para o tirar do infinito.

Sentia-se aniquilado perante tal devoção. Incapaz de se mexer, e até mesmo de falar, limitou-se a segurá-la firmemente nos braços, de olhos fechados, tentando minimizar o mundo e a realidade que o esperava e que em breve viriam ao seu encontro.

Mais depressa do que aliás tinham pensado. Uns guinchinhos agudos e repulsivos fizeram-se ouvir, de repente, por trás deles. Han abriu os olhos mas não conseguiu vislumbrar nada. Leia voltou-se para trás, para a alcova, com uma expressão de horror estampada no rosto. A cortina que cobria a alcova tinha sido levantada e a totalidade do espaço por ela ocupado encontrava-se cheia com as mais horríveis criaturas, desde o chão até ao

tecto, toda a corte de Jabba, desajeitados, salivando e respirando com dificuldade.

Leia tapou a boca de imediato com a mão.

— Que se passa? — perguntou Han, aflito. Era óbvio que algo de estranho se passava. Abriu mais os olhos, tentando romper a escuridão que o envolvia.

Um tagarelar obsceno irrompeu do extremo da alcova. Um tagarelar em *huttese*.

Han levantou a cabeça e cerrou os olhos, tentando afastar de si a inevitável realidade.

— Conheço essa voz! — exclamou.

O que restava da cortina foi afastado, deixando ver Jabba, Ishi Tib, Bib, Boba e alguns guardas gomorreanos. Todos riam, sem parar, às bandeiras

despregadas.

— Que maravilha! Que cena tão comovedora! — rosnou Jabba num tom cheio de falsa emoção. — Han, meu rapaz, os teus amigos têm subido de categoria, pena é que a tua sorte não tenha acompanhado essa subida!

Apesar da cegueira, Han conseguiu facilmente discorrer uma resposta tão sarcástica quanto o comentário de Jabba.

— Olha, Jabba, eu estava mesmo a preparar-me para ir ter contigo.

Para ajustarmos contas, percebes? O que acontece é que, na realidade, me atrasei um pouco, mas isso não é razão para que não cheguemos a um acordo...

Desta vez, Jabba não pôde conter as gargalhadas que genuinamente o assaltavam, nem tão-pouco os soluços que se lhes seguiam.

— É demasiado tarde para isso, Solo. Podes ter sido o melhor contrabandista das redondezas, mas agora não passas de um monte de lixo.

— Parou de sorrir e ordenou aos guardas: — Levem-no!

Os guardas agarraram Han e Leia. Arrastaram o pirata coreliano com eles, enquanto a princesa forcejava por se libertar.

— Decidirei mais tarde como acabar com ele — disse Jabba em voz baixa.

— Jabba, estás a atirar pela janela fora uma fortuna. Eu pago-te tudo a triplicar. Não sejas parvo! — Foi tudo quanto conseguiu dizer.

Emergindo da fileira dos diversos guardas ali postados, Lando tomou de imediato conta de Leia, tentando depois afastá-la dali. Jabba impediu-o, no entanto, de o fazer.

— Espera, guarda! Trá-la cá!

Lando e Leia estacaram. Lando ficou tenso e incerto no respeitante ao que devia fazer em seguida. Depois reconheceu que ainda não era a altura ideal

para agir e revelar o seu segredo. Ainda não tinham sido reunidas todas as condições necessárias para isso. Ele era uma espécie de ás na manga e, como tal, tinha de esperar com paciência a altura certa para jogar a cartada que lhe daria a vitória.

— Não te preocupes comigo. Ficarei bem — suspirou Leia.

— Não tenho assim tanta certeza — respondeu ele. No entanto, nada mais havia a fazer. Lando e Ishi Tib, o pássaro-lagarto, arrastaram a jovem princesa para junto de Jabba.

C-3PO, que observara tudo do seu posto por trás de Jabba, estava incapaz de assistir ao que quer que fosse que se seguisse. Virou a cara, horrorizado.

Leia, por seu lado, enfrentava corajosamente o asqueroso monarca.

Estava muito irritada. Com toda a galáxia em guerra, o fato de ela estar presa, neste minúsculo planeta, por este insignificante fora-da-lei, escória da sociedade, era ultrajante e mais do que o que ela podia tolerar. Manteve, no entanto, a voz baixa e falou calmamente. Era, afinal de contas, uma princesa.

— Temos amigos poderosos, Jabba. Em breve te arrependerás do que estás a fazer!

— Sem dúvida, sem dúvida, minha querida — disse em voz forte mas de certa forma prazenteira — , mas, entretanto, usufruirei plenamente o prazer da sua companhia. — Ao dizer isto puxou-a para junto dele até os seus rostos estarem a apenas alguns centímetros de distância, o corpo dela colado à oleosa pele de cobra dele.

Leia pensou seriamente na hipótese de o matar ali mesmo mas, tal como Lando, apercebeu-se de que não era o momento ideal. Reprimiu a sua cólera, atendendo a que, mesmo que o matasse, não teria hipótese alguma de se escapar com Han antes que os descobrissem. Sendo assim, engoliu em seco e, de momento, resolveu aguentar a pressão daquele pote de banha o melhor que lhe fosse possível.

C-3PO espreitou, momentaneamente, e voltou a esconder-se.

— Oh, não! Não, eu não posso ver isto!

A besta que Jabba era, entretanto, estendeu a sua língua pegajosa na direção da princesa e depositou-lhe na boca uma espécie de beijo lambuzado e repugnante.

Han foi atirado, sem qualquer tipo de cuidado, para dentro de uma cela, sendo a porta imediatamente fechada com estrondo. Estatelado no chão, incapaz de ver fosse o que fosse, conseguiu sentar-se, após uns minutos de hesitação, apoiando-se a uma parede. Depois de ter aplacado momentaneamente a sua cólera desferindo alguns murros no solo, tentou organizar os seus pensamentos.

Escuridão, escuridão total. Enfim, não valia sequer a pena pensar nisso. Pelo menos de momento. Se ao menos não fosse tão frustrante encontrar-se

naquela

situação!

F^pois

de

ter

sobrevivido

à

descarbonização e ter sido salvo pela única pessoa que...

*Leia!* O coração do capitão das estrelas começou a bater mais depressa

ão pensar nela e no que lhe poderia estar a acontecer. Se pelo menos soubesse onde se encontrava! Por descargo de consciência, bateu na parede



onde se encostara: era de rocha sólida.

Que poderia fazer? Talvez negociar com Jabba. Mas com quê? Não tinha nada com que pudesse negociar. Dinheiro estava fora de questão.

Jabba tinha mais do que o que algum dia viria a precisar. Para além disso, nada lhe daria mais prazer do que ter a princesa Leia em seu poder e poder matá-lo, a ele, Solo, quando assim o desejasse. Na realidade, o quadro não poderia ser mais negro. Nada o podia piorar.

Foi então que ouviu o rugido. Um rugido profundo e ensurdecedor vindo do canto oposto àquele em que se encontrava. Um som muito pouco tranquilizador, emitido por alguma besta feroz, vindo da infundável escuridão que o envolvia.

O cabelo de Solo pôs-se em pé, ao ouvi-lo. Ergueu-se de costas para a parede e falou, mais para si do que para quem quer que pudesse estar perto:

— Parece que tenho companhia!

— Groawwww! — rugiu a criatura, ao mesmo tempo que se lançava na direção de Han e o erguia do solo, apertando-o firmemente contra o seu peito peludo, quase não o deixando respirar.

Han ficou imóvel por instantes, não querendo crer no que ouvia.

— Chewie, és tu? — inquiriu, espantado. O *wookiee* gigante ladrou de alegria em resposta.

Pela segunda vez no espaço de uma hora, Solo sentia-se a transbordar de alegria. Só que desta vez de uma maneira ligeiramente diferente da primeira.

— Está bem, está bem, mas não me esmagues! Põe-me no chão.

Chewbacca pôs o seu amigo no chão, após o que este lhe fez uma festa no peito. Chewie reagiu como um cachorrinho feliz, emitindo uma espécie de arrulho de contentamento.

— Está bem, mas afinal que é que se passa por aqui? — Han voltava, de certo modo, à sua forma habitual. Reconhecia, agradecido, a sua boa fortuna; aqui estava alguém *de confiança* com quem ele podia elaborar um plano. E não apenas *alguém*, mas o seu mais fiel amigo em toda a galáxia.

Chewie informou-o pacientemente acerca de tudo o que se passara nos últimos tempos, sem omitir absolutamente nada.

— Arh arhaghh shpahrrgh rahr aurouwwrahhah grop rahp rah.

— O plano de Lando? Mas que é que *ele* está aqui a fazer? Chewie ladrrou em resposta. Han abanou a cabeça.

— O Luke está doido ou quê? Por que é que lhe deste ouvidos? Ele não é capaz de tomar bem conta dele próprio, quanto mais salvar quem quer que seja!

— Rowr ahrgh awf ahraroww rowh rohwgr grgrff rf rf!

— Um guerreiro jedi? Estás a brincar comigo! Uma pessoa está fora por algum tempo e começam todos a sofrer de visões!

Chewbacca insistiu, ladrando novamente. Han assentiu, embora duvidoso, não podendo afastar de si a impressão de deficiência em que se encontrava.

— Só acredito quando vir... — comentou, dirigindo-se firmemente para a parede. — Isto é, se percebes o que quero dizer!

O principal portão de ferro do palácio de Jabba abriu-se com dificuldade, por falta de óleo e excesso de areia nas dobradiças. De pé, no meio da ventania poeirenta do deserto, olhando firmemente para a entrada, estava Luke Skywalker.

Envergava o uniforme de Cavaleiro Jedi, uma espécie de batina, mas não trazia com ele nem o sabre de luz nem qualquer outra arma. Firme,

mas sem qualquer espécie de vaidade, tentava medir o lugar onde em breve iria entrar. Era agora um homem feito. Mais sábio, como cabia a um

homem, e amadurecido mais pela vida e pelas perdas que sofrera do que pelos anos, que pouco ainda lhe pesavam. As perdas tinham sido muitas: de ilusões, de dependência, de amigos (devido à maldita guerra), de sono, de descanso, de riso e até mesmo da sua mão.

Mas, ainda assim, de todas elas, a maior era a que vinha do próprio conhecimento e da compreensão de que nunca poderia esquecer ou apagar aquilo que sabia. Havia tantas coisas que ele desejava nunca ter aprendido!

Tinha, na realidade, envelhecido subitamente com o peso do conhecimento.

Logicamente que o aprofundar do conhecimento trazia benefícios. Era agora muito menos impulsivo. O estado adulto trouxera-lhe uma nova perspectiva de vida em que forcejava por inserir todos os acontecimentos, desde as escassas memórias que tinha da sua infância até às miríades de hipóteses que o futuro, sem dúvida, lhe reservava. Era quase como se a sua vida fosse um tabuleiro de xadrez, em que Luke podia mover cada peça a seu tempo, meditando com segurança na jogada que ia efectuar. Um entrelaçar de sombras e acontecimentos esbatidos até desaparecerem do horizonte da mente de Luke. Era tudo isto que dava um significado à sua existência, ao mesmo tempo que lhe imprimia uma certa sobriedade melancólica. Não que esta fosse uma parte integrante da sua personalidade, embora alguns menos imparciais assim o afirmassem, mas existia nele sem dúvida e era talvez, neste momento, a característica que mais saltava à vista.

O conhecimento trouxera-lhe, no entanto, outros benefícios: racionalidade, boa educação, poder de escolha. O poder de escolha era, sem dúvida, uma lâmina de dois gumes, mas mesmo assim merecia a pena.

Para além de tudo isso, era agora de pleno direito um guerreiro jedi, pleno de sabedoria e capaz de enfrentar qualquer perigo, enquanto anteriormente não passara de um iniciado.

Era agora um homem consciente. Todas estas eram, aliás, qualidades desejáveis, e Luke não punha sequer em causa o fato de que tudo o que

nasce tende a desenvolver-se e a crescer mas, de qualquer forma, sentia uma certa tristeza ao pensar em tudo isto. De qualquer modo, quem se poderia dar ao luxo de ser jovem numa altura como esta?

Resolutamente, Luke passou através da entrada em forma de arco.

Quase imediatamente, dois gomorreanos postaram-se-lhe em frente, impedindo-o de prosseguir. Um deles, numa voz que não admitia discussão, disse:

— No chuba!

Luke ergueu a mão e apontou para os guardas. Antes que pudessem apontar-lhe as armas, ambos se sentiram asfixiar, agarrando-se às gargantas, engasgando-se e tentando respirar, isto tudo ao mesmo tempo.

Ambos caíram de joelhos. Luke baixou a mão e continuou o seu caminho. Os guardas, de novo capazes de respirar, apoiaram-se nos degraus. Não o seguiram.

Na curva seguinte deu de caras com Bib Fortuna, que começou a falar enquanto se aproximava do jovem jedi, mas este não parou, continuando o seu caminho. Bib teve, pois, de parar e dar meia volta, apressando-se para apanhar Luke e retomar a conversa.

— Tu deves ser o que chamam Skywalker. Sua Excelência não te receberá.

— Encontrar-me-ei *agora* com Jabba! — respondeu-lhe Luke de mansinho, mantendo no entanto o ritmo de andamento. Passaram entretanto por outros guardas que caíram à sua passagem.

— O grande Jabba está a dormir — explicou Bib. — Pediu-me para te comunicar que não haverá combinação alguma possível entre vós...

Luke estacou de repente e fixou o olhar em Bib. Os seus olhos miraram profundamente os do mordomo de Jabba e ergueu a mão ao de leve durante uns instantes.

— Agora levar-me-ás até Jabba!

Bib titubeou e inclinou um pouco a cabeça. Quais eram as instruções que Jabba lhe dera? Ah, sim, já se recordava.

— Levar-te-ei imediatamente à presença do grande Jabba! — Deu meia volta e entrou no corredor em ziguezague que conduzia directamente à sala do trono. Luke limitou-se a segui-lo.

— Serves bem o teu amo, Bib — murmurou-lhe ao ouvido.

— Sirvo bem o meu amo — assentiu Bib.

— Serás certamente recompensado — acrescentou Luke. Bib sorriu satisfeito.

— Serei certamente recompensado!

Quando Luke e Bib entraram na sala onde se encontrava reunida a corte de Jabba, o barulho cessou de imediato, como se a presença de Luke tivesse o condão de os impossibilitar a todos de falar. Todos se aperceberam instantaneamente da sua presença.

O lugar-tenente e o guerreiro jedi aproximaram-se do trono. Luke reparou em Leia junto à barriga de Jabba. Envergava o traje de dançarina e estava acorrentada pelo pescoço. Sentiu de imediato a dor que lhe enchia o espírito, mas forcejou por afastar isso da sua mente, não olhando sequer para ela. A sua atenção tinha de estar totalmente centrada em Jabba.

Leia, por seu lado, apercebeu-se do que se estava a passar e interiorizou os seus sentimentos, tentando impedir-se de o distrair, mantendo, ainda assim, a sua mente apta a receber qualquer espécie de informação ou pedido de ajuda que ele lhe enviasse. Sentia-se cheia de possibilidades e pronta a actuar, se necessário.

C-3PO espreitou por trás do trono ao ver Bib aproximar-se. Pela primeira vez em muitos dias sentiu-se capaz de utilizar o seu programa referente a esperanças de mudança de situação.

— Ah, até que enfim que o senhor Luke me veio buscar! — exclamou.

Bib parou orgulhosamente em frente de Jabba.

— Senhor, apresento-lhe Luke Skywalker, guerreiro jedi!

— Disse-te para não o deixares entrar! — grunhiu o monstruoso bandido em *huttese*.

— Tem de me deixar falar! — disse Luke calmamente, não evitando ter sido ouvido por toda a sala.

— Tem de o deixar falar — concordou Bib, pensativamente. Jabba, furioso, esbofeteou Bib, fazendo-o balouçar e estatelar-se no chão.

— Seu idiota sem miolos! Ele está a utilizar um velho truque jedi de infiltração de vontade!

Luke procurou, e conseguiu, afastar de si todo o burburinho que o rodeava, assim como todos os cortesãos que o miravam atentamente.

Focou toda a sua atenção em Jabba.

— Ordena que me tragam o capitão Solo e o *wookiee*. Jabba sorriu de forma pouco tranquilizadora.

— Os teus poderes mentais não me afetam. O teu padrão de pensamento humano não é o mesmo que o meu. Não coincidem, pura e simplesmente! - Acrescentou depois: — Matei muitos guerreiros jedi ainda vocês eram uma *elite*, não apenas um punhado de aventureiros como agora.

Nessa altura, ser um jedi significava algo de especial.

Luke reviu a sua posição interior e exteriormente, mas insistiu.

— Mesmo assim, levarei comigo o capitão Solo e os seus amigos. Podes ganhar com isso... ou ser destruído no processo. A escolha é tua, mas aviso-te desde já que não debes subestimar os meus poderes! — Falou na língua de Jabba, para que ele o entendesse claramente.

Jabba, em resposta, soltou uma gargalhada que poderia muito bem ser a resposta dada por um leão a um rato pelo leão que o tentasse intimidar.

C-3PO, que observara atentamente toda esta troca de palavras, inclinou-se intencionalmente na direção de Luke, murmurando-lhe ao ouvido:

— Senhor, estás sobre... — Um guarda o fez calar-se, arrastando o pobre dróide para o seu lugar.

Jabba parou de rir e falou como se se dirigisse a um pequeno verme.

— Não farei qualquer espécie de combinação contigo, jovem jedi. Dar-me-á muito prazer ver-te morrer!

Luke ergueu a mão e uma pistola saltou do coldre de um dos guardas que se encontrava por perto, indo-lhe parar à mão. Luke apontou-a a Jabba.

— Boscka! — cuspiu este.

O chão abriu-se automaticamente, engolindo Luke e o guarda que se encontrava a seu lado, lançando-os para dentro do poço em que Oola, a bailarina, também caíra. De imediato, todos os membros da corte de Jabba se lançaram para perto da grade, procurando vislumbrar alguma coisa.

— Luke! — gritou Leia, ao mesmo tempo que se sentia despedaçada, como se parte dela se tivesse precipitado com Luke para dentro do poço.

A porta fechou-se e o chão voltou a unir-se. Ela avançou um pouco, mas foi detida pela grilheta à volta do seu pescoço. Irritantes gargalhadas irromperam de todos os lados, fazendo-a perder a cabeça. Preparou-se para tentar fugir mas, nesse momento, um guarda humanóide tocou-lhe no ombro. Ela virou a cabeça. Era Lando. Imperceptivelmente, abanou a cabeça, em negativa. Também imperceptivelmente, os seus músculos relaxaram. Não era este o momento ideal, ele bem o sabia, mas esse momento aproximava-se a passos largos. Todas as cartas importantes já tinham sido dadas. Todos os trunfos estavam agora presentes: Luke, Han, Leia, Chewbacca... assim como a carta sem naipe aparente, ele próprio,

Lando Calrissian. Apenas desejava que ela não revelasse os trunfos antes que todas as apostas fossem feitas. As diversas vidas em jogo assim o exigiam.

No poço, em baixo, Luke levantou-se. Ao olhar em volta, reparou que se encontrava numa imensa masmorra, espécie de caverna, cujas paredes eram formadas por seixos ásperos e certamente entremeados por fendas sem conta. Havia pelo chão pilhas de ossos meio mastigados, exalando um cheiro a carne podre. Cerca de oito metros acima estavam alguns dos membros da corte de Jabba, espreitando através de uma grade de ferro. O

guarda a seu lado começou de repente a gritar incontrolavelmente, ao mesmo tempo que uma porta, de um dos lados da caverna, se abria aos poucos. Com uma calma e uma paciência infinita, Luke observou atentamente o lugar em que se encontrava, ao mesmo tempo que despia a sua longa batina e deixava apenas o que envergava por baixo, a túnica de jedi, que lhe daria muito mais liberdade de movimentos. Após ter terminado o processo, recuou e acorrou-se junto à parede, limitando-se a esperar.

Da passagem que se abria emergiu o gigantesco *Rancor*. Do tamanho de um elefante, era, de certo modo, um réptil, mas tão disforme que mais parecia um pesadelo ambulante. A sua enorme e escancarada boca era assimétrica em relação à cabeça, e as suas presas e garras eram desproporcionadas. Era, claramente, um mutante, e tão selvagem quanto um ser impossível de classificar o poderia ser.

O guarda apanhou a pistola do lugar onde caíra e começou a disparar cargas de *laser* contra o horripilante animal. Isto apenas fez que ele ficasse ainda mais irritado. Começou a arrastar-se na direção do guarda. Este continuou a disparar. Ignorando as rajadas de *laser*, o animal abocanhou o histérico guarda, rebentou-o com um simples movimento das suas mandíbulas e engoliu-o todo de uma só vez. Em cima a audiência aplaudiu e alguns atiraram moedas.

O monstro virou-se e dirigiu-se então para Luke, mas este, num pulo sobre-humano, ergueu-se no ar oito metros e agarrou-se às grades. A audiência começou a vaiar com tanta força quanto a que utilizara



anteriormente para aplaudir. À força de braços atravessou o gradeamento na direção do canto da caverna, forcejando por se aguentar sem escorregar, enquanto a audiência troçava dos seus esforços. Uma mão escorregou-lhe num pedaço mais oleoso do gradeamento e ele teve de utilizar toda a sua força para não cair directamente sobre a cabeça do mutante.

Dois *jawas* correram nesse momento para a grade, começando a bater com as coronhas das suas armas nas mãos de Luke, tentando fazê-lo cair; mais uma vez a audiência aplaudiu entusiasticamente.

*Rancor* tentou atingir Luke com uma pata, mas este balançou-se para fora do seu alcance. De repente, Luke soltou-se e caiu em cheio sobre o olho

da estridente criatura, precipitando--se depois para o solo.

*Rancor* grunhiu em agonia e começou a agredir a sua própria cabeça, para afastar a dor. Correu em círculos algumas vezes, até que de novo avistou Luke e seguiu na sua direção. Luke baixou-se e apanhou um enorme osso, pertença de uma anterior vítima, brandindo-o à frente do monstro.

Em cima, os espectadores acharam a cena simplesmente deliciosa, rindo até mais não poderem.

O monstro agarrou Luke e levou-o até à boca peganhenta de saliva. No último momento, no entanto, Luke utilizou o osso como uma espécie de cunha, espetando-o na boca de *Rancor*, saltando ao mesmo tempo para o chão, enquanto o animal ficou incapaz de fechar a boca. Rugiu e andou às voltas até que embateu, estrondosamente, com a cabeça numa parede.

Várias rochas se soltaram e deram azo a uma avalanche que soterraria Luke, não fora ele estar encolhido dentro de uma das fendas da parede. A multidão que assistia ao espectáculo aplaudiu em unísono.

Luke tentou ordenar as suas idéias. O medo é uma nuvem enorme, conforme Ben lhe costumava dizer. Torna o frio ainda mais frio e o escuro ainda mais escuro. No entanto, se se deixar' a nuvem ascender, ela dissolver-se-á. Por isso Luke deixou-a ascender, ultrapassar a multidão que de cima o observava, e começou a pensar de que forma poderia aproveitar a energia do triste animal em seu proveito.

Era fácil de ver que o animal não era naturalmente mau, pois, se assim fosse, a sua maldade ter-se-ia sem dificuldade virado contra si próprio; como Ben costumava dizer, a maldade pura acabava sempre por levar à autodestruição. Este monstro não era mau, apenas pouco inteligente e maltratado. Esfomeado e com dores, atirara-se a tudo o que lhe passasse perto. Se Luke atribuísse isso à maldade inata do animal estaria simplesmente a projectar os seus próprios receios, o que seria falso e não o ajudaria muito na presente situação.

Não, ele tinha de manter os seus sentidos alerta, pois era essa a única maneira de vencer e destruir o animal, evitando--lhe um sofrimento prolongado.

De preferência, o que desejava era lançá-lo à solta na corte de Jabba, mas isso era quase totalmente impossível de fazer. Considerou, como

segunda hipótese, conceder ao animal a possibilidade de se autodestruir.

Infelizmente o animal estava longe de compreender, e desejar, o conforto do infinito. Isso fez que Luke fosse forçado a observar atentamente os contornos da caverna, para poder elaborar um plano específico.

*Rancor*, entretanto, já conseguira retirar o osso da boca e, enraivecido, procurava agora encontrar Luke no montão de pedras que desabara. Luke, apesar do montão de pedras e do animal, que lhe obstruíam a visão, apercebeu-se da existência de uma espécie de vestíbulo de entrada e, para além dele, de uma porta de entrada. Desejou apenas poder alcançá-la.

Após ter derrubado um pedaço de rocha, *Rancor* vislumbrou Luke, ainda encolhido numa fenda. De imediato se lançou para a frente, procurando

chegar até ele. Luke agarrou numa pedra e bateu com quanta força tinha num dos dedos do animal. Este, enraivecido pela dor, saltou para trás, e Luke aproveitou essa abertura para se lançar em corrida na direção da porta. Alcançou-a e entrou. À sua frente encontrava-se um pesado portão gradeado e, para além dele, estavam os dois guardas de *Rancor*, ingerindo comodamente o seu jantar. Ergueram as cabeças quando Luke entrou e dirigiram-se para ele.

Luke virou-se para de novo enfrentar o monstro que, enraivecido, o seguira, mas ao vê-lo, deu meia volta e tentou abrir o portão. Os guardas tentaram empurrá-lo para a frente com as suas espadas pontiagudas, batendo-lhe através das grades, enquanto riam, mastigavam e observavam *Rancor* que se encontrava cada vez mais perto do jovem jedi.

Luke encostou-se a uma das paredes laterais enquanto *Rancor* se aproximava cada vez mais. De repente, porém, reparou no painel de controle de entrada da sala em que se encontrava, situado a meia altura na parede oposta. Então, quando *Rancor* ultrapassou a entrada, preparando-se para o matar, Luke apanhou do chão um crânio e arremessou-o de encontro ao painel.

O painel explodiu de imediato, numa chuva de reflexos das mais variadas cores, e a gigantesca porta de ferro que separava as salas caiu, descontrolada, em cima da cabeça de *Rancor*, esmagando-a de tal maneira que lembrou um machado a cortar através de uma melancia madura.

A audiência parou, por instantes, de respirar, quedando-se em silêncio.

Estavam todos siderados perante os acontecimentos que tinham presenciado. Todos os olhares se viraram para Jabba, que parecia prestes a sofrer uma apoplexia, tal era a raiva que sentia. Nunca na sua vida se sentira tão enfurecido. Leia tentou esconder a sua felicidade, mas foi incapaz e não se pôde impedir de sorrir, o que fez aumentar a fúria de Jabba. Asperamente, dirigiu-se aos guardas.

— Tirem-no dali. Tragam-me Solo e o *wookiee*. Sofrerão todos este ultrage por que me fizeram passar.

No poço, em baixo, Luke deixou-se calmamente apanhar pelos guardas que entraram em quantidade para o agarrar.

O guarda de *Rancor* chorava abertamente e atirou-se para cima do corpo morto do seu animal de estimação. A vida seria para ele bem mais solitária, após a morte do animal.

Han e Chewie foram levados perante o enfurecido Jabba. Han continuava a pestanejar e a tropeçar frequentemente. C-3PO permanecia atrás de Jabba, sem poder conter a apreensão que o atormentava, enquanto este fazia festas no cabelo de Leia, cuja trela puxara para junto de si, para tentar acalmar-se. Um murmúrio constante enchia o salão, enquanto a maioria dos presentes se interrogava sobre o que aconteceria a seguir e a quem.

Com uma certa agitação, vários guardas, e entre eles Lando Calrissian, arrastaram Luke através da sala. Para lhes dar passagem, os cortesãos separaram-se como um mar revolto. Quando Luke se encontrava também em frente ao trono, dirigiu um sorriso a Solo e disse-lhe:

— É bom ver-te outra vez, compatriota!

O rosto de Solo iluminou-se. Na realidade o número de amigos seus que encontrava por acaso na corte de Jabba parecia não mais acabar.

— Luke! Também estás metido nesta embrulhada?

— Claro! Nada me faria perder uma ocasião destas! — Por um momento sentiu-se rejuvenescer.

— Bem, e que tal nos estamos a sair? — disse Han, levantando as sobrancelhas.

— Como sempre — respondeu Luke.

— Hum! — murmurou Solo. Sentia-se totalmente à vontade. Tal como nos velhos tempos. Mas, um segundo depois, uma nuvem veio ensombrar a sua felicidade. — Onde está Leia? Ela está...

Os olhos de Leia tinham-no seguido desde o momento em que entrara na sala, embora a sua mente tentasse não se ocupar dele. Pôr isso, quando falou nela, não se pôde conter e respondeu imediatamente, do lugar onde se encontrava, ignorando a presença de Jabba.

— Eu estou bem, mas não sei por quanto tempo mais conseguirei conter este teu amigo piegas — disse, tentando incutir uma nota de gargalhada na sua voz, para que Solo ficasse descansado. Na realidade, e para além de tudo o mais que a rodeava, a presença de todos os seus amigos faziam-na sentir-se invencível. Han, Luke, Chewie e Lando estavam lá todos, inclusive C-3PO que, nalgum canto, fazia por passar despercebido.

Leia quase desatou às gargalhadas, ao pensar em esmurrar o nariz de Jabba. Teve de se esforçar para se conter, pois desejava abraçá-los a todos.

De repente, Jabba gritou; na sala fez-se silêncio imediato.

— Dróide intérprete!

Timidamente, C-3PO avançou e, com um gesto embaraçado e fazendo por apagar a sua presença, dirigiu-se aos cativos:

— Sua Alta Exaltação, o Grande Jabba, decretou que vocês devem ser destruídos de imediato...

Solo disse em voz alta:

— Ótimo! Detesto esperas longas!

— A extrema ofensa que acaba de fazer a Sua Majestade - continuou C-3PO — requer a mais horrível forma de perecer...

— Sem dúvida! Aliás não se devem fazer as coisas por metade! —

respingou Solo. Jabba tornava-se por vezes tão pomposo. E então agora, que fazia os seus anúncios oficiais através daquele montão de lata dourada.

Para além de tudo o mais, C-3PO *detestava* ser interrompido.

Recompôs-se, apesar de tudo e retomou a palavra.

— Sereis levados para o mar das Dunas, onde sereis atirados ao grande poço de Carkoon...

Han encolheu os ombros e virou-se para Luke, dizendo:

— Não parece tão mau como isso...

C-3PO ignorou a interrupção.

— ... o lugar onde descansa o todo-poderoso *Sarlacc*. Dentro da sua barriga encontrareis uma nova definição para dor e sofrimento, enquanto fordes digeridos lentamente por ele, durante um período de mil anos.

— Pensando melhor, passava bem sem isso — reconsiderou Solo. Mil anos eram, na verdade, demasiado tempo.

Chewie ladrou em assentimento, enquanto Luke se limitou a sorrir.

— Devias ter negociado conosco, Jabba. Este é o último erro que cometerás! — Luke foi incapaz de suprimir da sua voz a satisfação.

Considerava Jabba simplesmente desprezível, uma espécie de sanguessuga que chupava a vida de tudo aquilo que tocava. Luke desejava queimar o vilão, por isso estava imensamente satisfeito por este se ter recusado a negociar; assim, sentir-se-ia à vontade para fazer o que desejava. Sem dúvida que o seu objectivo primário era libertar os seus amigos, a quem muito amava. Era essa, de momento, a sua maior preocupação. Mas se, no processo, pudesse libertar a galáxia de tal patife... bem, essa era uma perspectiva que enchia as medidas de Luke e o excitava profundamente.

Jabba gargalhou maldosamente.

— Levem-nos! — disse, experimentando finalmente algum prazer,

num dia que lhe apresentara escassas oportunidades de o usufruir. Enfim, do mal o menos. E alimentar *Sarlacc* era a única coisa que ele apreciava tanto quanto alimentar *Rancor*. Pobre *Rancor*.

Um grito elevou-se da multidão ao ver os prisioneiros serem levados para fora da sala do trono. Leia, preocupada, observava-os mas, quando reparou na expressão sorridente de Luke, a preocupação abandonou-a.

Suspirou profundamente, tentando ignorar as dúvidas.

A gigantesca barça à vela antigravitacional de Jabba deslizava lentamente sobre o mar das Dunas, que parecia nunca mais acabar. O casco de ferro da embarcação, batido pela areia, rangia devido à brisa suave. Cada lufada de vento batendo a medo nas duas enormes velas da barça, como se até a própria natureza sofresse a malévola influência de Jabba. Ele estava agora na coberta inferior, com a maior parte da sua comitiva, tentando esconder a podridão do poder purificador do sol.

Ao lado da barça, duas pequenas naves flutuavam em formação: uma era uma nave de escolta, transportando seis soldados, todos eles com muito mau aspecto; a outra era uma nave-prisão, contendo os prisioneiros, ou seja, Han, Chewie e Luke. Estavam todos amarrados e rodeados por guardas armados. Mais precisamente quatro guardas armados: Barada, dois *weequays* e Lando Calrissian.

Barada era o estilo de pessoa que não admitia brincadeiras e atendia a tudo cuidadosamente, medindo todos os riscos. Carregava carinhosamente a sua arma, como se não desejasse mais nada senão pô-la a funcionar.

Os *weequays* eram uma espécie esquisita. Eram irmãos de pele rija, tal qual couro, e calvos. Ninguém sabia ao certo se *weequay* era o nome da tribo ou da espécie a que pertenciam. Tão pouco se sabia se na sua tribo todos eram irmãos ou se todos se chamavam *weequays*. Apenas se sabia que estes dois davam por esse nome e que tratavam indiferentemente todas as demais criaturas. Entre si eram dóceis, poder-se-ia até dizer meigos mas, tal como Barada, esperavam ansiosamente que algum dos prisioneiros se portasse mal.

E, para além destes, Lando, que permanecia silencioso, pronto para em qualquer altura aproveitar uma oportunidade que se lhe deparasse. Esta situação lembrava-lhe uma por que já passara anteriormente, quando espalhara carbonato de lítio por toda a parte no planeta Pesmenben IV, para convencer o governador imperial a abandoná-lo. Lando, disfarçado nessa altura de guarda das minas, fizera o governador deitar-se no fundo do barco e ceder perante as suas ameaças. Escapara nessa altura e contava escapar também desta vez. Só que, ao contrário do governador, os guardas talvez tivessem de ser eliminados.

Han esforçava-se por ouvir e catalogar todos os ruídos, pois os olhos ainda não estavam aptos a cumprir a sua missão. Falava desconcertantemente para pôr os guardas à vontade e para os habituar à sua maneira de se expressar; isto para que, quando fosse necessário, eles não suspeitassem de que algo de estranho se estava a passar e ele pudesse ter uns segundos de vantagem. Também, como sempre, falava porque gostava de se ouvir a si mesmo.

— Parece que a minha visão está a melhorar — disse, piscando os olhos.  
— Em vez de uma mancha negra, agora vejo uma mancha clara.

— Acredita que não estás a perder nada — disse Luke, sorrindo — , eu sei bem, pois cresci aqui. — Luke pensou na sua juventude em Tatooine, de quando vivia na quinta de seu tio, de como passeava com os seus amigos pela areia, no seu velho carro rápido. Pensou nos seus amigos de então, filhos de outros colonos, tentando desbravar este nunca-acabar de areia.

Nunca havia nada para fazer, quer se fosse homem quer rapaz, a não ser passear pelas dunas e evitar encontros com os impertinentes invasores Tusken, que guardavam a areia como se ela fosse pó de ouro. Luke conhecia bem este lugar. Fora aqui que conhecera Obi-wan Kenobi, o velho eremita Ben Kenobi, que vivia na imensidão do deserto desde sempre, o homem que pela primeira vez mostrara a Luke o que significava ser um jedi. Luke lembrava-se dele com muito amor e muita pena. Ben fora, mais do que ninguém, o agente das descobertas e perdas de Luke, assim como das descobertas de perdas. Ben levara Luke a Mos Eisley, a cidade pirata na parte oeste de Tatooine, ao bar onde pela primeira vez encontrara Han Solo e Chewbacca, o *wookiee*. Levava-o até lá depois de as



tropas imperiais terem assassinado o seu tio Owen e a sua tia Beru, durante a sua busca de R2 e C-3PO, os dois dróides fugitivos. Fora assim que tudo começara para

Luke, aqui em Tatooine. Conhecia este lugar como a palma da mão e jurara, quando da morte de seus tios, que nunca mais voltaria a tal lugar. — Pois é, eu cresci aqui... — repetiu lentamente.

— E agora vais morrer aqui! — replicou Solo.

— Não fazia, na verdade, parte dos meus planos, morrer aqui — disse Luke, parecendo despertar de um sonho.

— Bem, se esse é o teu plano, conformares-te, ele deixa desde já de me interessar.

— O palácio de Jabba estava demasiadamente bem guardado. Tinha de vos tirar de lá, em primeiro lugar. Mantém-te perto de Chewie e de Lando.

Não te preocupes, nós trataremos de tudo.

— Mal posso esperar... — Solo tinha a não muito agradável sensação de que a sua salvação dependia da utilização do estatuto de jedi de Luke.

Uma premissa facilmente questionável, se se atendesse ao fato de que os jedi eram uma irmandade, há muito extinta, que utilizava uma espécie de força em que ele não acreditava. Uma boa arma e uma boa nave eram as coisas em que Han acreditava e, de momento, daria tudo para as ter ao seu alcance.

Jabba estava sentado na cabina principal da barcaça, circundado por toda a sua comitiva. Continuava aqui a festa do palácio, resultando numa pândega apenas um pouco mais vacilante, mais ao estilo de uma pré-

cerimónia de linchamento. Sangue, beligerancia e luxúria encontravam aqui uma espécie de refúgio.

C-3PO estava fora de si. De momento via-se forçado a traduzir uma discussão entre Ephant Mon e Ree-Yees, sobre técnicas de guerra, o que

literalmente o transcendia. Ephant Mon era um paquiderme de aspecto grosseiro e com um enorme focinho e, segundo C-3PO, mantinha na sua discussão uma posição insustentável. No entanto, no seu ombro estava Salacious Cromb, o macaco-réptil, que possuía o irritante hábito de repetir verbalmente o que Ephant dissera, duplicando, por conseguinte, o peso dos seus argumentos.

Ephant concluiu a frase com uma declaração tipicamente belicosa:

— Woossie jawamba boog!

Ao ouvir isto, Salacious acrescentou, em tom pretensioso:

— Woossie jawamba boog!

C-3PO não desejava, na realidade, traduzir esta afirmação para Ree-Yees, cuja cara de cabra com três olhos não se apresentava muito valorizada com o fato de se encontrar bêbedo que nem um cacho. No entanto, não teve outro remédio.

Ao ouvir a tradução, os três olhos dilataram-se, furiosos.

— Backawa! Backawa! — E, após esta afirmação, passou à acção, esmurrando o focinho de Ephant Mon e lançando-o para cima de um conjunto de *Squid Heads* que se encontravam calmamente num canto.

C-3PO pressentiu que esta resposta não necessitaria de ser traduzida e escapou-se para a traseira da barcaça, onde embateu num pequeno dróide que aí servia bebidas. Estas entornaram-se.

De imediato, o pequeno dróide emitiu uma série de ruídos, bipes e assobios que foram reconhecidos por C-3PO sem sombra de dúvida. Olhou para baixo, aliviado:

— R2! Que é que estás aqui a fazer?

— DoooWEEP chWHRrrrree bedzhhg!

— Que estás a servir bebidas já eu reparei. Mas este lugar é perigoso.

Vão executar o senhor Luke e, se não formos cuidadosos, também a nós!

R2 assobiou, em ar despreocupado.

— Quem me dera que tivesses confiança em mim — replicou tristemente.

Jabba ria satisfeito por ver Ephant Mton no chão. Adorava assistir a uma boa tarefa. Adorava especialmente ver os mais fortes derrotados, ver cair os orgulhosos. Deu um esticão, com os seus dedos inchados, na corrente que prendia o pescoço de Leia. Quanto mais resistência encontrava, mais se divertia. Insistiu até conseguir arrastar até si a escassamente vestida princesa.

— Não vás para longe, minha querida. Em breve aprenderás a gostar de mim. — Puxou-a para o seu lado e forçou-a a beber do seu copo.

Leia abriu a boca e fechou a mente. Era horrível, sem dúvida, mas havia coisas piores e, de qualquer forma, esta situação não se prolongaria durante muito mais tempo.

Havia, sem dúvida, coisas piores, e ela sabia-o bem. O modelo de comparação que utilizava era a noite em que fora torturada por Darth Vader. Quase cedera. Ele nunca saberia quão perto ela estivera de fornecer a informação que ele desejava — a localização da base rebelde. Capturara-a logo após ela ter enviado os dróides R2 e C-3PO em busca de auxílio.

Tinham-na capturado, levado para a Estrela da Morte e injectado produtos que lhe enfraqueceram a mente, após o que a torturaram.

Torturaram primeiro o seu corpo com os eficientes dróides treinados para tal efeito. Agulhas, pontos de pressão, facas de fogo e correntes eléctricas. Aguentara todas essas formas de tortura e aguentaria agora, com a mesma força e resignação interior, a presença de Jabba junto dela.

Aproveitou, no entanto, a momentânea distração de Jabba para se afastar dele alguns centímetros, movendo-se na direcção das janelas e espreitando,

tentando avistar a nave que transportava os seus salvadores.

Estavam a parar. Todas as naves estacavam já, sobre um enorme monte de areia. A barça moveu-se, juntamente com a nave de escolta, para um dos lados da gigantesca depressão. A nave dos prisioneiros manteve-se, no entanto, no ar, a cerca de seis metros sobre o poço.

No fundo do espaçoso cone de areia estava um enorme e membranoso buraco, pleno de muco, de uma tonalidade rósea, quase imóvel. O buraco tinha cerca de dois metros e meio de diâmetro e o seu perímetro total estava preenchido com dentes pontiagudos, numa sequência de três filas

viradas para dentro. A areia agarrava-se ao muco que ladeava a abertura, caindo ocasionalmente para o seu interior. Esta visão repugnante era a boca de *Sarlacc*.

Uma prancha de ferro estava estendida a partir de um dos lados da pequena nave dos prisioneiros. Dois dos guardas desamarraram Luke e forçaram-no a subir para a prancha, directamente sobre o orifício na areia, que começara a ondular e a salivar profusamente, aumentando o nível de muco, ao sentir o cheiro da carne que em breve receberia.

Jabba subiu, juntamente com a sua comitiva, para a coberta superior.

Luke esfregou os pulsos, para estes retomarem uma normal circulação.

O calor que a areia do deserto exalava aqueceu-lhe a alma, fazendo-o sentir-se mais confortável. Afinal de contas, este seria sempre o seu planeta, o seu lar. Nascera e fora criado num pedaço de terra Bantha. Reparou em Leia, de pé, junto ao gradeamento da barça grande. Piscou-lhe o olho e ela respondeu da mesma forma.

Jabba chamou C-3PO, ordenando-lhe que se aproximasse, dando-lhe depois algumas instruções em voz baixa. O dróide dourado chegou-se à amurada. Jabba levantou o braço, ordenando silêncio; todos os piratas intergalácticos que formavam a sua corte acataram a ordem de imediato.

Fez-se ouvir a voz de C-3PO, ampliada pelos altifalantes.

— Sua Excelência deseja sinceramente que morras de forma honrada

— anunciou C-3PO, não parecendo fazer nenhum sentido. Alguém tinha, de propósito, trocado o programa de instruções do dróide. Ele era, no entanto, apenas um dróide, sem vontade própria. Limitava-se a traduzir, não se dando sequer ao luxo de o fazer em versão livre. Abanou a cabeça e continuou: — Porém, no caso de algum de vós desejar implorar clemência, Jabba estará agora ao vosso dispor, para ouvir os pedidos.

Han avançou, preparando-se para dar àquele pote de lama inchado a resposta que merecia, isto no caso de tudo o mais falhar.

— Diz a esse monte de esterco evitado pelas minhocas que... —

Infelizmente, Han estava virado para o deserto, não para Jabba. Chewie alcançou-o e voltou-o, fazendo-o ficar virado na direção do *monte de estéreo evitado pelas minhocas*. Agradeceu com um gesto a Han e

prosseguiu: — Diz a esse monte de estéreo que não lhe concederemos tal prazer.

Chewie assentiu, fazendo alguns ruídos confirmativos.

Luke estava pronto para falar, continuando o que os seus amigos tinham dito.

— Jabba, ouve-me bem! É a tua última oportunidade — gritou. —

Liberta-nos ou morrerás! — Olhou na direção de Lando que, sem qualquer objecção, se dirigia para o fundo do esquiife.

*É isso mesmo, pensou, atiram-se os guardas fora e descola-se sem que ninguém nos possa impedir.*

Ao ouvir o ultimato de Luke, a comitiva de Jabba desatou às gargalhadas, pelo que R2 aproveitou a distração geral para, silenciosamente, subir a rampa para o convés superior.

Jabba ergueu a mão e os seus favoritos calaram-se.

— Tenho a certeza de que tens razão, meu jovem amigo jedi — disse, sorrindo. Depois virou o dedo polegar para baixo e ordenou: — Atirem-no para *Sarlacc*!

Os espectadores aplaudiram ao verem um dos *weequay* empurrar Luke para o fim da plataforma. Luke olhou para R2 e verificou que este se encontrava junto à grade, sozinho. Saudou-o entusiasticamente. Ao ouvir o sinal combinado abriu-se, na cabeça em forma de cúpula de R2, um orifício por onde um projectil foi disparado, subindo bem alto e curvando num arco bem delineado sobre o deserto.

Luke saltou da plataforma, o que arrancou um aplauso à assistência sequiosa de sangue. No entanto, em menos de um segundo, Luke tinha dado meia volta em queda livre e agarrara a ponta da prancha com os dedos. A fina prancha de metal oscilou e dobrou-se enormemente, devido ao peso de Luke. Por instantes pareceu que se quebraria mas, de um só golpe, catapultou-o para cima. No ar, Luke deu uma volta completa e caiu de novo no meio da prancha, no lugar onde estivera previamente, só que desta vez por trás dos confusos guardas. Sem qualquer tipo de esforço especial,

estendeu a mão e, de repente, o sabre de luz, a espada de luz que R2 lhe lançara, aterrou-lhe, elegantemente, na mão.

Com a velocidade característica de um jedi, acendeu a espada e atacou o guarda que se encontrava à sua frente, forçando-o a cair directamente na boca crispada de *Sarlacc*.

Os outros guardas lançaram-se sobre Luke. Ripostou, sinistro, empunhando a espada de luz.

A sua própria espada de luz, não a de seu pai. Perdera a de seu pai no duelo com Darth Vader, no mesmo duelo em que perdera a mão. Darth Vader que lhe dissera que *era* o seu pai.

Esta espada de luz fora confeccionada pelo próprio Luke, na cabana abandonada de Obi-wan Kenobi, no outro lado de Tatooine. Fora executada com instrumentos e peças do mestre jedi, juntamente com muito amor,

persistência, habilidade e necessidade absoluta de tal artefato. Utilizava-a agora como se fora uma extensão do seu próprio braço. Este sabre de luz era totalmente seu. Pertencia-lhe de direito.

Cortou através dos guardas que se lançavam sobre ele como uma luz através das sombras. Lando lutava com o timoneiro, tentando apoderar-se dos comandos do esquife. A pistola de *laser* do timoneiro disparou-se, atingindo um dos painéis de comando e originando um solavanco que se fez que um dos guardas caísse para o poço sem fundo, que era a boca de *Sarlacc*, e todos os outros passageiros caíssem e ficassem amontoados no convés. Luke levantou-se com um salto e dirigiu-se-lhe, empunhando a espada de luz. O timoneiro, ao observar o resultado do seu disparo, estremeceu, desequilibrou--se e seguiu o rumo do seu companheiro, na direção das mandíbulas do gigantesco animal.

O guarda, espantado, aterrou no lado arenoso do poço, iniciando uma descida inexorável na direção da abertura viscosa e denteada. Tentou desesperadamente içar-se, enterrando as unhas na areia e gritando por socorro. De repente, porém, um tentáculo musculoso emergiu da boca de *Sarlacc*, avançou lentamente na direção do tornozelo do timoneiro e agarrou-o, formando nele uma espécie de pasta de areia, arrastando-o depois para dentro do buraco, com um ruído repugnante de deglutição.

Tudo isto aconteceu em questão de segundos. Ao ver o que se passava, Jabba explodiu de raiva e começou a gritar ordens às pessoas que o rodeavam. Num instante criou-se um tumulto, com criaturas correndo em todas as direcções, entrando e saindo através de todas as portas. Foi durante toda esta insensata correria que Leia agiu.

Saltou para cima do trono de Jabba, agarrou a corrente que a prendia e apertou-a a volta do grosso pescoço do tirano.

Mergulhou depois para o lado oposto àquele de onde viera e deu um puxão violento na corrente.

Os pequenos anéis de metal que compunham a corrente enterraram-se nas pregas do pescoço de Jabba, como se de um garro te se tratasse.

Exercendo uma força que ela não reconhecia como sendo totalmente sua, continuou a puxar. Ele empinou-se com um golpe do seu enorme torso, quase lhe partindo os dedos, quase lhe arrancando os braços do lugar. Não conseguiu, no entanto, exercer a acção de alavanca que desejava, devido à sua falta de jeito.

Mesmo assim, o seu enorme peso quase era suficiente para acabar com qualquer hipótese de o derrotar através da simples força física.

A maneira como Leia segurava aquela corrente não era, contudo, meramente o resultado do uso de força física. Fechou os olhos e cerrou a mente à dor física, proveniente das mãos, que a avassalava, focando a atenção no seu próprio desejo de viver, na força de vida que existia em si mesma. Canalizou toda a sua vontade no único desejo que, de momento, possuía: incapacitar de respirar a repugnante criatura.

Puxou, suou, enquanto observava a corrente a enterrar-se, cada vez mais profundamente, na traquéia de Jabba. Este esperneava, literalmente siderado, torcia-se freneticamente, observando Leia, o seu inimigo menos esperado, de quem ele menos desconfiara.

Com um último esforço, Jabba esticou os músculos e guinou para a frente. Os seus olhos de réptil começaram a distender-se, parecendo querer saltar das órbitas, conforme o garrote da corrente ia sendo mais forte e a sua resistência menor. A boca abriu-se e a língua oleosa pendeu-lhe. A sua

grossa cauda vergastou o chão, tentando sem êxito desprender-se. Sem aviso prévio, no entanto, os estremeções pararam. Jabba jazia imóvel — um peso morto.

Leia tentou então libertar-se, livrar-se da corrente que a prendia pelo pescoço, enquanto lá fora a batalha começara.

Boba Fett iniciou a marcha do seu foguete dirigível, ergueu-se no ar e, de um só fôlego, atravessou o espaço que existia entre a barça e o esquife, alcançando-o no preciso momento em que Luke acabava de desamarar os seus amigos Han e Chewie. Boba apontou a sua pistola *laser* a Luke mas,



antes que pudesse disparar, o jovem jedi voltou-se e lançou o seu sabre de luz, em arco, na direção de Boba, cortando em duas a arma do caçador.

O canhão situado no convés superior efectuou uma série de disparos, atingindo o esquife num dos lados e fazendo-o rodar cerca de quarenta graus para a direita. Lando foi atirado para fora mas, no último momento, conseguiu agarrar um suporte meio partido e tentou içar-se de novo para bordo, procurando evitar ser servido de sobremesa a *Sarlacc*. Estes acontecimentos ultrapassavam-no ligeiramente, por isso resolveu que, de futuro, só entraria em golpes deste estilo quando a organização lhe pertencesse por inteiro. O esquife foi de novo atingido por um projectil vindo directamente da barcaça, atirando Han e Chewie de encontro ao gradeamento. Ferido, o *wookiee* emitiu um grito de dor. Luke voltou-se para observar o seu amigo peludo, pelo que Boba aproveitou a oportunidade para lhe lançar um cabo que trazia escondido numa das mangas, cabo esse que, assim que o envolveu, dando várias voltas sobre ele, lhe imobilizou os braços até à altura dos pulsos.

Luke dobrou então a mão que sustentava a arma, apontando o sabre de luz para cima... volteando depois na direção de Boba, através do cabo.

Num instante, o sabre de luz tocou o fim do laço de metal, cortando-o de imediato. Luke libertou-se do cabo, ao mesmo tempo que um outro projectil atingia o esquife, deixando Boba inconsciente e atirando-o ao chão. Infelizmente, a explosão que atingira Boba também atingiu o suporte a que Lando ainda se agarrava, incapaz de se içar para o convés devido aos movimentos constantes do esquife, fazendo-o, pois, cair no poço, junto a *Sarlacc*.

Luke sofreu o efeito da explosão mas não foi ferido. Lando caiu na areia, no lugar onde o timoneiro também caíra, gritando por socorro e tentando a todo o custo escapar a tal morte. Quanto mais se esforçava por sair mais se afundava, vendo cada vez mais perto a asquerosa boca do animal. Fechou os olhos, tentando imaginar o maior número possível de maneiras que poderia utilizar para oferecer a *Sarlacc* mil anos de indigestão contínua. Apostou três contra dois em como seria capaz de aguentar mais que qualquer outra pessoa no estômago da criatura. Talvez conseguisse até

convencer, gentilmente, o último guarda que caíra a ceder-lhe o seu uniforme de couro. Então...

— Não te mexas! — gritou-lhe Luke, ao mesmo tempo que a sua atenção era desviada pela chegada do segundo esquife que, carregado de guardas abria já fogo sobre eles.

Luke utilizou então uma das regras mais primárias dos jedis, não deixando, no entanto, de surpreender os passageiros do esquife: atacou sozinho, apesar de estar nitidamente em desvantagem. Isto, segundo lhe tinham ensinado, condiciona a energia do inimigo. Luke saltou, pois, directamente para o centro do esquife, começando a dizimar o maior número possível de guardas, com a ajuda do seu sabre de luz.

Na outra nave, Chewie tentava sair do meio dos escombros causados pela explosão, enquanto Han tentava, às cegas, pôr-se de pé. Chewie ladrou-lhe, tentando guiá-lo na direção de uma espada que se encontrava no convés..

Lando gritou bem alto ao sentir-se deslizar para dentro das cintilantes mandíbulas. Ele era um homem dado a apostas mas, naquele momento, não se sentia apto a apostar a seu favor.

— Não te mexas, Lando! — gritou Han. — Vou a caminho! - E depois, dirigindo-se a Chewie: — Onde é que está a espada, Chewie? — Tacteu cuidadosamente o solo no lugar onde se encontrava, seguindo as instruções que o *wookiee* lhe ladrava. Por fim encontrou-a.

Foi no preciso momento em que Boba Fett se levantava, ainda um pouco tonto devido à explosão. Olhou para o outro esquife e observou Luke, que se agitava, lutando aguerridamente, no meio de seis guardas. Com uma das mãos procurou firmar-se, segurando-se a amurada, e, com a outra,

Boba fez pontaria às costas de Luke.

Chewie ladrou, avisando Han.

— Em que lugar? — perguntou Solo. Chewie ladrou em resposta.

O momentaneamente cego pirata do espaço balançou a longa espada na direção de Boba. Instintivamente, Fett aparou o golpe com o antebraço, fazendo de novo pontaria a Luke.

— Sai da minha frente, idiota cego! — praguejou.

Chewie continuou a ladrar instruções. Han balançou de novo a sua espada, desta vez na direção oposta, atingindo em cheio a unidade de propulsão de Boba. Esta, devido ao impacto, inflamou-se, fazendo que Boba saísse disparado pela borda fora, passando através do segundo esquite, onde Luke se encontrava, e ricocheteando directamente para dentro da boca de *Sarlacc*. O seu corpo, bem aconchegado dentro da armadura, passou velozmente junto de Lando, continuando sem parar até ao fundo.

— Rrgrowrrbroo fro bo — grunhiu Chewie.

— Palavra? — sorriu Han. — Quem me dera ter visto!

Um novo projectil foi lançado da barça, atingindo o esquite num dos lados e fazendo que Han, e quase todos os outros, fossem atirados para fora. O pé de Han ficou preso na amurada, deixando-o a balançar precariamente sobre *Sarlacc*. O *wookiee* ferido agarrou-se firmemente aos fragmentos de grade que restavam à popa.

Luke acabara, entretanto, com os guardas, pensara rapidamente no que deveria fazer a seguir e atirara-se sobre o abismo de areia, aterrando na parte externa da enorme barça. Pouco a pouco, iniciou a escalada, à força de braços, do casco da embarcação, na direção da arma que se encontrava no convés superior, e que tantos estragos já causara.

Enquanto isso, no convés de observação, Leia lutava sem parar com a corrente que a prendia ao bandido agora morto, escondendo-se por trás da enorme carcaça sempre que a ocasião o requeria. Esticava a corrente ao máximo, procurando encontrar uma pistola *laser* que por ali pudesse estar

perdida. Não conseguira ainda, no entanto, ser bem sucedida. Felizmente para ela, R2 apareceu, não sem primeiro ter perdido a paciência após ter rolado pela plataforma errada.

Finalmente apressou-se para junto dela e, estendendo um apêndice cortante de um dos lados do seu corpo, cortou a corrente que a mantinha presa ao cadáver.

— Obrigada, R2. Bom trabalho. Agora o melhor é sair daqui!

Correram para a porta. No caminho cruzaram-se com C-3PO que jazia estendido no chão, enquanto um brutamontes, de nome Hermi Odle, se sentava em cima dele. Perto da cabeça de C-3PO, e tentando arrancar-lhe o olho direito, estava Salacious Crumb, o macaco-réptil.

— Não, não! Por favor, os meus olhos não! - gritava C-3PO.

R2 lançou uma corrente eléctrica nas costas de Hermi Odle, fazendo-o voar através de uma janela. Um golpe similar pregou ao tecto o pouco amistoso Salacious. C-3PO ergueu-se num ápice, com o olho pendurado por uma série de fios. Ele e R2 apressaram-se a seguir Leia, passando através da porta que esta escolhera.

A arma no convés disparou uma vez mais, fazendo voar tudo o que se encontrava no esquiife, à exceção de Chewbacca. Segurando-se desesperadamente com o seu braço ferido, agarrava com o outro o tornozelo de Han que, por sua vez, tentava às cegas alcançar o aterrorizado Calrissian. Lando conseguira parar de escorregar, mantendo-se imóvel.

Agora, no entanto, cada vez que esticava o braço para agarrar a mão de Solo, a areia dava de si mais um pouco e ele escorregava na direcção do esfomeado buraco. Esperava ansiosamente que Solo já não lhe guardasse qualquer rancor pelo que lhe fizera em Bespin.

Chewie ladrrou uma outra ordem a Han, pelo que este respondeu:

— Está bem, eu sei! Aliás já vejo muito melhor! Deve ser do sangue que me está a subir à cabeça!

— Ótimo! — exclamou Lando. — Agora, se te fosse possível crescer uns centímetros mais...

Os guardas que manejavam a arma do convés superior da barcaça faziam já, sem qualquer dificuldade, pontaria a esta corrente humana, preparando-se para um golpe final, quando Luke apareceu, à sua frente, rindo como um rei pirata. Acendeu o sabre de luz antes que eles pudessem disparar, e numa questão de segundos não passavam de cadáveres fumegantes.

Uma companhia de guardas dirigiu-se para Luke, vinda do convés inferior, e, antes de o alcançar, disparou, o que fez que a espada de luz lhe voasse da mão. Correu ao longo do convés, mas em breve foi encurralado.

Dois soldados tinham já retomado o comando da arma. Luke olhou para a mão; o mecanismo estava à mostra. A complexa construção com circuitos de aço, que tomara o lugar da sua mão verdadeira, decepada no último encontro com Vader, estava exposta. Sentiu o mecanismo: ainda funcionava.

Os guardas dispararam contra o esquife. Atingiram de novo um dos lados, o que fez que mais uma vez balançasse. O choque quase atirou Chewie para fora do esquife mas, no último momento conseguiu agarrar-se.

Com o balanço, Han conseguiu agarrar o pulso de Lando.

— Puxa! — gritou Solo ao *wookiee*.

— Já me agarraste! — gritou Calrissian. Foi então que, em pânico, observou um dos tentáculos de *Sarlacc* enrolar-se lentamente à volta do seu tornozelo. *Ainda falam em regras do jogo*, pensou. *Neste jogo pareciam mudar cada cinco minutos! Que espécie de apostas é que se podiam fazer quando entravam tentáculos no jogo! Só se fossem apostas longas e peganhentas!*, decidiu, fatalista.

Os artilheiros reajustaram a mira da arma, preparando-se para o golpe final, mas, para eles, tudo terminou antes que quase dessem por isso. Leia tinha tomado conta do segundo convés, do outro lado da barcaça. Com o primeiro disparo destruíra a mastreação da barcaça que se encontrava entre ambos; com o segundo destruiu totalmente a arma do primeiro convés.

As explosões fizeram oscilar a enorme barcaça, o que distraiu momentaneamente os cinco guardas que cercavam Luke. Nesse momento, ele estendeu a mão e apanhou o sabre de luz que, duma distância de cerca

de três metros, se levantou no ar e se lhe dirigiu. Depois elevou-se no ar quando dois guardas abriram fogo contra ele, mas ele virou-os um contra o outro, pelo que se eliminaram mutuamente. Ainda no ar, acendeu o sabre de luz e, ao cair, feriu mortalmente os outros. Gritou para Leia, que se encontrava do outro lado do convés:

— Aponta a arma para baixo!

Leia inclinou de imediato a arma para baixo, como Luke lhe indicara, fazendo depois sinal a C-3PO, que se encontrava junto à amurada. R2, ao lado de C-3PO, emitia bipes sem parar.

— Não consigo, R2! — gritou C-3PO. — É demasiado alto para eu saltar! Ahhh...! -R2 empurrara o dróide dourado pela borda fora, apressando-se a atirar-se ele próprio, em seguida, para baixo, caindo na areia junto a C-3PO.

Entrementes a luta de tracção continuava entre *Sarlacc* e Solo, funcionando o barão Calrissian como corda e prêmio final. Chewbacca segurava a perna de Han, ao mesmo tempo que se agarrava à amurada.

Com muito jeito, conseguiu prender-se firmemente com o corpo e alcançar uma pistola *laser*, empunhando-a e fazendo pontaria na direção do tentáculo que tentava arrastar Lando. Após um último esforço desistiu, ladrando para Han a sua preocupação pelo que poderia suceder a Lando, caso falhasse.

— Ele tem razão - disse Lando — , está demasiado longe para poder acertar.

Solo olhou para cima.

— Dá-me a arma, Chewie! — Chewie entregou-lha. Agarrou-a com uma das mãos, continuando a segurar Lando com a outra.

— Eh ! Aguenta aí um bocadinho! — exclamou Lando. — Julgava que não podias ver!

— Estou melhor! Confia em mim! — disse Solo, tentando segurá-lo.

— Tenho escolha? Eh!, um pouco mais alto, por favor! — disse, baixando a cabeça.

Han pestanejou, premiu o gatilho... e acertou em cheio no tentáculo. O repelente apêndice largou o tornozelo imediatamente, encolhendo-se e regressando para donde viera — a boca de *Sarlacc*.

Chewbacca aproveitou então a oportunidade para dar um magistral puxão e conseguiu arrastar Solo e depois Lando para dentro do esquife.

Enquanto isto, Luke agarrara Leia com o seu braço esquerdo e segurava uma corda com o direito. A corda, parte da mastreação da barça, pendia ainda de um dos mastros laterais, apesar de meio destruída. Num instante, Luke, com um pontapé, fez disparar a arma, ao mesmo tempo que se lançava pelo ar, com Leia firmemente apoiada a ele.

Atingiram ambos, balançando, o convés do esquife de escolta no momento em que a explosão por eles provocada se fez ouvir na barça. Uma vez lá, Luke dirigiu-se para o outro esquife, o dos prisioneiros, onde ajudou Chewie, Han e Lando a subirem a bordo.

A enorme barça continuou a explodir atrás deles. Grande parte dela estava agora em chamas.

Luke contornou cuidadosamente a barça até avistar C-3PO

completamente soterrado na areia, excepto as pernas. A seu lado estava R2-D2, ou pelo menos assim parecia, pois a única parte da sua anatomia a descoberto era o periscópio. O esquife parou directamente sobre eles e, baixando um poderoso íman, que saiu de um dos compartimentos laterais, apanhou os dois dróides, que com o seu forte poder se desenterraram e ergueram no ar como por milagre.

— Conseguimos! — exclamou C-3PO, exultando.

— beee DOO dwEET! - concordou R2.

Passados alguns minutos encontravam-se todos no esquife, sãos e salvos. Então, pela primeira vez de algum tempo a esta parte, puderam olhar-se e reconhecer que estavam todos juntos, sãos e salvos. Foi um momento de grande alegria para todos e não faltaram os beijos, abraços, risos, lágrimas e um infindável número de bipes. Nessa altura, acidentalmente, alguém apertou o braço ferido de Chewbacca, o que o fez

rugir de dor. Isso fez que todos como que despertassem e se apressassem a segurar o esquife, verificando os perímetros, procurando provisões e, finalmente, partindo.

Ao longe, a enorme barcaça começou a sofrer uma série de explosões e fogos violentos e, enquanto o esquife desaparecia de vista, navegando através do deserto, deflagrou uma última explosão. Esta, resplandecente, foi apenas diminuída pela ardente claridade proveniente dos sóis gêmeos de Tatooine.

### III

A TEMPESTADE DE AREIA que se fazia sentir abafava tudo: a vista, a respiração, movimentos e até o pensamento. O próprio ruído era desconcertante, pois parecia elevar-se de todo o lado ao mesmo tempo, dando a impressão de que o universo era composto única e exclusivamente de barulho, estando eles no centro deste caos.

Os sete heróis continuavam, passo a passo, a marchar através da ventania que parecia ter obscurecido totalmente o céu, agarrando-se uns aos outros e seguindo em cadeia para se não perderem. R2 liderava-os, guiado por um zumbido constante que apenas ele era capaz de captar; um zumbido não natural, sobre o qual o vento não se conseguia impor. A seguir vinha C-3PO, depois Leia, guiando Han e, por fim, Luke e Lando amparando o não muito seguro *wookiee*.



R2 emitiu um bipe bem sonoro e todos olharam para cima, conseguindo distinguir umas formas escuras e vagas.

— Eu não sei — gritou Han — , mas a única coisa que consigo ver é uma data de areia em constante movimento.

— Não te preocupes, pois isso é o que cada um de nós consegue ver! — respondeu-lhe Leia.

— Ah! Então é sinal de que estou a melhorar. Continuaram a avançar e as formas foram aumentando de volume à medida que se aproximavam delas. De repente a escuridão pareceu dissolver-se e, à sua frente, estava a forma compacta da *Millennium Falcon*, ladeada pela nave de asas em X de Luke e por uma nave em forma de Y, de dois lugares. Assim que o grupo se encontrava debaixo da enormidade que era a *Falcon*, o vento pareceu perder intensidade e o tempo melhorou, restando apenas o que poderia ser considerado como um ligeiro mau tempo. A tempestade de areia desaparecera.

C-3PO pressionou um botão e a prancha de embarque desceu, com um zumbido que lhes pareceu bem agradável. Solo virou-se para Skywalker e disse:

— Tenho de te confessar, rapaz, que te portaste excepcionalmente bem. A todos os níveis.

Luke encolheu os ombros.

— Não me agradeças só a mim. O que fiz foi com a ajuda de todos — respondeu, dirigindo-se para a sua nave.

Han seguiu-o e o fez parar. O seu rosto tomara uma expressão mais séria.

— Obrigado por teres vindo à minha procura, Luke.

Luke sentiu-se embaraçado sem saber bem porquê. Não conseguiu encontrar outra resposta que não fosse um simulacro das que Han usualmente dava em situações similares:

— Ah!, não foi nada de especial! — disse finalmente.

— Não, foi algo de muito especial. Aquele banho de carbo-nite é a coisa que mais se aproxima da morte. Nem sequer era dormir, era planar num imenso infinito, sem hipótese de adormecer ou acordar.

Fora um mergulho numa não existência de que Luke e os outros amigos o tinham salvo, arriscando as próprias vidas pela simples razão da amizade que existia entre eles, nada mais. Este era um prisma de visão totalmente novo para o petulante Solo; prisma que se mostrava ao mesmo tempo fascinante e amedrontador. Havia da parte dele um certo receio quanto à reviravolta que os acontecimentos tinham sofrido. Algo em tudo isto o fazia sentir mais cego do que antes mas, ao mesmo tempo, mais sonhador. Era realmente muito confuso. Em tempos estivera só, agora pertencia a um grupo unido.

Já não estava só.

Nunca mais estaria só.

Luke observou a mudança que ocorrera no seu amigo, uma espécie de mudança de maré. Era algo de muito profundo, muito significativo; algo que Luke não queria perturbar. Limitou-se, pois, a fazer um pequeno gesto com a cabeça.

Chewie grunhiu afectuosamente para o jovem guerreiro jedi, fazendo-lhe festas na cabeça como um tio orgulhoso. Leia também se lhe dirigiu e abraçou-o carinhosamente.

Todos amavam Solo mas, por qualquer razão, era mais fácil demonstrar esse carinho, literalmente, a Luke.

— Escoltar-te-ei até que te incorpores na frota — disse Luke, dirigindo-se para a sua nave.

— Por que razão não abandonas essa caranguejola e vens conosco? —

inquiriu Solo, dando-lhe uma cotovelada.

— Primeiro tenho uma promessa a cumprir... uma promessa que fiz a um velho amigo... — Um *velho* amigo era a expressão correta, pensou, sorrindo.

— Bem, então despacha-te. Volta depressa — incitou Leia. -Por esta altura, a Aliança Rebelde já deve estar totalmente completa! — Vislumbrou então algo no rosto de Luke que não pôde classificar; algo que a assustou mas que ao mesmo tempo a aproximou dele. — Volta depressa! — repetiu.

— Assim farei! — prometeu. — Vamos, R2!

R2 seguiu-o, rolando na direção do asas em X e despedindo-se de C-3PO com uns bipes agudos.

— Adeus, R2 — respondeu suavemente C-3PO. — Que o Criador te abençoe. Vai ter cuidado com ele, não vai, senhor Luke?

Mas tanto Luke quanto R2 já não o ouviram, pois já se encontravam do outro lado da pequena nave.

Os outros pararam por instantes, tentando descobrir o que o futuro lhes reservava, observando a areia revolta.

Lando os fez acordar bruscamente.

— Vá, vamos embora! Abandonemos esta bola de areia! — A sua sorte parecera tê-lo abandonado neste planeta. Fazia votos sinceros de ser mais feliz na próxima que empreendesse. Sabia bem que durante os tempos mais próximos teria de se manter na linha, mas havia sempre a hipótese de, por qualquer razão, ter de apostar em qualquer coisa que surgisse.

Solo deu-lhe uma palmada nas costas.

— Creio que também tenho de te agradecer, Lando.

— Não! Apenas pensei que, se te deixasse para ali congelado, me darias azar para o resto da vida; foi isso que me fez tentar descongelar-te!

— O que ele quer dizer é que és muito bem-vindo entre nós —

traduziu Leia, sorrindo. — Todos nós sentimos o mesmo! — Beijou Han na face, como querendo dar mais ênfase à afirmação que fizera.

Depois todos subiram a rampa que conduzia ao interior da *Falcon*. Solo fez uma pequena pausa antes de entrar e, dando uma palmadinha na estrutura metálica da nave, disse:

— Estás com bom aspecto, companheira! Nunca imaginei voltar a verte!  
— Por fim entrou, fechando a escotilha.

Luke executou a mesma manobra no asas em X. Fechou o cinto de segurança, já dentro da cabina, pôs o motor a trabalhar e sentiu-se reconfortado ao ouvir o forte barulho do motor. Olhou para a sua mão danificada: saíam fios por todo o lado, misturando-se com ossos de alumínio, numa espécie de complexo *puzzle*. Perguntou a si próprio qual seria a solução. Ou, pelo menos, o melhor lugar por onde começar. Calçou uma luva no que lhe restava da mão, cobrindo assim a infra-estrutura mecânica, coordenou os comandos do asa em X e, pela segunda vez na sua vida, descolou do planeta onde nascera, na direção das estrelas.

A Superestrela Destruidora flutuava sobre a quase terminada Estrela da Morte, a estrela-de-batalha, e sobre o planeta verde Endor. A Superestrela era uma nave imensa, atendida e rodeada por numerosas naves de guerra das mais diversas espécies. Estas andavam às voltas da

nave-mãe, para cá e para lá, como crianças de idades e temperamentos diversos; desde cruzadores de médio alcance e volumosas embarcações de transporte a escoltas de caças TIE.

A entrada principal da Destruidora abriu-se, silenciosamente. Uma nave imperial de pequeno curso saiu e ganhou velocidade num instante, dirigindo-se para a Estrela de Morte, acompanhada de quatro esquadrões de caças.

Darth Vader observou a aproximação no televisor-receptor da sala de controle da Estrela de Morte. Quando a aterragem estava iminente, Vader abandonou o centro de comando, seguido de perto pelo comandante Jerjerrod e por uma falange de tropas imperiais, seguindo na direção da pista de aterragem. Estava prestes a acolher o seu mestre e senhor.

O pulso e a respiração de Vader eram controlados mecanicamente, pelo que nunca alteravam o ritmo; mesmo assim, havia algo de eléctrico no seu peito, algo que se manifestava sempre que tinha uma reunião com o imperador — não sabia bem explicar qual a razão. Um sentimento de plenitude, de poder, de domínio cruel e demoníaco (provindo de luxúrias secretas, paixões irreprimidas e uma submissão selvagem), todas estas emoções enchiam o coração de Vader ao aproximar-se do imperador.

Todas estas e muitas mais.

Quando ele entrou na gare de aterragem, milhares de soldados imperiais puseram-se em sentido ao ouvirem um insignificante estalar de dedos. A nave de pequeno curso assentou suavemente no local que lhe fora previamente destinado. A rampa desceu, como uma mandíbula de dragão o teria feito, e a guarda real do imperador percorreu-a, as capas vermelho-flamejante ondulando como se fossem chamas a sair de uma boca anunciando um ato heróico. Distribuíram-se por duas filas, uma de cada lado da entrada, guardando atentamente a rampa de descida. Foi então que, no topo da rampa, o imperador fez a sua aparição.

Desceu a rampa cuidadosamente. Era um homem pequeno, ressequido pela idade e pela maldade. Uma bengala nodosa ajudava a amparar a sua figura curvada; envergava uma túnica longa com um capuz, aliás um fato muito parecido com o do jedi, só que este era preto. O rosto amortalhado estava tão despido de carnes que lembrava um cadáver; a única parte do

corpo que vivia intensamente eram os olhos. Estes, de um amarelo penetrante, pareciam queimar aqueles em quem se pousavam.

Quando o imperador chegou ao fim da rampa, o comandante Jerjerrod, os seus generais e Lorde Vader ajoelharam-se todos perante ele. O supremo

governador das trevas fez um sinal a Vader e continuou a avançar por entre as tropas em parada.

— Levanta-te, meu amigo! Preciso de te falar!

Vader ergueu-se e acompanhou o seu amo. Foram seguidos, em ar de procissão, pelos membros da corte do imperador, a guarda real e a guarda de *elite* da Estrela de Morte, todos tomados de um misto de medo e respeito perante tão alta patente.

Vader, caminhando ao lado do imperador, sentia-se realizado. Apesar de um sentimento de vazio nunca abandonar o seu íntimo, esse sentimento era facilmente ultrapassado perante o brilho da presença do imperador.

Uma espécie de vácuo que abarcava o próprio universo. Aliás, ele próprio viria um dia a abarcar, por sua vez, o universo... quando o imperador morresse.

Era esse o desejo final de Vader. Quando aprendesse finalmente tudo o que necessitava, acerca do poder das trevas, livrar-se-ia deste gênio malévolo, tomaria o poder e matá-lo-ia, absorvendo toda a sua malévola energia. Mataria o imperador e apoderar-se-ia do seu poder, podendo assim governar o universo. Governá-lo-ia lado a lado com o seu filho.

Era esse o seu outro desejo: aproximar de si o seu filho, fazer ver a Luke a majestade da força das sombras; mostrar-lhe a sua potência e explicar-lhe a razão pela qual sabia que fizera a escolha certa. Sabia bem que Luke reconheceria que estava certo e o seguiria. Pois não era ele o sangue do seu sangue? Governariam juntos: pai e filho.

O seu sonho estava prestes a tornar-se realidade, bem sabia. Cada acontecimento encaixava no padrão previamente formado, com toda a subtilidade jedi, tal como ele desejava de todo o seu coração envolto em trevas.

— A Estrela de Morte estará completa na data prevista, meu senhor —  
disse Vader.

— Sim, bem sei — replicou o imperador. — Tem trabalhado bem, Lorde Vader! Agora presumo que deseja continuar a buscar o jovem Skywalker, não é verdade?

Vader sorriu por baixo da máscara. O imperador sabia sempre quais eram as intenções, mesmo as mais íntimas. Escapavam-lhe apenas pequenos pormenores...

— Sim, meu senhor!

— Seja paciente, meu amigo - advertiu o governador supremo. — A paciência não é das qualidades que mais facilmente exerce. Em breve será *ele* a procurá-lo... e, quando o fizer, terá de o trazer à minha presença. Ele está muito forte, por isso apenas juntos conseguiremos aproximá-lo do lado negro da força.

— Sim, meu amo! — Juntos corromperiam o rapaz, o digno filho de seu pai. Enorme seria a glória para as trevas!, pois em breve o imperador pereceria e, apesar da enorme perda para a galáxia, restaria Vader para pôr tudo no seu devido lugar, Vader com a ajuda do seu filho Luke. Como estava escrito desde sempre.

O imperador ergueu levemente a cabeça, como observando o futuro próximo!

— Está tudo a correr como eu previra! — afirmou. Também ele, tal como Vader, tinha planos para o futuro, planos que incluíam violações espirituais e a manipulação de vidas e destinos. Sorriu para consigo, saboreando a proximidade da sua conquista final: a total sedução do jovem Skywalker.

Luke abandonou o seu asas em X junto à água e retomou, cuidadosamente, o caminho através do pântano. Várias camadas de nevoeiro, de maior ou menor intensidade, pendiam sobre ele. *Nevoeiro* não era talvez o termo mais apropriado, pois tratava-se, na realidade, de vapor exalado da humidade proveniente da própria floresta. Um insecto de

aspecto pouco amistoso, proveniente de uma vinha, evoluiu à sua volta durante alguns segundos, acabando por desistir e desaparecer. De repente, de junto ao chão, ouviu-se um estranho assobio. Luke estacou, prestando atenção, mas como o assobio não se repetiu, retomou o seu caminho.

Os seus sentimentos em relação a este lugar eram ambivalentes.

Dagobah. Fora aqui que fizera a aprendizagem e os testes para se tornar um jedi de direito próprio. Fora aqui que ele aprendera, de verdade, a usar a Força, a deixá-la fluir através dele e a manipulá-la para o fim que tivesse em vista. Aprendera aqui os cuidados a ter com a Força, para a poder utilizar corretamente. Era uma espécie de caminhar sobre a luz mas, para um jedi, esse caminho era tão seguro e estável quanto um passeio pelo campo.

Existiam criaturas malévolas no pântano, habitantes que nunca fariam mal a um jedi. Havia cobras da areia movediça, impassíveis mas sempre atentas; assim como tentáculos venenosos que se misturavam com as folhas de vinha. Luke conhecia-os bem a todos, eram parte integrante do planeta, parte integrante da Força, tanto quanto ele próprio.

Existiam aqui, apesar de tudo, criaturas das sombras, habitantes das trevas, refletindo as partes mais obscuras da sua mente. Destes já ele tinha fugido, assim como já lutara com eles, enfrentando-os. Vencera até algumas vezes. Alguns, no entanto, ainda aqui se encontravam escondidos. Seres escuros e repelentes.

Trepou um monte de raízes escorregadias. Do outro lado, um caminho totalmente desobstruído conduzia ao local para onde se dirigia; não o tomou, porém. Em vez disso, afundou-se ainda mais na selva.

Do céu, com um bater de asas, um vulto negro aproximou--se, afastando-se logo de seguida. Luke não lhe prestou atenção. Continuou a caminhar.

A selva pareceu abrir-se um pouco, formando uma clareira, para além do próximo lamaçal. Luke avistou-a por fim: a pequena e pouco comum habitação, de estranhas janelas, deixando transparecer uma luminosidade



amarela, bastante peculiar no meio da selva plena de humidade. Ladeou o lamaçal, afastou algumas lianas e, baixando-se, penetrou na cabana.

Dentro, agarrando uma bengala com a sua pequena mão verde, estava

Yoda, sorrindo.

— À tua espera estava eu — disse-lhe, fazendo sinal a Luke para que se instalasse num canto. O rapaz ficou estarrecido perante o aumento da fragilidade do mestre, bem patente no tremor das mãos e na fraqueza da voz. Isso fez que Luke quase temesse falar-lhe, receoso de, ao provocar uma resposta da parte de Yoda, o tornar ainda mais fraco e o fazer notar quão chocado ele ficara ao revê-lo.

— Essa expressão que tu fazes... — disse Yoda, franzindo o sobrolho de forma loquaz. — Pareço eu tão mal a olhos jovens?

Luke tentou esconder a expressão dolorosa do seu semblante, mudando de posição, apesar da exiguidade do compartimento.

— Não, mestre. Claro que não.

— Pareço, sim, sei que pareço! — O pequeno mestre jedi sorriu jovialmente. — Doente fiquei eu. Sim. Velho e doente. — Apontou ao seu jovem aluno um dedo deformado pela doença. — Quando os novecentos anos se alcança, parecer bem é impossível! — A criatura cambaleou para a cama, não parando de rir e, após um esforço considerável, deitou-se. — Em breve descansarei. Sim, dormirei para sempre. Bem o mereço!

Luke abanou a cabeça.

— Não, não pode morrer, mestre Yoda... não o consentirei!

— Bem treinado e forte na Força estás tu, mas não tão forte assim! O

sol está no ocaso, para mim, e em breve a noite cairá. Essa é a sequência natural da vida... o caminho natural percorrido pela Força.

— Mas eu preciso da sua ajuda — insistiu Luke — , desejo completar a minha educação! — O grande mestre não o podia abandonar precisamente neste momento, existia ainda um número considerável de coisas que desejava aprender. Tanto que recebera de Yoda sem, até esta data, devolver fosse o que fosse! Desejava partilhar inúmeras coisas com o idoso ser.

— Mais ensino não requeres! — assegurou-lhe Yoda. — O que necessitas saber do teu conhecimento já é.

— Já sou então um jedi? — tentou Luke saber. Não. Sabia bem que ainda não era esse o caso. Por enquanto. Ainda faltava qualquer coisa.

— Não, ainda não. Falta uma última coisa: Vader... tens de defrontar Vader. Só então um jedi serás. Defrontarás Vader, mais cedo ou mais tarde.

Assim tem de ser.

Luke compreendeu que seria esse o seu exame final, não podia ser de outro modo. Todo o empreendimento tem o seu ponto fulcral. No caso de Luke, Vader era o centro inegável da sua luta, do seu empreendimento. Era dilacerante para ele verbalizar tal questão, mas, por fim, após longo silêncio, perguntou ao velho jedi:

— Mestre Yoda, Darth Vader é meu pai?

Os olhos de Yoda encheram-se de uma estranha compaixão. Luke ainda não era um homem, apenas um jovem muito vivido. Um sorriso triste perpassou no rosto enrugado do mestre, parecendo fazê-lo encolher ainda mais.

— De descanso preciso eu. De descanso.

Luke fixou o diminuto professor, tentando transmitir-lhe força e vigor exclusivamente através do amor e dedicação que por ele sentia.

— Yoda, eu preciso de saber — murmurou.

— Teu pai ele é — disse Yoda simplesmente.

Luke cerrou os olhos, a boca e o coração, tentando manter afastada de si o mais que pudesse a pesada verdade. Verdade que, reconhecia-o agora, intimamente nunca pusera em causa.

— Disse-to ele?

Luke assentiu, mas não respondeu. Desejava conservar intatos estes momentos, como que congelá-los, para que o tempo parasse e a dor que lhe enchia o coração ficasse retida, não fosse aumentada por futuros confrontos com o mundo exterior.

Yoda parecia preocupado.

— Inesperado foi isto, e infeliz...

— O quê?, que eu soubesse finalmente a verdade? — A voz de Luke estava agora cheia de amargura, não saberia bem dizer se contra Vader, Yoda, ele próprio ou o universo em geral.

Yoda semiergheu-se com um tremendo esforço e falou:

— Infeliz foi teres-te lançado contra Vader... quando ainda incompleto o teu treino estava... quando para tal empresa preparado ainda não estavas.

Obi-wan ter-te-ia dito há muito, não o tivesse eu impedido. Agora a tristeza pesa no teu coração. Temo por ti. Sim, temo por ti! — Percorreu-o uma onda de tensão, deixando-o prostrado e de olhos fechados.

— Perdão, mestre Yoda — disse Luke, ao ver em semelhante estado de fraqueza o em tempos tão forte jedi.

— Está bem, mas em breve de enfrentar Vader terás, e pena não ajudará.

— Inclinou-se para a frente e instigou Luke a sentar-se perto dele.

Luke apressou-se a fazer o que o mestre lhe pedia. Este continuou, após uma pausa, a voz cada vez menos audível: — Nunca esqueças que o poder de um jedi provém da Força. Quando salvaste os teus amigos, tinhas vingança no coração. Acautela-te com sentimentos tais como a raiva, o medo e a agressividade, pois formam o lado negro da Força. Fluem com

facilidade e acabam por dominar qualquer luta que empreendas. Lembra-te sempre que, uma vez que os deixes dominar-te, começarás a rápida queda que te levará ao lado negro da Força, e essa é uma queda que termina na perdição total, comandando para sempre o teu destino, sem qualquer hipótese de salvação. — Voltou a deitar-se e a respiração tornou-se quase imperceptível.

Luke esperou em silêncio, receoso de se mexer, receoso de distrair o velho, temendo fazê-lo desviar a atenção, nem que fosse por instantes, da luta que empreendia para manter a morte o mais longe possível.

Passados alguns minutos, Yoda voltou a olhar a jovem e, num último esforço, sorriu gentilmente, sendo a grandeza do seu espírito a única coisa que mantinha vivo o decrépito corpo.

— Luke... toma cuidado com o imperador. Não subestimes o seu poder, ou o destino de teu pai sofrerás. Quando eu partir... o último dos jedi serás.

A Força é poderosa na tua família, Luke. Ensina a alguém... que mereça... o que... aprendes-te... — Começou a vacilar, cerrando os olhos. — Há... um...

outro... céu... — Encheu de ar os pulmões uma última vez, tentando saborear a vida pela última vez, exalou, e o espírito abandonou o corpo com a gentileza de uma brisa de Verão. O corpo estremeceu uma única vez, após o que desapareceu.

Luke permaneceu sentado junto à pequena cama, agora vazia, por mais de um hora, tentando sondar-se, procurando descobrir quão profunda fora a perda que sofrerá. Concluiu que era impossível de classificar, atendendo à sua enormidade.

O que primeiro sentiu foi uma mágoa desmedida. Sentiu pena por si próprio e pelo universo. Como podia alguém como Yoda ter desaparecido para sempre? No coração parecia ter-se instalado um poço enorme, negro e sem fundo, no local que correspondera à habitação de Yoda.

Luke já assistira anteriormente à partida de seres que lhe eram queridos. Era sempre irremediavelmente triste; parte integrante do seu crescimento. Era isto afinal o que significava ser adulto? Observar, pacificamente, o envelhecer e falecer de amigos queridos?, tentando absorver o mais possível das suas vidas e ganhando com isso uma espécie de maturidade?

Sentiu-se tomado por uma onda de desespero ao sentir que as luzes da cabana vacilavam e depois se apagavam. Deixou-se ficar no mesmo lugar durante mais alguns minutos, sentindo que assistia ao ruir do universo, que este se apagava da mesma forma que as luzes da cabana de Yoda, da mesma forma que o próprio Yoda. O último jedi encontrava-se sentado no meio de um pântano, enquanto a galáxia inteira se preparava para travar a última guerra.

Percorreu-o um arrepio, tirando-o do torpor em que mergulhara, fazendo-o voltar à realidade. Estremeceu, olhando em redor. As trevas em que se encontrava eram impenetráveis.

Levantou-se e abandonou a cabana, esticando os membros semi-adormecidos. No pântano nada mudara. O vapor continuava a congelar,

caindo depois no lodaçal, encenando um cerimonial que se repetira anteriormente milhares de vezes e continuaria a repetir-se outras tantas no futuro. Talvez fosse *essa* a sua lição. Se assim era, descobri-lo não melhorou em nada o seu humor.

Regressou cabisbaixo e sem ânimo à nave onde R2 o esperava e acolheu amistosamente. Luke, desconsolado, limitou-se a ignorar os alegres bipes do fiel dróide. R2, compreendendo, assobiou uma condolência, permanecendo depois num silêncio respeitável.

Luke sentou-se num pedaço de madeira e, desanimado, segurou a cabeça entre as mãos, murmurando para si próprio:

— Não sou capaz! Nunca conseguirei fazer tudo sozinho! Foi então que até ele chegou uma voz vinda da obscura neblina:

— Yoda e eu estaremos sempre contigo!

Era a voz de Ben. Luke virou-se de imediato, num movimento apesar de tudo lento, como que chocado, para enfrentar Obi-wan Kenobi, em pé à sua frente.

— Ben! — exclamou. Havia tantas coisas que lhe queria dizer que não soube bem por onde começar. As idéias corriam-lhe céleres na mente, tornando-se-lhe difícil escolher um ponto de partida. Por fim descobriu-o.

— Porquê, Ben? Por que é que nunca me disseste?

Verificou ser esta uma pergunta com resposta, a pergunta certa.

— Planeava dizer-to quando completasses a tua educação —

respondeu a imagem de Ben — , mas tu preferiste lançar-te à aventura antes de terminares o treino. Se bem te lembras, avisei-te sobre o que a impaciência te podia levar a fazer! — A sua voz mantinha-se igual, misto de repreensão e amor.

— Disseste-me que Darth Vader traíra e assassinara o meu pai. — A raiva e a angústia que manifestara anteriormente contra Yoda voltavam-se agora contra Ben.

Ben ignorou o tom áspero em que o comentário fora feito,

respondendo amistosa e instrutivamente.

— O teu pai, Anakin, foi seduzido pelo lado negro da Força. Cessou de ser Anakin Skywalker para se tornar Darth Vader. Traiu tudo aquilo em que Anakin Skywalker acreditava. O homem bom, que sem dúvida era, foi destruído, pelo que o que te disse não era, de certo modo, totalmente errado.

— De certo modo...! — respingou asperamente. Sentia-se traído.

Sobretudo pela própria vida. Ben era, porém, quem de momento estava mais à mão de semear, razão pela qual Luke se virava contra ele.

— Luke — disse Ben, gentilmente — , com o tempo descobrirás que muitas das verdades que como tal consideras o são única e exclusivamente devido ao nosso ponto de vista.

Luke voltou-se, não respondendo. Não queria abandonar a fúria que o consumia, agarrando-se a ela como a um tesouro. Era agora tudo quanto tinha, não podia deixar que lha roubassem. Mas, apesar de se insurgir contra a ideia, sentia toda a sua fúria derreter-se como manteiga, perante o toque compadecido de Ben.

— Não te culpo por estares zangado; aliás, é natural que estejas —

persuadiu-o, lisonjeiramente, Ben. — Aliás, se me enganei no que fiz não foi a primeira vez em que fui induzido, e induzi alguém, em erro. Não seria a primeira vez. É que... o que aconteceu ao teu pai... foi por minha culpa!

Luke tornou a voltar-se, desta vez inesperadamente interessado.

Nunca tal ouvira, e a curiosidade e o fascínio que estava a sentir tomavam rapidamente o lugar da fúria. O conhecimento era para ele como uma espécie de droga em que estivesse viciado: quanto mais sabia, mais desejava saber.

Sentado no tronco, como que hipnotizado, alegrou-se pela companhia de R2, que se lhe juntara, procurando confortá-lo.

— Quando pela primeira vez encontrei o teu pai - continuou Ben — , já ele era um grande piloto. No entanto, o que me fascinou foi a intensidade com que a Força estava presente nele. Tomei a meu cargo o treino de Anakin, visando torná-lo um jedi. O meu erro foi julgar-me capaz de ser tão

bom professor quanto Yoda. Não fui. Tudo devido ao meu estúpido orgulho.

O imperador pressentiu rapidamente os poderes de Anakin e persuadiu-o a enveredar pelo lado negro da Força. — Aqui fez uma pausa, como a tentar

pedir perdão a Luke. — O meu imprestável orgulho trouxe consequências desastrosas a toda a galáxia...

Luke estava pasmado. Que o orgulho de Obi-wan tivesse provocado a queda de seu pai era simplesmente horrível. Horrível por aquilo em que seu pai se havia tornado; horrível pela simples constatação de que Obi-wan não era perfeito, nem sequer um perfeito jedi; horrível porque o lado negro da Força conseguia resultados positivos, mesmo se inadvertidamente, da parte dos mais fiéis; horrível, essencialmente, porque conseguira tornar algo tão válido em algo tão repugnante. Com certeza sobrara algo da personalidade de Anakin Skywalker, algo que se encontrava enterrado no íntimo de Darth Vader.

— Tem de haver algo de bom nele - afirmou Luke. Ben abanou a cabeça.

— Também assim pensei. Também julguei possível fazê-lo retornar ao bom caminho, mas não é. Ele é mais máquina que ser humano; retorcido e malévolo.

Luke pressentiu o significado subjacente na afirmação de Ben, compreendendo as palavras como uma ordem sub-reptícia.

— Eu não posso matar o meu pai!

— Não deves pensar nessa máquina como sendo o teu pai! — Era de novo o professor a falar. — Quando compreendi aquilo em que se tornara, tentei dissuadi-lo, afastá-lo das trevas. Lutámos... o teu pai caiu num fosso utilizado como fundição. Quando o teu pai, após trepar ferozmente, ardente, de lá saiu, daquele fosso, a mudança tinha sido nele impregnada, a ferro e fogo: era Darth Vader, nada restava do que fora outrora Anakin Skywalker. Tornara-se um ser negro para todo o sempre. Um ser coberto de cicatrizes. Apenas se manteve vivo graças a uma série de mecanismos complicados e à sua profunda dedicação à força das trevas...

Luke olhou para a sua mão direita, a mão mecânica.

— Tentei detê-lo uma vez e não fui capaz.



Não voltaria a desafiar o seu pai. Não seria capaz.

— Luke, Vader humilhou-te da primeira vez que o enfrentas-te, mas isso *fez* parte da tua educação, parte do teu treino. Ensinou-te, entre outras coisas, o valor real da paciência. Se então não tivesses sido tão impaciente quanto à vontade que tinhas de derrotar Vader, terias acabado aqui a tua educação, com Yoda. Ter-te-ias preparado corretamente para o enfrentar.

— Mas eu tinha de ajudar os meus amigos!

— E ajudaste-os? Foram *eles* que tiveram de te salvar. Não ganhaste muito com a precipitação... nada, na realidade.

A indignação de Luke desapareceu, dando lugar a uma vaga de tristeza.

— Pelo menos descobri que Darth Vader é meu pai — disse em voz baixa.

— Para seres um jedi por direito próprio tens de primeiro enfrentar e depois ultrapassar a força das trevas; fazer o que o teu pai não conseguiu. A impaciência leva directamente ao fracasso; aliás, foi o que aconteceu ao teu pai: não soube esperar. Só que o teu pai foi seduzido de imediato e tu resististe, pelo que provaste ser mais forte que ele. Também já deixaste de ser tão estouvado, Luke. És forte e paciente. Estás, pois, pronto para o teste final.

Luke abanou de novo a cabeça, ao pressentir o significado oculto na afirmação do velho jedi.

— Não, Ben, não sou capaz!

Os ombros de Obi-wan Kenobi descaíram, com desalento.

— Então o imperador já ganhou! Tu eras a nossa única esperança! A nossa última hipótese!

Luke tentou encontrar uma outra solução.

— Yoda disse-me que poderia treinar alguém e...

— O alguém que ele mencionou é a tua irmã gêmea — disse, sorrindo tristemente. — Ser-lhe-á a ela tão fácil derrotar Vader quanto a ti!

Luke estava de novo pasmado, perante uma tal revelação. Procurou manter a calma.

— Irmã? Irmã gêmea? Mas eu não tenho nenhuma irmã! Mais uma vez Obi-wan inseriu uma nota de gentileza na voz, procurando fazer desaparecer o vulcão que, no espírito de Luke, sentia prestes a entrar em erupção.

— Para os proteger a ambos do imperador, foram separados à nascença. O imperador sabia bem, tal como eu, que um dia os filhos de Skywalker se tornariam uma ameaça para ele. Foi essa a razão pela qual a tua irmã permaneceu no anonimato.

Luke tentou negar, em princípio, esta descoberta. Ele era único! Talvez não lhe faltassem pedaços, a não ser a mão que fora agora substituída por um mecanismo eficiente e útil. Que acontecera na realidade? Fora um penhor nalguma conspiração senhorial? Berços trocados, separando dois irmãos e forçando-os a levar vidas secretas? Impossível. Ele, afinal de contas, sabia bem quem era! Luke Skywalker, filho de um jedi tornado traidor e criado pelo tio Owen e pela tia Beru numa quinta de areia em Tatooine. Criado modestamente, como competia a um pobre e honesto trabalhador, isto porque a sua mãe... a sua mãe... Que se passara com a sua mãe? Que dissera? Procurou a resposta num dos cantos mais obscuros da sua mente, concentrando-se num lugar e num tempo bem longe do húmido solo de Dagobah. Mais precisamente no quarto da sua mãe... onde se encontravam ela e... sua irmã...

— Leia! Leia é a minha irmã gêmea! — exclamou, quase caindo do tronco.

— Como vês, encontraste uma resposta em ti mesmo sem dificuldade

— assentiu Ben. De repente, no entanto, assumiu um tom mais severo: —

Enterra os teus sentimentos no fundo do coração, Luke. Fazem-te jus, mas poderiam servir os interesses do imperador.

Luke tentou compreender o que o seu velho professor lhe tentava fazer ver. Estava tudo a passar-se tão rapidamente. As informações mais

variadas pareciam precipitar-se ao seu encontro.

Ben prosseguiu a narrativa.

— Quando o teu pai partiu, desconhecia que tua mãe estava grávida.

Ambos sabíamos que ele o viria eventualmente a descobrir, mas quisemos manter-vos seguros durante o maior período de tempo possível. Por isso te levei para junto do meu irmão Owen, para o planeta Tatooine... enquanto tua mãe levou Leia para Alderaan, para viver com a filha do senador Organa.

Luke acalmou e preparou-se para ouvir o resto da história. R2

aproveitou para se encostar a ele, emitindo um zumbido fraco, numa onda de frequência especial, estudada especificamente para confrontar seres humanos. Também Ben falava num tom de voz especial, suave, para que os sons fornecessem algum lenitivo a Luke, mesmo se o conteúdo, as palavras, o não fizessem.

— A família de Organa era de alta estirpe e politicamente muito poderosa, no sistema a que pertencia. Leia tornou-se uma princesa por descendência, visto que ninguém sabia que fora adoptada. Era apenas um título, sem poder real, pois em Alderaan havia muito que o governo era inteiramente democrático. Mesmo assim, a família manteve o seu poder político e Leia, seguindo as passadas do seu pai adoptivo, tornou-se também, tal como ele, senadora. Claro que não foi apenas nisso que ela se tornou, pois sabes tão bem quanto eu que também passou a dirigir a célula local da Aliança Rebelde, contra o corrupto império. Claro está que, como possuía imunidade diplomática, se tornou um elo vital na obtenção de informações para a causa rebelde. — Fez uma pausa. — Era isso que fazia na altura em que os vossos caminhos se cruzaram, pois os seus pais sempre lhe haviam

dito que, se algum dia necessitasse de ajuda, *me* deveria contactar em Tatooine; isto no caso de estar desesperada, sem mais ninguém a quem recorrer.

Luke tentou esclarecer a série de múltiplos sentimentos que tinha por Leia, compreendendo o amor, incompreensível até então, que sempre por ela sentira, desde o primeiro instante. Esse sentimento mudara agora ligeiramente e tomara a forma de um desejo de a proteger, contra tudo e todos, da forma que um irmão mais velho deveria proceder com uma irmã

mais nova; isto sem atender ao fato de que poderia ter sido ela a primeira a nascer e, por conseguinte, ser ela a mais velha.

— Mas não podes consentir que ela seja envolvida em tudo isto, Ben!

— insistiu.

— Vader destruí-la-á! — Vader, o pai deles. Talvez Leia *fosse* capaz de despertar a bondade que havia nele.

— Ela não teve a educação de um jedi, a educação que tu tiveste, mas a Força é forte nela, como aliás em toda a tua família. Foi por isso que os nossos caminhos se cruzaram, porque a Força nela tem de ser alimentada por um jedi. Tu és o último jedi, Luke... mas ela voltou para nós... para mim, para aprender, para crescer. Porque era esse o seu destino, aprender e crescer; e era o meu, ensinar — continuou, mais lento, dando a cada palavra uma importância vital, dando ênfase a cada pausa. — Não podes fugir ao teu destino, Luke! — Prendeu com os seus os olhos de Luke, para deixar neles, para sempre, algo de si mesmo. — Mantém secreta a identidade da tua irmã, pois, se falhares, ela é a nossa última hipótese de vencermos. Olha bem para mim, Luke: a luta que se aproxima é única e exclusivamente tua, muito depende dela, e talvez possas recorrer à minha memória como ajuda. Não há, no entanto, hipótese de evitares lutar... não podes fugir ao teu destino... terás de enfrentar de novo Darth Vader...

## IV

DARTH VADER saiu do enorme elevador cilíndrico directamente para a sala do trono do imperador, onde em tempos fora a sala de controle da Estrela da Morte. Dois guardas reais estavam em sentido, um de cada lado da porta, vestidos de vermelho do pescoço à ponta dos pés. Cobriam-lhe as cabeças dois capacetes integrais, também vermelhos, deixando ver apenas os brilhantes olhos, olhos que eram na realidade, após a modificação que haviam sofrido, pequenos visores eléctricos. As armas estavam sempre prontas a disparar.

O salão encontrava-se envolto em obscuridade, excetuando dois feixes de luz que circundavam a porta do elevador e continuamente transportavam informações e energia através de toda a estação espacial.

Vader atravessou o brilhante chão de aço puro, passou os gigantescos mas pouco ruidosos motores de conversão e subiu um lance de degraus, atingindo o nível da plataforma onde o trono do imperador se encontrava.

Por baixo desta plataforma encontrava-se, à direita, o princípio do poço que se prolongava até ao fundo da estação de batalha, directamente até ao centro da unidade de energia. A abertura era negra e exalava um cheiro desagradável de ozono, fazendo ao mesmo tempo, sem parar, um ruído surdo.

Ao fundo da plataforma pendente estava situada uma parede e, na parede, uma imensa janela circular de observação. Sentado numa elaborada cadeira de controle, frente à janela, estava o imperador, de olhos fixos na vastidão do espaço.

A metade ainda incompleta da Estrela da Morte podia facilmente ser vista da janela; naves de nave e de transporte circulavam continuamente em redor e trabalhadores em fatos espaciais executavam trabalhos de construção à superfície. Não muito distante estava a lua Endor, de um verde cor de jade, brilhando como uma jóia encastada no veludo negro que era o espaço; veludo imutável, quebrado aqui e ali por diamantes, estrelas que brilhariam no céu até à eternidade.

O imperador admirava a vista, sentado, quando Vader chegou. O

senhor do infinito ajoelhou-se e esperou. O imperador deixou-o esperar.

Examinou pormenorizadamente o cenário à sua frente, deixando-se enlevar por um sentimento de glória sem limites; tudo isto lhe pertencia. E, ainda mais espectacular, tinha sido tudo conseguido por ele, à força de persistência e devoção.

Sim, porque nem sempre assim tinha sido. No passado fora apenas um senador, o senador Palpatine, quando a galáxia era uma república de estrelas, governadas e protegidas pela cavalaria jedi, o que acontecia desde há séculos. Inevitavelmente a República crescera de mais, instalando-se uma burocracia maciça para a fazer funcionar. A corrupção instalara-se pouco depois da burocracia.

Alguns senadores sequiosos de poder tinham iniciado o processo que levava à derrocada final; isto segundo alguns, mas quem poderia saber ao certo? Apenas foram necessários alguns burocratas arrogantes, pervertidos e interesseiros e de repente tudo mudou. Os governadores viraram-se uns contra os outros, os valores por que se regulavam foram postos de parte; a confiança no sistema desapareceu a um nível tal que o medo se instalou rapidamente entre as populações, nesses primeiros tempos; ninguém compreendia o que se estava a passar nem porquê.

Fora então que o senador Palpatine se aproveitara da situação. Através de fraudes, promessas e inteligentes manobras políticas conseguira ser eleito chefe do conselho. Depois, utilizando outros trunfos, subterfúgios, subornos e terror, conseguira ser nomeado imperador.

Imperador. Era sem dúvida um título algo especial. A República ruíra por completo, e o Império tomara, resplandecente, o seu lugar. Fora assim e sempre assim seria, pois o imperador sabia algo em que muitos se recusavam a acreditar: a força das trevas era a mais poderosa.

Sempre o soubera, no fundo do coração, mas verificava-o frequentemente, quase todos os dias. Estava bem patente nos mais diversos casos: em tenentes que traíam os seus superiores por um prêmio, em funcionários pouco moralistas que lhe davam os segredos dos governos do sistema solar

local; em senhores invejosos, em bandidos sádicos, em políticos sedentos de poder. Ninguém estava imune, todos tinham gravada

no seu íntimo a negra energia. O imperador limitava-se a reconhecer e a utilizar tal fato para seu próprio benefício, como seria lógico antever.

A sua alma era o centro negro, o cérebro sombrio do Império.

Contemplou a densa impenetrabilidade do espaço, para além da sua janela de observação. Tão densamente negro como a sua própria alma.

Como se ele próprio fosse, de algum modo, a representação de tal escuridão, como se o interior do seu espírito fosse o vazio sobre o qual reinava. Sorriu perante tal pensamento: ele *era* o Império e ao mesmo tempo o Universo.

Pressentiu por trás de si, ainda ajoelhado, a presença de Vader. Há quanto tempo estaria ali o senhor de negro? Há cinco minutos? Há dez? O

imperador estava incapaz de o afirmar. Não importava; ainda não havia acabado a sua meditação.

Lorde Vader não se importava de esperar, aliás nem sequer se apercebeu da espera. Era para ele uma honra e uma felicidade encontrar-se ajoelhado perante o seu imperador. Permaneceu em silêncio, perscrutando o seu íntimo. O seu poder era agora imenso, maior do que nunca. Fluía de dentro de si e aliava-se às ondas do poder malévolo do seu mestre, o próprio imperador. Sentia-se enlevado perante tal sentimento de poder; surgia-lhe como um fogo negro, electrões demoníacos procurando encontrar oponente. Mesmo assim, sabia esperar. O seu imperador ainda não estava pronto, nem o seu filho; ainda não chegara o momento ideal. Por isso, limitou-se a continuar a sua espera.

Por fim a cadeira deu meia volta e o imperador ficou frente a frente com Vader, o seu fiel servidor. Vader foi o primeiro a falar.

— Quais são os teus desejos, meu senhor?

— Envia a frota para a ponta extrema de Endor. Aí ficará até ser necessária.

— E em relação aos relatórios informando que a frota rebelde se está a reunir em massa perto de Sullust?

— Não temos de nos preocuparmos com isso. Em breve a rebelião será esmagada e o jovem Skywalker juntar-se-á a nós.

A tua tarefa aqui está terminada. Regressa à nave de comando e aguarda lá as minhas instruções.

— Sim, meu mestre. — Esperava poder em breve comandar a destruição da Aliança Rebelde. Esperava aliás que isso acontecesse muito em breve. Ergueu-se e saiu, enquanto o imperador de novo se voltava para a janela, admirando os seus domínios.

Num remoto e escuro local, para além dos limites da galáxia, estendia-se até perder de vista a frota rebelde; composta das mais variadas espécies de naves: naves de batalha corelianas, cruzadores, torpedeiros estelares, naves de carga, bombardeiros, fretadores de carga sullustianos, bloqueadores vindos de Kessel, saltadores vindos de Bestinia, caças de asas em X, Y e A, naves de nave, veículos de transporte e manobreadores. Todos os rebeldes da galáxia, civis e militares, esperavam, tensos, dentro destas naves, as suas instruções de voo. Eram conduzidos pelo maior de todos os cruzadores rebeldes estelares, o *Headquarters Frigate*.

Centenas de comandantes rebeldes encontravam-se reunidos no salão de guerra do gigantesco cruzador estelar, esperando as ordens do Alto Comando. Circulavam toda a espécie de rumores e havia grande excitação no ar em qualquer dos diversos esquadrões.

No centro da sala de reuniões encontrava-se uma enorme mesa de luz, circular. Podia-se ver nela a projecção holográfica da imagem incompleta da Estrela da Morte, estacionada perto da lua Endor, e cujo escudo defletor de protecção cintilava, envolvendo-os a ambos.



Mon Mothma entrou na sala. Era uma mulher de meia-idade, de aspecto nobre e sereno, parecendo caminhar directamente sobre os murmúrios da multidão. Envergava um manto branco, agalado a dourado, e a sua serenidade era plenamente justificada pelo fato de ser a chefe eleita da Aliança Rebelde.

Tal como o pai adoptivo de Leia, e o próprio imperador Palpatine, Mon Mothma fora em tempos uma senadora da República e um membro do Conselho. Mesmo quando a República começara a desmoronar-se, Mon Mothma mantivera-se no seu posto, organizando os grupos de não conformistas e tentando estabilizar o cada vez menos estável e ineficaz governo.

Organizara também, mais para o fim, células de resistência. Pequenos comandos, que ignoravam a existência uns dos outros, mas que entre si partilhavam a obrigação de incitarem o mais possível as populações à revolta contra o Império, quando este finalmente emergira em força.

Tinham existido outros chefes, mas muitos haviam perecido quando a primeira Estrela da Morte do Império destruíra por completo o planeta Alderaan. O pai de Leia morrera nessa altura.

Mon Mothma entrara então na clandestinidade. Juntara-se a uma das células políticas que fomentara, composta como tantas outras por guerrilheiros e rebeldes e gerada pela cruel ditadura imperial. Mais alguns milhares de criaturas se tinham juntado nessa altura à Aliança Rebelde.

Mon Mothma tornara-se então chefe incontestada de todas as criaturas da galáxia despojadas dos seus lares pelo imperador. Sem lares mas não sem esperança.

Atravessou a sala, dirigindo-se à projecção holográfica, onde dois dos seus conselheiros-chefes também já se encontravam. Eram eles o general Madine o almirante Ackbar. Madine era coreliano, duro e cheio de expediente, apesar de ser excessivamente disciplinador. Ackbar era um calamariano puro: gentil, cor de salmão, com uns enormes olhos tristes, encastoados numa cabeça em forma de abóbora, e umas mãos palmípedes

que o predispunham mais para a água e para o ar livre que para o comando.

Mas, se os humanos eram o braço direito da rebelião, os calamarianos eram a alma, o que não implicava de forma alguma que não lutassem até à última em caso de necessidade. Este era obviamente um caso de necessidade.

Lando Calrissian atravessou também a multidão, observando os presentes. Descobriu Wedge e fez-lhe sinal, elevando o polegar; Wedge iria ser o seu mais directo subordinado, encarregado da ala de pilotos que comandava. Depois de o cumprimentar prosseguiu o seu caminho. Não era

Wedge quem procurava. Chegou sem dificuldade a um espaço menos ocupado, perto do centro, olhou em volta e vislumbrou os seus amigos perto de uma das portas laterais. Sorriu e dirigiu-se a eles.

Han, Chewie, Leia e os dois dróides receberam Lando com alegria, numa cacofonia de sons, misto de bipes, risos, exclamações e latidos, tudo ao mesmo tempo.

— Olhem bem para ti! — brincou Solo, ao mesmo tempo que endireitava a lapela do novo uniforme de Lando e lhe puxava uma das insígnias. — Um general!

Lando sorriu com afecto.

— Sou um homem de muitos rostos e muitos trajos. Alguém lhes falou com certeza na minha *pequena* manobra quando da batalha de Taanab. —

Taanab era um planeta rural, atacado frequentemente pelos bandidos de Norulac. Calrissian, antes do seu período como governador da Cidade das Nuvens, derrotara por completo os bandidos, isto contra todos os palpites, através de tácticas de voo inovadoras e desconhecidas. E fizera tudo isso por causa de uma aposta.

Han abriu muito os olhos, sarcasticamente.

— Eh!, não olhes para mim. Eu apenas lhes disse que eras um piloto jeitoso. Não fazia idéia de que andavam à procura de alguém para comandar este ataque maluco.

— Não faz mal. Fui eu que lhes pedi para o fazer. Eu *quero* dirigir este ataque! — Pelo menos gostava de se vestir como general. As pessoas concediam-lhe o respeito que merecia e já nem sequer precisava de andar à volta das naves da polícia para lhes chamar a atenção. Para além disso, e mais importante ainda, era o sentir-se na posição de pôr entre a espada e a parede as naves do Império, fazê-lo ele em vez de lho fazerem. Derrotá-los-ia e deixaria a sua assinatura. *General* Lando Calrissian!

Solo mirou o seu velho amigo, num misto de admiração e incredulidade.

— Já alguma vez viste bem uma Estrela da Morte? Tenho a impressão de que a duração do teu período como general vai ser bem curto, meu amigo!

— Estou é surpreendido por te não terem pedido a ti que assumisses o comando!

— Talvez tivessem pedido — disse Han, sublinhando cada palavra cuidadosamente. — Mas eu não sou louco. Tu é que és o respeitável cidadão, não é verdade? O barão administrador da cidade das Nuvens de Bespi!

Leia chegou-se mais a Solo e pegou-lhe carinhosamente no braço.

— Han vai permanecer na nave de comando, comigo. Estamos-te ambos muito gratos pelo que estás a fazer. Gratos e orgulhosos!

De repente, do meio da sala, Mon Mothma pediu silêncio.

Todos corresponderam ao seu pedido, ansiosos por saber o que iria acontecer.

— As informações trazidas até nós pelos espiões de Botham foram confirmadas — anunciou a chefe suprema. — O imperador cometeu um

erro tático, pelo que a hora do ataque final se aproxima cada vez mais.

Esta afirmação causou uma onda de emoção em toda a sala. Quase como se aquela afirmação tivesse aberto uma válvula, deixando sair toda a euforia que se encontrava nas pessoas, fazendo que todos falassem ao mesmo tempo, excitados. Mon virou-se para o holograma da Estrela da Morte e prosseguiu:

— Sabemos agora a localização exacta da nova estação de batalha do imperador. Os sistemas de defesa e a quase totalidade das armas ainda não foram accionadas. E, com a frota imperial espalhada pela galáxia, num esforço vão para nos apanhar, encontram-se relativamente desprotegidos.

— Fez aqui uma pausa, para dar maior impacto ao que iria revelar em seguida. — E, mais importante ainda, soubemos, de fonte segura, que o imperador em pessoa dirige, no local, a construção!

Inúmeras exclamações se fizeram ouvir de súbito, vindas da

assembléia ali reunida. Sim, era isso. A oportunidade por que ansiavam. A esperança que nenhum se atrevera a ter, mas que todos desejavam poder ter um dia. Uma hipótese de destruir o tirano de uma vez para sempre.

Mon Mothma deixou que todos expressassem entre si as mais variadas conjecturas, após o que retomou a palavra:

— Empreendeu a viagem debaixo do mais absoluto segredo, mas subestimaram a nossa rede de espionagem. Muitos *bothans* morreram para nos trazer esta informação... — De novo a sua voz tomou um tom áspero, para que os ouvintes atendessem respeitosamente ao preço de tal informação.

O almirante Ackbar deu um passo em frente. A sua especialidade era o estudo dos sistemas de defesa imperiais. Ergueu a sua barbatana e apontou para o modelo holográfico, para o campo de forças que emanava de Endor.

— Apesar de incompleta, a Estrela da Morte não está totalmente privada de um mecanismo de defesa — informou num tom suave, tipicamente

calamariano. — A estação de batalha é protegida por um escudo de energia gerada pela lua de Endor que lhe fica próxima, como se pode ver pelo aqui representado. Nenhuma nave pode passar através desse escudo, assim como nenhuma arma o pode penetrar! — Parou durante um momento considerável. Queria que o que acabava de dizer fosse bem absorvido pelos ouvintes, antes de prosseguir. Quando achou que isso já acontecera, continuou. — O escudo *tem* de ser desactivado se se desejar fazer *qualquer* espécie de ataque. Assim que estiver desactivado, os cruzadores criarão um perímetro de defesa, enquanto os caças se dirigem para a superestrutura, mais precisamente para aqui... — apontou — ...e tentam atingir o reator principal... — apontou de novo, desta vez para a parte inacabada da Estrela da Morte. — ...algures por aqui. — De novo um murmúrio encheu a sala, o tom dos comentários ondulando como um mar revolto. Ackbar concluiu a sua exposição.

— O general Calrissian comandará o ataque dos caças.

Han voltou-se para Lando, as dúvidas adornadas pelo respeito que por ele sentia.

— Boa sorte, companheiro!

— Obrigado — disse Lando de forma bem simples.

— Bem vais precisar dela! — gracejou Han.

O almirante Ackbar cedeu o seu lugar ao general Madine, que estava encarregado das operações secretas.

— Adquirimos uma pequena nave de nave imperial — declarou Madine afectadamente. — Será sob esse disfarce que uma equipa de ataque aterrará na lua de Endor e desactivará o gerador do escudo. O paiol de controle está bem guardado, mas uma pequena brigada penetrará facilmente através deste esquema de segurança.

Estas notícias produziram uma nova série de comentários da parte dos assistentes.

Leia voltou-se para Han e inquiriu em voz baixa:

— Quem é que achas que arranjam para comandar essa tal brigada?

Madine, quase ao mesmo tempo, perguntou:

— Já reuniu a sua equipa de ataque, general Solo?

Leia olhou para Han, sentindo o instantâneo choque diluir-se numa onda de admiração. Sabia bem qual era a razão por que o amava, apesar de toda a sua vaidade e habitual falta de sensibilidade. Sabia que por baixo daquela aparência desinteressada existia um coração. Um coração provido de todas as qualidades normalmente atribuídas a tal órgão.

Mais do que isso, pois desde que sofrerá a descarbonização algo nele se alterara por completo. Já não era um solitário por excelência, nem tomava parte em toda esta acção por razões monetárias. Perdera o seu lado interesseiro e egoísta e, pouco a pouco, tornara-se parte do todo. Estava a fazer algo por alguém, não unicamente por ele próprio, o que muito comovia Leia. Madine chamara-lhe *general*: isso significava que Han consentira em fazer parte, oficialmente, do exército. Tornara-se um membro do exército! Um pedaço de um todo!

— A minha equipa está completa, senhor, mas necessito de completar a tripulação de comando da nave — respondeu Solo à pergunta de Madine.

Depois olhou interrogadoramente na direcção de Chewbacca e falou em voz baixa: — Vai ser duro, velho amigo, e eu não queria meter-te numa coisa destas antes de saber a tua opinião...

— Roo roowfol! — exclamou Chewie, abanando a cabeça num gesto apaixonado, enquanto levantava a peluda pata.

— Já temos um dos membros da tripulação — afirmou Han.

— Dois! — exclamou Leia, levantando o braço. Depois, gentilmente, ao ouvido de Han: — Não o posso perder de vista, meu general!

— Eu também vou com vocês! — Ergueu-se uma voz do fundo da sala.

Instantaneamente, todos se viraram para donde viera a voz, dando de caras com Luke no cimo das escadas que conduziam à sala onde se encontravam. Aplausos saudaram o último dos jedi.

Apesar de não ser muito típico dele, Han foi incapaz de esconder a sua alegria.

— Já são três! — sorriu.

Leia correu para Luke, abraçando-o. De repente sentiu um laço de união entre eles que até então desconhecia, e que ela atribuiu à gravidade do momento e à importância da missão que se propunham executar. Mas, para além disso, passado um momento, sentiu também uma mudança nele, algo no estilo de uma mudança de temperamento, algo muito íntimo e que ela percebeu ser a única a detectar.

— Que se passa, Luke? — murmurou, sentindo um súbito desejo de não o largar, de o manter para sempre junto a ela, embora não conseguisse compreender porquê.

— Nada. Dir-te-ei um dia — respondeu lentamente, embora se pudesse ver facilmente que se passava algo mais que *nada*.

— Está bem — disse ela, tentando não forçar qualquer tipo de confiança.  
— Saberei esperar — afirmou, embora se interrogasse

intimamente sobre o que seria. Talvez fosse a forma como estava vestido.

Talvez fosse a túnica negra. Sim, devia ser isso, fazia-o parecer mais velho; bastante mais velho.

Entretanto Han, Chewie, Lando e Wedge dirigiram-se todos para Luke ao mesmo tempo, formando um círculo à sua volta e cumprimentando-o.

Entrementes, a reunião tinha acabado, podendo-se ver diversos grupos de pessoas conversando animadamente aqui e ali. Era a altura das despedidas e dos votos de boa sorte.

R2 emitiu um comentário em forma de bipes para um desconsolado Threpio.

— Não, não considero que *excitante* seja a palavra mais correta para descrever a situação! — respondeu o dróide dourado. Tendo sido programado como tradutor, C-3PO estava imensamente preocupado com o fato de não ser capaz de encontrar a palavra exacta para descrever o que se estava a passar.

A *Millennium Falcon* encontrava-se na pista de aterragem principal do cruzador estelar rebelde, a ser carregada e cheia de combustível. Mesmo atrás da *Falcon* estava a nave de nave imperial, que fora roubada propositadamente para a missão, parecendo um pouco deslocada no meio dos caças de asas em X rebeldes.

Chewie supervisava a transferência final de armas e mantimentos para dentro do nave, enquanto a equipa se preparava para partir. Han estava junto de Lando, despedindo-se dele. Tanto quanto sabia, podia muito bem ser essa a última vez que o via.

— Leva-a, a sério! — insistia Han indicando a *Falcon*. — Dar-te-á sorte.

*Sabes* que é a nave mais rápida de toda a frota. — Han tinha-a equipado com toda a espécie de mecanismos, fazendo que ela estivesse agora bem cuidada. Pelo menos em muito melhor estado do que quando pertencia a Lando. Sempre fora rápida, mas era-o agora muito mais. As modificações que Solo lhe havia feito eram uma espécie de desdobramento dele próprio;

tinham sido feitas à custa de muito amor e suor. Era parte de si. Por todas essas razões, o fato de ele a estar a oferecer a Lando era, em si próprio, um fato inaudito, um ato de generosidade sem limites, o que o próprio Lando compreendeu.

— Obrigado, companheiro. Prometo tomar bem conta dela. De qualquer modo, sabes bem que sou melhor piloto que tu. Prometo devolver-ta sem um único arranhão!

Solo olhou ternamente para o simpático bandido.



— Lembra-te de que me deste a tua palavra. Nem um arranhão!

— Levanta voo, meu pirata! Antes que me arrependa e faça alguma asneira!

— Até breve, companheiro!

Separaram-se sem terem expresso verbalmente os seus verdadeiros sentimentos, como é habitual aos homens importantes em alturas similares, dirigindo-se cada um para a respectiva rampa de acesso às naves.

Han entrou na carlinga do nave imperial, enquanto Luke manobrava, com verdadeira perícia de navegador, um painel de comando. Chewbacca, no local reservado ao co-piloto, tentava descobrir como funcionava o controle da nave imperial. Han sentou-se no lugar do piloto, enquanto Chewie grunhia, aborrecido com os comandos da nave.

— Bem sei — respondeu Solo — , mas não creio que o imperador estivesse a pensar em *wookien* quando desenhou os comandos da nave.

Leia, vinda do porão, tomou o seu lugar junto a Luke.

— Aqui atrás está tudo pronto!

— Rrrwfr — disse Chewie, pressionando a primeira sequência de botões. Após tê-lo feito, olhou para Solo, procurando aprovação, mas este não deu mostras de ter reparado nisso, continuando de olhos fixos na janela. Leia e Chewie olharam ambos pela janela, tentando perceber em que é que Han fixava a sua atenção. Han observava atentamente a sua nave, a

*Milennium Falcon.*

Leia tocou ao de leve com o cotovelo no piloto.

— Eh, vê lá se despertas!

— É que tenho um pressentimento — disse absorto — , o pressentimento de que nunca mais a voltarei a ver... — disse, referindo-se à nave,

enquanto pensava nas inúmeras vezes que se salvara graças à sua potência e velocidade. Pensou também nas vezes em que a salvara, graças ao tato e à destreza com que pilotava. Pensou nas diversas partes do universo que já percorrera com ela e no abrigo que nela encontrara; na forma como a conhecia de ponta a ponta, por dentro e por fora. Quantas vezes dormira embalado por ela, flutuando sonhadoramente no silêncio do espaço infinito.

Chewbacca, ao ouvir as palavras de Solo, aproveitou para também dar uma última olhada à *Falcon*. Leia pousou então a mão no ombro de Solo.

Sabia bem a espécie de amor que unia Han à nave e sentia-se, pois, relutante em quebrar aquele último contato entre ambos. O tempo era, no entanto, precioso, e cada vez se tornava mais.

— Vamos, capitão — murmurou — , vamos embora. Han pareceu despertar.

— Claro! Bem, Chewie, vamos lá ver o que é que esta nave é capaz de fazer!

Fizeram palpar os motores da nave roubada, após o que se ergueram no ar e saíram da pista de aterragem, lançando-se para a noite infinita.

Prosseguia a construção da Estrela da Morte. O tráfego era enorme na área de construção, misto de naves de transporte, caças TIE e vaivéns de equipamento. Periodicamente, a Super-destruidora Estelar verificava, de todos os ângulos, os progressos da estação espacial.

A ponte de comando da Destruidora Estelar lembrava uma colmeia cheia de actividade. Corriam mensageiros de um lado para outro, transportando relatórios de entradas e saídas de veículos, conforme iam sendo registadas nas *telas*, à sua passagem pelo escudo defletor. Eram

enviados e recebidos códigos, ordens eram dadas e diagramas eram executados. Era uma operação que envolvia milhares de naves rapidíssimas e decorria tudo com o máximo de eficiência; isto até o

controlador Jhoff contactar um nave da categoria Lambda, que se aproximava rapidamente do escudo defletor, ao nível do sector Sete.

— Controle, aqui nave, respondam por favor — ouviu Jhoff no seu aparelho de comunicação, juntamente com os ruídos estáticos habituais.

— Já os temos na *tela* — respondeu o controlador directamente para o microfone. — Identifiquem-se, por favor.

— Somos um nave, *Tydirium*, requerendo a desativação do escudo defletor.

Na nave, Han olhou preocupado para os companheiros, continuando a transmitir:

— A transmissão do código vai ser iniciada!

Chewie carregou numa série de botões, produzindo uma complexa série de ruídos em alta frequência. Leia mordeu o lábio, preparando-se para o que desse e viesse.

— Vamos lá a ver se este código merece o preço que por ele pagámos...

Chewie gemeu nervoso.

Luke fixou atentamente a enorme Destruidora Estelar, que parecia agora encher-lhes o campo de visão de todos os ângulos. Gravou-se na sua mente pela sua escuridão resplandecente como uma espécie de catarata maligna. Encheu-lhe também de trevas a mente, assim como o coração.

Inspirou-lhe o medo das trevas, da mesma forma que lhe forneceu uma informação especial.

— Vader está nessa nave! — murmurou.

— Estás apenas nervoso, Luke — tranquilizou-o Han. — Há por aqui inúmeras naves de comando. De qualquer forma, Chewie — avisou — , mantenhamos, como precaução, uma certa distância, evitando que se note

que o estamos a fazer.

— Awroff rwrgh rrfruogh?

— Não sei! Voa como habitualmente, nada de inovações — respondeu Han.

— Estão a levar imenso tempo com o código de entrada — afirmou Leia, não muito satisfeita. Que aconteceria se não resultasse? A Aliança Rebelde nada poderia fazer se o escudo defletor imperial não fosse desactivado. Leia tentou aclarar as idéias, pondo de parte todos os medos e dúvidas e canalizando essas energias, numa tentativa de visualizar o gerador do escudo defletor, que ela tanto ambicionava alcançar.

— Estou a fazer perigar esta missão — murmurou Luke, numa espécie de ressonância emocional aos pensamentos da sua irmã secreta. Os seus pensamentos estavam apesar de tudo fixos em Vader: o pai de ambos.

— Não devia ter vindo.

Han procurou acalmar os presentes, animando-os.

— Então, por que é que não encaram tudo isto com otimismo? —

Sentia-se sempre como que bloqueado pela negatividade, quanto esta emergia.

— Ele sabe que me encontro aqui... — declarou Luke, sombrio.

Permanecia de olhos fixos na nave de comando, contemplando-a através da janela panorâmica. Parecia escarnecer dele. Aguardá-lo.

— Então, rapaz, estás a imaginar coisas!

— Ararh gragh — disse Chewie entre dentes. Até ele estava carrancudo.

Lorde Vader observava pacientemente, numa enorme *tela*, a Estrela da Morte, parecendo acariciá-la com um olhar gélido.

Em resposta, esta pareceu brilhar para ele, como uma jóia flutuante; um autêntico globo mágico. Pequenos átomos de luz pareciam correr na sua

superfície, fazendo o Lorde Negro encantar-se perante tal espectáculo da mesma forma que uma criança ante um brinquedo muito especial. Algo como um transe transcendental, um momento de sensibilidade e percepção elevadas ao máximo.

Foi então que, de repente, no meio da mais silenciosa contemplação, ocorreu uma mudança radical; algo que ele sentiu e que lhe fez suster a respiração e o bater do coração, para melhor atentar no fenómeno ocorrido. Pareceu quase planar etereamente no vácuo. Que fora que sentira? O seu espírito forçava a mente a compreender. Fora um eco, uma vibração, algo perceptível exclusivamente a alguém como ele. Algo que...

não, ainda não passara completamente. Algo que alterara tudo num único instante, inclusive o ambiente à sua volta. Já nada era como antes.

Caminhou junto aos controladores, estacando ao lado do almirante Piett, que se debruçava sobre o monitor do controlador Jhoff: ambos se puseram em sentido ao senti-lo aproximar--se, encenando uma pronunciada vénia.

— Para onde se dirige esse nave? — perguntou,, sem qualquer tipo de preâmbulo.

Piett voltou-se para o transmissor e inquiriu:

— Atenção, nave *Tydirium*, defina a carga que transporta e respectivo destino.

A voz, filtrada, do piloto do nave chegou até eles através do transmissor:

— Transportamos pessoal técnico e peças destinadas à lua Endor.

O comandante da ponte olhou para Vader, procurando a resposta a uma pergunta que não verbalizara. Fazia, ao mesmo tempo, votos sinceros de que não houvesse problemas de maior, pois Lorde Vader não gostava de quem cometia erros.

— Emitiram algum código de autorização de entrada? — inquiriu

Vader.

— Sim; um código antigo mas ainda em uso. Está de acordo com o tipo de nave que é — replicou Piett de imediato. — Ia, aliás, deixá-los passar agora mesmo... — Não valia a pena mentir ao Lorde Negro. Ele conhecia as mentiras de imediato, era como se as mentiras fossem ditas num timbre diferente. Pelo menos deviam soar assim aos ouvidos de Vader.

— Tenho um pressentimento qualquer em relação aquela nave! —

disse Vader, mais para si próprio do que para os outros presentes.

— Quer que os impeça de entrar? — perguntou Piett, ansioso por agradar ao seu amo.

— Não, deixa-os passar! Tratarei pessoalmente desse caso!

— Como queira, meu senhor! — disse Piett, fazendo nova vénia, desta vez não só por respeito como também para esconder a surpresa. Fez um gesto na direção de Jhoff que, de imediato, transmitiu a autorização de entrada ao nave *Tydirium*.

No nave, o grupo aguardava, tenso, a resposta. Quanto mais perguntas lhes faziam sobre a carga e o destino mais inquietos ficavam, parecendo-lhes, cada vez mais, que haviam descoberto o embuste.

Han olhou ternamente para o seu companheiro *wookie* e fez uma espécie de discurso de despedida:

— Chewie, se eles não acreditarem em nós, temos de sair daqui e bem depressa...

Era um discurso de despedida, atendendo ao monte de lata velha em que viajavam; todos sabiam que era incapaz de fugir fosse do que fosse.

Nesse instante, no meio de ruídos estáticos, fez-se ouvir a voz do controlador.

— Nave *Tydirium*, a desactivação do escudo começará de imediato.

Mantenham a rota até agora seguida.

Todos suspiraram de alívio, satisfeitos, como se a partir daí tudo estivesse resolvido. Todos menos Luke, o único que friamente, e de imediato, reconheceu que apenas nesse momento começavam as verdadeiras complicações. Ciente disso, limitou-se a concentrar-se no comando da nave.

Chewie ladrrou, satisfeito.

— Estás a ver? Que é que eu te disse? - riu-se Han, sarcástico . — Está no papo!

— Ah! Foi isso que nos disseste!? — Leia sorriu, carinhosa. Solo premiu o acelerador e a nave roubada iniciou a marcha, na direção da lua de Endor.

Vader, Piett e Jhoff observaram na *tela* o desanuviar do escudo defletor, parecendo uma rede ou uma teia de aranha, para permitir a entrada do nave *Tydirium*, que avançava agora velozmente para o centro da

" *teia de aranha*", para Endor.

Vader voltou-se para o oficial em comando e ordenou-lhe, num tom ligeiramente mais exaltado do que o que habitualmente utilizava:

— Preparem a minha nave. Preciso de me encontrar com o imperador!

— Sem aguardar resposta, o senhor das trevas afastou-se, sendo visível na sua marcha os efeitos da tensão que algum pensamento, mais negro que os habituais, lhe proporcionava.

**V**

AS ÁRVORES DE ENDOR atingiam a altura de trezentos metros. Os troncos, de casca áspera e ferruginosa, erguiam-se, direitos, alguns tão largos como uma casa e outros apenas da largura de uma perna humana. A folhagem era viçosa e luxuriante, espalhando sombras de um azul-esverdeado por toda a floresta, apesar de ter um aspecto frágil.

Distribuídas de forma compacta por entre as gigantescas árvores encontravam-se as mais variadas formas de arbustos: pequenos pinheiros espinhudos, algumas árvores de folha caduca e arbustos, uns de aspecto nodoso, outros plenos de folhagem. O chão estava primariamente coberto de fetos, mas estes tornavam-se por vezes tão densos que faziam lembrar um mar verde, ondulando à passagem do vento.

Era esta a paisagem total da lua: verdejante, primaveril e silenciosa. A luz era filtrada através dos protectores ramos, numa espécie de serosidade dourada, como se o próprio ar fosse um ser vivo. Ora estava quente ora frio, sem extremismos. Tudo isto formava o retrato mais fiel de Endor.

A nave imperial roubada aterrou numa clareira, bastante longe das pistas de aterragem imperiais, sendo de imediato camuflada, de forma natural, pela mais variada vegetação, misto de folhas mortas, ramos caídos e outros resíduos florestais. Para além disso, a pequena nave foi literalmente engolida pela própria floresta. O casco de aço parecia incongruente em tal lugar, caso não fosse tão obviamente imperceptível.

No monte adjacente à clareira, o contingente rebelde iniciava a subida de um caminho a pique. Leia, Han, Chewie e Luke iam à frente, seguidos em fila indiana pela equipa de aspecto andrajoso, apesar dos capacetes, que completava o grupo de combate. Esta unidade era composta pela infantaria de *elite* da Aliança Rebelde. Apesar de, à primeira vista, aparentarem ser um bando de maltrapilhos, todos tinham sido escolhidos após terem dado mostras do seu valor, espírito de iniciativa, ferocidade e astúcia. Alguns tinham sido treinados como comandos, outros eram criminosos em liberdade condicional, mas todos odiavam o Império com uma intensidade

superior à que utilizavam para se conservarem vivos. Para além disso, todos conheciam de sobejo a capital importância deste ataque. Se não conseguissem destruir o gerador do escudo defletor, a rebelião estava condenada ao fracasso. Não existiam segundas hipóteses.

Por conseguinte, não era necessário chamar-lhes a atenção para o fato de terem de se manter alerta ao prosseguirem a escalada através da floresta. Estavam, deveras, mais alerta do que jamais haviam estado.



R2-D2 e C-3PO vinham em último lugar. R2, pouco apto para tais caminhadas, balançava constantemente, enquanto os sensores que lhe indicavam o caminho não paravam de acender e apagar, ao serem confrontados com a visão das monstruosas árvores que o cercavam.

— Beep-dooop - comentou, dirigindo-se a C-3PO.

— Não, não acho que este local seja bonito! — respondeu, desalentado, o seu companheiro dourado. — Talvez que, sortudos como somos, este planeta seja habitado por monstros que se alimentem de dróides.

O soldado que seguia à frente de C-3PO mandou-o calar. Este voltou-se para trás, para R2, e disse:

— Chiu, R2!

Estavam todos bastante nervosos.

Chewie e Leia, que seguiam à frente, alcançaram o topo do monte.

Atiraram-se para o chão e rastejaram os últimos metros, até conseguirem espreitar pela borda do precipício. Chewbacca elevou a pata, ordenando aos restantes membros do grupo que parassem. De repente a floresta pareceu ter-se tornado mais silenciosa.

Luke e Han percorreram da mesma forma o caminho que os outros dois tinham feito, para poderem observar o que se passava. Apontando através das árvores, Chewie e Leia aconselharam-nos a ter uma atuação pouco óbvia. Não muito abaixo, num vale estreito, perto de um lago, estavam dois guardas imperiais temporariamente acampados. Estavam a preparar uma refeição, aquecendo-a despreocupadamente num pequeno fogão de campanha. Havia duas motos flutuantes estacionadas perto.

— Deveríamos rodeá-los? — perguntou Leia.

— Demoraria muito tempo — disse Luke, abanando negativamente a cabeça.

Han espreitou por detrás de uma rocha.

— Pois é; e, além disso, se nos avistam e o comunicam teremos arriscado as nossas vidas para nada.

— Será que só há dois deles nas redondezas? — perguntou, céptica, Leia.

— O melhor é ir ver — respondeu, sorrindo, Luke, ao mesmo tempo que tentava superar o nervosismo que os começava a possuir a todos. A missão estava a começar verdadeiramente. Leia ordenou ao resto da equipa que permanecesse onde se encontravam. Depois, Luke, Han e Chewbacca encaminharam--se para o acampamento.

Quando já estavam bastante perto da clareira mas ainda cobertos pela verdura, Solo adiantou-se, tomando a liderança.

— Fiquem aqui! — ordenou numa voz estridente. — Chewie e eu trataremos disto — acrescentou, com o seu mais desconcertante sorriso.

— Não façam barulho — avisou Luke — , pode haver por aí... — Mas, antes que pudesse acabar a frase, já Han e o seu peludo companheiro se haviam lançado para a clareira. — ...mais guardas. — Luke achou-se a monologar. Voltou-se para Leia.

Ela encolheu os ombros.

— De que é que estavas à espera? — Havia coisas que nunca poderiam mudar.

No entanto antes que Luke pudesse responder, a sua atenção foi atraída por uma série de ruídos provindos da clareira, resultado óbvio de um combate furioso. Baixaram-se e observaram atentamente.

Han esmurrava um dos guardas, o que lhe emprestava aos olhos um

brilho especial que desaparecera havia já algum tempo. O outro guarda saltou para a moto flutuante, tentando escapar-se. No entanto, assim que pôs o motor a trabalhar, Chewie atingiu-o com alguns disparos da sua pistola *laser*, o que fez que este se precipitasse instantaneamente contra

uma árvore, após o que, juntamente com a moto, desapareceu por completo, devido à explosão que se seguiu.

Leia empunhou a sua pistola *laser* e lançou-se para a zona onde se travava a batalha, seguida de perto por Luke. Assim que alcançaram a clareira fizeram-se sentir à sua volta variadas pequenas explosões, o que fez que se atirassem tacitamente para o chão. Leia perdeu a arma.

Espantados, voltaram-se para dar de caras com outros dois guardas imperiais, que nessa altura emergiam do seu posto de observação e se lançavam na direção das motos flutuantes, no outro lado da clareira. Os guardas não deixaram de empunhar as pistolas, nem mesmo quando puseram os motores a trabalhar.

Leia levantou-se num salto, gritando para Luke:

— Ali! Vão ali mais dois!

— Estou arrepiado! — respondeu ele, ao mesmo tempo que se punha em pé. — Fica aqui!

Leia tinha, no entanto, os seus próprios planos. Correu para o veículo que restava e arrancou nele, em perseguição dos fugitivos. Ao passar por Luke, este saltou para a parte de trás da moto, apesar de ela nem sequer ter tentado abrandar o veículo.

— Rápido, o botão do centro — gritou-lhe Luke por cima do ombro, tentando sobrepor-se ao ruído do motor. — Inutiliza-lhes o intercomunicador, para que não possam contactar a base!

Enquanto isso, Han e Chewie manietaram o último dos guardas imperiais.

— Eh!, esperem por nós! — gritou Solo. Mas eles já se haviam afastado.

Frustrado, atirou a sua arma para o chão, ao mesmo tempo que o resto da equipa fazia a sua aparição na clareira.

Luke e Leia avançavam velozmente, a alguns metros do Solo, através da densa folhagem, Leia dirigindo e Luke agarrando-se a ela. Os dois guardas

levavam um bom avanço sobre eles mas, a 320 km à hora, Leia era melhor piloto que eles, o que se devia a uma espécie de talento inato na família.

De vez em quando fazia um disparo com o pequeno canhão *laser* montado na moto, mas ainda se encontrava longe de mais para que os tiros fossem certos. Os disparos acertavam ora numa árvore, lascando-a e incendiando-a, ora num arbusto, destruindo-o por completo. Apesar disso, as motos flutuantes prosseguiram o seu caminho, curvando através da folhagem e dos ramos das árvores.

— Tenta alcançá-los! — gritou-lhe Luke.

Leia acelerou, diminuindo de imediato a distância entre veículos. Os guardas pressentiram esse fato, pelo que tentaram, nervosos, ganhar terreno através de manobras perigosas. Uma das motos descontrolou-se por instantes, o que fez que o seu ocupante perdesse o equilíbrio e retardasse a marcha.

— Tenta ficar lado a lado com ele! — berrou Luke ao ouvido de Leia.

Ela fez, e de forma tão perfeita que os guiadores de ambos os veículos se tocaram por instantes, aproveitando-se Luke dessa situação para se lançar sobre a outra moto, saltando de uma para a outra. Uma vez lá, começou a asfixiar o guerreiro imperial, após o que o atirou fora. Este, na sua armadura branca, caiu com um ruído de ossos partidos, mergulhando, para sempre, num mar de fetos.

Luke avançou um pouco, ocupando o lugar do condutor; brincou durante alguns instantes com os comandos e depois lançou-se para a frente, no encalce de Leia. Por fim alcançou-a, continuando ambos a perseguir o outro guarda.

Ora subindo ora descendo, prosseguiram, evitando a colisão, mais de uma vez, por uma unha negra. Dirigindo-se para norte, através de vinhas meio secas, passaram por um barranco, onde mais dois guardas se encontravam acampados. Um momento depois, também eles se lançaram na perseguição, disparando contra Luke e Leia com os seus pequenos

canhões. Luke, um pouco atrás de Leia, estudou a situação.

— Continua a tentar apanhar esse aí — gritou-lhe, indicando o fugitivo. — Eu tomo conta dos outros dois!

Leia prosseguiu. Luke, no mesmo instante, iniciou o processo de desaceleração, quase parando por completo os motores. Os guardas que seguiam atrás dele foram incapazes de, a tempo, fazerem o mesmo, pelo que ficaram à frente de Luke, passando este de perseguido a perseguidor, fazendo fogo sobre os guardas. Ao terceiro disparo acertou em cheio, lançando um dos guardas, já morto, contra uma árvore, explodindo este logo de seguida. O outro lançou um breve olhar às chamas e acelerou ainda mais. Luke manteve a sua velocidade estabilizada.

Bem mais à frente, Leia prosseguia, juntamente com o guarda, o seu rápido *slalom*, entre árvores impassíveis e ramos baixos. Via-se obrigada a travar tão frequentemente que parecia, à primeira vista, ser impossível alcançar o guarda. De repente, porém, elevou-se no ar, numa inclinação acentuada, desaparecendo de vista.

O guarda voltou-se de imediato, confuso, não sabendo bem como encarar o desaparecimento do seu perseguidor, sem saber se havia de ficar mais descansado, se havia de ficar ainda mais preocupado. A sua irresolução foi cortada cerce, pois, do cimo das árvores, Leia mergulhou na direcção dele, disparando ferozmente. A moto flutuante do guarda sofreu o impacto de um tiro que por pouco a não atingiu. Aquele desvio fizera que a velocidade aumentasse mais do que previra. Num instante estava lado a lado com o guarda. Depois, sem que disso Leia se apercebesse, o guarda empunhou uma pequena pistola, com que atingiu a moto de Leia; esta saltou instantes antes de o veículo explodir. Por momentos foi projectada no ar, rebolando depois o meio dos fetos e acabando por parar junto a uma poça de água estagnada, rodeada por troncos meio apodrecidos. A última coisa que viu foi uma bola cor de laranja, através de uma nuvem de fumo resultante de verdura a arder; depois foi envolta pela escuridão.

O guarda olhou para trás, satisfeito, observando a explosão com agrado. Quando de novo se voltou para a frente, perdeu instantaneamente o olhar

de satisfação, ao verificar que estava em rota de colisão com uma enorme árvore. Em segundos, tudo terminara para ele, restando apenas as chamas e o resultante fumo.

Entretanto, Luke estava prestes a alcançar o que era agora o último guarda. Este lançou a moto contra a de Luke. Ambos balançaram perigosamente, por pouco não embatendo num tronco de árvore. O guarda conseguiu, no entanto, passar--lhe por baixo, enquanto Luke passava por cima; quando desceu do outro lado caiu em cheio em cima do veículo do guarda, pelo que ambos ficaram automaticamente presos.

As motos flutuantes estavam preparadas para serem utilizadas separada ou juntamente; encaixavam sem dificuldade e, mesmo juntas, poderiam ser conduzidas, separadamente, por cada um dos condutores.

O guarda tentou, através de movimentos bruscos, atirar com Luke para uma cova onde existiam várias árvores novas. No último segundo, porém, Luke inclinou-se todo para o lado oposto, conseguindo assim equilibrar-se.

O guarda, por sua vez, ao sentir-se inseguro, concluiu que a única solução seria imitar o movimento de Luke. Se bem o pensou, melhor o fez, o que provocou um total descair das motos e um consequente voltar à sua posição inicial... excetuando o fato de que tinham uma gigantesca árvore pela frente.

Sem pensar duas vezes, Luke saltou da moto flutuante. Uma fração de segundo mais tarde, o guarda guinou para a direita, mas não suficientemente a tempo de evitar que a segunda moto, a de Luke, fosse de encontro à árvore.

Luke rolou por uma encosta coberta de musgo e fetos. O guarda deu meia volta e procurou encontrá-lo. Luke ergueu-se de súbito, quando o guarda se lançou sobre ele, acelerando e disparando ao mesmo tempo.

Luke empunhou o sabre de luz e conseguiu afastar de si todos os projecteis sobre ele lançados, mas a moto prosseguiu, veloz, o seu caminho. Dentro de segundos encontrar-se-iam; a moto continuou a acelerar, enquanto o

guarda se preparava para passar por cima do jovem jedi, cortando-o ao meio. No último momento, porém, Luke saltou para o lado, no momento exato, tal como um toureiro, que no último instante se afasta de um touro enraivecido — cortando com um só golpe da sua espada de luz o guiador da moto.

A moto flutuante começou de imediato a perder direção, ficando totalmente descontrolada passado pouco tempo; em instantes precipitava-se através da floresta, transformada em bola de fogo.

Luke extinguiu a luz do seu sabre e deu meia volta, na intenção de se juntar aos outros.

A nave de Vader balançou junto à parte não terminada da Estrela da Morte, pousando depois suavemente na pista de aterragem. Mecanismos silenciosos fizeram deslizar até ao chão a rampa de descida do Lorde Negro; silenciosos foram também os seus pés ao descerem a gelada rampa de aço. Geladas, mas não sem sentido, eram as suas passadas, além de manterem um ritmo calculado.

O corredor principal estava cheio de cortesãos que aguardavam uma audiência com o imperador. Vader olhou-os com um ar superior. Parvos, todos eles. Bajuladores pomposos envergando fatos de veludo e expondo caras pintadas; bispos perfumados, passando notas e opiniões entre eles —

pois ninguém mais lhes ligava; mercadores oleosos vergados sob o peso da joalheria, joalheria esta ainda quente do contato com a carne dos seus recentemente falecidos possuidores; homens e mulheres facilmente tornados violentos; sensualidade ansiosa por luta.

Vader não tinha paciência para este tipo de corrupção insignificante.

Passou por eles sem os cumprimentar, apesar de saber que muitos deles dariam quase tudo para merecerem um simples aceno de cabeça do Lorde Negro.

Quando alcançou o elevador que conduzia à torre do imperador, encontrou a porta fechada. Guardas reais, armados até aos dentes e envergando fatos vermelhos, ladeavam a entrada, parecendo ignorar a presença de Vader. Das sombras surgiu um oficial, que se lhe dirigiu directamente, impedindo-o de continuar e dizendo de forma imparcial:

— Não pode entrar!

Vader não desperdiçou palavras. Ergueu a mão, os dedos esticados, na direção da garganta do oficial. Este, suavemente, começou a sufocar. Os joelhos começaram-lhe a vergar-se e o rosto tornou-se acinzentado.

Procurando respirar, disse num quase gemido:

— São... as... ordens do... imperador...

Como uma mola, Vader soltou de imediato o homem da pressão remota a que o sujeitara. O oficial, podendo de novo respirar, caiu ao chão, tremendo. Massageou levemente o pescoço.

— Esperarei até que lhe seja conveniente receber-me — afirmou Vader. Depois deu meia volta e olhou pela janela de observação. O verde planeta Endor brilhava, enquanto flutuava no espaço negro como breu, como se do seu âmago proviesse qualquer espécie de luz interior. Sentiu nele uma espécie de eco à energia de Endor, como se Endor fosse um íman gigantesco, que o atraía. Uma tocha brilhante no meio da noite infinita.

Han e Chewie encolheram-se frente a frente, silenciosos, muito juntos, na clareira da floresta. O resto do grupo descansava, o mais à vontade que lhes era possível, em pequenos grupos de dois ou três membros cada, espalhados por ali. Todos esperavam, ansiosos.

Até mesmo C-3PO estava calado. Polia os dedos, sentado junto de R2, na impossibilidade de encontrar algo melhor para fazer. Os outros verificavam os relógios ou as armas, enquanto a tarde se escoava.



R2 descansava também, imóvel a não ser pelo pequeno radar que, na sua cabeça em forma de abóbada azul e prateada, constantemente empreendia movimentos circulares, perscrutando a imensidão da floresta.

Transparecia nele a calma resultante da sensação do dever cumprido.

De repente emitiu um bipe.

C-3PO parou de polir os dedos e olhou apreensivamente para a floresta.

— Vem aí alguém! - traduziu ele a afirmação de R2.

O resto do esquadrão pôs-se de imediato em posição de alerta, de armas empunhadas. Ouviu-se estalar um ramo, não muito longe. Todos pararam de respirar.

Com um andar fatigado, Luke fez a sua aparição na clareira, saindo de entre a folhagem. Todos soltaram um suspiro de alívio, baixando em seguida as armas. Luke, extremamente cansado, nem pareceu notar. Atirou-se para o solo, junto de Han, deixando-se ficar estirado e limitando-se a emitir um grunhido.

— Dia difícil, hem, miúdo? — inquiriu Han. Luke semiergueu-se, apoiando-se num cotovelo. Tal movimento pareceu ter-lhe exigido um esforço enorme. Tanto barulho apenas por causa de dois guardas imperiais.

Se já se sentia tão cansado e ainda agora tudo começara, que seria quando estivessem mais perto do fim? Han conseguia ainda, sem dificuldade, manter o seu habitual tom galhofeiro. Aquela graciosidade que o caracterizava era como que a sua marca, era parte integrante do seu encanto. — Espera só até chegarmos ao gerador... — gracejou, afável. Solo olhou em redor, para a floresta, para o lugar de onde Luke viera: — Onde está Leia?

O rosto de Luke tomou de repente um ar preocupado.

— Ela não voltou?

— Julgava que estava contigo — elevou-se, agreste, a voz de Han, transformando-se quase num grito.

— Separámo-nos — explicou Luke. Fixou os olhos de Solo, estacando ambos por um instante, atemorizados, após o que ambos se levantaram de um salto. — É melhor irmos procurá-la.

— Não queres descansar um pouco? — sugeriu Han, pois podia, sem dificuldade, ver o cansaço estampado no rosto de Luke, pelo que procurou poupá-lo, antevendo o que ainda faltava enfrentar; sabia de antemão que ele, quando chegasse a altura, necessitaria de toda a sua força.

— Quero encontrar Leia — respondeu Luke, baixinho.

Han assentiu, não respondendo. Fez sinal a um oficial rebelde, seu subordinado directo no comando da equipa de ataque. Este aproximou-se de imediato.

— Prossegue o caminho com o esquadrão — ordenou Solo. —

Encontrar-vos-emos junto ao gerador do escudo defletor, às 0.30 h!

O oficial fez uma saudação e organizou de imediato as tropas. No espaço de um minuto seguiam já em fila indiana, floresta adentro, felizes por estarem finalmente em movimento.

Luke, Chewbacca e o general Solo, juntamente com os dois dróides, seguiram na direção oposta. R2 seguia à frente, o radar em constante movimento, procurando encontrar a sua ama; os outros seguiam-no, algo cabisbaixos, para dentro da floresta.

A primeira coisa de que Leia tomou consciência foi do seu cotovelo esquerdo. Estava mergulhado numa poça de água, literalmente encharcado.

Movimentou o cotovelo, retirando-o da água, o que além de um espadanar de água lhe provocou uma dor aguda; uma dor que lhe imobilizou por inteiro o braço. Atendendo a isso, decidiu manter-se quieta.

Do que se apercebeu, seguidamente, foi de vários barulhos. O barulho do cotovelo a bater na água, o restolhar de folhas, um pio ocasional de algum pássaro. Barulhos típicos de floresta. Com um grunhido, respirou cuidadosamente e atentou nos sons que a rodeavam.

Sentiu-se invadida por diversos odores: a musgo húmido, a folhas oxigenadas, a mel, proveniente de qualquer colmeia distante, a diversas flores.

O paladar retornou ao mesmo tempo que o olfato, fazendo que se apercebesse de que tinha sangue na boca. Abriu-a e fechou-a várias vezes, procurando descobrir a proveniência da hemorragia; concluiu que era impossível descobrir. Em vez disso, apenas tomou conhecimento de uma série de novas dores, no pescoço, na cabeça e nas costas, que a avassalaram por completo. Tentou retomar o movimento dos braços, mas isso proporcionou-lhe toda uma outra série de dores; por conseguinte, resolveu permanecer quieta.

Permitiu que a temperatura agradável lhe penetrasse no corpo. O sol aqueceu-lhe a mão direita, enquanto a esquerda permanecia na sombra.

Fazia-se sentir uma brisa suave, agradável.

Sentiu-se finalmente desperta.

Devagar, receosa de encarar os estragos, tentando evitar a realidade do seu próprio corpo meio partido, abriu finalmente, pouco a pouco, os olhos.

Tudo parecia um tudo-nada esquisito, observado deste ângulo.

Castanhos e cinzentos misturavam-se junto ao chão, tornando-se, no entanto, progressivamente mais claros e verdejantes à medida que elevava o olhar. Pouco a pouco as coisas tomaram uma proporção real. Foi então que ela avistou o *ewok*.

Uma pequena e estranha criatura peluda estava a cerca de meio metro da cara de Leia, ele próprio com pouco mais do que isso de altura. Tinha uns enormes olhos castanhos, que denotavam curiosidade, e pequenos dedos a

terminar as patas. Completamente coberto por um pêlo castanho e macio, lembrava, mais que tudo, uma espécie de bebê *wookiee* que Leia se lembrava de ter possuído quando criança. Na realidade, quando pela primeira vez avistou a pequena criatura, temeu estar a sofrer uma visão, uma memória da infância tornada realidade pelo seu cérebro confuso.

No entanto não se tratava de um sonho. Era um *ewok*, e o seu nome era Wicket.

Também não se limitava apenas a ser engraçado; como Leia verificou, trazia consigo uma faca presa à cintura. Era a única coisa que ele transportava, além de uma peça de couro fino que lhe cobria a cabeça.

Observaram-se mutuamente, sem se mexerem, durante um longo minuto. O *ewok* parecia espantado com a presença da princesa, incerto no respeitante ao que ela seria ou desejaria. De momento, Leia pretendia apenas sentar-se.

Conseguiu-o, não podendo porém evitar um gemido de dor.

O som pareceu assustar a pequena bola de pêlo, que de imediato recuou, tropeçando e caindo.

— Eeeep! — exclamou, aturdido.

Leia observou-se cuidadosamente, procurando vestígios de feridas graves. As suas roupas estavam rasgadas, apresentava vários golpes, nódoas negras e feridas diversas, mas nada parecia ser demasiado grave ou irreparável; todos os seus ossos pareciam inteiros. Por outro lado, não sabia onde se encontrava. Gemeu novamente.

Se uma vez tinha sido mau, duas era de mais para o pequeno *ewok*. De um salto, apanhou um pau e empunhou-o defensivamente na direção de Leia. Andou à volta dela, apontando-lho, desejando menos ser agredido do que agredir.

— Eh!, pára lá com isso! — disse Leia, atirando com a arma do *ewok* para longe. Era o que lhe faltava, ser atacada por um ursinho de pelúcia! De forma mais gentil, acrescentou: — Não te preocupes, não te vou fazer mal.

Cautelosa, pôs-se em pé, verificando até que ponto poderia confiar nas suas pernas. O *ewok*, por precaução, recuou.

— Não tenhas medo! — tentou Leia tranquilizá-lo, usando um tom de voz calmo e confiante. — Apenas quero verificar em que condição ficou a minha moto.

Sabia bem que quanto mais falasse com o *ewok* mais este se sentiria à vontade. Além disso reconhecia que também lhe era benéfico falar, mesmo que fosse com a pequena criatura.

As pernas de Leia estavam muito fracas, ressentindo-se da queda, mas mesmo assim foi capaz de alcançar o que restava da moto flutuante, que repousava calmamente, uma mistura de ferro retorcido e derretido, junto a uma árvore tornada negra pela explosão.

O movimento que empreendera levava-a para longe do *ewok*, que percebeu isso como um sinal de confiança e, por conseguinte, a seguiu até aos destroços. Leia apanhou do chão a pistola *laser* do guarda imperial; era tudo quanto dele restava.

— Parece-me que saltei mesmo a tempo! — murmurou, mais para si própria do que para o seu companheiro.

O *ewok* apreciou a cena, durante alguns segundos, com os seus enormes e expressivos olhos castanhos; fez depois uns ruídos, dando uma espécie de guinchinhos ao mesmo tempo que abanava a cabeça.

Leia olhou à sua volta para a imensidão da floresta, e depois sentou-se num tronco, ficando então os seus olhos ao nível dos do *ewok*. De novo, ambos, algo surpreendidos, se miraram de alto a baixo.

— O meu problema é estar aqui retida — confiou ao seu peludo companheiro. — Isto além de nem sequer saber onde estou...

Pousou a cabeça entre as mãos, em parte para poder pensar na situação em que se encontrava e em parte para tentar aliviar a pressão que sentia nas têmporas. Wicket sentou-se a seu lado, imitando cada um dos seus gestos (a cabeça entre as patas, apoiadas nos joelhos), soltando depois um suspiro de simpatia e compreensão, à maneira dos *ewoks*.

Leia, ao vê-lo, sorriu satisfeita, fazendo-lhe depois uma festa na cabeça, entre as orelhas. Ele ronronou como um gato.

— Por acaso não tens por aí um transmissor, pois não? — gracejou, esperando, ao mesmo tempo, que falar no assunto a ajudasse a pensar melhor e a encontrar uma solução viável. Em resposta, o *ewok* pestanejou umas quantas vezes, limitando-se depois a sorrir. Leia sorriu também. —

Não, na verdade não deves ter!

De repente Wicket estacou, de orelhitas alerta e farejando em volta.

Tomou depois um ar concentrado, parecendo ficar à espera de algo.

— Que se passa? — perguntou-lhe Leia, baixinho. Algo estava para acontecer, isso era mais que certo. De repente ouviu o que momentos antes o *ewok* ouvira: um ligeiro restolhar nos arbustos por trás deles.

O *ewok* gritou de imediato, um grito agudo e penetrante. Leia empunhou a sua pistola e saltou para trás do tronco em que se encontrava sentada. Wicket fez o mesmo que ela, ficando a seu lado. Seguiu-se um período de silêncio. Leia tentou perscrutar o que se passava, olhando

através dos arbustos rasteiros que a cercavam. Estava pronta para lutar.

Apesar de se sentir preparada, não esperava que o raio *laser* se precipitasse para o tronco vindo de tão alto, à sua direita, explodindo numa chuva de luz e folhas caídas. Contra-atacou rapidamente por duas vezes, mas depois apercebeu-se da presença de alguém por detrás de si. Virou-se lentamente, encontrando um guarda imperial de olhos fixos nela, a arma apontada à sua cabeça.

— Eu tomo conta dessa arma — ordenou.

Sem aviso prévio, uma pata peluda elevou-se de junto do tronco caído, espetando uma pequena faca na perna do guarda, que de imediato soltou um grito de dor e começou a saltitar num só pé, agarrado à perna ferida.

Leia mergulhou instantaneamente na direção da pistola *laser*.

Apanhou-a e disparou, fazendo pontaria ao coração do guarda. Este caiu, fulminado, sem um gemido.

A floresta quedou-se de novo em silêncio, desaparecidos o barulho e a luz das pistolas como se nunca tivessem existido. Leia permaneceu imóvel, no chão, à espera de um novo ataque. Nada aconteceu. Wicket apareceu, vindo de trás do tronco, a cabecita encrespada empreendendo movimentos bruscos, numa tentativa de se aperceber do que se passava à sua volta.

— Eeep rrp scrp ooooh! — murmurou, espantado.

Leia pôs-se de pé e percorreu a área circundante, em busca de algum atacante que lá pudesse estar escondido. Por agora parecia estar tudo sossegado. Fez sinal ao seu rechonchudo amigo.

— Vem, é melhor desaparecermos daqui!

Ao entrarem na floresta o seu pequeno e recente amigo tomou a dianteira, conduzindo-a. Leia, a princípio, não sabia ao certo o que fazer, decidindo-se depois a segui-lo, após ele lhe ter puxado a manga de forma decidida, confiando-se ao pequeno e pouco comum animalzinho.

Deixou a sua mente vaguear um pouco à deriva, quase se desligando do próprio corpo, observando as gigantescas árvores que a rodeavam. De

repente foi atingida não pelo contraste da sua altura com a do pequeno *ewok* que caminhava a seu lado mas pela sua pequenez em comparação com as gigantescas árvores por entre as quais circulava. Algumas tinham cerca de dez mil anos e estendiam-se até perder de vista. Representavam, de certo modo, aquilo por que ela lutava; ramos estendidos num sinal de

paz extensivo a todo o universo. Sentiu-se parte integrante da sua grandeza mas, ao mesmo tempo, inexplicavelmente, uma peça de somenos importância. Sentiu-se, além disso, só, muito só. Sentia-se só nesta floresta de gigantes. Vivera toda a sua vida entre *gigantes* humanos: seu pai, o grande senador Organa, a mãe, então ministro da Educação, os seus conhecidos e amigos, gigantes também...

No entanto, estas árvores... Eram como gigantescos pontos de exclamação, fazendo salientar a sua própria magistralidade. Estavam ali!

Estariam ainda ali quando Leia partisse, depois da Rebelião, depois do Império!

Isto a fez perder a sensação de solidão, a fez sentir-se parte integrante de algo, peça vital de um *puzzle*, de alguma forma unida a estes colossos.

Identificou-se com estas árvores, numa união que ultrapassava o espaço e o tempo, feita através de uma estranha força vital que...

Era na realidade demasiado confuso. Fazia parte, estando à parte. Não conseguia entender bem. Sentia-se grande e pequena, corajosa e tímida.

Sentia-se como uma pequena e vibrante chama, dançando vivamente na atraente fogueira da vida... dançando atrás de um pequeno ursinho peludo e rechonchudo que a arrastava cada vez mais para o interior do bosque.

Era para isto que a Aliança Rebelde lutava; para preservar criaturinhas peludas, habitantes de florestas gigantescas, que ajudavam princesas assustadas e em apuros e as levavam para lugares seguros. Leia desejou com força que os seus pais estivessem ainda vivos, para que lhes pudesse relatar o que descobrira.

Lorde Vader desceu do elevador e postou-se à entrada da sala do trono. Os cabos luminosos rangeram, emitindo um brilho inusitado e

iluminando de forma algo bizarra os guardas reais que se encontravam de ambos os lados. Percorreu resolutamente o corredor, na direção das



escadas, subiu-as e estacou, servilmente, por trás do trono. Ajoelhou-se, impassível.

Quase de imediato ouviu a voz do imperador.

— Ergue-te!, ergue-te e fala, meu amigo!

Vader levantou-se ao mesmo tempo que o trono rodava, e ficou frente a frente com o imperador.

Entreolharam-se friamente, unidos por algo que, ao mesmo tempo, os separava. Atravessando, dificilmente, esse abismo, Vader comentou:

— Um pequeno grupo de rebeldes penetrou o escudo e aterrou em Endor, meu amo.

— Sim, bem sei. — A sua voz estava despida de qualquer surpresa.

Antes parecia demonstrar alguma satisfação.

Vader anotou isso mentalmente e prosseguiu:

— O meu filho é um deles!

O imperador franziu o sobrolho quase imperceptivelmente. A sua voz manteve-se inalterável, apenas denotou uma certa curiosidade.

— Tem a certeza?

— Senti-o, meu senhor! — disse, sarcasticamente. Sabia bem quais eram os sentimentos do imperador em relação ao jovem Skywalker; do receio que tinha dele. Apenas reunindo as forças de ambos poderiam conseguir que o cavaleiro jedi passasse para o lado negro da Força. Repetiu, pois, o seu comentário, dando ênfase às suas palavras. — Eu senti a sua presença!

— Estranho... *eu*, não! — murmurou o imperador, os olhos semicerrados. Ambos sabiam que a Força não era infalível e o seu poder não era ilimitado. Tinha essencialmente a ver com conhecimento e visão.

Não havia dúvida de que o laço que unia Vader ao filho era mais forte que o que unia o jovem Skywalker ao imperador; por outro lado, o imperador pareceu reconhecer uma certa indecisão, um sentimento estranho de que anteriormente não se apercebera e que não conseguiu compreender por completo. — Pergunto-me se os seus sentimentos sobre este assunto estão definidos, Lorde Vader.

— Estão bem definidos, garanto-lhe, meu senhor. — Ele reconhecia sem dificuldade a presença esmagadora e envolvente do seu filho.

— Nesse caso, deve ir para a lua' de Endor, para o Santuário, e esperar lá por ele — declarou simplesmente o imperador Palpatine. Visto que tudo estava definido, não havia com que se preocupar.

— Ele virá ter comigo? — inquiriu, céptica, Vader. Não eram esses os seus verdadeiros sentimentos. Sentia-se, na realidade, diminuído.

— Sim, de sua livre vontade — assegurou -lhe o imperador. Teria de ser de sua própria vontade, de contrário tudo estaria perdido. Um espírito forte não poderia ser forçado a praticar o mal, tinha de ser induzido, gentilmente, a fazê-lo. Tinha de participar activamente, mas de livre vontade. Tinha de suplicar para ser autorizado a participar. Luke Skywalker sabia bem tudo isto, mas, mesmo assim, mantinha-se firme na sua posição. Os destinos nunca podiam ser previstos com total segurança, mas Skywalker viria ter com eles; isso era certo. — Previ isso eu próprio. A paixão que sente por si será a razão da sua perdição! — A paixão sempre havia sido o ponto fraco de todos os jedi, e sempre assim seria. Era o cúmulo da vulnerabilidade. Vulnerabilidade era algo que o imperador não possuía; ele era invulnerável. — O rapaz virá ter consigo e, então, trá-lo-á perante mim!

Vader fez uma vénia pronunciada.

— Far-se-á a sua vontade!

Com um toque de malícia na voz, o imperador mandou embora o Lorde Negro. Este, antecipadamente tenebroso e ameaçador, abandonou o salão do trono, preparando-se para iniciar a viagem para Endor.

Luke, Chewie, Han e C-3PO prosseguiram a caminhada através da floresta, nunca perdendo de vista R2 e a sua antena em constante movimento. Era verdadeiramente fascinante, a maneira como o pequeno dróide era capaz de, discretamente, abrir caminho por entre a densidade da floresta. Continuava valorosamente o seu caminho, auxiliado pelas pequenas antenas, cortantes em extremo, destruindo tudo aquilo que não era capaz de contornar.

De repente parou, o que causou alguma consternação aos seus amigos.

O *tela* do radar aumentou o pulsar, emitiu uns guinchos bastante agudos e, por fim, anunciou excitado:

— Vrrr dEEp dWP booooo dWEE op'! C-3PO precipitou-se para ele.

— R2 afirma que as motos flutuantes se encontram ali atrás e... meu Deus!

Todos se lançaram para o lugar que lhes fora indicado, para estacarem todos ao mesmo tempo perante um espectáculo aterrorizador: o que restava, espalhado sem sentido, das speeders, isto para não falar nos restos mortais de alguns guardas imperiais. Todos principiaram a procurar vestígios da princesa Leia, temendo o pior. Encontraram apenas um pedaço do casaco que ela envergava.

— Os sensores de R2 não registam nada mais relacionado com a princesa!

— afirmou, comedidamente, C-3PO.

— Espero bem que esteja longe daqui - disse Han, dirigindo--se para as árvores. Não conseguia imaginar-se sem ela. Perdê-la era impensável.

Depois de tudo por que haviam passado, não havia razão para crer que tudo terminaria desta forma.

— Parece que ela foi de encontro a eles — disse Luke, procurando desanuviar o ambiente. Todos faziam por não tirar conclusões apressadas.

— Parece, à primeira vista, que tudo lhe correu bem — respondeu-lhe, tenso, Han. Dirigia-se a Luke mas parecia mais estar a falar para si

próprio.

Chewbacca era o único que parecia não estar interessado na clareira em que se encontravam. Procurava ver através da densa folhagem, franzindo o nariz ao aspirar o ar.

— Rahrr! — gritou, mergulhando mais para o interior da floresta. Os outros apressaram-se a segui-lo. R2 assobiou baixinho, nervoso.

— Estás a registar o quê? — perguntou-lhe bruscamente C-3PO. — Por favor, tenta ser mais específico, está bem?

As árvores pareciam aumentar de tamanho à medida que o grupo avançava por entre elas. Não que se conseguisse distinguir a altura a que se elevavam, mas tendo em atenção a largura dos respectivos troncos. A restante vegetação parecia diminuir, tornando-lhes mais fácil a caminhada mas dando--lhes, ao mesmo tempo, a nítida sensação do seu reduzido tamanho, algo que os perturbava sobremaneira.

De repente a vegetação deu lugar a novo espaço aberto, a uma clareira.

No centro desta estava espetado um ramo de árvore, donde pendiam vários pedaços de carne crua. Os membros do grupo olharam espantados, cautelosamente, para o ramo.

— Que é aquilo? — disse C-3PO, verbalizando aquilo que todos desejavam saber.

O nariz de Chewbacca, no entanto, não parava de mexer, numa espécie de loucura olfactiva. Conteve-se o mais que pôde mas, de repente, não aguentou mais, precipitou-se para a frente, procurando apanhar um dos pedaços de carne.

— Eh!, espera aí! — gritou-lhe Luke. — Não...

Mas era demasiado tarde. No instante em que puxou o pedaço da carne do ramo, uma enorme rede caiu sobre eles, prendendo-os e elevando-os a bastante altura, numa confusão de braços e pernas.

R2 assobiou freneticamente, pois estava programado para detestar estar de cabeça para baixo, ao mesmo tempo que o *wookie* se lamentava baixinho, pedindo desculpa.

Han retirou da boca uma pata peluda, cuspendo pêlos.

— Ótimo, Chewie. lindo trabalho, sim senhor. Pensas sempre com o estômago, em vez de...

— Calma — pediu Luke — , procuremos antes a maneira de sairmos daqui! — Tentou, mas foi incapaz de libertar os braços; um estava dobrado atrás das costas e o outro preso à perna de C-3PO. — Alguém de vocês consegue alcançar o meu sabre de luz?

R2 encontrava-se por baixo de todos. Esticou o seu apêndice destinado a cortar obstáculos e começou a cortar a rede à sua volta.

Solo, ao mesmo tempo, procurava alcançar o sabre que pendia da cintura de Luke, esforçando-se imenso para o fazer. Desistiu porém dos seus esforços, deixando que R2 prosseguisse o seu trabalho, permanecendo colado ao dróide do protocolo.

— Chega-te para lá, palito dourado! Vá, sai daí!

— Como é que julgas que *eu* estou? Bem? — ripostou C-3PO. Não havia mesmo protocolo adequado para tal situação.

— É que... — principiou Han, não acabando, porém, visto que R2

acabara de cortar a rede e todos se precipitaram no solo.

Quando recobram os sentidos, se sentaram e se certificaram de que todos estavam bem, aperceberam-se um a um de que estavam rodeados por cerca de vinte pequenos seres peludos, todos com toucas de couro e, todos- eles, empunhando espadas.

Um deles aproximou-se de Han e, apontando-lhe à ca a sua espada, guinchou:

— Eeee wk!

Solo, com um empurrão, afastou a arma, dizendo asperamente:

— Vê se apontas isso para outro lado!

Um outro *ewok*, assustado, lançou-se para Han, brandindo também a espada. Han afastou esta por sua vez mas, ao fazê-lo, cortou-se num braço.

Luke alcançou o sabre de luz, mas um terceiro *ewok* precipitou-se para ele, afastando os *ewoks* mais agressivos e dirigindo-se-lhe mais curioso que irritado. Luke guardou, pois, o sabre de luz.

Han estava, porém, ferido e muito zangado. Sacou da pistola. Luke parou-lhe o movimento, impedindo-o de disparar.

— Calma, espera um pouco! — acrescentou ao olhar que lhe lançara.

*Nem tão-pouco com as acções ou motivações.* Luke não sabia ao certo porquê, mas tinha um palpite, um sentimento positivo em relação a estes pequenos seres.

Han estacou, contendo-se, enquanto os *ewok* os rodeavam, confiscando todas as armas que possuíam. Luke também entregou o seu sabre de luz. Chewie grunhiu desconfiado.

R2 e C-3PO estavam a acabar de se desembaraçar da rede quando os *ewok* começaram a falar animadamente entre si. Luke virou-se para o dróide dourado.

— Consegues perceber o que dizem, C-3PO?

C-3PO ergueu-se, procurando encontrar mossas ou alguma peça partida.

— Ah, a minha cabeça! — queixou-se.

Ao verem-no erguer-se, os *ewok* aumentaram os murmúrios, apontando para o seu fino e longo corpo e gesticulando excitados. C-3PO

dirigiu-se ao que aparentava ser o chefe.

— Chree breeb a shurr du!

— Bloh wree dbleeop weeschhreee! — respondeu a peluda criatura.

— Du wee sheess?

— Reeop glwah wrriphs!

— Shreee?

Um dos *ewok*, sem aviso prévio, largou a arma, depositando-a no chão, e prostrando-se aos pés do brilhante dróide. Num instante, todos os *ewok* o imitaram. C-3PO olhou em volta, algo embaraçado.

Chewie latiu, admirado. R2 emitiu um bipe especulativo. Luke e Han observaram, impressionados, o batalhão de *ewoks*.

Então, como de comum acordo, começaram a entoar, em uníssono, um cântico:

— Eekee whoh, eekee whoh, Rheakee rheekie whoh...

Han voltou-se para C-3PO, não querendo acreditar no que via.

— Que é que lhes disseste? - perguntou.

— *Olá*, creio — respondeu C-3PO, quase apologeticamente. Depois apressou-se a acrescentar: — Posso ter-me enganado, pois usam um dialecto muito primitivo. Creio que pensam que sou uma espécie de deus...

Chewbacca e R2 acharam a idéia muito divertida. Passaram alguns segundos a ladrar e a assobiar histericamente, até que, por fim, se conseguiram acalmar. Chewbacca chegou mesmo a chorar de tanto rir.

Han abanou a cabeça, num gesto revelador de uma infinita paciência.

— E que tal usares a tua influência divina para nos tirares daqui, hem?

C-3PO endireitou-se e respondeu com o máximo decoro.

— Peço perdão, capitão Solo, mas isso não estaria certo.

— Não estaria certo? — rosnou Solo. Sempre soubera que um dia este pomposo dróide cometeria um erro a mais para o seu gosto. Parecia agora que este dia chegara.

— É contra o meu programa fazer o papel de uma divindade —

respondeu C-3PO, pronunciando a justificação de uma forma tão resignada e óbvia que levava a pensar que não deveria ter sido sequer dada.

Han precipitou-se, ameaçador, para o dróide do protocolo, desejoso de o fazer sentir quais eram as suas impressões sobre o assunto.

— Olha lá, ó pilha de parafusos, se não fazes aquilo que... — Estacou, porém, ao notar que quinze *ewoks*, empunhando espadas afiadas, o rodeavam, mirando-o ameaçadoramente. — Deixa lá, estava só a brincar...

— disse, sorrindo afavelmente.

A procissão de *ewoks* prosseguia, abrindo caminho através da vegetação da floresta, criaturas Ínfimas se comparadas com a natureza que as rodeava. O sol já quase se tinha posto e as sombras alongadas tornavam a floresta ainda mais impressionante e amedrontadora. Os *ewok*, no entanto, pareciam não o notar, continuando inalteráveis o seu caminho.

Aos ombros levavam os quatro prisioneiros, Han, Chewbacca, Luke e R2, atados a longos postes e amarrados com lianas, como se de larvas indesejáveis se tratasse.

Atrás dos prisioneiros seguia C-3PO, instalado confortavelmente numa liteira feita de ramos com formato de uma cadeira, levado imponentemente aos ombros dos pequenos *ewok*. Qual altura real, olhava majestosamente para a floresta em redor, notando a luz do sol que passava através das folhas, com reflexos azulados perpassando a vinha, as flores exóticas que se encontravam por toda a parte, as aparentemente eternas



árvores, os fetos brilhantes. Seguia seguro de que ninguém antes dele apreciara, como ele o fazia agora, a natureza que o rodeava. Ninguém possuía os seus sensores, circuitos, programas e bancos de memória, razão pela qual, de certa forma, ele era na realidade o criador deste reduzido universo, das suas imagens e cores.

Isso o fez sentir-se muito bem.

## VI

O CÉU ESTRELADO parecia muito perto dos topos das árvores, conforme Luke observou enquanto se dirigia com os seus amigos para a aldeia dos *ewok*. A primeira vista nem sequer se apercebeu de que era uma aldeia — pensou, primeiramente, que as luzes que observava ao longe eram estrelas. Isto era ainda mais verdade se se atentasse no fato de que ele viajava de cabeça para baixo, preso a um poste carregado por dois *ewok*.

No entanto, passado algum tempo, deu consigo a ser içado através de uma imensidão de escadas, corredores e rampas semiescondidas à volta dos imensos troncos de árvore. Gradualmente, à medida que subia, as luzes foram-se tornando mais brilhantes e foram ficando mais perto. Quando o grupo já se encontrava a algumas centenas de metros do chão, no emaranhado de ramos de árvores, Luke apercebeu-se por fim de que as luzes eram não estrelas mas fogueiras — acesas nos topos das árvores.

Por fim foram levados através de uma ponte de madeira pouco firme, que se elevava bem longe do chão e impossibilitava, por completo, ver algo que não fosse a altitude a que se encontravam. Por momentos, Luke temeu que os *ewok* projectassem atirá-los para o abismo, mas estes tinham algo diferente em mente.

A estreita ponte terminou entre duas árvores. A criaturinha que seguia à frente agarrou uma liana e, balançando-se, atirou-se para o tronco da árvore que se encontrava em frente (o que Luke foi capaz de observar virando a cabeça, à custa de um grande esforço), onde havia uma abertura, uma espécie de caverna aberta no tronco da gigantesca árvore. Em questão de instantes, várias lianas foram passadas de um lado para outro, formando uma espécie de entrançado por onde Luke foi transportado, encontrando-

se, por momentos, suspenso sobre o abismo, ainda preso ao poste. Olhou para baixo uma única vez, suspendendo a respiração; era, na realidade, uma sensação não muito agradável.

Já do outro lado, pousaram-no numa pequena e pouco segura plataforma, até todos terem atravessado. Os pequenos semimacacos

semiursinhos desmantelaram o entrançado e prosseguiram depois, com os prisioneiros, para dentro da árvore. Estava completamente às escuras, e pareceu a Luke ser mais um túnel através do tronco do que uma caverna.

Por todo o lado as paredes davam uma impressão de solidez, de espessura, uma espécie de toca cavada numa montanha.

Quando acabaram de atravessar o túnel, vinte metros depois, emergiram directamente no meio da aldeia *ewok*.

Era composta por uma série de plataformas de madeira, pontes e pranchas que interligavam uma espécie de claustro feito de árvores.

Suportado por esta espécie de andaime encontrava-se uma aldeia, conjunto de cabanas feitas de couro endurecido, adobo e canas, telhados de colmo e o chão de uma espécie de barro. Ardiam pequenas fogueiras à frente de muitas das cabanas — as Fagulhas eram apanhadas por um engenhoso sistema feito com lianas de vinha. E, acima de tudo, havia *ewoks* por todos os lados, centenas deles.

Cozinheiros, tanoeiros, guardas, avôs. Mães *ewok* embalando bebês à vista dos prisioneiros, falando e apontando para eles. O cheiro do jantar que estava ao lume enchia o ar, crianças brincavam por todo o lado, enquanto menestréis habilidosos tiravam sons harmoniosos de uma espécie de guitarra feita de troncos ocos e pedaços de cana. Por baixo a escuridão envolvia--os; escuridão que era ainda maior por cima. Porém, no meio da pequena aldeia suspensa entre as duas escuridões, Luke sentiu calor e luz, e uma espécie de paz muito particular.

O conjunto de captosres e cativos estacou perante a maior cabana do conjunto. Luke, Chewie e R2 estavam ainda presos aos postes apoiados a

uma árvore próxima. Han estava preso a uma espécie de espeto, balançando-se sobre uma figueira, o que o fazia parecer uma peça de carne prestes a assar. Dúzias de *ewoks* cercaram os prisioneiros, falando animadamente.

Teebo emergiu da cabana junto à qual todos esperavam. Era relativamente maior que os outros e aparentava ser mais feroz, o pêlo era uma mistura de riscas cinzentas mais claras e mais escuras. Para marcar ainda mais a diferença, usava, em vez do habitual capucho de couro, um meio crânio no cimo da cabeça, que ele enfeitara bizarramente com penas.

Transportava uma machadinha de pedra e, para alguém tão pequeno como um *ewok*, pavoneava-se em grande estilo.

Após observar o grupo desinteressadamente, endereçou à assembléia um comentário que todos ouviram atentamente. Como consequência, um dos captores deu um passo em frente — era Paploo, o que mais protegera os prisioneiros durante o percurso.

Teebo conferenciou, por momentos, com Paploo. A discussão em breve se incendiou entre ambos tomando, aparentemente, Paploo o lado dos Rebeldes, opondo-se-lhes Teebo. O resto da tribo assistia, seguindo atentamente o desenrolar dos acontecimentos e fazendo comentários ocasionais, emitindo guinchinhos excitados.

C-3PO, cuja majestosa liteira tinha sido pousada num lugar de honra, junto ao espeto a que Han se encontrava preso, seguia fascinado o desenvolver do debate. Tentou por várias vezes traduzir a conversa para Luke, mas desistiu, pois tudo era dito em enorme velocidade, pelo que se tornava impossível manter o ritmo. Para além disso não queria, por estar a traduzir, perder nada do que se estava a passar. Consequentemente, os cativos desconheciam tudo do que estava a acontecer, a não ser o nome dos intervenientes.

Han olhou para Luke e comentou, franzindo as sobrancelhas:

— Não estou a gostar nada disto!

Chewie ladrrou, aprovando de todo o coração.

Foi então que Logray fez a sua aparição. Apesar de ser mais baixo e menos entroncado que Teebo, era objeto de maior veneração e respeito.

Também ele usava um meio crânio na cabeça, uma espécie de crânio de pássaro, com uma única pena a enfeitá-lo. O pêlo era castanho, não cinzento, e tinha um ar sábio e ponderado. Não usava qualquer espécie de arma; trazia apenas uma bolsa de couro e um bastão formado pelo que fora, em tempos, a espinha de um animal poderoso.

Observou um a um os cativos, cheirando Han e apalpando o fato de Luke. Teebo e Paploo expuseram, cada um por sua vez, os seus respectivos pontos de vista, pelos quais, aliás, ele parecia estar de todo desinteressado, o que os fez, a certa altura, calarem-se.

Quando chegou perto de Chewbacca pareceu fascinado, espetando-lhe várias vezes o bastão no corpo, ao de leve. Chewie, no entanto, pouco habituado a este tipo de observação, ladrrou sem cerimônias, o que fez Logray recuar imediatamente, ao mesmo tempo que lançava algumas ervas, que retirara da bolsa, para cima de Chewie.

— Cuidado, Chewie - aconselhou Han do outro lado. — Ele deve ser o feiticeiro-chefe!

— Não, ele é, mais precisamente, o médico — corrigiu C-3PO.

Luke estava prestes a intervir, mas resolveu aguardar um pouco mais.

Seria melhor se esta pequena comunidade tirasse, a seu tempo, as suas próprias conclusões sobre eles. Os *ewok* pareciam ser extremamente terra-a-terra para quem vivia tão alto.

Logray procurou depois observar R2-D2, que aparentava ser uma criatura fascinante. Farejou-o, bateu-lhe de leve e fez-lhe uma festa na enorme cabeça em forma de abóbada; depois franziu o focinho, consternado. Após alguns instantes, ordenou que R2 fosse libertado.

A multidão murmurou excitada e recuou um pouco. As lianas que prendiam R2 foram cortadas e ele caiu ao chão.

Os guardas endireitaram-no. R2 estava furioso. Voltou-se contra Teebo, o causador da sua humilhação, perseguindo o assustado *ewok* que corria em círculos. A multidão delirou: alguns apoiaram entusiasticamente o pobre Teebo, outros encorajaram o furioso dróide.

Por fim R2 conseguiu chegar suficientemente perto de Teebo para lhe descarregar um choque eléctrico. O *ewok*, ao sofrer a descarga, elevou-se no ar, guinchou revoltado e fugiu, o mais depressa que as suas curtas pernas lhe permitiam. Wicket infiltrou-se sub-repticiamente para dentro da cabana maior, enquanto os mirones, entusiasmados, se manifestavam.

— R2, pára imediatamente com isso! — gritou, arreliado, C-3PO. —

Assim só pioras as coisas!

R2 deslocou-se para junto do dróide dourado e, exaltado, começou a responder-lhe:

— Wreee op doo rhee vrrr gk gdk dk whoo dop dhop vree doo dweet...

Esta súbita tirada quase silenciou o espantado C-3PO. Com um trejeito de altivez, sentou-se no pseudotrôno, dizendo:

— Isso não é maneira de se dirigir a alguém como eu, alguém na minha posição!

Luke temeu que a situação se estivesse a tornar incontrollável.

Chamou, preocupado, a atenção do seu fiel companheiro.

— C-3PO, acho que é a altura de lhes falar de nós. C-3PO, pouco graciosamente, voltou-se para a assembléia de pequenas criaturas peludas ali reunidas e fez um curto discurso, apontando, de tempos a tempos, para os prisioneiros, ainda amarrados aos postes.

Logray pareceu ficar muito perturbado. Abanou a cabeça, bateu o pé e guinchou para o dróide dourado, durante um longo minuto. No fim, fez gestos de cabeça, dirigindo-se a vários dos seus colegas que, por sua vez, lhe responderam da mesma forma e, depois, começaram a encher com lenha a área que circundava Han.

— Então, que é que ele disse? — perguntou Hans, algo consternado.

— Estou muito embaraçado, capitão Solo, mas, aparentemente, vai ser a iguaria principal num jantar que vai ser dado em minha honra. Ficarão extremamente ofendidos se eu recusar a oferta.... — afirmou C-3PO, desgostoso.

Antes que algo mais pudesse ser dito, uns tambores feitos de troncos fizeram-se ouvir com um ruído sincopado. Como um só, todos os *ewok* se voltaram na direção da cabana maior. Dela emergiram Wicket e, por trás dele, o chefe Chirpa.

Chirpa era cinzento e possuía uma vontade poderosa. Na cabeça usava uma grinalda feita de folhas, dentes e chifres de grandes animais, que ele enganara e posteriormente apanhara. Na mão direita trazia um bastão feito

da espinha dorsal de algum réptil voador, na mão esquerda trazia uma iguana<sup>^</sup> que era, ao mesmo tempo, o seu animal de estimação e o seu conselheiro.

Observou atentamente a cena que decorria na praça e voltou-se depois para a cabana, esperando que o seu hóspede saísse.

O hóspede era a belíssima e jovem princesa de Alderaan.

— Leia! — gritaram, ao mesmo tempo, Luke e Han.

— Rahrhah!

— BoodEEdwee!

— Sua Alteza!

Com um suspiro de alívio, ela tentou lançar-se para junto dos seus amigos, no que foi impedida por uma falange de *ewoks* com espadas.

Voltou-se para o chefe Chirpa e em seguida para o robot intérprete.

— C-3PO, diz-lhes que os prisioneiros são meus amigos. Têm de ser libertados!

C-3PO olhou para Chirpa e Logray e traduziu:

— Eep sqee rheew — disse delicadamente. — Sqeeow roah meep meeb eerah!

Chirpa e Logray abanaram a cabeça, em pronunciada negativa. Logray deu algumas ordens aos seus coladoradores, que retomaram o trabalho, que já haviam encetado, de empilhar lenha aos pés de Han.

Han olhou para Leia, parecendo desamparado.

— Algo me diz que isso não ajudou muito...

— Que podemos fazer, Luke? — perguntou, ansiosa, Leia. Não previra nada disto. Esperara encontrar alguém que a guiasse até à nave ou, na pior das hipóteses, um jantar pouco agradável e um cantinho para passar a noite. Decididamente, não conseguia perceber estas criaturinhas.

— Luke! ? - insistiu.

Han, prestes a sugerir algo, conteve-se, devido ao súbito interesse que Leia demonstrava por Luke, pela súbita fé no seu poder. Era algo de que nunca antes se apercebera; apenas nesse exato momento. Antes, porém, que pudesse revelar o seu plano, Luke pronunciou-se:

— Diz-lhes, C-3PO, que se eles não fizerem o que tu desejas ficarás zangado e utilizarás os teus poderes mágicos!

— Mas, senhor Luke, que poderes mágicos? — perguntou o dróide. —

Eu não possuo...

— Faz o que te digo! — ordenou bruscamente Luke, elevando a voz.

Havia alturas em que até a paciência de um cedi se sentia posta à prova com certas reacções q o dróide tinha.

O dróide intérprete virou-se para a audiência, muito digno.

— Eemeeblee screesh oahr aish sh sheestee meep eep eep! Os *ewoks*, na generalidade, pareceram ficar muito perturbados com esta afirmação, excetuando, talvez, Logray. Este, de imediato, deu dois passos em frente e gritou algo a C-3PO, algo que soou como uma espécie de desafio.

Luke fechou os olhos, concentrando-se o mais profundamente que lhe era possível. C-3PO, ao mesmo tempo, começou a falar, confuso, como se tivesse activado dois programas ao mesmo tempo.

— Eles não acreditam em mim, senhor Luke, tal como lhe disse...

Luke, porém, não ouvia o que o dróide estava a dizer; concentrava-se em visualizá-lo. Viu-o, brilhante, gesticulando, falando a toda a velocidade sobre os mais variados temas; sentado algures no profundo do vazio da mente de Luke, passando depois à consciência e, pouco a pouco... elevando-se no ar.

Devagar, pouco a pouco, C-3PO começou a elevar-se no ar.

A princípio não reparou; aliás, ninguém reparou. C-3PO continuou a falar, enquanto a liteira se elevava, abandonando, lentamente, o local onde se encontrava pousada.

— ...eu bem lhe disse... eu bem disse, não disse?, eles... eles... Eh, espera lá... que é que está a acontecer?

Tanto C-3PO quanto os *ewok* se aperceberam, no mesmo instante, do que se estava a passar. Os *ewok* ficaram simplesmente aterrorizados perante semelhante espectáculo. A liteira, juntamente com C-3PO, começara a rodar lentamente no ar, de forma graciosa e algo majestosa.



— Socorro! — exclamou baixinho. — Ajuda-me, por favor, R2!

O chefe Chirpa ordenou aos seus servidores que libertassem os prisioneiros. Estes assim fizeram e, em questão de segundos, Leia, Han e Luke envolviam-se num apertado abraço. Parecia a todos ser esta uma maneira bem estranha, e um local bem estranho, para conseguir a primeira vitória sobre o Império.

Luke apercebeu-se de um bipe insistente, misto de lamento e pedido de ajuda, vindo de trás de si, e deu com R2 que fixava C-3PO, cheio de pena.

Luke baixou, conseqüentemente, o dróide dourado, até este chegar ao chão.

— Obrigado, C-3PO — agradeceu o jovem jedi, dando uma palmadinha no ombro do dróide.

C-3PO, ainda algo assustado e tremendo de forma óbvia, replicou:

— Engraçado... eu... bem, nunca me apercebera de que possuía semelhantes poderes...

A cabana do chefe Chirpa era bastante grande, se se atendesse ao tamanho das que a rodeavam; no entanto, Chewbacca, sentado e de pernas cruzadas, chegava com a cabeça ao tecto. O *wookiee*, juntamente com os seus companheiros, encontrava-se num dos cantos da cabana, encarando o chefe e dez anciãos, sentados no outro extremo da cabana. No meio, entre os dois grupos, estava uma pequena fogueira que não só aquecia o ar nocturno como lançava efêmeras sombras sobre as paredes.

Lá fora toda a aldeia esperava, ansiosa, pelas decisões a ser tomadas no interior da cabana. Era uma noite que parecia poder vir a tornar-se

inesquecível. Apesar de já ser bastante tarde, nem um único *ewok* se deitara ainda.

No interior da cabana, C-3PO falava animadamente. A conversa sofrerá momentos positivos e negativos e fora, sem dúvida, beneficiada pelo fato de ele ser um bom linguista. Estava agora a contar-lhes a história da guerra civil galáctica, recheando a descrição com pantomima, efeitos especiais de som lembrando explosões e chegando ao ponto de imitar um guarda imperial.

Os

anciãos

*ewok*

escutaram

atentamente,

murmurando

ocasionalmente alguns comentários entre eles. Era, não havia dúvida, uma história fascinante, absorvente por completo, ora horrorizando-os ora fazendo-os sentir-se ultrajados.

Logray conferenciou com o chefe Chirpa uma ou duas vezes e fez, por várias vezes, algumas perguntas a C-3PO, perguntas a que o dróide dourado respondeu sempre emocionadamente. De uma das vezes, e para dar maior ênfase, até R2 assobiou.

Por fim, e após um curto período de discussão entre os anciãos, o chefe abanou a cabeça negativamente, com uma expressão bastante clara de lastimável insatisfação. Falou, por fim, dirigindo-se a C-3PO, o que de imediato o dróide traduziu:

— O chefe Chirpa diz que é uma história muito emocionante —

explicou — , mas que, na realidade, nada tem a ver com os *ewoks*.

Um pesado silêncio invadiu a cabana. Apenas se ouvia o crepitar das chamas.

Foi Solo quem, após uns instantes, se decidiu a falar pelo grupo — aliás, por toda a Aliança Rebelde.

— Diz-lhes, pacote de esparguete dourado — disse, sorrindo, carinhosamente, de forma sincera — , diz-lhes que é difícil conseguir traduzir o que é uma rebelião, por conseguinte talvez um tradutor não devesse sequer tentar. Deixa-me ser eu a contar a história. — Aqui fez uma pausa. — Eles não nos devem ajudar porque nós estamos a pedir. Tão-pouco nos devem ajudar porque é para bem deles... e é, podem crer! Basta

um pequeno exemplo: o Império está a utilizar uma quantidade exorbitante de energia para manter em funcionamento o escudo defletor, energia que lhes vai fazer falta, mais cedo do que pensam, deixem só o Inverno chegar e verão... Mas, enfim! Diz-lhes o que eu disse, C-3PO.

C-3PO assim fez. Han prosseguiu.

— Não é essa, porém, a razão pela qual nos devem ajudar. Era essa a razão que eu costumava utilizar para fazer as coisas: porque era do meu interesse pessoal e tinha algo a ganhar com isso. Agora já não é assim. Bem, pelo menos não tanto. Agora eu faço as coisas pelos *meus amigos*. Sim, porque não há nada mais importante que ter amigos. Dinheiro? Poder?

Jabba possuía tudo isso, e no entanto vejam o que lhe aconteceu! Enfim, o que interessa mesmo é ter *bons amigos*. Tê-los por perto, percebem?

Este foi um dos mais inarticulados e mais mal elaborados discursos que Leia jamais ouvira mas, mesmo assim, não se conseguiu conter, e as lágrimas rolaram-lhe pela cara abaixo. Os *ewoks*, por seu lado, mantiveram-se silenciosos e impassíveis. Teebo e o estóico Paploo

trocaram entre si algumas palavras, os outros permaneceram enigmáticos, não denunciando qualquer tipo de sentimentos.

Após uma pausa, Luke aclarou a garganta e começou a falar, de princípio bem devagar:

— Apercebo-me claramente de que o conceito pode parecer abstracto, de que talvez até seja difícil chegar a algumas conclusões, mas é terrivelmente importante, para toda a galáxia, que as forças dos Rebeldes destruam a guarda imperial estacionada em Endor. Reparem naquele buraco por onde o fumo sai da cabana. Através dele podem observar-se, apesar do seu reduzido tamanho, centenas de estrelas. No céu existem milhões, biliões que não podemos ver. Todas possuem planetas, luas e pessoas felizes como vós. É isso que o Império tenta destruir. Pode-se, sem dificuldade, mergulhar num êxtase, pela simples observação do céu. Quase se pode desmaiar de espanto perante semelhante espectáculo. Vocês fazem parte desse espectáculo, parte integrante dele, e da Força que nos envolve a todos. O que o Império está a tentar fazer é apagar-nos as luzes, privar-nos de semelhantes sensações.

Levou algum tempo para que C-3PO conseguisse traduzir tudo isto;

queria utilizar as palavras corretas. Quando, eventualmente, parou de falar, houve alguma confusão entre os anciãos *ewok*. Emitiram gritinhos entre si, comunicando as suas idéias a grande velocidade.

Leia apercebeu-se sem dificuldade daquilo que Luke lhes tentara transmitir, mas temia que os *ewok* não fossem capazes de assimilar a mensagem. Ela via, no entanto, a relação íntima que existia entre ambas as coisas. Se ao menos fosse capaz de lhes explicar o que sentia!... Lembrou-se da sua anterior experiência na floresta, a sua união com as árvores cujos ramos se erguiam para as estrelas, estrelas cuja luz descia até ela em brilhante cascata mágica. Sentiu o poder da magia que nela existia, ressoando de uma para outra das criaturas ali presentes e voltando de novo até ela, fazendo-a sentir-se ainda mais forte, fazendo-a identificar-se com os *ewok*, conhecendo e compreendendo-os melhor, chegando mesmo a conspirar com eles, a respirar como eles, na verdadeira acepção do termo.

O debate pareceu esfriar, deixando-os de novo envoltos em silêncio. A respiração de Leia normalizou-se e, confiantemente, fez o seu apelo à assembléia.

— Façam-no pelas árvores! — implorou.

Foi tudo o que disse. Todos esperavam algo diferente, mas isso foi tudo o que disse, apenas uma frase simples, nada mais.

Wicket, que observara atentamente o decorrer dos acontecimentos, parecia preocupado. Por várias vezes teve de fazer um enorme esforço para se conter e não interferir na discussão. Não pôde, no entanto, continuar a fazê-lo. Ergueu-se, deu algumas voltas e por fim enfrentou os anciãos, começando a discursar apaixonadamente.

— Eeep eep, meep eek squee... C-3PO traduziu para os seus amigos.

— Veneráveis anciãos, recebemos esta noite uma oferta generosa e magnânima. A oferta de liberdade. Este deus dourado... — C-3PO parou neste ponto, para dar mais ênfase às palavras — ... este deus dourado, cujo regresso foi profetizado há muito, muito tempo, afirma que não será nosso senhor, afirma-nos que somos livres de escolher o que quisermos: de decidir o que queremos para o futuro. O nosso destino está nas nossas mãos. Veneráveis anciãos, ele veio até nós e em breve partirá. Não seremos

escravos da sua pessoa. Somos livres! Que devemos, pois, fazer? Significa a sua partida que os *ewok* deixaram de amar a floresta? Não, isso não é verdade! O nosso amor pela floresta é inalterável. Um *ewok*, mesmo longe, transporta a floresta no seu coração. É assim com o Deus Dourado. Ele partirá, mas a sua voz continuará a ser ouvida. Os seus amigos falam-nos de uma Força, de um espírito vivo de que todos somos parte integrante, tal como as folhas que, apesar de independentes em espécie, fazem parte das árvores. Nós também conhecemos este espírito, apesar de não o designarmos pelo mesmo nome. Os amigos do Deus Dourado afirmam que esta Força sofre grande perigo, não só aqui mas em todo o lado. Quando o fogo chega à floresta, quem está seguro? Nem sequer a maior de todas as árvores, nem as suas folhas nem as suas raízes, e tão-pouco os pássaros

que nela habitam. Todos enfrentam os mesmos perigos. É algo de muito corajoso enfrentar tal perigo, veneráveis anciãos. Muitos perecerão, mas a floresta continuará na mesma, para sempre. Além disso, e fato muito importante, os *ewok* são muito corajosos! — O ursinho olhou em redor, fixando a vista num após outro dos presentes.

Todos permaneciam em silêncio, mas a comunicação existia, intensa.

Após alguns instantes, o pequeno ursinho concluiu a preleção.

— Veneráveis anciãos, temos de ajudar estes nobres defensores da paz. Menos pelas árvores e mais pelas folhas. Sim, pelas folhas, pois os *ewok* são como as folhas e as folhas como os Rebeldes. Maltratadas pelo vento, destruídas impensadamente pelos elementos e pelos animais deste mundo.

Apesar de tudo isso, temos resistido e, como as folhas, não nos atiramos propositadamente ao fogo para aquecer outrem; tão-pouco fazemos camas maciças para usufruto de outrem; também não volteamos no ar para gáudio dos nossos inimigos, mas somos obrigados a mudar de cor com o passar das estações. É por tudo isso que devemos ajudar os nossos irmãos não vegetais, os Rebeldes. Façamos esta alteração com um espírito de mudança típica da chegada de uma nova estação! — Terminou, permanecendo em pé, direito, frente à ardente, apesar de pequena, fogueira. Por instantes o mundo pareceu parar por completo.

Os anciãos pareciam comovidos. Sem qualquer tipo de comentário, assentiram apenas. Talvez comunicassem telepaticamente.

De qualquer forma, o chefe Chirpa ergueu-se e, sem aviso prévio, fez um pequeno discurso.

De imediato fizeram-se ouvir tambores por toda a aldeia. Os anciãos saltaram, abandonando por completo a dignidade até aí patenteada, correndo para abraçar os rebeldes. Teebo começou mesmo a afagar R2, desistindo quando este recuou e começou a assobiar. Virou-se, em vez disso, para fazer festas nas costas do *wookiee*.

Han sorriu, estranhando o desenrolar dos acontecimentos.

— Afinal, que é que se passa?

— Não sei bem — respondeu suavemente Leia — , mas não me parece muito mau...

Luke, tal como os outros, festejava o importante acontecimento, o que quer que este fosse, sorrindo e mostrando boa--vontade, quando, de repente, uma nuvem negra se instalou no seu coração, aninhando-se firme e alastrando até ao mais distante canto da sua alma. Afastou a dor que lhe perpassava na alma e aparentou uma alegria que já não sentia. Ninguém se apercebeu disso.

Por fim, C-3PO conseguiu compreender o que se passava e agradeceu a Wicket por este lhe ter explicado o que se passara. Virou-se, pois, para os rebeldes:

— Fazemos agora parte da tribo — afirmou.

— Ótimo!, o que sempre desejei! — disse Solo.

C-3PO prosseguiu, ignorando o comentário sarcástico do capitão.

— O chefe prometeu ajudar, da melhor forma que seja possível, a livrar a sua terra dos elementos malignos!

— Bem, uma ajuda, apesar de pequena, sempre é melhor que nada, foi o que sempre disse — troçou Solo.

C-3PO começou a sentir os seus circuitos a aquecerem demasiado, prestes a explodir perante a ingratidão do coreliano.

— Teebo disse que os seus subordinados Wicket e Paploo nos mostrarão o melhor caminho para o gerador do escudo defletor.

— Agradece-lhes, pacote de esparguete dourado!-Solo adorava simplesmente arreliar C-3PO. Não o conseguia evitar.

Chewie também não pôde deixar de ladrar de satisfação, feliz por estar de novo prestes a continuar. Um dos *ewoks*, porém, pensou que ele estivesse com fome e trouxe-lhe um enorme naco de carne. Chewbacca não o recusou: o *wookiee* engoliu-a de uma só vez, o que fez abrir a boca de espanto aos *ewoks* que assistiram a tal feito. Ficaram tão surpreendidos que desataram às gargalhadas, o que, por sua vez, contagiou o *wookiee*.

Olhando uns para os outros, e para as diferentes maneiras de rir de cada um, ainda mais vontade sentiam de rir; só pararam quando caíram ao chão, estafados. Chewie agarrou outro naco de carne, que comeu mais devagar.

Solo, entretanto, começara a organizar a expedição.

— Fica muito longe? Necessitaremos de alimentos frescos. Não temos muito tempo, compreendem? Dá-me um bocadinho disso, Chewie...

Chewie deu uma rosnadela.

Luke recuou até ao fundo da cabana e acabou por sair no meio da confusão. Na rua, em pleno centro da aldeia, todos apresentavam um ar festivo: dançava-se, pulava-se, guinchava--se. Afastou-se dos festivos *ewoks*, da alegria, enveredando por um caminho solitário, perto de uma árvore majestosa.

Leia seguiu-o.

Os barulhos nocturnos da floresta enchiam o ar: grilos, roedores de pequenas dimensões, mochos e brisas suaves. Fazia--se sentir um agradável cheiro a jasmim e pinho. A perfeição harmônica do local era etérea. O céu estava negro mas límpido como cristal!

Luke fixou o olhar na mais brilhante de todas as estrelas, uma cujo interior parecia arder: era a Estrela da Morte. Não conseguiu desviar dela os olhos. Foi assim que Leia o foi encontrar.

— Que é que se passa? — inquiriu baixinho.

Em resposta, Luke sorriu de forma bem estranha.



— Muita coisa! E talvez nada! Talvez tudo se esteja a compor, como desejamos. — Sentia, muito perto, a presença de Darth Vader.

Leia pegou-lhe na mão. Sentia-se muito perto de Luke, no entanto...

não saberia descrever como. Parecia-lhe, neste momento, tão perdido, tão só... Tão distante. Ela quase não conseguia sentir a mão dele que retinha entre as suas.

— Que é, Luke?

Ele observou os seus dedos cruzados.

— Leia, recordas-te da tua mãe? Da tua mãe verdadeira?

A pergunta apanhou-a totalmente desprevenida. Sempre se sentira tão chegada aos pais adoptivos que chegara mesmo a pensar que eles eram os seus verdadeiros pais. Nunca pensava na sua mãe verdadeira; era para ela uma espécie de sonho.

A pergunta de Luke, no entanto, a fez despertar. Recordações de infância assaltaram-na: visões, distorcidas, de fugas... uma bela mulher escondendo-a numa arca. A pouco e pouco, as recordações ameaçaram-na, fizeram-na sofrer.

— Sim — respondeu por fim. — Apesar de pouco. Morreu quando eu era muito pequena.

— De que é que te lembras? — disse Luke, forçando novamente o assunto.  
— Diz-me!

— Tenho apenas recordações vagas... imagens... — Queria abandonar o assunto, esquecer. O passado era algo que a não preocupava, estava longe dos seus problemas imediatos. E, no entanto...

— Diz-me — repetiu Luke, insistindo.

Leia surpreendeu-se ante a insistência de Luke mas resolveu aceder à

sua vontade, pelo menos de momento. Confiava nele, mesmo quando ele a assustava como agora.

— Ela era muito bonita — afirmou Leia, em voz alta. — Meiga e carinhosa, mas sempre muito triste... — Procurou ler nos olhos dele a razão de tanta insistência, quais as intenções dele. — Por que me perguntas tudo isto?

Ele voltou-se, focando a sua atenção na Estrela da Morte, como se isso pudesse evitar o que ele sabia que se seguiria. Reunindo as suas forças, enfrentou-a novamente.

— Não tenho nem sequer uma vaga idéia de como era a minha mãe — justificou-se — , nunca a conheci.

— Luke, diz-me o que te preocupa, por favor... — Ela podia ajudá-lo.

Sabia que podia!

Luke fitou nela o olhar, avaliando-a, procurando ver até que ponto ela desejava saber — ; procurando sondá-la. Ela era mais forte do que pensara.

Sentiu-o firmemente. Podia depender dela; todos podiam.

— Vader está aqui... agora. Nesta lua!

Ela sentiu um frio percorrer-lhe a espinha, numa sensação muito forte.

Como se o seu sangue houvesse congelado.

— Como sabes?

— Posso sentir a sua presença. Veio ter comigo!

— Mas como descobriu que estamos aqui? Foi código? Esquecemo-nos do santo-e-senha apropriado? — Fez todas estas perguntas conhecendo antecipadamente as respostas.

— Não, nada disso. Sou eu. Ele sente quando eu estou por perto. —

Segurou-a pelos ombros. Desejava contar-lhe tudo, mas agora, ao tentar, não parecia estar a conseguir. — Tenho de te deixar, Leia. Enquanto aqui estiver, porei em risco o êxito da missão e as vidas de todos vós. —

Tremiam-lhe as mãos. — Além disso, tenho de enfrentar Vader.

Leia começava a ficar confusa, perturbada. Acorriam-lhe ao cérebro pensamentos com a velocidade de mochos a voar no meio da noite, passando-lhe por perto, tocando-lhe as faces com as asas, puxando-lhe o cabelo e debicando-lhe as orelhas, ao mesmo tempo que murmuravam:

" *Quem? Quem? Quem?* "

Abanou bruscamente a cabeça e perguntou:

— Não percebo, Luke. Que é que queres dizer quando afirmas que tens de enfrentar Vader?

Ele puxou-a para si, de forma gentil, impressionantemente calmo.

Dizê-lo apenas, esse simples fato, libertou-o de uma forma incrível.

— Ele é meu pai, Leia.

— Teu pai?! — Não podia acreditar, no entanto sabia que era verdade.

Ele segurou-a, tentando ampará-la.

— Também descobri outra coisa, Leia. Não te vai ser fácil ouvi-lo, mas tem de ser. Tenho de to dizer antes de partir, pois posso não te voltar a ver.

E, se eu não vencer, tu és a última esperança da Aliança Rebelde. A sua última hipótese de vencer!

Ela virou a cabeça, abanou-a, não querendo olhar para ele, evitando-o.

Era extremamente perturbador ouvir Luke falar daquela forma, apesar de não saber bem porquê. Não fazia sentido; era isso, claro. Chamar-lhe a última esperança da Aliança Rebelde, caso ele morresse — bem, o mínimo que se podia dizer era *absurdo!* . Absurdo pensar que Luke pudesse morrer e absurdo pensar nela própria como *última esperança* da Aliança!

Ambos os pensamentos eram insensatos. Afastou-se dele, preparando-se para negar o que ele dissera ou pelo menos para tentar clarificar as idéias, para poder respirar livremente. Reviu a sua mãe, por instantes.

Últimos abraços, separação...

— Não digas isso, Luke. Sobreviverás. Tens de sobreviver. Faço o que posso, aliás todos fazemos, mas não sou tão importante como isso, não mais que os outros. Sem ti... não poderei fazer nada. Tu, Luke, tu és

importante. Bem sei. Possuis poderes que eu não entendo. Poderes que jamais possuirei.

— Enganas-te, Leia. — Segurou-a para que ela não se afastasse para muito longe. — Também possuis esses poderes. A Força existe em ti. Com o tempo, aprenderás a usá-la convenientemente.

Ela abanou a cabeça. Não podia ouvir, impassível, tudo isto. Ele mentia.

Ela não possuía qualquer tipo de poder especial. O único poder que tinha era o de socorrer e ajudar os necessitados. Que dizia ele? Seria possível?

Luke puxou-a mais para perto de si segurando-lhe o rosto com as mãos. Olhou-a meigamente, cheio de cuidado, dando-se nesse olhar. Estaria possivelmente a transmitir-lhe parte da sua força? Poderia ela possuí-lo?

Que é que ele lhe estava a dizer?

— Luke, que se passa contigo?

— Leia, a Força é possuída por todos os membros da minha família. O meu pai possui-a, eu possuo-a e... a minha irmã também a possui.

Leia olhou-o bem nos olhos. A escuridão pareceu dissolver-se. A verdade veio ao de cima. O que viu assustou-a. Muito. Mas, desta vez, não se afastou; manteve-se perto dele. Principiou a compreender.

— Sim — murmurou, compreensivo — , és tu, Leia! — disse, abraçando-a.

Leia cerrou os olhos ao ouvi-lo confirmar o que temera, as lágrimas correram-lhe pela cara abaixo, não a ajudando em nada. Aceitou, comovida, a revelação, sentindo-se agora mais segura.

— Bem sei — assentiu. Chorava agora abertamente.

— Então também sabes que tenho de o enfrentar...

Ela recuou, corada, a mente envolta em mil e uma cogitações.

— Não, Luke! Não! Foge para longe. Se ele pode sentir a tua presença, o que tens a fazer é fugir deste lugar. — Segurou-lhe as mãos e encostou o rosto ao peito dele. — Quem me dera poder ir contigo...

Luke afagou-lhe o cabelo.

— Isso não é verdade. Nunca hesitaste perante nada. Nem mesmo quando eu, Han e os outros o fizemos; tens sido sempre a mais forte. Nunca voltaste as costas fosse ao que fosse. Já eu não posso dizer o mesmo... —

Recordou, amargamente, a sua fuga prematura de Dagobah, o risco que corraera devido ao seu treino incompleto e à sua incapacidade de enfrentar certas situações. Olhou para a recordação que dessa decisão lhe ficara: a mão mecânica. Que mais faria ainda de errado? — Bem — disse, engasgando-se — , agora, ambos cumprimos os nossos destinos!

— Mas porquê, Luke? Por que é que tens de o enfrentar?

Luke pensou em miríades de razões: vencê-lo, perder, juntar-se a ele, combatê-lo, lutar, matar, chorar, abandoná-lo, perguntar-lhe, porquê,

perdoar-lhe ou não, talvez mesmo morrer... sabendo, lá bem no fundo, que apenas existia uma razão válida para o enfrentar.

— Ainda existe algo de bom nele, eu senti-o — afirmou, ciente do que dizia. — Não me entregará ao imperador. Posso ainda salvá-lo e passá-lo para o nosso lado. Ainda não está perdido! — Os seus olhos brilharam, num misto de dúvida e de paixão. — Tenho de tentar, Leia. Ele é, apesar de tudo, nosso pai!

Abraçaram-se com força. As lágrimas rolavam pela face de Leia.

— Adeus, querida irmã. Perdida durante tanto tempo e agora encontrada. Adeus, querida e doce Leia.

Ela soluçava agora abertamente, ele também. Luke afastou-a de si e afastou-se devagar na direção da plataforma. Pouco depois desaparecia na escuridão da árvore oca que conduzia à floresta, para fora da aldeia *ewok*.

Leia viu-o partir, chorando baixinho. Deu livremente curso à sua dor, abandonando-se aos seus sentimentos, deixando as lágrimas correr pela cara abaixo, sentindo-as, estudando o seu percurso desde o canto húmido dos olhos até desaparecerem, transformando-se em pequenas marcas no vestido.

O cérebro enchia-se-lhe de recordações: palavras sussurradas quando a julgavam a dormir; suspeitas; sequências interrompidas. Luke era seu irmão! Vader era seu pai! Eram novidades demasiado perturbadoras para serem assimiladas de uma só vez.

Chorava, lamentava-se baixinho e tremia, tudo ao mesmo tempo, quando Han chegou junto dela e a abraçou. Tinha vindo à procura dela, ouvira-lhe a voz e chegara mesmo a tempo de ver Luke partir, mas só agora, quando ela correspondera ao seu abraço, se apercebeu de que soluçava.

O seu sorriso de curiosidade transformou-se num esgar de preocupação misturado com uma ponta de ciúmes pelo possível preferido.

— Então, que é que se passa aqui? — perguntou.

— Nada, Han! Apenas desejo ficar só por instantes! — afirmou, limpando os olhos e tentando parar os soluços.

Era fácil ver que estava a esconder algo dele, o que lhe pareceu impossível de aceitar.

— Nada! Como nada? — disse, zangado. — Quero saber o que é que se passa. Diz-me o que é!? — Abanou-a violentamente. Nunca antes sentira nada assim. Queria saber o que se passava mas não a queria ouvir dizer aquilo que julgava que ela, eventualmente, diria. Fazia-o perder as estribeiras pensar que Leia e Luke... nem sequer queria pensar o que sentiria se tal coisa fosse verídica.

Nunca, anteriormente, se descontrolara desta maneira. Não gostava que tal acontecesse mas não o podia evitar. Apercebeu-se de que continuava a abaná-la, pelo que parou.

— Não posso, Han... — Os lábios voltaram a tremer-lhe.

— Não podes? Não *me* podes dizer? Julgava que fôssemos amigos; mais do que isso! Enganei-me, porém. Talvez prefiras dizer a Luke o que se passa. Eu, por vezes...

— Oh, Han! — gritou, rompendo de novo em soluços e agarrando-se a ele.

A sua raiva transformou-se, pouco a pouco, em confusão e consternação, ao ver-se a abraçá-la ternamente, procurando confortá-la, acariciando-lhe os ombros.

— Desculpa — disse baixinho — perdoa-me. — Não conseguia perceber o que se passava: nem o que se passava com ela, nem com ele ou os seus sentimentos, nem com as mulheres em geral ou com o universo.

Tudo o que sabia era que ainda há momentos estava furioso com ela e agora a abraçava carinhosamente, tentando protegê-la, meigo. Não fazia sentido.

— Abraça-me, por favor... — pediu-lhe ela baixinho. Queria apenas senti-lo junto a si, não desejava falar.

Foi exatamente isso que ele fez: abraçou-a.

A humidade elevava-se da vegetação de Endor ao mesmo tempo que o dia raiava. Da vegetação luxuriante da floresta emanava um odor cálido e agradável; o mundo parecia silencioso, como se sustivesse a respiração.

Contrastando asperamente encontrava-se a plataforma de aterragem imperial. Rígida, metálica e octogonal, parecia um verdadeiro insulto à natureza, no meio da floresta. Os arbustos mais perto dela estavam negros e cresciam inclinados, devido à constante acção dos motores a aterrar ou a levantar. A restante flora estava a desaparecer, morrendo devido à poluição e ao ser constantemente pisada e atacada pelos mais diversos agentes corrosivos. O local parecia ter sofrido os resultados de qualquer influência maligna.

Tropas uniformizadas passeavam-se constantemente no local: carregando, descarregando, vigiando, guardando. Alguns passeadores imperiais encontravam-se estacionados num dos lados. Eram máquinas de guerra quadradas, com duas pernas metálicas, armadas e suficientemente grandes para que um batalhão de soldados operasse um canhão *laser* a

partir delas.

Uma nave imperial levantou na direcção da Estrela da Morte, rugindo e fazendo abanar as árvores. Um outro passeador emergiu da floresta, do lado oposto à plataforma, regressando de uma missão de patrulha. Passo a passo, foi-se aproximando da doca de carregamento.

Darth Vader estava de pé junto ao gradeamento do piso inferior, olhando silenciosamente para a profundidade da floresta. Breve. Muito em breve. Estava a chegar a altura; podia-se aperceber disso. Era uma espécie de tambor que estava a aumentar a velocidade das batidas, trazendo, em cada uma delas, o destino para mais perto de si. O terror instalara-se em seu redor, mas o medo excitava-o, pelo que ele o deixou voltear dentro de si,



aumentando de volume. O terror era uma espécie de tônico para ele, aguçava-lhe os sentidos, emprestava um toque de picante às suas paixões.

Já estava quase.

Uma vitória, tal como ele pressentia. Domínio total. Envolto, porém, em algo que... que seria? Não conseguia ver, pelo menos tão bem. Sempre em constante movimento, o futuro; sempre difícil de prever. *Flashes* eventuais fascinavam-no por completo, como espectros ondulantes, sempre em constante mutação. O seu futuro era nebuloso, fulminante em conquista e destruição.

Cada vez mais perto, agora. Estava quase lá.

Pareceu rosnar como um gato, um som vindo do fundo da garganta, um gato selvagem cheirando o ar por caça.

Quase, quase lá.

O passeador imperial estacou no lado oposto da doca de aterragem e abriu as portas. Uma falange de tropas de assalto emergiu numa formação circular cerrada. Dirigiram-se, muito certos, para Vader.

Este voltou-se para os enfrentar, a respiração calma, as vestes negras pendendo imóveis na manhã sem vento. Os soldados pararam ao alcançarem-no e, a uma ordem do capitão, separaram-se, deixando entrever, no centro da formação, um prisioneiro amarrado. Era Luke Skywalker.

O jovem jedi olhou para Vader, completamente calmo, visualizando muitas coisas ao mesmo tempo.

O capitão das tropas de assalto dirigiu-se a Lorde Vader. O

— É este o rebelde que se nos rendeu. Apesar de ele o negar resolutamente, pode bem haver mais deles por aí, e eu peço licença para conduzir uma busca cuidadosa na área. — Estendeu a mão na direção do

Senhor das Trevas. Nela estava a espada de luz de Luke. — Era esta a única arma que trazia consigo!

Vader olhou por instantes para o sabre de luz e depois pegou-lhe.

— Deixem-nos. Conduz a busca e traz-me os companheiros dele!

O oficial e os restantes soldados afastaram-se, de volta ao passeador.

Luke e Vader ficaram sozinhos, enfrentando-se silenciosamente na tranquilidade da floresta sem idade. A humidade começava a desaparecer.

Anunciava-se um longo dia.

## VII

— BEM — disse numa voz cavada o Lorde Negro — , vieste finalmente até mim.

— E tu até mim!

— O imperador aguarda-te. Ele acredita que pássaras para o lado negro da Força.

— Bem sei... pai. — Foi algo não premeditado, ingênuo, chamar pai ao seu pai. Fizera-o, no entanto, e agora restava-lhe aguardar uns instantes e a primeira impressão passaria. Foi isso que aconteceu. Após esses instantes iniciais sentiu-se mais forte. Sentiu-se potente.

— Então aceitaste finalmente a verdade — regozijou-se Vader.

— Aceitei o fato de que foste em tempos Anakin Skywalker, o meu pai.

— Esse nome já nada significa para mim. — Pertencia ao passado. A uma vida diferente, a um universo diferente. Poderia alguma vez ter sido ele?

— É o teu verdadeiro nome — disse Luke, enquanto o seu olhar descia sobre a figura encapuçada. — Apenas tentaste esquecê-lo. Sei que ainda existe bondade em ti. O imperador não ta retirou por completo. — Moldou

a voz de forma a dar--lhe suficiente intensidade, para que ele próprio nela acreditasse. — Foi por isso que não me destruístes. É por isso que não me entregarás ao imperador.

Vader pareceu quase sorrir através da máscara, face à tentativa de manipulação de Luke em relação a ele. Olhou a espada de luz que o capitão lhe entregara — o sabre de luz de Luke. Portanto o rapaz era, agora, um verdadeiro jedi. Um homem formado. Levantou o sabre de luz.

— Construístes outro...

— Esse é meu — disse calmamente Luke. — Já não uso o teu! Vader acendeu a lâmina, examinou a sua luz brilhante e o gemido inerente, qual artífice espantado.

— Os teus treinos terminaram. Tornaste-te realmente tão forte quanto o imperador predisse!

Ficaram ali por instantes; entre eles apenas o sabre de luz. Pequenas faíscas saltavam do lado cortante da lâmina: fotões atraídos para a extremidade da espada de luz pela energia que emanava dos dois antagonistas.

— Vem comigo, pai.

Vader abanou a cabeça, negativamente.

— Ben também pensou como tu, em tempos...

— Não culpes Ben pela tua queda — disse Luke, ao mesmo tempo que dava um passo em frente e estacava.

Vader não se mexeu.

— Não conheces o poder das trevas. Tenho de obedecer ao meu amo.

— Eu não passarei para o lado das trevas! Será forçado a destruir-me!

— Se for esse o teu destino, sê-lo-ás! — Não era essa a sua vontade, mas o rapaz era muito forte. Se viessem a defrontar--se, ele não poderia evitar matá-lo, como fizera da última vez; seria forçado a destruir Luke.

— Estuda os teus sentimentos, pai. Não podes continuar assim. Sinto o conflito em ti. Abandona o ódio!

Vader, porém, não odiava; apenas se comprazia com o sofrimento.

— Alguém te encheu a mente de idéias disparatadas, meu jovem. O

imperador revelar-te-á a verdadeira natureza da Força. Ele é o teu amo, a partir de agora!-Vader fez sinal a um batalhão de tropas de ataque que se encontrava não muito longe, ao mesmo tempo que apagava o sabre de luz de Luke. Os guardas aproximaram-se. Luke e o Senhor das Trevas

encararam-se mutuamente durante um longo instante. Vader, antes de os guardas chegarem, apenas disse: — É tarde de mais para mim, filho!

— Então o meu pai morreu de verdade — respondeu Luke. Que é que o impedia de abater o traidor que se encontrava à sua frente? Não sabia.

Nada, talvez.

A vasta frota rebelde mantinha-se, em posição de assalto, no espaço, a algumas centenas de anos-luz da Estrela da Morte. No hiperespaço, porém, o tempo não é mais do que um momento e a pontualidade nada mais é do que uma questão d precisão.

Algumas naves mudaram a posição que ocupavam na formação, indo dos cantos para os lados, criando uma espécie de armada em forma de diamante, lembrando uma cobra a estender o capelo.

Os cálculos necessários para efectuar uma tão meticulosa e coordenada ofensiva, ainda para mais à velocidade da luz, tornava necessária uma paragem num ponto estacionário; estacionário em relação ao ponto de reentrada pelo comando das forças rebeldes foi um pequeno planeta azul no sistema planetário de Sullust. A armada estava disposta à volta deste

pequeno planeta neste estável e cerúleo mundo. Lembrava o olho da serpente.

A *Millennium Falcon* acabou as rondas à volta do perímetro da frota, certificando-se das posições definitivas das outras naves, e voltou para o seu lugar, por baixo da nave-almirante. Chegara o momento por que esperavam.

Lando comandava a *Falcon*. A seu lado o co-piloto, Nien Nunb, uma criatura nativa de Sullust, de cabeça achatada e olhos de rato, manobrava cautelosamente os comandos da nave, lendo relatórios de localizações no espaço e preparando a nave para o salto no hiperespaço.

Lando pôs o intercomunicador na frequência de onda utilizada

habitualmente quando de guerras. A última noite tinha--lhe sido favorável: ganhara bastante jogando o seu jogo preferido. Com a boca seca, fez um relatório sumário a Ackbar, que se encontrava na nave de comando.

— Estamos todos corretamente posicionados, almirante. Todos os caças responderam à chamada.

Ouviu-se a voz de Ackbar em resposta:

— Inicie a contagem decrescente. Todos os grupos devem assumir coordenadas de ataque!

Lando virou-se, sorrindo, para o seu co-piloto.

— Não te preocupes, os meus amigos estão lá em baixo e tratam daquele escudo num instante... — Voltou-se, a atenção fixa de novo nos instrumentos, e murmurou entre dentes: — ...ou então esta será a mais curta ofensiva de todos os tempos!

— Gzhung Zhgodio — comentou o co-piloto.

— Está bem - resmungou Lando. — Prepara-te, então! — Afagou o painel de controle, para este lhe dar sorte, apesar de acreditar plenamente, como jogador que era, que cada um fabricava a sua própria sorte. Esse era,

porém, o trabalho de Han, desta vez, e Han quase nunca abandonara Lando.

Apenas o fizera uma vez, e fora há muito, muito tempo, num sistema estelar diferente, muito, muito longe.

Desta vez seria diferente. Redefiniriam a palavra *sorte* e passariam a chamar-lhe *Lando*. Sorriu e afagou de novo o painel de controle da nave.

Tudo *tinha* de correr bem.

Na ponte de comando do cruzador estelar, Ackbar fez uma pausa e olhou em volta, para os seus generais. Tudo estava a postos.

— Todos os grupos têm as coordenadas de ataque? — perguntou, sabendo antecipadamente qual seria a resposta.

— Sem dúvida, almirante.

Ackbar olhou pela janela de observação, contemplativo, admirando talvez pela última vez as estrelas. Por fim anunciou, através do intercomunicador que se encontrava em frequência de guerra:

— Todas as naves darão o salto para o hiperespaço assim que eu o ordenar. Que a Força esteja conosco! — Chegou-se à frente e pressionou um botão.

Dentro da *Falcon*, Lando observava exatamente a mesma coisa que Ackbar: o infinito. Sentia também, tal como ele, a imponentia do momento, misturada, no entanto, com alguns pressentimentos. Estavam a fazer o que uma força de guerrilha nunca deve fazer, ou seja, enfrentar o inimigo como um exército tradicional. O exército imperial, ao enfrentar a guerra de guerrilha da Aliança Rebelde, perdia sempre, a não ser que desta vez ganhasse. A Aliança Rebelde, pelo contrário, ganhava sempre, a não ser que perdesse desta vez. Iriam agora enfrentar uma situação extremamente perigosa, com a Aliança Rebelde a enfrentar o Império no terreno deles. Se os Rebeldes perdessem esta batalha, a guerra estaria perdida.

De repente acendeu-se uma luz no painel à sua frente: o sinal de Ackbar. Iniciava-se o ataque.

Lando puxou o botão de conversão e abriu o comando de aceleração da nave. Fora da carlinga, as estrelas começaram a passar a toda a velocidade. As linhas que pareciam traçar no céu, à sua passagem, tornaram-se mais vivas e brilhantes, cada vez mais longas, enquanto as naves da frota rugiam à velocidade da luz. Seguiam agora lado a lado com os fotões que compunham as radiantes estrelas por que passavam e que tão depressa desapareciam na imensidão do hiperespaço.

O pequeno planeta azul ficou de novo só, olhando, sem no entanto ver, o vazio que o rodeava.

O grupo de ataque encontrava-se escondido atrás de uma pequena colina rica em vegetação, frente ao posto imperial. Leia observou a área com um pequeno radar portátil.

Dois vaivéns estavam a ser descarregados na plataforma de aterragem, na zona a isso destinada. Havia vários passeadores estacionados por perto.

Vários soldados andavam por ali, ajudando na construção, vigiando e transportando mantimentos. O gigantesco gerador do escudo defletor zumbia num dos lados.

Deitados no chão, na colina, junto dos arbustos, estavam diversos *ewok*, incluindo Wickett, Paploo, Teebo e Warwick. Os outros permaneciam mais abaixo, atrás dum outeiro, fora de vista.

Leia pousou o pequeno radar e voltou para junto dos seus amigos.

— A entrada é do outro lado da plataforma de aterragem. Isto não vai ser nada fácil!

— Ahrck grah rahr hrowrowhr — concordou Chewbacca.

— Então, Chewie — disse Han, lançando ao *wookiee* um dos seus menos agradáveis olhares. — Afinal já entramos em lugar s mais bem guardados

que este...

— Frowh rahgh rahrahraff vrawgh gr — contrapôs de imediato Chewie, com um gesto que não deixava lugar para possíveis dúvidas.

Han pensou por instantes.

— Olha, na cave de especiarias de Gargon, por exemplo!

— Krahghrowf! — assentiu Chewbacca.

— Claro que tenho razão! Se apenas me conseguisse lembrar de como o fiz... — disse, cocando a cabeça e invocando memórias de outros tempos.

Paploo, de repente, começou a tagarelar, apontando e guinchando. Fez notar a Wicket algo de muito específico.

— Que é que ele está a dizer, C-3PO? — perguntou Leia.

O dróide dourado trocou algumas impressões com Paploo; Wicket virou-se para Leia com ar satisfeito, esperançoso. C-3PO também olhou para a princesa.

— Aparentemente, Wicket conhece uma outra entrada nesta instalação — traduziu.

Isto levantou o moral de Han, que disse de imediato:

— Uma porta nas traseiras, nem? É isso mesmo! Foi assim que nós entramos em Gargon!

Quatro guardas imperiais guardavam a entrada do paiol que emergia da terra bem nas traseiras da porta principal do complexo do gerador do escudo. Os seus passeadores estavam estacionados perto.

Escondida na vegetação, mais atrás, a equipa de ataque rebelde aguardava.

— Grrr, rows rrrhl brhnnh — observou, lentamente, Chewbacca.



— Tens razão, Chewie — concordou Solo. — Com apenas estes quatro guardas, vai ser bem fácil entrar lá dentro!

— Basta apenas um para dar o alarme — acautelou a princesa Leia.

Han sorriu, confiante em si mesmo, talvez demasiado.

— Teremos, visto isso, de ser extremamente silenciosos. Se Luke consegue tomar conta de Vader, como dizes que ele disse ser capaz de fazer, isto será fácil. Temos apenas de lhes tratar da saúde bem e em silêncio...

C-3PO traduziu baixinho para Teebo e Paploo, explicando o que se passava e o que se pretendia. Os *ewok* assentiram e falaram entre si por momentos; depois, Paploo saltou e correu através dos arbustos.

Leia verificou o instrumento que trazia no pulso.

— Estamos a perder tempo! A frota já deve encontrar-se no hiperespaço!

C-3PO fez uma pergunta a Teebo e recebeu uma resposta curta.

— Meu Deus! — exclamou, erguendo-se para poder observar o que se passava atrás de si, na clareira junto ao paiol.

— Para baixo! — ordenou Solo.

— Que se passa, C-3PO? — quis saber Leia.

— Receio que o nosso peludo companheiro se tenha decidido a empreender algo um pouco precipitado... — O dróide esperava não vir a ser acusado de ser o culpado do que se passava.

— De que é que estás a falar? — perguntou Leia, assustada.

— Oh, não! Vejam!

Paploo lançara-se, através dos arbustos, na direção do local em que as motos flutuantes estavam estacionadas. Aterrorizados, com o terror

inerente à total impotência, os chefes rebeldes observavam a pequena bola de pêlo saltar para uma das speeders e começar a pressionar todos os botões que podia encontrar. Antes que alguém pudesse fazer alguma coisa, o motor roncou e a ignição efectuou-se. Os quatro guardas olharam na direção do barulho, surpresos. Paploo grunhiu, zangado, e continuou a pressionar botões. Leia levou as mãos à cabeça.

— Oh!, não!, não!, não! Chewie ladrrou. Han assentiu.

— É verdade, lá se vai o nosso ataque de surpresa!

Os guardas imperiais lançaram-se em perseguição de Paploo, no exato momento em que este conseguiu fazer avançar o veículo, lançando o ursinho numa correria louca através da floresta. A única coisa que conseguia fazer era tentar manter-se em pé, agarrando-se às grades com as patitas. Três dos guardas montaram as suas próprias speeders e apressaram-se a seguir o ursinho *ewok*. O quarto ficou no seu posto, guardando a entrada do paiol.

Leia estava encantada, mas um pouco incrédula.

— Nada mau para uma bola de pêlo — disse Han, admirado. Fez sinal a Chewie e os dois lançaram-se na direção do paiol.

Entretanto, Paploo velejava através das árvores, bafejado mais pela sorte do que pela habilidade com que dirigia o veloz engenho. Ia relativamente devagar, se se atendesse à velocidade máxima do engenhoso veículo, mas, atendendo ao fato de que era um *ewok*, a rapidez com que viajava parecia-lhe enorme e entontecia-o, excitando-o sobremaneira. Era aterrorizador, mas ele estava a adorar. Falaria desta aventura até ao fim da vida e então os seus filhos relatá-la-iam aos filhos deles e a velocidade tornar-se-ia maior com o passar do tempo.

Por agora os guardas imperiais estavam cada vez mais perto. Quando, passado um bocado, abriram fogo sobre ele, decidiu que já estava farto daquilo. Quando contornou a árvore seguinte, agarrou uma liana e içou-se para cima da árvore, escondendo-se entre os ramos. Alguns segundos mais

tarde, os três guardas imperiais passaram a toda a velocidade por baixo dele. Gargalhou alegremente.

De volta ao paiol, o último guarda (e único de momento) tinha sido dominado. Atacado por Chewbacca, encontrava-se agora despido e amarrado, sendo levado na direção da floresta por outros dois membros da equipa de ataque. O resto da equipa mantinha-se silenciosa, aguardando ordens, junto à entrada.

Han estacou junto à porta, utilizando o código previamente roubado nos dígitos do painel de controle do paiol. Com uma rapidez não estudada, pressionou uma série de botões no painel. Silenciosamente, a porta abriu-se.

Leia espreitou para dentro. Não havia sinais de vida. Fez sinal aos outros e entrou no paiol. Han e Chewie seguiram-na de imediato. Em breve toda a equipa de assalto se encontrava dentro do corredor de aço vazio, excetuando um dos soldados que, envergando uniforme do guarda imperial, ficou no exterior, a vigiar. Han pressionou do lado de dentro uns quantos botões e a porta fechou-se atrás deles.

Leia pensou por instantes em Luke. Esperava sinceramente que ele conseguisse deter Vader durante tempo suficiente para que pudessem destruir o gerador do escudo defletor. Esperava, ainda mais sinceramente, que, se possível, a sua confrontação pudesse ser evitada, pois receava que Vader fosse o mais forte dos dois.

Furtivamente, tomando a dianteira, encaminhou-se para dentro do enorme e pouco iluminado túnel.

A nave de Vader pousou na pista de aterragem da Estrela da Morte, qual pássaro sem asas e voraz, espécie de insecto digno de um pesadelo.

Luke e o Lorde Negro emergiram do "*focinho*" da besta, ladeados por uma pequena escolta de soldados, e avançaram rapidamente na direção da entrada cavernosa que conduzia ao elevador e, posteriormente, à torre do imperador.

Guardas reais esperavam-nos aí, flanqueando o elevador, banhados numa luz carmesim. Abriram a porta do elevador. Luke avançou.

A sua mente gritava-lhe constantemente novas ordens. Era ao imperador que estava a ser conduzido. Ao imperador! Se ao menos Luke conseguisse clarificar e ordenar as idéias que lhe acorriam à mente...

Ouviu-se um enorme barulho, espécie de vento interior, subterrâneo.

Fez votos para que Leia desativasse o escudo defletor rapidamente e destruíssem a Estrela da Morte nesse momento em que os três ali se encontravam: ele, o seu pai e o imperador.

Antes que algo mais pudesse acontecer. Isto porque quanto mais perto se sentia do imperador mais *perguntas* ficavam sem *resposta*. Desenrolava-se uma tempestade dentro dele. Desejava matar o imperador, mas que faria depois? Defrontaria Vader? Que faria seu pai? E se enfrentasse e destruísse o seu pai em primeiro lugar? O pensamento era, ao mesmo tempo, tentador e repugnante! Podia destruir Vader, mas depois? Pela primeira vez, Luke visionou-se a destruir o seu pai e a ocupar o seu lugar, a sentar-se à direita do imperador. Poderoso e inatacável. Cerrou firmemente os olhos quando lhe ocorreu esta idéia, como tentando afastá-la, mas isso não impediu que algumas gotas de suor lhe perlassem o rosto, como se a mão da Morte o houvesse tocado e tivesse sido esse o resultado.

A porta do elevador abriu-se. Luke e Vader, sozinhos, avançaram através do salão do trono na direção da antecâmara que, imersa em escuridão, conduzia, através de uns degraus bastante gastos, ao trono. Pai e filho, lado a lado, ambos vestidos de preto, um mascarado, o outro não, enfrentaram o olhar malévolo do imperador.

Vader fez uma respeitosa vénia. O imperador ordenou-lhe que se levantasse; foi exatamente isso que o Lorde Negro fez.

— Sê bem-vindo, jovem Skywalker! — disse graciosamente o maldoso personagem. —Tenho estado à tua espera!

Desafiante, Luke fixou o olhar na figura descarnada e completamente envolta num manto com capuz. O sorriso do imperador tornou-se ainda mais trocista, mais paternalista. Olhou na direção das algemas que prendiam Luke.

— Já não necessitas disso!—exclamou, de forma altiva. Fez um ligeiro gesto com o dedo na direção dos pulsos de Luke e as algemas caíram de imediato, fazendo eco na sala vazia, ao tocarem o chão.

Luke observou as suas mãos; estavam agora livres para poderem apertar a garganta do imperador, para, num instante, lhe esmagarem a traquéia...

No entanto, o imperador parecia amistoso. Não acabara de o libertar?

Mas ele era mesquinho, Luke bem o sabia. *Não te deixes enganar pelas aparências!*, costumava dizer-lhe Ben. O imperador estava desarmado, mas

isso não o tornava inofensivo. A agressão sem provocação não era, porém, parte integrante das trevas? Do lado negro da Força? Talvez fosse possível, de forma útil e lógica, utilizar algo que pertencia ao lado negro da Força.

Mirou as mãos e pensou que poderia, naquele momento, decidir tudo. Pelo menos pensava que sim. Estava à vontade para escolher o próximo passo; parecia, no entanto, incapaz de o fazer. Escolha, espada de dois gumes!

Podia, por um lado, matar o imperador ou sucumbir ao lado negro, aos argumentos do imperador. Podia matar Vader ou tornar-se, ele próprio, Vader. De novo esse pensamento o invadiu, mas ele, sem demoras, relegou-o para um canto afastado do seu cérebro.

O imperador estava sentado à sua frente, sorrindo. O momento presente estava recheado de possibilidades...

O momento passou e nada aconteceu.

— Diz-me, jovem Skywalker — disse o imperador, após ter-se apercebido de que a primeira batalha se desenrolara na mente de Luke —, quem se

encarregou do teu treino? —O sorriso era frio, falso e sem significado.

Luke manteve-se silencioso. Não revelaria nada.

— Oh, bem sei que, a princípio, foi Obi-wan Kenobi —continuou o traíçoeiro governante, cruzando os dedos de modo firme e decidido. Depois os lábios encolheram, formando uma careta de escárnio. — E claro que já deves saber o jeito que ele tinha para treinar futuros jedis — comentou, de modo sarcástico, apontando na direção de Vader, o antigo aluno de Obi-wan Kenobi. Vader manteve-se impassível.

Luke ficou mais tenso ao ouvir o tom difamatório do imperador em relação a Ben, apesar de, para ele, a acção de Ben ser altamente louvável. O

que sobretudo irritou Luke foi o fato de o imperador se encontrar tão perto da verdade. Tentou controlar a sua raiva, pois o que o imperador desejava, e o que lhe agradaria sobremaneira, era que Luke perdesse a cabeça.

Pela contracção do rosto de Luke, Palpatine verificou, deleitado, o efeito que as suas palavras haviam produzido; isso o fez sorrir.

— Seguiste, então, os passos de teu pai, pelo menos no princípio do

treino. Mas depois Obi-wan Kenobi morreu. O seu aluno mais antigo tratou disso...— Ao dizer isto, fez um pequeno gesto na direção de Luke. - Diz-me, Luke Skywalker, quem continuou a tua educação?

O mesmo sorriso de novo. Afiado como um punhal. Luke manteve-se silencioso, tentando recuperar a compostura.

O imperador tamborilava com os dedos no braço do trono, forçando a memória, tentando recordar-se de algo.

— Havia um outro... chamava-se Yoda. Um idoso mestre jedi... Ah!, verifico que acertei em cheio! Foi então Yoda...

Luke bufou, zangado consigo próprio, por verificar que havia já revelado tanto, de forma tão óbvia e natural. Sentia-se vexado. Raiva e dúvidas

sobre o seu poder invadiam-no de forma persistente. Forçou-se a acalmar, a observar tudo e a nada revelar; a *ser* apenas.

— Esse Yoda — prosseguiu o imperador —, ainda é vivo? Luke focou a sua mente no vazio do espaço existente para lá da janela de observação, que se encontrava por detrás da cadeira do imperador. O infinito, onde o tudo e o nada se encontravam. O infinito. Deixou que a sua mente o absorvesse por completo. Opaco, a não ser por uma ou outra estrela que ocasionalmente nele brilhavam, filtrada através do etéreo ambiente.

— Ah!—exclamou Palpatine. — Já não é vivo! Muito bem, jovem Skywalker, quase conseguiste esconder isso de mim. Quase... Não o conseguiste por completo! Os teus sentimentos mais íntimos são por mim facilmente reconhecidos. Vejo a tua alma a nu. É esta, aliás, a tua primeira lição!—afirmou, resoluta.

Luke esmoreceu um pouco, mas apenas por instantes. No próprio desânimo encontrou novas forças. Não lhe haviam Ben e Yoda dito que quando se é atacado se deve cair? Que se deve deixar o oponente pensar que o seu poder é maior que o nosso? Que se deve fazer isso até ao último instante em que, de surpresa, o atacamos e vencemos? Luke sabia bem que a sua humildade e concentração determinariam o resultado final da batalha.

O imperador observava Luke com um olhar em que se misturavam igualmente a astúcia e a manha.

— Tenho a certeza de que Yoda te ensinou a usar a Força de forma exemplar...

O seu sarcasmo obteve resultados imediatos. Luke corou, retesando os músculos.

O imperador, por seu turno, lambeu os lábios de prazer, ao ver que a sua seta fora certa, soltando depois uma gargalhada rouca.

Luke fez uma pequena pausa, pois notara algo no imperador que lhe chamara a atenção, algo em que não reparara antes; talvez por falta de atenção, talvez porque não estivesse lá anteriormente. Medo. Luke reconheceu que o imperador tinha medo, medo dele, Luke. Medo do seu poder, de que Luke o utilizasse contra ele, da mesma forma que Vader havia feito contra Obi-wan Kenobi. Luke, ao descobrir que o imperador sentia medo, reconheceu que havia marcado um ponto a seu favor; a sua posição melhorara ligeiramente. Observara o íntimo do imperador, vira o que de mais profundo nele existia.

Com uma calma absoluta, adquirida repentinamente, Luke endireitou-se, cravando, de modo altivo, os seus olhos no interior do capuz que cobria o malévolo governador.

Palpatine manteve-se silencioso por instantes, respondendo ao olhar do jedi, medindo as suas forças e fraquezas. Por fim sentiu-se feliz com esta primeira confrontação.

— Anseio pelo momento em que completarei a tua educação, jovem Skywalker. Em breve *me* tratarás por mestre.

Pela primeira vez, Luke sentiu-se suficientemente à vontade para responder.

— Estás muito enganado. Nunca me converterás como o fizeste a meu pai!

— Não, meu jovem jedi —disse, lançando o corpo um pouco para a frente, regozijando-se —, verificarás em breve que és *tu* que estás

enganado... acerca de muitas coisas. — Palpatine ergueu-se do trono, desceu os degraus e dirigiu-se para Luke, olhando venenosamente para ele, directamente para os seus olhos.

Luke teve finalmente oportunidade de olhar para dentro do capuz do imperador, podendo observar o seu interior. O que viu atemorizou-o: olhos fundos, enterrados no rosto; a carne flácida e em decadência, por baixo de uma pele plena de erupções virulentas e asquerosas; o sorriso, um sorriso de morte; a respiração corrupta e pestilenta.



Vader estendeu uma mão enluvada na direção do imperador; nela segurava o sabre de luz de Luke. O imperador pegou-lhe, satisfeito, e dirigiu-se com ele para a enorme janela circular de observação. A Estrela da Morte continuava a rodar sobre si mesma, lentamente, de forma que a lua santuário de Endor era agora visível por um dos ângulos.

Palpatine olhou para Endor e depois de novo para o sabre de luz que tinha na mão.

— Ah!, sim, sem dúvida uma arma jedi. Muito parecida com a do pai. —

Encarou Luke de frente. — Já te debes ter apercebido de que é impossível afastar o teu pai das trevas! Em breve se passará o mesmo contigo!

— Nunca! Em breve morrerei, e tu comigo! — Luke estava agora certo de que era isso que aconteceria. Deu-se ao luxo de se vangloriar um pouco.

O imperador riu, um riso escarninho e vil.

— Talvez te estejas a referir ao iminente ataque da frota rebelde? —

disse, pelo que Luke se encolheu, acusando o toque. Depois, numa questão de décimos de segundo, retomou a postura habitual. O imperador prosseguiu:—Asseguro-te que, aqui, estamos fora do alcance dos teus amigos.

Vader avançou um pouco, juntando-se ao imperador, e, a seu lado, olhando para Luke. Este sentia-se cada vez mais atingido nos seus pontos fracos.

— A confiança exagerada que tendes em vós mesmos será a vossa perdição! — exclamou, desafiando-os.

— A fé que depositas nos teus amigos é assunto que só a ti diz respeito

— afirmou, sorrindo, o imperador. Após uns instantes, porém, o seu sorriso tornou-se cruel e o tom de voz modificou-se por completo. — Tudo o que lhes foi revelado foi-o por *minha* ordem expressa. Eu assim o desejei. Os teus amigos que se encontram na lua santuário, em Endor, vão

entrar, documento, numa armadilha. Da mesma maneira que a frota rebelde!

O rosto de Luke contorceu-se de forma visível. O imperador notou-o e começou a espumar.

— Fui *eu* que permiti que a Aliança Rebelde tomasse conhecimento da posição de gerador do escudo defletor. Está perfeitamente a salvo do pequeno bando que o intenta atacar; uma legião de tropas aguarda-os lá, qual comitê de recepção!

Os olhos de Luke iam do imperador a Darth Vader, passando pela espada de luz na mão do primeiro. A sua mente encontrava-se plena de alternativas. De repente, a situação havia-se alterado; já não podia contar senão consigo próprio, o que, reconhecia, era bastante pouco.

O imperador continuava a tagarelar de forma irritante:

— Parece-me que o escudo defletor estará a funcionar perfeitamente quando a tua frota rebelde chegar. Essa é apenas parte da surpresa que lhes preparei; que te não revelo para manter o *suspense*!

A situação degenerava rapidamente, pelo menos do ponto de vista de Luke. Derrota após derrota se lhe apresentava de modo definitivo e irreversível. Por quanto tempo mais seria capaz de suportar tal situação?

Haveria ainda mais surpresas à sua espera? Parecia não haver fim para o relato de manigâncias que Palpatine pretendia empreender contra a galáxia. Devagar, muito lentamente, com uma velocidade infinitesimal, Luke principiou a erguer a mão na direção do sabre de luz. O imperador prosseguiu a preleção.

—A partir de agora, jovem Skywalker, testemunharás a destruição final da Aliança Rebelde, assim como o final da tua insignificante revolta!

Luke estava atormentado. Ergueu a mão um pouco mais. Apercebeu-se, então, de que Palpatine e Vader o estavam a observar. Baixou a mão,

tentando libertar-se da fúria que o possuía e retomar a anterior calma para, através de concentração intensa, poder descobrir qual o próximo passo a dar.

O imperador sorriu, um sorriso malévolo, com os seus lábios finos.

Ofereceu o sabre de luz a Luke.

— Queres isto, não é verdade? O ódio começa a possuir-te. Muito bem.

Toma a tua arma jedi. Estou desarmado. Usa-a. Ataca-me com ela. Usa a tua raiva, vira-a contra mim. A cada momento que passa, mais te tornas o meu *servo*!

O riso estridente ecoou através das paredes, como o teria feito o vento do deserto. Vader continuava a fitar Luke. Este tentou esconder a sua agonia.

— Não, nunca!—Pensou, desesperado, em Ben e Yoda. Eles faziam agora parte da Força, parte da energia que a formava. Ser-lhes-ia possível alterar a visão da realidade do imperador? *Ninguém era infalível*, dissera-lhe Ben. O imperador não podia ver tudo, com certeza, não poderia saber todos os futuros, modificar todas as realidades a seu bel-prazer.

*Bem, pensou Luke, se em alguma ocasião precisei da tua ajuda desesperadamente, agora isso é verdade mais do que nunca. Onde posso levar tudo isto? Que posso fazer que não conduza ao desastre total?*

Como em resposta, o imperador olhou maliciosamente para ele e pousou o sabre de luz na cadeira de controle, ao alcance da mão de Luke, dizendo:

— É inevitável! É esse o teu destino. Tu, tal como teu pai, pertences-me!  
— afirmou resolutamente.

Luke jamais se sentira tão só e tão perdido.

Han, Chewie, Leia e uma dúzia de soldados, comandos, avançaram

cuidadosamente através dos corredores, que mais pareciam labirintos, na direção da sala de comando do gerador do escudo defletor. Luzes amarelas

iluminavam as traves baixas, lançando sobre eles sombras desfocadas.

Durante as três primeiras curvas não vislumbraram ninguém: nem guardas nem trabalhadores.

Ao alcançarem a quarta curva, que conduzia a novo corredor, encontraram seis soldados imperiais que montavam guarda.

Não havia forma de os contornar; aquela secção do trajecto tinha de ser atravessada. Han e Leia entreolharam-se e encolheram os ombros —

não lhes restava outra solução: teriam de lutar.

Empunhando as armas, irromperam no vestíbulo de acesso ao novo corredor. Porém, como se estivessem à espera de ser atacados, de imediato os guardas se acoraram e começaram a disparar por sua vez. Seguiu-se uma barragem cerrada de raios *laser* que ricocheteou ferozmente nas paredes do corredor, desde as traves do tecto ao chão. Dois guardas foram atingidos logo no princípio; um terceiro perdeu a arma pouco depois; esta voou para trás de uma consola, fazendo que o seu dono, sem defesa possível, se limitasse a baixar-se.

Dois outros guardas, porém, estavam por trás de uma porta blindada, a destruir todos os comandos que procuravam passar; quatro pereceram desta forma. Os guardas encontravam-se numa posição praticamente inexpugnável, atrás deste escudo vulcanizado. Esqueceram-se, no entanto, do *wookie*.

Chewbacca arrojou a porta para a frente, desalojando-a e fazendo-a cair em cima dos dois guardas, que foram imediatamente esmagados. Leia fulminou o último dos guardas quando este se preparava para atirar sobre Chewie. O soldado que se acorara momentos antes preparou-se para procurar ajuda, no que foi interrompido por Han que, correndo atrás dele, o trouxe de volta, após o que, com um bem aplicado golpe, o adormeceu.

Verificaram as perdas e os danos que haviam sofrido. Não fora tão mau como haviam pensado *a priori*; tinha sido bastante barulhento, no entanto.

Teriam de se apressar, antes que um alarme qualquer soasse. O centro de poder que controlava o gerador do escudo encontrava-se agora muito perto. E não teriam segundas hipóteses...

A frota rebelde saltou do hiperespaço com um ruído bem característico. Entre serpentinas resplandecentes de luz, batalhão após batalhão emergiu, em formação, lançando-se em seguida na direção da Estrela da Morte e do seu santuário lunar. Em breve toda a frota se encontrava em posição, junto ao alvo, com a *Milennium Falcon* no comando.

Lando começara a preocupar-se no momento em que abandonara o hiperespaço. Verificou o *tela*, reverteu polaridades e interrogou o computador. O co-piloto também estava perplexo.

— Zhng ahzi gngnozh. Dzhy lyhz!

— Mas como pode ser?—inquiriu Lando.— Temos de ser capazes de recolher *qualquer* informação provinda do escudo, abaixo ou acima dele.

—

Afinal quem estava a estudar quem nesta empresa?

Nien Nub apontou para o painel de controle, abanando a cabeça.

— Dzhmbd!

— Encravado? Curto-circuito? Afinal, como é que eles nos podem impedir seja do que for, se não sabem que aqui estamos? A menos que...

saibam...-Olhou preocupado para a Estrela da Morte, e meditou nas implicações do que afirmara. Isto não era um ataque de surpresa, era uma teia de aranha que os começara a envolver. Carregou no botão do seu intercomunicador. — Suspendam o ataque! O escudo defletor continua no lugar!

A voz do líder do Esquadrão Vermelho gritou-lhe, em resposta, aos ouvidos:

— Não consigo captar nada nos meus instrumentos sobre isso, nem a favor nem contra. Não sei sequer se o escudo lá se encontra ou não! Tens a certeza do que afirmas?

— Voltem para trás! — ordenou Lando. — Todas as naves! Curvou para a esquerda, seguido de perto por todas as naves do Esquadrão Vermelho.

Três das naves de asas em X, porém, não viraram a tempo. Roçaram no escudo defletor e explodiram de imediato, desfeitas em milhares de partículas. Nenhum dos companheiros se voltou para observar semelhante visão.

Na ponte de comando da estrela-de-batalha rebelde ouviam--se alarmes, havia luzes a acender e a apagar e buzinas a apitar, enquanto a monumental nave descrevia uma curva apertada, mesmo a tempo de evitar colidir com o escudo. Oficiais corriam dos postos de batalha para os controles de navegação aérea, muitas das naves podiam ser observadas através das *telas*, executando os mais diversos movimentos, às mais incríveis velocidades e em todas as direcções, ora acelerando ora travando subitamente.

O almirante Ackbar falou de forma apressada, mas calma e firme, através do intercomunicador.

— Procurem manter-se em constante movimento. Grupo Verde, dirijam-se para o sector de espera. MG-7, Grupo Azul...

Um controlador de Mon Calamari, que se encontrava do outro lado da ponte de comando, excitado, chamou Ackbar, dizendo:

— Almirante, regista-se a presença de naves inimigas nos setores RI-23 e PB-4!

O enorme *tela* parecia estar a tornar-se vivo, repleto de movimento.

Não era, apenas a Estrela da Morte e a lua verde que se podia observar; agora, vinda de todas as direcções, a frota imperial, em massa, emergia em

formação de trás de Endor, preparando-se para cercar a frota rebelde de ambos os lados, quais pinças de um escorpião mortífero.

O escudo continuava, porém, a barricar a frota da Aliança Rebelde. Não tinham para onde ir. Ackbar, pelo intercomunicador, exclamou:

— É uma armadilha! Preparem-se para atacar!

A voz de um piloto anônimo fez-se ouvir também através do rádio:

— Os caças vão atacar! Cá vamos nós!

O ataque começou. Principiara a batalha.

Atacaram em primeiro lugar os caças TIE, que, bem mais rápidos que os volumosos cruzadores imperiais, depressa alcançaram os invasores rebeldes. Seguiram-se escaramuças isoladas, que se intensificaram até o céu negro ficar iluminado pelas constantes explosões.

Ackbar foi interceptado por um oficial que se lhe dirigiu dizendo:

— Aumentámos a força do nosso escudo de avanço, almirante.

— Ótimo. Duplicaram também a energia do gerador principal, e... —

Estacou ao sentir balançar o cruzador estelar, como efeito de alguns disparos na direção da janela de observação.

— A *Gold Wing* foi atingida. É grave!—gritou um outro oficial, que se lançou, inseguro, para a ponte de comando.

— Protejam-na!—ordenou Ackbar. — Temos de ganhar tempo.—

Dirigiu de novo a palavra aos subordinados, através do intercomunicador, ao mesmo tempo que uma outra detonação se fazia sentir.— Atenção, todas as naves, mantenham a vossa posição! Esperem pelas minhas ordens para regressar! Aguardem!

Era, no entanto, tarde de mais para Lando e os esquadrões de ataque que o acompanhavam obedecerem a semelhante ordem. Iam já demasiado lançados na direção da frota imperial para darem meia volta.

Wedge Antilles, um velho amigo de Luke, uma amizade contraída na primeira campanha, comandava os asas em X que acompanhavam a *Falcon*.

Ao aproximarem-se dos defensores imperiais, a sua voz soou, calma, através do intercomunicador.

— Preparem os asas em X para o ataque. Coloquem-se na posição correspondente.

As asas abriram-se de imediato, como asas de uma libelinha, preparadas para aumentar o seu poder e capacidade de manobra.

— Naves de asas em X, comuniquem, por favor —disse Lando.

— Líder Vermelho, preparado — respondeu Wedge.

— Líder Azul, preparado.

— Líder Cinzento... —Foi esta a sua última transmissão, pois passados alguns segundos desintegrou-se numa chuva de estrelinhas que lembravam fogo-de-artifício.

— Aí vem eles! —comentou Wedge.

— Acelerem para velocidade de ataque — ordenou Lando. — Afastem o fogo deles dos nossos cruzadores o mais que possam.

— Percebido, Líder Dourado — respondeu Wedge. — Estamos a seguir através do ponto 3 do eixo...

— Vem aí dois deles, vinte graus — avisou alguém.

— Estou a vê-los —disse Wedge.— Virem para a esquerda. Eu encarrego-me do chefe do esquadrão.



— Acautela-te, Wedge. Vêm três deles de cima.

— Sim, eu...

— Eu tomo conta deles, Líder Vermelho.

— São demasiados...

— Estão a disparar em grande, afastem-se!

— Vermelho-Quatro, cuidado!

— Fui atingido!

O asas em X, faiscando, volteou, sem energia, através do espaço, na direção do infinito.

— Escolheste um, não foi? Segue-o cuidadosamente!—gritou o Vermelho-Seis para Wedge.

— O meu *tela* não o regista? Onde está ele?

— Vermelho-Seis, um esquadrão de caças consegui passar.

— Dirigem-se para a nave-hospital! Sigam-nos!

— Continuem — concordou Lando. — Eu sigo-os. Encontram--se um pouco à nossa frente no ponto 3.5. Protejam-me!

— Mesmo atrás de si, Líder Dourado. Vermelho-Dois, Vermelho-Três, tomem conta deles!

— Aguentem-se, vocês aí atrás!

— Mantenham a formação cerrada, Grupo Azul.

— Boa pontaria, Vermelho-Dois!

— Nada mau —disse Lando.— Eu tomo conta dos outros três!

Calrissian fez que a *Falcon* efectuasse uma volta completa, enquanto a sua tripulação disparava sobre os caças imperiais com as armas centrais.

Dois foram atingidos de imediato e um terceiro foi atingido num dos lados e forçado, pelo impacto, a lançar-se sobre um outro esquadrão de caças TIE.

OS céus estavam pejados deles, mas a velocidade da *Falcon*, quase o dobro da das outras naves, ajudava-os imenso.

Em questão de minutos, do campo de batalha emanava um brilho vermelho, aqui e ali misturado com colunas de fumo espesso, bolas de fogo, maquinaria destróçada, explosões, corpos congelados, poços de escuridão e tempestades de electrões.

Era um espectáculo fascinante mas, ao mesmo tempo, aterrorizador. E isto era apenas o princípio.

Nien Numb dirigiu um comentário gutural a Lando.

— Tens razão —disse o piloto, franzindo as sobrancelhas. — São apenas os caças que estão a ser utilizados. De que é que os torpedeiros estelares estarão à espera? — Parecia que o imperador estava a forçá-los a *comprar* algo que não desejava, na realidade, *vender*.

— Dzhng zhng — avisou o co-piloto, ao mesmo tempo que um outro esquadrão de caças TIE surgia por baixo deles.

— Estou a vê-los. Estamos decididamente no meio disto tudo! —

Mirou, durante alguns segundos, Endor, que flutuava pacificamente à sua direita. — Então, Han, velho camarada, não me abandones agora...

Han premiu o botão da sua unidade de pulso e cobriu a cabeça; a porta reforçada, que conduzia à ala de controle principal, explodiu em pedaços semiderretidos.

As tropas de assalto que se encontravam no interior pareceram totalmente tomadas de surpresa pelo súbito ataque, inclusive alguns ficaram feridos na explosão. Os outros limitaram-se a olhar para eles, algo espantados, enquanto entravam de armas em punho. Han tomou o comando, seguido de perto por Leia e com Chewie a cobrir a retaguarda.

Ordenaram a todos os presentes que se aglomerassem num dos cantos, deixando três dos seus companheiros a guardá-los. Outros três ficaram de guarda às portas. Os restantes iniciaram a instalação dos explosivos.

Leia, entretanto, estudava uma das *telas* existentes no painel de controle.

— Depressa, Han! A frota está a ser atacada!

— É verdade!—disse uma voz vinda das traseiras da sala. — Tal como *vocês!*

Han e Leia voltaram-se e deram de caras com dúzias de armas

imperiais apontadas na sua direção; havia uma legião inteira de guardas à sua frente. Tinham estado, provavelmente, escondidos em compartimentos secretos ao longo das paredes. Em questão de instantes, os rebeldes estavam cercados por todos os lados, sem hipótese de fugirem nem local para onde o fazerem e rodeados por demasiados guardas para pensarem em lutar. Irremediavelmente perdidos.

Han, Chewie e Leia trocaram entre si olhares sem esperança e algo culpados. Tinham sido a última esperança dos Rebeldes.

Tinham falhado redondamente.

A alguma distância do centro da batalha, seguramente situada entre as diversas naves que constituíam a frota imperial, encontrava-se o Supertorpedeiro Estelar. Na ponte de comando, o almirante Piett observava o desenrolar da guerra através da enorme janela de observação que se encontrava à sua frente. Fazia-o como se de um espectador curioso se tratasse, perante uma manifestação elaborada ou uma qualquer outra espécie de divertimento.

Dois capitães da frota encontravam-se por trás dele, num silêncio respeitoso. Tomavam conhecimento, também, das vontades do seu imperador.

— Façam parar a frota neste ponto!—ordenou o almirante Piett.

O primeiro capitão apressou-se a executar a ordem. O segundo, porém, chegou-se para perto do almirante e perguntou:

— Não os vamos atacar? Piett sorriu afectadamente.

— Tenho ordens directas do imperador. Ele tem algo de especial preparado para os pulhas dos Rebeldes! — disse, acentuando o pouco agradável adjectivo que utilizara para se referir a eles. Fez depois, para dar maior ênfase ao que dissera, uma pequena pausa. — Limitar-nos-emos, de momento, a impedi-los de escapar...

O imperador, Lorde Vader e Luke observavam a batalha aérea da segurança do salão do trono da Estrela da Morte.

Era uma cena de completo pandemônio. Explosões cristalinas e silenciosas, rodeadas por auras verdes, violetas ou magenta. Aglomerados de aço derretido a pairar graciosamente no espaço, lado a lado com manchas indistintas que podiam muito bem ser sangue.

Luke observou, horrorizado, mais uma nave rebelde tocar no invisível escudo defletor e explodir de imediato.

Vader observava Luke. O seu filho era mais forte do que pensara. E, ainda assim, dócil. Indeciso quanto ao futuro: se seguir o lado fraco e humilhante da Força, contentando-se em mendigar tudo, ou o lado do imperador, que temia Luke e com razão.

Ainda tinha tempo para evangelizar Luke a seu modo. Para o fazer juntar-se à sua majestade, nas trevas, para que, juntos, pudessem governar a galáxia. Necessitaria, apenas, de muita paciência e um pouco de esperteza para mostrar a Luke as sofisticadas satisfações que o lado negro da Força oferecia, assim como para o resgatar das garras do imperador.

Vader sabia que Luke também reparara nisso: no medo do imperador.

Ele era um rapaz esperto, o jovem Luke. Vader sorriu, sinistro, para consigo. Luke era um filho digno do seu pai.

O imperador cortou a linha de pensamento de Vader ao comentar num tom desinteressado:

— Como podes ver, meu jovem aprendiz, o escudo defletor continua no lugar . Os teus amigos falharam. E agora...—levantou a mão ossuda bem acima da cabeça, para melhor marcar a importância do momento

—...testemunha o poder desta estação de batalha!—Dirigiu-se ao intercomunicador e falou num murmúrio suave, como se estivesse a dirigir-se a alguém a quem amasse: — Dispare à vontade, comandante!

Previamente chocado, Luke olhou pela janela para o espaço além da superfície da Estrela da Morte, na direção do local da batalha e ainda mais para trás, para a frota rebelde.

Algures no interior da Estrela da Morte, o comandante Jerjerrod deu uma ordem. Deu-a numa mistura de sentimentos diversos. Por um lado, o que ia fazer significava o fim dos insurrectos; por outro lado, significava o fim da guerra, algo que para Jerjerrod era mais importante que a própria vida. No entanto, logo a seguir ao seu gosto pela guerra, vinha a sua adoração pelas aniquilações totais; pelo que, apesar de algo frustrante, esta ordem era extremamente excitante.

À ordem de Jerjerrod, um controlador premiu um botão que acendeu um painel intermitente. Dois soldados imperiais embuçados premiram, por sua vez, uma série de outros botões. Um forte raio de luz começou a pulsar, vindo de uma aparelhagem fortemente resguardada. Na superfície exterior, completa, da Estrela da Morte, um gigantesco feixe de *laser* começou a brilhar.

Luke observou com horror impotente, e mal podendo acreditar, um poderosíssimo raio *laser* ser emitido a partir da metade superior da Estrela da Morte. Tocou, por segundos apenas, um dos cruzadores estelares

rebelde que se aproximava do campo de batalha. No instante seguinte, este fora reduzido a pó. Tinha sido completamente vaporizado. Fora devolvido às suas mais elementares partículas por um simples raio de luz.

Com a mais estonteante forma de desespero a comprimir-lhe o coração, e com o infinito na alma, apenas os olhos de Luke pareciam vivos e alerta, brilhando intensamente. Brilhavam ao ver, de novo, o seu sabre de luz pousado no trono, quase esquecido. E, no meio da tristeza e impotência que o pareciam tomar de assalto, o lado negro da Força encontrou nele guarida.

## VIII

O ALMIRANTE ACKBAR encontrava-se na ponte de comando, olhando com espanto e mal querendo acreditar no que via. No lugar onde momentos antes se encontrava o *Liberty*, cruzador estelar rebelde empenhado numa luta selvática, nada mais restava que um fino pó brilhante. Ackbar observava, em silêncio, o espaço quase vazio.

À sua volta a confusão era óbvia. Controladores aéreos, perturbados e incrédulos, tentavam ainda contactar o *Liberty*, ao mesmo tempo que os capitães da frota corriam de um lado para outro, da *tela* para a ponte e vice-versa, gritando ordens e anulando-as logo de seguida.

Um ajudante de Ackbar entregou-lhe o intercomunicador. Fez ouvir a voz do general Calrissian.

— Atenção, Centro de Operações n.º 1, aqui Líder Dourado. O raio *laser* que destruiu o *Liberty* foi projectado pela Estrela da Morte. Repito, a Estrela da Morte já se encontra operacional!

— Nós reparámos... — respondeu o fatigado Ackbar. — Todas as naves: preparar para retirar!

— Eu não vou desistir agora! — gritou Lando em resposta. Tinha passado muito para chegar onde chegara. Não desistiria assim tão facilmente.

— Não temos outra hipótese, general Calrissian. Os nossos cruzadores não podem fazer frente a armas tão poderosas!.

— Mas também não voltaremos a ter uma oportunidade como esta, almirante. O Han vai tratar daquele escudo. Temos de lhe dar mais tempo para o fazer. Dirijam-se para os destruidores estelares!

Ackbar olhou em volta. A nave em que se encontrava foi atingida com estrondo, brilhando à sua volta uma luz intensa.

Calrissian tinha razão. Não voltariam a ter uma hipótese como esta.

Era agora ou nunca... Virou-se para o capitão de uma estrela que estava a teu lado:

— Façam avançar a frota.

— Sim, senhor — disse o homem. Após uma pausa, continuou: —

Almirante, não temos hipótese de alguma vez vir a vencer os destruidores estelares. Estão melhor armados que nós e são em maior número...

— Bem sei... — disse Ackbar em voz baixa.

O capitão afastou-se. Aproximou-se um ajudante.

— As naves que seguem à frente já entraram em contato com a frota imperial, senhor!

— Concentrem o fogo nos geradores deles. Se conseguirmos destruir os escudos protectores, pode ser que os nossos caças se aguentem.

A nave foi de novo abalada por uma explosão. Um raio *laser* atingiu um dos giroestabilizadores da popa.

— Aumentem a intensidade dos escudos auxiliares! — gritou alguém.

A fúria da batalha aumentou um pouco mais.

Para lá da janela da sala do trono, a frota rebelde estava a ser dizimada no silêncio do vácuo espacial, enquanto no interior o único som que se ouvia era o do irritante gargalhar do imperador. Luke prosseguia a sua queda, irreversível para um estado de desespero total, enquanto o *laser* da Estrela da Morte incinerava nave após nave. O imperador sibilou:

— A tua frota está perdida, assim como os teus amigos da lua de Endor. Eles também não sobreviverão... — Premiu o botão de um intercomunicador que se encontrava no braço do trono e falou, denunciando um evidente prazer: — Comandante Jerjerrod, caso os rebeldes consigam destruir o escudo defletor, ordeno-lhe que de imediato faça pontaria, com esta estação de batalha, sobre a lua Endor, destruindo-a!

— Sim, Alteza! — disse a voz do outro lado do intercomunicador. -

Temos ainda alguns batalhões de homens lá e...

— Destrua-a, simplesmente! — concluiu o imperador, num murmúrio mais enfático do que um grito teria sido em semelhante ocasião.

— Sim, Alteza!

Palpatine voltou-se de novo para Luke — tremia de júbilo. Luke por seu lado, também tremia, perante semelhante ultraje.

— Não há fuga possível, meu jovem aluno. A Aliança perecerá... tal como os teus amigos!

A face de Luke contorceu-se, refletindo claramente o que lhe ia no espírito. Vader observava-o cautelosamente, tal como o imperador. A mão do jovem jedi tremia; os lábios, retesados num esgar de raiva, escondiam os dentes que rangiam.

O imperador sorriu.

— Ótimo. Já posso sentir a tua raiva. Estou indefeso, apanha a tua arma. Ataca-me. Atinge-me, com todo o ódio que existe em ti, e a passagem para



o lado das trevas ficará completa! — Após estas afirmações, desatou a rir à gargalhada, como um possesso.

Luke foi incapaz de continuar a resistir. O sabre de luz estremeceu durante alguns instantes no trono e voou depois, directamente, para a mão de Luke, impelido pela Força. Acendeu-o e em questão de décimos de segundo balançou-o na direção do crânio do imperador.

Nesse instante, a lâmina do sabre de luz de Vader apareceu, vindo do nada, e aparou o golpe de Luke a centímetros do rosto de Palpatine.

Fagulhas, lembrando aço a ser batido ao rubro, saltaram após o impacto, iluminando o rosto do imperador, de dentes arreganhados.

Luke deu um salto para trás e voltou-se, de sabre de luz na mão, para enfrentar o seu pai. Vader preparou a sua arma para a batalha que sabia que iria ser dura.

O imperador suspirou de prazer e sentou-se no trono, encarando, satisfeito, os combatentes. Ele era o único espectador desta medonha e angustiante luta.

Han, Leia, Chewbacca e o resto da equipa de assalto foram escoltados para fora do paiol pelos seus captores. A imagem que, cá fora, se lhes apresentou era bem diferente da que haviam vislumbrado antes. A clareira relvada transformava-se com a aparição de tropas imperiais.

Encontravam-se lá centenas deles, vestindo armaduras pretas e brancas: alguns à vontade, outros observando a cena a partir de motos flutuantes ou do alto, do interior de outros veículos. Se a situação parecera negra lá dentro, cá fora ainda estava pior.

Han e Leia entreolharam-se, sentindo-se profundamente desanimados.

Tudo aquilo por que haviam lutado, tudo aquilo com que haviam sonhado desaparecera, desintegrara-se. Apesar disso, ainda se tinham um ao outro; pelo menos por enquanto. Havia-se encontrado apesar de provirem de ambientes diferentes, idênticos apenas pelo fato de que ambos eram

caracterizados por uma inexistência total de emoções. Han nunca conhecera o amor, sempre estivera demasiado preocupado consigo próprio para pensar nisso. Leia também nunca conhecera o amor, devido a estar ocupada com os problemas sociais que a rodeavam, tão envolvida na luta pelo futuro da humanidade. E, espantosamente, a meio caminho entre o egoísmo e o amor pelo próximo, haviam encontrado um lugar seguro para ambos; um refúgio onde se podiam tocar, acarinhar e crescer lado a lado.

Também isso, porém, parecia agora prestes a ser cortado cerce. O fim parecia não estar muito longe. Havia tanto a dizer que não pareciam saber por onde começar. Em vez de falarem, limitaram-se a entrelaçar as mãos, comunicando através dos dedos nestes últimos minutos em que se encontravam juntos. Foi então que R2 e C-3PO entraram airosoamente na clareira, emitindo bipes e tagarelando excitados. Estacaram de repente, ao aperceberem-se do que acontecera, ao darem com muitos pares de olhos, e alguns nada amigáveis, fixos neles.

— Oh, meu Deus! — lamentou-se C-3PO. No segundo seguinte tinham dado meia volta e lançavam-se de volta para a floresta, para donde tinham vindo. Foram imediatamente seguidos por seis guardas de assalto.

Os guardas imperiais foram a tempo de ver os dois dróides mergulharem atrás de uma árvore enorme, cerca de seis metros à frente.

Perseguiram os robots. Ao darem a volta à árvore, encontrara-nos à sua espera, imóveis. Os guardas aproximaram-se, movendo-se lentamente.

Nesse instante, vindos dos ramos da árvore directamente sobrepostos, caíram sobre eles quinze *ewoks*, que logo os derrotaram com as suas pedras e os seus cajados. Enquanto isso, Teebo, escondido noutra árvore, levou aos lábios um chifre de carneiro e assoprou nele por três vezes. Era esse o sinal de ataque dos *ewoks*.

Centenas deles apareceram, vindos de todos os lados na direcção da clareira. Atiraram-se com uma dedicação desmedida aos guardas imperiais.

A cena era de caos indescritível.

Tropas de ataque disparavam as suas pistolas *laser* contra as criaturinhas peludas, matando e ferindo muitas delas, sendo, porém, estas rapidamente substituídas por outras. Os guardas perseguiram os *ewoks* através da floresta, mas eram de imediato abatidos por contínuos lançamentos de pedras arremessadas das árvores.

Nos primeiros e confusos momentos do ataque, Chewie mergulhou nos arbustos, enquanto Han e Leia, por sua vez, se atiravam para o chão, para junto dos pilares que ladeavam a entrada do paiol. As explosões que à sua volta se sucediam em ritmo violento impediam-nos de se levantarem, enquanto a porta do paiol se fechava com estrondo.

Han retirou do bolso o código de entrada roubado, que anteriormente utilizara para se introduzir no paiol, encostou-o à abertura, mas a porta não se moveu. Tinha sido programado de novo, automaticamente, assim que haviam sido feito prisioneiros.

— O terminal já não funciona — resmungou Han.

Leia procurou apanhar uma pistola *laser* que se encontrava no chão, junto a um guarda morto, mas esta estava fora do seu alcance. Havia tiros disparados de todo o lado; fogo cruzado que se revelava verdadeiramente assustador.

— Precisamos da ajuda de R2! — gritou-lhe ela.

Han assentiu. Pegou no intercomunicador, executou a sequência que chamava o pequeno dróide e alcançou a arma que Leia não conseguira apanhar anteriormente.

R2 e C-3PO encontravam-se agachados atrás de um tronco quando o primeiro recebeu a mensagem de Han. Emitiu um sonoro assobio e avançou resolutamente na direção da clareira em que se travava a batalha.

— R2! — gritou C-3PO. — Onde é que pensas que vais? — Quase fora de si, lançou-se em perseguição do seu melhor amigo.

Soldados, montados em motos flutuantes, circularam à volta dos dróides, que prosseguiram na sua fuga precipitada. Os guardas disparavam sobre os *ewoks* que, após sentirem por diversas vezes o pêlo a ser chamuscado, se tornavam cada vez mais ferozes. Os ursinhos ripostavam de forma bem original: penduravam-se nas pernas dos guardas, fazendo as motos flutuantes enrodilharem-se em trepadeiras ou avariando-lhes os motores com seixos e pauzinhos. Atiravam abaixo os guardas das motos flutuantes atando trepadeiras às árvores que ficavam directamente no caminho que estes atravessavam. Arremessavam pedras, saltavam das árvores, atacavam com pequenas espadas, enrodilhavam os inimigos em redes. Enfim, pareciam estar em todo o lado ao mesmo tempo.

Dezenas deles protegiam Chewbacca, por quem haviam tomado um carinho muito especial. Este também se habituara a pensar neles como uma espécie de primos afastados, ao mesmo tempo que eles o consideravam a sua mascote tamanho gigante. Foi por isso que mostraram uma ferocidade especial na ajuda que prestaram a Chewie. Este esmurrava todos os soldados que lhe passavam por perto, conterrâneos *wookiee*, especialmente aqueles que estavam a molestar os seus pequenos amigos. Os *ewok*, por seu turno, formaram também uma espécie de batalhões dedicados exclusivamente à defesa pessoal de Chewbacca, seguindo-o, por conseguinte, por todo o lado.

Era uma batalha estranha e bem selvagem.

R2 e C-3PO conseguiram, por fim, alcançar a porta do paiol. Han e Leia protegeram-nos com armas que encontraram perdidas. R2 dirigiu-se de imediato para o terminal, aplicou na abertura o seu braço computadorizado e começou a sondar os circuitos. Antes que conseguisse terminar a análise

dos códigos de entrada foi atingido por um raio *laser*, que ricocheteou na porta do paiol e lhe fez voar em pedaços o braço mecânico. Logo após começou a fumegar e a derreterem-se-lhe as juntas. De repente, todos os compartimentos de que era composto abriram-se, a estrutura tremeu e todas as porcas parafusos começaram a girar sem sentido aparente. Este processo decorreu durante alguns instantes, depois parou por completo. C-3PO correu em auxílio do seu amigo ferido, enquanto Han observava, de novo, o terminal.

— Talvez possa soldar esta coisa — disse Solo em voz baixa.

Entrementes os *ewok* haviam construído uma catapulta primitiva, do outro lado da clareira. Dispararam uma enorme rocha arredondada sobre um dos veículos de transporte, este acusou o choque mas manteve-se firme. Virou-se, no entanto, por sua vez, e dirigiu-se para a catapulta, disparando raios *laser* extremamente poderosos. Os *ewok* fugiram perante semelhante visão. Quando a máquina de guerra estava a cerca de três metros de distância, os *ewoks* cortaram uma série de trepadeiras e dois enormes troncos de árvore. Lançaram-nos conjuntamente sobre o colosso, impossibilitando-o de vez de se mexer.

A fase seguinte do assalto iniciou-se. Com a ajuda de papagaios feitos de couro esticado, os *ewok* começaram a lançar rochas sobre as tropas de assalto, ou mesmo a mergulharem em voo picado sobre eles, com as espadas em riste. Teebo, que conduzia o ataque, foi atingido numa das asas por um raio *laser*, despenhando-se em seguida por causa de uma raiz nodosa e saliente.

Um guarda marchou de imediato sobre *ewok* caído, procurando desferir sobre ele um golpe decisivo. Wicket, que do alto assistia à cena, investiu na direção de Teebo, alcançando-o no último instante. Porém, ao procurar desviar-se do inimigo, chocou com uma moto flutuante, rebolando de seguida todos por uma encosta repleta de densa folhagem.

E assim prosseguia a luta.

As baixas aumentavam consideravelmente.

No espaço, tudo decorria de forma algo similar. Travavam--se milhares de pequenas batalhas individuais, espécie de feroz corpo-a-corpo mecânico, no meio de constantes disparos de armas *laser* pesadas. Por seu lado, a Estrela da Morte continuava metodicamente a desintegrar, uma após a outra, naves rebeldes.

Na *Milennium Falcon*, Lando dirigia como um maníaco, procurando evitar os enormes obstáculos que se lhe apresentavam na forma de destruidores

estelares imperiais, ao mesmo tempo que respondia ao seu fogo pouco  
certo, evitando escaramuças e ultrapassando caças TIE.

De

forma

desesperada,

gritava

continuamente

para

o

intercomunicador que se encontrava em comunicação contínua com  
Ackbar e a nave de comando da Aliança Rebelde.

— Eu disse *mais perto!* Aproximem-se o mais que puderem, para ficarem  
ao mesmo nível dos destruidores estelares. Desse modo, a Estrela da  
Morte, para nos atingir, tem de abater primeiro as suas próprias naves!

— Mas nunca ninguém se chegou tão perto das naves imperiais! É

inconcebível ficar entre supernaves como os cruzadores! — Ackbar  
insurgia-se perante algo que se lhe apresentava como totalmente  
impossível de concretizar. Sabia, porém, que não tinha muito por onde  
escolher.

— Ótimo! — respondeu-lhe Lando, enquanto visava um dos destruidores  
estelares. — Nesse caso, estamos a conceber uma nova técnica de  
combate!

— Mas não sabemos nada sobre esta *nova técnica de combate*; não  
sabemos sequer o que pode acontecer! — protestou Ackbar.

— Sabemos *tanto* quanto eles! — retorquiu Lando. — E eles pensam que sabemos de mais... — Fazer *bluff* era sempre perigoso, em particular quando se tratava de uma jogada final, mas por vezes, quando tudo estava em jogo, tinha de se arriscar, por ser essa a única maneira possível de se ganhar. E Lando nunca jogava para perder.

— A essa distância, não nos conseguiremos aguentar muito contra os destruidores estelares! — disse Ackbar, em tom antecipadamente lamentoso.

— Aguentar-nos-emos mais do que se enfrentarmos a Estrela da Morte de outra forma, e, além disso, sempre levaremos alguns conosco... — Lando gritou: com um estremecimento agudo, uma das suas armas frontais fora destruída. Executou com a *Falcon* um semicírculo controlado, procurando escapar a um leviatã imperial.

Por não ter por onde escolher, Ackbar decidiu seguir a estratégia de Calrissian. Durante os minutos seguintes, dúzias de cruzadores rebeldes aproximaram-se dos seus colossais antagonistas, os destruidores estelares imperiais, abrindo fogo e lançando-se ferozmente contra o inimigo. Com a força de milhares de tanques, enfrentavam-se de forma brutal, ao mesmo tempo que, moscas incômodas, os caças assobiavam à sua volta.

Lentamente, Luke e Vader moveram-se em círculo. Empunhando o seu sabre de luz bem alto sobre a cabeça, Luke preparou-se para atacar de forma clássica, enquanto Vader se preparava para ripostar, elevando o seu sabre lateralmente. Sem aviso prévio, Luke baixou o seu sabre na vertical; Vader, então, procurou parar o golpe; Luke simulou outro golpe e cortou baixo com a sua espada de luz. Vader voltou a aparar o golpe e dirigiu o impacto na direção da garganta de Luke, mas este defendeu-se e saltou para trás. Os primeiros golpes foram trocados de forma quase inofensiva.

Depois circularam mais uma vez.

Vader estava impressionado com a velocidade de Luke. Mais que impressionado, satisfeito. Era realmente uma pena que não pudesse ainda consentir que este matasse o imperador. Luke ainda não estava emocionalmente preparado para isso. Ainda havia hipótese de Luke voltar

para os seus amigos, se destruísse agora o imperador. Necessitava de uma educação mais cuidada e mais intensa, proporcionada por ambos, ele *e* Palpatine, antes de estar apto a assumir o lugar de seu braço direito no governo da galáxia.

Era por isso que Vader tinha de conter a fúria do rapaz em fases como esta, antes que este atingisse, erroneamente, ou de forma menos inteligente, algum ponto vital.

Antes que Vader tivesse tempo de prosseguir na sua linha de pensamento, Luke voltou a atacar — de forma bem mais agressiva desta vez. Avançou com uma série de estocadas desconcertantes, que embateram, uma por uma, no fosforescente sabre de luz de seu pai. O Lorde Negro recuou sempre, um passo por cada golpe, dando de repente uma meia volta para elevar o gume cortante do sabre de forma traiçoeira. Luke, porém, adivinhou o golpe e parou-o a tempo, empurrando Vader para trás, mais uma vez. O Senhor do Sith perdeu momentaneamente o equilíbrio nas escadas e caiu de joelhos.

Luke manteve-se acima dele, no topo das escadas, consciente do seu poder. Vader estava agora suas mãos, bem o sabia, e, se quisesse, podia destruí-lo. Podia tomar-lhe a arma e a vida. Podia também tomar o seu lugar junto do imperador. Sim, até isso. Luke não enviou semelhante pensamento para o recôndito do seu espírito, como fizera anteriormente; deixou-o envolvê-lo. Rejubilou com a ideia, deixando-a tomar conta de si, gozando com a sensação do poder que dela emanava e o fazia enrubescer.

Semelhante sensação de poder tornava-o febril, quase insensível, perante qualquer consideração ou pensamento contrário àquilo que sentia.

Tinha agora todo o poder da galáxia; a escolha era sua!

Foi então que um outro pensamento nele emergiu, de forma lenta a princípio, intensificando-se depois, tornando-se por fim tão forte quanto uma paixão ardente. Podia também destruir o imperador. Podia destruí-los a ambos e governar a galáxia. Vingança e conquista.



Foi um momento profundo e especial para Luke. Entontecedor. Não cedeu, porém; nem tão-pouco recuou. Deu um passo em frente.

Pela primeira vez, a ideia de que o filho o podia vencer entrou na mente de Vader. Estava surpreso com a força que Luke havia adquirido desde o seu último duelo na Cidade das Nuvens; isto para não falar no sentido da oportunidade e na decisão com que o rapaz lutava. Esta era, para ele, uma circunstância inesperada. Vader, após uma primeira reação

de surpresa logo seguida de medo, começou a sentir-se humilhado. A humilhação cresceu de intensidade e transformou-se, pouco a pouco, em raiva manifesta. Agora queria vingar-se.

Todos estes diferentes estados de espírito foram apreendidos por completo pelo jovem guerreiro jedi, que se encontrava uns degraus acima dele na escadaria.

O imperador, que assistia satisfeito, compreendeu o que se estava a passar e incitou Luke a deixar-se envolver pelo lado negro da Força.

— Usa a tua agressividade, rapaz! Sim, deixa o ódio tomar conta de ti!

Reveste-te dele, deixa-o envolver-te, alimenta-te dele!

Luke vacilou durante um momento, apercebendo-se depois do que se estava a passar. Sentiu-se de novo confuso. Que é que desejava verdadeiramente? Que queria fazer? A sua breve exultação, o seu instante de odiosa claridade havia desaparecido; transformara-se numa vaga de indecisão, num enigma velado. Um frio despertar para uma envolvente paixão.

Deu um passo para trás e baixou a espada, procurando relaxar e afastar de si o ódio que ameaçava consumi-lo.

Nesse instante, Vader atacou. Lançou-se pelos degraus acima, forçando Luke a recuar defensivamente. Juntou a sua espada de luz à de Luke, que por seu lado afastou a sua do enlace, saltando para um canteiro que se encontrava a um nível superior.

Vader saltou por cima do varandim para o chão directamente por baixo da plataforma em que Luke se encontrava.

— Não lutarei contra ti, pai — declarou Luke.

— É pouco sábio da tua parte baixar as defesas - avisou Vader. A sua raiva havia-se dissolvido. Não desejava ganhar se o rapaz não estava a utilizar todas as suas possibilidades na luta.

Seria, no entanto, e sem qualquer ressentimento, capaz de abater um rapaz que se recusava a lutar. Desejava, apesar disso, que Luke se

apercebesse de quais eram as consequências do que se propunha fazer.

Queria que ele soubesse que o que se estava a passar já não era um jogo.

Era a Escuridão!

Luke também ouviu algo mais.

— Os teus pensamentos traem-te, pai. Posso sentir que o Bem ainda existe em ti. Sinto o teu conflito. Não me conseguiste matar anteriormente, tão-pouco me destruirás agora! — Na realidade, Vader já por duas vezes tivera a possibilidade de o matar e não o fizera. A primeira vez na escaramuça da primeira Estrela da Morte; mais tarde, no duelo de sabres de luz em Bespin. Pensou também, por instantes, em Leia. De como Vader a tivera em seu poder, de como a torturara... mas não a matara. Estremeceu ao pensar na agonia dela mas forçou-se a afastar isso da mente. Estava agora bem clara na sua mente a certeza por que tanto lutara: existia bondade no coração do seu pai. O lado negro, as trevas, não e haviam apoderado dele por completo.

Esta acusação irritou Vader *verdadeiramente*. Muita coisa tolerara ao seu insolente filho, mas isto era de mais. Tinha de lhe ensinar algo que ele nunca esqueceria, ou deixá-lo morrer na aprendizagem...

— Mais uma vez subestimas o poder das trevas... — Ao dizer isto, cortou os suportes da plataforma em que Luke se encontrava, fazendo que este,

em desequilíbrio, rebolesse pelo conseqüente declive para um nível inferior, ficando fora de vista. Nas sombras da plataforma pareceu desaparecer por completo.

Vader procurou-o afanosamente, mas sem entrar nas sombras projectadas pela plataforma.

— Não te podes esconder para sempre, Luke...

— Tens de me vir buscar, se quiseses — replicou a voz vinda da escuridão.

— Não te darei essa vantagem, nem penses! — Vader sentiu que as intenções de Luke cada vez pareciam mais ambíguas, em pleno conflito interior. A firmeza da sua dedicação ao Mal estava a ser comprometida. O

rapaz era verdadeiramente esperto. Vader apercebeu-se de que tinha de ensaiar os seus movimentos com redobrada cautela.

— Não desejo ter qualquer vantagem sobre ti, pai. Não lutarei contra ti. Olha... aqui tens a minha arma.-Luke sabia bem de mais que esse gesto podia significar o seu fim, mas se assim tivesse de ser... Não usaria o mal contra o Mal. Talvez fosse Leia, afinal de contas, a continuadora desta luta: já sem a sua ajuda. Talvez ela conhecesse outra maneira de actuar, talvez até descobrisse um caminho melhor, que ele desconhecesse por completo.

Por agora, ele apenas registava a existência de dois caminhos: um conduzia às trevas, o outro não.

Luke pousou no chão o seu sabre de luz e o fez rolar na direcção de Vader. Parou a meio caminho entre ambos, a um nível ligeiramente superior àquele em que Luke se encontrava. O Lorde Negro estendeu a mão e o sabre de luz de Luke saltou para ele. Prendeu-o ao cinto, com uma incerteza extrema, e mergulhou nas sombras.

Chegavam agora até ele sentimentos adicionais vindos de Luke, correntes de dúvida, remorsos, lamentos, abandono. Cambiantes diversos de dor.

Mas, de algum modo, não relacionados directamente com Vader.

Mais com outras pessoas... com Endor. Ah!, era isso! Relacionados com a lua onde os seus amigos, em breve, pereceriam. Luke em breve aprenderia; a amizade era bem diferente no lado das trevas. Uma coisa totalmente diferente.

— Entrega-te ao lado do Mal, Luke — implorou. — É a única maneira que tens de salvar os teus amigos. Sim, os teus pensamentos traem-te, filho.

Os teus sentimentos por eles são fortes, especialmente por... — Vader estacou. Sentiu algo de estranho.

Luke recuou um pouco mais na sombra. Tentou esconder-se, mas não havia forma de esconder o que lhe ia na mente. Leia estava a sofrer atrozmente. A sua agonia, as suas dores, chegaram até ele e o seu espírito tentou acalmá-la. Tentou evitar pensar nela, fosse como fosse, mas o grito de dor dela era por de mais agudo para o ignorar. Teve pois de o interiorizar, de o suportar e atender.

Foi então que a consciência de Vader invadiu a sua privacidade por momentos.

— Não! — gritou Luke. Vader estava incrédulo.

— Irmã? Irmã! — rugiu. — Os teus sentimentos *também* a traíram a ela... gêmeos! — gritou, em ar triunfante. — Obi-wan foi esperto em escondê-la, mas o seu falhanço está agora completo! — O seu sorriso, mesmo através da máscara e das sombras, era óbvio para Luke. Era óbvio apesar de todos os reinos da escuridão parecerem naquele momento reunidos. — Se te não entregares ao lado negro da Força, talvez ela o faça!

Foi esta, para Luke, a última gota, a que fez transbordar a taça que continha as suas emoções recalcadas. Leia era a última esperança de toda a gente. Se Vader virasse contra ela a sua força, o seu poder, a sua brutalidade... ele nem queria pensar no que seria.

— Nunca! — gritou Luke, ao mesmo tempo que o seu sabre de luz voava do cinto de Vader para a sua mão, pronto a ser usado.

Lançou-se contra o seu pai com uma potência que ele próprio desconhecia possuir. Também Vader não sabia que ele a possuía. Os gladiadores enfrentaram-se ferozmente, faíscas saltando das suas respectivas espadas de luz. Em breve, porém, ficou claro que Luke possuía a supremacia no manejo das fantásticas armas. Luke sabia-o e aproveitou-se disso. Enfrentavam-se, cruzando as armas, num quase corpo-a-corpo, cruéis. Quando Luke empurrou Vader para trás, para quebrar a tensão do corpo-a-corpo, o Lorde Negro, devido à falta de espaço, bateu com a cabeça numa trave que se encontrava pendente. Tropeçou e recuou ainda mais para fora da área das sombras. Luke perseguiu-o implacavelmente.

Golpe após golpe, Luke forçou Vader a recuar — de novo até à ponte que atravessava o vasto e aparentemente interminável poço que conduzia à central energética. Cada um dos golpes de Luke agredia Vader com acusações, gritos, dardos carregados de ódio.

O Lorde Negro foi forçado a cair de joelhos. Levantou o braço para aparar ainda mais um dos inflamados golpes de seu filho. Ao fazê-lo, Luke cortou-lhe cerce a mão direita, junto ao pulso.

A mão, juntamente com pedaços de metal, fios e peças electrónicas, produziu um som oco, ao mesmo tempo que o sabre de luz de Vader se precipitava, sem deixar rasto, para além do vão do abismo, para o infinito.

Luke fixou o olhar na inexoravelmente decepada mão mecânica do seu progenitor e depois olhou para a sua própria mão artificial, enluvada, e apercebeu-se de repente de como se havia tornado parecido com seu pai.

De como era parecido com o homem que odiava.

A tremer, manteve-se hirto junto de Vader, com a ponta da sua brilhante espada sobre a garganta do Lorde Negro. Desejava destruir esta *coisa* que pertencia ao reino das Trevas; esta *coisa* que fora em tempos o seu pai; esta *coisa* que era ele.

De repente, o imperador fez a sua aparição, observando a cena e gargalhando com uma agitação e um prazer incontrolláveis.

— Ótimo! Mata-o! O teu ódio tornou-te poderoso! Cumpre agora o teu destino e toma o lugar do teu pai a meu lado!

Luke olhou para seu pai, estendido no chão, e depois para o imperador; voltou a olhar para Vader. Era isto o lado negro da Força — o lado da Força que ele odiava. Não odiava o seu pai, nem mesmo o imperador. Apenas as trevas que existiam neles. Neles e em si próprio.

E a única maneira de vencer o lado negro da Força era renunciar a qualquer tipo de vingança ou ódio. Fossem quais fossem as consequências.

Ergueu-se subitamente, de forma digna, e tomou a decisão para a qual tinha passado a vida a preparar-se. Arremessou para longe o sabre de luz e exclamou:

— Nunca! Nunca me converterei ao Lado Negro da Força! Falhaste, Palpatine. Sou um jedi, tal como o meu pai o foi antes de mim!

A satisfação do imperador transformou-se numa raiva irada.

— Como queiras, jedi! Não te convertes, pois não? Serás destruído! —

Palpatine ergueu os seus esqueléticos braços na direção de Luke. Deles soltaram-se raios de energia branca e fosforescente que cegou Luke de imediato. Estes raios, quais relâmpagos, rasgaram o interior de Luke, na procura de um local para se instalarem.

O jovem jedi estava confuso e em agonia — nunca antes ouvira falar em tal particularidade da Força e muito menos a havia experimentado

anteriormente. No entanto, se tal poder provinha da Força, poderia ser repellido pela mesma Força. Luke levantou os braços, procurando defender-se dos raios. A princípio foi bem sucedido — os relâmpagos foram desviados na direção das paredes. Em breve, porém, os raios sucediam-se com tal ímpeto e intensidade que o abafaram por completo,

interior e exteriormente, limitando-se ele apenas a encolher-se, tomado de dores, com os joelhos a dobrarem-se-lhe e os poderes a fraquejarem-lhe.

Vader, por seu turno, qual animal ferido, rastejou para junto do seu imperador.

Em Endor, a batalha do paiol prosseguia. Tropas de ataque continuavam a fazer frente aos *ewok* com armas sofisticadas, enquanto os pequenos guerreiros peludos se viravam contra eles com os seus cajados, davam cabo dos seus carros de combate com pilhas de troncos e faziam que as motos flutuantes os perseguissem até caírem em armadilhas. Laçavam os seus inimigos com trepadeiras e prendiam-nos com redes. Iniciavam desmoraamentos. Alteraram o curso de um ribeiro e lançaram-no sobre um dos batalhões inimigos, afundando vários soldados e armas. Assaltavam os soldados e fugiam logo de imediato. De ramos altos, saltavam sobre os carros de ataque e, dentro dos orifícios mais óbvios, vertiam saquinhos de óleo de lagarto a ferver.

Usavam facas, espadas e fiskas e davam gritos de guerra assustadores, confundindo e assustando o inimigo. Eram uns opositores de respeito.

O seu exemplo tornou Chewie ainda mais intrépido do que era habitual. Começou a divertir-se tanto, usando os mesmos processos que os seus amigos, balançando-se em trepadeiras e amachucando cabeças, que quase se esqueceu da sua pistola *laser*.

A certa altura lançou-se sobre o tejadilho de uma máquina de guerra, com Teebo e Wicket às costas. Aterraram ruidosamente sobre o tejadilho e, propositadamente, fizeram tanto barulho que um dos guardas acabou por abrir a escotilha para ver o que se estava a passar. Antes que pudesse disparar a sua arma, Chewie puxou-o para fora e atirou-o do veículo abaixo.

Wicket e Teebo saltaram de imediato para o interior e tomaram conta do outro guarda.

Os *ewok* conduzem uma máquina de guerra da mesma forma que uma moto flutuante: de forma caótica mas bem intencionada.

Chewie quase caiu por diversas vezes, mas nem mesmo ladrar ferozmente para dentro da carlinga surtia qualquer efeito; os *ewok* limitavam-se a rir, soltar gritinhos e ir de encontro a outra moto flutuante.

Chewie resolveu descer para o interior do veículo. Levou-lhe cerca de meio minuto a descobrir como funcionavam os comandos — a tecnologia imperial parecia bem estandardizada. Então, metodicamente, começou a aproximar-se dos outros veículos de guerra e, um a um, começou a reduzi-los a pó. A maior parte deles nem sequer se apercebia do que se estava a passar.

Enquanto as gigantescas máquinas de guerra se evolavam em fumo, os *ewok* pareciam recobrar as forças. Circundavam o veículo de Chewie. O *wookiee* parecia estar a mudar o resultado final da batalha.

Han, entretanto continuava a trabalhar no painel de controle.

Explodiam fios de cada vez que ele arriscava uma nova ligação, mas a porta permanecia cerrada. Leia, acorada por trás dele, protegia-o com a sua pistola *laser*.

Ele fez-lhe sinal, por fim.

— Dá-me uma ajuda, por favor. Creio que já sei como é que isto funciona. Segura aqui! — Entregou-lhe um dos fios. Ela pôs a arma no respectivo coldre e pegou no fio que ele lhe estendera, pondo-o na posição requerida, enquanto ele lhe chegava outros dois. — Aqui vai... nada, provavelmente! — gracejou.

Os três fios brilharam; a ligação efectuou-se. Ouviu-se um súbito e enorme WHUMP e uma segunda porta caiu sobre a primeira, dobrando o obstáculo que já se lhes apresentava.

— Ótimo! agora temos duas portas para atravessar! — resmungou Leia.

Nesse preciso momento foi atingida, num braço, por um raio *laser* e atirada ao chão pelo impacto.



Han correu para junto dela, procurando estancar o sangue que lhe corria da ferida.

— Leia, oh!, não!

— Princesa Leia, está bem? — inquiriu C-3PO.

— Não é muito mau — respondeu ela, abanando a cabeça.-Eu...

— Alto! — gritou uma voz. — Se se mexem, disparo!

Ambos gelaram e olharam para cima. Dois guardas de assalto estavam em frente, de armas em punho, inalteráveis.

— Levantem-se! — ordenou um deles. — Mãos ao alto!

Han e Leia entreolharam-se, trocando olhares profundos, procurando mergulhar na alma um do outro durante um momento etéreo e infinito.

Durante esse momento, tudo foi sentido, compreendido, tocado e partilhado.

O olhar de Solo foi desviado, no entanto, para o coldre de Leia — ela havia sub-repticiamente retirado de lá a arma e segurava-a agora, pronta a disparar. Han estava à frente de Leia, reduzindo o campo de visão dos guardas. Voltou a olhá-lo nos olhos, compreendendo. Com um último e sentido sorriso, murmurou baixinho:

— Amo-te.

— Bem sei — respondeu ela simplesmente.

O momento passou e, a um sinal mudo, instantâneo, Han desviou-se e Leia abriu fogo sobre os guardas.

O ar encheu-se de disparos. Um brilho entre o rosa e o laranja, espécie de tempestade de electrões, encheu a área, cortada por fulgores intensos.

Quando o fumo desapareceu encontrava-se uma gigantesca máquina

de guerra à sua frente, estacando quase logo de seguida. Han olhou para a frente, esperando ver os canhões *laser* apontados à sua cara a qualquer instante. Levantou os braços e deu um passo em frente. Não sabia muito bem o que devia dizer, mas achava que devia tentar.

— Fica aqui — disse, dirigindo-se a Leia, ao mesmo tempo que media a distância existente entre ele e a máquina.

Foi nessa altura que a escotilha existente no topo do veículo se abriu e revelou Chewbacca que, vindo do interior, esticou a cabeça para fora, sorrindo abertamente.

— Ahr Rahr! — ladrou o *wookiee*. Solo quase pensou em beijá-lo.

— Chewie! Desce daí! Ela está ferida! — Lançou-se para a frente, para cumprimentar o seu amigo, mas parou a meio. — Não, espera! Tenho uma idéia!

## IX

As duas armadas espaciais, tal como o seu duplicado marítimo de outra galáxia e de outro tempo, mantinham-se firmes, trocando disparos até à exaustão ou total destruição.

Manobras heróicas, e por vezes suicidas, eram o prato do dia. Um cruzador rebelde, cuja traseira parecia viva pelas chamas vorazes que a consumiam, moveu-se com dificuldade para ficar lado a lado com um destruidor estelar imperial, segundos antes de explodir. A explosão destruiu-os a ambos. Naves de carga, completamente carregadas, eram programadas para executar rotas de colisão com as enormes fortalezas espaciais imperiais. As tripulações abandonavam estas naves, enfrentando total incerteza quanto ao seu futuro imediato.

Lando, Wedge, o Líder Azul e o Asa Verde lançaram-se numa missão quase impossível: capturar ou destruir a principal nave de comunicações imperial. Já tinha sido atingida anteriormente por disparos vindos de um cruzador rebelde, que tinha sido posteriormente destruído, mas os estragos

não eram irrecuperáveis. Era por isso que os rebeldes tinham de atacar de imediato, antes que recuperasse por completo.

O esquadrão de Lando avançou de forma bem lenta, o que impedia o destruidor estelar de usar as suas armas mais pesadas. Tornava também os caças indetectáveis até ao momento de estarem visualmente a descoberto.

— Aumentem a energia nos escudos defletores centrais — disse Lando ao grupo, pelo intercomunicador. — Vamos começar o ataque!

— Estou mesmo a teu lado — respondeu Wedge. — Cerrar formação, batalhão!

Aumentaram a velocidade das naves, seguindo na perpendicular do longo eixo da nave imperial, pois mergulhos na vertical eram mais difíceis de localizar. A cerca de quinze metros da superfície, efectuaram uma curva de cerca de noventa graus e precipitaram-se ao longo do casco

pesadamente armado, sendo a sua chegada saudada com inúmeros disparos.

— Iniciem o ataque ao gerador de energia principal — aconselhou Lando.

— Percebido — respondeu o Asa Verde.

— Preparar posição de ataque!

— Mantém-te afastado das armas localizadas à frente — avisou o Líder Azul.

— Há ali uma zona de disparos muito intensos.

— Estou a alcançar posição de ataque!

— A nave foi bastante atingida à esquerda da torre de comando — notou Wedge. — Concentrem aí os vossos disparos!

— Compreendido.

O Asa Verde foi atingido nesse instante.

— Estou a perder energia...

— Desaparece, vais explodir!

O Asa Verde dirigiu a sua nave, como se de um foguete se tratasse, na direção das armas frontais da nave de comunicações. Seguiram-se explosões tremendas que abalaram toda a nave.

— Obrigado... — murmurou o Líder Azul . observar as explosões.

— Isso abre-nos o caminho; facilita-nos a vida! — gritou Wedge. —

Avancem! Os reatores de energia estão situados mesmo no interior do principal compartimento de carga!

— Sigam-me! — pediu Lando, ao mesmo tempo que executava uma manobra que, para além de horrorizar o pessoal do reator, também foi certa e bem executada.

Wedge e o Líder Azul seguiram-no de perto. Todos fizeram o que lhes parecia melhor e mais eficaz.

— Em cheio! — gritou Lando.

— Lá vai ela! A nave vai explodir!

— Afastem-se! Afastem-se!

Afastaram-se de forma firme e rápida enquanto o destruidor estelar ficava envolto em explosões sucessivas, até que sofreu uma última e gigantesca explosão e desapareceu. O Líder Azul, apanhado pela onda de choque, foi lançado contra uma outra nave imperial, que também explodiu.

O Líder Azul pereceu, mas Wedge e Lando conseguiram escapar.

Gritos e fumo enchiam a ponte da nave de comando rebelde. Ackbar entrou em contato com Calrissian através do intercomunicador.

— Já podemos comunicar à vontade, sem sermos impedidos, e conseguimos informações sobre o escudo defletor.

— Ainda lá está? — perguntou Lando, com uma nota de desespero na voz.

— Sim, infelizmente. Parece que o grupo de combate do general Solo não foi bem sucedido...

— Enquanto a nossa última nave não for destruída, existe esperança de que algo aconteça! — replicou Lando. Han não falharia! Ele não podia fazer uma coisa dessas! Além disso, tinham ainda de tratar da saúde àquela irritante Estrela da Morte!

Na Estrela da Morte, Luke estava prestes a mergulhar na inconsciência, após os repetidos ataques dos raios do imperador. Atormentado sem limites, preso de uma fraqueza que lhe sugava as entranhas, não ansiava mais que submeter-se à aniquilação para a qual caminhava demasiado lentamente.

O imperador sorriu ao ver o enfraquecimento do guerreiro jedi, enquanto Vader procurava pôr-se de pé, para ficar ao lado do seu amo.

— Jovem idiota! — disse, ríspido, Palpatine. — Só agora, que estás perto do fim, compreendes. Os teus poderes pueris nada significam quando comparados com o poder do lado negro da Força! Pagaste duramente para aprender semelhante verdade! E agora vais concluir o pagamento com a tua vida! Vais morrer! — Riu como um maníaco e, apesar de isso não parecer possível a Luke, a energia descarregada pelos raios aumentou de intensidade.

O assobio resultante do esforço do imperador aumentou de volume e a brilhante luminosidade assassina era agora inimaginável.

O corpo de Luke definhou a pouco e pouco e encolheu-se, por fim, após a rápida sucessão de raios que o percorreram. De repente ficou inanimado, parecendo morto. O imperador silvou, feliz com o espectáculo que se lhe apresentava.

Nesse instante, Vader ergueu-se e agarrou o imperador por trás, esmagando os braços de Palpatine de encontro ao seu tronco. Mais fraco do que alguma vez estivera, mantivera-se impassível durante os últimos minutos, concentrando cada fibra do seu ser no que seria o seu mais decisivo ato. O único gesto possível, o seu último gesto, se falhasse.

Ignorando a dor, ignorando a vergonha e as fraquezas que o minavam, ignorando no cérebro o ruído de ossos que se quebram, focou a sua atenção única e exclusivamente naquilo que desejava, na sua vontade: na vontade de derrotar o imperador, a personificação do Mal.

Palpatine forcejou para se libertar do abraço de Vader, as mãos ainda a libertar os malignos raios energéticos em todas as direcções. Nos seus esforços sem sentido para se libertar, logrou atingir Vader, através do ricochete numa parede. O Lorde Negro voltou a cair, as correntes eléctricas a percorrerem-lhe o corpo, quebrando-lhe o capacete e entrando-lhe no coração.

Vader não largou, porém, o seu fardo, erguendo-se de novo e dirigindo-se para a ponte que atravessava o poço onde se encontrava o

gerador. Com um espasmo de dor, levantou bem alto sobre a sua cabeça o déspota e, com um último arranco, arremessou-o no abismo.

O corpo de Palpatine, soltando ainda demoníacos raios de luz, caiu descontrolado, batendo ora num ora noutro dos lados que compunham o poço. Por fim desapareceu de todo; no entanto, passados alguns segundos ouviu-se uma explosão distante, bem lá no fundo, onde se encontrava o reator de energia. Um sopro de ar cálido ergueu-se do poço na direcção da sala do trono.

Esse vento fez dançar a capa de Lorde Vader, ao mesmo tempo que este fez menção de seguir o destino do seu amo, atirando-se ele também para a negra abertura. Porém Luke, de joelhos, chegou nesse preciso momento até junto de seu pai e puxou o Lorde Negro para longe do abismo, para um local seguro.

Ficaram depois ambos estendidos no chão, entrelaçados, demasiado fracos para se mexerem e demasiado comovidos para poderem falar.

Dentro do paiol, em Endor, controladores imperiais observavam na *tela* principal a batalha com os *ewok* que se processava no exterior. Apesar de a imagem estar carregada de electricidade estática, a luta parecia intemporal, pois quando haviam sido colocados neste planeta fora-lhes dito que os habitantes era inofensivos.

A interferência estática parecia piorar, como resultado provável de outra antena atingida durante a luta, mas, de repente, apareceu na *tela* um guarda acenando excitadamente.

— Está tudo acabado, comandante! Os rebeldes foram derrotados e fugiram para a floresta na companhia dos ursinhos! Precisamos de reforços para continuar a persegui-los!

O pessoal do paiol ficou radiante. O escudo defletor estava salvo!

— Abram a porta principal! — ordenou o comandante. — Autorizem três esquadrões a auxiliarem na busca!

A porta do paiol abriu-se e as tropas imperiais saíram, satisfeitas, apenas para dar de caras com vários rebeldes e inúmeros *ewok* com cara de poucos amigos. As tropas imperiais foram facilmente manietadas e renderam-se quase de imediato.

Han, Chewie e outros cinco correram para o interior do paiol com as cargas explosivas. Colocaram as bombas de relógio em onze diferentes pontos estratégicos, em redor do gerador de energia, e depois fugiram o mais depressa que puderam.

Leia, bastante ferida e cheia de dores, estava deitada a gritar aos *ewok*, indicando-lhes que deviam levar os prisioneiros para o outro extremo da clareira, quando Han e Chewie saíram disparados do paiol. No instante seguinte, este explodiu.

Foi um espectáculo de cortar a respiração: explosão após explosão, enviando uma parede de fogo centenas de metros pelo ar e criando uma onda de choque que lançou ao chão as criaturas, além de destruir toda a verdura na área circundante.

O paiol tinha sido destruído.

Um capitão correu para o almirante Ackbar e disse-lhe com voz trêmula:

— Almirante, o escudo que protegia a Estrela da Morte perdeu a força!

Ackbar olhou para a *tela* à sua frente. A teia de aranha electrónica tinha desaparecido. A lua e a Estrela da Morte flutuavam, agora, no espaço aberto, sem qualquer tipo de protecção especial.

— Eles conseguiram! — suspirou Ackbar. Lançou-se para o intercomunicador, gritando na frequência de guerra, captável por todas as naves: — Atenção a todas as naves! Comecem o ataque à Estrela da Morte.

Visem o reator principal. O escudo defletor já não está operacional. Repito: o escudo defletor já não está operacional!

A voz de Lando foi a próxima a ouvir-se.

— Compreendo. Estamos a caminho! Vermelho, Grupo Dourado!

Esquadrão Azul! Todos os caças, sigam-me! Assim mesmo é que é, Han!

Agora é a minha vez!

A *Falcon* mergulhou em direção à superfície da Estrela da Morte, seguida por hordas de caças rebeldes, ao mesmo tempo que um grupo considerável mas bastante desorganizado de caças TIE se preparava para os seguir. Três cruzadores estelares rebeldes dirigiram-se, por sua vez, para a Superdestruidora Estelar, a nave de Vader, que aparentava estar a ter dificuldades com o sistema de controlos.



Lando e a primeira onda de asas em X dirigiram-se para a parte incompleta da estrela-de-batalha.

— Mantenham-se a voar baixo até alcançarem o lado incompleto! —

disse Wedge ao seu esquadrão. Ninguém necessitava de ser avisado.

— Esquadrão de caças inimigos a caminho! ...

— Asa Azul — chamou Lando — , leva o teu grupo e toma conta dos caças TIE!

— Vou fazer o que puder!

— Estou a apanhar interferências... a Estrela da Morte está a tentar cortar-nos as comunicações, creio...

— Aproximam-se mais caças!

— Ali está a superestrutura — disse Lando. — Procurem atingir o reator principal.

Virou-se com toda a velocidade para o lado inacabado e principiou um *slalom* através de vigas protuberantes, torres semiacabadas, canais que lembravam labirintos, andaimes temporários e raios de luz esporádicos. As

defesas antiaéreas ainda não estavam aqui tão bem adaptadas como no outro lado; em termos de defesa, haviam dependido por completo da protecção do escudo defletor. Consequentemente, para os rebeldes, as principais fontes de preocupação eram as que a própria estrutura representava e os caças TIE que os não largavam.

— Estou a vê-lo, estou a ver o sistema de energia canalizada —

transmitiu Wedge pela rádio. — Vou até lá!

— Isto não vai ser fácil...

Passaram sobre uma torre, depois por baixo de uma ponte e, de repente, estavam a voar a uma velocidade louca dentro de um poço que mal tinha espaço para os três caças de asas abertas. Além disso, e para ajudar, estava crivado de barricadas que tomavam as mais diversas formas: miríades de outros túneis, cruzamentos alternativos, cavernas sem fim, isto para não mencionar maquinaria pesada, elementos da própria estrutura, cabos de energia, escadas flutuantes e outros escombros empilhados.

Um primeiro grupo de caças rebeldes deu a volta e entrou no poço gerador de energia, seguido de perto pelo dobro de caças TIE. Dois asas em X perderam de imediato o caminho correcto, para evitar serem destruídos, entrando num túnel secundário. A perspectiva de perseguição começara.

— Para onde vais, Líder Dourado? — inquiriu Wedge. Um raio *laser* atingiu a parede do poço, directamente sobre ele, fazendo cair-lhe em cima uma chuva de raios brilhantes.

— Procurem a maior fonte de energia que possam — sugeriu Lando.

— Deve ser o gerador!

— Asa Vermelha, mantém-te alerta! Devemos estar a ficar sem espaço para manobras!

Dividiram-se em singulares e duplos, voando ou sós ou com a companhia de apenas um outro caça, visto que, aparentemente, não só o poço tinha obstáculos como parecia estar a encolher.

Um caça TIE atingiu um asas em X rebelde, que logo explodiu. Depois um outro caça TIE bateu num pedaço de maquinaria saliente, sucedendo-

lhe o mesmo que sucedera ao caça rebelde.

— Estou a detectar os sinais de um obstáculo importante mesmo à minha frente — anunciou Lando.

— Também já os recebi. Achas que consegues passar?

— Vai ser mesmo à recta! — Foi, realmente, mesmo à recta. Era uma parede, parte do sistema de aquecimento, que ocupava três quartos do túnel, acompanhada de uma depressão ao mesmo nível, que formava um pequeno compartimento. Lando teve de voltar a *Falcon* trezentos e sessenta graus enquanto subia, descia e acelerava. Felizmente, os asas em X

e os asas em Y não eram tão volumosos. Mesmo assim, mais dois ficaram pelo caminho. Os pequenos TIE aproveitaram a sua vantagem momentânea e aproximaram-se.

De repente, as *telas* foram cobertos por uma imagem estática que os tornou a todos inoperantes.

— A minha *tela* está vazia! — gritou Wedge.

— Reduzir a velocidade — aconselhou Lando. — Alguma onda energética está a causar interferências.

— Mudem o controle para manual. Utilizem o campo de visão natural!

— Não nos serve de nada, a esta velocidade! Temos quase de voar às cegas.

Dois asas em X, cegos, chocaram contra a parede do agora bem estreito poço. Um terceiro foi destruído pelos caças imperiais.

— Líder Verde! — chamou Lando.

— Escuto, Líder Dourado!

— Abandone a formação e dirija-se para a superfície. O centro de operações está a pedir um caça. Além disso, pode desviar de nós alguns caças!

O Líder Verde e o seu bando abandonaram o poço na direção do cruzador. Um caça TIE seguiu-os, disparando continuamente.

A voz de Ackbar fez-se ouvir através do intercomunicador.

— A Estrela da Morte está a abandonar a posição de luta, virando as costas à frota. Creio que estão a preparar-se para destruir a lua de Endor.

— Quanto tempo demorará a ficar em posição de ataque? —

perguntou Lando.

— Ponto três-zero.

— Mas isso é muito pouco! Estamos a ficar sem tempo! Wedge interferiu na comunicação.

— Bem, também estamos a ficar sem túnel, assim como assim...

Nesse instante a *Falcon* raspou numa abertura, ainda mais pequena que a anterior, por onde teve de passar; desta vez, porém, não sem consequências, pois o acidente fez parar os motores auxiliares.

— Foi por pouco... — murmurou Calrissian.

Ackbar olhou, espantado, pela janela de observação. Estava a observar a ponte de comando da Superdestruidora Estelar, que se encontrava a poucas milhas de distância. Pequenos fogos haviam rompido por toda a popa e a estibordo as coisas não estavam melhor.

— Demos cabo dos seus escudos frontais! — anunciou Ackbar pelo intercomunicador. — Há fogo na ponte de comando!

O grupo do Líder Verde fez a sua aparição, vindo de baixo, da Estrela da Morte.

— Ao seu dispor, Centro de Comando! — disse o Líder Verde.

— Vou disparar torpedos de protões — avisou o Asa Verde.

A ponte foi atingida, com resultados caleidoscópios. Processou-se uma rápida reação em cadeia, de estação energética para estação energética, ao

longo da parte traseira da Destruidora Estelar, produzindo um arco-íris

fascinante de explosões que deformaram a nave e a fizeram rodopiar sobre si mesma, lançando-se como um molinete sobre a Estrela da Morte.

A primeira explosão na ponte de comando levou consigo o Líder Verde. As subsequentes voltas da nave levaram consigo mais dez caças, dois cruzadores e uma nave de apoio.

Quando, por fim, o conglomerado exotérmico atingiu a Estrela da Morte o impacto, apesar de momentâneo, foi suficiente para abalar a estrela-de-batalha, provocando no seu interior numerosas explosões internas, atingindo reatores, munições e muitas das divisões.

Pela primeira vez, a Estrela da Morte estremeceu. A colisão com a Destruidora Estelar que explodia foi apenas, a princípio, ocasionando as mais diversas avarias no sistema interno: sistemas de controle avariados, pânico do pessoal responsável, abandono de postos de segurança, mais falhas no sistema e consequente caos generalizado.

Havia fumo por todo o lado, ouviam-se estrondos vindos dos mais diversos lugares. Corriam pessoas por todo o lado, gritando. Incêndios produzidos por cabos eléctricos, explosões de vapor, despressurizações de cabinas, disrupção de comandos, tudo era parte integrante do caos em que a Estrela da Morte estava envolta. A juntar a isto, os bombardeamentos rebeldes prosseguiram, aumentando o pânico e em nada melhorando a histeria que já prevalecia no ar como principal sentimento.

Tudo isto porque o imperador morrera. A força malévola que fora a mola principal do Império, e o mantivera coeso, desaparecera. E quando o lado negro da Força não era conduzido por uma mão de ferro era isto que acontecia: confusão, desespero, insegurança, caos.

No meio de tudo isto, Luke conseguira chegar, sem saber muito bem como, à pista de aterragem principal, arrastando consigo o peso morto que era o seu enfraquecido pai, e procurava agora alcançar um nave imperial. A meio caminho, porém, não resistiu e cedeu ao cansaço que o invadia, tombando com a sua preciosa carga.

Levantou-se, passado um bocado, bem devagar. Como um autômato, ergueu o corpo de seu pai e firmou-o sobre o ombro, dirigindo-se aos tropeções para um dos vaivéns que restavam.

Voltou a pousar o pai, tentando conseguir as forças necessárias para o resto do caminho, enquanto as explosões pareceram aumentar de intensidade à sua volta. As vigas soltavam fagulhas; uma das paredes pareceu deformar-se e de uma fenda nela existente começou a sair fumo.

O chão abanou violentamente. Vader puxou Luke para perto de si.

— Luke, ajuda-me a tirar a máscara.

Luke abanou a cabeça.

— Morrerás se eu o fizer...

A voz do Lorde Negro soava de forma estranha.

— Agora já nada o pode impedir. Mesmo que seja só por uma vez, deixa-me olhar-te sem ela. Deixa-me ver-te com os meus próprios olhos...

Luke tinha medo. Medo de ver o pai como ele era realmente. Medo de ver a pessoa que se havia tornado tão má; a mesma pessoa que lhe dera o ser, a ele próprio e a sua irmã Leia. Tinha medo de conhecer o Anakin Skywalker que vivia no interior de Darth Vader.

Também Vader tinha medo de que o seu filho o visse sem a máscara de guerra que durante tanto tempo os separara. A máscara de guerra que lhe proporcionara uma existência normal durante mais de vinte anos... Tinha sido a sua voz, a sua respiração e a sua invisibilidade — o seu escudo contra qualquer contato humano. Removê-la-ia agora, pois desejava ver o filho antes de morrer.

Juntos removeram a pesada máscara da cabeça de Vader. Dentro dela, um complicado sistema de tubos respiratórios teve de ser desenrolado, um modulador de voz e uma pequena *tela* desativadas e separados do pequeno

gerador que os alimentava. Por fim, quando o processo estava completo, Luke pôde finalmente observar o rosto do pai.

Era o rosto triste e benigno de um homem velho. Calvo e sem barba, com uma cicatriz profunda de um lado ao outro do crânio, possuía dois olhos escuros quase imóveis e a pele apresentava um tom branco deslavado, pois não via o sol havia muitos anos. O velho sorriu brevemente, lágrimas rolando-lhe pela cara abaixo. Durante um momento assemelhou-se a Ben.

Era um rosto cheio de significados, que Luke para sempre recordaria.

Nele estava claramente expresso o arrependimento e a vergonha. Nele via Luke as memórias a passarem em ritmo rápido. Memórias de outros tempos... tempos melhores. De horrores... e também de amor.

Era um rosto que não havia sido mostrado ao mundo durante uma vida inteira. A vida de Luke. Este reparou nas narinas dilatadas que Vader forçava de novo a trabalhar, após um longo descanso. Viu o seu pai inclinar a cabeça, tentando ouvir, sem o respectivo aparelho, os sons exteriores.

Luke sentiu uma vaga de arrependimento, ao aperceber-se de que os sons que o seu pai estava reduzido a ouvir eram os de explosões; os únicos cheiros, os de fios eléctricos queimados. Apesar disso havia o tato. Esse mantinha-se igual, palpável e significativo, como sempre fora.

Luke viu os olhos de seu pai pousados nele. As lágrimas queimavam-lhe as faces, ao percorrerm-nas, indo depois cair sobre o rosto de seu pai.

Vader sorriu ao saboreá-las.

O seu rosto não havia sido observado durante vinte anos. Nem pelo próprio dono. Ao ver o filho chorar, Vader pensou que devia ser pelo horror que o seu próprio rosto provocava em quem o observasse.

Isso, por momentos, intensificou a angústia de Vader; aos seus crimes juntou um sentimento de culpa pela repugnância que causava ao filho. No entanto não fora sempre assim. Lembrou-se de como havia sido em

tempos: um homem forte, galhardo, persistente, convencido da sua invencibilidade e de que podia conquistar o mundo com um simples piscar de olhos. Sim, era assim que ele fora em tempos.

Esta recordação trouxe-lhe à memória uma onda de outras recordações. Recordações de fraternidade, do seu lar. Da sua amada esposa, liberdade que se vivia no espaço. Obi-wan...

Obi-wan, o seu amigo... e como essa amizade se havia metamorfoseado.

Não sabia bem como; talvez pela injeção de uma qualquer virulência que apodrecera nele e dele se alimentara até que... Não, isso eram recordações que não lhe interessavam. Precisava de as afastar. Eram recordações de uma lava derretida a escorregar-lhe pelas costas abaixo... Não, tinha de as afastar da sua mente.

O rapaz tinha-o afastado do abismo, e não apenas no sentido literal. O rapaz era bom.

O rapaz era bom e tinha sido gerado por *ele*; conseqüentemente, o bem também existia nele!

De novo sorriu para o filho; consciente, pela primeira vez, de que o amava. Consciente também, pela primeira vez em muitos anos, de que se amava a si próprio, tal como era.

De repente aspirou um odor, franziu as narinas e voltou a aspirar.

Flores selvagens, era isso mesmo. Estavam a desabrochar: devia ser Primavera.

E havia trovoadas. Levantou a cabeça e apurou o ouvido. Sim, era uma trovada primaveril. Trazia consigo um aguaceiro típico da época. Era bom, pois faria que as flores florescessem mais depressa.

Sim, ele sentiu uma gota de chuva. Caiu-lhe nos lábios. Lambeu a delicada gota e... não, não era doce, era salgada. Não era uma gota de água, mas uma lágrima.



Voltou a fixar os olhos em Luke e viu que o seu filho chorava. Sim, era isso, ele estava a saborear os resultados da dor que seu filho sentia. E tudo por causa da sua aparência; porque ele era *tão* horroroso, porque ele parecia *tão* horroroso.

Desejava, no entanto, fazer ver a Luke que não era bem assim. Queria que Luke soubesse que o seu coração não era feio. Com um sorriso humilde, e consciente da sua aparência, tentou explicar ao filho a pavorosa visão que se lhe apresentava.

— Seres luminosos somos nós, não esta matéria grosseira... Luke

abanou a cabeça em resposta, procurando encontrar as palavras certas para o tranquilizar. Para lhe dizer que nada disso importava agora, que não o devia ter vergonha; enfim, para lhe dizer tudo o que sentia. Não conseguiu, no entanto, exprimir-se verbalmente.

Vader voltou a falar. Desta vez, mais fraco, de forma quase inaudível.

— Vai-te embora, meu filho. Deixa-me! Luke reencontrou então de novo a voz.

— Não! Tu vens comigo. Não te deixarei aqui! Tenho de te salvar!

— Já o fizeste, Luke — murmurou. Desejou, por instantes, ter conhecido Yoda, para poder agradecer ao mestre jedi o treino que havia dado a Luke. Mas talvez em breve estivesse com Yoda, reunido com ele na etérea união da Força. Assim como com Obi-wan.

— Pai, não te posso abandonar! — protestou Luke. As explosões sucediam-se agora a um ritmo mais rápido. Perto deles, uma parede inteira desfez-se, abrindo uma fenda no tecto. Um jato de gás azul foi expelido por um cano, espécie de agulheta, que se encontrava bem perto. Mesmo por baixo, o chão começou a derreter-se.

Vader puxou Luke para perto de si e falou-lhe baixinho junto ao ouvido:

— Luke, tu tinhas razão... tinhas razão acerca de mim... Diz isso à tua irmã... tu tinhas razão... — Dizendo isto, fechou os olhos para sempre.

Foi assim que Darth Vader, Anakin Skywalker, morreu.

Uma explosão tremenda fez-se sentir, ateando fogo no interior da pista de aterragem. Como um autômato, após ter sido atirado ao chão pela onda de choque, Luke ergueu-se e caminhou para um dos vaivéns que restavam.

A *Milennium Falcon* prosseguia na sua louca corrida através do labirinto de canais de energia, aproximando-se cada vez mais do centro da gigantesca esfera e consequentemente do reator principal. Os cruzadores rebeldes continuavam a bombardear, sem parar, a parte exposta e

inacabada da Estrela da Morte, causando em cada descarga, além de fortes abalos, cada vez mais acontecimentos catastróficos e mais pânico.

O comandante Jerjerrod meditava, sentado na sala de controle das Estrela da Morte, enquanto à sua volta tudo se desmoronava. Metade da sua tripulação morrera ou estava ferida ou fugira. Para onde haviam fugido não sabia, nem tão-pouco fazia muito sentido. O resto, os que permaneciam a seu lado, reagiam das mais diversas formas: uns disparavam a torto e a direito, outros gritavam ordens que ninguém cumpria; outros ainda fixavam a sua atenção numa única tarefa, como se apenas essa os pudesse salvar; por fim havia os que seguiam o exemplo de Jerjerrod, limitando-se a meditar.

Jerjerrod não conseguia compreender em que é que se enganara.

Tinha sido paciente, leal, drástico... Era o comandante da maior estrela-de-batalha jamais construída. Ou, pelo menos, quase construída. Odiava agora a Aliança Rebelde, de forma infantil e não temperada. Em tempos adorara-a; representava para ele a criança com quem se brinca à vontade, o animalzinho enraivecido que se podia torturar. No entanto a criança crescera; aprendera a ripostar de forma lógica. Quebrara as amarras que a seguravam.

Jerjerrod agora odiava a Aliança.

Já não parecia, porém, haver muito a fazer, excepto talvez destruir Endor; isso ele podia fazer. Era um pequeno gesto, uma lembrança apenas.

Incinerar algo verde e repleto de vida, gratuitamente, por raiva, não servindo nenhum fim específico a não ser a sua própria necessidade de destruição. Sim, um pequeno gesto, mas tão delicioso e recompensador! Um ajudante aproximou-se dele.

— A frota rebelde está a cercar-nos, comandante!

— Concentrem todos os esforços para disparar naquele sector -

respondeu distraidamente. A consola da parede à sua frente rebentou em chamas.

— Os caças que se encontram na superestrutura estão a conseguir iludir o nosso sistema de segurança, comandante. Talvez pudéssemos...

— Afundem os setores 304 e 138. Isso deve fazê-los andar mais devagar!

— Franziu o cenho, enquanto olhava para o ajudante-de-campo.

Na realidade, a ordem de Jerjerrod não havia feito muito sentido; levou-o mesmo a perguntar-se sobre qual seria o estado de espírito do comandante.

— Mas, comandante...

— Qual é o fator de rotação que nos falta para estarmos ao alcance da lua Endor?

O ajudante verificou a *tela* do computador.

— Dois ponto zero para chegarmos ao alvo, senhor. Comandante, a frota...

— Acelerem a rotação até a lua estar ao nosso alcance e disparem depois, quando eu ordenar!

— Sim, senhor. — O ajudante premiu uma sequência de botões. —

Rotação acelerada, comandante. Um ponto zero para chegarmos ao alvo, senhor. O disparo deve ser efectuado dentro de sessenta segundo.

Comandante... adeus, comandante! — O ajudante fez a continência, depôs o comando à distância na mão de Jerjerrod e precipitou-se para fora da sala de controle.

Jerjerrod sorriu, calmamente, enquanto observava o *tela*. Endor principiava a abandonar o eclipse da Estrela da Morte e a tornar-se visível.

Acariciou o detonador que tinha na mão. Ponto zero zero cinco para chegar ao alvo. Ouviram-se gritos vindos da sala contígua.

Trinta segundos para o disparo fatal.

Lando estava cada vez mais perto do reator principal. Além dele apenas Wedge, à sua frente, e Asa Dourada, por trás de si, sobreviviam

ainda. Continuavam a ser perseguidos por caças rápidos TIE.

As curvas apertadas que mal tinham espaço para duas pequenas naves sucediam-se a cada cinco ou dez segundos, devido à velocidade a que voavam. Um caça imperial chocou com uma parede e explodiu; logo de seguida, um outro abateu Asa Doura.

Restavam agora apenas duas naves.

As armas da traseira da *Falcon* mantiveram os restantes caças TIE à distância até que o poço em que o gerador central se encontrava apareceu à sua frente. Nunca tinham visto um reator tão pavoroso.

— É demasiado grande, Líder Dourado! — gritou Wedge. — Os meus torpedos de protões não vão nem sequer amolgá-lo!

— Faz pontaria ao regulador de energia a norte, na torre! —

aconselhou-o Lando. — Eu encarrego-me do reator principal.

Transportamos mísseis de concussão e esses devem ser eficazes. Assim que os deixar cair, não vamos ter muito tempo para sairmos daqui...

— Eu já estou de saída! — exclamou Wedge. Disparou os seus torpedos, acrescentando-lhes um grito de guerra coreliano. Acertou em cheio em ambos os lados da torre norte. Logo após deu meia volta e acelerou.

A *Falcon* aguardou três perigosos segundos e largou depois os seus mísseis de concussão, com um estrondo fenomenal. Durante um segundo, o brilho da explosão foi demasiado para e poder ver o que quer que fosse.

Mas, logo após, o reator principal começou a dar de si, a desintegrar-se.

— Mesmo em cheio! — gritou Lando. — Agora vem o mais difícil!

O poço já ameaçava desmoronar-se em cima dele, como se de um túnel se tratasse. A *Falcon* manobrou com extremo cuidado através de paredes de chamas e caminhos pouco seguros, sempre décimos de segundo à frente das explosões em cadeia.

Wedge abandonou a superestrutura quase à velocidade da luz; circundou Endor e lançou-se, acelerando, no espaço exterior, executando

depois um arco e regressando à segurança da lua.

Um momento depois, num pouco estável nave imperial, Luke escapava da pista de aterragem principal, uns segundos antes de esta começar a explodir. Também a sua pouco segura nave se dirigiu para a lua-santuário, bem visível à distância.

Por fim, e como fruto da própria deflagração, rompeu através das chamas a *Milennium Falcon*, dirigindo-se para Endor, apenas momentos antes de a Estrela da Morte explodir, brilhando uma última vez antes de cair no esquecimento, qual supernova fulminante.

Han estava a enfaixar o braço de Leia, num pequeno vale coberto de fetos, quando a Estrela da Morte explodiu. O turbulento e brilhante final destrutivo, incandescente no céu estrelado, chamou a atenção de todos,

onde quer que estivessem: *ewoks*, tropas imperiais prisioneiras e tropas rebeldes. Os rebeldes regozijaram-se.

Leia tocou a face de Han. Este baixou-se e beijou-a, depois recostou-se para trás, observando-a de olhos fixos no céu.

— Eh! — gracejou — , aposto que Luke conseguiu sair dali antes de aquilo ter rebentado!

Ela assentiu.

— Saiu. Posso senti-lo! — A presença viva do seu irmão alcançava-a através da Força. Ela procurou alcançá-lo para lhe assegurar que estava bem. Que tudo estava bem.

Han olhou-a com muito amor, um amor especial. Um amor especial por uma mulher especial. Uma princesa, não apenas pelo título, mas pelo coração. A sua fortaleza espantavam, pois escondia-se em tão frágil aparência. Em tempos, tudo o que ele desejava era para ele, tudo o que fazia era por si próprio. Agora tudo o que desejava era para ela. Apenas para ela.

E, se havia algo que ela desejava profundamente, esse algo era Luke.

— Gostas muito dele, não gostas? — inquiriu.

Ela fez que sim com a cabeça, ao mesmo tempo que observava o céu.

Ele estava vivo. Luke sobrevivera. E o outro, o Lorde Negro, não. Esse perecera.

— Bem — prosseguiu Han — , eu compreendo. Quando ele regressar, eu não me interporei entre vós...

Leia piscou os olhos, como se despertasse nesse momento, apercebendo-se com assombro do que se estava a passar; apercebendo-se de que estavam a falar de coisas totalmente diferentes.

— De que é que estás a falar? — perguntou. Não esperou no entanto pela resposta, pois compreendeu o que ele estava a pensar. — Não, não é nada disso! — Riu-se. — Não é o que estás a pensar. Luke é meu *irmão*!

Han ficou, à vez, espantado, embaraçado e por fim exultante. Isso tornava tudo certo. *Tudo certo!*

Tomou-a nos braços e abraçou-a com cuidado para não lhe magoar o braço ferido. Estendeu-a sobre os fetos e deitou-se a seu lado, enquanto o último clarão resultante da explosão da Estrela da Morte se desvanecia.

Luke estava numa pequena clareira, em frente a uma pilha de troncos e ramos de árvore. Deitado, imóvel e composto, sobre a pilha, estava o corpo sem vida de Darth Vader. Luke acendeu, com uma tocha, a pilha funerária.

Enquanto as chamas envolviam o cadáver, elevou-se fumo pelas ranhuras da máscara, como se um espírito negro se estivesse a libertar, finalmente, pela acção do fogo. Luke observou a conflagração com sentido pesar. Silenciosamente, despediu-se pela última vez. Apenas ele havia acreditado na pequena porção de humanidade que existia em seu pai. A sua redenção elevava-se agora na escuridão, juntamente com as chamas.

Luke seguiu com a vista os pedaços de madeira incandescente na sua viagem pelos ares. Misturavam-se, aos seus olhos, com o fogo-de-artifício que os rebeldes soltavam na sua celebração da vitória. Estes, por sua vez,

misturavam-se com os tições das fogueiras acesas na aldeia *ewok*; fogueiras que representavam exultação, conforto e triunfo. Conseguia ouvir o barulho dos tambores da música tocada à luz da fogueira e dos hurras soltados pelos bravos guerreiros. A glória de Luke era bem efêmera ao observar as chamas que lhe apresentavam ao mesmo tempo a sua vitória e a sua derrota.

Uma enorme fogueira ardia no centro da aldeia *ewok*, fazia parte da celebração dessa noite. Rebeldes e *ewoks* rejubilavam na amena noite, junto à lareira. Cantavam, dançavam e riam na linguagem comunitária da liberdade. Até mesmo Teebo e R2 se haviam reconciliado e encenavam

agora uns passos de dança, enquanto alguns espectadores batiam as palmas ao som da música. C-3PO, cujo reinado na aldeia terminara, satisfazia-se a contemplar o pequeno dróide que era o seu melhor amigo em todo o universo. Agradeceu ao Criador e ao capitão Solo terem sido capazes de consertar R2; isto para não falar na senhora Leia. Para um homem sem qualquer tipo de protocolo, Solo saía-se, por vezes, muito bem.

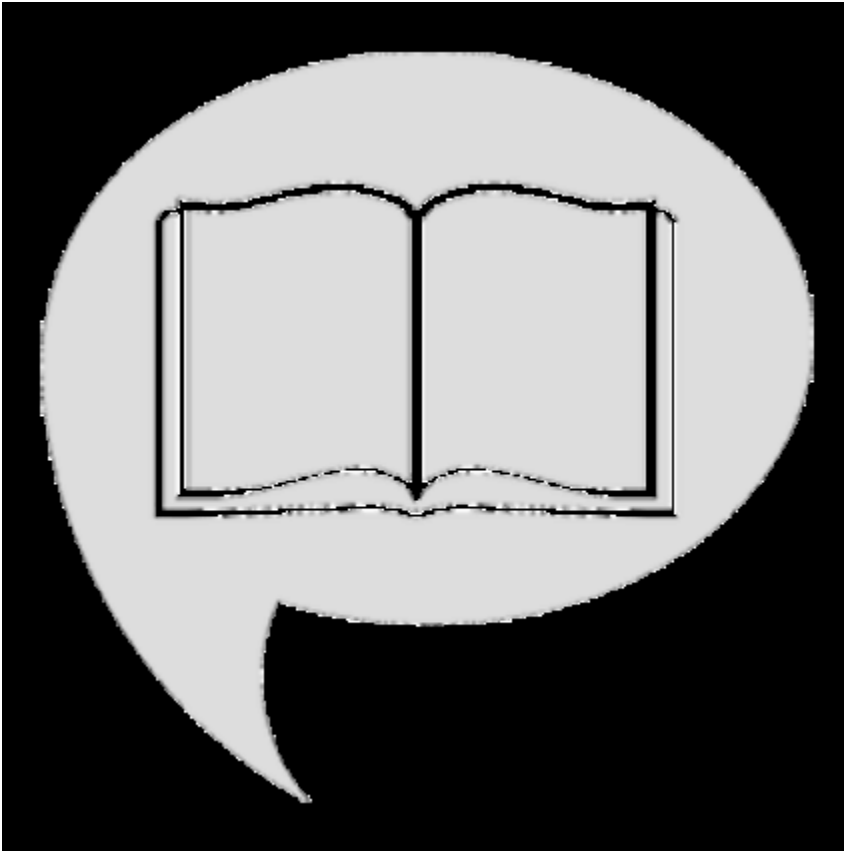
C-3PO aproveitou a oportunidade para agradecer ao Criador o fim da sangrenta guerra.

Os prisioneiros haviam sido enviados, em vaivéns, para o que restava da frota imperial. Os cruzadores estelares rebeldes estavam a encarregar-se disso, algures lá em cima. A Estrela da Morte havia-se autodestruído por completo.

Han, Leia e Chewbacca mantinham-se um pouco afastados dos outros folgazões. Estavam perto uns dos outros e em silêncio, olhando de tempos a tempos para o caminho que conduzia à aldeia. Hesitavam entre esperar e não esperar, sabendo de antemão que tinham de o fazer.

Por fim a sua paciência foi recompensada. Luke e Lando, exaustos mas felizes, fizeram a sua aparição, vindos da escuridão para a luz. Os seus amigos apressaram-se a cumprimentá-los. Todos se abraçaram, beijaram, saltaram e caíram, acabando, por fim, por se segurarem as mãos, sem palavras, confortados apenas pelos toques e pela presença dos seus amigos.





Em breve os dois dróides haviam-se-lhes reunido, felizes por estarem ao lado dos seus mais queridos camaradas.

Os peludos *ewok* continuaram a festejar selvaticamente, durante toda a noite, enquanto a pequena companhia de galantes guerreiros os observava, um pouco afastados.

Durante um momento, Luke pensou vislumbrar alguns rostos nas chamas que lhe dançavam em frente dos olhos: o de Yoda, o de Ben e... seria o do seu pai? Afastou-se dos companheiros e procurou saber o que lhe tentavam dizer os rostos. Eram efêmeros e falavam apenas para as chamas crepitantes, desaparecendo logo de seguida.

Luke, perante tal espectáculo, pareceu entristecer, mas Leia tomou-lhe a mão e arrastou-o para junto dos outros, de volta ao círculo de amizade, camaradagem e amor.

O Império morrera.

Longa vida à Aliança Rebelde!

FIM

# Document Outline

- [Prólogo](#)
- [I](#)
- [II](#)
- [III](#)
- [IV](#)
- [V](#)
- [VI](#)
- [VII](#)
- [VIII](#)
- [IX](#)
- [X](#)
- [XI](#)
- [XII](#)
- [XIII](#)
- [I](#)
- [II](#)
- [III](#)
- [IV](#)
- [V](#)
- [VI](#)
- [VII](#)
- [VIII](#)
- [IX](#)
- [X](#)
- [XI](#)
- [XII](#)
- [XIII](#)
- [XIV](#)
- [Prólogo](#)
- [I](#)
- [II](#)
- [III](#)
- [IV](#)

- [V](#)
- [VI](#)
- [VII](#)
- [VIII](#)
- [IX](#)